



NATSUO
KIRINO

DOU
道
T
RO
道
L
ADO



NATSUO KIRINO

Tradução de
Roberto Wander Nóbrega

Tradução do japonês para o inglês
Stephen Snyder

ROCCO

D
O
O
U
T
R
O
L
A
D
O

“A melhor maneira de chegar ao desespero
é recusar-se a qualquer experiência...”

FLANNERY O’CONNOR

SOBRE A MOEDA

Calculadas à base de 125 ienes para um dólar,
as quantias monetárias apresentadas neste livro
seguem as seguintes conversões:

¥ 1.000 = US\$ 8

¥ 5.000 = US\$ 40

¥ 10.000 = US\$ 80

¥ 50.000 = US\$ 400

¥ 100.000 = US\$ 800

¥ 1.000.000 = US\$ 8.000

TURNO DA NOITE

1

Chegou ao estacionamento mais cedo que de costume. A densa e sufocante escuridão do mês de julho engoliu-a ao descer do carro. Talvez fosse o calor e a umidade, mas a noite parecia particularmente negra e pesada. Sentindo a respiração entrecortada, Masako Katori ergueu o olhar para o céu noturno sem estrelas. Sua pele, antes gelada e ressecada pelo ar-condicionado, começou a ficar grudenta. Misturado à fumaça que vinha da rodovia Shin-Oume, podia sentir um leve cheiro de comida frita em grandes quantidades de óleo, era a fábrica de refeições prontas para onde estava indo trabalhar.

— Quero voltar para casa. — Assim que o cheiro a atingiu, as palavras vieram-lhe à mente. Não sabia exatamente para onde queria voltar, mas com certeza não seria a casa que tinha acabado de deixar. Mas por que não queria voltar para lá? E para onde queria ir? Sentiu-se perdida.

De meia-noite às cinco e meia, sem intervalo, tinha de ficar de pé ao lado da esteira transportadora, embalando refeições. O salário era bom para um trabalho de meio expediente, mas o serviço era desgastante. Mais de uma vez, quando não se sentia bem, ficava parada ali no estacionamento, atemorizada pela ideia do exigente turno de trabalho que se seguiria. Uma sensação de falta de propósito, dessa vez era diferente. Como sempre fazia quando esse momento chegava, acendeu um cigarro, mas, nessa noite, percebeu pela primeira vez que fumava para encobrir o cheiro da comida.

A fábrica de refeições prontas ficava bem no meio do distrito de Musashi-Murayama, de frente para uma estrada que acompanhava o muro cinzento de uma grande indústria automotiva. De resto, a área era uma sequência de campos empoeirados e um monte de pequenas oficinas. Naquela planície, o céu alongava-se em todas as direções. O estacionamento ficava a três minutos de caminhada da fábrica de Masako, atrás de outra fábrica agora abandonada. Não era nada além de um terreno vazio que fora rudemente nivelado. As vagas do estacionamento já não tinham as marcas no chão, a poeira há muito as tornara praticamente

invisíveis. Os carros dos funcionários ficavam estacionados em uma bagunça de ângulos aleatórios pelo estacionamento. Era um lugar em que seria difícil enxergar alguém escondendo-se no meio do mato ou atrás de algum dos carros. Chegava a passar, de alguma forma, uma sensação lúgubre, e Masako observou ao redor com nervosismo enquanto trancava o carro.

Escutou som de pneus. Por um momento o capim abandonado e alto às margens do estacionamento brilhou sob a luz de faróis amarelos. Um Golf cupê conversível verde com a capota abaixada entrou no estacionamento e sua rechonchuda colega de trabalho, Kuniko Jonouchi, acenou com a cabeça, do banco do motorista.

— Perdão pelo atraso — desculpou-se, estacionando na vaga ao lado do desbotado Corolla vermelho de Masako. Seu modo de dirigir parecia descuidado e ela fez mais barulho que o necessário para acionar o freio de mão e fechar o carro. Tudo na vida daquela mulher era estridente e espalhafatoso. Masako apagou o cigarro com a ponta do tênis.

— Belo carro — elogiou. O carro de Kuniko fora tema de algumas conversas na fábrica.

— Acha mesmo? — Kuniko indagou, chegando a colocar a língua para fora de tanto prazer causado pelo elogio. — O problema é que me afundou em dívidas. — Masako soltou uma risada discreta. A impressão que se tinha era de que o carro não era o único responsável pelas dívidas de Kuniko. Ela ostentava apenas acessórios de marcas famosas e suas roupas eram evidentemente caras.

— Vamos — disse Masako. Pouco tempo após o início do ano, começara a escutar um rumor sobre um sujeito estranho que andava rondando o caminho entre o estacionamento e a fábrica. Algumas funcionárias de meio expediente denunciaram que haviam sido levadas para um local escuro e atacadas, e que conseguiram escapar por pouco; em resposta, a empresa apenas emitiu uma circular com um alerta, aconselhando as mulheres a não caminharem sozinhas. As duas partiram em meio à escuridão do verão pela rua mal iluminada e sem pavimentação. À direita, uma sequência irregular de edifícios e casas de fazenda com jardins enormes. Não eram particularmente vistosas, mas ao menos eram um sinal de vida na área. À esquerda, por detrás de um valão, uma fileira solitária de prédios abandonados: uma fábrica antiga de refeições e um boliche fechado. As vítimas afirmaram que o agressor as

espreitara por entre os prédios, e, por isso, Masako mantinha o olhar atento enquanto caminhava com pressa ao lado de Kuniko.

De um dos edifícios à direita, ouvia-se um homem e uma mulher discutindo em português; era quase certo que trabalhassem na fábrica. Além das donas de casa que trabalhavam meio expediente, a empresa contratava uma grande quantidade de brasileiros, com ou sem ascendência japonesa — muitos eram casados.

— Está todo mundo dizendo que o tarado é provavelmente brasileiro — Kuniko revelou, franzindo o rosto em meio a toda aquela escuridão. Masako continuou caminhando sem responder. Não fazia tanta diferença a procedência do sujeito, imaginava, não havia cura para o quanto era deprimente trabalhar naquela fábrica. As mulheres teriam simplesmente que se proteger o máximo possível. — Dizem que é um sujeito grande e forte, que agarra as mulheres sem dizer sequer uma palavra. — Alguma coisa no tom de voz de Kuniko revelou certo desejo. Masako percebia em Kuniko um bloqueio, uma retenção, como uma nuvem densa obscurecendo as estrelas à noite. Por detrás das duas surgiu um som de freios de bicicleta. Quando viraram-se, nervosas, para olhar, viram uma senhora montada em sua bicicleta.

— Ah, são vocês duas — disse ela. — Oi. — Era Yoshie Azuma, uma viúva de quase sessenta cujos dedos ágeis faziam dela a funcionária mais rápida da linha de produção. As outras funcionárias apelidaram-na de “Capitã”, fruto de um respeito carregado de rancor.

— Ah, é a Capitã. Bom-dia — disse Masako, com a voz típica de quem estava aliviada. Kuniko não disse nada, mas deu um passo para trás.

— Não comecem vocês a me chamar assim também... — Yoshie protestou, mas ainda parecia secretamente satisfeita com o apelido. Descendo da bicicleta, juntou-se às outras duas. Era uma mulher pequena, mas solidamente constituída num corpo atarracado, que parecia ser o tipo ideal para trabalhos físicos. Em contraste, seu rosto apresentava traços delicados e uma aparência alva, que naquele momento flutuava quase sedutoramente em meio à escuridão. Talvez essa contradição fazia com que parecesse de alguma forma infeliz e desafortunada. — Pelo jeito, estão caminhando juntas por causa de todo esse estardalhaço que eles criaram a respeito do tarado... — adivinhou.

— Exato — disse Masako. — Kuniko ainda é jovem o bastante para servir de alvo. — Kuniko soltou risadinhas graciosas. Tinha vinte e nove

anos. Yoshie desviou de uma poça que luzia bem fraca sob a luz sombria e virou-se para olhar para Masako.

— Você mesma ainda figura entre as candidatas — disse ela. — Qual é a sua idade, quarenta e três?

— Não seja tola — Masako censurou-a, abafando uma risada. O elogio a fizera sentir-se constrangida como quase já não ocorria mais.

— Então, você secou por completo, é isso? Ficou fria e seca? — O tom de voz de Yoshie era de provocação, mas Masako sentiu a crítica como um prego sendo-lhe cravado à cabeça. Sentia-se mesmo fria e seca, quase um réptil, enquanto serpenteava pela rua.

— Não está chegando hoje um pouco depois do seu horário normal? — perguntou, procurando mudar de assunto.

— Ah, vovó tem andado um pouco difícil. — Yoshie franziu a testa e silenciou-se. Cuidava da sogra acamada em casa. Masako agora olhava fixamente para frente, resolveu evitar mais perguntas. Conforme se afastavam dos edifícios abandonados à esquerda, viram vários dos caminhões brancos que entregavam as refeições embaladas nas lojas de conveniência por toda a cidade. Por trás deles, a fábrica estava visível, brilhando fraco sob as luzes fluorescentes, como uma cidade sem noite.

Esperaram enquanto Yoshie foi ao bicicletário próximo à fábrica e depois subiram pela escadaria verde coberta com grama artificial que acompanhava a lateral do prédio. A entrada ficava no andar de cima. O escritório, à direita e, descendo o corredor, havia a área de descanso dos funcionários e o vestiário. A fábrica situava-se no térreo, e elas desciam logo que se trocavam. Os sapatos precisavam ser retirados sobre o carpete sintético vermelho que ficava à entrada da instalação. A luz fluorescente fazia com que o vermelho do carpete parecesse desbotado, o que deixava a entrada com uma aparência um tanto sombria. As faces das mulheres ao seu redor também pareciam escurecidas, e conforme olhava para suas cansadas companheiras, Masako se perguntava se também tinha aquela aparência tão ruim. Komada, a taciturna fiscal de higiene da empresa, estava de prontidão à frente dos cubículos onde cada uma das funcionárias guardava seus sapatos, e conforme passavam, corria-lhes às costas um rolo adesivo para remover qualquer pó ou sujeira que pudessem estar carregando.

Elas adentraram o cômodo amplo e repleto de tatames estirados pelo chão, que servia como local de descanso para os empregados. Pequenos

grupos conversavam depois de cada funcionário ter vestido seu uniforme branco, e bebiam chá ou mastigavam seus lanches ruidosamente enquanto esperavam pelo começo do expediente. Outros encontraram cantos para se deitar e tirar um cochilo rápido. Dentre os quase cem funcionários do turno da noite, cerca de um terço era de brasileiros e desses, quase metade eram homens. Estávamos bem no meio das férias de verão, por isso a quantidade de estudantes trabalhando havia aumentado relativamente, mas ainda assim a grande maioria era de empregados de meio expediente. Donas de casa com seus quarenta, cinquenta anos.

As três trocaram discretas saudações com amigas enquanto caminhavam na direção da saleta que usavam para trocar de roupa, quando perceberam Yayoi Yamamoto sentada sozinha no canto. Yayoi olhou de relance para elas à medida que se aproximavam, mas não abriu seu sorriso, permaneceu curvada sobre o tatame.

— Bom-dia — Masako cumprimentou-a, e enfim ela abriu um sorriso tímido por um momento. — Parece exausta. — Yayoi confirmou com um gesto débil de cabeça e lhes ofereceu um olhar desanimado, mas ainda assim não respondeu. Era a mais bonita das quatro. Para falar a verdade era a mulher mais atraente entre todas do turno da noite. Seu rosto era quase perfeito. Tinha uma testa generosa, a área entre olhos e sobrancelhas bem distribuída, nariz arrebitado e lábios carnudos. Seu corpo também, embora pequeno, era perfeito. A beleza lhe era tão proeminente na fábrica que algumas mulheres até passaram a intimidá-la. No entanto, outras tratavam-na com simpatia. Masako adotara o papel de protetora de Yayoi, talvez por serem tão diferentes. Enquanto a própria Masako procurava ao máximo viver a vida seguindo os princípios da razão e do bom senso, Yayoi parecia carregar consigo uma enorme carga de sofrimento. Quase inconscientemente, se agarrava às mágoas do passado, desempenhando o papel de uma mulher bonita à mercê de sentimentos confusos e inconstantes.

— O que é que há? — Yoshie perguntou, cutucando seu ombro com a mão vermelha e áspera. — Não está com uma cara legal. — Yayoi sobressaltou-se com certa zanga e Yoshie virou-se na direção de Masako, que fez um sinal para que ela e Kuniko seguissem sem ela. Enfim, Masako sentou-se à frente de Yayoi.

— Está passando mal? — perguntou.

— Não, não é nada.

— Brigou de novo com o marido?

— Ficaria satisfeita se ele ainda estivesse disposto a brigar comigo — ela disse com as feições abatidas e os olhos turvos a fitar alguma coisa atrás de Masako. Dando-se conta de que logo teriam que assumir suas posições na linha de produção, Masako começou a preparar o coque.

— O que houve? — indagou.

— Mais tarde eu conto — disse Yayoi.

— Por que não quer contar agora? — Masako instigou-a, olhando para o relógio da parede.

— Não, mais tarde. É uma história comprida. — Uma certa raiva surgiu por um momento no rosto de Yayoi e depois desapareceu. Desistindo, Masako levantou-se para ir trabalhar.

— Está bem — resignou-se e seguiu apressada na direção do vestiário para pegar o uniforme. O cômodo só era um vestiário no nome, nada além de uma cortina o separava da área de descanso. À parede, amontoavam-se cabides de hastes grossas, como os que se veem nas liquidações de lojas de departamentos. Na seção dos empregados diurnos, os uniformes brancos manchados ficavam pendurados todos apertados, um por cima do outro, enquanto o espaço reservado para o turno da noite ficava todo animado pelas roupas multicoloridas do dia a dia.

— Nos vemos lá embaixo — Yoshie despediu-se enquanto deixava a área de descanso junto de Kuniko. Hora de marcar a entrada. As regras eram bem claras: deviam marcar o ponto entre 23:45h e meia-noite, e depois esperar lá embaixo à entrada da área de produção.

Masako puxou seu cabide. Pendurados nele, um jaleco branco com zíper à frente e uma calça de trabalho com elástico na cintura. Com ligeireza vestiu o jaleco por sobre os ombros e, percebendo a presença de homens, tirou a calça jeans e vestiu a que usava para trabalhar. Os homens trocavam de roupa na mesma área que as mulheres, e embora Masako já trabalhasse na fábrica há praticamente dois anos, ainda não havia se acostumado àquele arranjo.

Após cobrir com uma rede preta os cabelos já presos com grampos, envolveu a cabeça com a touca descartável comum. Parecia mais uma touca de banho. Alguém as apelidara de “gafanhotos”, devido à semelhança com o inseto. Pegou um avental de plástico limpo e saiu da área de troca de roupa, apenas para ver que Yayoi permanecia sentada no mesmo lugar, como se não tivesse nada melhor para fazer.

— Ei! É melhor andar logo — ela a alertou, mas ao ver a lentidão com que a outra se levantava, ficou mais preocupada do que incomodada. Praticamente todos os outros funcionários já haviam deixado a área de descanso; restavam apenas alguns brasileiros sobre o tatame, fumando apoiados à parede com suas pernas grossas projetadas para a frente.

— Bom-dia — disse um deles, erguendo a mão que ainda segurava uma bituca de cigarro. Masako acenou com a cabeça, oferecendo-lhe um sorriso discreto. Sobre o peito, a etiqueta com seu nome trazia escrito “Kazuo Miyamori”, mas Masako não conseguia deixar de pensar no quanto a aparência dele era a de um estrangeiro, com sua pele um pouco escura, rosto fundo e testa larga. Imaginou que o trabalho dele deveria ser dos mais exigentes fisicamente, como o de não deixar acabar o arroz da máquina automática. — Bom-dia — repetiu, desta vez para Yayoi, embora ela estivesse distraída demais para olhar para ele. Parecia decepcionado, mas esse tipo de coisa era comum nesse local de trabalho frio e nada amigável.

Entraram no banheiro por um momento e depois foram vestir as máscaras e os aventais. As mãos foram esfregadas a seco com escovas e depois desinfetadas. Marcaram seus cartões de ponto, calçaram os sapatos brancos e voltaram a ser conferidas pela fiscal de higiene, que assumira nova posição localizada próxima à escadaria que descia para a área de produção das refeições. Repetindo o procedimento, Komada esfregou-lhes às costas o rolo adesivo enquanto lhes inspecionava cuidadosamente as unhas e as mãos.

— Nenhum corte? — Se a pessoa tiver qualquer arranhão, por menor que seja, em um dedo, não poderia assumir posição alguma em que tivesse de tocar a comida. Masako e Yayoi ergueram as mãos para que fossem inspecionadas. Yayoi parecia prestes a desmoronar enquanto esperava o fim da verificação.

— Você está bem? — perguntou Masako.

— Acho que sim — Yayoi respondeu.

— As crianças estão bem?

— Ahn... — respondeu de maneira vaga. Masako voltou a olhar para ela, mas a touca e a máscara escondiam-lhe tudo, com exceção dos olhos inexpressivos. Yayoi ignorou a insistência de Masako.

A rajada forte e cortante de ar gelado misturada aos odores de vários alimentos fazia da descida até a fábrica a entrada de uma enorme

geladeira. Um resfriamento paralisante subia-lhes pelos sapatos em contato com o chão de concreto. Mesmo no verão a fábrica era gélida.

Ao terminarem de descer a escadaria juntaram-se aos outros funcionários na espera para entrar. Yoshie e Kuniko, que estavam na frente da fila, viraram-se para acenar. As quatro sempre trabalhavam juntas e tentavam se ajudar. De outra maneira, o serviço seria ainda mais penoso.

A porta se abriu e os funcionários entraram marchando em fila. Elas voltaram a lavar os braços até os cotovelos, e seus aventais, que desciam até os tornozelos, foram desinfetados. Até que Yayoi e Masako terminassem de se lavar e fossem para a área de trabalho as outras mulheres já começariam a se preparar na esteira transportadora.

— Depressa! — Yoshie repreendeu Masako. — Nakayama está vindo. — Nakayama era o chefe de seção do turno da noite. Era jovem, acabara de passar dos trinta. A boca suja e a obsessão por cotas fizeram dele um homem detestado pelos funcionários de meio expediente.

— Perdão! — disse Masako, pegando as luvas descartáveis e a toalha desinfetada, e também levando um conjunto para Yayoi. Masako colocou-as nas mãos de Yayoi, que baixou o olhar como se acabasse de perceber que estava no trabalho.

— Recomponha-se — Masako a alertou.

— Obrigada — Yayoi murmurou. Elas assumiram suas posições à frente da linha de produção e Yoshie lhes mostrou as instruções do dia.

— Vamos começar com pratos de caril. Mil e duzentos. Eu cuido do arroz e você cuida dos recipientes, está bem? — Quem cuidava do arroz sempre ficava na ponta da linha de produção, era o ponto-chave de todo o processo. Era quem determinava a velocidade da produção. Yoshie, que o fazia especialmente bem, sempre se oferecia para cuidar do arroz, enquanto Masako ficava com a tarefa de entregar-lhe as caixas. Conforme começava a arrumar os recipientes de plástico, virou-se para olhar para Yayoi. Ela havia se movimentado devagar demais para conseguir o serviço mais fácil, de pegar o caril com a concha. Kuniko, que conseguira ficar com uma das vagas, olhou para ela e deu de ombros. Elas poderiam tentar ajudá-la, parecia dizer, mas se Yayoi não se esforçasse o mínimo que fosse, pelo menos para pegar o serviço mais fácil, como trabalhariam?

— O que há? — Yoshie perguntou, olhando para Yayoi e franzindo a testa. — Está doente? — Masako agitou a cabeça negativamente, mas nada disse. É verdade que Yayoi passava a impressão de estar

surpreendentemente distraída. Masako ficou observando enquanto se afastava dali, onde haviam acabado as vagas, e dava a volta para a posição de amaciar o arroz, um serviço particularmente pesado. Resistindo à necessidade quase incontrolável de falar com maior rispidez, murmurou na direção de Yayoi enquanto se aproximava:

— Isso é serviço pesado.

— Eu sei.

— Depressa, comecem logo — vociferou o chefe de seção, caminhando na direção delas a passos largos. — Que droga é essa que vocês estão fazendo? — A expressão dele estava obscurecida pela touca de trabalho, mas seus pequenos olhos brilhavam ameaçadoramente por trás das lentes dos óculos.

— Adivinhe quem está vindo? — Yoshie murmurou.

— O babaca — Masako sibilou, furiosa devido ao tom de voz de Nakayama. Tinha repulsa àquele chefe tão exaltado.

— Mandaram que eu viesse amaciar o arroz — disse timidamente uma mulher que parecia ser nova. — O que faço?

— Fique aqui e acerte depois que eu colocar — disse Yoshie, com um tom agradável se comparado ao que costumava usar. — Depois passe adiante para o caril. Ela vai fazer exatamente a mesma coisa, é só observá-la — acrescentou, apontando na direção de Yayoi do outro lado da linha de produção.

— Entendi — disse a novata, aparentemente ainda perdida e com cara de espanto. Yoshie, que não era de fazer rodeios, ligou o interruptor da esteira transportadora. Quando a máquina começou a funcionar, Masako percebeu que Yoshie ajustara para uma velocidade um pouco mais rápida do que o normal. Talvez por estar todo mundo parecendo um pouquinho devagar hoje ela quis aumentar o ritmo.

Masako começou a passar os recipientes para Yoshie com uma mão já bem treinada. Um quadrado perfeito de arroz surgiu da boca do distribuidor e caiu no recipiente que Yoshie segurava logo abaixo. A Capitã pesava rapidamente cada porção na balança ao seu lado e a mandava pela esteira transportadora com um floreado.

Uma extensa fila de funcionários ainda mexeria na caixa depois de Yoshie: um para amaciar o arroz, um para colocar o caril, um para fatiar a galinha frita, e outro para banhar com molho. Posteriormente, um para cortar o picles do tamanho do copo, um para fechar a tampa plástica, um

para colar uma colher com fita adesiva e, finalmente, um para lacrar o recipiente. As embalagens iam descendo a linha de produção, montadas em partes até que, enfim, uma refeição se completasse.

Era sempre assim que o turno começava. Masako olhou de relance para o relógio da parede. Mal se passaram cinco minutos. Ainda lhes esperavam cinco horas e meia de pé no chão frio de concreto. Revezavam para ir ao banheiro, um de cada vez, e um substituto preenchia a vaga de quem saísse da linha de produção. A pessoa tinha de avisar que precisava ir ao banheiro e esperar a sua vez, o que às vezes chegava a demorar até duas horas. Há muito tempo elas descobriram que para tornar o serviço, no mínimo, suportável, teriam não só que cuidar de si mesmas, como trabalhar unidas, formando um time. Era o segredo para sobreviver bastante tempo em um lugar assim sem acabar com a saúde.

Com cerca de uma hora de trabalho começaram os ruídos de aflição da novata. Quase imediatamente a eficiência da produção começou a cair, e foi preciso diminuir o ritmo. Masako percebeu que Yayoi, tentando ajudar, se esticava até o outro lado da esteira para pegar alguns dos recipientes da novata, embora no dia, parecesse praticamente incapaz de dar conta da própria quota. Todos os veteranos do trabalho sabiam que amaciar o arroz era um serviço especialmente difícil, já que, ao sair da máquina, estava frio e empelotado. A pessoa precisava ter bastante força nos pulsos e nos dedos para desfazer os pequenos quadradinhos daquele arroz gelado e compactado, durante os poucos segundos em que o recipiente estivesse à sua frente. E a posição meio inclinada provocava dor na coluna. Cerca de uma hora depois a dor passava a irradiar da coluna para os ombros e ficava difícil erguer os braços. Era exatamente por isso que volta e meia o serviço acabava sobrando para algum novato que não conhecia as manhas... Embora, no momento, Yayoi, que não estava nem perto de ser uma iniciante, trabalhasse duro em seu serviço com uma expressão obstinada, porém resignada.

Enfim, as 1.200 refeições chegaram ao fim. Os operários limparam a esteira e passaram logo para o serviço seguinte: dois mil “Almoço dos Campeões” especiais. O “Almoço dos Campeões” era mais completo que os pratos com caril, por isso a linha de produção era mais comprida e tinha vários brasileiros.

Yoshie e Masako, como sempre, escolheram trabalhar com o arroz. Kuniko, sempre rápida no reconhecimento de situações, guardou para

Yayoi o serviço mais fácil, de mergulhar a carne de porco frita no molho. Era só pegar dois pedaços de carne de porco, um em cada mão, banhá-los no molho, e colocá-los na caixa lado a lado com o caldo. A posição do serviço era boa, um pouco protegida do frenesi da linha de produção, algo que até mesmo Yayoi seria capaz de dar conta. Masako ficou um pouco mais relaxada e passou a se concentrar no serviço.

Tão logo terminaram a tarefa e começaram novamente a limpar a esteira, ouviram um estrondo enorme que denunciava que algo bastante pesado havia tombado, e todos viraram-se para olhar. Yayoi havia tropeçado em um caldeirão repleto de molho e caíra de costas ao chão. A tampa de metal pesada desabou ruidosamente e rolou na direção de uma esteira próxima, enquanto um mar do viscoso caldo marrom espalhava-se ao redor de todos. O chão da fábrica vivia escorregadio devido aos respingos de gordura e comida, mas todos já estavam acostumados àquilo, e, por isso, acidentes assim quase nunca ocorriam.

— Que droga está fazendo?! — gritou Nakayama, com seu ar de superioridade e com o rosto pálido de tanta raiva. — Como foi derramar isso tudo?!

— Desculpe-me — pediu Yayoi, enquanto alguns homens chegavam correndo com esfregões. — Escorreguei. — Ela não fez qualquer menção de se levantar. Parecia quase débil, sentada em meio àquela poça de molho.

— Vamos — disse Masako, curvando-se sobre ela. — Está ficando encharcada. — Enquanto a ajudava a se levantar, Masako conseguiu, por um momento, enxergar um grande e escuro hematoma na barriga de Yayoi que a blusa do uniforme encobria. Seria aquela a razão de estar tão distraída? O hematoma em sua barriga alva era inconfundível, como um sinal de Caim. Masako fez um ruído de reprovação com a língua e apressou-se para endireitar o uniforme de Yayoi e ocultar a marca dos outros. Não havia aventais sobressalentes, por isso, depois de alguns momentos para se recompor, Yayoi foi obrigada a trabalhar com as costas e as mangas cobertas de molho. O grosso líquido rapidamente solidificou-se em uma crosta marrom que não fora absorvida pelo tecido, embora seu odor fosse esmagador.

Cinco e meia da manhã. Não haveria hora extra, portanto os funcionários voltaram ao segundo andar. Depois de vestirem novamente suas roupas do dia a dia, era normal as quatro mulheres comprarem bebidas nas máquinas automáticas da área de descanso, sentarem-se e conversarem por cerca de vinte minutos antes de voltarem para suas casas.

— Você passou o turno inteiro fora do ar — disse Yoshie, virando-se na direção de Yayoi. — Está tudo bem? — A idade e o cansaço eram evidentes no rosto de Yoshie devido à dura noite de trabalho. Yayoi sorveu um gole de café de seu copo de papel e refletiu por um momento antes de responder.

— Briguei com meu marido ontem — revelou.

— Mas isso não é nenhuma novidade, não é mesmo? — Yoshie riu e deu uma olhadela conspiradora na direção de Kuniko, cujos olhos estreitavam-se quando levava um fino cigarro mentolado à boca.

— Você se dá bem com Kenji, não é verdade? — perguntou com um tom reservado. — Acho que me lembro de tê-la ouvido dizer que ele sempre sai com as crianças.

— Ultimamente não — Yayoi murmurou. Masako não disse nada, mas ficou estudando o rosto de Yayoi. Uma vez sentadas e quietas por alguns minutos, o cansaço parecia consumir o corpo inteiro.

— A vida é longa e os altos e baixos são inevitáveis. — Yoshie, que era viúva, parecia ansiosa para encerrar aquela conversa com um clichê, mas a voz de Yayoi assumiu um tom ríspido.

— Ele acabou com as nossas economias! — ela gritou. As outras silenciaram-se, chocadas com aquele surto.

Masako acendeu um cigarro, deu uma tragada e quebrou o silêncio.

— O que ele fez com o dinheiro?

— Perdeu no jogo — disse Yayoi. — Acho que ele joga bacará ou alguma coisa assim.

— Mas eu achava que o seu marido era um sujeito bastante confiável. Por que iria se meter com jogo? — Yoshie parecia surpresa.

— Não venha perguntar logo para mim — Yayoi suspirou, balançando a cabeça. — Acho que ele vai a algum lugar para jogar, mas não sei muito a respeito.

— Quanto vocês tinham? — Kuniko perguntou sem conseguir ocultar a curiosidade.

— Cerca de cinco milhões — disse Yayoi, com a voz desvanecendo até chegar a um sussurro. Kuniko engoliu em seco e, por um momento, quase demonstrou inveja.

— Que coisa horrível... — murmurou.

— E ontem à noite ele me bateu. — Evidenciando a marca que Masako já tinha percebido antes, Yayoi ergueu a blusa para mostrar as escoriações. Yoshie e Kuniko se entreolharam.

— Mas aposto que ele já está arrependido — disse Yoshie, em um tom conciliatório. — Meu marido e eu brigávamos o tempo todo, e ele era um bruto. Mas o seu não é assim, não é verdade?

— Não sei mais — disse Yayoi, passando a mão sobre a barriga.

Lá fora já estava claro. O dia amanhecia igual ao anterior, quente e úmido. Yoshie e Yayoi, que iam e voltavam do trabalho de bicicleta, despediram-se à frente da fábrica enquanto Masako e Kuniko foram na direção do estacionamento.

— Este ano não trouxe muita chuva — disse Masako enquanto caminhavam.

— É provável que falte água — Kuniko arriscou, olhando para o céu inerte. Seu rosto respingava o suor do trabalho noturno.

— Se as coisas continuarem assim... — Masako concordou.

— O que acha que Yayoi vai fazer? — Kuniko perguntou, para logo depois bocejar. Masako deu de ombros. — Se fosse comigo eu pediria o divórcio. Ninguém perguntaria nada, não depois de ele ter esgotado todas as economias.

— Acho que não mesmo — Masako murmurou, mas logo lhe ocorreu que os filhos de Yayoi ainda eram pequenos e não seria tão simples quanto Kuniko imaginava. Cada uma estava indo para a própria casa, mas parecia que Masako não era a única a não saber ao certo onde ficava a sua. Seguiram caminhando em direção ao estacionamento em silêncio.

— Boa-noite — disse Kuniko, abrindo a porta do carro.

— Boa-noite — Masako respondeu, sem ter tanta certeza de que aquilo estava certo, já que era de manhã. O cansaço a subjugou e ela deixou-se desabar dentro do carro, protegendo os olhos da luz forte e ofuscante da manhã.

2

Kuniko ligou seu Golf e o ronco do motor ecoou reconfortante pelo estacionamento. Era bom ter um carro confiável em um local daqueles, embora no ano anterior tenha gastado mais de duzentos mil em consertos.

— Até mais — disse Masako, acenando ligeiramente, ao engatar a marcha e sair do estacionamento. Embora tivesse mais experiência que todas as outras, que tendiam a se fiar nela, Masako percebia em Kuniko uma certa frieza. Kuniko fez uma leve saudação e ficou observando-a ir embora. As duas eram bastante diferentes, e Kuniko sentiu-se aliviada quando Masako já havia sumido de vista. Em geral, quando se despedia das amigas na fábrica, era como se um véu de tecido grosso se levantasse, desvelando a verdadeira Kuniko.

Masako parou no sinal que ficava logo depois da saída do estacionamento. Kuniko olhou para o outro extremo, para a traseira do Corolla arranhado e amassado de Masako, e perguntou-se como ela tolerava ter um carro tão velho. A pintura vermelha em estado deteriorado sugeria que o carro já tinha bem mais de cem mil quilômetros rodados — e os adesivos nos para-choques que incentivavam direção segura eram simplesmente cafonas demais. O carro de Kuniko era usado, mas por ser de segunda mão, fazia questão de que fosse bonito. Se não, por que não pegar um empréstimo e comprar um novo? Masako não era feia para sua idade e até tinha um certo estilo, mas com certeza deveria pensar um pouco mais sobre a imagem que transmitia.

Kuniko inseriu uma das fitas cassete do marido no toca-fitas e uma voz aguda feminina tomou de assalto o carro com uma melodia pop enjoativa. Sentiu irritação e tirou a fita. De qualquer forma, nem em seus melhores momentos vinha a se interessar assim por música... Só colocara a fita para pontuar sua alforria do trabalho e para testar os equipamentos do carro. Ajustando a saída do ar-condicionado para sua direção, fez descer a capota do conversível e viu-a retraindo-se vagarosamente, como uma serpente quando troca a pele. Kuniko adorava esses momentos em que uma coisa

bastante comum poderia se tornar dramática e empolgante. Daria tudo para que sua vida inteira fosse assim.

Pensou, voltando a Masako, por que ela sempre usava jeans e as blusas velhas do filho? No inverno vestia um blusão de moletom ou um suéter puído, por sobre o qual — pior ainda — atirava um casaco velho cujas franjas eram remendadas com fita adesiva. Aquilo realmente era demais. Fazia com que ela parecesse uma daquelas árvores de Natal raquíticas: a silhueta magérrima, a pele levemente escurecida, os olhos penetrantes, os lábios finos e o nariz estreito — em lugar algum havia excesso. Se usasse só um pouquinho de maquiagem e vestisse algo caro, como as roupas da própria Kuniko, pareceria ter uns cinco anos a menos e seria bastante atraente. Era uma pena. O que Kuniko sentia em relação a ela era complicado, uma mistura de inveja e de antipatia.

Mas a verdade, pensou, é que ela própria era feia. Feia e gorda. Examinando atentamente o retrovisor, sentiu aquela onda de desesperança que sempre a tomava de assalto. O formato do rosto era largo e quadrangular, mas os olhos que a fitavam pelo espelho eram pequeninos. Seu nariz era largo e enviesado, mas a boca era pequena, com o lábio inferior projetado. Tudo é desproporcional, imaginava, e conseguia ficar ainda mais horrendo depois de um longo turno de trabalho. Puxou um lenço de papel da bolsinha de maquiagem da Prada e o bateu de leve ao redor das áreas brilhosas.

Sabia como as coisas funcionavam. Uma mulher que não era bonita não podia esperar arrumar um emprego em que lhe pagassem bem. Por qual outra razão estaria trabalhando no turno da noite em uma fábrica dessas? Mas o estresse do trabalho fazia com que comesse mais. E quanto mais comia, mais engordava. Em um acesso súbito de fúria contra tudo e todos, passou a marcha do carro com violência, soltou o freio e pisou com força no acelerador. Olhava pelo retrovisor conforme o Golf saía em disparada pelo estacionamento, encantada com a pequena nuvem de poeira que deixava para trás.

Kuniko pegou a rodovia Shin-Oume e passou alguns minutos dirigindo rumo à cidade, até virar à direita na direção de Kunitachi. Além dos pomares de peras à esquerda, via-se um enxuto aglomerado de velhos edifícios. Era o lugar que Kuniko chamava de lar.

Detestava morar ali, detestava de verdade. Mas no fim das contas, levando-se em consideração o que ela e Tetsuya, seu companheiro,

ganhavam, não tinham condições de arcar com nada melhor. Subitamente desejou ser outra mulher. Viver outra vida, em outra cidade, com outro homem. Esses “outros” e “outras”, é claro, seriam muito melhores do que sua situação atual. Eles eram tudo para Kuniko, que apenas às vezes se perguntava se havia algo de errado em suas fantasias incessantes a respeito da “outra” vida.

Parou o Golf em sua vaga no estacionamento. Todos os outros carros eram pequenos, todos domésticos. Sentindo um prazer especial por possuir um modelo importado, fechou a porta com força, fazendo barulho. Bem feito se alguém acordasse por causa disso. Mesmo assim, se algum vizinho comesse a gritar, sabia que seria obrigada a pedir desculpas. Por enquanto tinha de procurar conviver da melhor maneira que fosse capaz. Subiu até o quinto andar no elevador coberto por pichações e depois caminhou cuidadosamente pelo corredor repleto de triciclos e caixas de isopor até chegar ao seu apartamento. Conforme destrancava a porta e entrava pela sala escura, pôde escutar um ronco grosseiro, que passava a impressão de que ali dormia um animal; mas já estava tão acostumada que mal notou. Puxou o jornal da manhã da caixa de correio e colocou-o sobre a mesa da sala de jantar que haviam comprado a prazo. Do jornal, só lia a programação da TV. Via aquilo como desperdício de dinheiro e frequentemente pensava em cancelar a assinatura, mas precisava dos classificados. Tirou as páginas de anúncios de emprego para mulheres do meio dos milhões de propagandas de imóveis e as separou com a intenção de examiná-las com maior cuidado mais tarde.

A sala estava quente e úmida. Ligou o ar-condicionado e abriu a geladeira. Nunca conseguiria dormir com a fome que sentia, mas não havia nada para comer. Comprara salada de batata e bolinhos de arroz no supermercado na noite anterior, mas não estavam mais ali. Sem dúvida Tetsuya comeria, sem pensar duas vezes. Irritada com aquilo, Kuniko puxou com força a argola da lata de cerveja. Abrindo um pacote de biscoitos, ligou a televisão, mudou o canal para um programa matutino de entrevistas e recostou-se no sofá para ouvir as fofocas do mundo dos famosos enquanto aguardava o efeito da cerveja.

— Abaixei isso! — Tetsuya gritou imediatamente do quarto.

— Por quê? — Kuniko retrucou. — Já está mesmo na hora de você levantar.

— Ainda tenho dez minutos! — ele voltou a gritar e Kuniko sentiu alguma coisa atingir-lhe o braço. Olhou para baixo e viu um isqueiro descartável que Tetsuya provavelmente tinha atirado. A pele de seu braço começou a ficar vermelha. Guardou o isqueiro e postou-se de pé, ao lado da cama onde Tetsuya dormia esparramado.

— Seu cabeça de merda. Tem ideia do quanto estou cansada?

— O quê?! — exclamou, com uma expressão pessimista. — Quem está cansado sou eu.

— E acha que isso lhe dá o direito de atirar esta merda em mim? — Ela acendeu o isqueiro e o segurou próximo ao rosto dele.

— Pare com isso! — ele resmungou, e deu-lhe um tapa na mão. O isqueiro voou para o outro lado do quarto, rolando sobre o tatame, e Kuniko revidou com um forte tapa na mão de Tetsuya, daqueles que ardem.

— Escute aqui, seu imbecil! Já estou quase no meu limite... Olhe para mim quando falo com você!

— Vá se foder — disse ele. — Está cedo demais.

— Cale essa sua boca. E suponho também que tenha comido a minha salada.

— Fale baixo, está bem? — disse Tetsuya com uma carranca. Ele era um pouco menor que ela e muito mais frágil. Há dois anos, quando enfim arrumou um emprego estável em um hospital, foi obrigado a cortar os cabelos que desciam-lhe até os ombros, e isso o deixou com uma aparência ainda mais miserável. Kuniko não gostara nem um pouco. O Tetsuya que perambulava pelas ruas de Shibuya não era muito inteligente, mas ao menos era bonito. Ela trabalhava em um fliperama naquela época, também em Shibuya. Era muito mais magra e capaz de atrair um homem como Tetsuya com facilidade, apesar das dívidas que acumulara para se enfeitar com roupas e acessórios que até hoje usava para tentar se manter atraente.

— Você comeu — ela protestou. — Admita e peça desculpas. — De súbito saltou sobre ele e usou seu peso para prendê-lo.

— Já falei para parar com isso! — ele deu um berro.

— Admita e deixe você ir.

— Está bem, eu comi. Desculpe-me. Não havia mais nada quando cheguei em casa.

— Por que não saiu para comprar alguma coisa?

— Eu sei, eu sei... — suplicou. Ele girava o pescoço, tentando livrar-se, quando Kuniko escorregou a mão para o meio de suas pernas apenas para encontrar seu alvo ainda flácido.

— Então, nem mais uma ereçãozinha matinal? — provocou.

— Saia de cima de mim! Saia *logo*! Você pesa! Por acaso tem consciência do quanto pesa?

— Como se atreve?! — Kuniko perguntou com um grito estridente e envolveu-lhe o pescoço fino com as coxas. Tetsuya tentou gritar, pedir desculpas, mas não conseguia emitir som algum. Ela soltou um grunhido e, enfim, saiu de cima dele. Ultimamente a vida sexual do casal era só decepção. Embora fosse mais jovem que ela, era um completo inútil. Enquanto ela caminhava pesadamente de volta ao outro cômodo, podia vê-lo sentar-se vagarosamente na cama.

— Vai se atrasar — chamou-lhe a atenção. Kuniko acendeu um cigarro enquanto Tetsuya saía do quarto vestindo uma camiseta e uma berrante cueca samba-canção, e passando a mão no pescoço. Pegou um cigarro de dentro do maço de mentolados de Kuniko que estava sobre a mesa da cozinha.

— São meus — ela disse. — Não toque neles.

— Só quero um — ele resmungou.

— Está bem. Vai lhe custar vinte ienes — disse, esticando o braço e abrindo a mão. Tetsuya soltou um suspiro sabendo que, com aquele tom de voz, ela não estava brincando. Sem tirar o olho dele, Kuniko voltou a assistir à TV. Quinze minutos depois ele saiu para trabalhar sem dizer uma palavra sequer e Kuniko deitou-se na cama, moldando seu corpo maior que o dele em meio à estreita depressão que ficara.

Já eram quase duas horas da tarde quando Kuniko acordou. Ela ligou a televisão, acendeu um cigarro e ficou vendo programas de entrevistas enquanto esperava seu corpo tomar vida. Os programas da tarde eram quase indistinguíveis dos da manhã, aos quais assistira antes de ir dormir, mas ela não ligava. Sentiu fome e saiu para comprar alguma coisa sem nem lavar o rosto. Próxima à entrada do condomínio havia a filial de uma rede de lojas de conveniência que, por acaso, vendia as refeições da fábrica em que ela trabalhava. Pegou uma “Almoço dos Campeões” e olhou o rótulo: “Alimentos Miyoshi, Fábrica de Higashi-Yamato, remetido

às 7h.” Sem dúvida era produto do trabalho delas. Seu serviço fora um dos mais fáceis, colocar os ovos mexidos, e mesmo assim Nakayama gritara com ela, mandando que diminuísse a quantidade. Ele era mesmo um babaca. Adoraria deixá-lo como aqueles ovos mexidos qualquer dia desses. Mas o turno da noite anterior fora bastante fácil, o que não era comum. Enquanto permanecesse próxima a Yoshie e Masako conseguiria sempre escolher os serviços mais fáceis. Sorriu discretamente.

De volta ao apartamento, ficou vendo TV enquanto almoçava e bebia chá preto. Conforme mordida um pedaço de carne de porco embebida em molho, recordava-se da imagem de Yayoi derrubando o caldeirão. Lembrou-se de que Yayoi estivera desorientada a madrugada toda, tão distraída que sequer conseguia ajudar. Para falar a verdade, estava sendo um verdadeiro estorvo para a equipe. E daí se o marido a espancara? Se fosse com Kuniko, simplesmente retribuiria as agressões. Terminando de comer sua costeleta de porco, verteu um pouco de molho de soja sobre uma porção de *gyozas* gelados e encheu-os de mostarda. Enquanto os devorava avidamente, viu-se pensando novamente em Yayoi. Se fosse bonita como ela não estaria trabalhando no turno da noite em uma fábrica qualquer; arrumaria emprego em um bar ou em um pub, ou até mesmo em algum lugar de má reputação. Não ligava, contanto que o salário fosse bom. O único problema é que não tinha a beleza de Yayoi e não confiava na própria aparência ou no próprio estilo.

Começou uma reportagem especial sobre colegiais e Kuniko viu-se deixando de lado os pauzinhos e prestando atenção no programa. Era uma entrevista com uma menina de cabelos compridos, lisos e tingidos de castanho. A garota teve o rosto encoberto por efeitos digitais e a voz distorcida, mas Kuniko percebia que era bonita e cheia de estilo.

“Homens são carteiras, meras carteiras”, ela dizia. “Eu? O que já consegui tirar deles? Um terninho. Um terninho de ¥450 mil.”

— Porra! — Kuniko gritou na direção da TV. — Mas que cobrinha safada... — Um terninho daquele preço só poderia ser Chanel ou Armani. *Eu* quero um terninho Chanel, mas se uma vagabundinha dessas ganha um sem fazer nada, para quê? — Droga, droga, droga... — continuava resmungando.

O único lado bom de trabalhar na fábrica foi conhecer Masako, pensou, enquanto mastigava uma porção de arroz frio. Ficara sabendo que Masako já havia trabalhado em uma empresa boa, mas fora obrigada a sair quando

fizeram uma reestruturação. Kuniko pressentia que Masako não era o tipo de mulher que iria ficar se matando no expediente noturno daquela fábrica para sempre. Talvez fosse promovida à posição de funcionária normal, ou até mesmo de gerência. E quando fosse, coisas boas aconteceriam com quem fosse próxima a ela. A única falha no plano era que parecia não ter a confiança de Masako.

Depois de comer até o último pedaço da caixa e praticamente limpá-la com a língua, jogou-a na lata de lixo que ficava próxima à pia. Então, foi analisar os classificados do jornal que separara mais cedo. Com o salário que ganhava na fábrica nunca poderia sequer esperar saldar a enorme dívida acumulada; na verdade, com o que ganhava, só conseguia pagar os juros. Mas os salários dos empregos diurnos eram até piores do que aquele que ela ganhava. Teria que trabalhar por oito horas para chegar ao seu salário, onde trabalhava por apenas cinco horas e meia, portanto, não havia motivo para largar o expediente noturno. Mas para isso, tinha que passar o dia inteiro dormindo. Era um ciclo vicioso. O principal era que Kuniko não queria admitir que era preguiçosa. Ao mesmo tempo, era incapaz de se dar ao trabalho de calcular o total de sua dívida. Os juros por si só já eram tão esmagadores que ela não fazia a mínima ideia de se pelo menos estava pagando a dívida principal, não tinha noção de quanto era a dívida principal.

No início da noite se maquiou, vestiu seu terno Chanel falsificado e saiu. Precisava arrumar algum emprego de meio expediente em que pudesse trabalhar antes de ir para a fábrica às onze e meia. A dona de casa que morava na porta ao lado tinha chegado ao bicicletário na mesma hora em que Kuniko ia pegar a bicicleta. Ela vestia um terninho de verão barato, daqueles que se encontram no supermercado, e carregava sacolas de compras. Parecia cansada. Kuniko imaginou, sem nada dizer, que o trabalho devia ser bastante pesado naquelas empresas e cumprimentou-a com um ligeiro aceno. A mulher retribuiu com um sorriso, aspirando o ar logo depois que Kuniko passou. Kuniko imaginou que ela provavelmente sentira o cheiro de seu perfume “Coco” — embora duvidasse que a mulher tivesse alguma noção do que era um perfume caro. Elas eram proibidas de usar perfume na fábrica, mas Kuniko ainda iria tomar banho antes de se arrumar para o trabalho.

Subiu na bicicleta e saiu pedalando toda desajeitada, descendo a rua estreita e cheia de carros. O pub ficava próximo à estação seguinte, de

Higashi-Yamato. Lá não deveria haver estacionamento, o que a obrigaria a ir de bicicleta, e isso seria um empecilho. Como faria quando chovesse? Mesmo assim era melhor do que ir andando aquele caminho todo até a estação. Caso tudo corresse bem e conseguisse o emprego, consideraria a possibilidade de se mudar para mais perto.

Vinte minutos depois estava de pé à frente do pub. “Bel Fiore”, dizia o letreiro. Imaginara ter pouca chance de conseguir a vaga, mas mudou de ideia depois de ver o quanto o local era afastado e deteriorado. Sentiu o ânimo ressurgir e o coração disparar, coisa que já não sentia havia bastante tempo.

“Garçonete. Entre 18 e 30 anos. ¥3.600 por hora. Aluguel de uniforme. Das 17h à 1h toda noite. Não é necessário beber.”

Recordando-se dos detalhes do anúncio, Kuniko imaginou que poderia até largar a fábrica caso lhe dessem o emprego. Levava uma noite inteira de trabalho pesado na produção de refeições para ganhar o mesmo que em duas horas. Embora tivesse acabado de tomar a decisão de se manter próxima a Masako independentemente de qualquer coisa, já era capaz de se sentir caminhando em uma direção diferente.

Uns jovens vestindo ternos chamativos estavam de pé próximo à porta junto a uma garota de minissaia que parecia divulgar a casa.

— Telefonei mais cedo perguntando sobre a vaga — Kuniko disse para um dos homens.

— É para ir lá por trás — disse, fitando-a com expressão de surpresa.

— Obrigada — Kuniko agradeceu. Conforme se afastava, sentia que a observavam e pensou ter escutado alguém rir. Quando chegou ao local que o homem havia indicado, entrou por um beco onde encontrou uma porta metálica com uma pequena placa escrita “Bel Fiore”. — Com licença — disse, abrindo a porta e olhando para o seu interior com cuidado. — Telefonei mais cedo. — Um senhor de meia-idade trajando negro acabava de desligar o telefone. Passando a mão nas rugas da testa, dedicou alguns momentos a analisar Kuniko.

— Ah, claro. Entre — disse, enfim. Seu olhar era um pouco desanimado, mas sua voz era grave e serena. — Sente-se — acrescentou ele, apontando na direção de um sofá em frente à sua mesa. Tentando aparentar autoconfiança, Kuniko sentou-se procurando manter as costas eretas. Recebeu um cartão de visitas que o identificava como gerente da casa. Então, abaixou a cabeça em uma leve saudação e, conforme a erguia,

ficou evidente que já havia formado rapidamente seu conceito a respeito dela. Naquele momento ela ficou tristemente constrangida, mas lançou-se com tudo.

— Queria me candidatar à vaga de garçonne publicada no jornal.

— Entendo. Talvez seja bom batermos um papinho — disse o homem, com simpatia, sentando-se em uma cadeira que ficava à frente do sofá. — Então, diga-me qual a sua idade.

— Vinte e nove.

— Certo — ele repetiu. — E trouxe alguma prova disso?

— Ah, acabei não trazendo nenhuma hoje. — Tão logo as palavras foram pronunciadas, o tom de voz dele mudou.

— Está bem. Já trabalhou alguma vez nesse ramo de atividade? — perguntou bruscamente.

— Não, nunca. — Ela não sabia o que faria se escutasse dele que a intenção não era contratar donas de casa, mas o homem não fez mais qualquer pergunta.

— O negócio é o seguinte — disse ele, levantando-se da cadeira. — Assim que o anúncio foi publicado umas seis garotas apareceram, todas na casa dos dezenove anos. A gente prefere essas meninas novinhas. Parece o que a freguesia quer.

— Entendo — disse Kuniko. Mas imaginou que não deveria ser só a idade, com a autoestima despencando como um elevador. Se fosse bonita e elegante era bem provável que sua idade não fizesse diferença. Chegara à conclusão que a idade realmente não era problema algum, com sua insegurança dominando.

— Lamento que tenha se dado a todo esse trabalho — disse o gerente. — Mas receio que no momento...

— Compreendo — Kuniko deixou escapar, acenando a cabeça em uma concordância apressada.

— Se não se importar com a pergunta, em que trabalha no momento?

— Trabalho em um serviço de meio período aqui no bairro.

— Provavelmente é melhor, de qualquer maneira... — ele supôs. — O trabalho aqui é pesado. A freguesia gasta uma média de dez a vinte mil por hora e, por isso, não gosta de voltar para casa de mãos vazias. Você é grande... Acho que entende o que quero dizer. Eles querem satisfação sexual. Não é o tipo de trabalho que você está procurando, estou errado? — O homem soltou uma risada áspera. — Lamento que tenha se

despencado até aqui — repetiu, entregando-lhe um fino envelope. — É para a corrida do táxi. — Ela imaginou que ali deveria haver uns mil ienes. — Mas só para tirar uma pulga detrás da minha orelha — ele continuou. — A senhora já passou dos trinta, não é mesmo?

— Não, não passei.

— Como quiser. — Torceu o nariz, mostrando que a preocupação em esconder seu desdém não mais se fazia presente.

Sentindo-se completamente deprimida, Kuniko saiu pela porta dos fundos do pub, não conseguiria encarar aquelas pessoas que estavam à porta da frente. Uma rua lateral a levou de volta ao restaurante onde havia deixado sua bicicleta, e, já que estava com fome e mal-humorada, resolveu entrar e gastar o dinheiro com uma refeição.

— Um prato de arroz com bife — ela pediu e olhou em volta, quando se viu fitando um grande espelho. Ali, retribuindo seu olhar, estava seu próprio rosto simples, empoleirado sobre seu pescoço fino. Desviou rapidamente o olhar, reconhecendo que o espelho provavelmente refletia-lhe a idade verdadeira, trinta e três. Também mentia a idade para as amigas da fábrica.

Com um suspiro, abriu o envelope. Dois mil. Nada mau! Ora, pouco me importa. Ela acendeu um cigarro e o comprimiu no canto da boca. Ainda tinha tempo livre até a hora do trabalho.

3

Yoshie abriu a porta e detectou um leve cheiro de urina misturado com desinfetante. Independentemente do quanto arejava a casa, independentemente da força que empregava ao esfregar o chão, nunca conseguia livrar-se dele. Esfregou os olhos com os dedos para fazer pararem de tremer por ter dormido tão pouco. Suas poucas e preciosas horas de descanso ainda estavam distantes.

Quem passava pela entrada estreita de chão de terra via um cômodo do tamanho de três tatames com uma mesinha velha, uma cômoda, uma TV, além de outras peças de mobiliário. Era neste pequeno cômodo que Yoshie e sua filha, Miki, faziam suas refeições e viam TV. Como o cômodo ficava logo após a entrada, elas ficavam imediatamente expostas a qualquer visitante que chegasse à porta. No inverno ficava tão frio e com tanta corrente de ar que chegava a ser insuportável. Miki dizia que o cômodo era uma desgraça, mas em uma casa tão pequena Yoshie não encontrava alternativa.

Yoshie trouxera seu uniforme da fábrica para lavar em casa. Enquanto colocava o saco com as roupas sujas no canto, deu uma olhadela através da porta de correr para dentro do quarto do tamanho de seis tatames, que estava aberta. As cortinas estavam fechadas para que o cômodo ficasse na penumbra, mas ela sentira um leve movimento sobre o *futon* que ficava estirado no chão. Sua sogra, que há mais de seis anos não saía da cama, devia estar acordada. Mas Yoshie nada disse, ficou apenas de pé e imóvel ao centro do cômodo. Ela pegava tão pesado na fábrica quanto qualquer um dos outros funcionários e quando voltava para casa sentia-se um farrapo de tão exausta. O que não faria para poder deitar-se e dormir, mesmo que fosse por uma hora apenas... Massageando os próprios ombros tensos e corpulentos, deu uma olhada ao redor daquela casa escura e maltratada.

As portas de correr do pequeno cômodo à sua direita estavam bem fechadas como se quisessem rejeitar a tudo e a todos. Era o quarto de Miki. Até chegar ao ensino médio Miki dormira com a avó no quarto do

tamanho de seis tatames, mas cresceu e ficou impossível forçá-la a aceitar este arranjo. Depois disso, a própria Yoshie mudou-se para o quarto da velha, mas acabou percebendo que não conseguiria dormir bem perto dela, e nos últimos tempos a situação ficou intolerável. Talvez também estivesse envelhecendo. Somente uma pequena área do chão de tatames se fazia notar naquele cômodo da frente repleto de coisas espalhadas, e ela só pôde escolher justamente esse ponto para se sentar agora.

Ergueu a tampa do bule que se encontrava sob a mesinha e viu que a borra do chá que bebera antes de se arrumar para ir para o trabalho ainda estava ali. Pensou no trabalho que daria jogá-la no lixo e lavar o bule, e resolveu que o esforço não valeria a pena. Sempre se colocava à disposição dos outros, mas quando o trabalho era em prol de si mesma, pouco se esforçava. Então, encheu o bule com água morna da chaleira e se sentou por um tempo, sorvendo goles do chá insosso e fitando o nada. Alguma coisa povoava-lhe a mente, algo maior que os problemas de sempre.

O proprietário lhe dissera que tinha a intenção de derrubar a velha casa de madeira delas e construir um belo prédio de apartamentos mais confortável para se morar, mas Yoshie suspeitava que pudesse ser um mero pretexto para obrigá-las a deixar a propriedade. Se isso acontecesse, não teriam para onde ir. Mesmo que pudessem voltar para o novo prédio, o aluguel certamente seria mais caro. Se tivessem de ir para outro lugar precisariam de uma enorme quantia em dinheiro, mas mal vinham conseguindo manter-se do jeito que estava, sem que nada sobrasse para uma emergência daquelas.

— Preciso de dinheiro. — A ideia tornara-se uma certa obsessão. Já tinha usado a modesta quantia que recebera de indenização pela morte do marido com os cuidados com a sogra, e agora o dinheiro poupado também já praticamente inexistia. Ela havia se formado apenas no ensino médio e estava determinada a fazer com que Miki, no mínimo, começasse a faculdade, mas não conseguia enxergar como. Poupar para a aposentadoria estava totalmente fora de questão. Embora o turno da noite na fábrica fosse bastante exigente, demitir-se nunca chegou a ser cogitado. Na verdade, acabara de decidir procurar outro emprego durante o dia, mas isso criava o problema de ter de encontrar alguém para cuidar da velha senhora. Yoshie era boa em encontrar soluções, mas quanto mais pensava a respeito, mais estagnada ficava.

Tudo aquilo a levou a emitir um suspiro audível, que provocou uma rápida resposta do quarto da doente.

— Yoshie, é você? — ouviu-se uma voz débil.

— Sou sim, já voltei.

— Minha fralda está molhada — a voz alertou-a. Percebia-se até uma entonação educada na voz, mas com certeza tratava-se de uma ordem.

— Está bem — disse Yoshie. Depois de bebericar um último gole de seu chá fraco e morno, levantou-se. Há muito já se esquecera do quanto a sogra fora odienta com ela nos primeiros anos do casamento. Agora era apenas uma velha deplorável, incapaz de fazer qualquer coisa se Yoshie não estivesse ali.

Nenhuma delas era capaz de fazer qualquer coisa sem a presença de Yoshie. No final das contas aquele era o propósito da vida dela. Também era assim na fábrica. Chamavam-na de Capitã, e era ela, na verdade, quem liderava a linha de produção. A função não lhe permitia deixar a bola cair. Ajudava-a a sobreviver àquele trabalho fatigante. Era seu único orgulho. Mas a dura verdade era que não havia ninguém que a ajudasse. Em vez disso, possuía apenas seu orgulho, o que a incentivava a continuar trabalhando independentemente de quanto fosse difícil. Yoshie embrulhara tudo de particular que importava em um pacote bem amarrado e guardara-o muito longe, em algum ponto onde a vista não alcançava, e em seu lugar desenvolvera uma única obsessão: a diligência. Era o truque que usava para seguir vivendo.

Sem dizer uma palavra sequer, entrou no quarto da velha senhora para ser recebida por um forte cheiro de fezes. Superando a repugnância, foi silenciosamente abrir a cortina e a janela para que o fedor saísse. Lá fora, a menos de um metro, ficava a janela da cozinha de um chalé de madeira idêntico, que a cada dia ficava mais velho. Como se soubesse o que se seguiria, a senhora que estava na cozinha da casa bateu a janela com um gesto de irritação. Yoshie enfureceu-se, mas ao mesmo tempo entendeu o lado da mulher, que já deveria estar sentindo o fedor do excremento da inválida desde o amanhecer.

— Depressa, querida — murmurava a velha enquanto mudava inquietantemente de posição sobre o *futon*, aparentemente sem ter consciência de sua situação.

— Não se mexa — disse Yoshie. — Vai acabar sujando tudo.

— Mas estou desconfortável.

— Tenho certeza de que está. — Conforme puxava a leve e fina manta, e começava a desatar a camisola da sogra, imaginava como seria melhor se estivesse trocando a fralda de um bebê. Ela se lembrava de sujar as mãos ao trocá-las ou de deixar a fralda pingar em suas roupas, mas tais coisas nunca chegaram a incomodá-la. Então, por que aquilo fazia com que se sentisse tão suja?

Subitamente lembrou-se de Yayoi Yamamoto, que ainda tinha filhos pequenos. E não é que ela havia acabado de comemorar o fato de que o mais novo finalmente deixara de usar fralda? Yoshie lembrava-se da felicidade que um momento daqueles trazia. Entretanto, Yayoi andava estranha ultimamente. Seu marido havia socado-lhe a barriga, mas Yoshie imaginava que Yayoi, de alguma forma, fizera por onde irritá-lo. Sabia, por experiência própria, que enquanto era conveniente para um homem ter uma mulher trabalhadora, um sujeito preguiçoso também poderia aborrecer-se com tal coisa. Seu próprio marido fora assim. Lembrou-se daquele homem que morrera de cirrose havia cinco anos. Independentemente do quanto se matasse pela sogra, ou trabalhasse em empregos bizarros para complementar a renda familiar, a depressão de seu marido somente aumentara cada vez mais.

O marido de Yayoi provavelmente estava farto dela exatamente porque ela se esforçava demais. Com certeza era um sujeito relaxado e egoísta, igualzinho ao que o marido de Yoshie fora. Era bem assim que as coisas funcionavam: os homens mais preguiçosos pareciam sempre terminar com as mulheres mais enérgicas. Mesmo assim nada havia a se fazer além de abaixar a cabeça e aceitar tal situação. Percebeu que tinha aquilo em comum com Yayoi.

Trocou a fralda com jeito de quem já tinha bastante prática. Depois de lavá-la previamente no vaso sanitário, atiraria-a na máquina de lavar do banheiro. Tinha consciência de que poderia fazê-la usar fraldas descartáveis, mas seriam caras demais.

— Estou toda suada — disse a velha senhora enquanto Yoshie deixava o quarto. Era a maneira que usava quando queria pedir que Yoshie lhe trocasse a camisola, mas teria que esperar.

— Eu sei — ela respondeu.

— Mas estou desconfortável — queixou-se a idosa. — Vou pegar um resfriado.

— Vou providenciar isso assim que acabar aqui.

— Acho que me faz esperar de propósito.

— A senhora sabe que não é verdade. — A resposta foi bastante educada, mas por um breve momento sentiu uma necessidade quase incontrolável de estrangular aquela velha infeliz. Queria que ela pegasse *mesmo* um resfriado, pensava. Queria que pegasse pneumonia e morresse. Seria um alívio. Mas rapidamente reprimiu a ideia. O que estava pensando? Como era capaz de desejar a morte de uma pessoa que precisava dela? Era chamar desgraça.

O alarme do relógio do quarto ao lado disparou. Já eram quase sete, hora de Miki levantar-se e começar a se aprontar. Ela frequentava uma escola municipal de ensino médio que ficava ali perto.

— Miki, acorde — Yoshie falou alto, abrindo as portas de correr. A menina, de camiseta e short, ergueu o olhar com mau humor e voltou a virar-se, com repulsa.

— Já escutei — resmungou. — Só não abra mais a porta com isso nas mãos.

Yoshie pediu desculpas e foi caminhando na direção do pequeno banheiro que ficava ao lado da cozinha, só que a falta de compreensão de Miki a deixara chateada. Antes ela era tão boazinha! E até ajudava a cuidar da avó. Yoshie sabia, contudo, que, conforme envelhecia, Miki naturalmente comparava sua situação com a das amigas, e era bastante provável que tivesse vergonha. Sabia também que nunca poderia repreendê-la por sentir-se assim. Na verdade, ela própria sentia vergonha de como viviam.

Ainda assim, o que poderia fazer? Quem iria salvá-las de tudo aquilo? Elas precisavam seguir vivendo. E mesmo que se sentisse uma escrava, mesmo que parecesse que o trabalho sujo sempre sobrava para ela, quem mais poderia fazer alguma coisa? Precisava continuar. Se parasse seria o fim de tudo. Precisava pensar em um plano, uma saída... mas antes precisava ir para o trabalho.

Miki entrara no banheiro e estava tomando banho com uma nova marca de espuma de limpeza. Yoshie logo percebeu por causa da fragrância. A menina a comprara, junto com as lentes de contato e a musse para os cabelos, com o dinheiro que ganhava em seu trabalho de meio expediente. À luz do sol os cabelos de Miki exibiam um reflexo castanho tingido.

Ao acabar de lavar a fralda e desinfetar as mãos, Yoshie olhou para Miki, que escovava os cabelos e se analisava atentamente no espelho.

— Tingiu os cabelos? — ela perguntou.

— Um pouco — a menina respondeu sem parar a escova.

— Assim está parecendo uma delinquente juvenil.

— Ninguém mais diz “delinquente juvenil” — Miki censurou-a, curvando-se de tanto rir. — Há anos que ninguém mais diz isso, só você. E, além disso, todo mundo está tingindo os cabelos.

— Suponho que seja verdade — sua mãe murmurou. Havia pouco Miki passara a falar alto e seu gosto tornara-se espalhafatoso, o que era preocupante. — Que emprego vai arrumar para trabalhar durante as férias de verão? — perguntou para mudar de assunto.

— Já encontrei uma ocupação — Miki falou enquanto borrifava alguma coisa nos cabelos compridos.

— Onde?

— Em uma lanchonete de fast-food do outro lado da estação.

— Quanto vão lhe pagar?

— Quem estuda no ensino médio recebe ¥800 por hora. — Sua mãe passou um momento em silêncio, absorvendo o choque. Eram ¥70 a mais por hora do que os funcionários do turno matutino da fábrica recebiam. Será que só por serem jovens valiam tanto assim? — Algum problema? — Miki perguntou, analisando o rosto da mãe.

— Não, nada. Correu tudo bem com a vovó ontem à noite? — continuou, tentando novamente mudar de assunto.

— Ela teve pesadelos. Ficou chamando o nome do vovô e fazendo muito barulho. — Yoshie lembrou-se de que a velha parecera especialmente inquieta antes de ela sair para o trabalho, choramingando como um bebê e recusando-se a deixá-la ir embora. Reclamara de ser sempre largada em casa sozinha e de estar tão impotente. Desde que um derrame paralisara-lhe o lado direito do corpo, andava muito mais dócil e quieta, mas nos últimos dias a tendência egoísta e infantil voltou a dar as caras.

— Que estranho! — disse Yoshie. — Acha que já está ficando senil?

— Espero que não. Não quero mesmo ter de cuidar dela.

— Não diga isso. Preciso que tome conta dela e procure deixá-la à vontade.

— Nem pensar! — Miki vociferou. — Fico cansada demais. — Tirou uma caixinha de bebida da geladeira, fíncou um canudo e começou a sugar. Yoshie levou um momento para perceber que aquilo era um substituto do café da manhã que a filha comprara na loja de conveniência, algo que todas as amigas dela pareciam beber. Ela poderia ter tomado um ótimo café da manhã com o arroz e a sopa de *miso* que Yoshie se dera ao trabalho de fazer na noite anterior. Seu coração perdia as forças só de imaginar extravagâncias desnecessárias. E parecia que Miki repetia o pecado na hora do almoço. Antigamente Miki comia o almoço que Yoshie criava com tudo o que havia em casa, mas agora estava indo para lanchonetes de fast-food com as amigas. De onde tirava o dinheiro? Involuntariamente começou a olhar para a filha com curiosidade.

— O que está olhando? — Miki perguntou, virando a cabeça e fazendo cara de zangada.

— Nada — disse Yoshie.

— Lembrou-se do dinheiro para a excursão da escola? O prazo era até amanhã — disse Miki. Yoshie, que se esquecera completamente da tal excursão, pareceu perplexa.

— Quanto era mesmo? — indagou.

— Oitenta e três mil.

Yoshie engoliu em seco.

— Era tanto assim mesmo?

— Eu avisei! — Miki gritou, subitamente furiosa. Yoshie ficou em silêncio perguntando-se onde poderia conseguir tanto dinheiro, enquanto Miki vestiu-se rapidamente e foi para a escola. Sem dúvida, pensou, sentindo-se ainda mais deprimida, precisava de mais dinheiro.

— Yoshie — a sogra clamou com impaciência na voz. Yoshie dobrou a fralda que acabara de lavar e entrou no quarto dos fundos. Depois de sofrer para tirar-lhe a camisola suja e vestir uma limpa, deu-lhe o desjejum e voltou a trocar-lhe a fralda. Já eram quase nove da manhã quando Yoshie terminou de lavar a montanha de roupa suja e, enfim, deitou-se em seu *futon* ao lado do de sua sogra. As duas costumavam dormir até por volta de meio-dia, quando a velha acordava e fazia escândalo para que Yoshie lhe preparasse o almoço.

Yoshie dormia poucas horas por dia. À tarde, mal era capaz de tirar um cochilo entre os intervalos dos cuidados com a sogra, e depois, à noite, dormia um pouco mais antes de ir para a fábrica. Na melhor das hipóteses

conseguia reunir apenas cerca de seis horas fragmentadas de sono, que mal lhe eram suficientes para seguir vivendo. Era sua rotina diária, porém, tinha consciência de que em breve chegaria o momento em que não aguentaria mais.

Embora o dia de receber fosse somente no final do mês, resolveu ligar para o setor encarregado da folha de pagamento da fábrica para perguntar sobre a possibilidade de retirar um vale.

— Lamento, mas não fazemos exceções. — O tom de voz do gerente de contas foi seco.

— Eu sei — disse Yoshie. — Mas já trabalho aí há muito tempo.

— É verdade, mas os procedimentos devem ser respeitados — explicou, rejeitando-lhe o pedido sem o mínimo de amabilidade. — E a propósito, sra. Azuma, a senhora precisa começar a tirar pelo menos um dia de folga por semana, ou enfrentaremos problemas com o Ministério do Trabalho.

— Entendi — Yoshie respondeu. Ultimamente andava trabalhando sete dias por semana para receber hora extra.

— A senhora recebe pensão, não recebe? Se ultrapassar o permitido, eles não pagam mais. — Inesperadamente Yoshie viu-se pedindo desculpas e baixando a cabeça ao desligar o telefone. Agora restava-lhe apenas seu último refúgio: Masako. Quantas vezes será que já havia lhe pedido ajuda em uma emergência?

— Alô — falou a voz rouca. Parecia haver acabado de acordar.

— Sou eu — disse Yoshie. — Acordei você?

— Ah, a Capitã. Não, já estava levantando mesmo — tranquilizou-a.

— Queria lhe pedir um favor, mas precisa me dizer a verdade se não puder atendê-lo.

— Eu digo — Masako a satisfez. — O que é? — Yoshie hesitou, perguntando-se se a amiga seria mesmo franca com ela. Mas era Masako. Mais de uma vez na fábrica ficara maravilhada com sua sinceridade, com sua falta de simulação.

— Queria saber se poderia me emprestar um dinheiro — enfim, revelou.

— Quanto?

— Oitenta e três mil. É para a excursão da turma de Miki, e estou sem um centavo.

— Não há problema algum — Masako respondeu. Embora tivesse certeza de que a própria Masako não poderia abrir mão tão facilmente daquele dinheiro, encantou-se com a concordância espontânea.

— Obrigada — agradeceu. — Não sabe o quanto me sinto grata.

— Vou dar um pulo no banco e à noite eu levo — disse Masako. Yoshie chegou a ficar paralisada de tanto alívio. Era humilhante ter de pedir dinheiro emprestado, mas a alegrou saber que tinha uma amiga como Masako.

Acabara de cair no sono com a cabeça sobre a mesinha quando a campainha tocou. Masako estava de pé à entrada com seu rosto escuro refletindo o pôr do sol.

— Oi — Masako cumprimentou-a. — Fiquei pensando e imaginei que não fosse querer deixar o dinheiro largado lá pela fábrica, então, achei melhor trazê-lo aqui. — Ela lhe entregou o envelope do banco. Sem dúvida a ideia lhe ocorrera enquanto efetuava o saque, e se dera ao trabalho de ir à casa de Yoshie para entregar-lhe o dinheiro. Aquilo era bem típico de Masako, tão sensível. Mas além disso Yoshie também percebeu que era uma grande gentileza, já que Masako entendera que ela não iria querer que a vissem pegando dinheiro emprestado na fábrica.

— Obrigada. Devolvo no fim do mês.

— Não tenha pressa.

— Não, sei que também tem dívidas.

— Não se preocupe — Masako tranquilizou-a com um sorriso discreto. Yoshie olhou para ela com uma expressão que parecia de espanto, já que raramente se permitia ver sorrir no trabalho.

— Mas... — ela gaguejava.

— Não se preocupe, Capitã — Masako repetiu, dando fim ao debate. Subitamente a expressão assumiu um ar de seriedade e uma pequena linha vertical, talvez uma cicatriz, fez-se perceber próxima à sobrancelha direita. Yoshie tinha consciência de que a marca era um sinal de que Masako também tinha preocupações, mas tal pensamento fez com que se sentisse constrangida. Não fazia ideia do que poderia estar povoando a

mente da amiga e temia que, mesmo que viesse a saber, fosse algo que uma mulher comum como ela não conseguiria compreender.

— Por que uma pessoa como você trabalha em um lugar daqueles? — perguntou de repente.

— Deixe de besteira — Masako repreendeu-a. — Então até mais tarde — acrescentou. Com um aceno rápido, virou-se e caminhou de volta ao Corolla vermelho que deixara estacionado na avenida principal.

Pouco antes que ela sumisse de vista, Miki apareceu voltando da escola. Yoshie entregou-lhe o envelope assim que passou pela porta.

— Tome o dinheiro — disse.

— Quanto? — Miki perguntou, pegando o envelope como se não esperasse nada menos do que pedira e dando uma rápida olhadela em seu interior.

— Oitenta e três mil.

— Obrigada. — Miki guardou sem cuidado algum o envelope em um bolso de sua mochila preta. Vendo de relance o olhar de satisfação da filha, repentinamente Yoshie teve a sensação de que fora enganada, de que o preço verdadeiro da excursão seria relativamente menor que o do envelope. Mas como sempre seu instinto era não encarar os fatos. Miki não tinha motivo para mentir para ela, já que sabia das dificuldades da família. Como seria capaz?

4

Os olhos de Mitsuyoshi Satake estavam fixos nas pequenas bolinhas prateadas em movimento. Espalhara-se a notícia de que chegariam novas máquinas e ele acordou cedo para entrar na fila e jogar em uma delas. Naquele momento, já estava lá havia três horas, portanto, era hora de receber alguma compensação. Só precisava ter paciência. Talvez por ter dormido tão pouco seus olhos ardiam enquanto fitava a máquina com todas aquelas luzes brilhantes. Resgatou um frasco de colírio da bolsa italiana de couro que estava repousada à sua frente e, dando um descanso momentâneo à sua mão de maior atividade no jogo, pingou uma gota em cada olho. Conforme o remédio infiltrava-se por seus olhos ressequidos, começou a verter lágrimas, e Satake, que poucas vezes chorara desde os tempos de bebê, sentiu certo prazer com o líquido morno que lhe escorria pelas bochechas. E deixou as lágrimas fluírem, resistindo à extrema necessidade de enxugá-las.

Na máquina ao lado uma mulher de mochila às costas olhou de relance para o rosto dele riscado pelas lágrimas. Satake enxergou nela uma certa expressão de curiosidade e uma leal indisposição em se envolver com um sujeito vestido com tanto espalhafato como ele. Por trás das lágrimas, voltou a olhar-lhe as bochechas macias e concluiu que ela mal deveria ter chegado aos vinte. Já estava acostumado a avaliar mulheres assim, sem precisar fazer contato.

Satake tinha quarenta e três anos. Os cabelos cortados à escovinha pouco cobriam-lhe a cabeça atarraxada sobre um pescoço grosso e, abaixo dele, um corpo bem forte — uma aparência geralmente amedrontadora — mas os olhos transmitiam certa inteligência, inclinados nos cantos. O nariz lhe era bem formado, e as mãos, lindas. A incoerência entre o corpo robusto e a delicadeza das mãos e do rosto era, no mínimo, estranha.

Com uma de suas lindas mãos, Satake puxou um lenço de marca do bolso da calça preta, que fora precisamente feita sob medida, e tocou ligeiramente os olhos. Percebendo as pequenas manchas desenhadas pelas lágrimas na seda negra da blusa feita por encomenda, tocou ligeira e

cuidadosamente o lenço sobre elas também. As roupas vistosas e os mocassins da Gucci, que usava sem meias, eram simplesmente seu traje de trabalho, o equivalente para ele do terno formal ao lado do qual aquela jovem da máquina ao lado se sentiria mais à vontade.

Ele olhou de relance para o Rolex de ouro maciço em seu pulso. Eram quase duas em ponto. Hora de ir embora. Mas logo que olhou para baixo, para as bolas que lhe restavam e começou a juntar suas coisas, a sorte engatou: um jorro de bolinhas do *pachinko* imediatamente entraram na caçapa e seguiram pelo tabuleiro.

— Merda! — exclamou sem pensar, chateado com o momento para acertar a jogada. Cutucou a mulher que estava ao lado, que olhou para ele ligeiramente alarmada. — Tenho que ir embora — disse. — Pode ficar com elas se quiser.

— Obrigada — ela murmurou, fazendo uma expressão agradecida e assustada ao mesmo tempo. Ficou óbvio que ela não mexeria sequer uma palha para ficar com as bolas até que tivesse certeza de que ele iria mesmo embora. Abrindo um sorriso entristecido, ele recolheu a mochila e se pôs de pé. Conforme caminhava pelo corredor do fliperama, entre as ensurdecedoras máquinas de *pachinko* que chamavam ainda mais a atenção devido à pesada batida do rap despejada pelos alto-falantes, refletia sobre como devia ser sua aparência para as jovens de hoje em dia.

Já na rua, depois de passar pelas portas automáticas, foi recebido por uma nova gama de sons: caixas acústicas anunciavam o próximo show de uma casa de espetáculos, camelôs nas esquinas apregoavam seus produtos ruins, e uma música bem popular gritava em um estúdio de caraoquê. Enquanto de certa forma era reconfortante que se afundasse naquele ambiente conhecido de Kabuki-cho, tinha uma vaga ideia de que não precisava estar ali. Olhando para cima, para o prateado do céu nublado, visível em meio aos edifícios encardidos, perguntou-se se aquele calor úmido e opressivo ainda continuaria.

Enfiou a mochila debaixo do braço e partiu em ritmo rápido, mas ao passar pelo Teatro Koma, notou que havia um chiclete preso à sola de couro de seu mocassin. Deteve-se por um instante para tentar raspá-lo usando o meio-fio, mas o chiclete, derretido por causa do calor, não desgrudava. Àquela altura Satake já estava extremamente irritado. Até a calçada estava pegajosa e ostentava manchas escuras, lembranças dos comes e bebes consumidos e depois deixados para trás pela garotada que

se reunia no bairro à noite. Conforme Satake caminhava cuidadosamente por entre toda aquela sujeirada, quase trombou com uma fila de senhoras que aguardavam um concerto no teatro. Erguendo a mão, tentou cortar por entre as senhoras, que distraídas em suas conversas não o notaram. Por um instante não acreditou naquilo, mas então sorriu e deu a volta pelo fim da fila. Não havia sentido algum em se irritar com desconhecidas. Não, o chiclete, no momento, era um problema maior.

Um sujeito entregando folhetos, outro fazendo propaganda de alguma espécie de show de mulheres, e um bando de colegiais barulhentas e indecentes — todos abriram espaço para Satake passar. Conheciam bem o bastante as ruas para perceber os sinais de risco que ele emanava. Guardando as mãos nos bolsos, ele entrou por uma rua que o levaria para longe daquela agitação toda. Em seu rosto, uma expressão de irritação.

A boate de Satake, “Mika”, situava-se em um edifício que ficava de frente para uma ruela que levava à região administrativa do bairro. Subindo a escada aos saltos, abriu a porta preta que ficava ao fim da passagem do segundo andar. Com todas as luzes acesas, a saleta era artificialmente mais iluminada que o lívido vislumbre da luz do dia que entrava pelos vidros cobertos de gelo das janelas, ostentando desenhos que pareciam vagamente gregos. Uma mulher estava sentada a uma mesa próxima à porta e esperava por Satake. Ela estava ciente do quanto ele detestava que o deixassem esperando e portanto, viera cedo.

— Obrigado por encontrar-se comigo aqui — agradeceu.

— Tudo bem — ela respondeu. Reika Cho era natural da ilha de Formosa. Embora seu sotaque às vezes fosse um pouco estranho, seu japonês era perfeito, o que foi um dos motivos pelos quais Satake aceitou fazer dela administradora de sua boate. Já estava perto dos quarenta, mas ostentava uma pele branca e macia, e gostava de usar blusas com decotes generosos. Sua maquiagem limitava-se a um fio de um batom vermelho brilhante. Ao redor do comprido pescoço branco exibia um intricado pingente de jade e um grande medalhão dourado. Aparentemente havia acabado de acender um cigarro quando Satake entrou, e agora soltava uma grande baforada de fumaça enquanto saudava-o discretamente com um meneio de cabeça.

— Lamento incomodá-la. Tenho consciência do quanto é ocupada — disse ele.

— Que nada... — fez pouco caso. — O que poderia ser mais importante do que uma reunião com Satake-san? — Havia um certo flerte em seu tom de voz, mas Satake resolveu ignorá-lo e sentou-se à frente dela. Então, deu uma olhada por sua boate com ar de satisfação. A pintura da casa tinha como base um matiz escuro de cor-de-rosa, e o mobiliário era todo no estilo rococó. Havia uma máquina de caraoquê próxima à entrada e um piano branco cercado por quatro mesas. Em um nível inferior, mais para trás, mais doze mesas. A casa era relativamente grande, considerando-se todos os aspectos, e ostentava uma alusão à velha Xangai.

Reika entrelaçou os dedos pálidos e finos à sua frente e olhou para Satake. Uma de suas mãos tinha o adorno de um grande anel de jade. Com o objetivo de baixar-lhe a guarda, em vez de abordar a questão que motivara o encontro, Satake apontou na direção dos vasos de flores que habitavam o ambiente.

— Reika-san, devia saber que não se pode esquecer de trocar a água das flores. — Os vasos abrigavam ramalhetes extravagantes de lírios, rosas e orquídeas, mas a água já ficara turva, e as flores, murchas.

— Oh! Claro, perdão — disse Reika, acompanhando os olhos dele pelo local.

— Devia pelo menos ser capaz de cuidar disso — ele acrescentou como se fizesse uma brincadeira, embora secretamente a reclamação tivesse sustentação suficiente. Em compensação, no tocante aos outros aspectos da administração da boate, ela era bastante eficiente.

— Mas qual é o assunto que o senhor quer discutir? — ela perguntou, abrindo um sorriso alegre e parecendo querer mudar de assunto. — É a respeito das notas fiscais?

— Não, é sobre um freguês. Anda enfrentando algum problema ultimamente?

— Que espécie de problema? — Reika perguntou. Ele conseguia até enxergar as engrenagens girando dentro da cabeça dela.

— Foi algo que Anna me contou — Satake revelou, inclinando-se para a frente ao perceber que ela ficara ligeiramente tensa. Anna Ri, de Xangai, era a melhor garçonete da Mika, e seu atrativo principal. Reika sabia que Satake cuidava especialmente dela e escutava o que ela dizia.

— E o que ela lhe contou? — perguntou.

— Há um freguês chamado Yamamoto?

— Vários deles chamam-se assim... Ah, espere aí. Já sei a quem se refere. — Reika concordava com a cabeça, como se subitamente houvesse recordado. — Acredito que seja um admirador de Anna.

— É o que ela afirma. E não tem problema algum, contanto que pague o que deve, mas parece que anda também esperando-a do lado de fora da boate e seguindo-a pela rua.

— É mesmo?! — Reika exclamou, inclinando-se para trás para enfatizar sua surpresa.

— E ontem ela me ligou dizendo que ele, de alguma forma, descobriu onde ela mora e apareceu em seu apartamento — Satake completou.

— Agora que o senhor falou, de fato ele está um pouco atrasado em relação às contas — Reika falou, com crescente consternação.

— Já a havia alertado quanto a esses babacas com olhos grandes demais para suas despesas. Da próxima vez que ele aparecer, encontre uma maneira de mandá-lo embora. Não quero que Anna acabe se encantando por um infeliz desses.

— Entendi — disse ela. — Mas o que digo a ele?

— Isso é você que resolve. Faz parte do seu trabalho — Satake respondeu. A repulsa parecia incitá-la, e sua expressão alterou-se. Seus lábios apertaram-se até parecerem uma ruga quase invisível.

— Entendi — repetiu. — Darei ordens bem específicas quanto a isso ao gerente da área comum. — O referido gerente era um jovem da ilha de Formosa que tirara os dois últimos dias de folga devido a um resfriado.

— E quando Anna já não tiver mais clientes, chame um táxi para levá-la para casa.

— É o que farei — disse Reika, sacudindo ligeiramente a cabeça. Como a conversa chegara ao fim, Satake emitiu um grunhido e se levantou para ir embora. Ela o acompanhou até a porta como se ele fosse um dos fregueses.

— E Cho-san — disse ele — não se esqueça do que falei sobre as flores. — Conforme a via sorrir duvidosamente em resposta, percebeu que logo teria que começar a procurar uma administradora melhor. Já com as garçonetes a história era diferente. Todas haviam sido escolhidas levando-se em conta a beleza e a juventude, e uma certa classe que davam a casa. Para Satake, não eram nada além de mercadorias vivas. Mas era à administradora que cabia o aspecto comercial.

Deixando a Mika, Satake subiu a escada para chegar a outro estabelecimento no piso superior e ficou de pé à porta. Este se chamava “Playground” e tinha mesas de bazar. Ali também empregara um administrador que trabalhava em horário integral, e Satake, sendo o dono, aparecia por lá poucas vezes por semana. Havia cerca de um ano que o salão de majongue acima da Mika falira. Satake alugou o espaço e abriu um clube de bazar que funcionava depois do expediente para os fregueses da Mika. Como não tinha licença para jogos de azar, não podia fazer propaganda, e nunca tivera intenção de que aquilo fosse nada além de uma opção secundária. De alguma forma a notícia se espalhou e o clube tornou-se uma sensação. Satake começara de forma discreta, com duas pequeninas mesas de bazar, mas como o público crescia a cada dia, contratou vários crupiês profissionais, colocou uma mesa grande, e abria toda noite das nove até amanhecer. Agora o dinheiro estava entrando.

Satake enrolou cuidadosamente o fio solto do luminoso branco e lustrou a maçaneta de bronze com seu lenço, contudo resistiu à necessidade que sentia de entrar e realizar uma inspeção abrangente como fazia na Mika, afinal, ali era um clube de jogo de azar, um de seus projetos prediletos, e também uma mina de ouro. O telefone celular que estava na pasta sob seu braço começou a tocar.

— Cadê você, meu amor? Preciso fazer o meu cabelo. — O japonês de Anna não era sempre perfeito, mas apesar disso era uma graça. Ninguém a ensinara a falar daquele jeito, aprendera naturalmente, mas era evidentemente um instrumento maravilhoso que fazia com que os homens obedecessem aos seus comandos.

— Perdão — disse ele. — Fique bem quietinha que já estou chegando. — Quase trinta garçonetes chinesas trabalhavam para ele, mas tanto a beleza de Anna quanto sua inteligência faziam com que se destacasse. E estava prestes a arrumar para ela o benfeitor perfeito. Todos os fregueses dela até ali haviam sido selecionados a dedo, e não iria permitir que um babaca insistente qualquer, e ainda por cima sem dinheiro, entrasse na vida dela e arruinasse seus planos.

Satake saiu de Kabuki-cho e voltou à Mercedes branca que havia estacionado ali perto. Até o apartamento de Anna, em Okubo, levaria dez minutos. Embora o edifício fosse novo, não havia segurança alguma no saguão de entrada. Se o tal sujeito estivesse mesmo a persegui-la, ela

provavelmente teria de deixar aquele apartamento. Satake tocou a campainha do sexto andar.

— Sou eu — disse ao interfone.

— Está aberta — respondeu uma voz baixa e graciosa. Quando abriu a porta, uma miniatura de poodle com uma aparência bastante frágil ficou saracoteando e latindo em volta de suas pernas. Aparentemente o bicho escutara-o chegar e ficara esperando por ele. Ele não gostava daquele cachorro, mas Anna o adorava, então precisava ao menos fingir que o tolerava. Satake empurrou-o para trás com a ponta do sapato.

— Não acha que está sendo um pouquinho relaxada demais não trancando a porta? — perguntou.

— Como assim, “relaxada”? — Anna gritou do quarto. Satake resolveu não responder. O cãozinho retorcia-se de prazer a seus pés e ele o provocava com o sapato enquanto a aguardava. O corredor do apartamento estava repleto de fileiras de sapatos de diversas cores e tamanhos. Satake é que os havia colocado em alguma ordem para que ela conseguisse encontrar o par desejado quando chegasse a hora de sair.

Enfim, Anna apareceu exibicionista como sempre. Os compridos e ondulados cabelos negros haviam sido puxados para trás para fazer um rabo de cavalo. Os olhos escondiam-se atrás dos óculos escuros da Chanel. Trajava uma camiseta larga com bordados de lamê que caía-lhe sobre a calça de malha de pele de leopardo. Mesmo escondida atrás dos grandes óculos escuros, logo tornava-se óbvio que sua pele perfeita não precisava de maquiagem. Satake analisou-lhe o rosto, percebendo novamente os lábios grossos e levemente curvados que tanto instigavam a maioria dos homens.

— No mesmo lugar de sempre? — perguntou.

— Ahn-hã. — Ela calçou os pés em um par de chinelos enfeitados, exibindo o esmalte vermelho das unhas pela frente aberta. A esta altura o cão já se dera conta de que seria deixado para trás e havia colocado-se de pé, apoiado sobre as pernas traseiras, e começara a latir freneticamente.

— Ora, Jewel — disse ela, como se repreendesse uma criança. — Esse comportamento é desnecessário.

Saíram do apartamento e esperaram o elevador. Anna geralmente levantava-se pouco depois do meio-dia e saía para fazer compras ou fazer tratamentos de beleza. Depois fazia o cabelo, comia alguma coisa bem leve e se arrumava para ir para a Mika. Sempre que não estava ocupado,

Satake a levava de carro, por precaução, caso alguém aparecesse para agarrá-la enquanto ele não estivesse olhando. Quando entravam no elevador o telefone celular dele voltou a tocar.

— Satake-san?

— Kunimatsu? É você? — Kunimatsu era o administrador da Playground. Satake olhou ligeiramente para Anna, e, por um instante, ela retribuiu o olhar, apenas para logo depois desviá-lo com um evidente desinteresse e se ocupar com um vidro de esmalte que era da mesma tonalidade do que ela passara nas unhas dos pés. — O que é que você manda? — Satake perguntou ao telefone.

— Queria que me desse um conselho sobre um assunto. Está muito ocupado hoje? — A voz aguda de Kunimatsu ecoava pelo pequeno elevador e Satake afastou o celular do ouvido para responder.

— Claro — disse ele. — Agora estou saindo para levar Anna até o salão de beleza e terei algum tempo enquanto ela fica por lá.

— Onde estará? — Kunimatsu perguntou.

— Em Nakano. Por que não nos encontramos por lá? — Depois de combinar hora e local, Satake desligou. O elevador chegou ao térreo e Anna, saindo à frente, virou-se para olhar para ele timidamente.

— Meu bem, você conversou com Cho-san sobre aquele probleminha? — ela perguntou.

— Avisei-lhe que não permitisse mais a entrada dele na boate. Preocupe-se apenas em fazer o seu trabalho e esqueça essa história.

— Está bem — disse ela, olhando para ele por sobre os óculos de sol. — Mas mesmo que ele não vá à boate, ainda pode vir aqui — reforçou.

— Não se preocupe — ele repetiu. — Vou ficar de olho.

— Mas acho que ainda assim quero me mudar — ela reivindicou.

— Está bem. Se ele não parar, vou pensar nisso.

— Que bom — disse.

— Como ele é? — Satake perguntou. Era raro ele aparecer na Mika.

— Ele fica tão irritado se tentam dar-lhe qualquer uma das outras... — Anna fez uma careta. — Sempre arruma encrenca e há pouco parou de pagar o que gasta e pediu crédito. Como eu detesto isso! Todo mundo sabe das regras que regem essas coisas, até mesmo em um estabelecimento como o nosso — terminou o discurso enquanto se abaixava para entrar na Mercedes. Anna podia até parecer uma linda bonequinha, mas por dentro era uma jovem forte de Xangai. Viera para o Japão havia quatro anos para

estudar japonês e, mesmo hoje em dia, seu visto dá a entender que ainda deveria estar frequentando um curso de idiomas.

Depois de deixar Anna na cabeleireira, Satake partiu em direção ao café onde combinara de se encontrar com Kunimatsu, que já chegara e agora acenava discretamente de uma mesa nos fundos.

— Agradeço que tenha vindo — disse, abrindo um sorriso simpático enquanto Satake sentava-se sobre o sofá, afundado. De blusa polo e calça social, Kunimatsu, ainda não chegara aos quarenta, parecia mais um instrutor de uma academia de ginástica do que um administrador de um cassino, embora, na verdade, já estivesse no ramo há bastante tempo. Satake o recrutara em um clube de majongue em Ginza onde passara alguns anos como gerente júnior.

— E então, qual é o problema? — ele perguntou, acendendo um cigarro.

— Provavelmente nem deve ser tão importante quanto estou achando — Kunimatsu começou. — Mas estou um pouco preocupado com um de nossos clientes.

— Preocupado com quê? — Satake perguntou. — Acha que é da polícia? — Nesse ramo, todo cuidado é pouco para não chamar atenção. Se a notícia de que a Playground estava faturando muito se espalhasse era bem provável que a polícia quisesse fazer dela um bode expiatório para todas as outras casas de jogos de azar.

— Não, não, não é nada disso — disse Kunimatsu, mexendo nervosamente os dedos compridos. — É um sujeito que anda frequentando a casa praticamente todas as noites nos últimos dias e tem perdido bastante dinheiro.

— Ninguém que joga baccará toda noite vence. — Satake deu uma risada. Kunimatsu também ria ao mesmo tempo que mexia seu suco de laranja com o canudo. Nenhum dos dois bebia. Satake sorveu um gole do café com leite gelado que estava à sua frente. — E quanto ele já perdeu? — Satake perguntou.

— Cerca de quatro ou cinco milhões nos últimos dois meses. Nem é tanto assim na verdade, mas quando eles começam assim, não costumam parar.

— Mas as apostas são pequenas, não são? Então, o que é que está deixando você preocupado? — Satake perguntou.

— Bem, é que em uma noite dessas, de repente ele começou a pedir que a casa lhe emprestasse dinheiro — Em geral o clube de Satake operava rigorosamente apenas com apostas em dinheiro, mas em raras ocasiões adiantava algumas centenas de milhares de ienes para algum cliente frequente, mas nada além disso. Ele deve ter visto alguém utilizando esse serviço.

— Então, não lhe dê conversa — Satake respondeu. — Expulse-o.

— Foi exatamente o que fiz. Usei de bastante educação, mas deixei claro que ele não era bem-vindo. Ele arrumou a maior confusão antes de ir embora.

— É um merda — disse Satake — O que ele faz na vida?

— Trabalha em uma pequena empresa qualquer. Na verdade, sequer teria pensado em incomodá-lo com isso, só que tive a sensação de que ele andava passando lá pela Mika também, então liguei para Cho-san, que me contou que ele também está proibido de entrar lá.

— É o Yamamoto... Mulher e dinheiro. — Satake suspirou e apagou o cigarro. Muitos homens derretiam-se por suas belas e jovens garçonetes chinesas, mas quando o dinheiro acabava, costumavam recuperar a razão e desistiam delas. Só que aquele sujeito parecia estar tentando ganhar no bazar para poder continuar a ter contato com Anna. Ou talvez tenha subitamente se dado conta do quanto gastara com ela e tentava recuperar uma parte. O que quer que fosse, Yamamoto estava emocionalmente descontrolado, e Satake já havia visto bastante gente como ele para saber que nem a mulher e nem o jogo lhe davam mais qualquer prazer. Era bem provável que nem tivesse intenção de causar tanto problema, mas Satake sentia o perigo tanto para Anna quanto para o seu empreendimento.

— Se ele voltar a aparecer, posso dizer-lhe que o dono da casa quer levar um papinho com ele? — Kunimatsu perguntou.

— Está bem. Ligue para mim caso ele apareça, mas acho que não vai entender a situação, mesmo que seja eu a explicá-la.

— Não, garanto que quando ele vir que o dono do estabelecimento parece um membro da yakuza, nunca mais vai aparecer. — Satake riu discretamente da piadinha, mas seus olhos escuros não se alteraram. — Sabe, a verdade é que quando o senhor quer, sabe deixar a pessoa com muito medo. — Kunimatsu seguiu falando, aparentemente abstraído.

— Acha mesmo? — Satake perguntou.

— Essas roupas, esse jeito do senhor... ele vai sair correndo.

— O que provoca tanto medo?

— Bem, o senhor tem uma aparência até bastante simpática, mas tem uma coisa um pouco... perturbadora... — Naquele momento o celular que estava dentro da bolsa de Satake tocou, como se servisse para desencorajar a risada de Kunimatsu. Era Anna.

— Meu bem, meu tempo chegou ao fim — disse ela. As palavras, aquelas mesmas palavras... com a lembrança, Satake foi tomado por uma emoção.

A mulher ficou ofegante sob seu corpo pesado. Ele se esfregava contra o corpo dela, lubrificado pelo líquido quente e viscoso, mas conforme ela ficava cada vez mais gelada, ele sentia como se estivessem colados. Ela parecia alternar entre agonia e êxtase, mas enfim, Satake apertou os lábios contra os dela para lhe acalmar os gemidos — de dor ou de prazer — que transbordavam de sua boca. Ele encontrou o buraco que havia feito no lado do corpo dela e afundou-lhe o dedo na cavidade. Jorrava sangue do ferimento, tingindo-lhes o sexo com um carmesim repulsivo. Sua vontade era penetrar ainda mais, fundir-se a ela. Seu orgasmo se aproximava, e ele desfez a união de seus lábios enquanto ela sussurrava-lhe ao ouvido:

— Meu tempo chegou ao fim... chegou ao fim.

— Eu sei — foi o que ele disse, e ainda era capaz de escutar o som exatamente igual de sua própria voz.

Satake já matou uma mulher.

Quando estava no ensino médio, brigou com o pai e saiu de casa para nunca mais voltar. Passou um tempo ganhando a vida em jogos de majongue até que um membro de gangue de uma das famílias da yakuza o tomou sob sua proteção. Seu protetor enriquecia com a máfia da prostituição e do tráfico de drogas de Shinjuku, e Satake assumiu a função de garantir que nenhuma das mulheres resolvesse abandonar o barco. Um dia, no entanto, algo de ruim aconteceu. A gangue descobrira que uma mulher andava recrutando as garotas deles para outra gangue e ordenaram que Satake fosse dar-lhe uma surra, mas em vez disso, acabou assassinando-a. À época tinha 26 anos. Passou os sete seguintes na cadeia

devido ao crime, algo que nem mesmo Anna sabia, e muito menos Kunimatsu ou Cho-san. Sua ficha criminal foi o que o convenceu a manter a discrição sobre os negócios e contratar Cho e seu subalterno de Formosa para a Mika, e Kunimatsu para o cassino.

Agora, quase vinte anos depois, ainda era capaz de se relembrar de todo o incidente em seus mínimos detalhes: o som da voz dela, a expressão em seu rosto no momento de sua morte, a sensação de seus dedos arranhando-lhe as costas, o arrepio que lhe descia à espinha... O fato é que ninguém nunca conhece de verdade o próprio limite até matar alguém — não existia nada igual àquilo. É claro que existia uma profunda sensação de culpa, mas Satake também descobrira em si mesmo uma tendência a gostar de provocar dor, assim como o prazeroso desafio frente à proximidade da morte.

— Você exagerou um pouco. — Os outros membros da gangue olharam com desgosto quando viram o que ele havia feito, embora eles já estivessem bastante acostumados com tanta violência. Satake nunca se esqueceria da expressão de repugnância deles, mas no final das contas convenceu-se de que ninguém seria capaz de compreender o que houve entre os dois.

Enquanto esteve preso foi perseguido pela lembrança de torturá-la até a morte, mas o que o atormentava não era tanto a culpa, mas o desejo de voltar a fazer tudo aquilo. No entanto, ironicamente, quando enfim foi solto, ficara totalmente impotente. Somente alguns anos depois veio a se dar conta de que a intensidade do momento em que a assassinara de alguma maneira blindara-o para as experiências mais mundanas. A impressão que ficou foi de que quando a pessoa passa a ter consciência dos próprios limites ela se fecha para o conhecimento, e desde então Satake vinha sendo extremamente cuidadoso para não desfazer tal distanciamento. Ninguém era capaz de entender de verdade quanto autocontrole era necessário, ou a solidão que aquilo acarretava. Ainda assim, já que nunca conseguiam enxergar esse lado oculto, as mulheres aproximavam-se dele com a guarda desprotegida e tornavam-se seus animaizinhos de estimação. E como lhes faltava a capacidade de lhe perturbar o sonho tão bem guardado, seguiam sendo nada além de adoráveis animaizinhos de estimação.

Satake sabia que a única mulher que algum dia poderia ser capaz de compreendê-lo de verdade, a única capaz de tentá-lo — para o céu ou para

o inferno — era aquela que matara. Portanto, só era capaz de ficar com uma mulher em seus sonhos. Apenas em sonho seria capaz de viver novamente aquela intensidade. Mas aquilo já era o bastante. E por viver somente em seus sonhos, nenhum outro cafetão era tão atencioso quanto ele. Satake mantinha o rosto da mulher que liquidara trancafiado a sete chaves em sua mente, um rosto que jamais vira antes do dia em que se conheceram. Mas no final, o ocorrido fez dele um homem cheio de amargura. E embora não tivesse qualquer desejo de voltar algum dia a abrir aquela porta que trancara em seu inferno particular, agora, com aquelas meras palavras que saíram da boca de Anna, fora arrombada de vez. Satake enxugou rapidamente o suor que lhe umedecia a testa, torcendo para que Kunimatsu não houvesse percebido.

Quando chegou ao salão de beleza, Anna o esperava do lado de fora. Ele abriu a porta e aguardou que ela entrasse. Ao ver o que ela escolhera fazer com os cabelos, amontoados sobre a cabeça bem ao estilo dos anos 1970, Satake riu alto.

— Voltei ao passado agora — disse ele. — Todas as mulheres arrumavam os cabelos assim quando eu era criança.

— Isso é de outra era — Anna comentou.

— Há mais de vinte anos, antes de você nascer — falou. Satake passou um instante a estudá-la. Era de certa forma um milagre que uma mulher pudesse ser tão linda e ter uma boa cabeça sobre os ombros. E bastante coragem. Ultimamente também começara a exhibir sinais do orgulho que sentia por ser a predileta de Satake, uma espécie de descontrole sem igual. Particularmente ele até sentia certa compaixão pelos homens que caíam de amores por ela. Enquanto saía com a Mercedes de perto do meio-fio, percebeu-se olhando fixamente para a costura da calça justa que ela vestia, que entrava por sua coxa. A carne era macia, porém elástica, efeito sublime da luxúria.

— Nunca deixe de ser tão linda assim — ele disse, enfim. — Eu cuido do resto. — Ele tinha consciência do quanto a beleza era efêmera, e que quando ela envelhecesse teria de sair à caça de uma nova Anna. O que disse foi para reconhecer isso.

— Então terá que dormir comigo pelo menos uma vez — disse Anna, com um tom de voz sedutor e quase sério. Satake tinha consciência de que

os funcionários de seus estabelecimentos, ignorantes em relação ao seu passado, tinham-lhe como uma pessoa apagada.

— Não sei não. — Ele entrou na dança. — Como produto, você é valiosa demais.

— Sou um produto? — ela perguntou.

— É, sim — disse ele. — Um brinquedinho lindo. Um brinquedo dos sonhos. — Por algum motivo a palavra “brinquedo” levou Satake a se lembrar da outra mulher, mas se distraiu por um tempo com os faróis do carro da frente e aquele pensamento foi embora. — Um brinquedinho muito caro, com o qual apenas homens ricos podem brincar.

— Mas e se eu me apaixonar? Daí talvez outra pessoa possa ficar comigo.

— Não vai se apaixonar — Satake disse, olhando para aquela nova Anna, mais assertiva.

— Vou sim — ela respondeu, esticando o braço e envolvendo a mão de Satake com a sua, que repousava sobre o volante. Imediatamente ele voltou a mão à superfície macia de sua coxa. Satake vivia em meio ao abraço secreto de uma lembrança tenebrosa e a única mulher de que precisava não estava viva. Sua principal fonte de satisfação agora era disponibilizar uma série de lindos brinquedinhos para homens que os quisessem. Por isso a preocupação com o sucesso de seus dois estabelecimentos. Por isso a necessidade de resolver o assunto em questão: livrar-se do tal homem chamado Yamamoto.

Naquela noite, enquanto aprontava-se para sair de seu apartamento na zona oeste de Shinjuku, Satake recebeu um telefonema de Kunimatsu.

— Yamamoto está aqui — disse. — Quer apostar uns vinte ou trinta mil. O que faço? Coloco-o porta afora?

— Não, deixe que jogue. Já estou chegando. — Satake vestiu uma blusa sem colarinho e um terno cinza de marroquim que acabara de mandar fazer, e deixou o apartamento. Depois de estacionar o carro em um local de treinamento de rebatidas de beisebol em Shinjuku, olhou primeiro para o interior da Mika. Anna o avistou de sua mesa nos fundos e acenou. A expressão em seu rosto era a mesma de sempre que estava trabalhando: sensual, porém, de alguma forma, absolutamente inocente. Como se não quisessem ser superadas por Anna, as outras também estavam

formidáveis. Satisfeito por tê-las aprovado na inspeção da tropa, convocou Cho-san. Ela saiu do outro extremo da boate, saudando discretamente os fregueses, e pôs-se de pé ao lado dele.

— Obrigado por garantir este tempo — ele agradeceu. — E obrigado por colocar Kunimatsu a par da situação do tal sujeito.

— Certamente. Não havia me dado conta de que ele também andava frequentando lá em cima.

— E não tem mais sorte lá em cima — disse Satake. Cho permitiu-se emitir risadinhas graciosas. Com seu vestido verde claro em estilo chinês, ela parecia mais jovem, mas ainda assim, de alguma maneira, mais confiável que de costume. Mas ao olhar em volta, para os vasos, ele percebeu que a água permanecia turva e que as flores estavam ainda mais murchas. Sem dizer nada, contudo, se retirou, já ansioso para ver quem era o tal Yamamoto que andava atrás de Anna.

Subindo para o terceiro andar, pôs-se de pé à porta da Playground. Havia avisado a Kunimatsu que deixasse o sinal luminoso apagado para não atrair a atenção da polícia, mas depois de aberta a porta, não havia como ocultar o barulho e a agitação de um cassino, que afluíam. Satake entrou discretamente e vistoriou o estabelecimento. Dentro de setenta metros quadrados conseguira harmonizar duas pequenas mesas de bazar capazes de acomodar sete fregueses e uma mesa grande capaz de abrigar quatorze jogadores dispostos a apostar ainda mais alto. Naquele momento, aglomerações agitavam-se ao redor de todas as três. Três homens de ternos negros assistiam àquilo tudo — Kunimatsu era um deles — além de três moças fantasiadas de coelhinhas que serviam bebidas e aperitivos, todas circulando animadamente pelo salão.

O crupiê de uma das mesas menores percebeu que ele entrou e cumprimentou-o com um meneio de cabeça, sem que suas mãos deixassem de empilhar as fichas que estavam à sua frente. Satake retribuiu o cumprimento com o mesmo gesto. Tinha familiaridade com aquela espécie de jovem disciplinado e habilidoso desde seus dias de majongue. Levando-se em consideração todos os aspectos, viu que o clube inteiro estava exatamente do jeito que gostava.

O bazar é um jogo simples. O freguês aposta que a banca ou o jogador vai ganhar uma mão determinada, e o crupiê tira uma comissão de cinco por cento do lucro da banca para a casa. É simples assim. A marca registrada de um crupiê dos bons é a sua capacidade de fazer com que os

fregueses disputem entre si, contudo, o jogo ali no clube corria de tal maneira que a maioria acabava se envolvendo sem que muita persuasão fosse necessária.

Tanto o jogador quanto a banca recebem duas cartas, assim como no vinte e um, mas o objetivo no bazar é que as cartas somem nove, ou que se aproximem o máximo possível do número. Ao jogador e à banca permite-se a retirada de uma terceira carta, dependendo do total da mão original. Se o jogador recebe cartas que somem oito ou nove, a mão é considerada “óbvia”, e ou ele vence ou empata, e não permite que a banca tire a terceira carta. Se o jogador recebe um seis ou um sete, “fica” no jogo e espera para ver as cartas da banca. De cinco para baixo, tira uma terceira carta. Fora essas, só havia mais umas poucas regras simples, específicas do total de cartas.

O segredo da popularidade do jogo era que qualquer um aprendia a jogá-lo quase que imediatamente, e por causa disso, o clube parecia estar sempre repleto de jovens empresários de aparência respeitável ou de funcionárias de escritórios que ali paravam entre o fim do expediente e a volta para casa. Mas Satake sabia quem eram de verdade os seus fregueses. Embora a atmosfera do local fosse mais moderna que a de um cassino tradicional, a Playground atraía uma multidão de fracassados e de pessoas desprezíveis. Mas mesmo assim ele ficava mais do que satisfeito em vê-los jogar fora seu dinheiro.

— É aquele ali — Kunitatsu sussurrou em seu ouvido e apontou para um sujeito que estava sentado próximo a uma das mesas, bebericando pequenos goles de um drinque e vendo os outros fregueses jogarem. — E já perdeu cerca de cem mil hoje. — Satake foi colocar-se em um canto do salão de onde pudesse observar Yamamoto sem ser notado por ele.

Parecia ter uns trinta e poucos. Blusa branca de mangas curtas, uma gravata simplória e calça cinza. Um homem digno de passar despercebido, com um rosto também digno de passar despercebido. Seria impossível destacá-lo em meio às multidões infinitas de funcionários de escritório. Então, o que aquele João-ninguém estava fazendo apaixonando-se por Anna? Ela ainda tinha apenas vinte e três anos, e era a mais linda da Mika, que ainda tinha diversas outras moças bonitas. No entanto, mais que isso, era a sua predileta. Yamamoto estava querendo demais sob qualquer aspecto que se observassem as coisas. Anna tinha razão. Assim como havia regras nos jogos de cartas também havia regras naquele tipo de jogo.

E foram elas que fizeram com que Satake, que costumava ser tão cuidadoso, ficasse furioso ao ver um sujeito como Yamamoto ignorando-as.

O jogo da mesa em que Yamamoto estava aproximava-se de seu final. As cartas da bandeja acabariam em mais uma ou duas rodadas. Tentando passar uma impressão decisiva, Yamamoto pegou as poucas fichas que ainda lhe restavam e apostou todas na mão do jogador. Quase todos os outros apostadores da mesa colocaram suas fichas imediatamente na mão da banca, ansiosos para evitar o exemplo de Yamamoto. O crupiê, fingindo não perceber a debandada para o lado da banca, rapidamente deu as cartas. O jogador recebeu duas cartas de figuras, assim, somando zero ponto. Satake logo reconheceu naquele homem a sina do fracasso, mas não disse nada. As cartas da banca totalizaram três, fazendo com que os dois precisassem de uma terceira carta. O jogador pegou a carta que lhe foi entregue e, como de costume, curvou-lhe as duas pontas antes de olhá-la. Então, atirou-a sobre a mesa com repugnância. Mais uma figura. O jogador da banca abriu um sorriso de alívio e exibiu um quatro. Sete a zero. A banca vencia e era o fim do jogo.

— E o expert das cartas leva prejuízo... — Satake murmurou e Kunimatsu, que estava próximo a ele, escondeu discretamente uma risada. Uma jovem crupiê assumiu a mesa e vários clientes também trocaram de lugar, mas Yamamoto, embora já estivesse sem fichas, permaneceu sentado onde estava e não fez questão alguma de esconder o mau humor. Uma jovem vestida como uma garçonete de bar, que estava aguardando o lugar à mesa, deu uma olhadela na direção de Kunimatsu como em protesto. Satake gesticulou olhando para ele, mostrando que estava pronto para interferir, e chegou por trás de Yamamoto.

— Com licença — disse ele.

— Pois não? — Um choque deve ter percorrido o corpo inteiro de Yamamoto ao se virar para olhar. O corpo robusto, o rosto sereno, e o traje que poderia sugerir apenas uma profissão. Yamamoto conseguiu evitar que transparecesse em seu rosto, mas por dentro tudo provavelmente estava dormente.

— Se o senhor não vai jogar, se incomoda em deixar esta freguesa aqui sentar-se em seu lugar? — Satake perguntou.

— Por que deveria?

— Porque está todo mundo esperando. — O tom de voz de Satake ainda estava educado.

— Quem disse que não posso ficar sentado aqui para assistir? — Ele parecia já haver bebido um pouco demais, aproveitando os drinques gratuitos da casa, e deixava cair cinzas de cigarro sobre a mesa. Satake chamou um auxiliar da casa e pediu-lhe que limpasse a sujeira.

— Lamento, mas gostaria de ter uma conversa com o senhor. Por favor, acompanhe-me.

— Diga o que tiver para me dizer aqui mesmo — Yamamoto resmungou. Os outros fregueses da mesa examinaram-no com desagrado, e vários deles, percebendo que Satake punha-se por trás do teimoso, pareceram assustar-se e olharam para o outro lado.

— Não, acho melhor o senhor me acompanhar. — Yamamoto deixou claro que sentia-se ofendido, mas Satake conseguiu levá-lo até a porta. Quando chegaram ao corredor praticamente sem iluminação do lado de fora, ele virou-se para encarar o tal sujeito. — Fui avisado de que o senhor pediu que a casa lhe emprestasse dinheiro e queria lhe informar que empréstimos para fregueses são contrários à nossa política. Se precisa de fundos para jogar, por favor, providencie-os em outro lugar.

— Isto aqui não é um negócio? — Yamamoto perguntou, começando a parecer uma criança fazendo bico. — Os outros pedem dinheiro emprestado o tempo todo.

— E é exatamente por isso que não emprestamos — disse Satake. — E tem mais uma coisa. Vou ter de pedir que pare de seguir Anna por aí. Ela ainda é jovem e o senhor anda deixando-a assustada.

— Espere um minuto. Quem foi que disse que pode mandar em mim no que diz respeito a ela? — Yamamoto parecia indignado. — Ainda sou freguês de vocês, não sou? Já gastei bastante dinheiro com ela, disse o senhor pode ter certeza.

— E nós agradecemos. Mas é melhor que pare de segui-la. Não é permitido encontrar-se com as moças fora da boate.

— Quem foi que disse? — ele bufou. — Ela não é uma prostituta?

— Ela é boa demais para gente da sua espécie. — Satake estava perdendo a paciência. — Já pedimos com cortesia para que se afaste, agora some, porra!

— Quem você acha que é, porra?! — Yamamoto gritou e subitamente lhe deu um soco. Satake defendeu-se com o braço direito e o agarrou pelo

colarinho. Acertando-lhe entre as pernas com uma joelhada, prendeu-o contra a parede e manteve-o imóvel, respirando com dificuldade.

— Vá para casa de uma vez, antes que se machuque — ele sibilou. Naquele exato momento um grupo de pessoas que pareciam empresários subia a escada e, vendo os dois em confronto, entraram rapidamente na Playground. Era exatamente aquele tipo de coisa que fazia nascerem boatos de que a máfia estava no comando, o que nunca era bom para os negócios. Satake diminuiu a força com que segurava Yamamoto que, percebendo a oportunidade, desferiu um soco enfurecido que lhe atingiu o queixo. Satake soltou um palavrão e lhe golpeou o estômago com o cotovelo. Quando Yamamoto curvou-se devido à força do ataque, Satake chutou-o escada abaixo. Conforme o via descer rolando pela escada e, enfim, parar sentado no último degrau, por um instante sentiu a mesma adrenalina que uma briga do passado lhe trouxera. Mas ela durou somente um instante mesmo, pois logo seu autocontrole cuidadosamente cultivado voltou à ativa. — Se voltar aqui, mato você, seu cretino! — gritou na direção de Yamamoto.

Yamamoto ficou sentado, zozinho, limpando o sangue da boca. Talvez nem tenha escutado a ameaça. Um grupo de moças jovens que subiam a escada pararam no meio, gritaram e desceram correndo. Satake pensou em outro palavrão, mas desta vez não o disse. Ele também não queria que as mulheres deixassem de frequentar a casa por terem medo.

Não chegou a lhe ocorrer o que mais poderia acontecer com Yamamoto naquela noite enquanto endireitava o terno e voltava a entrar no salão.

5

Ódio: é o nome deste sentimento. A ideia ocorreu a Yayoi Yamamoto enquanto fitava seu corpo de trinta e quatro anos nu no espelho. Bem perto do plexo solar, um evidente hematoma azul-escuro. Seu marido acertara-lhe um soco nessa região na noite passada, e, com o golpe, um novo sentimento nasceu dentro dela. Não, não era exatamente verdade. O sentimento já existia havia tempo. Fez um gesto negativo com a cabeça e a mulher nua no espelho o repetiu. Definitivamente o sentimento já existia, só que Yayoi nunca fora capaz de nomear. Tão logo percebera o ódio, ele se espalhou como uma nuvem negra e tomou posse dela até não haver mais nada dentro.

— Ele não pode fazer isso — protestou em vão, para logo depois debulhar-se em lágrimas, molhando seu rosto e a curva entre os seios pequenos, porém bem torneados. Quando chegaram ao hematoma, mais uma onda de dor correu-lhe o corpo, e Yayoi agachou-se sobre o tatame. Estava tão sensível que até mesmo um líquido ou uma brisa provocavam dor, e ela achava que ninguém nunca seria capaz de fazê-la se sentir melhor.

Talvez percebendo-lhe os movimentos, as crianças que dormiam ali perto em seus pequeninos *futons* começaram a se mexer. Yayoi levantou-se rapidamente, enxugou as lágrimas e se envolveu com uma toalha. Não queria que as crianças vissem o hematoma, tampouco as lágrimas. Porém, dando-se conta de que teria de tolerar sozinha os maus-tratos, sentiu-se tão solitária que as lágrimas voltaram. E o pior de tudo era que o causador de sua dor era a pessoa de quem era mais próxima. Não fazia a mínima ideia de como conseguiria se livrar daquele inferno, neste momento lutava apenas para evitar chorar como um bebê.

O mais velho, o menino de cinco anos, fez uma careta enquanto dormia e se virou de bruços. Então, seu irmão de três, com um movimento brusco, também mexeu. Se acordassem ela não poderia ir para a fábrica, então, saiu bem lentamente da frente do espelho e deixou o quarto. Fechando as portas de correr com o máximo de cuidado possível, apagou a luz

esperando com todo o coração que os filhos dormissem até a manhã seguinte.

Procurando fazer o mínimo possível de barulho, ela passou pela sala e pela pequena cozinha logo ao lado, e procurou a roupa íntima na pilha de roupas lavadas sobre a mesa de jantar — uma calcinha e um sutiã baratos e simples, vendidos no supermercado. Ela recordou-se de uma época em que todas as suas roupas íntimas eram belas peças de lingerie de renda. Isso foi antes do casamento, porque Kenji gostava muito. Nunca seria capaz de imaginar, à época, que era aquele o futuro que os aguardava: um fracassado obcecado por uma mulher inconquistável, uma esposa que o detestava, e um abismo intransponível a separá-los. Nunca mais estariam do mesmo lado, porque ela nunca conseguiria perdoar-lhe.

Provavelmente ele não voltaria para casa antes de ela sair para trabalhar, e mesmo quando ia para casa, Yayoi ficava nervosa por deixar os filhos com alguém tão irresponsável. O mais velho, em particular, era surpreendentemente sensível e magoava-se com facilidade. Pior, além de todo o resto, já havia três meses que Kenji deixara de levar seu salário para casa e ela precisava alimentar a si mesma e às crianças com o pouco que ganhava na fábrica. Estava tudo passando dos limites, uma vergonha de marido que chegava em casa às escondidas, tarde da noite, e ia para a cama quando ela estava trabalhando, apenas para que quando ela voltasse exausta para casa pela manhã, brigasse infinitamente com ela. Além disso, a única outra coisa que faziam era trocarem olhares mordazes e congelantes. Ela já estava farta daquilo tudo. Com um suspiro, Yayoi agachou-se para vestir a calcinha, voltou a se contorcer com as dores provocadas pela pancada. Enquanto ela gemia e abraçava as pernas sobre o sofá, Leite, o gato, empertigava as orelhas e olhava para ela. Ele passara a noite anterior debaixo do sofá, miando como se uivasse, cada um mais comprido e melancólico que o outro.

A lembrança daquela noite fez com que sua pele formigasse. Ela nunca tivera motivo para odiar ninguém, mas as emoções que agora a envolviam possuía não apenas raiva, mas um ódio verdadeiro. Ela fora criada em uma cidade provinciana e serena. Fora filha única de pais enfadonhos, porém, bem intencionados. Depois de estudar durante alguns anos em uma faculdade em Yamanashi, foi para Tóquio trabalhar como assistente comercial em uma famosa empresa de azulejos. Era uma jovem bonita, por isso chamava bastante atenção dos homens da empresa, e agora,

relembrando o passado, via que aquela fora provavelmente a melhor época de sua vida. Poderia escolher entre todos, mas se apaixonou por Kenji, que ia à empresa com bastante frequência como parte de seu trabalho em uma empresa de segunda linha de materiais de construção.

Ela o escolhera porque era o que dava em cima dela com mais ímpeto e, até o dia do casamento, tudo parecia um lindo sonho que duraria para sempre. Mas logo depois as ilusões de Yayoi começaram a se desvanecer. Kenji a deixava em casa e saía para beber, jogar e logo ela já estava passando a maior parte do tempo sozinha em casa. Foi apenas, é claro, bastante recentemente que Yayoi percebera que ele era fundamentalmente o tipo de homem a quem só interessava o que era alheio. Ele a quis porque era a predileta e a mimada da empresa, mas, uma vez que já lhe pertencia, perdera o interesse. Em última análise, era um sujeito infeliz, que seguiria para sempre atrás de ilusões.

Ontem à noite, só Deus sabe por que motivo, Kenji até voltara para casa antes das dez horas. As crianças finalmente dormiram e Yayoi estava na cozinha lavando a louça com o máximo de silêncio possível quando percebeu alguma coisa e se virou para olhar para trás. Kenji estava de pé bem atrás dela, olhando para suas costas, embora tal visão lhe enchesse de repulsa. Sobressaltada, Yayoi deixou cair a esponja ensaboada dentro da pia.

— Você me assustou — ela reclamou.

— Por quê? Achou que fosse outro homem? — Para variar ele não estava bêbado, mas seu mau humor era evidente. Entretanto, mesmo assim, era algo com que Yayoi já estava acostumada.

— E por que não? — ela perguntou, resgatando a esponja. — Quando foi a última vez que você chegou em casa a esta hora? — ela acrescentou, incapaz de resistir à alfinetada. Sinceramente, preferiria que ele nem tivesse vindo para casa. — Por que tão cedo?

— Sem dinheiro — ele respondeu.

— Como? Há meses que não nos dá nada! — Embora Kenji houvesse voltado a lhe dar as costas, Yayoi sabia que ele estava com um sorriso malicioso no rosto.

— Não, estou duro feito um coco. E gastei todas as nossas economias.

— Como é que é?! — ela disse, com a voz falhando. Os dois já haviam economizado mais de cinco milhões de ienes, quase o bastante para dar entrada em um apartamento de condomínio. Por que outra razão ela estava se matando de trabalhar na fábrica? — Como pôde? Você tem gasto todo o seu salário sozinho! Como pôde gastar também as nossas economias?

— No jogo — ele revelou. — Um jogo chamado bacará.

— Diga que está de brincadeira. — Ela estava abalada demais para pensar em outra coisa para dizer.

— Não estou — disse ele.

— Mas o dinheiro não era só seu.

— E nem seu. — Por tantas vezes não teve nada a dizer para ela, mas naquela noite ele tinha uma resposta sagaz para tudo. — Então talvez seja melhor eu simplesmente ir embora. O que acha? — Por que ele estava tentando esgotar a paciência dela? O que o estava perturbando? Normalmente ele não fazia esforço algum para arrastar sua família para dentro de seus draminhas, então, por que hoje estava diferente?

— Não resolveria o problema — ela respondeu com indiferença na voz.

— Então o que resolveria? Fale para mim. — Seu rosto assumiu uma expressão astuciosa, como se a tivesse encurralado.

— Ora, para começar, ajudaria se aquela vadia largasse você. — Ela não se conteve, e agora estava furiosa. — Ela é a causa de tudo isto! — Quase instantaneamente ela sentiu uma coisa forte e pesada atingir-lhe o estômago e desabou, prestes a perder a consciência por causa da dor. Não fazia a mínima ideia do que havia lhe acontecido, mas sabia que não conseguia respirar e que seu peito sofria convulsões. Ela grunhiu e abraçou as pernas, para logo depois sentir outro golpe às costas. Desta vez, soltou um grito estridente.

— Sua imbecil de merda! — Kenji gritou. Com o canto do olho ela o viu passar a mão no punho enquanto entrava no banheiro. Yayoi passou um tempo ainda deitada no chão, grunhindo e escutando a água corrente no banheiro.

Quando finalmente começou a se recuperar, percebeu que ainda apertava a esponja na mão ensaboada. Ela puxou a camiseta para cima e viu um hematoma negro-azulado logo abaixo do seu peito. Parecia o último sinal do fim de seu casamento. Ela deixou escapar um longo

suspiro. Naquele momento as portas do quarto abriram-se com rapidez e Takashi, o mais velho, olhou para ela com medo nos olhos.

— Mamãe, o que houve? — perguntou.

— Nada, meu amor — ela conseguiu articular. — A mamãe caiu, mas já está bem. Volte para a cama. — Parecendo entender, o garoto fechou as portas. Yayoi sabia que ele estava preocupado com o irmão menor, que dormia no *futon* ao lado. Se até mesmo uma criança pequena era capaz de mostrar consideração em relação aos outros daquela maneira, o que estava errado em Kenji? Obviamente as pessoas mudam. Talvez ele sempre fora assim.

Apertando a barriga, Yayoi conseguiu chegar até a mesa e sentar-se. Ela começou a respirar vagarosa e pausadamente para controlar a dor, e escutou o ruído de um balde de plástico a se espatifar contra o chão do banheiro. Yayoi riu em silêncio e enterrou o rosto entre as mãos. Era uma coisa horrível viver com um homem daqueles.

Percebendo subitamente que ainda estava de calcinha e sutiã, ela vestiu uma blusa e uma calça jeans. Emagrecera tanto nos últimos tempos que a calça deslizou e só parou em seus quadris. Então, foi procurar um cinto. Logo chegaria a hora de ir para a fábrica. Ela não tinha vontade alguma de ir, mas se não aparecesse, Masako e as outras ficariam preocupadas. Masako, em especial, não negligenciaria qualquer sinal de problema. Yayoi sentia um certo desânimo em relação àquilo, mas ao mesmo tempo também sentia uma forte necessidade de se abrir com aquela mulher. Talvez porque soubesse, de alguma maneira, que poderia confiar em Masako. Se alguma coisa acontecesse, provavelmente seria a única com quem Yayoi poderia contar. Era uma mera pontinha de esperança, mas aquele pensamento fez com que Yayoi se locomovesse mais rapidamente pela casa.

Ao escutar um barulho na saleta, à entrada da casa, Yayoi ficou nervosa. Será que Kenji voltara cedo de novo? Mas quando não viu ninguém entrando, ficou imaginando que poderia ser outra pessoa e foi com pressa até a porta. Lá, viu Kenji sentado no chão e de costas para ela. Seus ombros estavam caídos e olhava obsessivamente para a frente. As costas de sua blusa estavam sujas. Ao que parecia, ele não a notara ali. Yayoi recordou-se da noite anterior e uma torrente de repulsa começou a

crescer nela. Seria melhor que um homem daqueles nunca mais voltasse para casa, que ela nunca mais precisasse vê-lo.

— Opa — disse Kenji, enfim, virando-se. — Ainda não foi? — Ele parecia ter brigado com alguém. Saía sangue de um corte em seu lábio. Yayoi nada disse, permaneceu parada onde estava, esforçando-se para controlar a fúria que agora percorria-lhe o corpo inteiro. — Qual é o problema? — Kenji resmungou, sem parecer sequer notar a fúria dela. — Será que não dá para ser simpática de vez em quando?

Naquele momento a paciência de Yayoi se esgotou. Rápida como um raio, ela tirou o cinto e usou-o para envolver-lhe o pescoço.

Kenji emitia ruídos como se estivesse ficando sem ar e tentava virar o rosto para olhar para ela, mas Yayoi puxou-lhe a cabeça para cima e para trás, apertando ainda mais o cinto. Arfando, ele tentou colocar os dedos entre o cinto e o pescoço, mas o acessório já afundara-se por sua pele. Yayoi ficou observando atentamente enquanto ele arranhava o couro, e depois deu um puxão ainda mais forte. O pescoço do homem curvou-se para trás em um ângulo reto e seus dedos contraíram-se em formas sem sentido algum ao ar. *Ele deve sofrer mais*, ela pensava. *Ele não tem o direito de continuar vivendo assim!* Ela fixou o pé esquerdo no chão, e com o direito passou a empurrar-lhe as costas. Um ruído que lembrou o do coaxar de um sapo escapou-lhe de algum lugar na garganta. *Que delícia*, ela repetia em pensamento. Estranho que nunca tivera consciência de que possuía tamanha crueldade dentro de si. Ainda assim, achou aquilo emocionante.

Kenji já perdera a firmeza. Estava sentado todo desajeitado no degrau, com os sapatos ainda nos pés. O tronco curvara-se sobre os joelhos enquanto seu pescoço era puxado para trás.

— Ainda não — Yayoi murmurou e continuou puxando o cinto. — Ainda não lhe perdoo. — Não era tanto por querer que ele morresse daquela maneira, ela só queria garantir que nunca mais tivesse de voltar a ver a cara dele e, tampouco, ouvir sua voz.

Quanto tempo será que eles passaram daquela maneira? Agora Kenji estava deitado de costas, totalmente imóvel; Yayoi tateou o pescoço dele para ver se encontrava sua pulsação. Nada. A parte da frente da calça de Kenji estava com um pequeno pedaço molhado. Dar-se conta de que ele se urinou todo em seus últimos segundos de vida fez com que Yayoi sentisse vontade de rir.

— Será que não dá para ser simpático de vez em quando? — disse em voz alta.

Yayoi não fazia a mínima ideia de quanto tempo mais ficara lá parada, mas finalmente readquiriu a consciência ao perceber que Leite estava miando.

— O que faremos agora, Leite? — murmurou. — Eu o matei. — O gato emitiu um som parecido com um guincho curto e Yayoi imitou-o em resposta. Acabara de fazer uma coisa irreversível, mas não sentia sequer um singelo arrependimento. — Então, que seja — sussurrou para si mesma. Não havia alternativa.

Voltando à sala, olhou calmamente para o relógio da parede. Havia acabado de dar onze horas. Estava quase na hora de ir para a fábrica. Ela telefonou para a casa de Masako.

— Alô. — Felizmente foi Masako que atendeu. Yayoi respirou fundo.

— Sou eu, Yayoi — disse ela.

— Oi — Masako respondeu. — O que manda? Vai tirar a noite de folga?

— Não, só não sei o que fazer.

— A respeito de quê? — Sua preocupação era genuína. — Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu. — Queria acabar logo com aquilo. — Eu o matei. — Houve um silêncio breve e depois Masako voltou a falar, com a voz ainda calma.

— Está falando sério?

— Sério até demais — disse Yayoi. — Eu o enforquei. — Mais uma pausa. Essa talvez tenha demorado meio minuto, mas Yayoi sabia de alguma forma que não era porque Masako estava chocada, e sim porque estava analisando a situação. Quando ela voltou a falar, Yayoi percebeu que tinha razão.

— Mas o que quer fazer? — Masako perguntou. Yayoi passou um momento em silêncio, sem entender direito a razão da pergunta. — Quer dizer, conte-me o que quer fazer agora. Estou disposta a ajudar.

— Eu? Só quero que as coisas continuem exatamente como têm sido. Meus filhos ainda são pequenos, e... — enquanto falava, lágrimas brotaram de seus olhos e o horror da situação enfim a atingiu.

— Entendi — disse Masako. — Já estou indo para aí. Mais alguém viu o que aconteceu?

— Não sei — disse Yayoi, olhando à sua volta. Seus olhos detiveram-se em Leite, que estava escondido sob o sofá, com medo. — Só o gato — completou.

— Está bem — Masako falou com um leve quê de riso na voz. — Espere-me que já estou chegando.

— Obrigada — Yayoi agradeceu e desligou o telefone. Quando agachou-se para esperar, seu joelho roçou no hematoma, mas ela já não sentia mais dor nenhuma.

6

Quando desligou o telefone, Masako notou que as letras do calendário pendurado à sua frente estavam um pouco embaçadas. Pelo que se lembrava, nunca na vida havia ficado tonta devido a algum susto. Ela percebera na noite anterior que Yayoi estava muito perturbada, mas não gostava de se intrometer na vida dos outros. Entretanto, mesmo assim lá estava ela, deixando-se envolver. Será que procurava por problema? Masako reequilibrizou-se apoiada contra a parede e esperou que sua visão voltasse ao normal. Foi então que, de repente, lembrou-se de que seu filho, Nobuki, estava deitado no sofá vendo televisão. Virou-se para olhar, mas ele já havia saído de lá. Devia ter subido para o quarto enquanto ela conversava com Yayoi. Seu marido, Yoshiki, tomara um drinque depois do jantar e fora dormir cedo, portanto, ninguém escutou sua conversa ao telefone. Sentindo-se ligeiramente aliviada, ela começou a pensar no que fazer daquele momento em diante. Contudo, Masako se deu conta de que não havia tempo para pensar. Precisava agir. Arquitetaria algum plano no carro.

Ela pegou a chave e gritou na direção do andar de cima:

— Estou indo para o trabalho. Não se esqueça de desligar o gás. — Não houve resposta. Ela tinha consciência de que Nobuki começara a fumar e beber havia pouco, aproveitando-se de sua ausência, mas também sabia que não podia fazer muita coisa a respeito. O menino estava entrando no verão de seu décimo sétimo ano aparentemente sem qualquer ideia do que queria ser ou fazer, sem qualquer esperança ou paixão.

Em seu primeiro ano na escola pública de ensino médio, o garoto foi flagrado com alguns ingressos para uma rave que alguém o forçara a aceitar. Acusado de tentar vendê-los, expulsaram-no da escola. A rigidez do castigo serviu de alerta para os outros alunos, porém, qualquer que fosse o motivo, o choque pareceu afetar-lhe os nervos, e ele, subitamente, parou de falar. Por algum tempo, Masako procurou desesperadamente alguma maneira de sensibilizar o filho, mas parecia que ninguém tinha solução para o problema, e ela suspeitava de que o próprio Nobuki

resignara-se com tal situação. De qualquer maneira, o tempo de buscar soluções já havia passado. Ele parecia satisfeito em ir todos os dias para seu emprego de meio expediente como estucador. Masako acreditava que uma mãe ou um pai não podiam simplesmente largar um filho sozinho no mundo se as coisas não saíssem dentro do planejado.

Ela colocou-se em frente ao pequeno cômodo, logo após a saleta, à entrada da casa, e ficou escutando o som abafado de seu marido a roncar do outro lado da porta fina. O propósito original daquele cômodo era servir como despensa, mas a partir de um dado momento, Yoshiki começou a dormir ali. Masako passou alguns instantes parada em frente à porta, refletindo. Na verdade, começaram a dormir em quartos separados antes mesmo de se mudarem para aquela casa, enquanto Masako ainda trabalhava em um escritório. Agora ela já estava tão acostumada com os três dormindo em quartos separados que já não via mais aquilo como uma coisa solitária ou anormal.

Yoshiki trabalhava em uma construtora afiliada a um dos grandes conglomerados imobiliários. O nome da empresa já tinha expressão suficiente no mercado, mas uma vez ele disse que quando a situação financeira apertou, a matriz passou a não tratá-los lá tão bem. Fora isso, no entanto, nunca tinha muito a dizer sobre o trabalho, e não gostava quando ela tocava no assunto. Masako não tinha a mínima noção de que espécie de empresário era Yoshiki ou como se comportava na firma.

Na escola em que se conheceram, a turma em que ele estudava era dois anos mais avançada que a dela. Sentira-se atraída pelo que parecia ser uma integridade pessoal que o mantinha afastado do mundo, mas tinha de admitir que aquela mesma integridade, aquela relutância em ludibriar ou fazer uma coisa parecer melhor do que realmente era, fazia dele singularmente inadequado para um ramo tão competitivo quanto o da construção civil. A prova disso era que já havia se afastado bastante do caminho de uma carreira de sucesso. Provavelmente Yoshiki tinha sua própria cruz para carregar. Era dele e somente dele. Ninguém o obrigara a carregá-la. Masako sabia que havia mais do que uma pequena semelhança entre seu marido, que detestava o mundo dos negócios e passava seu tempo livre confinado àquele quartinho como se fosse um ermitão isolado no topo de uma montanha, e seu filho, que desistira completamente de se comunicar com o mundo. Ela era incapaz de fazer ou dizer muita coisa para qualquer um dos dois.

Formavam mesmo um trio dos bons: um filho que desistira tanto de sua instrução quanto de qualquer conversa, um marido à beira da depressão, e Masako, que optara pelo expediente noturno ao ser demitida quando a empresa em que trabalhava resolveu enxugar os custos. Assim como decidiram dormir em quartos separados, cada um também parecia ter escolhido carregar seus próprios fardos individualmente, e viver suas próprias realidades solitárias.

Yoshiki não emitiu opinião quando ela não conseguia encontrar outro emprego e acabou no turno da noite na fábrica de refeições. Masako percebeu, entretanto, que o silêncio dele não era tanto um sinal de apatia, mas uma prova de que já abandonara a luta infrutífera e começara a construir seu próprio casulo, onde não lhe era permitido o acesso. As mãos de seu marido, que não mais procuravam tocá-la, agora estavam ocupadas construindo uma carapaça. Tanto ela quanto seu filho, de alguma maneira, foram contaminados pelo mundo exterior e, portanto, tinham de ser rejeitados junto com todo o resto, independentemente do quanto isso os magoasse.

Se não era capaz sequer de fazer as coisas correrem no trilho certo em sua própria família, por que iria querer se meter na vida de Yayoi? Sem resposta, Masako abriu a porta da frente e saiu. O ar estava bem mais gelado que na noite anterior. Ela olhou para cima e bateu os olhos em uma turva lua avermelhada, pairando sobre os telhados das casas. Um mau agouro, ela imaginou, olhando para o outro lado. Yayoi acabara de matar o marido. Poderia haver desgraça maior do que aquela?

Seu Corolla estava espremido na pequena vaga à frente da casa. Só era possível abrir uma fresta da porta do lado do motorista, mas Masako conseguiu espremer-se e entrar. Ligou o carro, saiu da vaga e partiu. O barulho do motor parecia ecoar naquelas ruas residenciais e nos terrenos que as cercavam. O bairro era remoto e pacato, mas ninguém nunca reclamou do barulho de seu carro àquela hora da noite. Muito pelo contrário. Quando começou a trabalhar na fábrica, os vizinhos passaram a interrogá-la, querendo saber aonde ia tão tarde da noite.

A casa de Yayoi ficava bem próxima à fábrica em Musashi-Murayama. Passaria lá antes de seguir para o trabalho, mas já tinha consciência de evitar que a vissem. Subitamente lembrou-se do acordo que tinha com Kuniko, de se encontrarem no estacionamento às 23:30h para caminharem juntas até a fábrica. Era provável que não fosse chegar a tempo. Kuniko

sempre suspeitava quando alguma coisa desta gravidade acontecia, então, teria de encontrar uma maneira de despistá-la.

Ainda assim, o que estava fazendo provavelmente seria inútil. Alguém da vizinhança já deve ter suspeitado de alguma coisa errada na casa dos Yamamoto. Talvez a própria Yayoi já tivesse ido à polícia. Era até mesmo possível que tudo aquilo fosse uma mera fantasia criada por Yayoi. Repentinamente impaciente, Masako afundou o pé no acelerador. Assim que o fez, o perfume das gardênias que cresciam em meio à cerca viva que ladeava a rua entrou fortemente pela janela aberta. Preencheu o carro por um instante e depois voltou a desaparecer em meio à escuridão. Daquela mesma maneira, a solidariedade que sentira por Yayoi parecia dissipar-se. O que será que ela queria de Masako? Que aborrecimento! Resolveu esperar até estar cara a cara com Yayoi para decidir se a ajudaria mesmo.

Masako viu um vulto branco de pé à esquina do muro de blocos de concreto, margeando a ruela em que Yayoi morava, e pisou no freio.

— Masako! — Yayoi parecia espantada. Vestia uma blusa polo branca e uma folgada calça jeans. Olhando para ela, Masako engoliu em seco, comovida pelo desamparo daquela sombra pálida em meio à escuridão.

— O que está fazendo? — perguntou.

— O gato fugiu — Yayoi respondeu e começou a chorar, de pé ao lado do carro. — Os meninos adoram aquele bicho, mas ele viu o que fiz e ficou morrendo de medo.

Masako levou um dedo aos lábios para pedir a Yayoi que fizesse silêncio. Passaram-se alguns instantes, mas finalmente Yayoi pareceu entender o que Masako insinuava, e olhou ligeiramente em volta, com nervosismo. Tinha os dedos firmes contra o vidro do carro, neste instante Masako se deu conta de que tremiam levemente, mas sem parar, resolveu que faria o possível para ajudá-la.

Enquanto dirigia lentamente pela ruela, Masako olhava para cima, para as janelas das casas próximas. Às onze da noite, no meio da semana, as únicas lâmpadas acesas refletiam uma luz bem fraca, pelo que pareciam ser janelas de quartos de dormir. Todo o resto era silêncio e escuridão. O tempo ficara mais fresco, por isso os refrigeradores de ar estavam desligados, e as janelas, abertas. Teriam que tomar bastante cuidado para não exagerarem no barulho. Masako, subitamente, se deu conta do estardalhaço produzido pelas sandálias de Yayoi.

A família Yamamoto morava de aluguel em uma casa bem no fim da ruela, era um conjunto de casas pré-fabricadas assentadas há uns quinze anos. Apesar do valor relativamente alto para habitações como aquela, a casa era pequena e pouco confortável, e a família, pelo que se dizia, vinha economizando para sair dali. Mas agora tudo estava acabado. Sempre acontece de pessoas serem levadas a tomar atitudes estúpidas. O que será que pode ter levado Yayoi àquilo? Ou melhor, o que será que o marido dela foi levado a fazer que fez com que Yayoi ficasse tão furiosa? Pensando e repensando essas questões, Masako saiu do carro procurando fazer o máximo de silêncio possível. Yayoi vinha descendo a ruela correndo.

— Não vá ficar chocada — preveniu, parecendo hesitar ligeiramente antes de abrir a porta da casa. Masako percebeu na mesma hora que Yayoi não se referia ao que fizera, mas à visão que se lhes apresentaria assim que a porta fosse aberta: ali estava Kenji, bem à frente delas, prostrado, morto no chão. Era bastante evidente que estava morto, tinha o cinto marrom de couro envolvendo-lhe o pescoço. Seus olhos estavam entreabertos, e a ponta da língua, aparecia entre os lábios. O rosto dele estava pálido e descorado, em vez de vermelho e pletórico.

Masako preparara-se para o choque, mas agora que estava de fato olhando para o cadáver, dava-se conta de que conseguira manter-se surpreendentemente calma. Talvez pelo fato de nunca ter conhecido Kenji, sequer minimamente, o corpo não parecia nada além de uma pessoa deitada, completamente imóvel, e cujo rosto assumira uma aparência ridiculamente relaxada. Só que Masako ainda levaria algum tempo para se acostumar àquela nova percepção de que Yayoi, que sempre transmitira a imagem de ser mãe e esposa perfeita, era, na realidade, uma assassina.

— Ainda está quente — constatou Yayoi, depois de dobrar a perna da calça dele para cima e sentir-lhe a canela. Com a mão ela roçava-lhe a pele, como se precisasse de confirmação de que estava realmente morto.

— Então, quer dizer que aconteceu de verdade... — Masako concluiu com a voz baixa e séria.

— Por acaso achou que fosse invenção minha? — Yayoi perguntou. — Você sabe que eu nunca faria uma coisa dessas! — Ela pareceu quase sorrir, apesar da maneira tenebrosa com que Masako a olhava. Entretanto, também poderia ser apenas uma mera contração involuntária em seu rosto.

— E o que vai fazer? Não vai falar com a polícia?

— Não — Yayoi respondeu negando com a cabeça. — Pode até me achar maluca, mas não me sinto como se tivesse feito algo errado. Ele merecia morrer, então, resolvi fingir que simplesmente foi para algum outro lugar em vez de voltar para casa hoje.

Masako deu uma rápida olhadela para o relógio em seu pulso, e as engrenagens começaram a movimentar-se em seu cérebro. Já eram onze e vinte da noite. Elas precisavam estar na fábrica, no mais tardar, faltando quinze minutos para meia-noite.

— Bom, acredito que *há mesmo* muita gente que simplesmente se perde de seu caminho, nunca ninguém mais ouve falar delas. Mas acha que alguém pode tê-lo visto vindo da estação?

— É difícil ter alguém na rua a esta hora da noite. Duvido muito.

— Se ele telefonou para alguém no meio do caminho, já era — Masako alertou-a.

— Ainda assim eu poderia dizer que ele nem chegou em casa. — Yayoi já estava planejando sua atuação.

— Provavelmente. Mas se a polícia vier interrogá-la, conseguiria mesmo fingir que não sabe de nada?

— Tenho certeza de que conseguiria. Tenho certeza... — Yayoi confirmava gesticulando a cabeça e com os olhos arregalados. Ela transmitia uma aparência de uma doçura sem par, e de ser muito mais jovem do que era na verdade, aos trinta e quatro anos. Com um rostinho daqueles, ninguém teria a ousadia de suspeitar dela. Ainda assim, aquela história toda era arriscada.

— Então, o que quer fazer? — O tom de voz de Masako era de cautela.

— Coloque-o no seu porta-malas, e depois...

— E depois?

— Vá a qualquer lugar amanhã e livre-se dele — concluiu. Masako tinha consciência de que aquela era, provavelmente, a única opção, e logo viu-se concordando com aquilo.

— Tudo bem, mas temos que nos apressar. Vamos levá-lo logo para o carro.

— Não sei como conseguirei agradecer, mas vou encontrar uma maneira. Posso lhe pagar — disse Yayoi.

— Não quero seu dinheiro.

— Por quê? Por que estaria disposta a fazer tudo isto? — ela prosseguiu enquanto erguia Kenji pelos braços.

— Não sei direito — Masako respondeu, agarrando as pernas sem firmeza do homem que fora marido de Yayoi. — Mas isso eu descubro depois. — Kenji tinha cerca de 1,68m de altura, era mais ou menos igual a Masako. Só que homens são mais pesados, têm ossos mais densos, e as duas mal foram capazes de erguê-lo e carregá-lo porta afora. Se alguém visse, provavelmente pareceriam apenas duas mulheres carregando um sujeito inconsciente de tão bêbado. A não ser pelo cinto... que ainda envolvia-lhe o pescoço e agora roçava pelo chão. Masako ficou observando em silêncio enquanto Yayoi arrancou-o com um puxão e depois usou-o para envolver a própria cintura.

— Não deixou no corpo nada que ele estivesse carregando? — perguntou.

— Não estava carregando nada. — Elas dobraram pernas e braços, e colocaram o corpo no porta-malas.

— Não podemos faltar ao trabalho hoje — disse Masako ao terminarem. — Primeiro porque temos de começar a construir o seu álibi. Teremos que deixá-lo passar a noite de hoje para amanhã lá no estacionamento. Podemos planejar o que vamos fazer com ele enquanto estivermos na fábrica.

— Deve ser melhor eu ir de bicicleta, como sempre.

— Isso. E comporte-se como se nada houvesse ocorrido.

— Está bem, então. Masako-san, fico agradecida por cuidar dele desta maneira. — Agora que o corpo não estava mais dentro de sua casa, Yayoi começou a agir de maneira metódica. Havia inclusive um ar de alívio em seu rosto, como se tivesse acabado de completar uma tarefa particularmente complicada. Ou será que já havia se convencido de que Kenji tinha simplesmente desaparecido mesmo da face da Terra? Sentindo-se um pouco manipulada pela mudança que observou em Yayoi, Masako deu a volta e entrou no carro.

— Acabará se entregando se parecer alegre demais — murmurou enquanto colocava o cinto de segurança.

Os olhos de Yayoi arregalaram-se e ela levou a mão à boca, como quem tenta controlar a empolgação.

— Pareço estar assim? — perguntou.

— Um pouco — Masako respondeu.

— Está bem — disse ela. — E o que devemos fazer em relação ao gato? Pode se tornar um problema caso os meninos resolvam criar um

rebuliço.

— Ele vai voltar — Masako opinou, mas Yayoi fez um sinal negativo com a cabeça como se soubesse que aquilo não aconteceria.

— Pode se tornar um problema — repetiu. — O que faremos?

Masako deu partida no carro e saiu da ruela. Conforme dirigia, o cadáver no porta-malas começou a lhe pesar na consciência. E se fosse parada pela polícia, por qualquer motivo, e revistassem o carro? Ou se alguém se chocasse contra a traseira de seu veículo? Tais pensamentos fariam com que a maioria das pessoas ficasse mais cautelosa, porém levaram Masako a acelerar pelas ruas escuras como se houvesse alguém a persegui-la; e na verdade havia mesmo — o cadáver em sua mala.

— Vá com cuidado — repetia sozinha.

Quando, enfim, chegou ao estacionamento, o Golf de Kuniko já ocupava o lugar de sempre. Provavelmente não quis se atrasar e seguiu na frente. Masako saiu do carro, acendeu um cigarro, e deu uma olhada rápida em volta. Naquela noite, pela primeira vez, não havia sequer vestígio do fedor de fritura e fumaça, embora talvez fosse simplesmente ela que estivesse nervosa demais para sentir. Deu uma volta ao redor do carro e parou atrás dele, ficou a olhar insistentemente para o porta-malas. Dentro dele havia um cadáver e, no dia seguinte, ela teria de arrumar uma maneira de se livrar dele; e ali ela estava, fazendo coisas que nem sequer imaginaria há algumas horas. Tal ideia fez com que imaginasse a sensação de alforria de Yayoi.

Depois de verificar mais uma vez para ter certeza de que o porta-malas estava trancado, Masako seguiu em diante por aquele caminho escuro, ainda segurando o cigarro. Não lhe restava muito tempo, e naquela noite, muito mais que em qualquer outra, sua vontade era evitar qualquer coisa fora do comum, que atraísse atenção. Quando já se aproximava do galpão abandonado que ladeava seu caminho, um sujeito vestindo um gorro saltou do meio das sombras, à esquerda, e agarrou seu braço. Chocada, porém, esforçando-se para não perder o controle, ela percebeu que havia se esquecido completamente do tarado. Antes que conseguisse gritar, o homem começou a arrastá-la na direção do galpão.

— Pare! — enfim, conseguiu gritar. Sua voz rompia a escuridão. Ao ouvir aquele grito repentino, o sujeito entrou em pânico. Com a mão em

forma de concha, ele tapou-lhe a boca, e puxando-a para baixo, tentou arrastá-la para o meio do matagal alto e denso que crescia à margem da rua. Felizmente, a altura de Masako permitiu-lhe virar o ombro e agarrar o braço dele, retirando ligeiramente aquela mão de sua boca. Enquanto ele lutava para fazer prevalecer sua força física, ela o golpeou com a bolsa e conseguiu que a boca ficasse livre. Só que, com a outra mão, o homem a puxava pelo braço e a arrastava para o chão. Justamente como Kuniko dissera, o sujeito não era grande, porém, era bastante robusto, e dele vinha um cheiro inconfundível de colônia.

— O que quer de mim? — ela gritou. — Há mulheres mais jovens por aí. — Naquele momento ela pôde sentir que ele aliviou ligeiramente a força que fazia ao ouvir o som de sua voz. Agora ela estava praticamente certa de que deveria ser um dos homens da fábrica que a teria reconhecido pelo menos de vista, e fez um esforço desesperado para se livrar dele e voltar para o caminho. No entanto, o sujeito foi mais rápido e conseguiu agarrá-la, tentando empurrá-la na direção das ruínas. Ela se lembrou de que havia uma vala de drenagem que acompanhava aquela área, e de que havia orifícios nas placas de cimento que a cobriam. Pisando cuidadosamente para escapar deles, ela afastou-se do tal sujeito sem tirar os olhos do rosto dele. Ela não conseguia vê-lo com muita clareza, mas sob aquela luz avermelhada do luar, captou um vislumbre repentino dos olhos negros que a fitavam por sob o gorro.

— Você é o Miyamori, não é mesmo? — ela perguntou, lançando o primeiro nome que lhe veio à cabeça. Pela reação dele, Masako viu que tinha razão. — Kazuo Miyamori, é você mesmo — insistiu, explorando ao máximo sua vantagem. — Se me soltar, não conto para ninguém. Não quero chegar atrasada hoje, mas prometo que me encontro com você outra hora. — O sujeito parou, mas nada disse em face de tão inesperada proposta. — Solte-me agora e podemos nos encontrar novamente outra hora, só nós dois. — Desta vez o homem respondeu, e pelo som de sua voz, com forte sotaque, ela teve certeza de que era mesmo Miyamori.

— Mesmo? — Ele espantou-se. — Quando?

— Amanhã à noite. Bem aqui.

— A que horas?

— Às nove. — Em vez de responder, ele subitamente abraçou-a e apertou os lábios contra os dela. Apertada contra o tórax rígido dele, ela sentia o ar se extinguir dentro de si. Lutava para se livrar e suas pernas

entrançaram-se nas dele, o que os levou a tombar ruidosamente contra as venezianas de metal enferrujado da área de entregas da antiga fábrica. Assustado, ele ficou paralisado e passou a olhar com nervosismo para todos os lados; enquanto ele o fazia, Masako deu-lhe um empurrão, agarrou sua bolsa e se levantou. Na pressa, porém, tropeçou em uma pilha de latas vazias.

— Vá procurar alguma garotinha para ter sua diversão! — gritou com ele, subitamente furiosa. Os braços do sujeito ficaram caídos debilmente para os lados, e ele olhava para ela com uma expressão de assombro. Limpando a saliva dele de seus lábios com as costas da mão, ela partiu adiante pelo denso matagal.

— Estarei esperando você amanhã. — Esse apelo ele fez com a voz grave e em tom de súplica. Sem olhar para trás, Masako foi caminhando com extremo cuidado por sobre a galeria de águas e desceu pela rua apressadamente. Como aquilo poderia acontecer hoje? Logo hoje? Justo quando ela achava que estava sendo tão cuidadosa! Pela primeira vez, depois de bastante tempo, ela sentia uma onda de fúria tenebrosa, com traços de irritação devido ao seu próprio descuido. Mas quem seria capaz de imaginar que o tal tarado poderia ser alguém como Kazuo Miyamori? Ela se lembrava até mesmo de tê-lo cumprimentado antes do último turno de trabalho... Pensar naquilo fez o sangue de Masako ferver.

Quando subia correndo a escada até a porta da fábrica, penteando com os dedos os cabelos desgrehados, Masako viu Komada, a fiscal de higiene, acabando de se levantar para descer.

— Bom-dia — Masako cumprimentou-a. Ao escutar o som de sua voz esbaforida, Komada virou-se.

— Depressa — disse ela. — Você é a última. — Enquanto Komada corria-lhe o rolo adesivo às costas, Masako ouviu-a rir, algo que já não escutava havia tempo. — Onde andou se metendo? — ela perguntou. — Está cheia de terra e grama!

— Estava com pressa e acabei caindo.

— Caiu de costas? Não feriu as mãos, não é? — Se houvesse algum arranhão, por mínimo que fosse, não deixariam que ela encostasse na comida. Masako, apressadamente, inspecionou os próprios dedos: havia

terra sob suas unhas, mas nenhuma escoriação. Aliviada, negou com um meneio da cabeça.

Satisfeita por evitar qualquer suspeita com relação ao ataque, Masako soltou uma risada reservada e dirigiu-se para a área do vestiário. Como o local já estava vazio, ela vestiu com pressa a roupa de trabalho, pegou a touca de papel e o avental de plástico, e correu para o banheiro. Verificando o rosto no espelho, viu que uma pequena mancha de sangue formava-se em seu lábio. — Merda! — ela resmungou, removendo-a com água. Também havia um hematoma em seu antebraço esquerdo, provavelmente da hora em que ele a arrastou pelo matagal. Ela não queria nenhum vestígio daquele homem, por menor que fosse, em seu corpo. Sua vontade era despir-se por completo ali mesmo e examinar-se; mas isso faria com que se atrasasse, e a prova ficaria registrada em seu cartão de ponto. Masako esforçou-se o máximo possível para manter a raiva sob controle, mas quando se lembrou de Miyamori dizendo-lhe que “a esperaria amanhã”, saber que não poderia fazer com que fosse preso, que não poderia sequer registrar queixa, quase fez com que se descontrolasse.

Ela lavou as mãos com muito cuidado e desceu correndo para a área de preparação das refeições. O relógio marcava 23:59h. Chegara bem a tempo, porém, um pouco mais tarde do que costumava marcar em seu cartão de ponto — e já tivera noites melhores.

As funcionárias, naquele instante, entravam em fila na área de preparação e iniciavam o procedimento de esterilização. Masako percebeu que Yoshie e Kuniko acenavam em sua direção lá da frente da linha de produção, e depois deu-se conta de que Yayoi estava de pé bem a seu lado, com o rosto coberto pela máscara e pelo chapéu.

— Você se atrasou — constatou Yayoi, com a voz quase inaudível. — Fiquei preocupada.

— Perdão — Masako murmurou.

Yayoi examinou-a com os olhos.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada. E quanto a você? Não estava com cortes na mão, não é? Porque eles registram se estiver.

— Sem problema — Yayoi respondeu, lançando um olhar vago para dentro da fábrica glacial e ampla. — De alguma maneira sinto como se tivesse ficado mais forte — ela acrescentou, mas um leve tremor em sua voz não fugiu à percepção de Masako.

— E vai precisar mesmo dessa força — disse ela. — Mas pelo menos foi uma decisão que você própria tomou.

— Exatamente — Yayoi respondeu. Elas entraram na fila atrás do último funcionário para receberem o banho desinfetante. Yoshie, que já ocupara seu lugar de sempre à cabeceira da esteira transportadora, voltou a dar sua olhadela abrangente pela fábrica, solicitando com insistência para que se apressassem.

— E então, como foi que resolveu fazer? — Masako sussurrou enquanto esfregava as mãos e os braços sob os potentes jatos.

— Não sei — Yayoi murmurou. Subitamente seu esgotamento fez-se visível em seus olhos fundos.

— O problema é seu, então você vai ter de arrumar um jeito — Masako a alertou e depois dirigiu-se à cabeceira da esteira transportadora, onde Yoshie a aguardava. Enquanto andava até o outro lado do salão, procurava identificar Kazuo Miyamori entre os funcionários brasileiros, de toucas azuis, mas sequer viu sinal dele. Agora tinha certeza de que havia sido ele mesmo.

— Agradeço mais uma vez — disse Yoshie a ela ao se aproximar. Masako viu-se confusa por um momento.

— Por quê? — perguntou.

— Você só pode estar brincando! Por causa do dinheiro, é claro, e por ter ido entregá-lo lá em casa. Salvou de verdade a minha pele. Vou lhe devolver assim que recebermos nossos salários. — Yoshie cutucou-a com o cotovelo ao passar adiante a ordem de serviço solicitando 850 refeições de carne bovina grelhada. Masako fez uma careta achando incrível que uma coisa que acontecera naquela mesma noite, ou seja, tão pouco tempo antes, já parecia um passado distante. O dia fora movimentado mesmo.

— Você não apareceu — disse Kuniko, que com audácia assumira o serviço de entregar as caixas a Yoshie, aproveitando-se do atraso de Masako.

— Lamento. Precisei fazer uma coisa e acabei me atrasando.

— É mesmo? — Kuniko perguntou. — Até liguei para você assim que saí de casa para garantir que estaria lá.

— E ninguém atendeu? Acho então que deve ter sido depois que saí.

— Acho que sim. Mas se saiu tão cedo assim, por que só foi chegar a esta hora?

— Tive de fazer umas compras, o que acabou atrasando tudo — Masako explicou com um tom que desestimulava mais perguntas. Kuniko nada mais disse, contudo, Masako pôde perceber que ela não ficara lá muito satisfeita. Tinha razão mesmo: elas teriam de tomar muito cuidado com Kuniko e suas intuições.

Masako notou que, enquanto Yoshie preparava-se para dar partida na máquina de arroz, não tirava os olhos do outro extremo da esteira transportadora. Seguindo-lhe o olhar contemplativo, descobriu Yayoi distraída, meio que esquecida, como se estivesse perdida em um nevoeiro. Ela apresentava uma aparência bastante estranha, tinha as costas cobertas pela enorme mancha seca marrom do molho da noite anterior.

— Por acaso aconteceu alguma coisa com vocês duas? — Yoshie perguntou.

— Por que pergunta? — Masako questionou.

— Ora, ela parece estar bastante confusa e você chegou atrasada.

— Ontem ela também estava parecendo bastante confusa — Masako lembrou-lhe. — Pare de pensar tanto em nós duas, Capitã, e passe a se preocupar com Nakayama. Ele deve estar chegando por aí a qualquer segundo; é melhor dar início a esta produção de uma vez. — As únicas posições que restavam eram para o serviço complicado de dispor a carne. Masako ocupou uma delas, e Yoshie, desistindo da investigação com um ligeiro gesto de cabeça, acionou o interruptor. Primeiro a ordem de serviço passou pelas mãos de todos que estavam trabalhando naquela esteira, para que os funcionários a lessem. Depois o sistema automatizado de produção de arroz iniciou-se com um estrondo, e o primeiro pedaço quadrado de arroz foi despejado no recipiente que Kuniko entregara a Yoshie. Era o início de mais uma jornada noturna longa e de muito trabalho.

Enquanto separava os pedaços gelados e enrolados de carne, Masako sentiu que alguém a observava, e ergueu o olhar. Yayoi ocupara a posição bem à frente dela.

— O que foi? — Masako sussurrou.

— Se ele ficasse assim... — Yayoi respondeu, também sussurrando, com os olhos perdidos assumindo um aspecto enlouquecido, e terminando por deitarem-se sobre os pequenos pedaços de carne que agora habitavam a esteira. — Nunca descobririam quem foi.

— Cale a boca — Masako repreendeu-a, olhando discretamente para as mulheres dos dois lados. Felizmente pareciam não estar prestando atenção

alguma. Então, lançou um olhar de censura para o outro lado da esteira, e Yayoi baixou a cabeça. Primeiro, parece alegre demais, depois, derrete-se em lágrimas. De repente Masako teve sérias dúvidas quanto à capacidade de Yayoi em enfrentar o que viria pela frente. Mas agora que se tornara cúmplice, o problema de Yayoi também era dela.

7

No interior da fábrica hermeticamente fechada, como uma caixa de aço inoxidável, não havia como saber se o clima estava bom ou ruim do lado de fora. Quando se arrastavam de volta ao andar de cima, às cinco e meia da manhã, a primeira pessoa da fila deixou escapar um suspiro.

— Ah, não! Está chovendo! — Masako lembrou-se imediatamente do porta-malas de seu Corolla sendo bombardeado pela chuva. Elas teriam de resolver logo o que iriam fazer.

— Está com pressa hoje? — Yoshie perguntou enquanto tirava a máscara. Depois curvou-se e aproveitou a máscara para limpar a gordura dos sapatos.

— Por quê? — Masako perguntou, aproveitando a própria máscara para limpar as laterais dos tênis que usava na área de preparação das refeições.

— Como “por quê”? Só porque você está com cara de quem viu um fantasma e quero saber o que está havendo. — Yoshie, que era mais baixa e mais redonda, olhou para cima, para o rosto da amiga alta e magra, só que Masako já havia guardado os sapatos no armário, e olhava pela janela, para o céu cinzento daquela manhã. Pela reação da colega de trabalho, imaginara que a chuva estivesse forte, mas o que viu sobre a pista de testes da fábrica automotiva, do outro lado da rua, foi apenas uma garoa fina.

— Vai acabar arrumando um monte de rugas no seu rosto com tanta preocupação — disse Yoshie, recusando-se a deixar o assunto de lado.

— Surgiu uma coisa extremamente importante — Masako revelou, ainda perdida em seus pensamentos. Havia começado a se preocupar sobre como Yayoi estaria planejando passar o dia livrando-se do corpo de Kenji, quando o que realmente deveria fazer seria ir para casa e representar o papel de esposa preocupada. Entretanto, se o fizesse, Masako teria de cuidar sozinha do cadáver, e ficara claro para ela que nunca conseguiria tirá-lo do porta-malas sozinha. Ela demorou-se por alguns instantes enquanto analisava o atraente rosto de Yoshie, e então, tomou sua decisão. — Capitã, preciso pedir-lhe um favor.

— Você sabe que faço qualquer coisa que mandar — disse Yoshie, que estava mesmo sempre disposta a ajudar. — Devo muito a você. — Masako, no entanto, ainda se perguntava de que forma explicaria aquela situação, enquanto entrava na fila para marcar a saída no cartão de ponto. Recordando-se subitamente de que deveria ficar de olho em Yayoi, olhou em volta e a viu subindo a escada dispersa, no último lugar da fila. Kuniko, por outro lado, apressara-se, fora na frente, e agora as aguardava. Ela, evidentemente, havia percebido que alguma coisa estava acontecendo com Masako e Yayoi, e ficaria de mau humor por ser deixada de fora. Yoshie aproximou-se de Masako na fila.

— Consegue guardar segredo? — Masako perguntou com um tom de voz bastante sério.

— Para quem eu poderia contar? — disse Yoshie, falando como se estivesse quase indignada. — O que é?! — Ainda encontrando dificuldade para dizer o que Yayoi fizera, Masako marcou seu cartão de ponto e ficou parada, em silêncio por alguns instantes, com os braços cruzados sobre o peito.

— Depois eu conto — disse, finalmente. — Quando estivermos sozinhas.

— Está bem — Yoshie murmurou, virando-se para olhar pela janela, para o céu. Já que ia para o trabalho de bicicleta, devia estar preocupada com a chuva, Masako imaginava.

— Mas não pode contar nem mesmo para Kuniko — alertou.

— Está prometido. — Sentindo a gravidade no tom de voz da amiga, Yoshie presumiu que fosse realmente importante e deixou de tocar no assunto por um tempo. Estavam prestes a fazer a curva que as levaria à área de descanso dos funcionários quando escutaram Komada, a fiscal de higiene, chamando a atenção de Yayoi.

— Yamamoto-san, não se esqueça de lavar o seu uniforme hoje. Não queremos ter o prazer de trabalhar mais uma noite sentindo esse cheiro de molho.

Depois de se desculpar, Yayoi tirou a touca e foi perambulando até onde estava Masako. Seus cabelos saíam em ângulos bizarros pela rede que usava para prendê-los, e sob seus olhos, as olheiras lhe eram bastante escuras, mas se chegava a haver alguma diferença, era que Yayoi estava ainda mais bonita do que de costume. Um estudante de cabelos louros tingidos, que trabalhava na fábrica em regime de meio expediente, já havia

tirado sua máscara e sua touca, e a fitava com insistência, sem fazer a menor questão de esconder que estava impressionado.

Masako puxou-a de lado.

— Você precisa ir logo para casa. E fique por lá.

— Mas... — Yayoi murmurou.

— Deixe que eu e a Capitã nos viramos sozinhas.

— A Capitã? — ela perguntou, denotando dúvida em sua voz, e espiando ligeiramente na direção da área de troca de roupas. — Contou para ela?

— Ainda não, mas não vou conseguir carregá-lo sozinha. Se ela não topa, vai ter de ser você mesma, mas a primeira pessoa de quem vão suspeitar será você, então, se possível, é melhor que fique em casa fingindo que não aconteceu nada.

Yayoi lamentou com um suspiro, parecendo finalmente compreender qual era o seu papel.

— Tem razão — concordou.

— Volte para casa e faça exatamente o que costuma fazer sempre — Masako aconselhou. — Depois, lá por volta do meio-dia, dê um telefonema para o escritório do seu marido e pergunte se ele está por lá. Quando disserem que não, diga que ele não voltou para casa ontem e que está bastante preocupada. Se a aconselharem a dar queixa de desaparecimento, siga o conselho. É bom fazer tudo que puder para afastar suspeitas.

— Deixe comigo — Yayoi respondeu.

— E não ligue para mim hoje. Se acontecer alguma coisa, deixe que ligo para você.

— Masako... — ela chamou. — Quais são os seus planos?

— Fazer justamente o que você disse que deveríamos — disse ela, abrindo um sorriso cheio de amargura. — Esse é o plano.

Yayoi passou a arfar, e a cor desapareceu das bochechas.

— Está falando sério mesmo? — Masako ficou a observar-lhe o rosto pálido durante alguns instantes antes de responder.

— Estou. Pelo menos vou tentar.

— Não sei como lhe agradecer — Yayoi afirmou de olhos inundados. — Não acredito que faria uma coisa dessas por mim.

— Não me agradeça ainda — Masako alertou. — Não sei se vou conseguir finalizar o serviço. Mas acho melhor do que enterrá-lo nas

montanhas. Ele tem de desaparecer sem deixar qualquer vestígio. Não queremos nenhuma prova.

Ao chegar sua vez, Masako foi usar o banheiro, lá resolvera que a sugestão de Yayoi era a mais sensata. Conforme fitava os grandes baldes azuis de plástico próximos à porta do banheiro, se deu conta de que era o único plano executável.

— Mas é crime — Yayoi murmurou, como se subitamente pensasse melhor sobre o assunto. — Não desejo envolvê-la nesta história toda sem necessidade.

— Eu sei — Masako falou. — Mas vou tentar encarar a coisa como simplesmente mais um serviço desagradável. E descartá-lo junto ao lixo é, afinal, a melhor maneira. Isto é, se isso não for incomodá-la. É o seu marido que vamos picar todo e jogar fora. Tem certeza de que consegue lidar com isso?

— Tenho — Yayoi confirmou, voltando a exhibir um sorriso lânguido. — Para ser sincera, é até bem feito para ele.

— Você é assustadora — disse Masako, observando-a atentamente.

— Você também — Yayoi retribuiu.

— Não, não é bem a mesma coisa para mim.

— Por quê?

— Porque eu estou encarando a coisa toda como simplesmente mais um serviço. — Yayoi assumiu uma expressão de quem estava ligeiramente confusa.

— Masako-san... — chamou. — O que fazia antes de vir trabalhar aqui?

— O mesmo que você. Tinha um marido, um filho e um emprego. Mas me sentia sozinha. — Yayoi olhou para o chão, talvez para esconder as lágrimas, e curvou os ombros. — Não, sem choro — disse Masako, afagando-lhe suavemente as costas. — Tudo já acabou, e foi você mesma quem deu o fim. — Yayoi fez com a cabeça um gesto de confirmação e sua amiga a levou até a área de descanso dos funcionários. Yoshie e Kuniko já haviam trocado de roupa e estavam sentadas juntas, tomando café. Kuniko as observava com desconfiança. Um cigarro bem fino pendia-lhe do canto da boca.

— Kuniko, se importa em ir sem mim hoje? Preciso conversar com a Capitã sobre uma coisa muito importante — Masako disse a ela. Kuniko lançou um olhar interrogativo na direção de Yoshie.

— O que pode ser, que não me inclui? — deu voz à dúvida.

— Um empréstimo — Yoshie respondeu. — Você sabe, dinheiro... que a pessoa pega emprestado. Ou melhor, Masako vai me emprestar um dinheiro. — Ao ouvir a resposta, Kuniko acenou com a cabeça um pouco relutante, levou ao ombro a alça de sua bolsa Chanel falsificada, e levantou-se. Masako ofereceu-lhe um rápido gesto de despedida e entrou na área de troca de roupa enquanto Yoshie, satisfeita com a astúcia que mostrou para se livrar de Kuniko, sorvia a pequenos goles seu café açucarado em um copo de papel.

Masako trocou rapidamente de roupa, e então, com grande desfaçatez, recolheu dois aventais de plástico pertencentes a mulheres que, aparentemente, já haviam saído da fábrica para trabalhar em outros lugares, e colocou-os discretamente dentro da bolsa. Também já havia socado diversos pares de luvas de látex no bolso. Masako retornou à área de descanso e sentou-se ao lado de Yoshie. O tatame ainda estava quente no lugar em que Kuniko estivera sentada. Ela já tirava seu cigarro da bolsa quando Yayoi, que também já havia trocado de roupa, chegou e fez menção de se sentar junto a elas, porém, Masako alertou-a fazendo um gesto com a cabeça.

— Então, estou indo embora — disse Yayoi, evidentemente relutante em fazê-lo. E saiu perambulando em direção à saída, virando-se várias vezes para olhar para trás, ansiosamente, para Masako.

Depois que Yayoi sumiu na virada do corredor, Yoshie sussurrou com insistência:

— Que história é esta, afinal? Não vou conseguir aguentar se não me contar.

— Apenas escute e se esforce para não fazer cara de chocada — Masako pediu, olhando diretamente em seus olhos. — Yayoi assassinou o marido. — O queixo de Yoshie caiu e sua boca ficou aberta por alguns instantes, os lábios inchados a tremerem.

— Não fazer cara de chocada...? — finalmente sussurrou.

— Eu sei — disse Masako. — Mas é verdade, e não há mais como voltar atrás. Resolvi que vou tentar ajudá-la e queria saber se você também topa.

— Você enlouqueceu?! — Yoshie perguntou com um grito agudo, mas então, se dando conta de que havia gente ao redor, abaixou a voz. — Ela devia é ir se entregar... neste minuto.

— Mas ela tem filhos pequenos, e ele andava espancando-a. O que ela fez foi em legítima defesa. É evidente a cara de alívio dela agora.

— Mas ela o *matou*! — Yoshie engoliu em seco.

— Quantas vezes já pensou que adoraria matar a sua sogra? — Masako ficou observando o rosto de Yoshie retesar-se.

— Várias — confessou, bebendo seu último gole de café. — Mas pensar é bem diferente de fazer.

— É verdade. Mas alguma coisa levou Yayoi a ignorar essa diferença. E essas coisas acontecem mesmo, não é verdade, Capitã? É por isso que vou fazer o possível para ajudá-la.

— Fazer *o quê*?! — Dessa vez a voz de Yoshie reverberou pelo ambiente e praticamente todos se viraram para olhar para ela. O grupo de brasileiros, afixados em seu lugar de sempre contra a parede, ficaram a observá-la com bastante curiosidade. — Não há nada que se *possa* fazer — continuou, parecendo recolher-se para dentro de si mesma. — Nada...

— Mesmo assim, pretendo tentar — Masako completou.

— Mas por que deveria? Por que eu deveria? Esta história toda me deixa em pânico, ser cúmplice de assassinato...

— Cúmplice nada — Masako insistiu. — Não fomos nós que o matamos.

— Mas tenho certeza de que também prendem gente por desovar cadáveres.

— Sim, talvez — Masako concordou. — Desová-los... ou desmembrá-los um pouquinho, tanto faz.

— Como assim? — Yoshie questionou, com a língua a correr-lhe os lábios de maneira insistente, para a frente e para trás, enquanto tentava se adaptar àquele novo quebra-cabeça. — O que está pensando em fazer?

— Vou cortá-lo em pedaços e depois vou jogá-los fora com o lixo. Daí Yayoi poderá seguir com a vida da mesma maneira que vinha fazendo, como se nada houvesse acontecido. A polícia vai classificar o marido dela como desaparecido e fim de papo.

— Pode esquecer — Yoshie rejeitou a oferta, agitando obstinadamente a cabeça em sinal negativo. — Eu não seria capaz. Isso não.

— Está bem — Masako retrucou, esticando o braço por sobre a mesa com a mão espalmada. — Então, devolva-me o dinheiro que lhe emprestei ontem à noite. Agora.

Yoshie permaneceu sentada em silêncio por alguns instantes, com uma expressão aflita no rosto, enquanto Masako apagava o cigarro na xícara vazia de café. Um odor repulsivo que misturava açúcar, café solúvel e cinza de cigarro encheu-lhes as narinas; Masako resolveu ignorá-lo e acendeu mais um cigarro.

— Então está bem. — Enfim, Yoshie concordou depois de aparentemente ter se resolvido. — Não tenho como devolver-lhe o dinheiro, então, acho que vou ter de ajudar.

— Obrigada. Sabia que podia contar com você, Capitã.

— Mas tem uma coisa que você vai ter de me dizer — disse Yoshie, erguendo o olhar na direção de Masako. — Vou entrar nesta porque você me ajudou, mas por que você resolveu se dispor a fazer uma coisa dessas por Yayoi?

— Nem eu mesma sei direito — Masako respondeu. — Mas uma coisa eu posso lhe afirmar: se fosse você que estivesse encrocada assim, eu faria o mesmo. — Já que parecia não haver mais nada a se dizer, Yoshie silenciou-se.

Quase todos os outros funcionários já haviam deixado a fábrica quando Masako e Yoshie desceram a escada da entrada principal. Caía uma chuva delicada nas primeiras horas daquela manhã, e Yoshie foi pegar o guarda-chuva que deixara no cabide ao lado da porta. Masako não havia levado guarda-chuva, e uma caminhada sob aquela garoa a aguardava até que chegasse ao estacionamento.

— Então, espero você lá em casa às nove — ela lembrou à outra.

— Estarei lá — disse Yoshie, para depois subir na bicicleta e pedalar cansadamente sob a chuva. Masako ficou assistindo a outra ir embora, e depois partiu em direção ao estacionamento em ritmo acelerado; porém, antes que conseguisse caminhar mais do que alguns poucos passos, notou que havia um homem de pé à sombra dos sicômoros que margeavam a rua. Era Kazuo Miyamori. Agora trajava camiseta branca, calça jeans e gorro preto. Estava de cabeça baixa e segurava um guarda-chuva de plástico transparente, e nem sequer fazia um mínimo esforço para mantê-lo sobre a própria cabeça, que já estava ensopada.

— Como se manda alguém ir para o inferno em “brasileiro”? — Masako provocou-o ao passar por ele. Ele ergueu o olhar, aparentemente

confuso, e foi atrás dela.

— Guarda-chuva — disse ele, exibindo-o para ela.

— Não quero — ela recusou, dando um empurrão no objeto. — De você, não. — O guarda-chuva caiu sobre a calçada rachada e ficou lá prostrado. A rua estava deserta e o estardalhaço que fez ao cair ecoou em meio a todo aquele silêncio. Masako pôde sentir que Kazuo ficara perplexo. Ela se lembrou da expressão de mágoa que ele fizera havia duas noites, depois de Yayoi ignorar seu cumprimento. Ele é apenas um bebê, ela pensou. Masako percebeu que ele a seguia e, quando virou-se em sua direção, ocorreu-lhe que aquele rosto de garotinho perdido tornava tudo ainda mais complicado. No entanto, os olhos sombrios que ela via sob a aba do boné eram os mesmos que vira sob o luar avermelhado da noite anterior.

— Deixe-me em paz! — ela gritou na cara dele.

— Perdão — ele se desculpou, rapidamente dando a volta e surgindo à frente dela, com as mãos sobre o próprio tórax robusto. Ela tinha consciência de que aquilo queria dizer que ele estava se desculpando “de todo o coração”, mas ainda assim o ignorou e virou para a direita, descendo a rua que a levaria à fábrica abandonada, a mesma em que ele a atacara. Masako percebeu que ele ainda a seguia, mas sentia apenas uma vaga apreensão, e a vontade de espantar da cabeça as lembranças do ataque.

— Vai aparecer hoje à noite? — ele perguntou.

— Está sonhando — ela respondeu.

— Mas... — ele começou a murmurar no momento em que ela partiu em disparada. A área de entregas da antiga fábrica rapidamente surgiu-lhe à vista. As venezianas de metal nas quais ele a havia imprensado não exibiam vestígio algum de amassos ou pancadas, e prosseguiram enferrujando sob a chuva. A grama em que ela tanto pisara em sua tentativa de escapar não ostentava qualquer vestígio da luta. Ela subitamente encheu-se de fúria por tudo continuar a ser como antes, como se nada houvesse acontecido. A humilhação e a aversão que sentira em relação a si mesma na noite anterior voltaram rápidas como um raio, e ela se deteve para esperar que ele a alcançasse. Estava tão furiosa que não tinha a mínima ideia do que seria capaz de fazer; e Kazuo, sem suspeitar de coisa alguma, aproximou-se, agora com o guarda-chuva de novo à mão, e ficou parado olhando para ela.

— Preste muita atenção no que vou lhe dizer — ela sibilou. — Se algum dia voltar a tentar aquilo de novo, vou direto à polícia... e depois vou falar com a gerência da fábrica, e você ficará desempregado.

— Entendi — ele disse, balançando a cabeça em sinal de concordância, como se estivesse aliviado. Então, seu rosto sombrio ergueu-se para olhar para ela. Masako, enfim, entendeu que ele ficara morrendo de medo que ela contasse para alguém.

— Não fique aí todo animadinho. Não lhe perdoei por nada do que você fez. — Ela virou-se de uma só vez e foi embora, e desta vez, sabia que ele não a seguiria. Masako só virou-se novamente ao chegar à entrada do estacionamento, quando viu que ele permanecia parado no mesmo lugar em que o deixara.

“Idiota!”, foi o que ela sentiu vontade de gritar, mas conteve-se, sem saber direito em quem descontrar. Ela olhou em volta procurando seu Corolla, e encontrou-o estacionado no mesmo local. Masako ficou tentando imaginar a coisa que estava dentro de seu porta-malas, e de repente começou a parecer de uma estranheza estupenda que o dia houvesse amanhecido como sempre, que a chuva estivesse caindo de uma maneira tão normal, quando aquele troço completamente sem vida ainda estava ali dentro. E então ela se deu conta de que tudo, até mesmo aquele juvenzinho desprezível que acabara de pedir seu perdão tão desesperadoramente, só fazia com que se lembrasse do corpo que abrigava em seu porta-malas; e nem era o tal garoto Miyamori que ela queria castigar tanto assim, e sim aquele Kenji inerte — e a si mesma, por se deixar envolver naquela história toda.

Ela destrancou o porta-malas e abriu uma fresta. Espiando discretamente lá dentro, conseguiu ver uma calça cinza e alguns centímetros de uma perna cabeluda sob a bainha — o mesmíssimo lugar em que Yayoi tocara na noite anterior para ver se o corpo ainda estava quente. A pele estava bem alva e os cabelos pareciam de alguma forma estar ligeiramente sujos, como um trapo todo esfriado.

— Uma coisa. É apenas uma coisa — murmurou, fechando a mala.

BANHEIRO

1

Masako ficou de pé à porta do banheiro, escutando o som da chuva batendo na janela. Nobuki, aparentemente o último a usar a banheira, havia esvaziado e trocado a cobertura de plástico. Embora as paredes e o piso já estivessem secos, o ambiente ainda estava preenchido pelo cheiro de limpeza de água de banho, o perfume de um lar sereno e pacato. Masako sentiu uma necessidade extrema de abrir a janela e deixar entrar o ar pungente lá de fora.

Aquela casa pequenina parecia exigir diversas coisas de Masako: que a varresse de cima a baixo, que extirpasse do quintal ervas daninhas, que purgasse do ar o fedor de cigarro, que saldasse os volumosos empréstimos tomados para comprá-la. Mesmo assim, apesar de todas essas necessidades urgentes, Masako nunca conseguiu sentir aquela casa como sua de verdade. Por que será que nunca conseguiu sentir-se estabilizada ali, sempre sentiu-se como uma inquilina temporária?

Quando saiu do estacionamento com o corpo de Kenji no porta-malas, já havia tomado sua decisão. Assim que chegou em casa, foi direto para o banheiro para começar a pensar em como posicionar o cadáver e dar conta do serviço. Embora soubesse que a sensação era possivelmente o indício de uma mente doentia, em parte ela se sentia empolgada com o desafio. Entrou descalça, pisando os ladrilhos sob o chuveiro, e deitou-se de costas. Kenji e ela tinham mais ou menos a mesma altura, portanto, ele provavelmente caberia com facilidade se elas o deitassem inclinado como ela se posicionara agora. Era até irônico, mas foi sorte Yoshiki ter insistido para que o arquiteto fizesse aquela parte da casa maior que de costume.

Masako sentia os ladrilhos gelados às costas, conforme, ali deitada, olhava pela janela. O céu estava todo uniformemente cinzento. Lembrando-se da imagem de Kazuo Miyamori parado sob a chuva, puxou para cima a manga da blusa. Aquele hematoma em seu braço claramente fora feito pelo polegar enorme dele, e lhe ocorreu que há muito tempo não sentia tanta força da mão de um homem.

— O que está fazendo? — perguntou uma voz que vinha da escuridão à porta. Erguendo-se e sentando-se na banheira, Masako viu Yoshiki, ainda de pijama, a olhar para ela da área do banheiro que usavam para se vestir. — O que está fazendo aí dentro? — ele repetiu a pergunta. Masako pôs-se rapidamente de pé e também ficou olhando para ele enquanto voltava a baixar a manga da blusa. Mal se podia dizer que ele estava acordado, ainda não havia penteado os poucos cabelos ou colocado os óculos, mas ali estava ele, olhando para ela com uma expressão de desagrado. A maneira com que ele franzia os músculos do rosto enquanto tentava fixar o olhar em alguma coisa fazia com que ela se lembrasse de Nobuki.

— Nada — respondeu. — Só estava pensando em tomar uma chuvarada. — Yoshiki escutou aquela mentira sem jeito e depois olhou para além dela, para a janela.

— Está chovendo — disse. — Hoje não vai fazer calor.

— Eu sei, mas suei muito lá na fábrica.

— Faça como quiser. Mas por um segundo achei que tivesse enlouquecido.

— Achou por quê?

— O que acharia se visse uma pessoa olhando para o nada, e depois, de repente, deitando-se no chão do banheiro? — Masako sentiu-se incomodada quando se deu conta de que ele a observava havia já algum tempo pela porta que ela deixara aberta. Mas pensando melhor, parecia que ultimamente Yoshiki vinha mesmo observando tanto ela quanto Nobuki a distância, como se manter um espaço entre si próprio e aqueles dois fizesse parte de sua defesa.

— Podia ter avisado que estava aí — disse ela, ao que ele apenas deu de ombros, sem responder, e Masako espremeu-se toda para passar por ele e sair dali. — Quer que faça o café da manhã? — perguntou, seguindo para a cozinha sem escutar a resposta. Despejando alguns grãos no ruidoso moedor de café, ela começou a fazer o que eles sempre comiam no desjejum: torradas com ovos mexidos. Já fazia algum tempo que a casa não se enchia pela manhã com o cheiro do arroz cozido. Depois que Nobuki subitamente deixara de precisar levar almoço para a escola, uma grande quantidade de arroz não se fazia mais necessária.

— Bastante lúgubre — Yoshiki murmurou, olhando pela janela, enquanto se sentava à mesa depois de ter lavado o rosto. Masako logo imaginou que tal comentário poderia facilmente tanto aplicar-se ao clima

dentro da casa deles quanto ao do lado de fora. Por alguma razão, parecia sufocante para ela encarar o próprio marido na mesa do café da manhã, em uma manhã tão chuvosa, sem ter sequer a tagarelice agitada da televisão ou do rádio. Masako esfregou as têmporas, que palpitavam de tanta exaustão. Yoshiki tomou um gole de café. Quando ele abriu o jornal, um monte de propagandas caiu por entre as folhas, e esparramou-se sobre a mesa. Masako juntou tudo e começou a folhear os encartes dos supermercados.

— O que houve com o seu braço? — ele perguntou inesperadamente. Masako ergueu o olhar com uma expressão perplexa. — O seu braço — repetiu, apontando para o local exato. — Está com uma mancha roxa.

— Levei uma pancada lá na fábrica — disse ela, franzindo levemente a testa. Quer tenha acreditado ou não, não tocou mais no assunto, mas Masako recordava-se de que estava pensando no dedo polegar de Kazuo Miyamori enquanto olhava para o hematoma. Yoshiki tinha certa sensibilidade para aquelas coisas e sem dúvida ficara desconfiado. Só que já não fazia mais nenhuma pergunta, provavelmente porque não queria de verdade saber nada a respeito da vida dela. Conformando-se com a falta de interesse daquele homem, Masako acendeu um cigarro. Yoshiki, que não fumava, virou-se impientemente na direção da janela.

Subitamente os dois escutaram o barulho de uma pessoa descendo a escada às pressas. Yoshiki ficou visivelmente tenso quando Nobuki apareceu à porta trajando uma camiseta enorme e uma calça frouxa que cobria apenas os joelhos. Quando ele entrou, Masako pôde vê-lo desligando toda aquela energia ruidosa e juvenil de momentos antes, e encobrindo o rosto por trás de um olhar inexpressivo. Só que aquela máscara não conseguia esconder os olhos que pareciam descontentes com tudo que viam, ou a grande boca cerrada com hostilidade. De certa maneira, era a imagem de Yoshiki quando jovem. Nobuki dirigiu-se diretamente à geladeira e começou a beber direto no gargalo da garrafa de água mineral.

— Use um copo — Masako apelou, mas ele ignorou e continuou bebendo. Conforme observava o pomo de adão recentemente desenvolvido balouçar-se para cima e para baixo, sentia-se perdendo o controle. — Talvez você até não queira falar — disse ela, levantando-se da mesa. — Mas sei que é capaz de me escutar. — Ela tentou arrancar-lhe a garrafa da mão à força, mas levou um chega pra lá dele. A pancada foi dolorosa,

aquele menino ficara tão alto e parrudo de repente, e Masako chocou-se bruscamente contra a pia. Nobuki, agindo como se nada houvesse acontecido, lentamente voltou a colocar a tampa na garrafa e devolveu-a para a geladeira.

— Pouco me importa se você não fala! — ela exclamou. — Mas não pode se comportar assim. — Nobuki fez uma expressão de grande surpresa e baixou o olhar na direção dela para fitá-la aborrecidamente; e ela voltou a pensar no quanto seu próprio filho parecia um completo estranho. Um estranho de quem ela não gostava nem um pouco, a propósito. Agindo por impulso, ela estendeu o braço e deu-lhe um tapa. A pele do rosto do rapaz, que ela tocara por um mero instante, era entesada e macia, sem qualquer vestígio da gordura de bebê de tão pouco tempo atrás. A palma da mão de Masako ardia no ponto em que o acertara. Ele permaneceu parado por alguns instantes, embasbacado, e depois passou grosseiramente por ela, entrando no banheiro, mudo.

Ela não sabia quais eram suas expectativas. Tudo que dizia ou fazia parecia tão inútil quanto borrifar água em um deserto em chamas. Ela demorou-se alguns instantes a olhar para a palma da própria mão, que ficara com uma viva cor vermelha, e depois olhou na direção de Yoshiki, que permanecia sentado e imóvel, com os olhos colados ao jornal, como se aquele menino não fosse filho dele, como se nunca tivesse havido um garoto chamado Nobuki em sua vida.

— Desisto — ela se resignou. — Não há mais jeito. — Se é que chegava a notar que o rapaz existia, Yoshiki também parecia ter desistido do garoto. Tudo na busca de alguma espécie de meta espiritual. Yoshiki parecia incomodar-se na presença de seres menos evoluídos. De sua parte, Nobuki ainda guardava rancor de seu pai por não ter conseguido oferecer-lhe apoio em meio à sua crise na escola. No final das contas, os três estavam tão afastados que chegava a ser difícil entender as razões que os mantinham vivendo sob o mesmo teto.

Masako ficou imaginando como será que reagiriam se lhes dissesse que havia um cadáver no porta-malas de seu carro. Será que Nobuki, de tão estupefato, finalmente diria alguma coisa? Será que Yoshiki ficaria tão furioso a ponto de bater nela? Não, provavelmente nem sequer acreditariam nela. Masako começava a sentir que fora ela própria que havia se afastado de sua pequena família, mas a sensação não lhe era particularmente de solidão.

Pouco tempo depois, tanto seu marido quanto seu filho saíram apressadamente para trabalhar, e a casa voltara ao silêncio. Masako terminou de tomar seu café e deitou-se no sofá da sala para tirar um cochilo, mas não conseguia dormir.

O interfone tocou.

— Sou eu. — A voz de Yoshie anunciou-se com timidez. Masako meio que esperara que ela nem desse as caras, mas Yoshie era leal demais para ser capaz de tal atitude. Ao abrir a porta, viu a amiga trajando as mesmas roupas surradas que vestira naquela manhã, na fábrica: uma camiseta de um cor-de-rosa desbotado e uma calça de moletom gasta nos joelhos. Ela olhava atentamente para dentro da casa, aparentemente apavorada.

— Não está aqui — Masako revelou, apontando para o carro estacionado próximo à porta. — Está dentro do porta-malas. — Yoshie pareceu retrair-se para procurar ficar o mais distante possível dele.

— Sinto muito... — desculpou-se. — Não vou conseguir fazer o serviço. Precisa me deixar voltar lá para fora. — Ela mal falou, e depois saiu abrindo caminho, adentrando a saleta que ficava à entrada da casa, e atirou-se, extenuada, ao chão. Masako ficou observando-a rastejar feito um sapo e perguntando-se sem qualquer propósito específico quando Yoshie havia começado a fazer permanente nos cabelos. Ela já esperava que alguma coisa assim viesse a acontecer e praticamente não deixou-se surpreender.

— Se eu negar, você vai correndo contar para a polícia? — ela perguntou, enfim. Quando Yoshie ergueu o olhar, seu rosto estava pálido.

— Não — disse, agitando a cabeça para os lados. — Nunca.

— Mas ainda assim, não tem como me devolver o dinheiro que lhe emprestei. Em outras palavras, vai conseguir mandar a sua filha para a excursão da escola, mas na hora de fazer um favor daqueles que só aparecem uma vez em nossas vidas, você pouco se importa.

— Mas Masako, isto não é um favor normal. A história aqui é um homicídio.

— Deixei bem claro que era um favor daqueles que só aparecem uma vez na vida.

— Mas é *assassinato* — Yoshie repetiu.

— Então, se fosse outra coisa, você ajudaria? Se fosse um furto ou um roubo? Tem certeza de que é tão diferente assim? — Masako perguntou, e ela própria estava tentando entender a questão. Os olhos da amiga arregalaram-se, abalados, e Masako riu com discrição.

— É diferente — Yoshie murmurou.

— Quem foi que disse?

— Não importa quem disse ou deixou de dizer. Simplesmente é diferente, qualquer ser civilizado sabe disso. — Masako limitou-se a observar em silêncio enquanto Yoshie corria as mãos pelos cabelos desarrumados, sem tirar os olhos do chão. Era um hábito característico de quando alguma coisa a deixava inquieta.

— Está bem — Masako disse, enfim. — Então, pelo menos me ajude a carregá-lo do carro para dentro de casa. Não vou conseguir levá-lo sozinha até o banheiro, é longe.

— Preciso voltar para casa. Minha sogra logo vai acordar.

— Não vai demorar nada — disse Masako, calçando rapidamente as sandálias de Yoshiki e saindo pela porta. Ainda chovia, o que era bom, pois não haveria ninguém na rua. Também era sorte a casa de Masako ficar de frente para um terreno vazio em que o barro vermelho fora revirado em preparação para receber alguma obra. As casas da rua foram construídas bem próximas umas às outras, mas como a dela ficava no final, a entrada estava protegida da vista dos outros.

Ela levou a mão ao bolso para verificar se as chaves estavam dentro dele, e ao mesmo tempo olhava ao redor. Não se via ninguém — agora era a oportunidade perfeita. No entanto, Yoshie ainda não havia saído da casa.

— Vai vir me ajudar ou não? — perguntou, agora com irritação.

— Somente a carregá-lo — Yoshie murmurou, surgindo à porta. Masako apanhou o plástico azul que deixara próximo à entrada. Yoshie ainda parecia hesitante, e Masako deu a volta para chegar à parte de trás do carro e abriu o porta-malas.

— Oh! — Yoshie deixou escapar ao observar por sobre o ombro de Masako. O rosto de Kenji estava a fitá-las. Seus olhos estavam entreabertos e sua aparência era de um relaxamento total, com um fino curso de saliva escorria na bochecha. As pernas já haviam ficado rígidas, com os joelhos levemente flexionados, e os braços, congelados sobre a cabeça. Os dedos pareciam tentar agarrar alguma coisa. Era visível a ferida em carne viva ao redor do pescoço, estava tão esticado que logo se

via que não era uma coisa natural. Masako recordou-se de como Yayoi tirara o cinto na noite anterior, e com ele, envolvera a própria cintura. Foi só então que se deu conta de que Yoshie estava falando alguma coisa.

— O que foi que disse? — perguntou. Yoshie estava de pé atrás de Masako, com as palmas das mãos unidas, e quando a outra virou-se, aumentou ligeiramente o volume da voz de forma que a prece pudesse ser ouvida.

— “Namu Amida Butsu” — repetia sem parar.

— Não acha que está exagerando? — Masako chamou-lhe a atenção, aplicando delicados tapinhas nas mãos de Yoshie. — Deixe disso e me ajude a levá-lo lá para dentro. — Ignorando a olhadela aborrecida, Masako envolveu o corpo com a lona. Depois, indicando para que Yoshie pegasse uma das pontas, passou a forçar as mãos por sob as axilas do cadáver. Com bastante relutância, Yoshie o segurou pelos tornozelos, e elas tiraram Kenji do porta-malas. O fato de o corpo estar endurecido ajudou um pouco, mas ele era pesado e qualquer um ficaria desajeitado ao tentar segurá-lo. Elas cambalearam devido ao peso, mas a porta estava poucos passos distante, e logo o colocaram dentro da casa. — Será que dá para ir comigo colocá-lo lá atrás, dentro da banheira, Capitã? — Masako perguntou, ofegante.

— Está bem — Yoshie concordou, descalçando ligeira os sapatos de lona e subindo o degrau que dava acesso a casa. — Onde fica?

— Bem lá nos fundos — Masako respondeu. Apesar de terem que largá-lo diversas vezes para que pudessem descansar, por fim, conseguiram carregá-lo até o banheiro que usavam para se vestir. Já lá, Masako retirou a lona plástica e estendeu-a nos ladrilhos próximos à banheira, sob o chuveiro. Ela chegara à conclusão de que talvez tivessem problemas caso partículas de carne ficassem presas entre os ladrilhos. — Ajude-me a colocá-lo aqui dentro — pediu. Yoshie fez um gesto de concordância com a cabeça. Sua resistência vinha aparentemente se enfraquecendo. Então, as duas deitaram o corpo de Kenji em diagonal, dentro daquele espaço retangular, justamente do jeito que Masako planejara durante a manhã daquele mesmo dia.

— Que coisa infeliz — Yoshie murmurou —, terminar deste jeito! Aposto que ele nunca imaginou que a própria esposa acabaria com a raça dele. Espero que vá direto para o céu.

— Eu não apostaria — Masako respondeu.

— Você é uma insensível — Yoshie falou em tom de repreensão, e Masako foi capaz de perceber que ela vinha começando a recuperar sua compostura, e então, sem demora, fez mais um pedido.

— Vou buscar as tesouras — anunciou. — Será que pode, ao menos, me ajudar a cortar as roupas dele?

— O que vai fazer com elas? — Yoshie perguntou.

— Vou cortá-las e jogar fora.

Yoshie suspirou ruidosamente, mas obviamente já havia cedido.

— Já esvaziou os bolsos dele? — perguntou.

— Não, ainda deve estar com a carteira e o passe do trem. Quer verificar para mim? — Masako perguntou, indo buscar as tesouras no quarto. Ao retornar, viu que Yoshie enfileirara o que havia nos bolsos de Kenji no vão da porta: uma carteira de um couro preto já gasto, um chaveiro, um passe de trem, além de algumas moedas. Masako foi olhar o que havia dentro da carteira e encontrou alguns cartões de crédito e quase ¥30 mil em dinheiro. Aparentemente as chaves da casa de Yayoi. — Temos que nos livrar de tudo isto — disse ela, enfim.

— O que vai fazer com o dinheiro? — Yoshie perguntou.

— Pode ficar para você.

— Mas é de Yayoi. Só que... — acrescentou, como se argumentasse consigo mesma — ... a verdade é que dá uma sensação estranha entregar o dinheiro dele para a esposa que o assassinou.

— Exatamente. Por que não fica com ele como compensação pelo que já fez? — Masako perguntou, percebendo um olhar de alívio percorrer o rosto de Yoshie. Lembrava-se de que havia vários campos e terrenos desabitados naquela área, enquanto socava a carteira vazia dentro de uma pequena sacola de plástico, junto com o chaveiro, os cartões de crédito, e o passe de trem de Kenji. Se conseguisse enterrar aquela sacola em algum lugar, provavelmente nunca seria encontrada.

Yoshie guardou o dinheiro dentro do bolso da calça com uma expressão pesarosa.

— É estranho ver uma gravata em um homem que morreu enforcado — disse ela, começando a tentar desfazer o nó. Contudo, como estava muito apertado, Yoshie não conseguia desatá-lo por mais que tentasse, e a frustração de Masako crescia mais e mais ao observar aquilo.

— Não temos tempo para isso — disse a ela. — Um dos dois pode vir cedo para casa. Corte-a de uma vez e acabe logo com isso.

— Espere aí — disse Yoshie, com irritação. — Será que você não tem nenhum respeito pelos mortos? Devia se envergonhar!

— Respeito pelos mortos... — Masako repetiu enquanto retirava os sapatos de Kenji e socava-os em outra sacola. — Estou tentando encarar isto como um objeto inanimado.

— Objeto? Como assim? É um ser humano!

— Já foi um ser humano, mas agora é só um objeto. É assim que eu resolvi encarar.

— Então, resolveu errado — disse Yoshie, com a voz estremecida devido à indignação que tanto lhe era atípica. — Se isto aqui é um objeto, o que será que é aquela senhora de quem eu cuido?

— Um ser humano vivente, é óbvio — Masako respondeu.

— Discordo. Se este camarada aqui é um objeto, então minha sogra também é. E todos nós também somos... os vivos e os mortos. Não há diferença nenhuma. — Masako chegou à conclusão de que Yoshie provavelmente tinha razão devido à intensidade de suas afirmações. Ela se lembrou de quando abriu o porta-malas no estacionamento naquela manhã. O dia raiara, a chuva caía, e ela se sentia viva e animada. Só que os mortos são inanimados e imóveis, e sendo assim, resolveu que seria melhor pensar em Kenji como uma coisa, e não como um ser. Naquela hora pareceu uma boa maneira de enfrentar o seu medo. — Mas isso não está certo — Yoshie prosseguiu. — Gente viva é gente, mas cadáveres não são meros objetos. É pura arrogância achar isso.

— Acho que tem razão — Masako concordou. — Mas seria mais fácil se fossem.

— Por quê?

— Porque daria menos medo. Não vou conseguir fazer se não pensar nele dessa maneira.

— Fazer o quê?

— Cortá-lo em pedaços — Masako respondeu.

— Mas por que temos que fazer isso, afinal? Eu não entendo. — Yoshie já estava quase aos berros. — Ele vai nos perseguir, nos assombrar. Os céus castigarão nós duas por fazermos isso.

— Não me importo — Masako respondeu.

— Por quê? Por que não se importa? — Masako se deu conta de que não se importava porque estava quase ansiosa para viver qualquer que fosse o castigo que a acometeria, mas tinha consciência de que tal postura

seria de difícil explicação. Em vez de responder, ela começou a retirar as meias pretas de Kenji.

Quando as mãos de Masako tocaram-lhe a pele desnuda pela primeira vez, um choque percorreu seu corpo. Ela sentiu o cadáver frio e estranho, e começou a perguntar-se se seria mesmo capaz de cortá-lo em pedaços, como planejara. Provavelmente verteria muito sangue e os órgãos cairiam desajeitadamente de dentro do corpo. A emoção que ela sentira pela manhã, de encarar um desafio, desvanecera. Seu coração começou a bater rapidamente e ela sentiu que iria desmaiar. Subitamente teve a certeza de que era contra todos os instintos humanos tocar, ou até mesmo olhar para um cadáver.

— Não vou conseguir suportar tocar nele — Yoshie deixou escapar como se lesse a mente de Masako. — Você tem luvas? — Recordando-se de ter levado algumas da fábrica, Masako foi buscá-las, e também dois aventais. Enquanto isso, Yoshie aproveitou para dobrar com bastante esmero a gravata de Kenji, que finalmente conseguira retirar, e já havia começado a desabotoar-lhe a blusa. Masako entregou as luvas para Yoshie e revestiu as próprias mãos com outro par. Depois, encontrou as tesouras, e foi cortar-lhe a calça, começando pela bainha. Alguns minutos depois, Kenji já encontrava-se deitado, nu, sobre o chão. Seu sangue, aparentemente, havia se reunido todo do lado do corpo que ficara para baixo dentro do porta-malas, e já se viam marcas arroxeadas sob a pele.

— Fizemos assim quando meu marido faleceu — Yoshie murmurou, dando uma leve olhadela para o pênis todo encolhido. — Tiramos toda a roupa dele e lavamos o corpo. Não acha que Yayoi deveria vê-lo? Para falar a verdade, nem deveríamos estar fazendo isto. — Ela ficou parada segurando o avental e fitando o corpo.

— Você se preocupa demais — Masako criticou-a depois de sentir-se farta de testemunhar esta emotividade. — Ela já concordou com tudo. Se vier a se arrepender depois, o problema é dela. — Yoshie suspirou, olhando para Masako com uma sutil expressão de medo nos olhos. Ainda irritada, Masako prosseguiu com a parte que sabia que mais incomodaria Yoshie. — Então, vamos começar decepando-lhe a cabeça — sugeriu. — Fico toda arrepiada só de ele ficar olhando para nós duas assim.

— Ah, agora é que você fica toda arrepiada? — Yoshie desafiou.

— Mas é você que está falando de assombração — Masako devolveu a provocação.

— Não, já superei aquilo — Yoshie respondeu.

— Então corta você.

— Não! — ela exclamou, aparentando muito medo na voz. — Já falei que não consigo. — Mas Masako já havia percebido que não conseguiria desmembrar-lhe o corpo inteiro sozinha, e agora estava decidida a arrumar alguém para auxiliá-la. Ela fez uma oferta.

— Yayoi disse estar disposta a nos recompensar. Você faria se fosse receber compensação financeira pelo serviço? — Yoshie olhou para cima como se fosse puxada por um fio de náilon. Seus olhos fundos mostravam perplexidade. — Falei para ela que não precisava me pagar nada, mas agora, pensando melhor sobre o assunto, é bem provável que eu venha a pedir alguma coisa. Assim dá uma impressão mais de negócio.

— Quanto? — Yoshie perguntou com um cochicho, olhando com desconforto para os olhos sem vida de Kenji.

— Quanto quer? Eu negocio para você.

— Cem mil? — Yoshie sugeriu.

— É pouco. Que tal quinhentos?

— Com tanto dinheiro assim, eu poderia morar em outro lugar — murmurou. — Então, está pretendendo me comprar, sabendo que não vou conseguir resistir... — Certamente, Masako pensou, embora tenha fingido não escutar.

— Por favor — Masako pediu. — Preciso da sua ajuda, Capitã.

— Está bem, está bem. Você venceu — disse Yoshie, finalmente deixando a perspectiva do dinheiro minar-lhe a resistência. Amarrando o avental, ela tirou as meias brancas e começou a enrolar para cima as pernas da calça de moletom. — É melhor você tirar — aconselhou, apontando para a calça jeans de Masako. — Vai acabar manchando-a de sangue. — Masako obedientemente entrou no cômodo de troca de roupa, despiu a calça jeans, e resgatou um short de dentro do cesto de roupa. No momento em que o vestia, se viu em frente ao espelho. Ali, a fitá-la, estava seu próprio rosto, só que agora ostentava uma expressão mais rígida que qualquer uma que ela já tivesse visto. Ao virar-se, viu Yoshie parada de pé atrás dela, com uma cara mais desnorteada que perigosa.

Voltando a entrar na banheira, Masako curvou-se e começou a sentir o pescoço de Kenji, procurando pelo melhor lugar para começar a serrar. Seus olhos passaram de relance pelo grande pomo de adão daquele homem, e ela lembrou-se dos movimentos da garganta de Nobuki naquela

manhã. Aquela linha de pensamento não a ajudaria, então, ela se concentrou na tarefa de momento.

— Acha que conseguiríamos serrar direto o pescoço dele? — perguntou a Yoshie.

— Pode ser que a pele rasgue, talvez seja melhor começarmos com uma faca. Se não der certo, podemos pensar em outra coisa depois. — Agora que aquilo virara um serviço, Yoshie voltava a dar as ordens, como se estivesse dirigindo as operações de seu lugar à frente da linha de montagem das refeições. Masako foi rapidamente até a cozinha e voltou com suas facas de sashimi mais afiadas e a caixa de ferramentas onde guardava o serrote. Ocorrera-lhe também que depois precisariam de sacolas plásticas para jogarem os pedaços no lixo, portanto já poderiam até tê-las à mão, conforme elas fossem realizando o serviço. Masako contou todas as sacolas que tinha: quase cem. Comprara-as no supermercado do bairro, eram do padrão recomendado pela prefeitura, assim, dificultando particularmente qualquer identificação.

— Na minha opinião devemos usar duas sacolas para tudo e, se realmente o fizermos, tenho o suficiente para cerca de cinquenta pacotes. O que acha? — Masako perguntou.

— Então, acho que devemos começar com as grandes articulações e deixamos para cortá-las em pedaços menores depois — disse Yoshie, testando a lâmina da faca. Um leve tremor fazia-se perceber em sua mão. Curvando-se sobre o corpo, Masako usou o dedo para cutucar a área sob o pomo de adão de Kenji à procura da vértebra. Então, rápido, introduziu a faca. O utensílio atingiu o osso quase que imediatamente, e Masako girou a lâmina para evitar o obstáculo. Enquanto o fazia, uma torrente de sangue escurecido esvaía-se pelo ferimento. Surpresa com a enorme quantidade do líquido, ela se deteve por alguns instantes.

— Devo ter atingido alguma artéria.

— Deve mesmo — Yoshie concordou. Antes que pudessem fazer qualquer coisa, a lona plástica já havia se transformado em um mar vermelho, e Masako atrapalhava-se toda para remover a tampa do ralo do chão. Aquele sangue espesso remoinhava-se em forma de uma espuma densa conforme descia pelo ralo, e Masako teve uma sensação estranha, imaginando-o misturar-se nas tubulações à água de seu banho da noite anterior. Conforme Masako continuava o serviço, suas luvas ficaram tão grudentas que ela sentia dificuldade ao mexer os dedos. Depois de

encontrar a mangueira de esguicho do chuveiro, Yoshie conectou-a à torneira e enxaguou as mãos, entretanto o banheiro continuava dominado pelo forte cheiro de sangue.

Quando pôde usar o serrote, Masako passou pelo pescoço com relativa facilidade, e quando a cabeça caiu, separada do corpo, com um ruído surdo e sombrio, o corpo de Kenji subitamente transformou-se em nada além de um objeto de forma estranha. Masako colocou uma das sacolas dentro de outra, ensacou a cabeça e deixou-a sobre a tampa que cobria a banheira.

— Creio que seja melhor deixarmos sair o resto do sangue — disse Yoshie, erguendo aquele corpo sem cabeça pelas pernas. A carne viva aparecia por toda a área do ferimento escancarado de sua traqueia, e o sangue começou a jorrar em um fluxo contínuo, saindo das artérias seccionadas. Enquanto via aquilo, Masako arrepiou-se da cabeça aos pés. Mas embora o que estivesse vendo fosse terminantemente repulsivo, de alguma maneira ela sentia-se mais calma do que jamais poderia ter imaginado. Mais que qualquer coisa, queria que tudo terminasse o mais rápido possível. Chegou à conclusão de que se concentrar na atividade ajudava a anestesiar-lhe os nervos que não conseguiam se acalmar.

Depois, Masako usou a faca para cortar-lhe ao redor das articulações do quadril. Ao observar a lâmina rasgar com suavidade as camadas de gordura amarela, escutou Yoshie murmurar que aquilo parecia “exatamente como um frango”. Quando atingiu o osso, fixou com o pé a perna de Kenji, e começou a serrar-lhe o fêmur exatamente da mesma maneira que uma pessoa cortaria um tronco de árvore. Apesar de ter demorado um pouco, no final das contas as pernas também saíram com facilidade. Os ombros, contudo, ofereceram mais dificuldade, e Masako ficou indecisa na hora de resolver em quais pontos realizaria as incisões. A rigidez cadavérica já adiantada não facilitava nem um pouco as coisas naquele caso. Gotas de suor formavam-se em sua testa, e a impaciência de Yoshie começava a crescer mais e mais.

— Minha sogra logo estará acordando. Temos de acabar logo com isto.

— Eu sei — Masako respondeu. — Por que não ajuda a serrar?

— Mas só temos um serrote.

— Eu deveria ter pedido que você trouxesse outro.

— Mas se tivesse pedido, eu nem teria aparecido aqui — disse Yoshie, com o tom de voz abalado.

— Faz sentido — disse Masako, subitamente sentindo vontade de rir. Havia algo de tão absurdo em toda aquela situação, em elas duas terem uma conversa de tamanha falta de importância ao mesmo tempo em que despedaçavam o corpo de um completo estranho chamado Kenji. Elas permaneceram paradas por um momento sobre o corpo, olhando uma para a outra, enquanto suas mãos ensanguentadas pendiam ao lado de seus corpos. — Que dia você coloca o lixo para fora na sua casa, Capitã? — Masako, finalmente, perguntou.

— Amanhã, quinta-feira...

— Igual a mim, então, tudo tem de ir embora amanhã de manhã. Vamos ter que dividir.

— Mas eu nunca conseguiria carregar tantas sacolas assim... — Yoshie apontou.

— Eu levo você de carro.

— Não acha que um carro vermelho chegando para deixar lixo pode dar um pouquinho demais na vista? — Yoshie perguntou. — Você sabe quanto as pessoas ficam de olho nos pontos de coleta de lixo.

— Creio que sim. — Masako estava apenas começando a entender que se livrar do corpo seria mais complicado do que imaginara. E Yoshie continuava impaciente.

— Vamos nos preocupar primeiro em terminar logo esta parte. Depois a gente vê o que faz com o lixo.

— Está bem — Masako concordou, voltando a empunhar o serrote e começando a cortar-lhe o ombro. Depois de removerem-lhe os braços, resolveram partir para os órgãos internos. Masako pegou uma faca e fez um corte profundo da base do pescoço até a virilha de Kenji. Conforme talhava-lhe os intestinos, o ambiente encheu-se com o fedor do que já estava apodrecendo dentro do estômago dele, misturado ao álcool que bebera na noite anterior. As duas mulheres cobriram os narizes com as mãos.

— Vai descer tudo pelo ralo — disse Masako, ofegante, olhando para Yoshie e fazendo um sinal. Porém, acabou mudando de ideia depois de se dar conta de que poderiam ter problemas caso entupissem o encanamento. Ela resolveu que também colocaria o conteúdo dos intestinos em sacolas de lixo. Contudo, justo quando estavam começando, o interfone tocou, e elas ficaram paralisadas. Já passava das 10:30h.

— Seu marido ou seu filho? — Yoshie sussurrou com nervosismo. Masako negou com a cabeça.

— Ainda não está na hora de nenhum deles chegar — respondeu.

— Está bem, então, não vamos atender. — Depois de tocar mais algumas vezes, o interfone silenciou-se.

— Quem pode ter sido? — Yoshie perguntou baixinho.

— Deve ter sido apenas um vendedor — Masako respondeu. — Se alguém perguntar depois, digo que estava dormindo. — Voltou a pegar o serrote, que agora estava repleto de gordura. Ainda havia mais trabalho a ser feito, e agora não tinha mais volta.

2

Enquanto Masako e Yoshie começavam o serviço com o cadáver, Kuniko Jonouchi dirigia sem destino em volta de Higashi-Yamato, subúrbio de Tóquio. Não tinha para onde ir ou o que fazer, e estava se sentindo um pouco desesperada, o que para ela era uma coisa rara. Ela parou o carro próximo a um chafariz recém-inaugurado em frente à estação. A falta de propósito do chafariz naquela manhã chuvosa parecia combinar-se com perfeição ao humor de Kuniko, mas tais pensamentos inquietantes não chegavam a passar-lhe pela cabeça mais que uma vez por ano e, mesmo nessa única vez, faziam-na sentir-se incomodada.

Olhou com nervosismo algumas vezes para uma cabine telefônica próxima a um tapume colocado em volta de uma obra. Já havia praticamente resolvido que deveria ligar para Masako e pedir a quantia emprestada. Era verdade que tinha um pouco de medo dela, e que nunca sabia direito o que lhe passava pela cabeça, mas àquela altura, não tinha outra alternativa. Precisava de dinheiro vivo, e precisava dele hoje.

Kuniko saiu do carro e abriu o guarda-chuva; só que enquanto o fazia, um ônibus que estava parado atrás dela forçou os freios a ar comprimido como se reclamassem. O motorista abriu o vidro.

— Não pode estacionar aqui! — ele gritou.

Ela pensou em xingá-lo e mandá-lo calar a boca, mas ainda assim, até mesmo o palavrão não dito parecia-lhe pouco convincente naquela manhã. Arrastando os pés de volta ao seu Golf levemente úmido e desconsolado, deu partida no motor, e voltou a se misturar ao fluxo do tráfego. Não fazia a mínima ideia de onde ir e tampouco de onde encontrar um telefone público. Mas quase não chegava a importar tanto assim, já que o trânsito estava praticamente parado.

O que fazer? Suspirou, olhando pelo para-brisa obscurecido pelo nevoeiro. O degelador quebrado a incomodava, mas nem sequer chegava perto da perturbação que era o fato de não ter um plano.

Quando chegara em casa de manhã, vindo da fábrica, não viu qualquer sinal de Tetsuya, que deveria estar dormindo no quarto. Obviamente ainda estava irritado devido à briga da noite anterior e resolvera ficar em algum outro lugar. E por acaso ele pensou que ela se importava? Melhor para ela seria se um parasita daqueles nunca mais voltasse para casa. Foi direto para a cama e já estava caindo no sono quando o telefone tocou. Ainda era cedo, mal passara das sete da manhã, e ela atendeu com uma voz um pouco irritada.

— Lamento muito incomodá-la tão cedo assim — disse a voz do outro lado da linha, com uma educação exagerada. — A senhora é Kuniko Jonouchi?

— O que você quer? — Kuniko resmungou.

— Estou ligando do Centro de Um Milhão de Consumidores — disse o homem. Kuniko, de repente, estava completamente desperta. Como pôde esquecer-se de uma coisa tão importante? O homem prosseguiu em seu texto bem ensaiado. — Achei que, de repente, a senhora pudesse ter se esquecido, então, estou ligando para lembrar-lhe que deveria ter efetuado o pagamento até ontem. Acredito que ainda não tenhamos recebido o depósito. Tenho certeza de que a senhora está ciente das datas dos pagamentos: sua quarta parcela de ¥55.200 deveria ter sido saldada no dia vinte. Se não recebermos o pagamento hoje, a senhora ficará sujeita a uma taxa de atraso como penalidade, e ainda enviaremos a sua casa um agente de cobrança. Agradeceríamos se pudesse dar atenção imediata à questão.

O telefonema era de um agiota da área. Kuniko vinha sendo perseguida por credores havia vários anos, depois de ter pegado empréstimos vultosos para pagar seu carro e seus cartões de crédito. A certa altura do ano anterior, se dera conta de que nem mais considerava saldar a dívida original, tentava apenas pagar os juros. Pouco tempo depois, até isso tornou-se difícil, e ela começou a procurar agiotas para pegar dinheiro emprestado contando com o salário do mês seguinte. E agora eram os próprios agiotas que estavam atrás dela, e ela não tinha mais a quem recorrer. As dívidas duplicaram praticamente da noite para o dia, e tanto os credores convencionais quanto os agiotas estavam ameaçando divulgar-lhe o nome como má pagadora.

Tudo piorou quando ela foi burra o bastante para levar a sério as propagandas de uma “agência de crédito” local. “As despesas do mês deixaram você numa pior? Precisa de grana para ontem?” Eles

perguntaram e ela respondeu com um “Sim!” enfático — foi o primeiro passo na direção do problema. Uma senhora muito simpática foi falar com ela e, com apenas sua carteira de habilitação e o nome da empresa do marido, lhe entregara ¥300 mil, uma quantia que permitiu que Kuniko pagasse os juros de seus cartões de crédito e de outros empréstimos que comprometiam seu contracheque. Ela preocupara-se demais em apenas sobreviver ao presente para se dar conta de que a taxa de juros daquele novo empréstimo era de quarenta por cento. Então, quando surrupiou o dinheiro de Tetsuya para saldar a dívida, a mulher lhe disse que a quantia devida já havia crescido para ¥500 mil.

Isso queria dizer que ela *precisava* dar um jeito de arrumar algum dinheiro hoje. A lata em que o casal guardava dinheiro para as despesas da casa continha somente algumas moedas — quando será que eles gastaram o que estava ali dentro? Começando a se sentir ligeiramente trêmula, tirou a carteira falsificada da Gucci da bolsa, mas como ainda faltavam alguns dias para receber seu salário, sobravam-lhe apenas alguns poucos milhares de ienes. Sua única esperança era tentar encontrar Tetsuya e voltar a tirar dinheiro dele. — Para onde será que ele pode ter ido? — disse ela em voz alta, procurando em sua agenda pelo número do telefone de seu trabalho. Ela discou o número que encontrou, mas ninguém atendeu, ainda estava cedo. Porém, mesmo que a atendessem, ele provavelmente não iria até o telefone. Agora ela estava cada vez mais inquieta. Se não efetuasse o pagamento hoje, alguém, muito provavelmente um sujeito com cara de integrante da yakuza, faria-lhe uma visitinha. Apesar de sua aparência impudente, Kuniko era na verdade bastante tímida, e o que a deixava com mais medo no momento era pensar no tal sujeito.

Ela entrou no quarto arrastando os pés e abriu a última gaveta da cômoda, procurando algum velho pé-de-meia que ainda pudesse estar escondido por entre as calcinhas e as meias; só que, mesmo tendo vasculhado entre os sutiãs e as meias de náilon, não conseguiu encontrar nem um centavo. Então, tomada por uma suspeita horrível, começou a abrir as outras gavetas. Logo constatou que todas as roupas de Tetsuya haviam desaparecido. Depois da briga de ontem ele deve ter embolsado todos os ienes da casa e ter ido embora.

Dormir agora estava fora de questão, Kuniko pulou dentro do carro e foi até o caixa eletrônico que ficava próximo à estação. Ao verificar o extrato da conta conjunta, viu que estava zerada. Mais uma das dele.

Naquele ritmo, sequer conseguiria pagar o aluguel. Kuniko já estava quase arrancando os cabelos de tanta raiva quando voltou para o carro.

Escapando, enfim, do trânsito, virou à esquerda em um sinal, e chegou a um conjunto de casas bem antigas, construídas pela prefeitura. Uma novíssima e moderna cabine telefônica contrastava com o cenário. Kuniko estacionou, saltou do carro sem sequer se incomodar em pegar o guarda-chuva, e correu até a cabine.

— Alô. É da “Max Produtos Farmacêuticos”? Queria falar com Jonouchi, do departamento comercial.

A resposta atingiu-a como um choque.

— Jonouchi demitiu-se mês passado — disse a voz do outro lado da linha.

Kuniko sempre considerara Tetsuya um tolo incompetente, mas agora ele tinha conseguido armar uma para cima dela. Em um acesso de fúria, ela atirou a despedaçada lista telefônica ao chão, e começou a pisoteá-la com seus sapatos umedecidos, fazendo com que pedaços de papel girassem pelos ares. Ainda não satisfeita, bateu com o fone no gancho, com toda força. *Merda! Merda!* O que vou fazer? Eles vêm hoje e não tenho onde me esconder. Neste momento resolveu que *teria* de pedir a Masako. Yoshie não dissera de manhã que iria pegar um dinheiro emprestado com ela? Então, por que ela também não poderia pedir? Caso Masako negasse, ficaria mais que provado que era uma pessoa sem coração. Por ser totalmente egocêntrica, Kuniko achava natural Masako querer emprestar dinheiro para ela, já que estava disposta a fazê-lo para qualquer um.

Ela voltou a empurrar o cartão telefônico para dentro da abertura e tentou discar o número do telefone de Masako, mas agora o aparelho parecia ter se quebrado. Quanto mais ela tentava inserir o cartão, mais ele saía da fenda. Ela desistiu, deixando escapar um ruído de aborrecimento, e resolveu ir fazer uma visitinha a Masako, cuja casa não ficava muito distante dali. Kuniko já estivera lá uma vez, e achou que conseguiria encontrá-la novamente. Voltando para o carro, desdobrou um grande mapa e segurou-o com uma das mãos, enquanto retornava à via principal.

A residência de Masako era pequena, mas localizava-se em um bairro de casas modernas, construídas sob encomenda, o que por si só já deixava Kuniko com inveja. Mesmo assim, ela imaginou, lembrando-se de que Masako não tinha cuidado algum com seu modo de vestir, a casa dela não poderia ser tão chique assim. Kuniko sentiu certo consolo com aquela análise, muito embora estivesse ali para pedir dinheiro emprestado. Do outro lado da rua, um terreno estava sendo preparado para o início de uma obra. Depois de estacionar em frente a um montículo de terra, Kuniko começou a caminhar na direção da casa de Masako. Ela viu uma bicicleta conhecida parada do lado de fora — era da Capitã. Na mesma hora achou que Yoshie passara-lhe à frente para pegar o dinheiro e ficou preocupada. Mas talvez Yoshie não precisasse fazer um pagamento hoje e, sendo assim, não se importaria em deixá-la receber primeiro. Resolveu que esse seria o seu argumento.

Ela tocou o interfone, mas não houve resposta. Voltou a tocar, mas a casa permanecia em silêncio. Imaginou que talvez tivessem saído, mas o Corolla de Masako estava estacionado à frente da casa, assim como a bicicleta de Yoshie. Estranho. Talvez estejam dormindo — a ideia ocorreu bastante naturalmente a Kuniko, já que ela própria também estava com o sono atrasado. Só que então lembrou-se de que Yoshie cuidava da sogra inválida e nunca se permitiria cair no sono na casa de outra pessoa.

Subitamente desconfiada, ela deu a volta até os fundos da casa, ainda segurando o guarda-chuva. Assim que chegou ao quintal, conseguiu espiar pelas cortinas de renda o que parecia ser a sala de estar, entretanto o cômodo estava escuro e silencioso. Porém, havia uma luz acesa no final do corredor. Talvez não conseguissem escutar o toque do interfone tão longe nos fundos da casa.

Voltando até a frente, Kuniko foi dar mais uma volta pela casa, desta vez pelo outro lado, e chegou a uma janela que parecia ser do banheiro. A luz estava acesa, e era possível escutar Masako e Yoshie conversando baixo. O que será que estavam fazendo ali atrás? Ela passou a mão pelas grades de metal e bateu de leve no vidro.

— Ei, é a Kuniko — chamou. As vozes lá dentro silenciaram-se. — Perdão, mas parei aqui porque preciso pedir um favor. A Capitã também está aí dentro? — Seguiu-se mais um silêncio curto, até que a janela abriu-se de súbito e Masako surgiu com uma expressão nervosa no olhar.

— O que você quer? — perguntou.

— Quero pedir um favor — Kuniko disse com seu tom de voz mais cordial, concentrado para cativar uma Masako hostil, e conseguir tirar dela pelo menos ¥55.200, além de, quem sabe, um pouquinho a mais para sobreviver.

— Que espécie de favor?

— Prefiro não dizer aqui fora — Kuniko respondeu, olhando para trás, para a casa do vizinho, que ficava a poucos passos de distância. Estava bem em frente a uma pequena janela entreaberta, que provavelmente também era de um banheiro.

— Estou um pouco ocupada no momento — disse Masako, sem a mínima preocupação em esconder sua irritação. — Desembuche de uma vez.

— Bem... — começou, e então parou, subitamente curiosa com o que Masako e Yoshie pudessem estar fazendo no banheiro. Captando uma onda sufocante de fedor de alguma coisa pútrida, fungou de maneira bastante ruidosa. Masako bateu a janela com força e gritou para que Kuniko esperasse, fechando desesperadamente o caixilho da janela. — Estou com problemas — desabafou.

— Muito bem — Masako disse bem baixinho, talvez com medo de armar um escândalo no quarto. — Dê a volta até a frente da casa. Já me encontro com você lá.

Kuniko ficou aliviada por Masako ter cedido, mas seu interesse fora despertado por alguma coisa bastante estranha que vira um instante antes de a janela ser fechada: com quase toda certeza era um pedaço de carne — e aquela ideia fez o coração de Kuniko saltar. O que quer que fosse, era uma coisa incrível; mas se estavam fatiando uma peça de carne de boi ou de porco, por que usavam logo o banheiro para aquilo? O comportamento de Masako andara estranho, e embora Kuniko tivesse certeza de que Yoshie estava lá dentro, ela não deu as caras.

Ficou esperando à porta da frente, mas vários minutos se passaram e Masako não aparecia. Sua impaciência só crescia, enfim, Kuniko voltou ao banheiro. Agora era possível escutar o barulho de uma torneira aberta; parecia que estavam lavando alguma coisa, e haviam voltado a conversar em voz baixa. Agora ela estava decidida a descobrir o que estavam fazendo, ainda mais por achar que cheirava a dinheiro.

Ela escutou que Masako sairia do banheiro, apressou-se para retornar à porta da frente e ficou esperando com cara de inocente. Enfim, a porta se

abriu, embora apenas uma fresta, e Masako olhou para fora. Trajava uma blusa polo e um short. Os cabelos estavam puxados para trás, embolados e bagunçados, e ela parecia, de alguma forma, ainda mais intimidadora do que mais cedo na fábrica. Kuniko sentiu-se intimidada.

— Qual é o problema? — Masako perguntou.

— Posso entrar um instante?

— O que você quer? — Ela perdeu a paciência.

— Prefiro não dizer aqui fora... — disse Kuniko, da maneira mais doce que conseguiu.

Quando Masako, com muita relutância, deixou-a entrar, Kuniko aproveitou para dar uma boa olhada pela casa. A saleta que ficava à entrada da casa era pequena, porém bonita. Como se podia esperar de Masako, não havia sequer uma flor, foto ou decoração de qualquer espécie.

— E então, o que é? — exigiu saber, plantando-se firmemente em frente a Kuniko de forma que não lhe fosse possível adentrar mais a casa, ou ver qualquer coisa que estivesse acontecendo mais para dentro. Kuniko sempre detestara a maneira que Masako a tratava, tão superior e todopoderosa, e, naquele exato momento, estava pensando que talvez ela própria detestasse Masako só um pouquinho.

— Bem, não sei direito como dizer, mas preciso de dinheiro emprestado. Me esqueci de que tinha de pagar uma conta que venceu ontem e estou lisa.

— E seu marido?

— Pegou todo o dinheiro que havia na casa e me deixou.

— Deixou você? — Masako repetiu. Quando Kuniko percebeu como a expressão dela ficou ligeiramente menos tensa ao ouvir aquela notícia, teve certeza de que a detestava. Mas ainda assim, como não poderia deixar seus sentimentos à mostra no momento, baixou a cabeça de maneira submissa.

— Isso — murmurou. — E não faço a mínima ideia de para onde foi. Não sei o que fazer.

— Entendi — disse Masako. — Então, de quanto precisa?

— Cinquenta mil... mas consigo me virar com quarenta.

— Não tenho tanto dinheiro assim aqui. Teria que ir ao banco.

— Se importaria? — Kuniko perguntou. — Eu agradeceria demais.

— Agora não posso.

— Pela Capitã você pôde, não foi? — pressionou, levando Masako a fazer uma careta de constrangimento.

— Preciso saber de uma coisa... Há alguma chance de você me devolver o dinheiro?

— Há — Kuniko insistiu. — Prometo. — Masako ficou em silêncio por alguns instantes, considerando a solicitação, e levou a mão ao queixo enquanto procurava chegar a alguma conclusão. Kuniko sobressaltou-se: sob as unhas de Masako, alguma coisa parecia com sangue.

— De qualquer maneira, hoje não dá — Masako decidiu. — Posso até ajudá-la se esperar até amanhã.

— Amanhã já será tarde demais. Se eu não fizer o pagamento hoje, eles mandam os capangas deles para receber.

— Receio que esse problema seja só seu. — Kuniko nada disse. Ela tinha consciência de que Masako tinha razão, só que sempre falava as coisas com uma frieza tão grande...

Naquele exato momento, Yoshie falou por trás delas.

— Sei que não é da minha conta, mas acho que deveria dar-lhe o dinheiro — disse ela. — Ela não é uma de nós? — Masako virou-se para olhar para ela sem sequer tentar esconder sua raiva; só que não parecia ser o que Yoshie dissera que a deixara tão irritada, mas sim o simples fato de ter aparecido. Yoshie estava com as mesmas roupas que trajava quando saiu da fábrica, mas tinha olheiras profundas e parecia ainda mais exausta. Agora, com a certeza de que as duas estavam fazendo alguma coisa que não queriam que ela soubesse, Kuniko viu sua chance de vingança.

— Falem de uma vez, o que estão aprontando? — perguntou. Masako ficou calada, mas Yoshie desviou o olhar, demonstrando culpa. — O que estão fazendo no banheiro?

— O que acha que estamos fazendo? — Masako perguntou, com uma risada fraca. O olhar que ela lhe lançou fez com que Kuniko se arrepiasse.

— Não sei... — murmurou.

— Você viu alguma coisa? — Masako perguntou.

— Bem, pensei ter visto... talvez um pedaço de carne.

— Vou lhe mostrar — disse Masako, abruptamente. — Venha. — Yoshie disse alguma coisa que pareceu uma objeção, mas Masako agarrou Kuniko pelo pulso. Conforme apertava-lhe cada vez mais forte o braço, uma parte de Kuniko, a parte tímida, foi invadida por necessidade urgente de fugir o mais rápido que conseguisse. No entanto, sua outra parte queria,

mais que tudo, ver o que havia no banheiro, sobretudo se dissesse respeito a dinheiro; e era justamente a parte que estava vencendo a batalha.

— O que está fazendo? — Yoshie perguntou, puxando o braço de Masako. — Acha mesmo que é uma boa?

— Não se preocupe. Ela pode nos ajudar.

— Não tenho tanta certeza! — Sua voz, inicialmente hesitante, passou a sair estridente.

— Ajudar no quê, Capitã? — Kuniko perguntou, começando a entrar em pânico, mas Yoshie não respondeu, ficou apenas olhando para o chão, de braços cruzados, conforme Masako começava a arrastar Kuniko pelo corredor que as levaria até o banheiro. Ao chegarem à porta, Kuniko percebeu algo que parecia um braço humano estirado sobre o chão, sob aquela luz radiante, e quase desmaiou. — O que é isso? — indagou, ofegante.

— É o marido de Yayoi — Masako revelou, soltando-lhe o braço e acendendo um cigarro.

Lembrando-se do sangue ressecado sob as unhas de Masako, e do fedor repugnante que sentira à janela, Kuniko levou a mão, em forma de concha, à boca, resistindo à ânsia de vômito.

— Por quê? Por quê? — ela perguntava, murmurando. Talvez o que estivesse vendo não fosse real. Talvez elas tenham armado aquilo tudo para deixá-la apavorada, como em uma casa mal-assombrada.

— Yayoi o matou — disse Yoshie, suspirando.

— Mas o que vocês estão fazendo com ele? — Kuniko perguntou.

— Estamos cortando-o em pedaços. Prosseguindo com o serviço — disse Masako, como se explicasse uma coisa óbvia a uma criança.

— Isso não é trabalho!

— É sim, com certeza — disse Masako, com um tom trivial. — E se quer tanto o dinheiro quanto está parecendo, pode nos ajudar. — À menção do dinheiro, a mente de Kuniko engatou na ideia.

— Ajudar, como?

— Quando terminarmos de cortá-lo todo e colocá-lo nas sacolas, poderá nos ajudar a nos livrar delas — Masako sugeriu.

— Simplesmente me livrar delas?

— Exato.

— E quanto eu ganharia?

— Quanto quer? Vou conversar com Yayoi. Mas significa que você estaria participando de tudo, e que não pode contar para ninguém.

— Entendido. — Assim que terminou de pronunciar a palavra, Kuniko percebeu com perplexidade que fora pega na armadilha que Masako armara para garantir-lhe o silêncio.

3

Yayoi Yamamoto abria seu velho guarda-chuva vermelho enquanto deixava a fábrica e subia em sua bicicleta. Conforme ia embora pedalando, percebia que a luz que brilhava e atravessava o guarda-chuva transformava a pele nua dos seus braços em um resplandecente cor-de-rosa. Ocorreu-lhe que suas bochechas provavelmente estavam com o mesmo brilho de menina. Porém, contrastando com o mundo cor-de-rosa que a acompanhava ao ritmo vagaroso de sua bicicleta, o resto do mundo era de uma coloração mais sombreada e severa: o asfalto molhado da rua, as árvores de ambos os lados com sua ramagem renovada, e as casas cuidadosamente fechadas. Embora o guarda-chuva criasse um casulo cor-de-rosa, o que a cercava ficava cada vez mais sinistro e deprimente. De alguma maneira aquilo parecia simbolizar sua própria vida, agora que assassinara Kenji.

Yayoi era capaz de se recordar de quase todos os detalhes do homicídio, afinal cometera-o com as próprias mãos. Ainda assim, ao mesmo tempo, a fantasia de que Kenji simplesmente desaparecera em algum lugar começava a enraizar-se sem que ela reconhecesse o quanto aquela versão dos fatos fosse egoísta. Passara-se tanto tempo desde que Kenji fora uma presença constante em casa com ela e com as crianças que era mais fácil para ela aceitar a fantasia em lugar da realidade de que ela o havia assassinado.

O guarda-chuva de náilon agora ficara pesado, depois de haver absorvido uma boa quantidade de água da chuva, e ela abaixou o braço por um instante. Enquanto o fazia, via aquele mundo cor-de-rosa desaparecer, e as fileiras de pequeninas casas velhas e conhecidas voltavam ao seu aspecto normal. A chuva caía suavemente, encharcando-lhe a face e os cabelos. Yayoi estava tomada pela sensação de que havia, de alguma forma, renascido, e sentia uma certa coragem começando a avivar-se em seu interior.

Conforme aproximava-se do muro que margeava a rua, à entrada da ruela em que morava, lembrou-se de como esperara ali por Masako na

noite anterior. Nunca se esqueceria de como a amiga simplesmente aceitara o que ela fizera e concordara em ajudá-la. Dali em diante, faria qualquer coisa por Masako — ainda mais por ela também ter assumido a repugnante tarefa de se livrar do corpo.

Depois de destrancar a porta, Yayoi entrou na casa pouco iluminada. Talvez devido às crianças estarem ali, ela foi recebida pelo odor familiar do lar, como o cheiro de um cãozinho dormindo ao sol. E agora a casa era dela, dos filhos, e de ninguém mais. Kenji não voltaria mais — só que daquele dia em diante ela teria que garantir que não deixaria escapar que sabia disso. Ela ficou imaginando com um pouco de inquietação se conseguiria representar convincentemente o papel de esposa preocupada, afinal, ainda sentia um formigamento de empolgação ao lembrar-se de quando viu seu corpo inerte tombado à porta. *Bem feito para aquele cretino!* Ela nunca usara aquelas palavras em sua vida. E também nunca saíra para caçar — então, por que será que sentira aquela emoção típica daqueles que perseguem um animal pela floresta? Talvez tivesse sempre sido assim, mas simplesmente nunca teve a chance de descobrir.

Sentindo-se um pouco mais calma, deu uma olhada pela saleta da entrada, procurando traços de Kenji, conforme tirava os sapatos. Ocorreu-lhe que não conseguia lembrar-se de quais sapatos Kenji estava usando. Verificando a sapateira, ela viu, para seu alívio, que ali não estavam os sapatos novos que ele havia comprado: ao menos Masako não teria de tirar-lhe os sapatos velhos e sujos que costumava usar.

Ela deu uma olhadela discreta no quarto e percebeu alegremente que seus dois filhos ainda dormiam. Enquanto recolocava o cobertor que o mais novo chutara, sentiu uma pontada momentânea de arrependimento por ter desaparecido com o pai deles.

— Mas o papai não era mais o papai de antigamente — resmungou em voz alta, para só então se dar conta, horrorizada, de que o mais velho, Takashi, de cinco anos, estava acordado. Estava tentando encontrá-la, piscando os olhos ansiosamente. Yayoi foi até ele e começou a acariciá-lhe as costas com suavidade. — Cheguei — disse ela, bem baixinho. — Está tudo bem. Volte a dormir.

— Papai já chegou? — ele perguntou.

— Ainda não — disse Yayoi. Ele olhou pelo quarto com nervosismo por um instante, mas ela continuou com as carícias até que ele voltasse a dormir. A ideia do que ela teria que enfrentar nas horas seguintes fez com

que percebesse que provavelmente deveria tentar dormir um pouco. Sob tais circunstâncias, ela duvidava de que fosse capaz de se acalmar, mas conforme passava a mão pelo hematoma em seu estômago, caiu no sono quase que imediatamente.

— Mamãe, cadê o Leite?

Acordou subitamente quando o filho mais novo, Yukihiro, pulou sobre seu *futon*. Foi difícil abandonar os sonhos e voltar à realidade. Abrindo os olhos forçadamente, tentou ver as horas. Já passava das oito e ela precisava deixar os filhos na creche às nove. Saltou da cama ainda vestida e com as roupas ligeiramente úmidas de suor.

— Mamãe, o Leite não está aqui — Yukihiro ainda se queixava.

— Está por aí — disse Yayoi, dobrando o *futon* enquanto reprisava os eventos da noite anterior em sua mente. Enfim, conseguiu lembrar-se de que o gato fugiu pelo buraco da porta depois que ela assassinou Kenji. Pareceu-lhe estranho que alguns detalhes já estivessem ficando vagos, como se houvessem acontecido há muito tempo.

— Falei que ele não está aqui! — o garoto soluçava. Ele era o mais masculino e mais tempestuoso de seus dois filhos, mas seu amor por aquele gato era incomum. Ela se virou para olhar para o mais velho pensando em pedir-lhe que cuidasse do menor.

— Takashi — chamou-o. — Pode levar o seu irmão para procurar por Leite? — Um instante se seguiu, e Takashi apareceu de pijama, com uma aparência ansiosa e melancólica.

— O papai já foi trabalhar? — ele perguntou. Já havia algum tempo que Kenji vinha dormindo na saleta que ficava à entrada da casa quando chegava tarde em casa do trabalho. Takashi aparentemente fora procurá-lo lá assim que acordou.

— Não, deve ter ficado em algum lugar. Ele não voltou para casa ontem à noite.

— Não é verdade — disse Takashi. — Ele veio sim. — Yayoi olhou para ele com um medo extremo. Quando o rosto pálido e delicado daquele menino ficava comprimido de preocupação do jeito que estava agora, ele ficava a cara dela.

— A que horas? — ela perguntou. Ouvindo sua própria voz trêmula depois que terminara de falar, ela se deu conta de que aquele seria o

primeiro assalto de uma luta demorada. Fortaleceu-se para a tarefa de despistar o filho.

— Não sei a que horas — disse Takashi, parecendo bastante adulto. — Mas escutei quando ele entrou. — Yayoi sentiu uma explosão de alívio.

— Escutou quando ele entrou? Deve ter apenas escutado a mamãe sair para ir trabalhar. Agora apresse-se ou vamos nos atrasar. — Ele preparou um protesto, mas ela o ignorou e virou-se para ver Yukihiro procurando sob o sofá e atrás do armário da cozinha. — Deixe que eu procuro o gato — disse. — Vocês dois vão se arrumar.

Yayoi preparou o café da manhã com o que tinha na cozinha e vestiu capas de chuva nos meninos. Então, colocou-os na bicicleta, um à frente e outro por trás, e os levou até a creche; depois de os deixar lá, em segurança, sentiu uma certa paz de espírito. De repente, sentiu vontade de ligar para Masako ali naquele momento para saber se tudo corria bem, ou até mesmo ir até a casa dela e ver com seus próprios olhos. Só que Masako a aconselhara a esperar seu contato, então, desistiu da ideia de telefonar e voltou apressadamente para casa.

Quando chegou à ruela, uma vizinha de meia-idade estava andando por ali, arrastando os pés, segurando um guarda-chuva com uma das mãos, e limpando a área de coleta de lixo. Enquanto fazia aquilo, rosnava consigo mesma sobre como as pessoas do prédio ao lado eram descuidadas ao jogar fora seu lixo. Yayoi cumprimentou-a com certa relutância.

— Bom-dia — disse ela. — Que bom que a senhora toma conta disso. — A resposta da mulher veio inesperada.

— Ah, aquele ali não é seu? — perguntou, apontando para um gato branco escondido atrás do poste de um orelhão. Era Leite.

— É mesmo — disse Yayoi. — Aqui, Leite! Aqui, Leite! — chamava-o, estendendo a mão. O gato arqueou as costas e miou. — Você vai se molhar. Entre — ela falou, mas Leite saiu em disparada na direção contrária.

— Que estranho! — exclamou a mulher. — O que acha que deu nele? — Esforçando-se para controlar a impaciência em frente à vizinha, Yayoi continuou gritando o nome do gato. É bem provável que ele nunca mais volte... igual ao Kenji. Ela ficou olhando, estupefata, para onde ele desaparecera.

A lista de atividades diárias de Yayoi era bem incomum: depois de chegar em casa de manhã cedo do turno da noite na fábrica, preparava o café da manhã para Kenji e as crianças, levava os meninos para a creche, e só então dormiria um pouco. Ela não tinha desejo algum de trabalhar à noite, mas não eram muitas as empresas dispostas a contratar uma mãe de filhos pequenos e que precisava tirar folgas inesperadas. Antes de iniciar na fábrica de refeições, ela trabalhou como caixa em regime de meio expediente em um supermercado; contudo, devido à recusa de trabalhar aos domingos, e faltar frequentemente por causa de alguma enfermidade dos meninos, não durou muito. O expediente noturno exigia muito dela fisicamente, mas a remuneração era melhor que a do diurno, e ainda podia colocar as crianças para dormir antes de sair para a fábrica. E também teve a sorte de conhecer colegas como Masako e Yoshie.

Ela se perguntou como conseguiriam cuidar de tudo, dali em diante, sem o salário de Kenji, mas já o vinham fazendo nos últimos meses, então, não seria diferente. Alguma ideia lhes ocorreria. Yayoi sentia que, de alguma maneira, ficara mais forte desde a noite anterior.

A vontade dela era ligar o quanto antes para o escritório de Kenji, mas poderia parecer estranho caso ligasse cedo demais. Ela resolveu manter-se em sua rotina diária, tomou metade de um comprimido para dormir e se deitou. Desta vez, teve problemas para cair no sono, e pouco depois de ter conseguido cochilar, acordou suando frio devido a um sonho bem realista, em que estava deitada ao lado de Kenji. Ela sacudiu a cabeça para livrar-se dos efeitos subsequentes, virou-se de bruços, e finalmente, desta vez, dormiu.

Algum tempo depois, acordou com o som distante do telefone tocando. Ela imaginou que pudesse ser Masako, saltou da cama, e logo viu que ainda estava tonta por causa do remédio.

— Meu nome é Hirosawa — disse a voz ao telefone. — O marido da senhora está em casa? — A ligação vinha da pequena empresa de material de construção em que Kenji trabalhava. “Então, está começando”, ela pensou, recompondo-se.

— Não — disse ela. — Está dizendo que ele não está aí?

— Ainda não chegou — disse Hirosawa. Ela hesitara porque não tinha certeza de que horas eram. Ela virou-se para olhar para o relógio da parede e viu que já passava das 13h.

— Para falar a verdade, meu marido não voltou para casa ontem à noite. Não sei onde ficou, mas achei que já estaria no escritório a esta hora. Sei que ele fica irritado quando ligo para aí, então, estava exatamente me perguntando o que fazer.

— Entendi... — o homem balbuciou, talvez percebendo que deveria passar uma impressão de solidariedade masculina. — A senhora deve ter ficado preocupada...

— Ora, ele nunca fez nada assim, daí fiquei sem saber o que pensar. Estava prestes a telefonar aí para a empresa. — Yayoi lembrou-se de que Hirosawa era o chefe da seção de vendas, e patrão de Kenji. Imaginando-lhe o rosto fino e nada atraente, ela forçou-se a representar o papel de esposa preocupada, porém, ligeiramente envergonhada.

— Mas não se preocupe — disse Hirosawa. — Ele deve estar só dormindo em algum lugar para curar-se de uma ressaca. Ah, perdão... provavelmente isso não faz a senhora se sentir muito melhor. Mas seu marido nunca faltou ao trabalho por motivo algum, portanto, tenho certeza de que há uma explicação simples. Estresse... Isso, provavelmente foi isso. Ele está se sentindo sob pressão e deve ter simplesmente apagado em algum lugar. Isso anda acontecendo bastante.

— Sem sequer ligar para casa para avisar? — Yayoi cortou-o.

— Bem... — Hirosawa murmurou, evidentemente perdido.

— Mas o que o senhor acha que devo fazer?

— Bem, por que não fazemos o seguinte: vamos esperar até a noite de hoje e, se ainda assim ele não aparecer, podemos cogitar registrar uma queixa por desaparecimento.

— Onde eu faria isso? — perguntou. — Na delegacia?

— Não, acho que não. Por que a senhora não me deixa verificar isso, permaneça em casa e tente não se preocupar. Às vezes os homens fazem coisas estúpidas. Nós somos assim mesmo. Não é para a senhora pensar que ele desapareceu de verdade.

Após desligar o telefone, Yayoi olhou ao redor do cômodo silencioso. Percebeu que enfim a chuva cessara, e então, subitamente deu-se conta de que estava com fome. Não comia nada desde a noite anterior. Pensou em comer as sobras do café da manhã que dera aos meninos, e talvez houvesse um pouco de arroz na caldeira; mas ao ver aquela comida, tomou consciência de que não conseguiria ingeri-la. Enquanto ela batia no prato com os *hashi*, o telefone voltou a tocar.

— Alô. Aqui é Hirosawa.

— Ah, obrigada por ligar de novo. O senhor descobriu alguma coisa?

— Bem, discutimos o caso aqui na empresa e ficamos pensando se a senhora acharia ruim esperar até amanhã de manhã para chamarmos qualquer um.

— Oh... — Yayoi suspirou. — Tudo bem, entendo o que o senhor quer dizer. É embaraçoso fazer um estardalhaço para no final das contas não ser nada.

— Não é isso. Só achamos que talvez seja melhor esperar um pouco. Daí, se amanhã ele ainda não tiver voltado, aí sim, teremos que considerar que talvez tenha acontecido alguma coisa. Talvez um acidente. Então, sugeriríamos que a senhora ligasse para a polícia.

— Para a polícia? — disse Yayoi.

— Isso. Se ele não voltar, a senhora liga para a Emergência. — Em outras palavras, pensou Yayoi, amanhã de manhã vou ter de ligar para a polícia, porque não tem como Kenji voltar para casa nunca mais.

— Mas estou preocupada demais para esperar — ela protestou. — Creio que eu prefira ligar à noite se ele ainda não houver aparecido.

— A senhora quer dizer, contatar a polícia?

— Isso. Não aguentaria se ele tivesse sofrido um acidente e o tivessem levado para um lugar qualquer. É a primeira vez que uma coisa assim acontece e estou um pouco inquieta.

— Eu entendo — disse ele. — Então a senhora deve fazer o que a deixar mais à vontade. Mas tenho certeza de que a qualquer minuto ele vai entrar pela porta, bastante envergonhado.

“Duvido muito”, ela pensou, decidindo que ligaria para a polícia antes do fim do dia. Seria mais natural, como se estivesse verdadeiramente preocupada. Mas quando será que ela havia se tornado tão fria e calculista? Ela pensou enquanto desligava o telefone.

Pouco após as 16h, enquanto ela se aprontava para ir buscar os filhos na creche, o telefone voltou a tocar.

— Sou eu. — A voz de Masako estava baixa e enfraquecida.

— Ah, fico tão contente! — exclamou Yayoi, com a voz trêmula devido à mistura de alívio e angústia. — E como foi tudo?

— Já terminamos, não precisa se preocupar. Só que a situação teve uma ligeira mudança.

— Que mudança?

— A Capitã e a Kuniko ajudaram. — Yayoi sabia que Masako solicitaria a ajuda de Yoshie, mas nada foi dito a respeito de Kuniko. Todas elas se davam bem na fábrica, mas ainda assim... Será que aquela Kuniko, toda espalhafatosa, era alguém em quem se podia confiar? Ela sentiu um pânico repentino.

— Acha que não tem problema Kuniko saber? — perguntou. — Ela não vai dar com a língua nos dentes, não é?

— É que não tivemos opção. Ela apareceu bem no meio da operação e viu o que fazíamos. Mas, se pensar bem, ela já sabia que seu marido batia em você e desperdiçara todas as economias de vocês no jogo. Se acabasse por falar qualquer dessas coisas para a polícia, suspeitariam de você. “É verdade”, pensou Yayoi, sentindo-se apavorada. Parecia que tudo saía na lavagem, todos os laços sempre acabavam por se desenredarem no final. Quando ela contara às amigas o que acontecera duas noites antes, nunca em seus sonhos mais fantasiosos imaginara que iria assassinar Kenji. Só que agora já não havia mais nada a ser feito, e Masako tinha toda razão. Na verdade, podia-se geralmente contar com que Masako fosse fazer tudo correr bem. — Ela concordou em ajudar, mas sob uma condição. Ela e Yoshie querem receber por isso. Acha que consegue juntar mais ou menos quinhentos mil?

Nunca lhe ocorrera que fosse precisar pagar nada para ninguém, mas já havia decidido fazer exatamente o que Masako mandasse.

— Será suficiente para as duas?

— Será. Quatrocentos para a Capitã e cem para Kuniko, que nos ajudará apenas a nos livrar dos pacotes. Acho que elas topam por essa quantia. Parecem achar que, já que você o matou, deve pagar para que todo o resto seja resolvido.

— Entendi. Vou pedir o dinheiro aos meus pais o mais rápido possível. — Os pais de Yayoi, que viviam na província de Yamanashi, estavam longe de ser ricos. Seu pai era dono de um negócio, mas estava prestes a se aposentar. Yayoi detestava pedir-lhes dinheiro, mas como Kenji acabara com todas as economias, nem sequer teria o bastante para sobreviver. Em algum momento teria que acabar pedindo de qualquer maneira, então, era melhor que fosse logo agora.

— Ótimo — disse Masako, com um tom de voz satisfeito e metódico.
— Mas como foi que tudo correu por aí?

— A empresa onde Kenji trabalhava ligou mais cedo para dizer que ele não compareceu hoje. Queriam que eu esperasse até amanhã de manhã para dar queixa do desaparecimento, mas avisei-lhes que estava preocupada demais e que iria ligar para a polícia hoje à noite.

— Isso foi bom, como se não fosse uma coisa corriqueira para você. Vai faltar ao trabalho hoje?

— Imagino que seja melhor.

— Provavelmente é melhor mesmo. Então está bem, eu volto a ligar amanhã — disse Masako desligando o telefone, agora que já haviam acabado de tratar dos negócios.

— Masako — disse Yayoi, detendo-a.

— O quê?

— Como foi tudo?

— Ah, isso? Foi uma sujeirada enorme, mas no final, conseguimos cortá-lo todo em pequenos pedacinhos. Nós três dividimos as sacolas e as jogaremos fora amanhã de manhã, quinta-feira, ou seja, dia em que o caminhão de lixo faz coleta na maioria dos bairros. Usamos sacolas extrafortes, portanto, creio que não haverá qualquer vazamento.

— Mas onde vão deixá-las? — Yayoi perguntou.

— Não podemos nos afastar muito. Teremos que deixar aqui pelo bairro mesmo, embora até pareça um pouco arriscado. Tentaremos usar do máximo de discrição possível.

— Está bem — disse Yayoi. — E obrigada. — Lembrando-se da vizinha intrometida que encontrou naquela manhã revirando o lixo, fez uma curta oração pedindo que tudo corresse como planejado.

Logo que desligou, Yayoi voltou a pegar o telefone e, fortalecendo-se, discou um número que nunca havia usado. Uma voz de homem atendeu quase imediatamente.

— Emergência — disse ele. — Em que posso ajudá-la?

Yayoi hesitou.

— ... Meu marido não voltou para casa ontem à noite. — Ela não sabia direito que tipo de reação esperar, mas a resposta dele pareceu-lhe bastante metódica: perguntou-lhe seu nome e endereço e pediu-lhe um momento. Logo depois, outro homem veio lhe falar.

— Divisão de Assuntos Domésticos — disse o novo homem. — A senhora disse que seu marido não voltou pra casa? Quanto tempo faz?

— Desde ontem à noite. E a empresa onde ele trabalha disse que ele não apareceu por lá hoje.

— O casal andava enfrentando problemas recentemente? — perguntou o homem.

— Não, nada que eu me lembre.

— Então, queria que a senhora esperasse até amanhã e, se ainda assim ele não aparecer, vamos pedir que venha até aqui e registre a queixa. Aqui é da delegacia de Musashi-Yamato. A senhora sabe onde fica?

— Mas acho que não consigo esperar. Estou muito preocupada.

— Claro, mas mesmo que a senhora venha agora só poderemos registrar a queixa. Ninguém vai sair para procurá-lo a esta altura. — A voz dele ficara mais dócil.

— Ora, mas não sei o que fazer — disse Yayoi. — Isso nunca aconteceu antes.

— Se fosse uma criança ou uma pessoa idosa, seria diferente, mas neste caso, gostaríamos mesmo que a senhora esperasse mais um dia.

— Entendo — disse Yayoi. Fizera o que deveria fazer por hoje. Ela soltou um longo suspiro enquanto desligava o telefone.

— Mamãe, a senhora vai trabalhar hoje? — Takashi perguntou enquanto jantavam.

— Não, vou ficar em casa — Yayoi respondeu.

— Por quê?

— O pai de vocês ainda não voltou para casa e estou preocupada.

— É mesmo?! A senhora também está preocupada? — Yayoi ficou surpresa com o alívio do filho, por saber que ela também compartilhava de sua preocupação. Ela começou a entender que as crianças têm uma noção bastante perspicaz do que acontece entre as pessoas, mesmo quando parecem estar tão abstraídas, e aquilo a enervava. Talvez Takashi *estivesse mesmo* acordado ontem quando Kenji voltou para casa e realmente tenha escutado alguma coisa. Angustiado, ela pensou que, se fosse o caso, teria de encontrar uma maneira de mantê-lo em silêncio. Ela ficou sentada, pensando, e Yukihiro falou.

— Mamãe! O Leite está no jardim, mas não vem para casa quando eu chamo.

— Quem se importa?! — gritou com uma voz estridente, repentinamente furiosa. — Não suporto esse gato! — Aquele tom de voz era tão incomum para ela que Yukihiro deixou cair os *hashi* e ficou olhando para ela, estupefato. Takashi desviou o olhar, como se não quisesse ver nada. Percebendo as reações, Yayoi resolveu que seria melhor conversar com Masako a respeito de Takashi e do gato o mais rápido possível. Já havia resolvido que o melhor que poderia fazer seria deixar tudo nas mãos de Masako. Não chegou a passar por sua mente, entretanto, que seria a mesma atitude que adotara anos antes, quando se apaixonou por Kenji.

4

Masako estendeu uma segunda lona de plástico sobre a tampa que cobria a banheira, e sobre ela empilhou as 43 sacolas. A tampa deformou-se com o peso, que se aproximava do peso de um homem adulto.

— Mesmo sem sangue ainda é bastante pesado — constatou.

— Você me surpreende — Kuniko murmurou.

— O que disse? — Masako perguntou.

— Falei que você me surpreende. Quer dizer, isto não a deixou nem um pouco incomodada, não é? — Kuniko fazia uma careta de fastio.

— Quem foi que disse que não incomodou? — Masako respondeu energicamente. — Mas o que mais me incomoda é uma pessoa que contrai uma montanha de dívidas, passeia por aí de carro importado, e ainda tem a audácia de vir me pedir dinheiro emprestado. — Em um instante, os pequenos olhos de Kuniko encheram-se de lágrimas. Costumeiramente ela usava uma maquiagem bastante cuidadosa, mas não houve tempo para aquilo naquela manhã. Causando um efeito estranho, o resultado era que seu rosto sem pintura parecia mais jovem e inocente.

— Acha mesmo? — ela conseguiu dizer. — Mas ainda assim não sou tão ruim quanto você, que fez isto consciente, enquanto eu acabei caindo em uma armadilha.

— É mesmo? Então não quer o dinheiro?

— Não, ainda quero. Sem ele, estou ferrada.

— Está ferrada de qualquer maneira — disse Masako. — Quer consiga fazer o pagamento ou não. Eu conheço isso. Já vi muita gente como você.

— Viu onde?

— Em meu emprego antigo — disse Masako, olhando calmamente para Kuniko e pensando que uma mulher como ela colhe exatamente o que planta.

— E qual era exatamente o seu emprego antigo? — Kuniko perguntou sem conseguir esconder a curiosidade.

— Não é da sua conta — Masako respondeu.

— Agora ela fica misteriosa de repente.

— Esqueça essa história. Se quiser o dinheiro, leve as sacolas.

— Eu levo, mas se quer saber a minha opinião, há limites para o que uma pessoa é capaz de fazer.

— Gostei dessa, partindo de você. — Masako riu. Kuniko parecia prestes a responder, mas alguma coisa... talvez pensar na yakuza que iria atrás dela, a fez segurar a língua. As lágrimas secaram e, em seu lugar, suor escorria por seu nariz. — Você nos ajudou porque queria dinheiro. Isso a torna tão culpada quanto todas nós, portanto pare de se comportar de maneira tão pedante.

Kuniko começou a falar alguma coisa, mas as lágrimas voltaram a brotar de seus olhos, e ela calou-se.

— Perdoem a minha intromissão — disse Yoshie, com os olhos túrgidos de tanto cansaço. — Mas tenho que voltar para casa. Minha sogra já deve ter acordado e ainda tenho muito o que fazer.

— Está bem, Capitã — Masako aceitou, apontando para as sacolas de ossos e carne. — Detesto ter que pedir, mas poderia levar algumas? — Yoshie fez uma careta.

— Mas estou de bicicleta. Não posso simplesmente colocá-las no cesto. Como vou segurar o guarda-chuva? — Masako olhou de relance pela janela. A chuva parara e se viam porções de céu azul. Não demoraria nada para que o tempo voltasse a esquentar. Elas teriam que se livrar rapidamente das sacolas, já que logo começariam a feder. Os intestinos já estavam meio apodrecidos.

— Já parou de chover — disse.

— Mas simplesmente não dá — Yoshie protestou.

— Então, como vamos descarregá-las? — Masako perguntou, cruzando os braços e recostando-se na parede de ladrilhos. Ela se virou para olhar para Kuniko, que permanecia de pé no banheiro. — Você também vai levar algumas — avisou.

— Quer que eu as coloque em meu porta-malas?! — Kuniko perguntou, ofegante.

— Pode apostar que sim. Por acaso está querendo me dizer que o seu carro é bonito demais? — Ela começou a se perguntar por que aquelas duas pareciam tão estúpidas. — Isto aqui não é igual à fábrica, que vocês podem bater o ponto e sair assim que o expediente acaba. Aqui vocês só saem depois de encontrarem um lugar para se livrarem das sacolas para que nunca sejam encontradas. Só então receberão qualquer pagamento. E

se alguém chegar a descobri-las, temos que garantir que não possam ser ligadas a nós.

— Fico me perguntando se podemos confiar que Yayoi não dará com a língua nos dentes — disse Yoshie.

— Se o fizer, podemos dizer que ela nos chantageou.

— Está bem, então vou dizer que vocês me chantagearam — disse Kuniko, decidida a acirrar os ânimos.

— Vá em frente. Assim não preciso pagá-la.

— Você é mesmo horrível, sabia? — disse Kuniko, abafando um soluço, para depois pensar melhor e mudar de assunto. — Sabem, acho isto tão triste, este coitado... E vocês parecem não sentir nada. Não acredito!

— Quer calar a boca?! — Masako berrou. — Isto não tem nada a ver conosco! O assunto é entre Yayoi e ele! E de qualquer maneira, não tem mais jeito.

— Mas não consigo deixar de pensar — Yoshie entrou no assunto, e sua voz ficava cada vez mais emotiva — que talvez ele até esteja contente de estarmos fazendo isso. Quer dizer, quando eu lia sobre esses desmembramentos, achava que parecia uma coisa horrível! Mas na verdade não é bem assim, não é mesmo? Cortar o corpo de uma pessoa em pedaços possui um aspecto tão organizado, tão completo, que quase chega a passar uma sensação de respeito. — “Lá vai ela de novo com suas justificativas criadas para se sentir melhor”, pensou Masako. Mas mesmo assim, tinha que admitir que *realmente havia* algo de decoroso e ordeiro naquilo, quase satisfatório, em terminar de encher as quarenta e três sacolas. Voltou a olhar para elas, alinhadas sobre a cobertura da banheira.

Depois de cortarem-lhe a cabeça, elas retiraram braços e pernas, e os cortaram nas articulações. Os pés foram divididos em dois, e canelas e coxas também foram cortadas ao meio, perfazendo um total de seis pedaços e seis sacolas por perna. Os braços foram divididos em cinco partes. Conforme as ensacavam, passou pela mente de Masako que havia uma possibilidade remota de que as mãos pudessem ser encontradas, e então, pediu a Yoshie que eliminasse as impressões digitais como se estivesse fatiando um sashimi. Depois disso, já tinham 22 sacolas só para braços e pernas.

O tronco foi o que apresentou os problemas verdadeiros e levou mais tempo. Primeiro, cortaram-no ao meio longitudinalmente e removeram-

lhe os órgãos internos. Só isso preencheu mais oito sacolas. Depois, cortaram a carne e separaram-lhe a caixa torácica, serrando cada costela separadamente e com extrema organização. Vinte sacolas ao todo. Contando com a cabeça, chegou-se a um total de 43 pacotes. O ideal teria sido cortar em pedaços ainda menores, mas aquele trabalho todo havia sido incomum e levava mais de três horas. Já passava das 13 horas e todo o tempo e a energia delas havia acabado.

Tudo foi parar dentro de sacolas de lixo recomendadas pela prefeitura, que foram lacradas e tiveram as bocas dobradas para baixo para duplicar-se a espessura. Então, colocaram cada sacola dentro de outra para que o conteúdo desaparecesse através do plástico opaco. Se ninguém se desse conta do que havia dentro delas, as sacolas seriam simplesmente incineradas junto com o resto do lixo de Tóquio. O único empecilho era seu peso: cada uma delas continha pouco mais de um quilo. Para evitar atrair atenção para o conteúdo incomum, elas tomaram o cuidado de misturar partes diferentes do corpo: um órgão interno junto com um pedaço da perna, um ombro junto com os dedos... Kuniko reclamou muito, mas Masako insistiu para que ela ajudasse a ensacá-las. Yoshie sugeriu que envolvessem os pedaços com jornal primeiro, mas depois se deram conta de que uma edição determinada do jornal poderia provavelmente corresponder a um distrito ou a um bairro específico, e então, descartaram a ideia. Mas, mesmo depois de terem ensacado o corpo inteiro, o problema continuava: onde poderiam se desfazer dos pacotes?

— Já que está de bicicleta, leve cinco — Masako disse para Yoshie. — Kuniko levará quinze e eu cuido do restante, e da cabeça também. Usem luvas para que suas impressões digitais não fiquem nelas.

— O que vai fazer com a *cabeça*? — Yoshie perguntou, olhando com inquietação para a maior das sacolas. Mesmo com o plástico a ocultá-la, ainda assim era identificável pelo que era, assentada quase regidamente sobre a tampa da banheira onde a deixaram logo que a separaram do corpo.

— A *cabeça*? — Masako perguntou, imitando o tom de voz reverente de Yoshie. — Depois eu a enterro em algum lugar. Não vejo outra maneira de me livrar dela. Se alguém a encontrar, nós estaremos em uma enrascada das grandes.

— Se já houver apodrecido, não fará diferença — Yoshie lembrou.

— Mas podem identificá-la através de registros da arcada dentária, ou algo assim — Kuniko acrescentou, tentando parecer inteligente. — É o

que fazem em desastres de avião.

— De qualquer maneira, procurem levar as sacolas para longe daqui, e não deixem todas em um lugar só. E façam tudo sem que ninguém as veja — disse Masako.

— Então, deve ser melhor fazê-lo hoje à noite, a caminho da fábrica — disse Yoshie.

— Mas os gatos e os corvos podem encontrá-las se as sacolas ficarem a noite toda em algum lugar — Kuniko opinou. — Não seria melhor fazê-lo amanhã de manhã bem cedo?

— Contanto que encontrem um local em que ninguém fique vigiando o lixo, não faz muita diferença. Mas procurem afastar-se o máximo possível daqui — Masako repetiu.

— Masako, tem só mais uma coisa — Kuniko acrescentou, quase timidamente. — Queria saber se poderíamos receber nosso dinheiro hoje... Apenas cinquenta mil, ou até mesmo quarenta e cinco já ajudaria. Para que eu possa fazer o meu pagamento. E depois, se pudesse me emprestar só um pouquinho mais, para eu passar alguns dias...

— Está bem — Masako aceitou. — Vou tirar da sua parte.

— E quanto é a minha parte? — perguntou. Seus olhos ainda estavam cheios de lágrimas, mas agora exibiam um lampejo. Yoshie deu uma olhadela na direção dela e desajeitadamente apalpou o bolso. Apenas Masako sabia que ali estava o dinheiro da carteira de Kenji.

— Vejamos... — disse Masako. — Você ajudou com as sacolas, mas não ajudou com o trabalho sujo, então, eu diria que uns ¥100 mil ficariam mais ou menos na medida. E ¥400 mil para a Capitã. Ou seja, se Yayoi conseguir arrumar tanto dinheiro assim. — Yoshie e Kuniko entreolharam-se com uma expressão inconfundível de decepção. Mas talvez por Yoshie ter percebido que iria receber a maior parte, e talvez por Kuniko ter se dado conta de que estava satisfeita em ter evitado colocar as mãos na parte mais nojenta daquilo tudo, ou talvez porque as duas tinham mais que um pouco de medo de Masako, nenhuma delas disse mais nada.

— É melhor eu ir andando — disse Yoshie, para logo depois sair pela porta sem olhar para trás.

— Masako, quer se encontrar comigo no estacionamento à noite? — Kuniko perguntou.

— Ah... não, esqueçamos isso. — Kuniko olhou-a com desconfiança enquanto Masako colocava as sacolas de lixo em um saco plástico maior.

— Aconteceu alguma coisa ontem à noite? — ela perguntou. — Você se atrasou à beça.

— Não, nada.

— Verdade? — perguntou, ainda olhando-a sem acreditar.

Depois que as duas foram embora, Masako levou suas sacolas, junto às roupas retalhadas, e aos outros pertences do morto, e as colocou no porta-malas do carro. Ela pretendia fazer um pequeno reconhecimento a caminho do trabalho, para depois desfazer-se de tudo à noite ou na manhã do dia seguinte, a caminho de casa. Depois, pegou uma escova e foi esfregar o banheiro centímetro por centímetro. Ao terminar, entretanto, ainda percebia sangue entre os ladrilhos. E, mesmo depois de ter aberto as janelas e ligado o ventilador, tinha certeza de que conseguia sentir o cheiro de sangue coagulado e de coisas em decomposição.

Não, ela procurava se convencer de que era uma mera ilusão, um sinal de fraqueza. Yoshie estava convencida de que suas mãos ainda cheiravam a sangue, mesmo depois de tê-las lavado, e então, colocou-as de molho em fortes produtos de limpeza até que quase se dissolvessem. E embora não tenha feito nada além de ensacar as partes do corpo, a mera visão delas fez com que Kuniko corresse para vomitar no vaso sanitário. Ridiculamente, enquanto enchia as sacolas, jurou que nunca mais voltaria a comer carne. Mas Masako conseguiu encarar tudo aquilo como a coisa mais normal do mundo, relativamente falando. E se agora estava esfregando o banheiro até que reluzisse, era porque estava preocupada com que, se o improvável acontecesse e a polícia fosse ali investigar, acabasse encontrando traços de sangue. Ela havia assumido a posição de enfrentar aquilo tudo racionalmente, e seria humilhante imaginar que também estivesse sofrendo dos mesmos delírios.

Ela viu um fio de cabelo na parede do banheiro. Curto e grosso, evidentemente de um homem. Resgatando-o, pensou se pertenceria a seu marido ou a seu filho. Ou talvez a Kenji. Mas então, percebeu a besteira que era preocupar-se com aquilo. Somente um exame de DNA poderia definir de qual cabeça saíra — viva ou morta. Sem cerimônia, abriu a torneira e o fez descer pelo esgoto, e com ele, quaisquer fantasias paranoicas de sua cabeça.

Depois de ligar para Yayoi para falar do dinheiro, Masako finalmente deitou-se na cama. Já passara das quatro da tarde. Normalmente ela ia dormir às nove da manhã e acordava mais ou menos às quatro; portanto, embora seu corpo estivesse exausto, sua mente estava surpreendentemente lúcida e ela teve dificuldade para descansar. Voltando a sair da cama, foi até a geladeira e bebeu uma cerveja. Não ficava tão tensa daquela maneira desde quando perdera seu antigo emprego. Voltando à cama, ainda não conseguia parar de se revirar, naquele fim de tarde calorento e úmido.

Sua intenção fora deitar-se por apenas uma hora, talvez um pouco mais, mas quando abriu os olhos, sentiu o ar da noite que entrava pela janela aberta. Olhando em seu relógio de pulso, que não tirara, se deu conta de que já passava das oito. Saiu da cama. Apesar da noite gelada, sua camiseta estava encharcada de suor. Lembrava-se dos pesadelos durante a noite, mas não conseguia recordar sobre o que haviam sido. Escutou o som de alguém abrindo a porta da frente. Deveria ser Yoshiki ou Nobuki, mas fora para a cama sem preparar o jantar. Masako caminhou vagarosamente na direção da sala de estar.

Seu filho estava sentado à mesa de jantar, e comia uma refeição pronta que aparentemente comprara na loja de conveniência da rua. Provavelmente chegara em casa mais cedo e, vendo que não havia nada para comer, saiu para comprar alguma coisa. Masako pôs-se de pé ao lado da mesa. Ele não lhe disse nada, embora seu rosto parecesse ligeiramente tenso. Era possível que tivesse percebido algo diferente na casa, mas por qualquer razão, ficou sentado e fitando, aparentando desconforto, algum lugar atrás dela. Conforme o observava, Masako se lembrou de que sempre fora uma criança sensível.

— Não trouxe nada para mim? — ela perguntou.

Agora que se dirigira diretamente a ele, Nobuki olhou para baixo, para a comida à sua frente. Parecia estar na defensiva, quase como se estivesse protegendo alguma coisa. Mas o quê? A própria Masako, há muito, já optara por descartar qualquer coisa que precisasse de proteção.

— Está bom? — perguntou. Ainda recusando-se a responder, Nobuki deitou os seus pauzinhos sobre a mesa e ficou olhando para a superfície. Masako pegou a tampa de plástico e olhou a data e o local de fabricação: “Alimentos Miyoshi, Fábrica de Higashi-Yamato, enviado às 15 horas.”

Talvez tenha sido coincidência, ou talvez Nobuki tenha feito de propósito, mas era uma das refeições “Almoço dos Campeões” feita na fábrica delas naquela tarde. Sentindo a visão daquela comida como uma tortura, ela olhou em volta da sala de estar em ordem. Ficou pensando no que ela e as outras fizeram ali naquela tarde e tudo aquilo pareceu irreal. Nobuki voltou a pegar seus pauzinhos e silenciosamente continuou sua refeição.

Masako sentou-se à frente dele, do outro lado da mesa, e ficou a olhar, inexpressivamente, enquanto o filho mudo comia. Ela se lembrou do que havia sentido por Kuniko mais cedo, uma sensação quase bárbara, como se quisesse livrar-se de qualquer relação humana superficial e inconstante. Porém, ali, diante dela, estava uma relação que ela não era capaz de mudar. E a noção disso fazia com que se sentisse completamente impotente.

Levantando-se da mesa, Masako entrou no banheiro escuro, acendeu a luz e inspecionou os ladrilhos que tanto esfregara naquela tarde. Agora já haviam secado e estavam quase absurdamente limpos. Começou a encher a banheira. Ficando de olho no nível d’água que subia cada vez mais, ela tirou a roupa e lavou-se com a mangueira no boxe próximo à banheira. Lembrou-se do quanto ficara ansiosa para eliminar qualquer vestígio de Kazuo Miyamori da noite anterior na fábrica. Desde então, chegara a ficar com o sangue de Kenji à altura dos tornozelos, e com vestígios de sua carne bem fundos sob as unhas, mas ainda assim, de alguma maneira, ainda era o outro homem que queria eliminar enquanto esfregava o próprio corpo. Repensou sobre o que Yoshie dissera a respeito dos mortos não serem diferentes dos vivos, e balançou a cabeça em sinal afirmativo para si mesma, enquanto estendia-se sob o chuveiro. Um cadáver era repulsivo, mas era incapaz de se mexer. Já Miyamori ainda poderia tentar agarrá-la, e logo entendeu que aquilo o tornava pior.

Masako saiu de casa duas horas mais cedo que o normal, levava vários pedaços de Kenji, além da cabeça, seguramente alojados em seu portamalas. Ela percebeu, aliviada, que o marido ainda não havia voltado para casa. Diferentemente de sua relação com o filho, seu casamento era algo que ela era capaz de mudar, se quisesse; talvez fosse melhor não trazer à superfície o que sentia em relação a Kuniko.

Entrou pela rodovia Shin-Oume, na direção da cidade. As pistas naquele sentido estavam vazias, e dirigia vagarosamente, olhando para a

paisagem. Estava decidida a se esquecer do turno que a aguardava, do corpo que estava atrás dela, em seu porta-malas, e tentar olhar para aquele cenário já conhecido ao seu redor com olhos inocentes. A estrada atravessava um amplo viaduto onde uma fábrica de purificação de água se estendia à esquerda. De cima da ponte, as luzes da roda-gigante do parque de diversões Seibu pareciam uma enorme moeda a cintilar a distância. Ela se esquecera completamente daquele lugar. Fazia séculos, desde que Nobuki era criança, a última vez que eles andaram naquele brinquedo. E agora, como ele se transformava em um estranho, ela atravessava a fronteira de uma terra estrangeira.

A estrada passava um tempo acompanhando o muro de concreto do cemitério de Kodaira e depois por uma enorme área para treinos de golfe, que à noite parecia uma gaiola gigante. Masako virou à direita, na cidade de Tanashi. Depois de seguir em frente por alguns minutos, passando por residências particulares e um ou outro campo, chegou a um amplo complexo de apartamentos. Como a empresa em que ela trabalhara ficava em Tanashi, Masako conhecia tudo por ali. Sabia que aqueles blocos de apartamentos eram muitos e mal administrados, e lembrou-se de que a área de coleta de lixo que ficava atrás era aberta e de fácil acesso. Estacionou próximo ao galpão de lixo e rapidamente tirou cinco sacolas do porta-malas. Lá dentro havia várias latas de lixo grandes e azuis com as inscrições “inflamável” e “não inflamável” com letras grandes, e empilhadas próximas a elas, pilhas de sacolas plásticas. Empurrando algumas delas para o lado, colocou as que levava com força bem fundo na pilha. Era impossível distinguir o corpo de Kenji misturado a todo aquele lixo domiciliar.

Masako seguiu em suas rondas. Sempre que passava por um grande edifício, verificava as condições, e se entendesse que conseguiria fazê-lo sem levantar qualquer suspeita, livrava-se de várias das sacolas. Conforme dirigia pelos bairros, ao encontrar alguma lata de lixo solitária, furtivamente descartava-se de mais algumas. Até o fim do dia, não somente o corpo e as roupas de Kenji haviam sido retalhados, como também foram espalhados por toda a cidade. Sobram-lhe apenas a cabeça e as coisinhas que elas encontraram em seus bolsos.

Agora teria que partir para a fábrica se quisesse chegar a tempo para o turno. Enquanto o porta-malas esvaziava-se, ela ganhava novo ânimo. Ficou um pouco preocupada pensando em como Yoshie deve ter

conseguido dar conta do serviço sem carro, mas não havia levado muitas sacolas, portanto, provavelmente foi capaz de se livrar delas. De qualquer maneira, tinha consciência de que a Capitã era de confiança. O verdadeiro problema era Kuniko. Foi arriscado dar quinze sacolas para uma pessoa como ela, e Masako pensou em, caso ainda estivessem no carro dela quando chegassem à fábrica, provavelmente pegá-las.

Refazendo o caminho na direção oposta, chegou ao estacionamento da fábrica em meia hora. Kuniko ainda não havia chegado, então esperou um pouco dentro do Corolla. Passou-se algum tempo, e ainda nem sinal do carro ostentoso de Kuniko. Então, Masako começou a imaginar que talvez ela tivesse resolvido tirar a noite de folga depois do choque daquela tarde. Sua primeira reação foi enfurecer-se, mas então, pensando melhor, percebeu que não havia nada de suspeito em Kuniko faltar ao trabalho.

O ar do lado de fora parecia mais seco e muito mais gelado que antes, e Masako sentia o inconfundível cheiro de fritura que vinha da fábrica. Lembrou-se da cobertura de concreto sobre a galeria de escoamento que margeava a rua que passava ao lado da fábrica abandonada, e dos buracos que ela notara na noite anterior. Se deixasse cair o chaveiro e a carteira de Kenji por um deles, provavelmente nunca seriam encontrados. E no dia seguinte ela poderia encontrar um lugar para enterrar a cabeça em algum lugar próximo ao lago Sayama.

Subitamente sentiu um forte desejo de se livrar das coisas de Kenji e de tudo aquilo. À visão das venezianas e do mato fechado, lembrou-se de que Kazuo dissera que esperaria por ela, mas depois de seu encontro esta manhã, duvidava que ele fosse fiel à promessa. Ainda assim, olhou em volta por um instante, antes de se aproximar da beira da vala de drenagem. Espremendo os olhos na escuridão, viu vários buracos no concreto. Depois, tirou o chaveiro e a carteira vazia da bolsa, e despejou por um deles. Sentindo uma pontada de alívio ao som líquido que os objetos produziram em algum lugar abaixo dela, partiu em direção às luzes cintilantes da fábrica. Não chegou a perceber que Kazuo Miyamori estava agachado próximo às venezianas enferrujadas onde ele a imprensara na noite anterior.

5

Kuniko respirou fundo no instante em que escapou da casa de Masako. O clima exibia sinais de melhora, e havia trechos de céu azul aqui e ali. O ar permanecia levemente úmido, mas transmitia uma sensação de limpeza e frescor, parecia restabelecê-la um pouco. O que estragava tudo, entretanto, era aquela enorme sacola preta que carregava, contendo mais quinze sacolas menores, repletas das coisas mais horripilantes. Ao pensar naquilo, sentiu ânsia de vômito, e seu rosto contorceu-se todo, formando uma carranca. Até mesmo o ar em seus pulmões, que parecera tão limpo há um minuto, agora se fazia sentir quente e enjoativo.

Deixou a sacola no chão e se atrapalhou toda quando destrancava o porta-malas do Golf. Ao abri-lo, sentiu um bafejo de gasolina misturada com poeira e achou de novo que iria vomitar. Mas o que tinha que colocar ali dentro era muito pior, muito mais repugnante. Enquanto empurrava de lado a bagunça de ferramentas, guarda-chuvas e sapatos para criar espaço para a sacola, deu-se conta de que ainda não acreditava completamente no que havia feito. A sensação amedrontadora das massas de carne cor-de-rosa e sem forma que sentira por sob as luvas de borracha, os fragmentos de ossos brancos, os pedaços grossos e chatos de pele pálida com tufo de cabelos... Conforme relembra-se dos detalhes, Kuniko voltou a jurar que nunca mais comeria carne.

Aceitara fazer o jogo de Masako e prometera ter cuidado ao desfazer-se dos pacotes, mas agora que estava ali com eles, queria apenas se ver livre o mais rápido possível. Na verdade, nem mesmo queria colocar aquelas coisas horripilantes em seu carro lindo, nem sequer por um instante. Já deviam estar apodrecendo e deixariam tudo fedendo. O cheiro se entranharia em seus bancos macios de couro e nem uma quantidade imensa de purificador de ar seria capaz de encobri-lo. Aquilo iria persegui-la para sempre. Àquela altura, pensara tanto naquilo que já estava até procurando em volta do próprio bairro de Masako por um lugar onde pudesse simplesmente jogar fora toda aquela porcaria.

A poucos metros, viu um pequeno conjunto de casas recém-construídas no canto de uma das quadras. Próximo a ela, Kuniko notou um muro de concreto que cercava uma área de coleta de lixo. Virando-se para trás, primeiro para garantir que Masako não estaria observando, ela seguiu naquela direção, arrastando a pesada sacola preta. Tinha consciência de que se aquilo fosse encontrado ali, poderia ser ligado a Masako, mas àquela altura, pouco importava. De qualquer maneira foram elas que a obrigaram a fazer aquilo, não foram? Ela atirou a sacola para dentro do terreno cercado e cuidadosamente varrido. A sacola externa rasgou-se ligeiramente quando caiu, revelando uma das internas, porém, convencendo-se de que pouco se importava, Kuniko virou-se e correu.

— Espere aí! — gritou uma voz, e ela congelou. Um senhor, trajando um uniforme, estava de pé à frente daquele lugar, com uma expressão de raiva em seu rosto bronzeado. — A senhora não mora por aqui, não é verdade?

— Não... — Kuniko balbuciou.

— Não pode deixar isto aqui — disse o homem, erguendo a sacola e devolvendo-a energicamente a Kuniko. — Gente como você sempre aparece por aqui, então eu sempre fico de olho — acrescentou ele, apontando em triunfo com a cabeça, na direção da quadra.

— Lamento muito — disse Kuniko, que tinha a tendência de acovardar-se quando repreendida. Ela pegou a sacola e refugiou-se de volta ao carro, onde atirou-a no porta-malas sem pensar duas vezes e deu partida no motor. Olhando pelo retrovisor, viu que o senhor ainda a observava. — Velho estúpido e burro! — acrescentou ela, passando a primeira marcha. — Que morra! — Ela passou um tempo dirigindo sem destino, e enfim, percebeu que seria difícil encontrar um lugar onde pudesse despejar aquilo tudo sem ser notada. Perguntou-se tristemente por que se permitira envolver-se naquilo. E por que *quinze* sacolas? Pesavam tanto que os outros provavelmente a notariam andando pela rua simplesmente por estar arrastando-as. Mas ainda assim, o que ela mais queria era simplesmente livrar-se delas. Seus olhos passavam energicamente de um lado ao outro conforme ela apertava o volante, refletindo. Estava tão distraída que deixou de perceber várias vezes quando o sinal abria, e o carro atrás dela buzina de maneira grosseira.

Passando de novo por um pequeno complexo habitacional administrado pela prefeitura que vira mais cedo, percebeu um grupo de

jovens mães a observarem seus filhos brincando em um parque bastante destruído. Viu uma delas jogar fora o plástico que envolvia um bolinho, dentro de uma lata de lixo que ficava próxima a um banco, e uma ideia subitamente pipocou na cabeça de Kuniko: se livraria das sacolas em um parque. Sempre havia latas de lixo em parques, e estavam quase sempre vazias e seria difícil que percebessem. Era isso! Um parque, de preferência um que fosse grande e tivesse várias entradas sem segurança. Encantada com sua ideia, Kuniko sentiu-se quase contente. Ela seguiu dirigindo, cantando para si mesma com os lábios fechados.

Uma vez ela fora ao parque Koganei com as amigas da fábrica para verem as cerejeiras em flor. Não tinha escutado que aquele era o maior parque de Tóquio? Certamente se deixasse aquele lixo horrível ali, ninguém o encontraria. Ao volante, deu a volta até a parte de trás do parque e parou à margem do rio Shakujii. Não havia ninguém ali em um dia de semana, à tarde. Lembrando-se das luvas que Masako lhe dera, calçou-as antes de tirar a sacola preta do porta-malas. Kuniko entrou no parque pelo portão dos fundos e carregou a sacola para dentro de uma área de mato denso, bastante fechada e de difícil visibilidade, de árvores altas que cresciam de forma desordenada. A nova folhagem exalava um cheiro penetrante. Deixando a trilha, caminhou um pouco em meio às ervas daninhas cerradas e úmidas. Logo percebeu que seus sapatos estavam encharcados e suas mãos, começando a suar dentro das luvas. Ofegante devido ao peso da sacola, Kuniko olhou em volta, procurando um lugar para deixar aquilo sem levantar suspeitas, no entanto, por mais distante que sua visão alcançasse, não havia lixeiras ali, tão para dentro da mata.

Inesperadamente as árvores começaram a ficar mais afastadas e ela já estava perto de uma área ampla e aberta. Como só há pouco parou de chover, não se via quase ninguém — um lugar totalmente diferente do parque lotado do qual se lembrava da época das cerejeiras em flor. Fez um rápido inventário: dois jovens jogavam bola, um homem caminhava vagarosamente, um casal de roupa de banho se agarrava sobre uma esteira, um pequeno grupo de donas de casa observava os filhos brincarem, e um homem mais velho levava um cão grande e negro para passear. Isso era tudo. Logo imaginou que nunca encontraria um lugar melhor, e ficou a se parabenizar.

Andando de árvore em árvore, tentando atrair o mínimo de atenção possível, fez a ronda pelas latas de lixo da área. Sua primeira parada foi em uma lixeira grande, em formato de cesto, próxima às quadras de tênis. Deixando uma sacola ali, foi até outra lixeira, próxima a alguns brinquedos do parquinho de diversões: mais duas sacolas. Enquanto passava por um grupo de idosos que caminhava, tentou transparecer o máximo possível de indiferença, observando fixamente alguma coisa dentro da mata, com o olhar meio perdido. Ao todo, passou quase uma hora andando pelo parque à caça de locais onde pudesse deixar as sacolas sem que ninguém percebesse.

Enfim, terminou, e junto com uma sensação de alívio, Kuniko deu-se conta de que estava com fome, já que não havia comido nada desde o café da manhã. Então, foi procurar uma barraca de lanches. Quando, enfim, avistou uma, tirou as luvas, colocou-as na bolsa junto com a sacola preta, agora vazia, e deu uma corridinha até o balcão, onde comprou um cachorro-quente e uma Coca-Cola, e sentou-se em um banco comprido para curtir seu lanche. Quando terminou, caminhou até uma lata de lixo para jogar fora o prato de papel e o copo; contudo, olhando em seu interior, notou um grande número de moscas juntas sobre uma pilha de macarrão. Logo imaginou que se as sacolas se rasgassem onde as havia deixado, as moscas apareceriam, como estavam ali. Os pedaços de carne apodreceriam, as moscas chegariam, e daí as larvas... Sua boca encheu-se com um gosto amargo e, mais uma vez naquele dia, ela sentiu ânsia de vômito. Precisava chegar em casa e descansar o mais rápido possível. Acendendo um cigarro mentolado, partiu em meio à grama molhada.

Pouco tempo depois, Kuniko desceu cambaleando pelo corredor de seu edifício e parou em frente à porta de seu apartamento. Enquanto ficava ali parada por um instante, entorpecida pela falta de sono, pelo choque do que vira na casa de Masako, pela tarefa no parque, se deu conta de que um jovem que estava de pé ali no canto agora caminhava vagarosamente em sua direção. Ela deu-lhe uma rápida corrida de olhos: terno escuro, pasta para documentos preta — deve estar vendendo alguma coisa. Kuniko não suportava vendedores, e então, rapidamente providenciou sua chave e destrancou a porta; só que quando estava prestes a entrar em seu apartamento, com ligeireza, o homem falou-lhe.

— Com licença, a senhora é Jonouchi-san? — perguntou. A voz dele parecia bastante conhecida. Mas como será que ele sabia o nome dela? Ela se virou e olhou para ele com uma expressão de suspeita. Abrindo um largo sorriso, o sujeito aproximou-se alguns passos. Agora ela distinguia que o terno escuro era feito de linho, com um discreto desenho axadrezado, e sua gravata era de um bonito tom de amarelo. Levando-se em conta o conjunto, até que as roupas dele passavam uma boa impressão, assim como o homem que as vestia, com seu porte esbelto e seus cabelos tingidos de castanho. Percebendo que ele se parecia muito com as jovens celebridades que apareciam na TV, ela ficou curiosa. — Peço perdão por pegá-la nesta emboscada — disse. — Meu nome é Jumonji.

Puxando um cartão do bolso do terno, entregou-o a ela com um gesto treinado. Kuniko olhou para o objeto e passou a respirar com dificuldade, sem ter como controlar, quando leu: “Centro de Um Milhão de Consumidores, Akira Jumonji, Diretor Administrativo.” Conseguira pegar os ¥50 mil emprestados com Masako, mas na pressa de livrar-se das sacolas, esquecera-se completamente de ir ao banco fazer o depósito. Por que será que ela fora procurar Masako, para começo de conversa? Como conseguia ser tão burra? Normalmente Kuniko era boa em esconder seus sentimentos, mas sua aflição ficou bastante evidente em seu rosto.

— Olhe, eu... Lamento muito. Eu tenho a quantia, mas me esqueci de fazer o depósito. Mas tenho mesmo, de verdade. — Quando ela puxou a carteira da bolsa, as luvas de borracha caíram no sujo chão de concreto. Jumonji abaixou-se para resgatá-las e devolveu-as a Kuniko com uma expressão confusa. Ela se sentia cada vez mais inquieta. Ainda assim, ao mesmo tempo, sentia alívio pela visita não ser de um tipo da yakuza, mas sim de um jovem elegante e de boa aparência. “Até que isto pode terminar bem”, a Kuniko otimista insistia. — O pagamento era de ¥55.200. O senhor trouxe troco? — ela perguntou, retirando da carteira os ¥50 mil que Masako lhe emprestara e, colocando mais ¥10 mil que já tinha, entregou-lhe o monte de notas.

— Prefiro que não seja aqui — disse ele, sacudindo a cabeça.

— Está bem — disse Kuniko, olhando para o seu relógio. — Devemos ir depositar? — Já eram quase quatro horas, mas eles ainda conseguiriam fazer a transação em um caixa eletrônico.

— Não será necessário. Posso receber aqui, só achei que talvez preferisse fazê-lo em um lugar mais discreto.

— Ah, entendo — disse Kuniko, curvando a cabeça para baixo de forma tímida.

— Sei o quanto deve ser difícil — disse ele, enquanto contava o troco e passava um recibo. — E dá para perceber que a senhora está agindo de boa-fé. A propósito — ele continuou, com a voz baixando para um sussurro —, pelo que andei sabendo, seu marido pediu demissão do emprego.

— Ah, é verdade. Pediu mesmo. — Kuniko ficou surpresa e um pouco assustada por ele saber tanto da vida dela. — O senhor está muito bem informado — ela acrescentou.

— Quando uma coisa assim acontece — Jumonji começou a explicar, sem jamais deixar que o sorriso sumisse do rosto —, assumimos uma política de examinar bem a situação. Onde o marido da senhora está trabalhando agora? — Olhando para o rosto agradável daquele homem e escutando sua voz tranquilizadora, Kuniko aquietou-se e, antes que se desse conta, deixou escapar seu segredo.

— Não sei muito bem.

— Receio não ter entendido, senhora. — Sua cabeça estava erguida para o lado da mesmíssima maneira com que as lindas e jovens celebridades dos programas de prêmios da TV faziam quando não sabiam a resposta de uma pergunta fácil. Em sua ânsia de ajudá-lo, ela acabou deixando escapar informação demais de novo.

— O senhor sabe, é que ele não voltou para casa ontem à noite e estou bastante preocupada.

— Detesto me intrometer — ele continuou —, mas vocês eram casados no papel?

— Não exatamente — Kuniko respondeu, baixando a voz. — Acho que as pessoas chamam isso só de morar junto.

— Ah, entendi — disse, com um suspiro. A porta da vizinha do outro lado do corredor se abriu, e uma jovem com um bebê amarrado às costas saiu carregando um carrinho desmontável para crianças. Ela cumprimentou Kuniko com um gesto de cabeça e não fez esforço algum para esconder a curiosidade em relação ao sujeito de pé a seu lado. Jumonji não disse mais nada, e apenas ficava a assentir até que a mulher sumisse de vista. Parecia genuinamente preocupado com seu bem-estar. — Se o marido da senhora foi embora mesmo... — ele continuou depois que a

mulher desapareceu. — Quais são seus planos? Lamento ter que fazer uma pergunta tão pessoal, mas a senhora conseguirá se virar financeiramente?

Kuniko ficou perplexa. Aquele era exatamente o problema. Seu salário do mês no expediente noturno da fábrica era de ¥120 mil, mas quase tudo ia embora em pagamentos de juros de empréstimos. Ela ficara quase que completamente dependente do mirrado salário de Tetsuya para seus gastos cotidianos. Se ele a tivesse abandonado mesmo, ela nunca conseguiria se sustentar apenas com o salário de um emprego de meio expediente.

— O senhor tem razão — Kuniko respondeu. — Terei de procurar um emprego melhor.

— Hmm... — disse Jumonji, como se refletisse sobre o problema, com a cabeça novamente inclinada naquele ângulo gracioso. — Se a senhora encontrar um emprego, tenho certeza de que consegue se virar. Os empréstimos é que podem acabar ficando um pouco difíceis.

— É verdade — Kuniko respondeu, subitamente relutante em dizer mais.

— Caso não se importe, queria conversar com a senhora acerca do seu planejamento de pagamento das parcelas por um instante. — A intenção dele parecia ser acompanhá-la até o interior do apartamento. Kuniko entrou em pânico: não chegara a ter tempo de fazer uma faxina após seu acesso de fúria daquela manhã e a casa estava uma bagunça. Não poderia permitir que um jovem bonito daqueles visse o apartamento daquela maneira.

— Mas... — ela murmurou.

— Talvez haja um restaurante ou algum lugar aqui perto onde possamos conversar — ele sugeriu. — Eu trouxe meu carro. — Kuniko soltou um suspiro de alívio.

— Tudo bem, dê-me só um segundo. Já volto.

— Espero a senhora lá embaixo. É o Cima azul-marinho no estacionamento. — Exibindo seu sorriso amistoso, ele fez um único gesto de cumprimento com a cabeça e desceu o corredor, desaparecendo ao final.

Um Cima azul-marinho! Uma conversa em um restaurante acerca de seu planejamento de pagamento das parcelas! Kuniko esqueceu-se de tudo que acontecera na casa de Masako e entrou com pressa no apartamento. Por

que ela saiu sem maquiagem, logo naquele dia? Por que se permitira ser vista de calça jeans e com aquela camiseta? Estava quase tão feia quanto a Capitã! E por que tinha tanta certeza de que mandariam um sujeito tipo yakuza para ir buscar o pagamento do empréstimo? Ela nunca imaginou que seria um homem tão jovem e bonito. Conforme espalhava rapidamente uma base pelo rosto, ela pegou o cartão dele para olhar. “Centro de Um Milhão de Consumidores, Akira Jumonji, diretor administrativo.” Diretor administrativo. Não era quem mandava? Kuniko ficou tão encantada com a aparência do rapaz que não parou para se perguntar por que um diretor se daria ao trabalho de receber o pagamento do empréstimo dela em pessoa, ou por que teria um pseudônimo tão espalhafatoso como “Jumonji”.

6

Enquanto sorvia goles de seu café fraco e insosso, Jumonji estudava o rosto da mulher sentada à sua frente, do outro lado da mesa da filial de uma cadeia de restaurantes. Enquanto a esperava no carro, aparentemente fora aplicar uma camada de maquiagem, e até houve certa melhora em relação ao que ele vira à meia-luz do corredor do edifício dela. Por outro lado, as camadas de base e delineador baratos pareciam uma máscara ligeiramente sinistra, usada para ocultar-lhe a idade e a personalidade. Para Jumonji, que, por questão de princípio, não ligava muito para mulheres acima dos vinte, ela estava repulsiva, na melhor das hipóteses — uma personificação viva de sua crença de que toda mulher, conforme vai envelhecendo, vai ficando encardida.

Jumonji logo percebeu que ali estava mais um risco de crédito ruim, enquanto a escutava tagarelar de modo bem afetado a respeito dos rigores de seu trabalho na fábrica. Seus olhos fixaram-se em seus dentes da frente, que eram ligeiramente altos, vendo que um deles tinha uma mancha de batom cor-de-rosa.

— Então, está querendo encontrar um trabalho para a parte do dia? — perguntou.

— É verdade, mas ainda não consegui encontrar nada de que gostasse — disse, com uma voz desanimada.

— Em que exatamente gostaria de trabalhar?

— Queria encontrar alguma coisa em um escritório, mas parece que nada se encaixa muito bem no que quero.

— Se continuar a procurar, tenho certeza de que encontrará alguma coisa. — Jumonji logo pensou que *ele próprio* nunca a contrataria se lhe pedisse emprego. Sua natureza piegas e comodista era óbvia demais, como se fosse tão transparente quanto uma água-viva. Em seus 31 anos, já conhecera inúmeras pessoas como ela. Se você não ficasse de olho, roubavam suas canetas e lápis, usavam o telefone da empresa para fazer ligações particulares ou simplesmente não apareciam para trabalhar. Se elas não fossem pegas em flagrante apropriando-se fraudulentamente de

alguma coisa, ou envolvidas em algum outro tipo de esquema, passariam como funcionárias-modelo. Era uma delas, do tipo que ele nunca empregaria. — Então, por enquanto a senhora planeja se virar apenas com o que ganha no seu trabalho da noite? — perguntou.

— “Trabalho da noite”? — Kuniko surpreendeu-se, rindo com uma boa dose de flerte. — Assim você faz parecer que sou uma garçonete ou alguma coisa do tipo. — “Pode rir, moça”, Jumonji pensou. “Aposto que adoraria ser garçonete, com essa sua montanha nojenta de dívidas.” Ele percebeu que começava a detestar aquela mulher enquanto depositava ruidosamente sua pesada xícara de café sobre a mesa.

— Importa-se se eu falar sinceramente? — perguntou.

— Não, pode falar — disse Kuniko, mudando para uma expressão séria.

— Indo direto ao ponto, acha que conseguirá pagar a parcela do próximo mês? — Secretamente, ficara bastante orgulhoso da expressão que fizera ao dizer aquilo, com as sobrancelhas bem proporcionais curvadas nos cantos e a sinceridade a cintilar-lhe nos olhos. Poucas mulheres seriam capazes de resistir a tal expressão, e sendo assim, Kuniko derreteu-se em uma poça de timidez. Ele, contudo, permaneceu sem se impressionar. Será que ela me acha mesmo tão inocente assim?

— Ora, eu dou algum jeito — Kuniko respondeu. — Não tenho muita opção.

— É verdade. Mas como vamos fazer para resolver a situação do fiador do seu empréstimo, agora que o seu marido foi embora? — Embora Tetsuya tenha trabalhado lá durante apenas uns dois anos, sua ex-empresa era razoavelmente bem conceituada. Tinha até ações na bolsa de valores, e foi por isso que a “Um Milhão de Consumidores” concordou em emprestar a Kuniko ¥800 mil. Ela parecia achar que só precisava dizer as palavras mágicas que o dinheiro apareceria, como se esfregasse uma lâmpada de Aladim. Mas a verdade era que, sem o marido, casados legalmente ou não, como avalista, eles nunca teriam lhe emprestado nem um centavo. Já que aquele parceiro dela largara o emprego e desaparecera, eles perderam efetivamente sua única possibilidade real de receber o pagamento do empréstimo. A estupidez provocava nele a vontade de soltar um urro. “Que imbecil emprestaria dinheiro a uma vaca igual a você?”

— Mas não sei de ninguém que eu possa pedir que faça isso por mim — disse Kuniko, bastante encabulada. Pelo jeito, nem sequer pensara

direito sobre o problema.

— Os pais da senhora moram em Hokkaido, não é verdade? — Ele estava olhando o formulário original do empréstimo. Kuniko preencheria-o com o endereço e o local de trabalho dos pais, mas a coluna de “outros parentes” estava em branco.

— Isso, meu pai mora em Hokkaido, mas tem andado bastante doente.

— Tenho certeza de que se soubesse que a filha dele precisa de ajuda, não se recusaria a fazê-lo.

— Não, receio que isso esteja fora de questão. Ele vive no hospital e, de qualquer maneira, não tem dinheiro.

— Então, precisa arrumar outra pessoa. Não importa quem seja, um parente, uma amiga... Contanto que tenhamos sua assinatura.

— Receio que não haja ninguém.

— Bem, isto é constrangedor — disse Jumonji, com um suspiro exagerado. — Ainda está pagando o seu carro, não é verdade?

— É verdade, e ainda faltam mais dois... não, mais três anos.

— Então, que tal outro empréstimo? — ele perguntou.

— Estou tentando evitar isso. — O modo despreocupado com que ela respondeu foi suficientemente assombroso, mas Jumonji percebeu que, assim que terminou de falar, pareceu empalidecer. Esquecendo-se do cigarro em sua mão, ela ficou olhando para a garçonete de uniforme cor-de-rosa que passou carregando um bife. Enquanto a observava, uma camada oleosa de suor surgiu na testa de Kuniko. Ele logo considerou aquilo uma coisa bastante estranha.

— Você está bem? — perguntou.

— Sim, claro — ela respondeu. — É que fico um pouco enjoada quando vejo carne.

— Você é vegetariana?

— Não, mas sou um pouco sensível em relação a carne.

— Ora, não imaginaria que você era uma mulher sensível — disse ele, incapaz de fingir qualquer coisa diferente. Depois, abriu um sorriso como se pedisse desculpas, mas tinha consciência de que pouco se importava com os sentimentos dela. A única coisa que importava naquele momento era como receber o dinheiro de volta daquela vagabunda idiota que nem sequer parecia entender o tamanho da enrascada em que se havia metido. Se não conseguisse pagar, ele a colocaria para trabalhar em um bar qualquer, mas pensando bem, com aquele rosto e aquele corpo, ela não

atrairia muito dinheiro. O melhor plano seria provavelmente encontrar algum outro agiota. De preferência um que não fosse lá muito inteligente, para lhe emprestar a quantia suficiente para que pudesse pagar o empréstimo dele; mas agora que o marido dela sumiu, isso não seria fácil. Portanto, o próximo passo seria encontrar o marido, mas quando pensava nos problemas que aquilo criaria, ele sentia vontade de vomitar.

De repente, Kuniko ergueu o olhar.

— Mas o senhor sabe, há uma boa chance de que eu *venha* a receber algum dinheiro — disse ela. — E vou começar a procurar outro emprego para trabalhar durante o dia amanhã mesmo.

— E esse dinheiro vem de onde? — ele perguntou. — De algum outro trabalho?

— Bem, alguma coisa assim.

— Quanto, mais ou menos?

— No mínimo, ¥200 mil. — Então agora, subitamente, ela era rica? Ele imaginou que talvez ela estivesse apenas blefando, e se dedicou a estudar-lhe os olhos conforme se deslocavam freneticamente, incapazes de parar. Havia adquirido uma aparência estranha e ligeiramente sinistra.

Ao longo de sua carreira recolhendo dívidas pendentes, Jumonji já vira várias pessoas perigosas e desesperadas. Já vira homens recorrerem a fraudes ou roubos quando não conseguiam pagar suas dívidas, e eles apresentavam a tendência de atacar quando encurralados. Porém, Kuniko não parecia ser deste tipo; o que ele percebia nela era mais desorganização, mais reprimida. Pensando melhor, ele já vira aquela expressão. Buscou em sua memória e lembrou-se do rosto de uma mulher que, como consequência de uma visita que ele e seus sócios lhe fizeram, escreveu uma carta listando todas as suas queixas infinitas, atirou seu filho de uma ponte, e logo depois se suicidou. Gente assim se recusa a admitir seus próprios defeitos e se convence de que todos ao seu redor estão contra eles. Depois que a pessoa desenvolve uma paranoia desse tipo, pouco se importa com os inocentes que leva junto.

Ao reconhecer aquele lado sinistro dela, Jumonji desviou o olhar e concentrou-se nas pernas agrupadas e nas coxas tentadoras das colegiais que estavam sentadas em outra mesa, dando baforadas em cigarros.

— Jumonji-san, acho que pode chegar até a ¥500 mil — disse Kuniko, soltando uma risadinha.

— Refere-se a uma renda habitual?

— Não exatamente, mas acho que uma coisa assim pode ser providenciada. — Então, parecia referir-se a alguma fonte secreta de dinheiro, talvez algum velho que estivesse usando. Pouco ligava ao que ela recorreria para conseguir o dinheiro, contanto que pagasse as parcelas. Jumonji resolveu que não tentaria descobrir mais nada sobre aquela mulher. Se conseguisse um fiador, ele simplesmente ficaria de olho na conta.

— Está bem. Já que a senhora não está mais devendo, que fique assim. Passe lá no escritório amanhã ou depois para deixar este formulário com a assinatura e a chancela do seu novo fiador — ele pediu, entregando-lhe o documento.

— Preciso mesmo de um fiador, já que vou receber esse dinheiro todo? — ela perguntou e fez beicinho.

— Lamento, mas devo insistir. Tente encontrar alguém hoje à noite ou amanhã.

Kuniko, com relutância, agitou a cabeça afirmativamente.

— Então, vou-me embora — disse Jumonji.

— Oh... — disse, ainda fitando o próprio colo. A ponta da língua corria-lhe de um lado ao outro da boca, como se estivesse saboreando seu batom.

— Com licença. — Recolhendo a conta, ele se levantou para ir embora. Quando Kuniko ergueu o olhar, ele percebeu imediatamente o quanto ela ficara decepcionada por ele não ter se oferecido para levá-la para casa em seu carro, mas virou-se abruptamente e afastou-se da mesa, não gostou sequer de ter de pagar o café. Enquanto estava à entrada do restaurante, ele passou a mão para livrar seu terno de alguns fiapos, como se estivesse limpando a sujeira que esses parasitas deixavam nele quando precisava encontrar-se com algum deles.

Não desgostava do trabalho. A maioria das pessoas com quem lidava tinha consciência de que nunca conseguiria escapar totalmente de uma dívida, e estava apenas tentando ganhar tempo. Nesses casos, ele simplesmente tinha que estar um passo à frente, e quando você os flagra, normalmente eles soltam a grana. Ele sentia até uma certa graça na caça.

Quando chegou a seu Cima seminovo naquele espaçoso estacionamento de subúrbio, viu que havia um Gloria negro com vidros escurecidos estacionado na vaga ao lado. Levando a mão ao bolso para pegar a chave, começou a abrir a porta do carro, mas conforme o fazia, o

vidro do Gloria recolheu-se e um homem colocou a cabeça para o lado de fora.

— Akira? É você? — Era Soga, um sujeito que estudara em uma turma dois anos mais avançada que a dele no ensino médio em Adachi Ward. Depois que Soga saiu da escola, entrou para uma gangue de motoqueiros, e em seguida, para um grupo da yakuza. Isso foi o que Jumonji ficara sabendo.

— Soga-san! — ele exclamou, virando-se para olhar para o carro. — Quanto tempo! — Eles haviam se esbarrado cinco anos antes em um bar em Adachi, mas desde então, nunca mais o vira. Soga estava magro, como sempre foi, e seu rosto estreito estava pálido como se tivesse algum problema no fígado. Há cinco anos, ele parecera um inútil qualquer, mas agora estava com a aparência de um homem razoavelmente próspero. Seus cabelos estavam puxados para trás de forma bastante simétrica, saindo de sua testa. A gola de sua blusa vermelho-ferrugem ressaltava-se cheia de estilo de seu terno azul-celeste.

Soga abriu um largo sorriso e saiu de seu carro.

— Que droga veio fazer aqui, tão longe, no meio do mato? Alguma espécie de reuniãozinha?

— Não faço mais parte de nenhuma gangue — Jumonji contou. — Agora tenho meu próprio negócio.

— Negócio? Que tipo de negócio? — Ele se inclinou para a frente com as mãos enterradas bem fundo nos bolsos, e olhou de relance para dentro do carro de Jumonji. Só não estava vazio devido à presença de um mapa rodoviário extremamente bem dobrado. — Tem uma arma aí dentro? — ele perguntou.

— Já faz muito tempo desde aquela época — Jumonji respondeu, lembrando-se de como eles se penduravam para fora das janelas enquanto vagueavam pelas ruas.

— E esse cabelo aí? Está querendo parecer um adolescente? — Soga perguntou, observando-lhe o penteado dividido ao meio e alisado para trás.

— Não — ele resmungou.

— Está limpo *mesmo*? — disse Soga, pegando-lhe as lapelas do paletó e aproximando o rosto.

— Sou dono de uma financeira.

— Agiotagem? Assim o nome fica mais fiel à atividade. Você sempre se interessou mais por dinheiro do que por qualquer outra coisa. Acho que

todos terminamos fazendo o que aparece naturalmente.

Jumonji inclinou-se para trás para que Soga não o segurasse.

— E você? Qual é a sua hoje em dia?

— Um pouco disto aqui — disse ele, fazendo um sinal com os dedos; era a saudação usada para identificar uma gangue que atuava em Adachi Ward.

— Logo vi — disse Jumonji, sorrindo com nervosismo. — E o que faz por aqui?

— Ah, nada de mais — Soga respondeu, olhando para um dos cantos do estacionamento. Jumonji acompanhou-lhe o olhar e viu dois homens de pé ao lado de seus carros, aparentemente lidando com as consequências de um acidente em que um dos carros colidiu com a traseira do outro. O mais velho dos dois estava com uma expressão de arrependimento, de cabeça baixa, enquanto o outro, que estava vestido com uma blusa chamativa, gritava com ele. Um grande amassado era perceptível no para-lama traseiro de um dos carros.

— Foi acidente? — Jumonji perguntou.

— Pode-se dizer que sim. Ele levou na traseira.

— Entendi. — Pensando bem, Jumonji ouvira mesmo falar de uma gangue especializada em produzir acidentes que havia se mudado para aquela área. Até recebeu por e-mail uma listagem das placas usadas pela gangue, de uma pessoa do ramo que ele conhecia. A artimanha consistia em encontrar a vítima ideal e frear subitamente à sua frente. Depois que era abalroado, esperava que o outro motorista saísse do carro, e então, dependendo de sua reação, pensariam na melhor maneira de arrancar-lhe um dinheiro. Jumonji sabia como aqueles grupos armavam suas tramoias, só não havia se dado conta de que a nova gangue era de Soga. — Escutei boatos — disse ele.

— As pessoas gostam de falar. — Soga soltou uma risada zombeteira. — Mas este é um mero acidente banal. Aquele babaca bateu na nossa traseira. Somos vítimas inocentes.

Enquanto os dois conversavam, Kuniko saía do restaurante, e agora estava ali, olhando com nervosismo na direção deles. Ao perceber que Jumonji a vira, deu as costas. Ora, se aquilo a incentivou a ir procurar um avalista, então, ele ficou satisfeito por ter esbarrado em Soga.

— Soga-san, nós vamos para o hospital — disse um dos rapazes que estavam no “acidente”. Ele havia se aproximado para falar com Soga. Seu

parceiro permanecia agachado perto dos carros, com as mãos segurando o pescoço de maneira bastante dramática. O velho estava de pé perto dele, falando freneticamente. Jumonji não sentiu pena daquele sujeito tão ingênuo. Um babaca é sempre um babaca.

— Isso, isso — disse Soga, fazendo um sinal de aprovação bastante expansivo com a cabeça. — Akira, você tem um cartão? — ele acrescentou, abrindo sua mão ossuda.

— Tenho — disse Jumonji, tirando um do bolso de seu paletó e o entregando a ele, imitando zombeteiramente uma formalidade fantasiosa.

— “Jumonji”? — Soga leu. — Desde quando seu nome é Jumonji? — Seu nome de verdade era Akira Yamada, mas sempre achara aquele um nome comum demais, então, assumiu o nome de seu motociclista predileto.

— Acho que soa mesmo um pouco engraçado — disse ele.

— Engraçado? É totalmente estranho, isso sim! Parece coisa de artista... Mas acho que você sempre gostou mesmo de coisas chamativas. Caramba, por que não? — Rindo, Soga guardou o cartão no bolso da blusa. — Foi sorte esbarrar em você deste jeito. A partir de agora vamos manter contato e nos encontrar mais.

— Por mim, está ótimo — disse Jumonji, esforçando-se para parecer entusiasmado. Era difícil acreditar que no passado ambos fizeram parte da mesma gangue de motoqueiros.

— Eu até lhe emprestaria um pouco de músculo para o setor de coleta do seu negócio — Soga acrescentou.

— Se algum dia me faltar gente, a primeira coisa que farei será procurá-lo — disse Jumonji. — Mas na maioria das vezes é coisa pequena que nós mesmos somos capazes de resolver. — De fato, seus clientes *eram mesmo* peixes pequenos, e se acabasse pressionando-os demais, às vezes eles sumiam, deixando você sem nada. Mas eram fracos, e por isso, na maioria das vezes precisavam apenas de um pequeno lembretezinho aqui e ali. O segredo era encontrar o equilíbrio.

— Bom, como quiser. Mas devo dizer que não sei se gosto de vê-lo com essa aparência tão inocente e correta. — Ele aplicou leves tapinhas no rosto de Jumonji. — Você é uma peça rara, é mesmo, mas um cara inteligente como você é sempre útil. A garotada de hoje em dia é burra demais, e faz da minha vida um inferno. Todos se beneficiariam de alguns

anos na gangue para que se endireitassem. — Ele lançou um olhar penetrante na direção de seus ajudantes.

— Enquanto isso, não teria nenhuma proposta lucrativa de que eu pudesse participar? — Jumonji perguntou, trazendo à tona um assunto no qual quase sempre pensava.

— O velho Akira de sempre... — disse Soga. Com uma expressão subitamente séria, ele virou-se de novo na direção de seu carro. Um jovem de cabelos tingidos de loiro, aparentemente seu motorista e guarda-costas, ficara esperando o tempo todo ao lado da porta. Jumonji ficou ali parado até que eles fossem embora, depois entrou em seu próprio carro e saiu do estacionamento. Não tinha o mínimo interesse em pegar emprestado os capangas dos outros, mas se fosse para ganhar dinheiro, estava mais que disposto. Afinal, dinheiro nunca é demais.

Em uma rua atrás da estação de Higashi-Yamato havia um restaurante de sushi quase deserto e especializado em comida para viagem. O toldo era sujo, e o furgão de entrega, todo barrento. E atrás do estabelecimento um jovem funcionário usava uma escova de privada para remover a sujeira grudada das tinas de arroz. Era bem o tipo de lugar que a Vigilância Sanitária adoraria interditar. Ao lado, ao se subir uma escadaria que cheirava a estrutura pré-fabricada, ficava o escritório de Jumonji. Ele subiu depressa os degraus que rangiam sob seus pés e abriu a porta de madeira compensada que ostentava uma placa branca onde lia-se: “Centro de Um Milhão de Consumidores.”

— Bem-vindo de volta, chefe. — Os dois funcionários falaram em uníssono quando ele entrou pela porta. O escritório tinha pouca coisa: um computador e algumas linhas telefônicas. À frente deles estavam sentados um jovem com cara de entediado e uma mulher de meia-idade cujos cabelos estavam arrumados de um modo extravagante, normalmente utilizado por mulheres com metade de sua idade.

— E aí? — Jumonji perguntou.

— Normalmente tudo fica bastante calmo depois do almoço — disse o funcionário. Provavelmente seria inútil, mas Jumonji pediu-lhe que descobrisse o paradeiro do marido de Kuniko. — Não será nada fácil — o rapaz avisou.

— Bom, se ficar caro, então esqueça. — O jovem fez uma expressão de alívio, aparentemente já desistindo. A funcionária passou alguns instantes a estudar as unhas de um vermelho radiante, e depois levantou-se de sua mesa.

— Chefe, importa-se se eu for cedo para casa hoje? Ficarei aqui só até as cinco.

— Não há problema algum — disse Jumonji. Ele já havia pensado em se livrar daquela funcionária e substituí-la por uma mais nova, mas acabou por achar que não valia a pena. Pelo menos ela tinha aptidão para físgar clientes. Então, talvez devesse demitir o rapaz? Jumonji ficou sentado por alguns momentos, olhando pela janela, perguntando-se como Kuniko esperava ganhar todo aquele dinheiro. Ultimamente só conseguia pensar em dinheiro, e sua curiosidade fora atiçada. Por trás do matagal próximo à estação, que logo daria lugar a um novo edifício, o sol de verão escondia-se, sumindo de vista.

7

Ele escutava o murmúrio dos insetos aqui e ali, ruídos sufocados e discretos, como a grama que oscilava sob a neblina da noite. Era tão diferente de São Paulo, onde cantavam como sinos que reverberavam em meio à brisa seca do verão. Kazuo Miyamori agachou-se em meio ao gramado denso, com os braços entrelaçados ao redor dos joelhos. Já havia algum tempo que uma pequena nuvem de mosquitos estava a zumbir à sua volta. Ele tinha consciência de que haviam lhe picado várias vezes os braços desnudos abaixo das mangas da camiseta, mas não estava disposto a sair dali — não fracassaria no teste que resolvera impor a si mesmo. Era frequente criar estas provações; tinha medo de, sem elas, tornar-se rapidamente um sujeito ruim.

Enquanto permanecia sentado, escutando no escuro, percebeu que conseguia ouvir não somente os insetos, como também o som sossegado de água corrente. Não era um murmúrio agradável, nem a carreira precipitada de uma correnteza; o som era o triste gorgolejar de um lento escoamento espesso e grosso. Kazuo sabia que vinha do córrego fedido da vala ali perto: uma torrente quase sólida de água de esgoto misturada com lixo, e talvez um ou outro animal morto boiando em algum lugar subterrâneo.

O capim do verão farfalhou sob uma brisa repentina e as venezianas enferrujadas atrás dele agitaram-se ruidosamente como se estivessem ganhando vida. Aquele som fez com que ele se lembrasse de que havia um amplo espaço cavernoso na fábrica vazia atrás das venezianas. Ele a empurrara contra elas — aquela lembrança fez com que um suor gelado escorresse por suas costas. O que ele foi fazer? Que espécie de monstro fora ontem à noite? Tão logo abandonou suas provações, tornou-se apenas mais um ser humano sórdido. Ele arrancou um talo do capim rabo-de-raposa que crescia à sua volta, e deu-lhe um peteleco.

Em 1953, enquanto a emigração continuava após a guerra, o pai de Kazuo Miyamori deixou a província de Miyazaki e foi para o Brasil. Tinha dezenove anos à época. Graças à influência de um parente, arrumou emprego em uma fazenda de donos japoneses na área suburbana de São Paulo, e lá, tinha a esperança de fazer fortuna. Só que não demorou a descobrir a grande diferença entre o comportamento dos japoneses que foram educados em um Japão pós-guerra relativamente liberal e o dos imigrantes pré-guerra mais tradicionais que sofreram no Brasil. Não passou muito tempo e o pai de Kazuo, que apreciava sua independência, largou a fazenda e foi para São Paulo, mesmo sem conhecer uma só alma naquela cidade.

Foi bem recebido, contudo, não pelos imigrantes japoneses, com quem compartilhava laços de sangue, mas por um simpático barbeiro brasileiro que o empregou como seu aprendiz. Quando completou trinta anos, o pai de Kazuo assumiu a barbearia, e tão logo se fixou em sua nova vida, casou-se com uma bela mulher de sangue mestiço — uma mulata, como é conhecida no Brasil. O casal logo teve um filho, Roberto Kazuo. Porém, quando tinha dez anos, seu pai faleceu em um acidente, e por isso, Kazuo aprendera pouca coisa do idioma e da cultura de seu país de origem. As únicas coisas relacionadas ao Japão que seu pai lhe deixara foram a cidadania e seu nome.

Depois de se formar no ensino médio em São Paulo, Kazuo foi trabalhar em uma gráfica. Certo dia notou um cartaz que trazia escrito: “Procuramos trabalhadores para preencherem vagas no Japão. Grande oportunidade!” Ficara sabendo que brasileiros descendentes de japoneses, com cidadania japonesa, não precisavam de visto e eram livres para escolherem quanto tempo queriam ficar. Dizia-se que a economia andava tão bem e que havia tão pouca oferta de trabalhadores que qualquer um poderia arrumar qualquer tipo de emprego.

Kazuo perguntou a um conhecido a respeito da situação no Japão, que lhe respondeu ser o país mais próspero do mundo. As lojas estavam repletas de todos os produtos possíveis e imagináveis, e o pagamento semanal era quase o mesmo de um mês na gráfica, em São Paulo. Kazuo sempre sentira orgulho de sua herança japonesa, e se algum dia aparecesse a oportunidade, imaginou que iria gostar de ver a terra de seus ancestrais.

Alguns anos depois, acabou esbarrando no sujeito que havia consultado sobre o Japão, e notou que ele estava dirigindo um carro novíssimo. Havia

acabado de voltar ao Brasil depois de passar dois anos trabalhando em uma fábrica automotiva japonesa. Kazuo sentiu inveja. A situação econômica no Brasil estava ruim, sem previsão de melhora, e só lhe restava sonhar em ter um carro, com o salário tão baixo da gráfica. Naquele momento, resolveu que também iria trabalhar no Japão. Se conseguisse ficar por dois anos, poderia comprar um carro. Se conseguisse ficar por mais tempo, talvez até juntasse o suficiente para comprar uma casa — e ainda aproveitaria para conhecer a terra natal do pai.

Ele ficou preocupado achando que sua mãe fosse ser contrária à viagem, mas quando lhe contou seus planos, ela concordou quase que imediatamente. Ela lhe disse que, embora não conhecesse o idioma ou a cultura, ele tinha sangue japonês, e assim o povo de lá o trataria como membro da família. Seria natural. Alguns nipo-brasileiros de sucesso conseguiram mandar seus filhos para a faculdade e garantir-lhes um lugar na elite do país, mas a situação de Kazuo era diferente. Era filho de um barbeiro da parte pobre da cidade, e fazia todo o sentido do mundo que fosse para lá em busca de sua fortuna. Então, poderia voltar ao Brasil com suas economias e tornar-se um homem de sucesso. Estaria seguindo os passos do homem cujo espírito independente ele herdara.

Kazuo demitiu-se da gráfica em que trabalhara durante seis anos, e havia seis meses chegara ao aeroporto de Narita. Foi um momento emocionante, imaginava o pai indo sozinho para o Brasil aos 19 anos. Kazuo tinha 25 quando chegou ao Japão como um trabalhador imigrante com contrato de dois anos.

Mas logo descobriria que a terra de seus antepassados não ligava muito para o fato de seu sangue correr-lhe pelas veias. No aeroporto, nas ruas, ele tinha consciência de que era visto como um *gaijin*, um “estrangeiro”, e aquilo o deixava ardido de cólera. A vontade que sentia era de gritar: “Tenho sangue japonês!”, “Sou cidadão japonês!”, mas para aquela gente, qualquer um que não tivesse os mesmos traços, e que não falasse seu idioma, simplesmente não era um deles. Ele chegou à conclusão de que a tendência de todos os japoneses era julgar por aparência; e a noção de irmandade, que sua mãe tomara por certa, e que necessitava que seus compatriotas enxergassem além das aparências, era uma coisa que pouca gente ali estava de fato disposta a assimilar. No dia em que se deu conta de que seu rosto e sua compleição física iriam reservá-lo eternamente à condição de um *gaijin*, Kazuo desistiu do Japão. Também não ajudava o

fato de seu emprego na fábrica de refeições ser menos interessante de que seu serviço na gráfica do Brasil. Era um trabalho mecânico e opressivo, que parecia direcionado para acabar com seu ânimo.

Então, resolveu considerar a experiência no Japão como um teste espiritual — um teste de dois anos para ver se conseguiria juntar dinheiro para comprar um carro. A mãe de Kazuo era uma católica devota, mas a disciplina espiritual dele era diferente. Deus não, sua própria força de vontade daria-lhe força e autocontrole para chegar ao seu objetivo. Na noite anterior, pela primeira vez em muito tempo, deixou seu autocontrole incorrer em um desliz. Ele pôs o talo de capim na boca e ergueu o olhar. Em comparação com o Brasil, quase não havia estrelas no céu.

O dia anterior fora sua folga. Os funcionários brasileiros da fábrica cumpriam um ciclo de cinco dias, quatro de trabalho e um de folga. Esse planejamento ímpar acabava com o relógio biológico, normalmente programado para descansar nos fins de semana, e fazia com que os trabalhadores se sentissem exaustos quando chegava o seu dia de folga. Então, embora estivesse esperando ansiosamente a folga, Kazuo ficou tentado a simplesmente passar o dia inteiro na cama. Sentia-se moroso e abatido; ocorreu-lhe que talvez por nunca ter vivido a época das chuvas no Japão. O ar úmido emplastrava-lhe os cabelos negros e lustrosos à cabeça e fazia com que sua pele escura assumisse uma aparência inerte. As roupas lavadas não secavam, e seu entusiasmo permanecia sufocado. Acabou resolvendo fazer compras em uma cidade conhecida como “Little Brazil”, na fronteira entre as províncias de Gunma e Saitama. A viagem teria sido rápida de carro, mas Kazuo não tinha habilitação e tampouco um carro. De trem ou ônibus levava quase duas horas.

Ele ficou nos corredores da livraria do centro comercial brasileiro lendo revistas sobre futebol. Depois, comprou alguns ingredientes de que vinha precisando para fazer comida brasileira, e deu uma olhada na locadora. Quando chegou a hora de voltar a Musashi-Murayama, sentiu uma saudade extrema de sua terra. Sentia falta de São Paulo. Sentia falta de tudo que tinha no Brasil. E resolveu demorar-se um pouco mais por lá, parou em um restaurante e começou a beber cerveja brasileira. Nenhum de seus amigos da fábrica estava ali, mas enquanto estava sentado, bebendo

com aqueles brasileiros que não conhecia, quase conseguia imaginar-se em um bar no centro de São Paulo.

O lugar em que ele trabalhava tinha um dormitório para funcionários estrangeiros próximo à fábrica. Dois homens podiam alugar um quarto de solteiro com uma cozinha pequena. Kazuo morava com um sujeito chamado Alberto, mas quando chegou bêbado e trocando as pernas por volta das nove, o quarto estava escuro. Alberto devia ter saído para comer alguma coisa. Relaxado devido ao dia de folga e à cerveja que bebera, Kazuo subiu arrastando-se até a cama de cima do beliche e dormiu quase instantaneamente.

Cerca de uma hora depois, acordou ao som de respirações fortes. Alberto e a namorada devem ter voltado enquanto ele dormia e estavam se atracando na cama de baixo. Pelo jeito, não faziam a mínima ideia de que Kazuo estava dormindo acima deles, se faziam, não era uma coisa que estava restando-lhes o entusiasmo. Há muito tempo Kazuo não escutava uma mulher delirar de paixão, e quando enfim tapou as orelhas, já era tarde demais — em algum lugar dentro dele o pavio fora aceso. Por mais que tenha se esforçado para manter a pólvora longe das fagulhas, nunca foi capaz de livrar-se do pavio. E uma vez aceso, era certo que a pólvora iria explodir. Ele permaneceu deitado, retorcendo-se silenciosamente na cama de cima, e suas mãos tentavam desesperadamente cobrir-lhe a boca e tapar-lhe os ouvidos.

Quando chegou a hora de ir para o trabalho, Alberto e a amiga vestiram-se e foram embora, beijando-se escandalosamente o tempo todo. Kazuo saiu tropeçando alguns minutos depois para ir à caça de alguma mulher por aquelas ruas escuras. Nunca se sentira tão reprimido em sua vida inteira, como se fosse morrer caso não encontrasse algum alívio. Sentiu medo ao imaginar que suas provações provavelmente tornariam a explosão ainda pior. Mas não era capaz de conter-se.

Saiu caminhando pela rua muito mal iluminada que o levava do dormitório até a fábrica. Era um solitário trecho de rua, margeado por uma fábrica abandonada e por uma pista de boliche falida. Ocorreu-lhe que, se esperasse ali, uma ou duas funcionárias de meio expediente poderiam passar por ele. Tinha consciência de que a maioria delas tinha a idade de sua mãe, talvez fossem ainda mais velhas, mas no momento ele pouco se importava. Passou-se um tempo, foi ficando tarde e ninguém aparecia. Uma parte dele sentiu alívio, mas outra parte sentiu a violenta decepção do

caçador cuja presa escapa. Ele permaneceu ali, olhando a rua vazia com sensações ambíguas... e então, subitamente, uma mulher chegou andando apressadamente.

Parecia perdida em seus pensamentos e, mesmo quando ele se aproximou para tentar lhe falar, ela não o notou. Foi por isso que ele agarrou-lhe o braço, praticamente sem pensar. Conforme ela tentava se afastar dele, ele via a expressão de horror em seus olhos, mesmo no escuro, e de alguma maneira aquilo fez com que sentisse vontade de arrastá-la para dentro do denso matagal.

Seria mentira se dissesse que não tinha intenção de estuprá-la? A única coisa que queria era que ela o abraçasse, para que ele sentisse a suavidade dela junto ao seu corpo. Mas quando ela começou a resistir, ele subitamente quis deitá-la e imobilizá-la. Foi quando ela disse que sabia quem ele era.

— Você não é o Miyamori? — ela perguntou com um tom severo e frio, e o medo o dominou. Agora que estava bem perto dela, deu-se conta de que também a conhecia: era aquela mulher alta que raramente ria, a que estava sempre com aquela outra moça bonita. Ele já pensara várias vezes que qualquer pessoa com uma aparência melancólica como a dela deveria sofrer praticamente tanto quanto ele. O medo deu lugar à culpa em relação ao crime que estava cometendo.

Quando ela subitamente propôs que voltassem a se encontrar mais tarde, “só eles dois”, o coração dele deu um pulso. Por um mero instante, apaixonou-se por aquela mulher, apesar de ser tão mais velha. Foi então que se deu conta de que ela diria qualquer coisa para escapar dele, e sentiu uma fúria hostil crescendo por dentro. Estava se sentindo sozinho, o que havia de tão errado nisso? Por que ela não podia fazer a vontade dele? Não tinha intenção de estuprá-la; só queria que ela fosse legal. Dominado pelo desejo e incapaz de se controlar, ele a empurrou contra as venezianas e a beijou.

Que coisa vergonhosa! Ele enterrou o rosto entre as mãos àquela lembrança. Só que o que aconteceu depois foi pior. Depois que ela conseguiu se livrar dele e fugiu, ele ficou apavorado pensando que talvez ela fosse denunciá-lo para a administração da fábrica ou para a polícia. Ele se lembrou de que corria um boato que um sujeito vinha atacando mulheres naquela área. O boato chegara até mesmo entre os brasileiros, e parecia que algumas mulheres não conseguiam falar de outra coisa, e

criavam suas próprias teorias a respeito de quem poderia ser. Não era Kazuo, é claro, mas como ele iria explicar isso àquela mulher? Precisava pedir-lhe desculpas — o mais rápido possível.

Ele passou a noite inteira esperando-a perto da fábrica. Havia começado a chover — aquela leve chuva japonesa que ele achava tão deprimente — e voltou para o quarto para pegar seu único guarda-chuva. Ficou a esperá-la à entrada da fábrica, mas quando finalmente apareceu, parecia fria como a neve, cega para o fato de que ele estava todo encharcado por esperar debaixo de chuva. Ele não conseguiu pedir desculpas de maneira adequada, quanto mais explicar que não era o tarado. Mas por que ela deveria perdoar-lhe? Se aquilo tivesse acontecido com sua namorada ou com sua mãe, ele teria acabado com qualquer homem que tivesse feito o mesmo. Kazuo resolveu que a única coisa que poderia fazer seria continuar pedindo desculpas até que ela resolvesse perdoar-lhe. Seria seu mais novo teste, e o mais difícil. E então, foi esperá-la de novo, começando na hora estabelecida de nove da noite, agachado e imóvel na grama. Ele duvidava que ela fosse aparecer, mas se manteria fiel ao compromisso.

De repente ele escutou o som de passos vindos do estacionamento. Sobressaltado, virou-se para olhar e viu um vulto alto vindo em sua direção. Ao reconhecê-la, sentiu sua pulsação acelerar-se enquanto permanecia agachado em meio às sombras. Achou que ela fosse simplesmente passar direto, mas a mulher se deteve próxima ao gramado em que ele estava escondido. Será mesmo que ia ao seu encontro? Sentiu uma precipitação de regozijo.

Contudo, sua empolgação desapareceu quase que imediatamente enquanto a via tirar alguma coisa da bolsa e largá-la por um dos buracos das placas de concreto que cobriam a vala de drenagem. Pelo som, Kazuo percebeu que o objeto deveria ser de metal. Após o abafado ruído de alguma coisa caindo em água, logo um som metálico que deixava claro que havia chegado ao fundo. Mas o que será que ela havia jogado naquele córrego tão imundo? Será que estava fazendo propositadamente porque sabia que ele estava escondido ali? Não, tinha certeza de que ela não o percebera ali. Poderia voltar pela manhã, depois que o dia clareasse, para ver o que era.

Tão logo ela desapareceu de vista, esticou as pernas que já haviam ficado dormentes e se pôs ereto. Conforme o sangue voltou a fluir, as

picadas dos mosquitos começaram a coçar. Arranhando-se com violência, ele deu uma olhadela em seu relógio. Já eram onze e meia da noite, e ele deveria ir para o trabalho. Imaginar que aquela mulher estaria lá na linha de produção encheu-o com uma mistura de esperança e medo. Naquele dia, pela primeira vez, ele descobriu uma emoção real em meio ao seu longo e fastidioso teste.

Ele a viu assim que adentrou a área de descanso dos funcionários. Estava de pé ao lado das máquinas de bebidas próximas à porta, cochichava com a mulher mais velha que estava sempre com ela. Vestia uma calça jeans e uma desbotada blusa azulada, e estava com os braços cruzados bem apertados à altura do peito. Era o mesmo tipo de roupa que sempre trajava, mas Kazuo ficou surpreso com o quanto estava diferente em comparação a como estava de manhã, após o longo turno de trabalho. Ele olhou para ela, que retribuiu a atenção, porém, acovardou-se sob seu olhar cortante.

— Bom-dia — ele murmurou, mas ela o ignorou. A outra pessoa, entretanto, a mais baixa e mais velha, sorriu e retribuiu-lhe a saudação com um meneio de cabeça. Era uma das melhores funcionárias da fábrica, e mesmo entre os brasileiros era conhecida como a “Capitã”. Sentindo vontade de dizer-lhes mais alguma coisa, Kazuo pensou nas palavras em japonês que conhecia; só que enquanto pensava, elas entraram no vestiário. Decepcionado, ele as acompanhou e começou a procurar o cabide onde estava seu próprio uniforme. Trocou-se rapidamente e juntou-se ao grupo de brasileiros de sempre em um dos cantos da área de descanso. Esforçando-se para permanecer imperceptível, acendeu um cigarro e olhou meio de esguelha para o lado feminino do vestiário.

Não havia uma cortina que servisse de anteparo para o vestiário, apenas as vestimentas do dia a dia e os uniformes ficavam pendurados em filas, e assim, as mulheres ficavam claramente visíveis enquanto vestiam seus uniformes de trabalho. Ele conseguia ver o perfil ríspido dela e as rugas profundas que lhe saíam dos cantos da boca cerrada. Ela era obviamente um bocado mais velha do que ele imaginara, e deveria ter mais ou menos a mesma idade de sua mãe, que acabara de completar 46. Ele nunca conheceu uma mulher cujos pensamentos fossem tão impossíveis de adivinhar. As meninas bonitas que namorou no passado

ainda faziam-lhe mais o gosto, mas ele se sentia estranhamente atraído por aquela misteriosa mulher mais velha.

Ele a observava conforme ela tirava a calça jeans. Os dedos que seguravam seu cigarro estremeceram-se quase que imperceptivelmente e ele olhou para baixo por um instante. Porém, incapaz de resistir, voltou a erguer o olhar apenas para ver que ela o fitava insistentemente. Ela já havia terminado de vestir a calça do uniforme de trabalho, e sua calça jeans ficara embolada a seus pés. Kazuo enrubesceu, mas então se deu conta de que ela olhava para a parede que estava atrás dele, com o rosto totalmente inexpressivo. Ele sabia que alguma coisa havia mudado nela desde a manhã daquele dia, e rezava para que fosse a raiva desaparecendo. Naquele momento ela parecia não estar sequer pensando, o que era ainda pior.

A mulher e a amiga voltaram à área de descanso dos funcionários com as toucas à mão e passaram por ele sem dizer sequer uma palavra, aparentemente descendo direto para a área de preparação das refeições; só que enquanto o faziam, Kazuo memorizou rapidamente o formato dos caracteres na etiqueta que trazia a identificação dela, e depois, quando quase todo mundo já havia descido, tirou o cartão de ponto dela do lugar e foi procurar um dos brasileiros que sabiam japonês.

— Como se pronuncia isto? — perguntou.

— Masako Katori — o homem respondeu, e Kazuo agradeceu. — Está gostando dela, é? Não é um pouquinho velha demais para você? — O homem trocara o Japão pelo Brasil havia mais de trinta anos, mas voltara há pouco para trabalhar.

— Estou devendo uma coisa a ela — disse Kazuo, com uma expressão séria.

— Dinheiro? — O homem riu, e Kazuo desejou que fosse tão simples assim, voltando para colocar o cartão de ponto no lugar.

A partir do minuto em que passou a saber seu o nome, ela se tornou uma pessoa especial para ele. Conforme devolvia o cartão dela para o lugar, notou que o horário de Masako lhe deixava todo sábado de folga. Também percebeu que só foi marcar sua entrada às 23:59h da noite anterior, indubitavelmente por causa dele, mas além disso, não havia sinal de qualquer ligação entre eles. Detendo o olhar no par disforme de tênis do cubículo com a inscrição do nome dela, imaginou que ainda pudesse conter o calor de seus pés.

Após lavar e desinfetar rapidamente as mãos, ele passou pelo posto de verificação da fiscal de higiene e desceu vagarosamente a escada que levava à área de preparação. Ele sabia que as mulheres estariam aglomeradas lá embaixo, esperando que as portas se abrissem. Eram todas iguais em seus uniformes, e apenas se viam os olhos entre as toucas e as máscaras, mas mesmo assim ele procurou por Masako na linha de produção, para só então se dar conta de que ela estava bem à frente dele, ligeiramente distante, e olhando atentamente para alguma coisa. Quando seguiu-lhe o olhar, ficou surpreso ao ver que estava concentrado em um dos recipientes azuis de plástico que eram usados para juntar lixo. Será que havia alguma coisa dentro dele que a perturbava? Ele esticou o pescoço para olhar, mas não havia nada ali dentro além de restos de comida. Ela lançou-lhe um olhar de indiferença quando ele se virou.

— Com licença — disse, decidido a conversar.

— O que foi? — Sua voz grave foi abafada pela máscara.

— Eu estava... arrependido — disse ele, falando, sem parar para pensar, as únicas palavras de que conseguia se lembrar. — Quero... conversar — ele acrescentou em seu japonês vacilante. Mas antes que pudesse descobrir se Masako nem sequer escutara essa última parte, ela se virou na direção da porta com uma expressão severa e proibitiva. Foi um choque ser ignorado daquela maneira, sobretudo por estar somente tentando desculpar-se, e se sentiu completamente infeliz.

As portas se abriram e os funcionários de meio expediente formaram uma fila para lavar as mãos. Kazuo foi designado para manejar um dos carrinhos que entregavam comida nas linhas de montagem, e então, foi para a cozinha.

Era estranho, mas um serviço que vinha sendo um enfado tão grande até aquele momento agora parecia quase divertido. O trabalho dele nesta noite seria levar os pesados tonéis de arroz frio para a máquina que capitaneava a linha de produção. O serviço necessitava de esforço e pedia certa responsabilidade, já que toda a produção pararia se o arroz não chegasse a tempo, mas aquilo o levaria a cruzar com Masako e com a mulher que elas chamavam de Capitã em seus postos de sempre, ao lado da máquina de arroz. E quando carregou a primeira leva de arroz, lá estavam elas, comandando as operações do meio da linha de produção.

— Depressa! — chamou a Capitã. — Está quase acabando. — Kazuo ergueu o pesado tonel com as duas mãos e despejou o arroz dentro da

máquina. Masako nem por um segundo tirou o olhar da pilha de recipientes que entregava à Capitã. Aquilo permitia a ele estudar o perfil dela de bem perto, e embora apenas seus olhos estivessem descobertos, ele os sentia atormentados. A Capitã também, que sempre estava gritando ou rindo, ou fazendo as duas coisas, parecia mais reprimida nesta noite. Kazuo também percebeu que nem a bonitinha e nem a gorda que sempre trabalhavam com elas tinham ido trabalhar.

8

— Aonde você foi, mãe? — uma voz conhecida, porém inesperada, perguntou enquanto Yoshie chegava da casa de Masako, extremamente esgotada. Yoshie arrancou os sapatos e entrou correndo. Kazue, sua filha, voltara para casa. Ela nunca contou às amigas da fábrica, mas na verdade tinha dois filhos. O motivo pelo qual nunca mencionara a mais velha era porque a própria Yoshie mal conseguia suportá-la, apesar de ser sua filha.

Kazue estaria agora com 21 anos. Largou a escola e fugiu com um homem mais velho aos dezoito anos, e, desde então, Yoshie nunca mais ouviu falar dela. Era a primeira vez que estava em casa em mais de três anos. Yoshie suspirou, sentindo-se aliviada por voltar a vê-la, tanto quanto precavida em relação aos problemas que, certamente, Kazue provocaria; e também, perguntando-se que outras surpresas aquele dia ainda lhe traria, depois do que já vivenciara. Analisou o rosto da filha, esforçando-se para esconder o choque e a angústia.

Os cabelos tingidos de castanho da menina desciam-lhe lisos quase até a cintura, e, puxando suas pontas, um pequeno menino fitava Yoshie. Devia ser a criança sobre a qual ela ouvira boatos havia uns dois anos, seu primeiro neto. Era exatamente igual ao inútil do pai, portanto, nada bonito. Era magro e pálido, com uma linha de ranho a escorrer-lhe pela bochecha. O pai do garoto era um merda que nunca saíra do bairro e nunca fora capaz de manter um emprego fixo; e agora o filho dele a observava com uma espécie de sabedoria, como se adivinhasse o que estava pensando.

— Onde você andou esse tempo todo? — Yoshie perguntou. — Nunca, nem sequer se deu o trabalho de ligar, e agora aparece assim, sem mais nem menos, e espera que eu fique animada? — Talvez tenha sido um pouco mais áspera do que sua intenção, mas a época de se importar, até mesmo de enfurecer-se, já havia passado há muito. Agora sua única preocupação verdadeira era evitar que sua outra filha, Miki, acabasse sendo igual àquela. Se Kazue voltara de vez, havia o risco de ser uma má influência para Miki. Também havia o pequeno problema que acontecera de manhã cedo, e os detalhes ainda a serem tratados.

— Como assim, “onde você andou”? Sua filha volta para casa depois de três anos e você só diz isso? Nada de “seja bem-vinda à sua casa”? Nada de “como é bom reencontrá-la”? Este aqui é o seu neto! — As sobranceiras de Kazue, que tinham a espessura de um lápis, da mesma maneira que as colegiais as deixavam, arquearam-se de modo comovido. Ela continuava tentando acompanhar todas as tendências das adolescentes, mas sua vida difícil a envelhecera visivelmente. Assim como seu filho, vestia roupas baratas e bastante surradas, que pareciam ligeiramente sujas.

— Meu neto? Mas eu nem sei o nome dele! — disse Yoshie, com a voz repleta de ressentimento.

— É Issey. A senhora sabe, igual ao designer.

— Nunca ouvi falar.

— Mas que bela recepção eu tive, depois de três longos anos! — Conforme seu tom de voz assumia uma agressividade cada vez maior, Yoshie se lembrava dos velhos tempos. — Qual é o seu problema, hein? A senhora está horrível.

— Estou trabalhando no expediente noturno em uma fábrica de refeições prontas.

— E só está chegando em casa agora?

— Não, fui visitar uma amiga. — Ela se lembrou subitamente das sacolas cheias de Kenji que trouxe para casa. As sacolas menores foram reunidas dentro de uma bolsa de compras mais forte, que ela foi rapidamente esconder na cozinha.

— E a que horas a senhora dorme? Vai acabar com a sua saúde se continuar com essa vida. — A preocupação de Kazue era evidentemente superficial. Quando morava ali, detestava ter que cuidar da avó naquela casinha apertada, assim como Miki detestava agora, e isso, em parte, a levou a sair de casa. Mas não havia propósito em desenterrar todas as antigas batalhas das duas. Por que será que tudo de desagradável, de inconveniente e de difícil parecia estar acontecendo de uma vez só? Yoshie se esforçava para ser paciente e zelosa sempre que possível, mas aquela sua garota grosseira e desleixada estava passando dos limites.

— E quem você acha que iria cuidar da sua avó? Se eu trabalhasse durante o dia, ela ficaria sozinha. E quando foi que você, um dia que seja, ergueu um dedo para ajudar?

— Pode parar — disse Kazue.

— Eu cuido dela porque não tenho opção... Por falar nisso, como será que ela está? — Yoshie acrescentou, olhando para o quarto dos fundos. Ela correu para a casa de Masako depois de dar o café da manhã da velha e de trocar-lhe a fralda, e agora, de repente, ficou preocupada. Sua sogra estava deitada e em silêncio naquele cômodo mal iluminado, mas estava desperta e aparentemente havia escutado a conversa entre ela e a filha. — Peço perdão pelo atraso — Yoshie desculpou-se.

Ela escutou a velha grunhir e depois dizer:

— Aonde você foi? Achei que tivesse me largado para morrer.

Yoshie ficou subitamente furiosa. Como será que elas conseguem ser tão egoístas? Será que acham que sou um robô?

— Eu não veria problema algum nisso! — ela gritou com a velha. — E depois que a senhora morresse, eu a fatiaria toda e a jogaria fora junto com o lixo! E ainda começaria por essa cabeça velha e feia da senhora!

Sem perder tempo, a velha começou a soluçar bem alto, embora as lágrimas que lhe desciam o rosto fossem poucas. Para impressionar ainda mais, completou murmurando um ou dois versos de um sutra.

— Agora descobrimos como você é de verdade. — Ela debulhava-se em lágrimas. — Você é perversa! Parece tão calma e simpática, mas no fundo é só maldade! Estou vivendo na casa do diabo!

“E agora também descobrimos como *a senhora* é de verdade!”, pensou Yoshie, ainda retraindo o que sentia, enquanto olhava para o desenho florido e desbotado do fino cobertor. Conforme a raiva amainava-se aos poucos, sentia uma pontada de arrependimento. Para que foi dizer aquilo? Talvez toda aquela experiência fizera com que ela mudasse. Foi tudo culpa de Masako por envolvê-la naquela imundície toda. Não, foi de Yayoi, por ter matado o marido, antes de mais nada. Mas também tinha sua própria culpa no cartório, por dispor-se a participar daquilo apenas por dinheiro. Aí é que está: foi tudo porque estava dura.

Kazue, curvada sobre a mesinha, escutando em silêncio, agora falou para todo mundo ouvir.

— Ora, parem com isso! Uma ficar ofendendo a outra não vai resolver nada.

— Quanto a isso, tem razão — disse Yoshie, com a tensão esvaindo-se de seu corpo, e voltando à sala de estar, apesar de continuar escutando os soluços da sogra.

— Troquei a fralda dela mais cedo — disse Kazue, aparentemente querendo representar o papel de pacificadora.

— Ora... Obrigada — disse Yoshie, sentando-se à mesa. Os pequeninos carrinhos de brinquedo do garoto estavam espalhados pelo chão. Ainda irritada, varreu várias miniaturas de radiopatrulhas de polícia e de ambulâncias para debaixo da mesa; mas não tinha como o garoto saber, já que entrara no quarto de Miki para brincar.

— A senhora não pediu na prefeitura alguém para ajudar? — Kazue perguntou. — Eles têm funcionários que vão até a casa da pessoa.

— Já pedi, mas só ficam três horas por semana, e eu mal conseguia fazer as compras da casa durante esse tempo. — Começou a sentir dor de cabeça devido à falta de sono, mas assumiu uma postura firme, e fez a pergunta mais importante em sua mente. — E então, por que resolveu aparecer logo agora, sem mais nem menos?

— Bem... — respondeu, passando a língua vagarosamente pelos lábios. Yoshie lembrou-se de que Kazue tinha o hábito de fazer aquilo quando estava prestes a contar uma mentira. — O pai do menino foi para Osaka para trabalhar e pensei em arrumar um emprego para mim. Daí, imaginei se a senhora não poderia me emprestar algum dinheiro.

— Não tenho dinheiro. Se ele foi para Osaka, por que você não vai também e ficam todos vivendo lá?

— Mas eu não sei onde ele está — Kazue respondeu. Yoshie ficou sentada, olhando para ela, boquiaberta. Então, quer dizer que ele largou os dois e ela voltou rastejando com o menino? Mas como iriam se virar com mais dois naquela casa minúscula?

— Mas... não pode colocá-lo em uma creche e arrumar um serviço? — Yoshie perguntou, começando a entrar em pânico.

— São exatamente esses os meus planos, e é por isso que preciso de um empréstimo neste exato momento. — Ela estendeu a mão aberta. — Por favor, a senhora deve ter alguma coisa que possa vender. E passei um tempo conversando com a vizinha, enquanto esperava você chegar. Ela disse que vão derrubar esta casa para construir um novo edifício. Talvez, quando o novo apartamento estiver pronto, possamos vir morar com a senhora?

— E como acha que vou fazer enquanto eles constroem?

— Mãe, por favor! — berrou. — A senhora tem a sua pensão e o seu salário, e Miki pode arrumar um serviço. Teriam que nos dar algum tipo de

apoio. Por favor! Não tenho dinheiro nem para comprar um hambúrguer para Issey! — Agora ela já estava implorando e as lágrimas brotavam de seus olhos. O menino chegou mais cambaleando que andando e ficou olhando com curiosidade para a mãe, que soluçava. Yoshie levou a mão ao bolso e tirou o dinheiro que encontrara na carteira de Kenji: ¥28 mil.

— Tome, fique com isto — disse ela. — Por enquanto terá de servir. Também estou no vermelho. Tive que pedir dinheiro emprestado só para pagar a excursão da turma de Miki.

— A senhora salvou a minha vida — disse Kazue, guardando o dinheiro no bolso com muito cuidado. Então, como se tivesse conseguido o que fora buscar, levantou-se abruptamente. — Então está bem, vou sair para procurar emprego.

— Onde você está morando? — Yoshie perguntou.

— Em Minami Senju, mas aquilo lá fica a milhões de quilômetros de distância de qualquer lugar e a passagem de trem está acabando comigo. — Ela chegou à saleta e calçou as baratas sandálias de palmilha de cortiça que deixara perto da porta.

— E quanto a ele? — perguntou Yoshie, apontando com um gesto de cabeça na direção do menino.

— Mãe, detesto ter que pedir, mas será que a senhora se importaria em cuidar dele por um tempo?

— Agora espere aí...

— Por favor! Não vou demorar para voltar e levá-lo — disse ela, como se referisse a uma mala de viagem. Ela abriu a porta, e o menino subitamente deu-se conta de que seria deixado para trás, e chamou pela mãe.

— Mamãe, aonde a senhora vai?

— Issey, comporte-se com a sua avó. Não vou demorar.

Yoshie não disse nada enquanto ficou olhando sem entender para a silhueta da filha, que se afastava. Todo esse tempo ela passou suspeitando de alguma coisa desta espécie, portanto, não ficou sequer particularmente surpresa. A julgar pela maneira com que saiu pela porta, Kazue sentiu-se liberada, e não deixou transparecer qualquer sinal de culpa quanto ao abandono da criança. Era como se acabasse de se desfazer de uma coisa inconveniente naquela casa suja e depois se libertasse. Yoshie sentiu uma ponta de inveja.

— Mamãe, mamãe. — Um dos carrinhos de brinquedo caiu da mão do menino quando ele se levantou, chamando por ela.

— Venha aqui e deixe a vovó abraçá-lo — disse Yoshie, esticando os braços para pegar a criança.

— Não! — ele gritou e, afastando-a com uma força inesperada, atirou-se ao chão e começou a chorar copiosamente. Lamentações lacrimejantes também se seguiam no quarto.

Yoshie imaginava se alguma hora elas iriam parar, enquanto recolhia os brinquedos espalhados por sobre o tatame, e depois foi se deitar. Fechou os olhos e ficou escutando o choro dos dois, mas o menino logo parou e voltou a pegar seus carrinhos para brincar, passando o tempo todo resmungando sozinho. Estava obviamente acostumado a ser deixado com os outros, mas mesmo assim Yoshie encontrava dificuldade em sentir pena. Era dela própria que sentia pena. Repentinamente se deu conta de que lágrimas escorriam-lhe pelas bochechas, e o que a deixou mais triste foi a maneira com que se desfez do dinheiro que roubou do pobre Kenji falecido. Sentia como se houvesse ultrapassado algum limite e não tivesse volta — talvez Yayoi também tenha se sentido assim quando matou o sujeito.

Mesmo com as reclamações de Miki, Yoshie conseguiu deixar o menino em casa e chegar à fábrica sem se atrasar. Masako esperava na área de descanso dos funcionários, e elas passaram alguns instantes olhando uma para a outra em silêncio. As fortes emoções daquela manhã deixaram o rosto de Masako acabado, restou apenas uma máscara de mau humor. Yoshie imaginou que talvez aquela fosse a Masako de verdade, sentindo-se um pouco intimidada. Pensou em como deveria olhar para ela.

— Como você está, Capitã? — Masako perguntou. Seu ar estava austero, mas havia calor humano em sua voz.

— Péssima — respondeu, embora tivesse consciência de que não poderia explicar que sua filha há muito desaparecida surgiu do nada, deixou o filho e foi embora com o dinheiro de Kenji.

— Dormiu bem? — Masako perguntou. Suas perguntas eram sempre curtas e diretas. Embora não tivesse dormido nada, Yoshie balançou a cabeça em resposta afirmativa. — E o lixo?

— Foi tudo bem. Espalhei por aí no caminho para cá.

— Obrigada. Sabia que daria o seu jeito, Capitã. Mas estou um pouco preocupada com Kuniko.

— Entendo a sua preocupação. — Ela olhou com nervosismo por aquele ambiente amplo. O turno de trabalho logo iria começar, mas não havia sinal dela.

— Ela não veio — disse Masako.

— O choque deve tê-la afetado.

— Detesto ter que fazer isto, mas acho que vou dar uma olhada nela.

— Acho que deve mesmo.

— Mas acho que ela tem um pouco de medo de mim — Masako disse.

— Ainda assim não podemos permitir que abra o bico — disse Yoshie, olhando sem propósito para a luz de “sem troco” que piscava na máquina de bebidas. Se fossem desmascaradas, seria o fim de tudo. Ela sentia o medo fazendo seu corpo ficar frio. Uma luz de emergência piscava em algum lugar, avisando-lhe que tudo logo poderia desmoronar ao seu redor.

— Mas ela também participou, não creio que vá correndo para a polícia. Só que mesmo assim é fraca, e isso pode ser perigoso. — Masako calou-se e uma ruga profunda surgiu-lhe entre os olhos.

— Bom, vou deixar a cargo de vocês — acrescentou Yoshie, desesperada demais para se importar com as aparências. — Mas você acha que Yayoi será capaz de conseguir o dinheiro? — Embora estivesse acostumada a cuidar de tudo em casa e ali na fábrica, Yoshie começava a ver o quanto poderia ser reconfortante fiar-se na força de Masako. E caso pudesse confiar nela para lidar com o restante daquilo tudo, a única coisa com que teria de se preocupar seria o dinheiro.

— Está tudo resolvido — disse Masako. — Os pais vão emprestar a ela. E acho que ela vai registrar uma queixa de desaparecimento amanhã.

Enquanto as duas cochichavam, um dos funcionários brasileiros foi cumprimentá-las. O jovem parecia ter sangue japonês, mas sua compleição forte fazia com que parecesse ser completamente estrangeiro. Yoshie retribuiu a saudação, mas Masako fez questão de ignorá-lo.

— Por que fez isso? — Yoshie perguntou, chateada por ter sido tão grosseira.

— Fiz o quê?

— Tratou-o daquele jeito — respondeu, olhando meio que de esguelha para aquele jovem, que ficou parado por um instante com uma expressão de perplexidade no rosto. Sem responder, Masako mudou de assunto.

— Sabe onde Kuniko mora? — perguntou.

— Tenho certeza de que a escutei dizer alguma coisa em relação a um projeto habitacional da prefeitura em Kodaira. — Yoshie ficou observando enquanto Masako parecia abrir um mapa em sua mente e fazer planos para a manhã seguinte. Yoshie lembrou-se de que tudo aquilo era um serviço para ela, que precisa ser bem executado. Mas então, se deu conta da rapidez com que o dinheiro a fez também esquecer de seus escrúpulos. A vergonha quase ultrapassava o que poderia suportar.

— Sabe de uma coisa? — ela murmurou. — Vamos todas direto para o inferno.

— É verdade — Masako concordou, lançando-lhe um olhar desolador. — É como se estivéssemos descendo uma ladeira íngreme sem freios.

— Quer dizer que não há como parar?

— Não, só vamos parar... quando batermos.

Yoshie se perguntou no que será que elas iriam bater. O que será que esperava por elas na virada da próxima esquina? Aqueles pensamentos a deixavam trêmula.

CORVOS

1

Yayoi estava na cozinha, descascando batatas para o jantar, quando foi distraída por um feixe de luz do sol que entrou brilhando diretamente pela janela. Ela ergueu a mão para proteger os olhos e virou o rosto. Todo ano, durante um curto período, nos dias mais compridos do verão, o sol entrava pela janela da cozinha e passava alguns minutos assim, para logo depois se pôr. Por um instante, Yayoi sentiu que aquela luz era um sinal de que os deuses a julgavam. Era de um brilho tal que parecia um feixe de raio laser direcionado para eliminar a parte perversa em seu interior — o que significava, na verdade, eliminar *todas* as partes dela, já que quis que Kenji morresse com todo o seu corpo e mente.

Ainda assim, apenas uma região remota de seu cérebro pensava daquela maneira; o resto se convencia cada vez mais de que Kenji simplesmente desaparecera escuridão adentro depois daquela noite em que o carregaram no porta-malas de Masako. Sempre que as crianças perguntavam o que havia acontecido com o pai, Yayoi se via pensando na mesma coisa, agora que não conseguia ver muita coisa além da turva escuridão. Tudo aconteceu havia apenas três dias, mas por motivos que ela própria não compreendia, sua lembrança de estrangulá-lo diminuía cada vez mais.

Ainda evitando a luz do sol, ela fechou a cortina de algodão e passou um instante imóvel, apertando os olhos até que se acostumassem à escuridão. E tentou distrair-se com as tarefas domésticas e os cuidados com as crianças, mas suas preocupações não paravam de atormentar-lhe a cabeça, como bolhas vindas do fundo de uma lagoa. No momento, entretanto, sua maior preocupação era nova: Kuniko.

Na tarde do dia anterior, Kuniko apareceu sem avisar.

— Yayoi? — Ela reconheceu a voz no interfone e abriu a porta para ela. Kuniko trajava um minivestido branco, sem mangas, que estava na

moda, com sapatos brancos de salto alto para combinar, mas aquela roupa espalhafatosa ficava extremamente feia em seu corpo pálido e flácido.

— Kuniko... — ela balbuciou, surpresa com a visita inesperada, sem saber direito se deveria convidá-la para entrar. Pelo menos as crianças estavam bem longe, na creche.

— Você está *muito* bem — Kuniko elogiou-a, exagerando sua própria surpresa. O tom tinha a intenção de mostrar que sabia exatamente o que Yayoi fizera. Yayoi sentiu-se subitamente desconfortável; mas talvez fosse uma coisa natural sob tais circunstâncias.

— Obrigada — respondeu, ainda hesitante. — O que posso fazer por você?

— Bom, é que você não tem estado bem ultimamente, daí pensei em passar aqui para ver como você está.

— Que gentileza a sua! — Yayoi não conseguia adivinhar o que ela queria. Não era típico de Kuniko se dar a todo aquele trabalho. Tentou analisar os olhos salientes de Kuniko, mas o espesso círculo de delineador obscurecia qualquer sinal de quaisquer que fossem seus sentimentos de verdade. Enquanto isso, Kuniko já estava segurando a porta com as duas mãos, fingindo não ver a óbvia relutância de Yayoi.

— Importa-se se eu entrar?

Sem opção, Yayoi abriu a porta e deixou que entrasse na saleta. Uma vez lá dentro, Kuniko olhou em volta com curiosidade.

— E aí, onde foi que o matou? — ela perguntou, baixando a voz à altura de um sussurro.

— O quê?!

Kuniko ficou olhando para ela.

— Perguntei onde foi que o matou. — Na fábrica ela assumia o papel de uma pessoa de posição inferior e adotava um tom mais respeitoso, mas ali, naquele momento, enquanto olhava com malícia para Yayoi, chegava quase a parecer outra pessoa.

— Não sei se entendi o que quis dizer — enfim, disse Yayoi, e as palmas de suas mãos começaram a suar.

— Não banque a desentendida para cima de mim. Não se esqueça, eu juntei o corpo fedido dele naquelas sacolas e as arrastei pela cidade inteira. — Sentindo-se exausta, Yayoi subitamente quis que Masako estivesse ali para ver no que tinha dado confiar naquela mulher. Kuniko tirou os sapatos e subiu no tatame, com os pés úmidos produzindo sons de

sucção na madeira. — E aí, onde foi? A gente vê essas fotos o tempo todo... cenas de crime. Dizem que depois de um assassinato ainda permanece uma espécie de aura por um tempo. — Kuniko não sabia que estava no lugar exato em que Kenji morreria. Yayoi plantou-se à frente daquela mulher enorme, decidida a não permitir que passasse dali para dentro de casa.

— Mas o que você veio fazer aqui? — perguntou. — Não se deu a todo esse trabalho só para isso.

— Aqui dentro está quente. Você não tem um ar-condicionado? — Afastando Yayoi com um esbarrão, Kuniko percorreu a pequena sala de estar. O ar ficava desligado para a conta de luz não vir alta, e o ambiente estava sufocante. — Economizando centavos, é?

Yayoi subitamente deu-se conta de que os vizinhos poderiam escutar pelas janelas abertas, foi atrás de Kuniko para ligar o aparelho, e depois saiu fechando todas as janelas. Kuniko plantou-se onde pudesse sentir o ar gelado e ficou observando com uma expressão entretida enquanto Yayoi agitava-se. Grandes gotas de suor reluziam em sua testa.

— Agora me conte, o que veio fazer aqui? — enfim, disse Yayoi, incapaz de ocultar seu temor.

— Devo admitir que fiquei chocada — disse Kuniko, com um tom de voz quase zombeteiro. — Você é tão bonitinha, e tudo mais... E aí eu fico sabendo que você matou o seu marido... Acho que as aparências enganam mesmo. Mas matar o pai dos próprios filhos... isso já é outra história. O que vai fazer se vierem a descobrir o que você fez? Já pensou nisso?

— Pare! Não quero ouvir isso! — Yayoi gritou, tapando os ouvidos. Conforme ela o fazia, Kuniko agarrou-lhe o braço com a mão suada. Yayoi debateu-se para se libertar, mas Kuniko era forte demais.

— Pode até não querer, mas vai ouvir! Está entendendo?! Segurei aqueles pedaços do seu marido da mesma maneira que estou segurando você agora e depois enfiei tudo em sacos de lixo! Você tem a mínima ideia do quanto isso foi ruim? Tem?!

— Tenho, tenho... — Yayoi murmurou.

— Não tem nada! — gritou estridentemente, agarrando o outro braço de Yayoi.

— Pare com isso! — Yayoi suplicou, mas parecia que Kuniko agarrava ainda com mais força.

— Sabe o que aconteceu, não sabe? Elas cortaram ele todo! Sabe o que isso significa? Sabe o quanto foi difícil? Você mal o viu... depois de tê-lo matado. Mas eu vi, e só Deus sabe quantas vezes vomitei por causa disso... E por tocar nele, por sentir o cheiro dele! Foi uma coisa horrível! Acho que nunca mais voltarei a ser a mesma!

— Por favor — pediu Yayoi. — Chega, por favor.

— Nada de chega! Eu *vou* falar mais, muito mais, e você vai ter que ouvir! Acha que fiz o que fiz porque devia algum favor a você ou alguma coisa parecida?

— Desculpe-me — Yayoi murmurou, agachando-se como um animal. Kuniko soltou-a com uma risada cheia de malícia.

— Tudo bem — disse ela. — Não foi para isso que vim, de qualquer maneira. Queria saber se você vai mesmo pagar à Capitã e a mim.

— É claro que vou pagar. — Então, foi para isso que veio. Sentindo-se ligeiramente aliviada, Yayoi baixou os braços e ficou observando cautelosamente enquanto Kuniko punha-se à frente do ar-condicionado para se secar. Enquanto a analisava, Yayoi teve certeza de que ela mentira quando disse que tinha 29 anos; não tinha como Kuniko ser mais nova que ela. Mas que amiga seria tão fútil a ponto de mentir sobre uma coisa dessas?

— Quando? — Kuniko perguntou.

— Não estou com o dinheiro agora — disse Yayoi. — Vou pegar emprestado com meus pais, e isso vai levar um tempinho.

— E vou mesmo receber ¥100 mil?

— Foi o que Masako disse... — Yayoi murmurou. — Mais ou menos isso. — À menção do nome de Masako, Kuniko cruzou os braços sobre a volumosa barriga com uma expressão de perturbação e sua voz ficou subitamente mais áspera.

— E quanto exatamente Masako vai receber?

— Ela disse que não quer nada.

— Não entendo qual é a dela — Kuniko desabafou com uma expressão cética. — O que faz com que ela ache que pode bancar a toda-poderosa?

— Mas sem ela...

— Eu sei, eu sei. — Kuniko agitou a cabeça de maneira impaciente, interrompendo-a. — Enfim, queria saber se em vez dos ¥100 mil, você não poderia me dar ¥500 mil.

Yayoi engoliu em seco, sem saber direito como lidar com aquela nova exigência.

— Não tenho como arrumar tanto dinheiro assim agora — disse.

— E quando poderá?

— Terei que pedir ao meu pai. Pode demorar umas duas semanas, talvez mais. E talvez eu tenha que dar-lhe de pouquinho em pouquinho. — Procurou não assumir nenhum compromisso, preocupada sobretudo com que Yoshie viesse a reclamar se descobrisse que Kuniko agora iria receber tanto quanto ela. Kuniko pareceu pensar bem no que ela dissera.

— Está bem. Podemos resolver isso depois. Enquanto isso, pode assinar isto aqui para mim? — Ela tirou uma folha de papel de sua grande sacola de vinil e colocou-a sobre a mesa da sala de jantar.

— O que é isso? — Yayoi perguntou.

— Um contrato de fiador. — Puxando uma cadeira, Kuniko sentou-se e acendeu um de seus cigarros mentolados. Yayoi colocou um cinzeiro sobre a mesa, à frente dela e, hesitante, pegou o papel. Pelo que pôde ver, era um contrato de um lugar chamado “Centro de Um Milhão de Consumidores”, de um empréstimo com taxa de juros de quarenta por cento. Ainda viu várias letrinhas pequenas fazendo menção a “encargos acordados em caso de atraso no pagamento” e outras coisas que não compreendia, com a linha do fiador em branco. Um círculo havia sido traçado ao redor dela, bem levemente, a lápis, para indicar onde Yayoi deveria assinar.

— Por que quer que eu assine? — perguntou.

— Só preciso de um nome. Não se preocupe, não estou pedindo que divida comigo a responsabilidade pelo pagamento do empréstimo, é só para ser a minha fiadora. Parece que estamos mais ou menos no mesmo barco. Meu marido também sumiu, então, preciso da assinatura de outra pessoa. Disseram que qualquer um serve... até mesmo uma assassina. — Yayoi fez uma careta ao ouvir a última frase.

— Como assim, seu marido sumiu?

— Não é da sua conta. Mas pelo menos eu não o matei — disse, com um riso abafado.

— Não sei não...

— Olhe aqui, você não vai assumir os pagamentos. Não é nada demais... de verdade. Você me pagar os ¥500 mil é o mais importante, assinar isto aqui não conta. Assine de uma vez.

Vagamente tranquilizada com aquela explicação, Yayoi assinou o documento. Ficou com medo de que se não o fizesse, Kuniko nunca fosse embora; e logo daria a hora de ela ir buscar os meninos. Não queria que Kuniko voltasse lá com eles em casa.

— Pronto — disse, entregando-lhe o contrato.

— Obrigada — Kuniko agradeceu, apagando o cigarro. Tendo conseguido sucesso em sua empreitada, levantou-se para ir embora. Yayoi acompanhou-a até a porta e ficou observando enquanto ela voltava a calçar os sapatos brancos. Quando já estava indo embora, Kuniko virou-se como se subitamente se lembrasse de alguma coisa. — Qual é a sensação? De matar uma pessoa? — perguntou. Yayoi nada disse, olhando atentamente para as manchas crescentes de suor do vestido de Kuniko. Só então foi perceber que estava sendo chantageada. — Qual é a sensação? — Kuniko insistiu.

— Não sei... — murmurou.

— Sabe sim. Anda, me conta.

A voz de Yayoi saiu à altura de um sussurro.

— A única coisa que passou pela minha cabeça foi que era bem feito para ele. — Kuniko deu um passo para trás, olhando para ela com nervosismo, e agarrando o canto da sapateira para manter o equilíbrio enquanto um de seus saltos a fazia cambalear. — Matei-o bem aqui — disse Yayoi, batendo o pé contra o chão. Kuniko olhou para baixo, para o ponto indicado, com os olhos arregalados. Yayoi ficou observando-a e se surpreendeu ao perceber que o que fizera podia assustar até mesmo uma pessoa não muito frágil como Kuniko. Aquilo fez com que percebesse o quanto ficara entorpecida desde a noite do assassinato.

— Vai demorar a voltar ao trabalho? — Kuniko perguntou, colocando-se ereta e tentando reaver seu tom superior.

— Quero voltar logo, mas Masako acha que devo ficar em casa por mais tempo.

— Masako, Masako, Masako! Vocês duas são lésbicas ou alguma coisa assim? — Kuniko virou-se e foi embora sem dizer nem mais uma palavra. “Fora, sua porca!”, Yayoi pensou, vendo tudo da porta, do local exato em que assassinara o marido três dias antes.

Ela voltou para dentro da casa e pegou o telefone para ligar para Masako. Queria contar-lhe o que havia acabado de acontecer, mas quando

começou a chamar, desligou, consciente de que a amiga iria provavelmente ficar irritada por ter assinado o tal documento.

Assim, o dia terminou sem que conversasse com mais ninguém. Contudo, mais tarde pensou se era realmente tão importante o fato de Masako irritar-se. Ainda assim ela deveria ficar sabendo o que acontecera no dia anterior com Kuniko. Yayoi pôs as batatas de molho em uma bacia e foi telefonar, só que no exato momento em que estava prestes a discar o número, ouviu o toque do interfone. Sobressaltada, emitiu um ligeiro grito agudo ao imaginar que poderia ser Kuniko voltando, mas quando pegou o fone, ouviu uma voz masculina ligeiramente rouca.

— Perdão, senhora. Sou da delegacia de Musashi-Yamato — disse ele.

— Ah... Pois não? — balbuciou, e seu coração começou a bater forte.

— É a senhora, sra. Yamamoto? — a voz perguntou. Apesar do tom de voz educado, Yayoi sentiu uma onda de pânico. Por que será que a polícia tinha aparecido tão rápido? Será que acontecera alguma coisa? Será que Kuniko foi direto à polícia ontem à noite e contou tudo? Era o fim! Eles sabiam! A vontade dela era sair correndo pela porta dos fundos e nunca mais parar. — Queria fazer algumas perguntas à senhora — disse a voz ao interfone.

— Já vou — conseguiu responder, esforçando-se para se recompor enquanto passava para a saleta da entrada. Ela abriu a porta e viu um sujeito grisalho e ligeiramente mal-ajambrado, com o casaco por cima do braço, olhando para ela e sorrindo de modo cordial. Era o inspetor Iguchi da Divisão de Segurança Pública.

— E então, o marido da senhora ainda não apareceu? — perguntou. Não era a primeira vez que o via, pois o conheceu quando foi registrar a queixa do desaparecimento. O funcionário que cuidaria do formulário não estava em sua mesa, e Iguchi explicou-lhe o processo com muita educação e recebeu o documento. Também atendeu o telefone quando ela ligou da primeira vez, portanto, Yayoi já começava a se sentir à vontade com ele.

— Não, ainda não — disse, lutando para manter a ansiedade sob controle.

— Entendo — disse Iguchi, com os modos ficando cada vez mais sérios. — Receio ter que informar-lhe que partes de um corpo de homem foram encontradas esta manhã no parque Koganei. — Enquanto ele falava,

Yayoi começou a sentir-se fraca, como se o sangue tivesse subitamente se esvaído de sua cabeça. Ela tentou agarrar-se à porta, certa de que o fim chegara, de que fora descoberta, mas logo viu que Iguchi interpretou seu pânico como choque devido à notícia.

— Mas não se preocupe — ele acrescentou, rapidamente. — Não sabemos se é o marido da senhora. Estamos apenas verificando todos os casos de desaparecimento na área.

— Ah, entendi. — Yayoi esforçou-se para abrir um sorriso de alívio, mas tinha consciência de que só poderia ser Kenji e sentiu o pânico voltar a crescer.

— A senhora se importa em nos deixar entrar um instante? — Iguchi perguntou, empurrando a porta com o pé para que se abrisse e passando seu corpo delgado com um só movimento. Depois que ele passou, Yayoi viu vários policiais de uniformes azuis esperando atrás dele. — Está escuro aqui dentro — ele comentou. As cortinas estavam novamente fechadas para impedir a incidência do sol da tarde e, devido à radiante luz externa que recebiam, assumiam um visual ligeiramente estranho. Sentindo-se pouco à vontade, Yayoi correu para abri-las. O sol já havia baixado mais, tingindo o teto de um vermelho-claro.

— As janelas dão para o oeste — disse Yayoi, como se pedisse desculpas por aquilo. Iguchi, enquanto isso, avistara as batatas de molho.

— Deve ser quente aqui — ele constatou, tirando o lenço do bolso para secar o rosto. Yayoi ligou o ar-condicionado, saiu correndo fechando as janelas, exatamente como fez no dia anterior, quando recebeu a visita de Kuniko. — Por favor, senhora, não se incomode. — Iguchi aconselhou. Ele olhou ao redor, estudando o cômodo e, quando seu olhar voltou a assentar-se sobre ela, Yayoi sentiu um peso na boca do estômago, o único lugar que trazia a marca de sua luta com Kenji, o único lugar que nunca deixaria que vissem. Envolveu-se com os próprios braços e ficou esperando, paralisada, incapaz de se mexer.

— Queríamos que nos dissesse o nome do dentista com quem o marido da senhora se tratava — Iguchi continuou. — E também queríamos ver se encontramos as impressões digitais e da palma da mão dele, se a senhora não se importar.

— O dentista dele era o dr. Harada, cujo consultório fica em frente à delegacia — disse Yayoi, com a voz saindo em um sussurro rouco. Iguchi

anotava a informação em seu bloquinho enquanto a equipe de investigadores permanecia atrás dele, aguardando suas instruções.

— A senhora não teria por aí um copo ou algum outro objeto que seu marido tenha utilizado recentemente? — Iguchi perguntou.

— Tenho — Yayoi respondeu. As pernas lhe tremiam enquanto ela levava os homens ao banheiro e apontava para as coisas de Kenji. Imediatamente começaram a borrfar um pó branco sobre tudo em busca de impressões digitais. Quando voltou à sala de estar, ficou surpresa ao encontrar Iguchi olhando fixamente, com o olhar perdido, para o triciclo que estava no jardim.

— Vocês têm crianças pequenas? — perguntou.

— Temos. Dois meninos, um de três e o outro, de cinco anos — disse Yayoi.

— Eles foram brincar em algum lugar?

— Não, eu os deixo em uma creche.

— Então, a senhora trabalha? — concluiu. — Trabalha em quê?

— Trabalhava como caixa em um supermercado, mas agora trabalho no turno da noite em uma fábrica de refeições.

— No turno da noite? Deve ser complicado. — Seu tom de voz era de quem sentia pena.

— Às vezes é mesmo — respondeu. — Mas até que consigo dormir enquanto as crianças estão na creche.

— Entendo. Pelo que sei, isso está se tornando uma coisa bastante comum... Aquele gato é da senhora? — continuou, apontando para o quintal. Assustada, Yayoi olhou lá para fora e viu Leite agachado próximo ao triciclo, fitando a casa. Seu pelo branco já parecia encrespado e sujo.

— É sim.

— Não quer colocá-lo para dentro? — perguntou, aparentemente preocupado por ter feito com que ela fechasse a casa inteira para ligar o refrigerador de ar.

— Não, ele gosta de ficar lá fora — murmurou, sua voz traía a raiva do gato por não querer voltar para dentro de casa. Iguchi deu uma olhadela em seu relógio, parecendo não notar.

— Imagino que logo vá buscar as crianças.

— É verdade... A propósito — acrescentou, criando coragem para fazer a pergunta que não lhe saía da cabeça —, o que é impressão da palma da mão?

— A palma da mão tem uma impressão, assim como os dedos — ele explicou. — O corpo que encontramos no parque não tinha nenhuma impressão digital, parecem ter sido retiradas, mas tinha uma palma da mão completa que é possível que consigamos usar para identificá-lo. Espero que não seja o marido da senhora, mas devo dizer-lhe que o tipo sanguíneo e a idade aproximada parecem corresponder aos dele.

— O senhor disse que o corpo foi todo retalhado? — Yayoi perguntou, murmurando.

— Isso — Iguchi respondeu, com os modos ficando mais formais. — Encontraram quinze pedaços separados no parque, e cada um deles tinha mais ou menos este tamanho. — Ele ergueu as mãos para indicar. — Juntos, os pedaços correspondem a cerca de um quinto do corpo inteiro. Estamos fazendo a busca no parque para encontrar o resto. Parece que foram encontrados por causa dos corvos.

— Corvos? — ela perguntou com um tom de espanto.

— Exatamente, uma das moças que trabalham no parque foi revirar uma lata de lixo para procurar restos para os corvos quando encontrou alguns dos sacos. Se não fosse por ela, suspeito que ninguém nunca os encontraria.

— Se for mesmo o Kenji — disse Yayoi, fazendo um esforço desesperador para não tremer —, por que alguém faria isso com ele? — Iguchi ignorou a pergunta dela e fez outra das suas.

— O marido da senhora andou metido em alguma encrenca ultimamente? Talvez tenha pegado algum dinheiro emprestado...

— Não que eu saiba.

— E a que horas ele costuma chegar em casa à noite?

— Sempre volta antes da hora em que eu saio para trabalhar.

— Ele aposta ou frequenta algum bar? — Yayoi pensou no jogo de bazar que Kenji mencionara, mas resolveu não falar.

— Não que eu saiba — disse. — Mas pensando bem, ultimamente ele até anda mesmo bebendo um pouco mais do que de costume.

— Perdoe-me por ter de perguntar isto, mas vocês dois brigam muito?

— Às vezes, como todo mundo; mas ele er... é bom com as crianças e é um bom marido. — Ela parou de falar, depois de mal conseguir evitar usar o verbo no passado. Foi então que se lembrou de que Kenji era mesmo um bom pai e sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Iguchi levantou-se, constrangido com aquela exibição de emoção.

— Lamento muito — disse. — Se ficar comprovado que é mesmo o seu marido, vamos precisar que a senhora vá até a delegacia.

— Eu entendo — disse Yayoi.

— Mas vamos rezar para que seja um engano — disse. — Seus filhos são tão pequenos... — Yayoi ergueu o olhar e viu que ele voltara a olhar para o triciclo que estava lá fora. Leite permanecia sentado lá.

Assim que foram embora, Yayoi telefonou para Masako, desta vez sem hesitar sequer um momento.

— O que houve? — perguntou Masako, adivinhando pela voz de Yayoi que se tratava de uma emergência. Yayoi contou sobre o que fora encontrado no parque. — Foi Kuniko — disse Masako, com uma voz derrotada. — Eu devia estar maluca para confiar nela. Mas quem poderia imaginar que tudo dependeria de um bando de corvos?

— O que faço? — perguntou Yayoi.

— Se acharam a tal impressão da palma da mão, com certeza vão descobrir que é ele. Mas você deve continuar fingindo que não sabe de nada. Não há outra opção. Ele não chegou a pôr os pés em casa naquela noite; a última vez que vocês se viram foi quando ele saiu de casa para ir trabalhar naquele dia de manhã. E vocês dois estavam convivendo bem.

— Mas e se encontrarem alguém que o viu chegando em casa? — Yayoi perguntou com uma histeria cada vez mais crescente em sua voz.

— Você disse que ninguém o viu.

— Disse, mas...

— Controle-se — Masako ordenou. — Nós sabíamos que poderia acontecer alguma coisa assim.

— Mas e se alguém nos viu quando o levamos para o carro? — Yayoi perguntou. Masako calou-se como costumava fazer enquanto pensava; só que quando, enfim, respondeu, suas palavras não foram tranquilizadoras.

— Se aconteceu, não sei o que faremos.

— Não posso deixar que saibam é do hematoma.

— É óbvio que não. Mas você tem álibi para aquela noite e não sabe dirigir, então, não há motivo para acharem que você poderia ter deixado o corpo no parque. Vai dar tudo certo. Você foi trabalhar, como de costume, e levou as crianças para a creche no dia seguinte.

— Exato, e conversei com aquela mulher lá fora, perto do lixo, de manhã — ela acrescentou, como se quisesse se tranquilizar.

— Tente ficar calma — Masako aconselhou. — Creio que não há nada que ligue você à minha casa, e mesmo que revistem o seu banheiro, não vão encontrar nada.

— Exato — Yayoi repetiu, para então lembrar-se subitamente da outra preocupação que queria discutir com Masako. — Tem mais uma coisa. Kuniko veio aqui ontem e tentou me chantagear.

— Como assim?

— Ela quer meio milhão em vez de ¥100 mil.

— Não me surpreende. É bem típico dela. Faz merda e ainda quer ser recompensada.

— Também me fez assinar um documento me comprometendo a ser sua fiadora em um empréstimo.

— Que empréstimo?

— Não sei direito, mas pareceu ser um daqueles esquemas de agiotagem. — Aquela notícia pareceu pegar Masako desprevenida, e ela voltou a ficar em silêncio por bastante tempo. Enquanto Yayoi aguardava, segurando o telefone com força, tinha certeza de que sua amiga ficaria furiosa, mas quando Masako voltou a falar, sua voz estava calma.

— Isso pode acabar dando em uma encrenca das grandes — disse. — Se a notícia do seu marido ganhar divulgação e o agiota aparecer com o contrato, qualquer um será capaz de chegar à conclusão de que Kuniko estava chantageando você. Não há qualquer outro motivo que a leve a ser fiadora.

— É verdade — Yayoi murmurou.

— Mas talvez não notem o seu nome, já que você é apenas a fiadora. Ela não está pedindo que você pague o empréstimo. Ela é uma imbecil, mas acho que não iria tão longe.

— Ela sabia que eu não teria o dinheiro mesmo se ela pedisse, então, em vez disso, me fez assinar o documento. — Yayoi não sabia direito o que Kuniko queria, mas achou o tom de voz sereno de Masako bastante tranquilizador.

— Acabou de me ocorrer que talvez haja uma vantagem caso o corpo venha a ser identificado — disse Masako.

— Qual?

— Você recebe o seguro. Ele tinha seguro de vida, não tinha? — “É claro que tinha!”, pensou Yayoi, absolutamente maravilhada. O seguro de vida de Kenji valia cinquenta milhões de ienes. Logo quando tudo parecia perdido, subitamente ocorreu uma virada inesperada. Sentou-se, segurando o telefone enquanto a luz do dia ia embora, pensando nas possibilidades.

2

Masako verificou seu relógio logo após desligar o telefone. Eram 17:20h. Ela não tinha que ir para a fábrica à noite e não sabia quando o marido ou o filho chegariam em casa. Poderia passar a noite descansando, mas aquela nova ameaça aparecia do nada. As coisas estavam acontecendo mais rapidamente do que ela imaginara. Tudo havia corrido tranquilamente até aquele momento, mas agora os imprevistos haviam chegado. Um passo em falso e elas seriam engolidas para sempre. Masako sentou-se por um instante, tentando concentrar-se como se estivesse apontando um lápis até conseguir uma ponta bem fina.

Chegou uma hora em que pegou o controle remoto e ligou a televisão. Correu pelos canais procurando alguma notícia, mas ainda era cedo demais. Talvez tivesse saído algo na edição da noite do jornal em que não prestou atenção. Ela desligou a TV e juntou as folhas do jornal que deixara espalhadas sobre o sofá. Encontrou o que procurava no fim da página três. Um pequeno item com a manchete: “Corpo desmembrado encontrado em parque.” Por que não tinha visto aquilo? Era simplesmente mais uma prova de que vinha sendo descuidada. Decidindo ser mais cuidadosa dali em diante, leu a matéria.

Dizia que naquele dia pela manhã uma funcionária da manutenção do parque encontrou um saco plástico com vários pedaços de um corpo humano em uma lata de lixo. Uma busca da polícia resultou em um total de quinze sacolas deixadas em várias outras latas de coleta de lixo, todas continham pedaços do corpo de um homem adulto. A matéria não dizia nada além, mas, pelo local e pelo número de sacolas, ficou óbvio que havia sido a parte de Kuniko. Ela simplesmente as jogou fora nas lixeiras do parque. Fora um erro enorme trazer aquela mulher para participar daquilo; Masako nunca confiou nela, então, por que deu-lhe uma tarefa de tamanha importância? Masako ficou sentada, roendo as unhas — um hábito antigo que achou já ter deixado para trás — e se culpando por toda aquela confusão.

Depois de encontrarem as sacolas plásticas, seria mera questão de tempo até identificarem o corpo de Kenji. Não havia como desfazer o erro de Kuniko, mas provavelmente ainda precisaria alertá-la para evitar qualquer outro erro — talvez até ameaçá-la. Porém, antes disso, deveria informar Yoshie a respeito do que havia acontecido. Yoshie provavelmente planejava voltar a trabalhar hoje, portanto, precisariam conversar logo. Masako e as outras costumavam tirar folga no turno entre a noite de sexta-feira e a manhã de sábado, em vez de fazê-lo no dia seguinte porque quem trabalhava aos domingos recebia dez por cento a mais. Somente Yoshie costumava trabalhar também no sábado, já que precisava de um dinheiro extra.

Assim que Masako tocou a amarelada campainha de plástico, a porta de Yoshie abriu-se com um rangido irritante.

— Ah, oi — Yoshie falou com o rosto surgindo por detrás de uma nuvem de vapor. Masako imaginou que ela deveria estar fazendo sopa, pois sentiu o cheiro de um caldo misturado com um leve odor de creme que parecia sempre existir na casa de Yoshie.

— Pode vir aqui fora um minuto, Capitã? — Masako sussurrou. Yoshie viu Miki sentada na pequenina saleta à entrada da casa, apertando os joelhos como se fosse uma criança enquanto não tirava os olhos do desenho que passava na TV. Nem por um instante se virou para olhar para a visita.

— Claro — Yoshie respondeu. — Por quê? — Parecendo chegar à conclusão de que havia acontecido alguma coisa, seu rosto empalideceu. Masako percebeu o quanto a aparência dela estava esgotada. Olhou para o outro lado e deu um passo para trás para esperar que Yoshie saísse para conversar.

Na pequena área próxima à porta foram plantadas verduras, e Masako ficou olhando com curiosidade para os tomates vermelho-claros sobrecarregando bastante nos pés.

— Perdão — disse Yoshie, chegando por trás dela um pouquinho depois. — O que é tão interessante?

— Os seus tomates. Você tem um verdadeiro dom para a horticultura.

— Já pensei várias vezes que, se tivesse espaço, gostaria de cultivar o meu próprio arroz — disse ela, rindo enquanto inspecionava o pequeno

pedaço do jardim comprimido sob o beiral. — Às vezes me canso deles, mas parece mesmo que os tomates gostam daqui. São incrivelmente adocicados. Leve alguns para você. — Ela arrancou um deles do pé, um particularmente grande, e o depositou na palma da mão estendida de Masako. Ela passou um tempo olhando para ele, pensando no quanto parecia rechonchudo e saudável, apesar de ter sido cultivado próximo àquela casa acabada, e por aquela mulher no mesmo estado. — E então, o que houve? — perguntou Yoshie, olhando esperançosamente.

— Leu o jornal da noite? — Masako perguntou, virando-se de frente para ela.

— Nós não recebemos nenhum jornal — disse, com uma expressão ligeiramente envergonhada.

— Ah, não? Encontraram algumas das sacolas no parque Koganei.

— No parque Koganei? Não são as minhas! — ela falou a primeira coisa em que pensou.

— Eu sei. Devem ter sido as de Kuniko. Enfim, a polícia foi à casa de Yayoi porque ela deu queixa do desaparecimento de Kenji.

— Já sabem que é ele?

— Ainda não — Masako respondeu. Yoshie fez uma cara de preocupação. Suas olheiras estavam ainda mais profundas em comparação à última vez que Masako a vira na fábrica.

— O que faremos? — Percebia-se uma ponta de pânico em sua voz. — Eles vão descobrir.

— Sim, é bem provável que descubram — Masako concordou.

— E o que devemos fazer?

— Estava pensando em trabalhar?

— Estava — Yoshie respondeu, parecendo não saber ao certo o que queria. — Mas não sei se quero ser a única de nós a ir hoje.

— É bom que vá — Masako aconselhou. — Precisamos continuar a nos comportar como se nada tivesse acontecido. Acha que alguém sabe que você foi à minha casa naquele dia? — Yoshie refletiu por um instante, para depois agitar a cabeça de maneira enfaticamente negativa. — Bom, precisamos impedir que isso seja descoberto. Tenho certeza de que vão suspeitar de Yayoi, portanto, temos de garantir que não descubram os problemas entre ela e Kenji ou que ele a agredia. Se descobrirem, todas nós terminaremos assim... — ela concluiu, juntando os punhos como se estivessem algemados.

— Eu sei. — Yoshie engoliu em seco olhando para os braços ossudos de Masako. Naquele exato momento, um menino pequenino chegou aos cambaleios e abraçou Yoshie à altura dos tornozelos.

— Vovó... — murmurou a criança magra enquanto agarrava os joelhos já gastos da calça de Yoshie. Pelo jeito, a seguira até o lado de fora da casa vestindo apenas uma fralda.

— Quem é esse? — Masako perguntou.

— É meu neto — disse Yoshie, constrangida, e segurou a mão do menino para evitar que corresse.

— Você tem um neto? Nunca fiquei sabendo disso. — Masako passou a mão na cabeça do menino, escondendo a surpresa. Enquanto seus dedos afagavam-lhe os cabelos macios, lembrava da sensação de acariciar os cabelos de Nobuki há muito tempo.

— Nunca contei nada a vocês, mas tenho outra filha. Ele é filho dela.

— Está cuidando dele?

— Estou. — Suspirou olhando para baixo, para a criança, que tentava alcançar o tomate ainda na mão de Masako. Ela o entregou na mão dele, ele cheirou a casca vermelha por um instante e o esfregou na bochecha.

— Que lindinho... — Masako sussurrou enquanto o observava.

— Sabe — disse Yoshie —, depois de tudo que aconteceu, tê-lo aqui quase chega a ser demais para mim.

— É sempre difícil quando são pequenos assim. Ainda deve usar fraldas, não é mesmo?

— Agora tenho que trocar fraldas de dois. — Yoshie riu, e o peso daquela prisão fazia-se óbvio em seu olhar. Masako seguiu olhando para ela por um pouco mais de tempo.

— Está bem. Se acontecer mais alguma coisa, venho aqui de novo.

— Masako — Yoshie chamou, detendo-a quando estava prestes a ir embora. — Que fim deu à cabeça? — Mal se escutava a sua voz, como se estivesse com medo até de deixar a criança ouvir. O menino, contudo, não estava prestando a mínima atenção, já que estudava o tomate que apoiava cuidadosamente em suas mãos estendidas. Masako olhou ao redor antes de responder.

— Enterrei no dia seguinte. Não deve dar problema.

— Enterrou onde?

— É melhor que não saiba — disse Masako, virando-se para voltar ao carro estacionado nos fundos de uma ruela. Resolveu não contar nada a

Yoshie a respeito da tentativa de Kuniko de chantagear Yayoi e nem a respeito do dinheiro do seguro. Masako conseguiu convencer-se de que não havia sentido deixá-la ainda mais preocupada. Só que a verdade era que já não confiava mais em ninguém.

Escutou o barulho de uma buzina em algum lugar ali por perto. Era o som dos carros de tofu a anunciarem suas mercadorias. Pelas janelas abertas ao seu redor, o som de louça sendo manuseada e as televisões a gritarem. Era a hora das mulheres da cidade darem duro em suas cozinhas. Masako pensou em sua própria cozinha vazia, organizada e cuidadosamente limpa, e em seu banheiro, onde a proeza fora realizada. Ocorreu-lhe que ultimamente se sentia mais à vontade em um banheiro seco e limpo do que em uma cozinha acolhedora e cheia de coisas.

Masako usou o mapa que deixava no carro para localizar o complexo habitacional de Kuniko na cidade vizinha de Kodaira. As fileiras de envelhecidas caixas de correio de madeira à entrada do edifício estavam decoradas com restos de adesivos infantis e cartazes apressadamente colados que proibiam que alguém fixasse algum folheto pornográfico. Parecia que os nomes dos ocupantes atuais haviam sido escritos por cima daqueles dos inquilinos anteriores, deixava transparecer que o edifício tinha bastante rotatividade. Em alguns casos, os locatários nem sequer se incomodaram em colocar uma nova placa com o nome, simplesmente riscaram o nome do antigo morador com uma caneta hidrocor e escreveram o novo nome do lado. Olhando as caixas, Masako viu que Kuniko morava no quinto andar.

Ela subiu em um elevador quase tão abandonado quanto as caixas de correio e chegou à porta de Kuniko. Masako tocou o interfone, mas ninguém atendeu. Como o carro de Kuniko estava estacionado do lado de fora, devia apenas ter saído por um instante para fazer compras. Masako resolveu esperá-la e ficou escondida de um lado do corredor, tornando-se imperceptível. Observava enquanto os insetos zumbiam ao redor da fraca luz fluorescente. De vez em quando um deles voava desvairadamente contra a lâmpada e caía ao chão. Masako acendeu um cigarro e ficou contando os insetos mortos enquanto aguardava.

Vinte minutos depois chegava Kuniko, cambaleava vagarosamente pelo corredor, carregando sacos plásticos com compras da loja de

conveniência da região. Apesar do calor e da umidade, Kuniko vestia-se com estilo, toda de preto, e parecia de muito bom humor, quase cantarolando enquanto caminhava. Conforme Masako observava sua aproximação, pensava nos corvos do parque.

— Opa! O que está fazendo aqui? — Kuniko guinchou com sua voz aguda ao percebê-la de pé em meio às sombras.

— Precisamos conversar.

— Agora? Sobre o quê? — Ela parecia descontente enquanto estudava a expressão de Masako.

— Agora, sim, senhora! Graças a você, estamos em uma encrenca das grossas! — Masako pegou o jornal que estava enfiado na ranhura da caixa de correio e empurrou-o contra o rosto de Kuniko. O ruído da portinhola da caixa de correio a fechar-se ecoou pelo corredor.

— Como assim? — Kuniko perguntou, lançando uma olhadela nervosa pelo corredor.

— Veja por si própria — Masako sibilou. Kuniko atrapalhou-se toda procurando sua chave, evidentemente apavorada com o olhar penetrante de Masako.

— A casa está uma bagunça, mas você vai ter que entrar. Não podemos ficar falando disso aqui fora. — Masako a acompanhou para dentro do apartamento e dedicou um instante a estudar o local. A mobília e a decoração faziam uma mistura estranha de um estilo sem gosto algum com um mais refinado, bastante semelhante à própria moradora. — Espero que não se demore muito — disse Kuniko, olhando para Masako apreensivamente enquanto ligava o ar-condicionado.

— Não se preocupe, será rápido. — Masako abriu o jornal e apontou a matéria. Kuniko deixou as sacolas com as compras no chão e examinou cuidadosamente a página. Masako notou uma contração muscular em sua bochecha sob as camadas endurecidas de base. — São as suas, não é mesmo? Quem mais as teria deixado em um parque?

— Me pareceu o local perfeito...

— Você é tão *burra*! Eles são meticulosos com o lixo nos parques! Foi por isso que avisei para deixarem-nas em uma área residencial.

— Ainda assim não é motivo para me chamar de burra. — Os lábios de Kuniko formaram um beicinho.

— Se você faz burrice, é burra sim. Por sua causa a polícia foi à casa de Yayoi.

— O quê? Já? — Seu beicinho transformou-se em uma expressão de escândalo.

— Já! Ainda não têm certeza de quem é, mas não vão demorar muito a descobrir. Amanhã estaremos em meio do fogo cruzado, e se descobrirem que foi ela, vamos todas juntas para o buraco. — Kuniko ficou olhando para Masako, muito embora seu cérebro já houvesse paralisado. Masako retribuiu o olhar. — Sabe o que isso significa, não sabe? Mesmo que, se por um milagre, não descobrirem que participamos da coisa toda, se prenderem Yayoi, você nunca verá a cor do dinheiro. — Ao escutar aquilo, Kuniko, enfim, pareceu entender a situação. — Mas a coisa não para por aí — continuou. — Para você, o problema de verdade é o contrato que fez Yayoi assinar. Você já é cúmplice de ter cortado o corpo do marido dela e agora ainda tentou chantageá-la.

— Chantageei?! Nunca tive intenção de...

— Nunca teve intenção de quê? Você até a ameaçou!

— Mas eu não sabia mais a quem recorrer. Só achei que pudesse me ajudar. Estamos todas juntas nisto, não estamos? Depois do que fiz... — Kuniko seguia falando nervosa e confusa, de maneira incoerente, e o suor se fazia evidente em seu rosto parvo. Masako ficou olhando com frieza. Agora sua maior preocupação era que o agiota de Kuniko ficasse sabendo a respeito do dinheiro do seguro. Duvidava que alguém assim se importasse muito com o assassinato em si, mas poderia vir bisbilhotar se tivesse pista de que haveria tanto dinheiro assim na jogada.

— O que quer dizer com “estamos todas juntas nisto”? Você nunca ligou para ninguém, só para você mesma. — Masako estendeu a mão. — Cadê o contrato? Vá pegá-lo... agora.

— Mas já levei para lá — disse Kuniko, olhando com nervosismo para o relógio.

— Para onde?

— Para um lugar chamado “Centro de Um Milhão de Consumidores”, em frente à delegacia.

— Um agiota... Você vai ligar para lá neste minuto e vai dizer que quer o contrato de volta. — Seu tom era tão ameaçador que Kuniko parecia prestes a chorar.

— Mas isso é impossível.

— Impossível ou não, precisa se virar. Amanhã só vão falar disso na TV e nos jornais, e aí é bem provável que o seu amiguinho agiota lhe faça

uma visitinha.

— Está bem. — Parecendo ainda relutante, ela tirou um cartão da bolsa e pegou o telefone. Masako percebeu que estava repleto de adesivos, assim como as caixas de correio no saguão. — Aqui quem fala é Kuniko Jonouchi — disse, ao telefone. — Queria saber se vocês podem me devolver o contrato que levei aí há alguns minutos. — Masako ficou escutando enquanto o homem do outro lado da linha negava a solicitação.

— Diga-lhe que espere e que você já está indo para lá — Masako sussurrou, colocando a mão sobre o fone. Depois de desligar, as pernas de Kuniko pareceram ceder e ela desabou ao chão.

— Tenho que ir mesmo? — perguntou.

— O que é que você acha?

— Mas por quê?

— Porque toda esta encrenca é culpa sua.

— Mas não fui eu que o cortei em pedaços! — guinchou.

— Calada! — Masako gritou, resistindo à vontade intensa de dar-lhe um soco. Kuniko começou a soluçar.

— Quanto pegou emprestado com eles?

— Quinhentos mil... desta vez. — Masako conhecia como aquilo funcionava: ela deve ter tentado pedir uma quantia bem menor, mas quando viram o histórico de crédito, emprestaram mais do que ela poderia dar conta. Masako já percebera há algum tempo que Kuniko andava tendo problemas para conseguir pagar os juros dos empréstimos.

— Geralmente não é necessário um avalista para um empréstimo desses. Acho que você foi engambelada.

— Mas ele me disse que eu teria que pagar tudo de uma vez se não arrumasse um fiador. — Kuniko havia voltado a falar como se estivesse choramingando.

— E você acreditou? — Masako resmungou.

Kuniko fez uma cara de estupefação.

— Foi tão simpático e educado... Eu esperava um cara do tipo dos da yakuza, mas era um mero sujeito normal. Até me agradeceu quando fui levar o contrato.

— Eles mudam a representação de acordo com a plateia. Sabiam que conseguiriam o que quisessem de você com um pouquinho de fala mansa.

— Masako não fez esforço algum para ocultar seu desprezo.

— Parece que você entende disso tudo.

— E parece que você não entende nada de nada. Mas não temos tempo para discutir. Vamos embora. — Masako se virou e calçou rapidamente os tênis. Os calcanhares já estavam bastante desgastados, forçou os dedos dos pés o máximo possível para a frente, como se fossem chinelos. Kuniko a acompanhou, ainda de mau humor.

As luzes já estavam apagadas no Centro de Um Milhão de Consumidores, mas Masako subiu a escadaria e bateu à porta fina.

— Está aberta! — gritou uma voz lá de dentro.

Entraram na sala escurecida e viram um sujeito jogado de qualquer maneira sobre um sofá próximo à janela, fumando um cigarro. A mesa encardida à sua frente estava toda bagunçada, com um jornal todo amarrotado e canecas grudentas de café.

— Olá — saudou-as, abrindo um sorriso e colocando-se de pé. — Entrem. — Ele trajava um terno cinza e uma gravata vermelho-escura que pareciam elegantes demais para aquele escritório em péssimas condições, mas os cabelos tingidos de castanho encaixavam-se perfeitamente. Devido à reação ligeiramente confusa do homem, Masako tomou como certo que ele não esperava que Kuniko fosse mesmo aparecer, apesar do telefonema.

— Jumonji-san — disse Kuniko. — A senhora que assinou o contrato que lhe entreguei mudou de ideia e o quer de volta.

— E é essa a senhora? — Jumonji perguntou, virando-se cautelosamente na direção de Masako.

— Não, sou amiga dela. A tal senhora é casada e não quer se envolver em nada deste tipo. Será que o senhor não pode, por favor, devolvê-lo?

— Sinto muito, mas não podemos fazer isso.

— Então, pelo menos me deixe vê-lo — Masako pediu.

— Está bem — ele murmurou, começando a parecer descontente. O homem abriu uma das gavetas da mesa e entregou uma folha de papel na mão de Masako, que dedicou um minuto a estudá-la.

— Não há provisão legal para solicitar um segundo fiador, só se o houvessem exigido desde o início. Por favor, eu gostaria de ver a nota promissória original. — Ao escutar aquilo, Jumonji assumiu uma expressão bem mais séria. Ele puxou outro papel do arquivo e chamou a atenção de Masako para um trecho específico.

— Está dizendo bem aqui que “possibilita-se a solicitação de um segundo fiador caso haja alteração significativa na condição de crédito de quem toma o empréstimo”. Ora, o marido de Jonouchi-san demitiu-se do emprego e desapareceu; acho que podemos dizer que isso é uma “alteração significativa”.

— Chame do que quiser — disse Masako, abrindo um sorriso —, mas o fato é que ela só atrasou uma vez o pagamento, e mesmo assim foi só por um dia. Não chega a ser motivo para impor uma cláusula dessas.

Aparentemente Jumonji não esperara um contragolpe e ficou olhando para Masako com uma perplexidade franca. Kuniko olhava em volta com nervosismo, como se esperasse alguém aparecer do nada e as atacar. Jumonji passou mais um tempo olhando para Masako.

— Já não nos conhecemos de algum lugar? — disse, enfim.

— Não — Masako respondeu, negando com a cabeça.

— Talvez não mesmo. — Seu tom de voz havia ficado um pouco mais suave, mas ele continuou a fitá-la. — Devo confessar-lhe, temos sérias dúvidas quanto ao pagamento desse empréstimo.

— Vou fazer com que ela pague — Masako vaticinou, como se garantisse um fato certo.

— Então está disposta a ser a fiadora dela?

— Não, mas farei com que vocês recebam seu dinheiro, mesmo que tenha que levá-la a outra financeira e pedir outro empréstimo para pagar o seu.

— Está bem — Jumonji concordou, aparentemente desistindo. — Mas vou ficar de olho nos pagamentos de Jonouchi-san. — Voltou ao sofá e se sentou.

Kuniko ficou olhando para Masako, aparentemente chocada por ela ter conseguido recuperar o contrato tão facilmente.

— Então, já estamos indo — disse Masako, tentando apressar Kuniko porta afora.

— Agora estou me lembrando — Jumonji falou quando começavam a ir embora. — Você é Masako Katori, não é? — Masako virou-se repentinamente, e subitamente lembrou-se de um Jumonji mais jovem, um garoto indomável com cabelo cortado a navalha. Havia trabalhado cobrando dívidas, terceirizado por um contratante que prestava serviço para a empresa na qual Masako trabalhara. Muita coisa havia mudado,

inclusive o nome menos exuberante que ele adotara à época e do qual ela já se esquecera havia muito, mas os olhos astutos eram inconfundíveis.

— Agora que você falou... — ela balbuciou. — Mas você mudou de nome.

— E vou até mudar as regras no caso dela — ele riu —, já que está disposta a se responsabilizar.

— Conhece-o de onde? — perguntou Kuniko, que começara a descer a escada à frente de Masako, mas virou-se para ficar de frente, já que não conseguia esconder a curiosidade.

— Eu o via sempre em meu antigo emprego — Masako respondeu.

— Que emprego?

— Eu trabalhava no setor financeiro.

— Para um agiota? — perguntou, entretanto Masako recusou-se a dizer qualquer coisa além. Kuniko permaneceu olhando por um tempo a mais, depois saiu em disparada, como se não conseguisse esperar para sair daquelas ruas escuras e vazias. Ao contrário de Kuniko, era justamente naquelas ruelas sombrias que Masako agora sentia vontade de se esconder, depois de ver aquela sombra do passado. Também estava com medo. O que será que aconteceria agora? Para onde poderia correr?

3

Por que falamos com os mortos nos sonhos? No meio de um sono intermitente, Masako sonhou que seu falecido pai estava no jardim, olhando para o gramado vazio. Trajava um leve quimono de verão igual ao que usara no hospital quando estava moribundo devido a um tumor maligno na mandíbula. O céu estava intensamente nublado. Quando se deu conta de que Masako estava na varanda, seu rosto, deformado devido às várias operações, pareceu relaxar.

— O que está fazendo? — ela perguntou.

— Estava pensando em sair. — Em seus últimos dias, seu pai quase não conseguia mais falar, mas no sonho, sua voz era límpida.

— Mas alguém logo vai aparecer — disse ela, sem fazer a mínima ideia de quem seria a tal pessoa e, mesmo assim, saiu correndo pela casa arrumando tudo. O jardim era o da antiga casa em Hachioji, mas a casa em si era a nova que ela e Yoshiki construíram e, agarrado à perna de sua calça jeans, Nobuki voltara a ser uma criança de colo.

— Então, temos que lavar o banheiro — disse seu pai. Ela sentiu um calafrio descer-lhe a coluna. De alguma forma sabia que o banheiro estava repleto dos cabelos de Kenji; mas como seu pai sabia? Provavelmente porque também estava morto. Ela se livrou das mãos pequeninas de Nobuki e tentou imaginar uma desculpa para dizer ao pai; só que enquanto o fazia, o velho veio cambaleando em sua direção com suas pernas finas. Agora ela era capaz de ver seu rosto, encovado e pálido, assim como estivera em morte. — Masako — ele chamou. — Por favor, me mate. — Agora a voz dele estava próxima ao seu ouvido, e ela acordou, respirando com dificuldade.

Aquilo foi a última coisa que ele lhe dissera. Vinha sentindo dor demais para falar, ou até mesmo comer, mas conseguiu esforçar-se e pronunciar aquelas palavras. A voz dele estivera perdida em algum lugar de sua memória até agora, mas conforme lhe voltara, ela passou a tremer de medo como se tivesse ouvido um fantasma.

— Masako.

Yoshiki estava de pé ao lado da cama. Quase nunca ia no quarto enquanto ela estava ali dentro, e agora ela ficava olhando para ele, um pouco espantada, enquanto tentava despertar de seu sonho.

— Olhe só isto aqui — disse ele, indicando uma matéria no jornal que estava em suas mãos. — Você não conhece esta pessoa? — Ela se sentou e pegou o jornal da mão dele. A parte superior da terceira página, estampava-se a manchete “Corpo desmembrado em parque identificado como funcionário de um escritório de Musashi-Murayama”. Exatamente como previra, chegaram à conclusão de que era mesmo Kenji durante a noite anterior. De alguma maneira ver aquilo publicado, fez com que tudo parecesse menos real. Perguntando-se o porquê daquilo, ela leu a matéria toda.

“Na noite do desaparecimento, a esposa da vítima, Yayoi, fora trabalhar em seu serviço de meio expediente em uma fábrica próxima. A polícia tenta traçar os passos de Yamamoto depois de ter saído do trabalho naquela noite.” Dizia o jornal. Não havia mais detalhes, apenas uma repetição da matéria anterior que se concentrava no fato mais lúgubre: pedaços de um corpo desmembrado encontrados no lixo.

— Você a conhece, não é? — Yoshiki perguntou.

— Conheço, mas como soube?

— Às vezes uma Yamamoto liga para cá, dizendo que trabalha com você na fábrica. E a matéria cita o turno da noite. A fábrica em que você trabalha é a única da área que funciona em expediente noturno. — Será que ele ouviu quando Yayoi ligou naquela noite? Masako procurou alguma pista nos olhos dele, mas Yoshiki deu-lhe as costas, aparentemente envergonhado por ter parecido tão animado. — Só achei que fosse querer saber — disse.

— Obrigada.

— Quem seria capaz de fazer uma coisa dessas? Parece que alguém tinha algum ressentimento por ele.

— Duvido que tenha sido por isso — disse Masako. — Mas não sei.

— Mas você a conhece muito bem, não é? Não seria melhor ir até a casa dela para ver como está? — Ele olhou para Masako com uma expressão de curiosidade, evidentemente surpreso com a serenidade com que ela parecia encarar tudo aquilo.

— Será? — respondeu vagamente, fingindo examinar cuidadosamente o jornal ainda aberto sobre a cama. Yoshiki observou-a com curiosidade

por um instante e depois foi pegar um terno no armário. Ele raramente trabalhava aos sábados, mas parecia que aquele dia era uma das exceções. Percebendo que ele estava se aprontando para sair, Masako pulou da cama e começou a arrumá-la.

— Tem certeza de que não precisa ir lá? — ele repetiu o questionamento, sem se virar. — A casa deve estar repleta de policiais e repórteres, e aposto que adoraria ver um rosto conhecido.

— Duvido de que precise de mais gente a encher-lhe a paciência. — Sem responder, Yoshiki tirou a camiseta. Masako ficou observando-lhe as costas nuas, notando com especial atenção os músculos flácidos e a pele pálida. Ele retesou-se, parecendo sentir os olhos dela.

Há muito já se esquecera de como era dormir com Yoshiki. Hoje em dia, meramente habitavam a mesma casa, dando conta de seus papéis determinados. Não eram mais marido e mulher, tampouco pai e mãe. Simplesmente seguiam com suas vidas — automática e dedicadamente — indo trabalhar, cuidando da casa e, na cabeça de Masako, aos poucos entrando em colapso. Yoshiki vestiu outra blusa e se virou para olhar para ela.

— Pelo menos telefone — sugeriu. — Por que ser tão indelicada? — Masako pensou por um instante e chegou à conclusão de que sua ânsia em fingir não ter qualquer ligação com o crime poderia estar cegando-a para como reagiria normalmente.

— Acho que devo mesmo — disse, ainda com um tom de voz relutante. Yoshiki a olhou.

— Quando você resolve que uma coisa não lhe diz respeito, simplesmente se desliga — disse.

— Não é a minha intenção. — Ela percebeu que deve ter notado sua mudança desde a noite em que foi à casa de Yayoi.

— Peço perdão pela intromissão — ele falou, fazendo uma careta como se sentisse algum gosto amargo. Os dois passaram alguns instantes a se entreolharem em silêncio, até que Masako baixou o olhar e começou a arrumar a colcha.

— Você estava gemendo enquanto dormia, pouco antes de acordar — acrescentou enquanto dava o nó na gravata.

— Estava tendo um pesadelo — revelou, percebendo que a gravata dele não combinava com o terno.

— Como foi?

— Meu pai estava nele e falava — Yoshiki grunhiu, guardando a carteira e o passe de trem no bolso da calça. Sempre gostara do pai dela, então, a única conclusão a que ela poderia chegar era que aquela recusa a falar mais sobre o assunto significava que já desistira de se aproximar. Nem sequer deveria sentir mais a necessidade de fazê-lo. Ela também não, talvez. Não teve pressa ao prender as pontas da colcha, pensando em tudo que eles dois haviam perdido.

Depois que ele se foi, Masako ligou para a casa de Yayoi.

— Casa dos Yamamoto — disse uma voz com um tom de cansaço extremo. Parecia a voz de Yayoi, porém, de algum jeito, diferente. Mais velha.

— Meu nome é Katori. Posso falar com Yayoi?

— Receio que esteja dormindo no momento. A senhora permite que eu pergunte a razão da ligação?

— Trabalho com Yayoi na fábrica e li no jornal sobre o que aconteceu. Fiquei preocupada com ela.

— É muita gentileza da senhora. Ela está atordoada com tudo isso, obviamente. Não saiu da cama desde ontem à noite. — A mulher falava como se já tivesse dito aquilo várias vezes. Muita gente deve ter ligado desde de manhã: parentes, colegas do trabalho de Kenji, amigos de Yayoi, vizinhos e, sem dúvida, a mídia. Estava simplesmente repetindo o que já dissera a todos os outros, como um recado de uma secretária eletrônica.

— A senhora é a mãe dela? — Masako perguntou.

— Sou — disse a mulher quase de modo áspero, aparentemente angustiada, tentando evitar passar alguma informação desnecessária.

— A senhora deve estar desolada. Bom, estamos todos pensando em vocês — disse Masako, pondo um fim à conversa. Pelo menos se lembraria de que Masako ligara. Deve bastar. Mas teria sido mesmo estranho nem ligar. Agora só precisava se concentrar em não deixar que o resto aparecesse.

Enquanto desligava o telefone, Nobuki desceu do quarto e, depois de tomar o café da manhã em silêncio, saiu. Para trabalhar? Para jogar? Masako não sabia. Depois que ficou sozinha, ligou a TV e pôs-se a zapear pelos telejornais. Todos exibiam a mesma história do jornal, portanto, aparentemente não houve nenhuma novidade.

Yoshie ligou alguns minutos depois, com a voz quase como um sussurro. Masako sabia que, diferentemente de sua noite calma, Yoshie fora trabalhar e agora estava dando uma pausa nos cuidados com a sogra para fazer aquela ligação.

— É como você disse. Liguei a TV e lá estava. — Ela falava com um tom pessimista.

— A polícia não vai demorar a aparecer lá na fábrica — disse Masako.

— Acha que vão encontrar as nossas sacolas?

— Duvido — ela respondeu.

— Mas o que devemos dizer?

— Diga apenas que Yayoi não vai trabalhar desde aquela noite e que por isso você não sabe de nada.

— Acho que tem razão — Yoshie murmurou. Fazia as mesmas perguntas repetidamente, e parecia repetir as respostas para si mesma com igual frequência. Masako estava ficando um pouco farta daquelas ligações constantes. Percebendo o som da criança choramingando ao fundo, lembrou-se do sonho. A sensação das mãos de Nobuki a agarrarem-lhe a calça parecera tão real... Deve ter sido porque vira o neto de Yoshie. Se fosse analisar cada elemento do sonho, talvez perdesse seu poder de apavorá-la. — Então, nos vemos à noite. — A voz de preocupação de Yoshie interrompeu-lhe a linha de pensamento. Masako desligou.

Kuniko não telefonou. Talvez tivesse ficado com medo das ameaças de Masako e passaria um tempo comportada. Ao começar a lavar a roupa, Masako pensou em Jumonji, a quem vira na noite anterior pela primeira vez depois de tantos anos. Aquele esquema de extorsão dele geralmente passava alguns anos lucrando muito, e depois fechava. Não fazia a mínima ideia do que iria acontecer com o empréstimo de Kuniko, e tampouco ligava muito para isso, mas poderia dar problema se Jumonji lesse os jornais e reconhecesse o nome do contrato.

Que espécie de homem era aquele Jumonji? Pela primeira vez depois de muito tempo Masako permitiu-se recuperar lembranças do antigo emprego. Não tinha vontade de se lembrar de nada daquela época, mas ainda assim, conforme despejava sabão em pó dentro da máquina de lavar, e observava-o dissolver-se em uma espuma giratória, seus pensamentos viajaram para o passado.

A primeira coisa que lhe veio à mente em relação ao antigo emprego foi esquentar o saquê para a festa de Ano-Novo. A festa era um evento anual na “T Créditos e Empréstimos”, a empresa em que Masako entrou logo ao sair do ensino médio, e onde trabalhou durante mais de 22 anos. Eles costumavam convidar os executivos das empresas com quem faziam negócios e os integrantes das diretorias das cooperativas agrícolas que eram seus principais clientes, para uma festa no dia anterior à retomada ao trabalho, depois do feriado do Ano-Novo. Todas as funcionárias eram obrigadas a trabalhar naquele dia trajando um quimono tradicional, porém, na prática, a norma aplicava-se apenas às mais novas.

As outras mulheres trabalhavam nos bastidores da festa, preparando aperitivos, lavando taças e aquecendo saquê. Os homens cuidavam do trabalho pesado, trazendo a cerveja e arrumando a mobília no salão, mas as mulheres permaneciam ocupadas pelo dia inteiro, começando desde cedo, com os preparativos, e terminando bem tarde, depois de limparem tudo. Mas a pior parte provavelmente era saber que a folga, que oficialmente ia desde o término do expediente do dia 30 de dezembro até a manhã de 4 de janeiro, na verdade, terminava um dia antes. A presença era obrigatória, embora não fosse considerado um dia normal de trabalho.

Masako, que a certa altura tornara-se a mulher mais velha da empresa, ficava nos bastidores, na cozinha. Até sentia-se satisfeita, já que não gostava de ficar exposta, mas depois de passar horas naquela cozinha pequena aquecendo saquê, começou a sentir náuseas e tontura. E quando seus colegas homens se embriagaram e foram recrutar as outras mulheres para servirem bebidas, Masako ficou desfalcada. Enquanto lutava, frequentemente sozinha, para não deixar cair o ritmo das taças e das jarras vazias de saquê, sua labuta parecia mais absurda do que triste. Nos piores anos, chegou até a receber ordens para limpar as poças de vômito deixadas por seus colegas bêbados. Um número considerável de mulheres demitiu-se da empresa, desesperadas, depois de verem as injustiças com que tratavam Masako, apesar de ser a funcionária mais antiga.

Ainda assim, a festa era só uma vez por ano, e conseguia conviver com aquilo. O que a incomodava muito mais era perceber que o esforço que empregava todos os outros dias nunca era reconhecido e, mesmo depois de tantos anos, nunca foi promovida ou recebeu alguma coisa além do serviço rudimentar e burocrático pelo qual era responsável desde o dia em que chegara para trabalhar. Embora marcasse seu ponto de entrada às oito da

manhã e ficasse até às nove da noite praticamente todos os dias, continuava a fazer o mesmo serviço entediante ano após ano; e independentemente do quanto se matava ou da qualidade com que realizava seu serviço, nunca fez nada que não fosse um papel secundário, todas as decisões importantes eram deixadas para seus colegas homens. Todos os que entraram na empresa mais ou menos na mesma época que ela receberam um treinamento abrangente e já haviam sido promovidos, havia muito tempo, para algum cargo de diretoria ou até algo melhor, e agora até os mais jovens estavam sendo promovidos para posições superiores à dela.

Determinado dia, aconteceu de ela ver o salário que recebia um homem que estava na empresa há exatamente o mesmo tempo que ela, e Masako quase deixou-se dominar pela fúria. O sujeito ganhava dois milhões de ienes a mais, enquanto ela, depois de vinte anos de serviço, ganhava somente ¥4.600.000 por ano. Depois de pensar muito a respeito, foi direto ao chefe de seção, um sujeito que entrou na empresa no mesmo ano que ela, pediu para ser promovida a uma posição de gerência e para que lhe dessem um salário igual ao dos funcionários homens.

O assédio ostensivo iniciou-se logo no dia seguinte. Primeiro, devem ter passado às outras mulheres da empresa uma versão diferente das exigências dela, já que subitamente passaram a tratá-la com indiferença. Pelo jeito, o que se espalhou foi que ela estava decidida a crescer dentro da empresa e pouco se importava com o que aconteceria a todas as outras. Nunca mais foi convidada para o jantar mensal em que todas as mulheres se reuniam, e viu-se completamente isolada.

Os homens, por outro lado, ficavam constantemente atrás dela, procurando fazer com que fosse a única convocada a servir chá quando algum convidado fosse visitar a empresa, e enchendo-a de solicitações de cópias. Consequentemente, ficou difícil para ela dar conta do próprio serviço, e acabava trabalhando ainda mais horas extras. Como era de se imaginar, a qualidade de seu serviço piorou, e isso refletiu-se em avaliações ruins; que significavam, por sua vez, que não serviria para ser promovida — o que aparentemente fora a estratégia deles desde o início.

Ainda assim permaneceu determinada. Ficava na empresa até altas horas da noite e levava para casa o que não conseguia terminar. Nobuki, ainda estava no ensino fundamental, sensibilizou-se com o estresse da mãe e passou por um período ruim, e Yoshiki exigiu furiosamente que ela pedisse demissão. Masako sentia-se como uma bola de pingue-pongue,

quicando entre a família e a empresa, e completamente sozinha nos dois lugares. Não havia saída, e nem esconderijo.

Não se passou muito tempo e acabou por descobrir um erro enorme cometido por seu chefe. Quando apontou a falha, ele subitamente censurou-a com severidade. O “chefe” dela era, na verdade, vários anos mais novo e extremamente incompetente.

— Fique com essa sua matraca fechada! — gritou com ela; chegou ao ponto de dar-lhe um tapa. Isso aconteceu depois do expediente, para que ninguém mais escutasse, mas o incidente deixou nela uma cicatriz profunda. Por que o simples fato de ser homem tornava-o tão importante? Será que era porque ele tinha curso superior? A ambição e a experiência dela não valiam de nada em um lugar como aquele? Frequentemente pensava em arrumar outro emprego, mas gostava do setor financeiro e permaneceu ali. Depois desse incidente, entretanto, viu que havia chegado ao fundo do poço.

A humilhante agressão ocorreu durante a época do pico da bolha econômica. Foi um período de frenesi nos negócios para os bancos e para as financeiras, atiravam dinheiro aos clientes praticamente sem verificar seu crédito na praça. Durante anos, até mesmo clientes que Masako sabia que não eram confiáveis receberam empréstimos, e quando a bolha finalmente estourou, tudo virou uma montanha de dívidas insolventes. Preços de terra vieram abaixo, levaram a bolsa junto, e a cada dia mais propriedades reempossadas iam a leilão. Porém, como os preços a que chegavam nos leilões nunca correspondiam ao valor dos empréstimos originais, as perdas se acumulavam.

Naquele ambiente ficava a cada dia mais complicado levantar capital, e chegou uma hora em que uma firma maior, com o suporte financeiro de uma grande cooperativa agrícola, assumiu o controle da empresa de Masako. Começaram a circular boatos de uma fusão, além de outros que falavam em uma grande reestruturação e em demissões. Masako, por ser a funcionária mais antiga, era também a mais vulnerável, e tinha consciência de que não fizera nada para tornar-se benquista pela diretoria. Nem chegou a ficar surpresa quando recebeu uma ordem do departamento pessoal transferindo-a para uma filial distante. No ano seguinte Nobuki teria de prestar prova para entrar para o ensino médio; se aceitasse a transferência, teria de deixar Yoshiki sozinho com o filho. Não havia como. Quando se recusou a cumprir a ordem, naturalmente solicitaram-lhe

o pedido de demissão. Ela só foi assimilar, de verdade, o golpe quando ficou sabendo que houve aplausos quando anunciaram sua aposentadoria na empresa.

Jumonji começou a aparecer na empresa depois da queda da economia, quando a quantidade de contas em atraso começou a se multiplicar. Para colocar pressão em clientes atrasados em seus pagamentos, até mesmo os bancos empregaram homens como ele. Nos bons tempos, ficaram ansiosos demais e fizeram empréstimos arriscados, e agora viam-se preocupados demais para se incomodarem com as aparências. Masako discordava tanto dos empréstimos precipitados quanto das táticas cruéis e desumanas, de alguma forma imaginou que Jumonji compartilhava de sua opinião — até mesmo enquanto tentava recuperar o dinheiro. Nunca conversou com ele sem ser na empresa, mas tinha quase certeza de que vira uma expressão de desrespeito, ou até mesmo de antipatia em seus olhos enquanto ele ria junto com os outros funcionários arrogantes.

De repente, Masako escutou o aviso da máquina de lavar que indicava o fim do ciclo, só que ficara tão absorta em seus pensamentos que se esquecera de colocar a roupa suja dentro dela. Dissolvida em um redemoinho d'água, escorrida, enxaguada e posta a girar até que se secasse — era exatamente o que haviam feito com ela. “Um ciclo de lavagem sem sentido algum”, pensou, rindo alto.

4

Jumonji acordou com o braço formigando. Tirou-o de sob o pescoço esbelto da mulher e flexionou os dedos. Acordada pelo movimento repentino, ela abriu os olhos e fitou-o de sob suas sobrancelhas impossivelmente finas — seu rosto parecia esquisitamente o de uma criança e o de uma mulher de meia-idade ao mesmo tempo.

— Qual é o problema? — ela perguntou, e ele olhou para o relógio que ficava ao lado da cama: quase oito da manhã. O sol de verão já entrava com força pelas finas cortinas, aquecendo o ar no quarto pequeno.

— Hora de levantar — disse ele.

— Não — ela murmurou, não deixando ele sair.

— Você não tem aula? — Ela ainda devia estar no primeiro ano do ensino médio, era uma menina na verdade, nem chegava perto de ser uma mulher, mas ele só se interessava pelas novinhas, então, para ele, era uma mulher.

— Hoje é sábado — ela falou. — Vou faltar.

— Mas eu tenho o que fazer. Levante-se. — A menina fez uma careta por um instante e depois bocejou. Conforme ela o fez, Jumonji olhou de soslaio para dentro de sua boca. Era cor-de-rosa. Para falar a verdade, todo aquele corpo infantil era um esboço em cor-de-rosa e branco. Dando uma última e prolongada olhada, ele levantou-se da cama e ligou o refrigerador de ar. Uma língua de ar viciado e cheio de pó lambeu-lhe o rosto. — Faça o café da manhã — ele mandou.

— Nem pensar — resmungou.

— Você é mulher, prepare alguma coisa para eu comer.

— Não sei como se faz — disse, com um indício de sorriso ao redor da boca.

— Tola. Isso não é motivo para se orgulhar.

— Não me chame de tola. — Fez beicinho e pegou um cigarro do maço de Jumonji. — Vocês velhos são sempre todos iguais.

— Velho?! — gritou como se fosse um cachorro a latir, ferido no âmago de seu ser. — Tenho 31 anos. — Viu nela um riso zombeteiro.

— Como eu disse, é velho.

— Ora, qual é a idade do seu pai? — ele perguntou, achando que aquilo iria provar que ainda era jovem. Estava começando a ficar incomodado.

— Quarenta e um.

— Só dez anos mais velho que eu? — ele perguntou, subitamente sentindo a idade, e depois foi ao banheiro tomar banho. Achou que ela já tivesse, pelo menos, enchido a chaleira de água e colocado-a no fogo quando ele saísse, mas ao abrir a porta, seus cabelos cor de mel ainda estavam espalhados sobre os lençóis.

— Levante-se! — gritou. — E dê o fora daqui.

— Babaca! — retribuiu o grito, lançando as pernas roliças ao ar. — Seu velho decrepito.

— Qual é a idade da sua mãe? — Jumonji perguntou subitamente.

— Quarenta e três — respondeu. — É um pouco mais velha que meu pai.

— Mulher não serve para mais nada depois dos vinte.

— Você é esquisito — ela lhe disse. — Minha mãe ainda é jovem... e linda. — Jumonji riu, sentindo de alguma maneira como se tivesse ganhado um ponto por sua falta de interesse em mulheres mais velhas. Não chegou a lhe ocorrer o quanto sua postura era, em si, infantil. Ignorando a menina, ele acendeu um cigarro e pegou o jornal da manhã. Enquanto se sentava na cama, ela o encarava com um olhar furioso, e com uma expressão bastante adulta, o que fez com que ele voltasse a se lembrar do quanto não gostava de mulheres mais velhas. Ficou pensando em como ela ficaria depois de alguns anos, e tentando imaginar como era o rosto da mãe dela. Pegando-lhe o queixo com a mão, ergueu-lhe a cabeça e olhou em seus olhos. — O que foi? — ela perguntou. — Não faça isso.

— Por que não?

— Pare com isso. O que está olhando?

— Estava só pensando que um dia você também vai ficar velha.

— E daí? — ela perguntou, chacoalhando a cabeça para livrar-se da mão dele. — Por que tem que ser tão escroto tão cedo de manhã? Está me deixando deprimida.

Quarenta e três anos. Masako Katori, que ele vira no dia anterior depois de anos, deveria ter mais ou menos aquela idade. Estava tão magra

quanto antes e provocava ainda mais medo que antes, mas tinha de admitir que ela impressionava bastante.

Masako Katori trabalhara na “T Créditos e Empréstimos”, que ficava na cidade de Tanashi. “Ficava” porque foi uma das empresas que se especializaram em empréstimos para aquisição de imóveis durante os anos de prosperidade econômica, e que foi, posteriormente, devidamente engolida por uma empresa maior quando a maioria de suas contas se provou impossível de ser saldada após o estouro da bolha. À época, a empresa dela terceirizava a cobrança, e usava cobradores da firma de segurança em que Jumonji trabalhava. Lembrava-se perfeitamente de Masako devido às frequentes visitas à empresa.

Ela ficava sempre em seu computador, impecavelmente vestida com um terno cinza que parecia recém-lavado. Não usava uma maquiagem chamativa como as outras mulheres da empresa e tampouco flertava com os visitantes. Simplesmente ficava lá sentada, trabalhando. Transmitia uma sensação de seriedade e de inacessibilidade, mas era provavelmente aquela postura profissional que fazia com que os funcionários, pelo menos os da empresa dele, respeitassem-na.

Jumonji pouco se interessava pela política empresarial de seu local de trabalho naquela época, mas até que se lembrou de ter escutado boatos de que Masako, que já trabalhava lá havia mais de vinte anos, tornara-se um estorvo — e provavelmente não demoraria a ser demitida. Seus instintos lhe diziam que aquela história não estava sendo muito bem contada. Sempre houve uma barreira ao redor da mulher que não deixava que ninguém se aproximasse, um sinal que a identificava como uma pessoa em guerra com o mundo. Talvez parecesse bastante natural que um estranho, quase um capanga contratado, fosse capaz de decifrar o sinal. “Farinha do mesmo saco”, como costumam dizer. E parecia que quem não conseguia decifrar o sinal fazia questão de implicar com ela.

Mas agora o que o havia deixado realmente confuso era o que Masako Katori fazia convivendo com uma merda como aquela tal Jonouchi.

— Estou com fome. — A voz da menina interrompeu a linha de pensamento de Jumonji. — Vamos comer alguma coisa no McDonald’s.

— Espere um minuto — disse, abrindo o jornal esquecido.

— Pode trazer isso aí com você — sugeriu, abraçando-o.

— Cale a boca — ele disse, contorcendo-se e livrando-se do abraço. A manchete chamou-lhe a atenção, sobretudo a menção de Musashi-Murayama. Leu sobre o corpo despedaçado encontrado em um parque próximo dali, parando ao chegar às palavras “sua esposa, Yayoi”. Onde será mesmo que havia escutado aquele nome? Não era o nome que estava no contrato de fiador de Kuniko? Sua lembrança era confusa, já que Masako foi retirar o contrato antes que ele verificasse a situação da mulher, mas tinha quase certeza de *ter* visto aquele nome.

— Que nojo! — disse a menina, após ler a matéria por sobre os ombros dele. — Outro dia fui nesse parque aí. Que nojo! — Ela tentou puxar o jornal da mão dele. — Um esqueitista vivia me chamando para ir vê-lo em suas manobras.

— Cale a boca! — gritou, puxando o jornal da mão dela e recomeçando a ler a matéria do início. Lembrou-se de que Kuniko Jonouchi disse alguma coisa sobre trabalhar no expediente noturno de uma fábrica de refeições, no mesmo local em que essa Yayoi Yamamoto trabalhava. Devia ser a pessoa do contrato. Mas por que Jonouchi iria pedir à esposa de um sujeito assassinado para ser a fiadora de seu empréstimo? Tudo aquilo cheirava a alguma coisa suspeita. Parecia bem provável que Masako havia se dado ao trabalho de ir buscar o contrato porque algo acontecera à esposa, e como um idiota, simplesmente entregou-lhe o documento.

— Merda! — exclamou. Foi ler a matéria de novo. Já que a vítima não voltou para casa na terça-feira à noite, a suspeita da polícia era que fora assassinado naquele dia, e seu corpo desmembrado logo depois. Mas só foram identificá-lo na noite anterior. Se fosse o caso, então, talvez Masako estivesse apenas preocupada com a mulher do falecido e quis ajudá-la, como amiga. Quanto a isso, não havia nada de especialmente estranho. Mas por que será que Jonouchi fora atrás de uma pessoa cujo marido estava desaparecido para afiançar seu empréstimo? E por que tal mulher concordara? Se o marido da pessoa está desaparecido, ela provavelmente está preocupada demais para pensar em qualquer outra coisa. E o que será que Masako Katori estava fazendo de verdade no meio daquela confusão toda? Ela não perderia muito sono com os problemas dos outros. Uma nuvem de questionamentos dominava a mente de Jumonji.

Imaginou que teria que dar uma investigada naquela questão, e atirou o jornal sobre o tapete empoeirado. A garota, um pouco intimidada devido aos modos dele, ficou observando-o em silêncio. Resgatou o jornal com timidez e começou a pesquisar as programações dos canais. A mente dele estava em outro lugar enquanto a observava. Jumonji sentiu cheiro de dinheiro, e aquilo o deixou animado.

Hoje em dia os jovens pegam dinheiro emprestado no caixa eletrônico mais próximo, o que significava que seu esquema de agiotagem não iria durar muito. Era bem provável que seu Centro de Um Milhão de Consumidores não durasse mais um ano, e já havia praticamente decidido abrir um serviço de acompanhantes para ganhar a vida. Mas agora aparecia aquilo... Ele sentiu como se uma grande bolada de dinheiro caísse subitamente em seu colo, e respirou fundo.

— Estou com fome. — A menina voltou a queixar-se, formando mais um beicinho com os lábios. — Vamos comer.

— Está bem — ele concordou. — Vamos. — Sua súbita mudança de humor pareceu surpreendê-la.

5

Yayoi percebia as pessoas solidárias e desconfiadas ao mesmo tempo, e sentia-se como uma bola de tênis levando raquetadas para um lado e para o outro entre duas fortes emoções. Mas como uma bola de tênis deveria agir? Ela não fazia a mínima ideia.

O inspetor Iguchi, chefe da Divisão de Segurança Pública da delegacia de Musashi-Yamato, foi bastante solidário na noite em que a visitou para dizer que a impressão da palma da mão encontrada no parque havia sido identificada, era de Kenji, mas desde então pareceu ter ficado desconfiado. Depois foi novamente à casa dela para informar que entregariam o caso para a central, formariam um grupo de investigação na delegacia local e, portanto, precisariam da cooperação dela. Daquela vez o rosto dele não trouxe mais tanta semelhança com o do homem sereno observando o triciclo no jardim. A mudança era atemorizante, mas ela tinha consciência de que aquelas eram apenas as primeiras providências.

Naquela noite, após as 22h, dois detetives a visitaram: um da delegacia local e um da central. Ambos trouxeram expressões ainda menos tranquilizadoras que a de Iguchi.

— Meu nome é Kinugasa, sou da Divisão Central de Investigação — disse um deles, mostrando a identificação em sua carteira de couro negro. Ele tinha, obviamente, quase cinquenta anos, mas talvez tentasse parecer mais jovem, trajava uma blusa polo de um preto meio desbotado e uma calça de brim de cor cáqui. Era forte, de pescoço grosso e cabelos cortados bem rentes, parecia mais um capanga que um policial. Yayoi não fazia a mínima ideia do que era ou de onde ficava a tal “Divisão Central de Investigação”, mas sabia que era difícil não começar a tremer, agora que estava cara a cara com seu representante.

O outro sujeito era magro e tinha queixo pequeno. Apresentou-se como Imai, detetive da delegacia local. Era mais jovem que Kinugasa e deixou que o outro cuidasse das perguntas enquanto fazia as anotações. Assim que entraram na casa, pediram ao pai de Yayoi, em pé detrás dela com ar de preocupação, que tirasse os meninos de casa. Seus pais ficaram

horrorizados quando ela ligou, dando a notícia, e partiram para a casa dela, saindo de Kofu naquela primeira noite. O mais novo estava sonolento e não queria sair, enquanto o mais velho parecia quase paralisado de tanta tensão, mas os pais de Yayoi conseguiram vestir os dois e sair com eles. Era evidente que nunca lhes ocorrera que a filha poderia ser suspeita. Para eles, simplesmente acontecera um acidente horrível.

— Sei que o momento deve ser difícil para a senhora — disse Imai, assim que foram embora. — Mas precisamos fazer algumas perguntas. — Yayoi levou-os para a sala de estar e deixou escapar um suspiro enquanto eles se sentavam. Sentia o teto mais baixo e mais pesado que de costume. Parecia, de alguma forma, uma injustiça ela ter que lidar com aqueles dois sujeitos de aparência séria, logo agora que se livrara de Kenji e de suas opressões constantes e começava uma vida nova com os filhos.

— O que os senhores querem saber? — perguntou, deixando a voz ir baixando gradativamente até chegar ao silêncio. Kinugasa passou um instante sem nada dizer, dedicando-se a estudá-la sem pressa e bastante abertamente. Yayoi imaginou que se a pressionasse de verdade, provavelmente confessaria tudo. Ela firmou-se instintivamente quando ele abriu a boca para falar, e quase se decepcionou quando sua voz saiu mais aguda e serena do que esperara, com seu hálito cheirando a nicotina.

— Se cooperar conosco, posso garantir que pegaremos o responsável logo logo.

— É claro — respondeu. Ele a olhou, passando a língua pelos lábios grossos. Yayoi logo imaginou que ele deveria estar estranhando o fato de ela não estar chorando. Até gostaria de forçar um pranto, mas seus olhos estavam secos.

— Soube que a senhora saiu para ir trabalhar antes que seu marido chegasse em casa na noite do homicídio. Não ficou angustiada por deixar seus filhos sozinhos em casa, nem preocupada com um incêndio ou um terremoto? — Seus olhos já estreitos apertaram-se ainda mais, e somente muito depois Yayoi foi perceber que era daquela maneira que ele sorria.

— Ele sempre... — começaria a dizer que ele sempre chegava atrasado e que já estava acostumada, mas balbuciou e parou. Se lhes contasse aquilo, eles perceberiam que o casal não andava em seus melhores momentos. — Ele sempre chegava em casa dentro do horário, mas naquele dia atrasou-se pela primeira vez. Estava muito preocupada, mas fui

trabalhar. É claro que fiquei irritada quando não o vi em casa quando cheguei.

— Por quê? — Kinugasa perguntou, retirando um bloquinho de anotações de plástico marrom do bolso detrás da calça e anotando alguma coisa.

— Por que fiquei irritada? — perguntou, subitamente aborrecida. — Nenhum dos senhores tem filhos?

— Eu tenho — Kinugasa respondeu. — Uma filha na faculdade e outra no ensino médio. Você tem filhos, Imai?

— Tenho — Imai respondeu. — Dois no ensino fundamental e um no jardim de infância.

— Então são capazes de entender perfeitamente o quanto fiquei angustiada por deixar duas crianças pequenas sozinhas a noite inteira. Minha primeira reação foi ficar com raiva. — Kinugasa anotou mais alguma coisa. Imai permaneceu sentado em silêncio, com seu bloquinho aberto, deixando que o mais velho tratasse do interrogatório.

— Então a senhora ficou irritada com o seu marido? — Kinugasa perguntou.

— É claro que fiquei. Ele sabia que eu precisava trabalhar e mesmo assim se atrasou... — Percebendo que o rancor em relação a Kenji estava prestes a explodir, ela se deteve. — Ou melhor, *achei* que tinha se atrasado — corrigiu-se. Seus ombros curvaram-se como se tivesse acabado de se dar conta de que ele nunca mais voltaria para casa. “Pouco importa que tenha sido você que o matou”, sussurrou uma voz nas profundezas de seu ser, mas ela a ignorou.

— Sim, sem dúvida — disse Kinugasa. — Mas isso já havia acontecido alguma vez?

— Ele não voltar para casa?

— Isso.

— Não, nunca. De vez em quando ele saía para beber e não chegava em casa antes de eu ter de sair para trabalhar, mas sempre vinha correndo o quanto antes.

— A maioria dos homens sente necessidade de sair de vez em quando — disse Kinugasa, fazendo um gesto de concordância com a cabeça. — E às vezes acaba ficando tarde...

— Eu entendia isso, e lamentava. Sempre me tratou bem. — *Mentirosa! Mentirosa!*, gritava para si mesma. Nem uma vez sequer ele

viera correndo para casa, e sempre me deixava preocupada e pensando se teria que deixar as crianças sozinhas. Tinha consciência do quanto eu odiava ir trabalhar antes que ele voltasse para casa, mas detestava tanto me ver que só voltava depois que eu tivesse ido embora. Ele era horrível! Horrível!

— Então, se era a primeira vez que ele passava a noite fora de casa, por que a senhora ficou irritada? Para mim, seria mais natural que ficasse preocupada.

— Achei que ele tivesse saído para se divertir — disse, com a voz quase como um sussurro.

— Vocês costumavam brigar?

— Às vezes.

— Por que motivos?

— Geralmente não tinha nenhum motivo específico.

— Acho que faz sentido. Casais costumam mesmo brigar pelas coisas mais bestas. Então está certo. Será que pode nos contar mais uma vez o que aconteceu no decorrer daquele dia? O marido da senhora saiu para trabalhar no horário de sempre?

— Foi, no horário de sempre.

— E foi com que roupa?

— Com a mesma que sempre ia, um terno... — Assim que acabou de pronunciar aquelas palavras, Yayoi lembrou-se de que Kenji não estava de paletó ao voltar para casa naquela noite. Talvez ainda estivesse jogado pela casa, ou talvez tenha enchido tanto a cara que acabou largando-o no meio do caminho. Esqueceu-se completamente do paletó. Uma sensação de pânico cresceu em seu peito e teve dificuldade para respirar, mas encontrou determinação para se acalmar.

— Tudo bem, senhora? — Kinugasa perguntou, voltando a apertar os olhos. Havia algo de desconcertante na contradição entre sua aparência rude e sua voz serena.

— Perdão... — murmurou. — Estava só pensando que aquela foi a última vez que o vi.

— É complicado mesmo quando acontece assim, tão de repente... — disse Kinugasa, olhando de esguelha para Imai. — Sempre vivenciamos essas coisas, mas mesmo assim, nunca conseguimos nos acostumar. Não é mesmo, Imai?

— É verdade. — Eles pareciam tão solidários, mas ela tinha consciência de que estavam esperando apenas que ela caísse em contradição. Mas ela não ia cair! Daria algum jeito de superar aquilo tudo. Pensara em todos os detalhes inúmeras vezes e sabia de cor a parte que lhe cabia. Mesmo assim, sempre que notava olhos desconfiados a observarem-na, sentia como se fossem capazes de ver o seu hematoma. Em parte, até queria desnudar o peito e expor sua dor... mas seria uma tentação perigosa. Subitamente se deu conta de que estava torcendo as mãos como se fossem uma toalha invisível, esperando espremer delas a força de vontade de que precisava para ajudá-la em sua resistência. Agora precisaria de muita força de vontade se tinha intenção de permanecer em liberdade.

— Perdão — pediu. — Não estou muito bem.

— Claro, claro — disse Kinugasa, tentando mostrar-se solidário. — Todo mundo se sente assim. Nós compreendemos como deve estar se sentindo, minha senhora. Até que está mais centrada do que na maioria dos casos. Geralmente as esposas das vítimas só fazem chorar, berrar e fica difícil conversar. — Ele esperou que ela se recompusesse.

— Ele estava com uma blusa branca — enfim, ela respondeu. — E uma gravata escura. — Seu tom de voz ficava mais e mais clínico e inexpressivo conforme ela descrevia as roupas de Kenji. — Sapatos pretos.

— Qual era a cor do terno?

— Cinza-claro.

— Cinza-claro — Kinugasa repetiu, anotando. — A senhora sabe qual era a marca?

— Não me lembro da marca, mas comprávamos todas as roupas dele em uma loja barateira chamada Minami.

— Inclusive os sapatos?

— Não, mas creio que ele os tenha comprado em outra loja aqui do bairro.

— A senhora sabe onde foi? — Imai perguntou.

— Acho que o nome é Centro de Calçados de Tóquio.

— E a cueca dele? — Imai continuou.

— Comprei no supermercado. — Essa última frase ela disse olhando para o chão, envergonhada.

— Podemos abordar isso tudo amanhã — disse Kinugasa, interrompendo-o. — Hoje só precisamos do básico. — Imai pareceu

incomodado, mas não expressou nada. — A que horas o marido da senhora saiu para trabalhar?

— No mesmo horário de sempre, para ter tempo de pegar o de 7:45h para Shinjuku.

— E a senhora não o viu mais, tampouco falou com ele depois?

— Não — Yayoi respondeu, afundando o rosto entre as mãos. Kinugasa deu uma olhada abrangente pela sala, como se houvesse acabado de perceber onde se encontrava. Estava repleta de brinquedos e livros que os avós trouxeram para as crianças.

— Aonde os pais da senhora levaram as crianças? — ele perguntou.

— Para comer alguma coisa.

— Está ficando tarde. — Sabendo que ela provavelmente queria privacidade durante o interrogatório, ele olhou o relógio e viu que já passava das 23 horas. — Acho melhor concluirmos logo.

— Pode nos dizer de onde seu marido era e onde moram os pais da senhora? — Imai perguntou, olhando por cima de seu bloquinho.

— Meu marido era natural de Gunma. Meus sogros devem chegar a qualquer momento. Eu sou de Yamanashi.

— A senhora contou aos pais dele sobre o desaparecimento? — Imai perguntou.

— Não... — ela balbuciou. — Não contei.

— Por quê? — Kinugasa questionou, passando as mãos pelos cabelos curtos.

— Não sei direito. Acho que porque os colegas de trabalho dele ficavam me dizendo que às vezes os homens fazem essas coisas e que logo ele estaria chegando em casa. Pareceu melhor não criar caso. — Imai ficou olhando para o bloquinho com uma expressão confusa.

— Mas Yamamoto-san, o marido da senhora não voltou para casa na terça-feira à noite, e no início da noite de quarta-feira a senhora já ligou querendo dar queixa. Nós só fomos registrar o caso na manhã da quinta-feira, e tudo isso já foi bastante rápido se comparado ao que acontece normalmente nesses casos. Já que a senhora quis nos avisar com tanta prontidão, por que não telefonou para os pais dele? Não deveriam ser as primeiras pessoas com quem a senhora falaria?

— Acho que sim, mas nem a minha família e nem a dele aprovaram o nosso casamento, então, não convivi muito com eles durante esses anos.

— Importa-se em nos dizer por que eram contra? — Kinugasa perguntou.

— Nem eu mesma sei direito — Yayoi respondeu. — Acho que meus pais deixaram claro que não gostavam muito de Kenji, e isso deixou a mãe dele furiosa... — A verdade era que Yayoi nunca se deu bem com a sogra, e não se comunicavam muito. Inclusive, agora, temia a chegada daquela mulher e toda a comoção que criaria. Yayoi até se perguntava se o ódio que acabou sentindo por Kenji, em parte, não era por ser filho daquela mulher.

— Mas por que os pais da senhora não gostavam de seu marido? — Kinugasa perguntou.

— É difícil saber. — Hesitou por um momento. — Sou filha única e acho que devem ter criado grandes expectativas em relação ao homem com quem queriam que me casasse.

— É bem provável — Kinugasa concordou. — Sobretudo por terem uma filha tão bonita, com o perdão da liberdade.

— Não foi por isso — Yayoi disse como se afirmasse um fato consumado.

— Não? Então qual era o motivo? — Ele subitamente adotou um tom paternal. “Abra-se”, parecia dizer. “Pode me contar qualquer coisa, qualquer coisa mesmo.” Yayoi se sentia cada vez mais incomodada conforme o interrogatório abordava assuntos que não previra. Eles pareciam querer saber sobre todos os aspectos da relação que ela tinha com Kenji, e estavam criando uma imagem do casal, e usando-a para tirar conclusões.

— Meu marido gostava de apostar antes do casamento — revelou. — Apostava em corridas de cavalos, de bicicletas, essas coisas. Até já chegara a pedir empréstimos para saldar as dívidas de jogo, mas sempre pagou tudo direitinho. Meus pais descobriram e disseram que seriam contra o nosso casamento. Só que ele parou logo que começamos a namorar. — Os dois entreolharam-se ao ouvirem falar em jogo e a pergunta seguinte de Kinugasa apresentou uma nova intensidade.

— E recentemente?

Yayoi passou alguns instantes a refletir se deveria contar-lhes a respeito do bacará. Será que Masako tinha dito para não contar? Não se lembrava. Yayoi fez uma pausa, temendo que se contasse a respeito do jogo, eles descobririam que Kenji andara agredindo-a.

— Diga — Kinugasa incitou-a. — Pode nos contar.

— Bem...

— Ele tinha voltado a jogar, não é mesmo?

— Acho que sim — ela confirmou, tremendo levemente. — Ele falou alguma coisa sobre “bacará”. — Embora ela ainda não soubesse, aquela palavra provaria ser sua salvação.

— Bacará? Ele disse onde andava jogando?

— Acho que era em Shinjuku — sussurrou.

— Obrigado — Kinugasa agradeceu. — Ficamos gratos que tenha nos contado sobre isso. Acho que agora é certo que vamos pegar o assassino dele.

— Estava pensando... — Yayoi balbuciou, percebendo que as perguntas estavam chegando ao fim. — Será que os senhores acham que posso ver meu marido? — Nenhum dos dois detetives falara sobre ver o corpo.

— Pensamos em pedir ao cunhado da senhora que fosse identificá-lo, mas não sei se seria uma boa ideia a senhora ir junto — Kinugasa lhe disse, quando então, tirou algumas fotografias em preto e branco de um envelope que estava em sua pasta, segurou-as próximo ao peito como uma mão de pôquer e escolheu uma para colocar na mesa à frente dela. — Se está pensando em de verdade ir, talvez seja melhor a senhora olhar estas fotos antes de se decidir.

Yayoi esticou a mão e pegou uma das fotos com bastante cautela. A imagem mostrava uma sacola plástica e uma massa disforme de carne mutilada. Uma mão era a única coisa possível de identificar — a de Kenji — com as pontas dos dedos cortadas em círculos enegrecidos. Ela perdeu o fôlego e por um instante foi tomada por uma aversão a Masako e às outras. Aquilo era simplesmente horrível demais. Yayoi tinha consciência de que o havia assassinado e que depois pedira a elas que se livrassem do corpo; sabia que estava sendo irracional. Mas agora que via o corpo desfigurado de Kenji com os próprios olhos, não conseguiu deter a explosão de indignação que a tomou de assalto. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela enterrou o rosto entre os braços.

— Sinto muito — Kinugasa desculpou-se, afagando-lhe delicadamente o ombro. — Sei que é difícil, mas a senhora precisa ser forte. Seus filhos vão precisar da senhora. — Os detetives pareceram quase aliviados ao verem as lágrimas. Um instante depois, Yayoi ergueu o olhar e secou as lágrimas com as costas da mão. Sentia-se completamente perdida. Kuniko

tinha razão quando lhe disse que não havia como ela entender. Era verdade, ela não entendia mesmo. Seria mais fácil convencer-se de que Kenji simplesmente fugira para algum lugar.

— A senhora está bem? — Kinugasa perguntou.

— Estou, peço perdão.

— Seria bom se a senhora fosse à delegacia amanhã — disse, levantando-se para ir embora. — Queremos repassar mais algumas coisas.

— É claro — Yayoi concordou com um murmúrio. Tinha mais? Quando aquilo iria acabar? Contudo, Imai ainda permanecia sentado, à frente dela, pesquisando lentamente seu bloquinho.

— Perdão — ele disse, erguendo o olhar. — Mas me esqueci de perguntar uma coisa.

— Pois não? — ela falou, olhando em meio às lágrimas. Ele dedicou alguns instantes a estudá-la.

— A que horas mais ou menos a senhora chegou em casa da fábrica na manhã seguinte ao desaparecimento de seu marido? Será que poderia, por favor, reviver os acontecimentos daquele dia para nós?

— O expediente terminou às cinco e meia da manhã, troquei de roupa e cheguei em casa um pouco antes das seis.

— A senhora sempre vem direto para casa? — perguntou de forma serena.

— É o que costumo fazer — disse Yayoi, ciente de que ainda não se recobrava do choque de ver aquelas fotos, e de que precisava escolher com muita cautela as palavras. — Às vezes passo um tempo de papo com umas amigas, mas naquela noite, como Kenji ainda não tinha voltado até a hora em que saí, fiquei preocupada e vim direto para casa.

— É claro — Imai falou, sinalizando com a cabeça para que ela continuasse.

— Então, tirei um cochilo de umas duas horas antes de levar as crianças para a creche.

— Estava chovendo, não é mesmo? A senhora foi de carro?

— Não, nós não temos carro e não sei dirigir. Eu os levo de bicicleta.

— Ela percebeu mais uma rápida troca de olhares. O fato de nunca ter aprendido a dirigir lhe seria de bastante valia.

— E depois... — Imai induziu.

— Voltei para cá por volta de 9:30h e passei um tempo conversando com uma vizinha lá fora, perto das latas de lixo. Depois lavei roupa e fiz

uma faxina na casa. Mais tarde, lá pelas onze, caí no sono de novo. Quando deu 13 horas, ligaram do trabalho de meu marido dizendo que ele não tinha ido trabalhar. Fiquei estupefata, para dizer o mínimo. — Conforme revivia tudo aquilo, as falas decoradas fluíam tranquilamente; começou a se acalmar e se deu conta do quanto enganou-se ao sentir aversão a Masako, por mais que tenha sido mínima.

— Obrigado — Imai agradeceu, fechando seu bloquinho com um estalo. Kinugasa passou aquele tempo todo de pé, impaciente e de braços cruzados. Enquanto os acompanhava até a entrada e os observava arrastando os pés de volta a seus sapatos, Yayoi sentia-lhes as suspeitas esvanecendo-se e dando lugar a uma nova onda de comiseração.

— Até amanhã — Kinugasa despediu-se antes de fechar a porta e partir. Depois que foram embora, Yayoi olhou para o relógio. A mãe e o irmão de Kenji logo chegariam. Ela engoliu em seco, preparando-se para as lágrimas da sogra. O bom era que agora poderia usar as próprias lágrimas como defesa. O interrogatório dos detetives fora um bom ensaio para o que estava por vir. O nervosismo e a confusão pareciam ter desaparecido. De repente, dando-se conta de que estava no local exato no qual Kenji morrera, ela deu um saltinho.

SONHOS SOMBRIOS

1

Mais uma tarde inflamada. Mitsuyoshi Satake olhava pela janela, por detrás da cortina, tinha os braços cruzados sobre o peito. De sua janela no segundo andar a cidade lá fora parecia dividida entre os locais iluminados fantasticamente pelo sol do solstício de verão e os condenados às sombras. As folhas das árvores que margeavam a estrada pareciam em brasa, com a área sob elas formando uma pequena mancha negra. Os vultos das pessoas apressadas pareciam luminosos, deixando um rastro de sombras escuras. As linhas brancas das faixas de pedestres empenavam-se sob todo aquele calor e Satake encolheu-se ao vê-las, recordando-se da desagradável sensação dos sapatos de alguém afundando no asfalto quente.

Logo à frente assomava-se a multidão de arranha-céus próxima à saída oeste da estação de Shinjuku. As faixas verticais daquele céu azul desanuviado entre as torres eram quase brilhantes demais para se olhar e fechou os olhos; só que aquela imagem não deixou-lhe a retina. Fechou a cortina e deu as costas àquilo tudo, esperando que seus olhos se adaptassem à penumbra. O apartamento tinha apenas dois cômodos pequenos, com velhos tatames a cobrir o chão, e era dividido por portas de correr desbotadas. O refrigerador de ar gelava bastante, e, no centro de um dos cômodos, uma TV grande tremeluzia à meia-luz. Quase não havia mais mobília. Logo após a saleta que ficava à entrada do apartamento havia uma cozinha pequena, mas como Satake nunca a usava, não havia panelas ou pratos. No cômputo geral, era uma moradia despretensiosa para um indivíduo como ele.

Na verdade, enquanto estava em casa, a aparência de Satake combinava com o apartamento; uma blusa branca por cima da calça cinza gasta à altura dos joelhos. Era seu traje preferido. Mas quando saía, era obrigado a pensar em como seria sua aparência para o resto do mundo e, então, se via representando o papel de Mitsuyoshi Satake, dono de boate.

Após dobrar as mangas da blusa, lavou as mãos e o rosto com a água morna da torneira. Depois secou-os com uma toalha e sentou-se em frente à TV, dobrando as pernas sobre o corpo. A versão dublada de um filme

antigo americano bruxuleava na tela, mas seus olhos deixaram-se perder, e ele simplesmente ficou sentado em meio ao seu torpor, passando as mãos pelos cabelos raspados bem rentes. Na verdade, ele não queria assistir a nada; sua vontade era apenas banhar-se àquela luz artificial sem sentido.

Satake detestava o verão. Não era tanto o calor que o incomodava, mas os vários sinais da estação nas ruas da periferia da cidade que lhe traziam lembranças. Foi durante as férias de verão do segundo ano do ensino médio que agrediu o pai com tanta força que chegou a quebrar-lhe a mandíbula e, depois, foi embora de casa. Aquilo mudou sua vida para sempre e aconteceu em um cômodo igual àquele em que estava agora, em agosto, com o ar-condicionado a roncar justamente como naquele momento.

Engolido pelo odor quente da cidade, Satake se dava conta de que o limite entre seu eu interior e o exterior parecia evaporar-se. O ar fétido infiltrava-se por seus poros e maculava o que havia por dentro, enquanto suas emoções ardentes escoavam de seu corpo e ganhavam as ruas. Em Tóquio, no verão, ele se sentia intimidado pela cidade, portanto, sempre pareceu melhor fugir da estação o máximo possível e das ondas daquele calor massacrante que varria as ruas.

A volta da sensação era sempre o sinal de que a temporada de chuvas chegava ao fim e o verão começava de fato. Para afugentá-la do apartamento, ele se levantou e dirigiu-se ao outro cômodo, abriu a janela e, antes que os vapores e a poluição sonora pudessem entrar, puxou uma proteção contra tempestades e fechou-a enfaticamente. Quando terminou, o cômodo escureceu-se todo e Satake afundou-se no tatame desbotado com uma sensação de alívio. O quarto abrigava uma cômoda e um *futon* dobrado com esmero, com os cantos formando ângulos perfeitos, quase como se um triângulo de um aluno aplicado houvesse sido colocado dentro dele, e tudo aquilo fazia lembrar uma cela de prisão — excetuando-se, é claro, a televisão. Na cadeia, Satake sofrera não só devido às lembranças da mulher que assassinara, como devido ao espaço reduzido e abafado ao qual estava confinado. Quando foi libertado, evitou morar em um grande complexo de apartamentos de concreto onde se sentiria enclausurado, e em vez disso optou por aquele edifício de madeira velho e cheio de correntes de ar. Praticamente pelo mesmo motivo, a televisão, seu elo de ligação com o mundo de fora, passava o dia inteiro ligada.

Ele voltou e sentou-se à frente dela com a postura formal obrigatória na cadeia. Não havia proteção contra tempestades nas janelas daquele cômodo, e por isso a luz do sol continuava a entrar pela cortina. Ele tirou o volume da televisão, deixando apenas o ruído surdo e prolongado dos carros lá fora, na avenida Yamate, e o zunido do ar-condicionado. Satake acendeu um cigarro e olhou para a tela em meio à fumaça sem saber direito a que estava assistindo. Um programa de entrevistas acabara de começar e o apresentador, com uma expressão séria, se utilizava de um bloco de folhas grandes apoiado em um cavalete para ilustrar o assunto. Satake percebeu que era um programa especial dedicado a um caso policial que andava recebendo bastante atenção — algo sobre um corpo desmembrado encontrado na última semana em um parque do subúrbio. Sem interesse no assunto, cobriu a cabeça com os braços para se proteger do mundo lá fora. Porém, naquele exato momento, o celular que estava ao seu lado começou a tocar, como se houvesse notado o que estava fazendo. Ele hesitou, em parte amaldiçoando mais aquele elo com o mundo exterior, porém, enfim, atendeu o telefone.

— É Satake — ele anunciou, com a voz grave e áspera. Não queria faiar com ninguém naquele dia, e o calor ameaçava avivar-lhe as lembranças cuidadosamente reprimidas; contudo, também sentia necessidade de distrair-se. Sua impaciência e humor instável deixavam-no irritado; era como o que sentia em relação à cidade no verão, detestava as ruas sob aquele calor opressivo, mas tinha consciência de que nunca poderia viver em qualquer outro lugar.

— Meu amor, sou eu — disse uma voz. Era Anna. Satake olhou para o Rolex que usava em seu pulso; exatamente 13 horas. Já estava na hora de começarem suas rotinas. Ele deteve-se durante alguns instantes, pensando se poderia ficar em casa em um dia tão sufocante.

— E aí? — enfim, perguntou. — Para o salão de beleza?

— Não, está quente demais. Estava pensando... Por que, em vez disso, não vamos para a piscina?

— Para a piscina? Agora?

— É. Vem comigo! — Os odores de cloro e óleo bronzeador voltaram-lhe à memória, não eram aquelas lembranças de verão que vinha evitando, mas ainda preferiria dizer não.

— Já não está um pouquinho tarde? Não seria melhor deixar para ir no seu dia de folga?

— Mas no domingo fica tão cheia... Não podemos ir hoje? Anna quer nadar!

— Está bem, está bem. Vamos — Satake vaticinou, subitamente decisivo. Depois desligou o telefone e acendeu outro cigarro, espremendo os olhos para enxergar a TV sem som. Na tela, o rosto nervoso de uma mulher que devia ser a esposa da vítima. Trajava uma camiseta desbotada e calça jeans. Os cabelos estavam presos para trás, formando um coque simples, e ela estava praticamente sem nenhuma maquiagem. Satake dedicou-se a analisar o rosto daquela mulher. Percebendo-a muito mais bonita do que a imaginaria, mudou quase automaticamente para seu método profissional, calculando-lhe o valor com os olhos de um especialista. Concluiu que não passara muito dos trinta, e com um pouco de maquiagem bem feita aquele rosto ainda encontraria compradores. O que mais lhe chamou atenção em relação a ela, entretanto, foi o quanto aparentava calma, apesar de o marido ter sido assassinado. Uma legenda aparecia na parte de baixo da tela: “A esposa da vítima de homicídio Kenji Yamamoto”; mas aquele nome não lhe dizia nada. Há muito já se esquecera de que expulsara um homem chamado Yamamoto de sua boate outra noite, e batido nele na escada. No momento, estava muito mais preocupado com a fervente tarde de verão que o aguardava, e com o confuso pressentimento que aquilo lhe transmitia. Se tivesse uma premonição daquelas naquele outro dia, há anos, talvez tivesse escapado. Talvez nunca houvesse conhecido aquela mulher, e sua vida teria sido diferente. Hoje o mesmo temor o incomodava, mas ele não fazia a mínima ideia do porquê.

Dez minutos depois, ia apressado até o estacionamento onde guardava o carro. Por trás dos óculos escuros ele via a estrada a distância a emitir uma luz trêmula, como uma miragem. Sua pele, acostumada ao apartamento gelado e escuro, começou a suar à primeira investida do calor e da intensa luz do sol. Secou o suor da testa com as costas da mão enquanto esperava o carro aparecer de dentro do elevador do estacionamento. Assim que fechou a porta, ligou o refrigerador, mas ainda sentia o calor no volante de couro.

Satake estava acostumado às exigências fortuitas de Anna. Um dia, queria que a levasse às compras; no outro, ele tinha de encontrar um novo cabeleireiro para ela, ou um novo veterinário. Ela sempre o fazia correr para cima e para baixo pela cidade, mas ele entendia que era seu jeito de

testar o carinho dele. Satake abriu um sorriso enquanto dirigia em meio ao trânsito, encantado com aquela criança linda e cheia de caprichos.

Quando ele tocou o interfone, a porta se abriu quase em seguida, como se Anna o estivesse esperando. Ela usava um chapéu amarelo de aba grande e um leve vestido de verão, também amarelo, para combinar. Franziu os lábios para simular aborrecimento enquanto atrapalhava-se com as tiras das sandálias pretas e brilhantes.

— Por que demorou tanto?

— Não posso fazer nada se você inventa de uma hora para a outra essas ideias impulsivas — disse Satake, abrindo a porta do carro. Ele percebeu uma onda do odor característico do apartamento de Anna, uma mistura de cheiro de cachorro e de cosméticos. — Para onde quer ir? — ele perguntou.

— Para a piscina, é claro! — gritou, saindo rápido de casa, e correndo até o parapeito. Lá, esticou-se para fora o máximo que conseguiu e ficou olhando para o céu, como se quisesse ter certeza de que o dia ainda estava extremamente quente. Anna mal conseguia conter a empolgação e parecia ignorar completamente o humor lúgubre de Satake.

— Mas que piscina? A do Keio Plaza? Do New Otani?

— Hotéis custam uma fortuna — descartou. Mesmo quando estava gastando o dinheiro de Satake, Anna procurava evitar extravagâncias desnecessárias.

— Então, para onde? — perguntou, partindo em direção ao elevador.

— Podemos ir para a piscina municipal — resolveu. — ¥400 para os dois.

Não havia como negar que a piscina municipal era barata, mas também era barulhenta e cheia. Ainda assim, se ela queria, para ele estava tudo bem. Sua única vontade era sobreviver ao calor; se fosse possível agradar Anna ao mesmo tempo, melhor ainda.

A piscina estava lotada de grupos escolares e jovens casais. Uma série de árvores margeava o terraço ao redor da piscina, e Satake esperou à sombra até Anna sair do vestiário com seu biquíni vermelho-claro.

— Amor! — ela chamou, acenando. Ele analisou-lhe o corpo, conforme corria em sua direção. Era perfeito, excetuando-se talvez o fato de sua pele parecer branca demais para uma piscina. Seus seios e quadris

eram firmes e suas pernas, compridas. Suas coxas eram magérrimas e, ainda assim, o efeito geral era de uma pele lisa e macia. — Você não vai nadar? — ela perguntou, respirando fundo, como se quisesse sentir o cheiro do cloro.

— Vou ficar olhando você daqui.

— Por quê? — ela perguntou, puxando-lhe o braço. — Anda, vamos entrar!

— Vá você. Não demore. Só podemos ficar por mais ou menos uma hora.

— Só isso?

— Já discutimos sobre isso. Você tem de reservar um tempo para o cabeleireiro. — Anna fez um gesto de irritação, mas então pareceu pensar melhor e correu na direção da piscina. No meio do caminho pelo terraço, ela pegou uma bola de praia do chão e começou a jogar com um grupo de garotinhas. Satake abriu um sorriso. Era uma graça. Não precisava de mais nada, queria apenas estar a seu lado, cuidar dela. Não tinha como negar que ela lhe trazia conforto. Só que mesmo assim ela não conseguia silenciar o sussurro do passado que o começo súbito do verão instituíra em sua cabeça. Fechou os olhos por trás dos óculos escuros.

Quando os abriu, Anna já não estava mais jogando na piscina. Ele a avistou logo depois, agitando os compridos braços brancos em sua direção, do meio daquela ampla vastidão de água azul, perdida em um oceano de crianças que só sabiam gritar e jogar água para todos os lados. Satisfeita por ele tê-la visto, começou a nadar pela piscina, treinando seu nado *crawl* desajeitado. Satake ficou observando enquanto um jovem a seguiu para depois puxar assunto com ela sob o trampolim e voltou a fechar os olhos.

Alguns minutos depois, Anna estava de pé a seu lado, pingando. Ela torceu os cabelos negros e grossos sobre a cabeça. Satake percebeu que o jovem os observava. Usava um rabo de cavalo e só um brinco.

— Você está sendo observada — revelou.

— Ele estava conversando comigo na piscina.

— Quem é?

— Disse que é de uma banda — ela falou despreocupadamente, mas virou ligeiramente a cabeça para verificar a reação de Satake, que apenas fitava os pingos d'água que lhe escorriam pelos braços e pernas, saboreando-lhe a juventude e a beleza.

— Vá nadar com ele. Você ainda tem um pouco de tempo.

— Por que eu iria querer fazer isso? — ela perguntou, olhando para Satake com cara de decepcionada.

— Ele estava dando em cima de você, não é verdade?

— Não vai se importar?

— Não, contanto que vá trabalhar.

— Ora... — ela balbuciou. Foi como o estouro de uma bolha de inocência. Livrando-se da toalha, ela correu de volta para onde o rapaz estava deitado, ao lado da piscina. Conforme se sentava para cumprimentá-la, obviamente encantado, ele virou-se para olhar para Satake, incrédulo.

Anna ficou em silêncio durante o caminho de volta para casa depois que deixaram a piscina.

— Vou deixá-la no cabeleireiro — ele disse.

— Mas não precisa ir me buscar — ela respondeu.

— Por quê?

— Eu pego um táxi.

— Está bem. Vou tomar um banho e depois vou dar uma olhada na boate. — Depois de deixá-la no lugar de sempre, tomou a avenida Yamate. O sol estava baixo e brilhava diretamente em seus olhos. O pôr do sol do verão sempre fazia com que Satake se lembrasse de uma coisa, uma memória que, de tão intensa, fazia com que se retraísse. De volta ao calor de seu apartamento, observou que as sombras das torres de Shinjuku começavam a estender-se pela rua ao lado de fora de sua janela. Aquela sensação, uma inquietude incontrollável, estava voltando novamente.

Quando entrou na Mika à noite, todas as garçonetes viraram-se na direção da porta em sua saudação costumeira. Por um instante seus rostos exibiram os sorrisos plásticos reservados para a clientela, mas quando perceberam quem era, os sorrisos esmoreceram-se. Satake deu uma olhada ao redor daquele ambiente vazio.

— Que droga está havendo? Por acaso chegou à época de baixa? — perguntou a Chin, o gerente responsável pela área comum que estava ao seu lado.

— Ainda está cedo — Chin respondeu, desdobrando rapidamente suas mangas. Satake, que era rígido com a aparência de seus funcionários,

percebeu que a gravata-borboleta dele estava torta e que sua calça preta estava amassada.

— Você está horrível — ele criticou-o, ajeitando-lhe a gravata com um puxão rude.

— Perdão — Chin murmurou, afastando-se. Reika, a administradora, percebeu que o humor de Satake estava ruim, e veio correndo da cozinha. Ela trajava um vestido negro e usava um colar de pérolas — como se estivesse indo para um enterro, ele notou acidamente.

— Boa-noite, Satake-san. Receio que a noite esteja um pouco devagar devido a esse calor todo.

— Como assim, um pouco devagar? Não tem feito os telefonemas? Só não consigo acreditar que você seja incapaz de divulgar *este* negócio! — Seus olhos voltaram a varrer o ambiente até que se detiveram nos vasos. — E compre flores novas! — gritou.

Geralmente Satake mantinha certa discrição em seus estabelecimentos, mas aquela noite era diferente. Sua expressão de insatisfação fez com que Chin corresse até o vaso mais próximo de campânulas cor de malva que já estavam murchas demais. As garçonetes alternavam olhadelas nervosas entre Satake e o vaso.

— Alguns fregueses que vêm sempre disseram que virão mais tarde — disse Reika, tentando confortá-lo.

— Não pode administrar um negócio assim, esperando como uma merda de princesa que as pessoas apareçam. Vá lá para a rua e arraste-as para dentro!

— Era justamente o que estava prestes a fazer — Reika revelou, rindo cordialmente, porém, sem fazer qualquer menção de ir, evidentemente relutante em enfrentar o calor que fazia lá fora. Controlando a fúria, Satake voltou a olhar pelo salão, e sentiu que alguma coisa estava faltando, e se deu conta do que era.

— Cadê a Anna? — perguntou.

— Telefonou dizendo que tiraria a noite de folga.

— E deu algum motivo?

— Disse que tomou sol demais na piscina e que não estava se sentindo muito bem.

— Está bem — ele resmungou. — Depois eu volto.

O alívio ficou evidente no rosto dela. Satake percebeu que o estabelecimento inteiro pareceu se acalmar enquanto ele ia embora, ainda

lutando para controlar a raiva.

Do lado de fora, foi engolido pelo ar sufocante de Kabuki-cho. Embora o sol já tivesse se posto, o calor e a umidade continuavam, como se toda a cidade fosse uma sauna. O calor estava aprisionado do lado de dentro, como se estivesse se acumulando sob a pele de um encardido homem de meia-idade com poros entupidos. Satake soltou um gemido ao subir a escadaria que o levaria ao andar de cima, um pouco mais lentamente do que de costume. Todos haviam ficado um pouco relaxados na Mika, e ele teria que tomar alguma providência.

Quando Satake abriu a porta da Playground, Kunimatsu dirigiu-se para cumprimentá-lo. Ele ficou aliviado ao ver vários empresários em volta das mesas.

— O senhor chegou cedo esta noite — disse Kunimatsu, lançando uma olhadela para as roupas de Satake. Percebendo que manchas de suor em seu paletó cinza prateado se tornavam evidentes, ele o tirou, mas a blusa preta de seda que usava por baixo estava toda ensopada e grudava-se aos contornos dos músculos de seu tórax. — Está quente aqui dentro? — Kunimatsu perguntou-lhe com preocupação conforme pegava o paletó.

— Não, está bom — Satake respondeu, pegando seus cigarros. Um jovem crupiê, que treinava em uma mesa vazia antes de assumir um jogo, ergueu o olhar na direção deles. Satake percebeu um leve desdém em sua expressão ao ver o paletó naquelas condições. — Qual é o nome do novato? — ele perguntou a Kunimatsu.

— Yanagi.

— Diga-lhe para se policiar na frente dos fregueses. Ninguém quer ver um crupiê fazendo caras como aquela.

— Vou dizer — Kunimatsu murmurou, afastando-se como se quisesse se distanciar do raro mau humor de Satake, que pôs-se de pé e terminou seu cigarro. Um pouco antes de apagá-lo, uma das coelhinhas aproximou-se para trocar o cinzeiro, e ele acendeu outro. Os funcionários pareciam observá-lo com nervosismo, prestando mais atenção nele do que nos fregueses; e de alguma maneira, embora fosse sua própria boate, pela primeira vez ele se sentia bastante deslocado.

— Posso incomodar o senhor um minuto? — Kunimatsu perguntou, reaproximando-se.

— O que foi?

— Queria mostrar-lhe uma coisa, senhor. — Satake acompanhou a silhueta alta, trajando um smoking, de seu administrador até uma pequena sala nos fundos do clube, que servia como seu escritório. — Um cliente deixou isto aqui — ele disse, tirando um paletó cinza do armário. Satake notou o paletó prateado que acabara de tirar em outro cabide. — Não consegui chegar a uma conclusão sobre o que deveríamos fazer com ele.

— Ninguém veio procurá-lo? — Satake perguntou, pegando a peça. Era de uma lã muito fina, evidentemente barato.

— Olhe só para isto — disse Kunimatsu, indicando uma etiqueta costurada no bolso. “Yamamoto” fora bordado a máquina, com fios amarelos de lã.

— Yamamoto?

— Não se lembra? O sujeito que o senhor colocou para fora no início da semana passada.

— Ah, ele... — disse Satake, recordando-se do sujeito que andava incomodando Anna.

— Ele não voltou para buscá-lo. O que fazemos?

— Jogue fora.

— O senhor não acha que alguma hora ele vai aparecer para buscá-lo?

— Ele não vai voltar — Satake profetizou. — E se aparecer, diga-lhe apenas que não o encontramos.

— É o que farei — disse Kunimatsu, balançando a cabeça em um leve gesto de concordância. Pareceu querer dizer mais alguma coisa, mas pensou melhor e desistiu.

Após discutir os recibos recentes durante alguns minutos, Satake deixou o escritório. Kunimatsu apressou-se atrás dele, ainda tentando agradar-lhe. Duas jovens espalhafatosas, aparentemente garçonetes do bairro, tinham ido jogar. Ao ver a pele artificialmente bronzeada delas, Satake pensou em sua predileta.

— Vou ver como Anna está — disse ele. — Mais tarde eu volto. — Kunimatsu cumprimentou-o respeitosamente com uma saudação, curvando-se, mas Satake não deixou de perceber como ele relaxou depois de vê-lo sair pela porta. Em momentos como aquele, quando via o quanto seus funcionários pareciam ficar nervosos em sua presença, ele imaginava se de alguma maneira haviam descoberto seu passado.

Vinha sendo um modelo de autocontrole, esforçando-se tanto para manter seu lado tenebroso escondido, mas tinha consciência de que apenas

uma dica do que já fizera deixaria os outros horrorizados. Ainda assim, apenas ele e aquela mulher sabiam de verdade o que havia acontecido, e ninguém mais seria capaz de entender o que ele fez. Foi azar de Satake provar do fruto proibido com 26 anos, e foi eliminado do mundo normal desde então.

Alguma coisa pareceu-lhe estranha quando chegou ao apartamento de Anna. Ninguém respondeu quando ele tocou o interfone. Estava pegando o telefone celular para ligar para o dela quando, enfim, uma voz saiu crepitando pelo aparelho.

— Quem é?

— Sou eu — disse Satake.

— Amor?

— Você está bem? Quero vê-la um instante.

— Está bem — ela murmurou. Ele escutou-a tirar a corrente da porta, Satake logo notou a estranheza daquilo, já que Anna nunca a usava. — Sinto muito não ter aparecido para trabalhar — disse ela, após abrir a porta. Vestia um short e uma camiseta e estava um pouco pálida. Satake olhou para o chão da saleta que ficava à entrada do apartamento. Um par de tênis da moda encontrava-se ao lado dos sapatos de Anna.

— O sujeito da piscina? — ele perguntou. Os olhos dela acompanharam os de Satake até os sapatos e ela enrubesceu. — Não me importo se você sai transando com os outros por aí, mas não pode permitir que isso atrapalhe o seu trabalho. E nada de casos amorosos.

Ela retraiu-se e ficou olhando para ele como se estivesse chocada.

— Quer dizer que você não liga?

— Particularmente, não — respondeu. Em um instante, os olhos dela encheram-se de lágrimas. Satake percebeu, mas parecia mais um aborrecimento do que qualquer outra coisa. Ela era uma graça, mesmo sem levar em conta o seu valor para a boate, mas para ele, era apenas uma linda criança vaidosa a quem gostava de mimar ainda mais. Como a pele que lhes cobria os corpos, o relacionamento dos dois estava somente na superfície. — Só peço que não volte a se ausentar sem motivo — ele pediu.

Enquanto ela se virava sem nada dizer e voltava para dentro, ocorreu a Satake que aquela paixonitezinha e sua reação pudessem levá-la a pensar

em ir trabalhar em outra boate. Fechou a porta antes de sair com o máximo de suavidade possível. No caminho de volta, ficou se perguntando por que tudo parecia estar dando errado naquele dia. Sentia-se impaciente e inconstante, como se o lacre de seu passado de alguma maneira houvesse se quebrado. Ele se esforçou para manter suas lembranças presas a sete chaves.

Resolveu esquecer a outra visita à Mika e encaminhou-se direto para a Playground.

— Como ela está? — Kunimatsu perguntou, abrindo a porta para ele.
— Fiquei sabendo que tirou a noite de folga.

— Não é nada sério. Tenho certeza de que estará de volta ao trabalho amanhã.

— Que bom! E também soube que as coisas melhoraram lá embaixo desde que o senhor passou lá mais cedo.

— Fico contente em ouvir isso — disse Satake, sentindo-se ligeiramente aliviado. Ele deu mais uma rápida avaliada nos clientes: quinze no total. Metade era de empresários e os outros, ligados à vida noturna de Shinjuku. Desses, metade era cliente de sempre da boate. Não era um pessoal ruim, no geral, Satake deu-se como satisfeito. Agora só precisava descobrir o que fazer em relação à pequena crise com Anna. Não seria bom que ela fosse trabalhar em outra boate por causa de uma besteira daquelas.

No exato momento em que recuperava a serenidade e se acalmava para refletir sobre o problema, a porta se abriu e entraram dois novos fregueses. Eram comuns por demais — homens de meia-idade trajando blusas de mangas curtas — e Satake teve a sensação de que já os conhecia de algum lugar, embora não fosse capaz de apontar onde. Funcionários? Donos de lojas? Só que olhavam ao redor com curiosidade, com os olhos mais aguçados que os de um apostador normal. Satake, que geralmente avaliava com sucesso um freguês com uma mera olhadela, estava completamente perdido.

— Sejam bem-vindos, cavalheiros — Kunimatsu falou alto, caminhando até eles para recebê-los. Indicou uma mesa e, a pedidos, começou a explicar o jogo e as regras do estabelecimento. Ao chegar ao

fim, um dos dois sujeitos levou a mão ao bolso do peito e tirou uma carteira de couro preto.

— Somos da delegacia metropolitana — ele anunciou, exibindo a comprovação. — Gostaria de pedir que todos permaneçam onde estão. Queremos conversar com o administrador. — O silêncio dominou o local e Kunimatsu lançou encabuladamente uma olhadela na direção de Satake.

Então, será que era aquele pressentimento que vinha acompanhando-o desde a manhã? É claro que pareciam conhecidos — eram como todo e qualquer policial que ele já vira. Ele pegou uma ficha de jogo que estava sobre a mesa e a amassou entre os dedos para se controlar e não soltar uma gargalhada.

2

Satake imaginou ter escutado errado quando outro detetive entrou na sala de interrogatórios e se apresentou:

— Kinugasa — disse ele — da Divisão Central de Investigação.

— Como assim, “Divisão Central de Investigação”? — perguntou. — Do que se trata tudo isso?

— Sobre o que o senhor acha que se trata? — Kinugasa riu. Era atarracado e parecia durão, tinha aquele olhar fixo que parecia comum a todo detetive, não era o olhar favorito de Satake. — Quero lhe fazer algumas perguntas sobre um outro caso em que estamos trabalhando.

— Que outro caso? — Já o haviam mantido preso por mais de uma semana devido a nada além de uma suspeita de operação de um estabelecimento de apostas sem licença, e agora os garotões da Central é que assumiam. O que queriam? Tinha que admitir que o deixaram apavorado, mas não podia permitir que soubessem. — O que a Central quer com uma acusaçõzinha tão ridícula como esta? Que outro caso?

— Um pequeno homicídio seguido de desmembramento — Kinugasa respondeu. Tirando um isqueiro descartável do bolso da desbotada blusa polo negra, acendeu um cigarro e deu-lhe uma tragada longa e prazerosa enquanto observava a reação de Satake.

— Desmembramento?

— O senhor me parece um pouco preocupado. — Apontou. Satake trajava uma blusa azul que Reika lhe enviara. Não gostava muito da cor, mas a blusa de seda negra com a qual fora preso estava encharcada de suor.

— Particularmente, não. — Ele riu.

— “Particularmente, não”, o quê? Você não tem muitos motivos para rir, seu babaca. Portanto, comece a falar. — Kinugasa e o outro detetive da delegacia de Shinjuku entreolharam-se com aborrecimento estampado nas faces. — Ou já está tão acostumado a vir para o xadrez que nem mais se incomoda?

— Agora espere aí — ele interrompeu. — Não faço a mínima ideia do que é isso que está falando. — A coisa estava ficando séria. Não foi sequer

uma batida de verdade. Ele convencera-se durante todo o tempo de que estavam apenas fazendo dele um exemplo porque sua boate estava lucrando; mas agora começava a se dar conta de que a Central havia planejado aquilo tudo. De alguma maneira, sem perceber, caíra bem no meio de uma encresna das grossas, e tinha certeza de que não seria fácil sair.

— Não me venha com essa historinha — Kinugasa protestou. — Lembra-se de um sujeito chamado Kenji Yamamoto que costumava frequentar o seu estabelecimento? Bom, ele é a vítima. Não me diga que não sabia.

— Kenji Yamamoto? Nunca ouvi falar. — Satake inclinou a cabeça para o lado e retribuiu o olhar. Da janela da sala de interrogatórios viam-se os arranha-céus de Shinjuku e, entre eles, altas tiras do céu de verão. Satake fechou os olhos ofuscados por aquela luz brilhante. Seu apartamento ficava ali perto. Como ele queria sair dali e esconder-se em seu próprio quarto escuro!

— Então talvez o senhor reconheça isto — disse Kinugasa, tirando um paletó cinza de uma sacola amassada de loja de departamentos que estava sobre a mesa. Satake quase engasgou. Era o paletó que pedira ao administrador que se livrasse dele na noite da batida.

— Já vi. Algum sujeito deixou lá na boate. — Engoliu em seco. Então, alguém acabou coletando aquele idiota. Satake se lembrou vagamente de que as reportagens dos jornais e da TV falavam no nome Yamamoto. O esboço do que os detetives estavam desconfiando começou a se formar. Ergueu o olhar e viu que sorriam com malícia.

— Então, nos conte, Satake. O que houve com o tal “sujeito”?

— Como posso saber?

— Não sabe mesmo? — Kinugasa soltou uma risada aguda, quase feminina. “Seu cabeça de merda!”, Satake pensou, com uma torrente de sangue fazendo sua cabeça girar; porém, o autocontrole que aprendera desde que saíra da cadeia ajudou-o a se conter.

— Não sei mesmo — confirmou, conseguindo transmitir certa convicção em sua voz. Kinugasa tirou um bloquinho de notas do bolso e começou a virar as páginas vagarosamente.

— Temos testemunhas que viram o senhor e a vítima brigando à frente da porta da Playground por volta das dez horas da noite do dia 20 de julho,

uma terça-feira, se não me engano. Viram também quando o chutou escada abaixo.

— Foi isso... mais ou menos isso que aconteceu.

— Mais ou menos... E o que aconteceu depois?

— Não sei.

— Sabe sim — Kinugasa forçou. — O sujeito sumiu. Queremos saber o que o senhor fez depois da briga. — Satake buscou em suas lembranças, mas não encontrou nada. Talvez tenha ido direto para casa, ou talvez tenha ficado mais algum tempo na boate. Ele resolveu que a segunda opção parecia mais promissora.

— Eu tinha que terminar meu trabalho, portanto, voltei para a boate.

— Não foi o que houve segundo seus funcionários, que nos contaram que o senhor foi embora logo após a briga com Yamamoto.

— É mesmo? Então devo ter ido para casa dormir — Satake respondeu. Kinugasa cruzou os braços, aparentemente achando graça naquilo.

— Então qual foi, das duas?

— Fui para casa dormir.

— Mas também nos contaram que o senhor sempre fica na boate até que feche. Por que iria embora mais cedo excepcionalmente naquela noite? Não lhe parece um pouquinho estranho?

— Eu estava exausto, portanto, voltei para casa e fui cedo para a cama.

— Era a verdade. Agora ele se lembrara de que se sentira exausto após o embate com Yamamoto e fora direto para casa sem ir verificar qualquer um dos dois estabelecimentos. Dormiu assistindo à televisão. Teria sido melhor se tivesse ficado na Playground, mas agora já estava um pouquinho tarde para arrependimentos.

— O senhor estava sozinho?

— É claro.

— E o que deixou o senhor tão cansado?

— Passei a manhã toda jogando *pachinko* e, em seguida, levei uma das meninas da boate para dar um passeio. E depois tive uma reunião com Kunimatsu, o administrador do cassino, foi um dia cheio de trabalho.

— E qual foi o assunto da reunião com Kunimatsu? Sobre como livrar-se da vítima, não foi? Foi o que Kunimatsu nos contou.

— Que ridículo! — Satake protestou. — De onde vocês tiram essas histórias? Sou dono de uma boatezinha agradável e de um cassino, e fim

de papo.

— Não me sacaneie! — Kinugasa urrou, ficando subitamente descontrolado. — Boatezinha agradável e um cassino, o caramba! Conhecemos a sua ficha, sabemos da tal mulher que estuprou e assassinou. Quantas vezes a esfaqueou mesmo? Vinte? Trinta? E o tempo todo, você continuou a transar com ela. Não é verdade? É assim que satisfaz o seu prazer doentio, Satake? Você é um doente, isso sim! Quase vomitei só de ler as transcrições. Como um animal como você livrou-se depois de apenas sete anos? Pode me explicar?

Satake sentiu o suor começar a verter de todos os poros de seu corpo. O véu sobre seu inferno particular, o véu que ele se esforçara tanto para que permanecesse inviolável, estava sendo escancarado; e a única coisa que ele podia fazer era observar. Voltou-lhe à memória o rosto daquela mulher em seus espasmos mortais. Os sonhos antigos e tenebrosos que ele achara que estivessem mortos subiam-lhe sorrateiramente pela coluna como uma mão gélida.

— Isso faz o senhor suar? — Kinugasa perguntou. — Deixa o senhor com calor?

— Não... É só que...

— Desembuche de uma vez! Fará com que se sinta melhor.

— Está jogando verde à toa. Sou um novo homem.

— É o que todos vocês dizem. Mas pelo que já vi, homens que matam por prazer não param na primeira.

Por prazer? As palavras atingiram Satake como uma marreta, mas ele retribuiu o olhar provocador e descrente de Kinugasa. Não foi por prazer! Sentia vontade de gritar. O prazer foi compartilhar a morte com a mulher. Naquele momento, não sentiu nada além de amor. Por isso, seria a única e a última mulher que ele possuiria, por isso, seria dela para sempre. Não sentiu “prazer” nenhum ao assassiná-la; nenhuma palavra poderia explicar o que sentiu. Mas como ele conseguiria explicar aquilo?

— O senhor está enganado — disse, olhando para baixo, para o próprio colo.

— Pode até ser — disse Kinugasa. — Mas vamos fazer tudo que estiver ao nosso alcance para provar que estamos certos. Não precisa nos dizer nada. — Ele deu-lhe tapinhas no ombro como se afagasse um cão. Satake desviou para evitar-lhe a mão corpulenta.

— Eu realmente não fiz nada — disse. — Somente alertei para que o tal sujeito não aparecesse mais no meu estabelecimento. Ele tinha se apaixonado pela minha melhor funcionária e andava seguindo-a pelas ruas. Mandeí que a deixasse em paz. Eu nem sequer sabia o que tinha acontecido com ele.

— Talvez o seu “alerta” seja diferente do dos outros — Kinugasa insinuou.

— Como assim?

— Diga-me você. O que fez depois de tê-lo espancado?

— Isso é ridículo.

— O que é tão ridículo? O senhor matou uma mulher, é um cafetão, e espanca seus clientes. É tão difícil imaginar que também seja capaz de cortá-los em pedacinhos? E também não tem álibi. O senhor é que é ridículo. — Satake nada disse, e Kinugasa acendeu mais um cigarro. — Satake — ele sibilou, assoprando-lhe fumaça no rosto. — Quem você mandou que fizesse o serviço?

— Que serviço?

— O senhor tem aqueles chineses trabalhando no seu estabelecimento. Quanto a máfia chinesa cobra por um serviço desses? Quanto é que estão pedindo nos dias de hoje? Pedacos do tamanho de um dedo, parecendo sushi, quanto cobraram por aquilo?

— Você ficou maluco — Satake respondeu.

— A imprensa anda dizendo que custa cerca de ¥100 mil. É isso mesmo? Por essa quantia, e com o dinheiro que você anda no bolso, pode pedir que fatiem uns dez sujeitos.

— Não tenho tanto dinheiro assim. — Satake riu, estupefato pelo policial não ser nem um pouco realista.

— Você dirige um Benz, não é mesmo?

— É só para me exhibir. Mas não desperdiçaria o meu dinheiro em uma coisa tão estúpida assim.

— Talvez desperdiçasse caso se desse conta do que poderia lhe acontecer se voltasse a ser julgado por homicídio. Desta vez a procuradoria pediria a pena de morte. — Quando viu o quanto Kinugasa falava sério, Satake soube que já o considerava culpado. Eles acreditavam de verdade que ele assassinou um homem e pagou alguém para cortá-lo em pedaços. Somente sairia desta com muita sorte. O fantasma de uma minúscula cela de prisão o fez voltar a pingar de suor. Percebendo o

quanto Satake estava se sentindo desconfortável, o outro detetive, que até agora não havia dito nada, enfim, falou.

— Satake, já imaginou como a viúva deve estar se sentindo? Ela trabalha no turno noturno de uma fábrica de refeições e ainda cuida de duas crianças.

— A viúva dele? — murmurou, lembrando-se da mulher que vira na TV. Era muito mais bonita do que ele esperaria que fosse a esposa de um sujeito rasteiro daqueles.

— Crianças pequenas — esclareceu o detetive. — Mas você não entenderia, não sem algum dia ter uma sua. Não será nada fácil para ela.

— Tenho certeza disso, mas não tenho nada a ver com a história.

— Não tem?! — o homem vociferou.

— Exato.

— Como consegue sentar-se aqui com essa cara lavada e me dizer que não tem dedo seu nessa história?

— Já falei que não fiz nada e que não sei de nada a respeito. — Kinugasa analisava em silêncio suas reações conforme o diálogo se arrastava. Satake percebeu que estava sendo observado e virou-se para olhar para ele. Uma ideia começava a se formar em sua mente: talvez tenha sido aquela mulher, a esposa, que o assassinara. Como poderia estar tão calma ao acabar de saber que o marido estava morto e que alguém fizera picadinho dele? Algo naquele rosto em sua TV o deixara incomodado, como se mordesse um grão de areia no meio de uma ostra. Ele vira alguma coisa ali, algo que só poderia ser lido por quem já passara pela mesma experiência... pode-se chamar de uma sensação de realização. Ela tinha motivo. O marido estava correndo atrás de Anna e gastando todo o tempo e dinheiro na Mika. Satake teve apenas uma impressão pela TV, mas a família não parecia ser rica. Portanto, seria natural que ela o odiasse.

— A esposa — ele disse em voz alta. — E quanto a ela? Os senhores têm certeza de que não foi ela?

Aquilo fez com que até Kinugasa perdesse a paciência.

— Trate de se preocupar com sua própria pele, Satake! Ela tem álibi. Aposto tudo que tenho em você.

Satake percebeu então que já a haviam descartado, e que aquele homem estava querendo que ele se entregasse. Tinha de admitir que sua posição não era nada boa.

— Lamento decepcioná-los — disse. — Mas digo a verdade quando falo que não fui eu. Juro para os senhores.

— Mentiroso maldito — Kinugasa bradou.

— Policial de merda — Satake resmungou, inclinando-se para cuspir sob a mesa. Enquanto o fazia, Kinugasa atingiu-o do lado da cabeça com o cotovelo.

— Não mexa comigo — o policial avisou. Mas Satake não precisava de aviso: sabia que poderiam incriminar uma pessoa de qualquer coisa se quisessem. O risco era alto, talvez até mesmo sua vida. Ele se viu tremendo de raiva e medo e jurou que, se conseguisse sair dali, acertaria as contas com o real assassino. Por enquanto, pelo menos, dava como certo que tinha que ser a esposa.

Ele entendia o suficiente de como as coisas funcionavam para perceber que aquele pequeno incidente provavelmente lhe custaria seus dois estabelecimentos e tal ideia praticamente o destruía. Trabalhara tanto, se esforçara tanto durante os últimos dez anos, desde que saiu da cadeia. Realizou tanta coisa, para agora envolver-se em uma história destas... Deveria estar ciente de que o verão o subjugaria; estava nas cartas, ele previu o que viria a acontecer.

Subitamente tudo pareceu escurecer e, ao olhar para cima, ele viu que uma barreira de nuvens negras surgira sobre Shinjuku. As folhas das zelcovas do lado de fora agitavam-se ao vento, um presságio de uma chuva de verão à noite.

Naquela noite, em sua cela na delegacia, Satake sonhou com a mulher. Estava deitada à sua frente com uma expressão de súplica. “Hospital, hospital...”, parecia dizer. Ele colocou o dedo nos ferimentos que fizera em seu corpo, penetrando vagarosamente até a articulação, mas ela parecia não perceber, e simplesmente sussurrava sem parar. “Hospital.” A mão dele ficou encharcada de sangue. Ele limpou-a em sua bochecha, e conforme o fazia, percebeu que o rosto daquela mulher, marcado por seu próprio sangue, adquirira uma espécie de beleza extraordinária.

“Leve-me para o... hospital.”

“Não vão poder fazer nada. É o fim.” Em resposta, ela agarrou-lhe a mão ensanguentada com uma força surpreendente e puxou-a até seu

pescoço, como se implorasse para que ele a matasse rapidamente. Em vez disso, Satake afagou-lhe os cabelos. “Ainda não”, disse ele.

Seu olhar de desespero absoluto fazia o coração de Satake contrair-se de pena e prazer. Ainda não. Você ainda não pode morrer. Não antes de gozarmos juntos... Ele abraçou-a com ainda mais força, com todo o seu corpo escorregadio devido ao sangue.

Ele abriu os olhos. Estava pingando sangue — ou pareceu estar por um instante, até se dar conta de que era o seu suor que lhe cobria de fato. Lançou uma olhadela na direção de seu companheiro de cela, um falsificador de cheques que estava deitado, imóvel, na cama ao lado, fingindo dormir. Satake ignorou-o e sentou-se na cama. Há dez anos não sonhava com ela, e aquilo o deixou animado. Ainda era capaz de senti-la ao seu lado. Seus olhos vagavam pelos cantos escuros da cela, ansiosos por encontrá-la.

3

Lembrou de seu primeiro passeio pela via férrea nacional, em um dia de inverno, há quatro anos. Era noite e o vagão estava lotado. Para Anna, que não estava acostumada com multidões, era como ser absorvida por um corpo estranho. Sob ataques implacáveis de cotovelos e bolsas, foi arrastada para o interior do carro. De alguma forma, conseguiu encontrar uma alça onde se agarrar e ficou olhando pela janela, para o laranja queimado do pôr do sol do inverno. Conforme a luz tremeluzia, os edifícios próximos pareciam recuar em meio às sombras, desaparecendo da vista enquanto o trem passava. De vez em quando ela virava para trás, preocupada em não perder o ponto onde deveria sair, ou em conseguir chegar à porta quando precisasse, tendo que passar por tanta gente.

Subitamente se deu conta de que vozes falando seu idioma tornaram-se audíveis em meio à multidão. Alguém por ali proferia os tons conhecidos de Xangai. Sentindo-se aliviada, buscou nos rostos ao seu redor para ver de onde vinha aquilo; só que então, escutando mais de perto, percebeu que o que ouvira fora japonês, com seus muitos sons semelhantes. E sentiu a dor penetrante de uma solidão verdadeira, a solidão de uma viajante à deriva em um país estrangeiro. Embora os rostos e vozes assemelhassem-se aos de sua terra, estava sozinha em um mundo de desconhecidos. Quando voltou a olhar pela janela, o sol já havia se posto, e se viu olhando para o próprio reflexo no vidro escuro: viu que uma jovem desamparada com um casaco fora de moda olhava em sua direção, e ver aquilo fez com que se enchesse de uma sensação de isolamento completo. À época, tinha dezenove anos. Tinha certeza do que estava sentindo, não era a primeira vez que se sentia oprimida pela prosperidade econômica do Japão, ou pela atividade frenética da cidade, mas sua solidão naquele momento não se parecia com nada de antes.

Se tivesse ido para o Japão para estudar, como seu visto de estudante sugeria, talvez fosse capaz de suportar tais sensações. Só que Anna fora com o único objetivo de ganhar dinheiro, e os únicos instrumentos que levou foram a juventude e a beleza. Chegou com grandes expectativas,

induzida por toda aquela facilidade, e impelida pelas promessas do corretor de que poderia ganhar muito dinheiro no Japão; e no fim das contas foi justamente aquele apreço pela tal facilidade tão proclamada a ruína lenta e insidiosa de uma moça sensível e inteligente. Anna foi boa aluna na escola e até considerou ir para uma universidade, só que agora ali estava, ganhando dinheiro fácil passando algum tempo com homens japoneses. Tinha consciência de que todo aquele negócio possuía sua dose de vulgaridade, mas não havia outro jeito.

Seu pai era taxista e sua mãe era verdureira. Todas as noites chegavam em casa e repartiam entre si as histórias dos sucessos do dia e do dinheiro arrecadado à custa de muita destreza e coragem. Era assim a vida de um assalariado em Xangai. Mas Anna sentia que nunca poderia compartilhar suas próprias histórias de sucesso com seus pais sérios e batalhadores. E ali, em Tóquio, embora sentisse um orgulho secreto de sua herança de Xangai e de sua beleza, geralmente sentia-se intimidada pela autoconfiança das ricas jovens japonesas. Autoconfiança era o que lhe faltava. Tudo parecia tão injusto! E era quando se sentia mais frustrada com sua situação, mais insegura e solitária, que se via como daquela outra vez — como uma apavorada garotinha do interior perdida na cidade grande.

Durante seus primeiros meses no Japão, ia obedientemente para o curso de idiomas indicado pelo corretor que providenciou seu visto, e trabalhava à noite em uma boate em Yotsuya para se sustentar. Estudava muito e, graças ao seu bom ouvido, logo conseguira captar a essência da maioria das conversas e comunicar-se em um japonês precário. Também aprendeu a se vestir na moda como as jovens das lojas de departamentos. Contudo, nunca conseguiu livrar-se muito bem da sensação que experimentou naquele dia no trem; por mais que se esforçasse para ignorá-la, parecia estar sempre à espreita, a acompanhá-la, como um gato de rua.

Mas era o dinheiro que importava. O quanto antes juntasse tudo, mais rápido poderia voltar para Xangai, onde planejava enriquecer como dona de uma boutique de roupas. Os dias, passava no curso de idiomas, e as noites, na boate. Apesar de todos os esforços, nunca conseguia guardar muito. Era tudo muito caro, e viver no Japão acabou custando mais do que esperava. Parecia já viver ali a vida inteira, mas ainda tinha menos de vinte e cinco por cento do que precisava para abrir a loja; daquele jeito, nunca voltaria para casa. Anna sentia-se encurralada, e aquela sensação

preenchia os seus dias com uma angústia incerta, como uma rachadura da espessura de um fio de cabelo que ameaça quebrar uma xícara delicada. Vivia com medo de que algum dia também viesse a se quebrar. Foi então que conheceu Satake.

Ele era um freguês no bar em que ela trabalhava, um homem visivelmente generoso em suas gorjetas, apesar de nunca beber. Percebia que o gerente da boate parecia tratá-lo com um pouco de cautela. Ainda assim, sempre recebia uma das moças de maior popularidade, e Anna concluiu que deveria ser bom demais para ela. Na primeira vez que voltou à boate depois daquele dia, entretanto, pediu a ela que chegasse até sua mesa.

— Meu nome é Anna. É um prazer conhecê-lo, senhor.

Satake parecia diferente dos outros fregueses, que costumavam ser tímidos e ficar pouco à vontade, ou eram prepotentes. Ele fechou os olhos como se desfrutasse o som da voz de Anna, e depois os abriu e passou a analisar os movimentos dos lábios dela enquanto ela falava como uma das professoras de seu curso de japonês. Aquilo a deixou nervosa, como se alguém houvesse acabado de chamar-lhe a atenção durante a aula.

— Uísque com água? — perguntou. Conforme preparava-lhe uma bebida bem fraca, Anna olhou de relance para o rosto dele. Já estava perto dos quarenta, era moreno, tinha cabelos raspados bem rentes, olhos pequenos e inclinados para cima, e lábios grossos. Embora não fosse exatamente bonito, havia em seu rosto uma serenidade que o tornava atraente. Contudo, usava roupas ridiculamente gritantes. Um lustroso terno negro de marca que deixava sua silhueta robusta malvestida, e, para completar, uma gravata berrante. Um Rolex e um isqueiro Cartier de ouro. O efeito quase chegava a ser cômico, e impressionantemente em desacordo com sua expressão fúnebre.

Seus olhos. Seus olhos eram como água de poço. Anna recordou-se de uma fotografia, em alguma revista, de uma piscina escura escondida em um vale entre altas montanhas. A água era de um cinza como aço, imóvel e gélida. Anna imaginara que suas profundezas ocultavam criaturas estranhas entre o capim-arroz entrançado. Nenhum nadador, tampouco qualquer bote chegaria perto de uma piscina daquelas. À noite aquela cratera negra sugava as luzes das estrelas enquanto seus habitantes estranhos observavam sem serem percebidos lá nas profundezas. Talvez

aquele homem a seu lado tenha escolhido seu traje espalhafatoso para evitar que as pessoas olhassem para dentro de sua piscina escura.

Anna examinou as mãos dele. Não usava joias, e sua pele era lisa, como se nunca houvesse exercido qualquer trabalho manual. Para mãos masculinas, sua forma era linda. Ela não conseguia imaginar o que ele fazia para ganhar a vida. Não parecia encaixar-se em nenhuma das categorias mais comuns, ela pensava se seria um daqueles “yakuza” de que ouvira falar. Tal pensamento deixou-a com uma sensação meio curiosa e meio amedrontada.

— Anna? — ele chamou e levou um cigarro à boca. Ficou a analisar seu rosto em silêncio pelo que pareceram séculos. Não havia sequer traço de uma ondulação à superfície da piscina. Independentemente do quanto olhasse, Anna não via traço algum, nem de aprovação, tampouco de decepção em seus olhos. Entretanto, sua voz era serena e dócil, e Anna pensou que gostaria de voltar a ouvi-la algum dia.

Percebendo que ele trazia um cigarro à boca, lembrou do que lhe fora ensinado e pegou um isqueiro, mas quase o deixou cair em sua pressa de ser boa recepcionista. A falta de jeito dela parecia fazê-lo se acalmar.

— Não precisa ficar nervosa — aconselhou.

— Sinto muito.

— Apostaria que você tem mais ou menos uns vinte anos.

— Acertou. — Anna balançou a cabeça afirmativamente. Fizera vinte anos no mês anterior.

— Foi você mesma que escolheu essa roupa? — perguntou, olhando para os trajes dela.

— Não — ela respondeu. Trajava um vestido vermelho chamativo e barato dado por outra garota do bar com quem dividia o apartamento. — Uma pessoa me deu.

— Foi o que imaginei — disse Satake. — Não é a sua cara.

“Então me compre um que seja!”, isto ela aprenderia a dizer somente mais tarde. Naquela noite, apenas sorriu vagamente para ocultar a vergonha. E nem poderia imaginar que Satake estava se divertindo ao imaginá-la como uma bonequinha de papel que poderia enfeitar com uma série de lindos vestidos, também de papel.

— Nunca sei bem o que vestir — explicou.

— Você fica bem com praticamente qualquer roupa — disse. Estava acostumada a conviver com fregueses grosseiros e infantis que diziam a

primeira coisa que lhes viesse à mente, mas já naquele momento notava que ele era diferente. Satake ficou em silêncio por um instante enquanto terminava o cigarro.

— Antes, você estava me olhando — enfim, ele disse. — O que acha que faço?

— É empresário?

— Não — disse, balançando a cabeça com uma seriedade simulada.

— Então é da yakuza? — Pela primeira vez desde que se sentou, Satake riu. Anna percebeu de relance uma faixa de fortes dentes brancos.

— Não exatamente — respondeu. — Embora não tenha errado por muito. Sou um cafetão.

— Cafetão? — Anna surpreendeu-se. — Que palavra é essa, “cafetão”? — Satake retirou uma caneta caríssima do bolso da blusa e escreveu os caracteres em seu guardanapo. Anna fez uma careta ao lê-los.

— Vendo mulheres — explicou.

— Para quem?

— Para homens que as quiserem comprar.

Em outras palavras, um caça-talentos de prostitutas. Ficou em silêncio, estupefata por ele admitir tal coisa tão abertamente.

— Gosta de homens, Anna? — perguntou, com os olhos acompanhando os dedos dela conforme ela segurava o guardanapo. Anna parecia confusa.

— Gosto de homens legais — ela respondeu.

— Como assim, homens legais?

— Homens como Tony Leung. É um ator de Hong Kong.

— Se um homem como ele a quisesse, se importaria em ser vendida?

— Acho que não — respondeu como se estivesse revirando o problema em sua mente. — Mas por que um homem como Tony Leung iria me querer? Nem sou tão bonita assim...

— Aí é que se engana — ele a contradisse. — Você é a mulher mais bonita que já vi.

— Mentiroso. — Anna riu, incapaz de acreditar no que estava escutando. Nem sequer figurava entre as dez melhores de uma boatezinha como aquela.

— Eu nunca minto — revelou.

— Mas... — murmurou.

— Só lhe falta autoconfiança — ele vaticinou. — Se vier trabalhar para mim, farei com que acredite ser tão bonita quanto é de verdade.

— Mas não quero ser prostituta — disse, formando um ligeiro beicinho.

— Aquilo foi só uma piada. Sou dono de uma boate igual a esta.

Só que Anna, pessimista, não via razão em trocar uma boate por outra. Uma expressão de decepção caiu-lhe sobre o rosto à ideia de mais anos de trabalho no Japão. Enquanto Satake a observava, com seus dedos elegantes aplicava petelecos nas gotas que se formavam em seu copo, fazendo com que chegassem mais rápidas ao descanso, onde sarapintavam o papel branco. Anna teve a estranha sensação de que preparara o drinque apenas para que pudesse praticar aquela pequena façanha.

— Não gosta do que faz aqui? — ele, enfim, perguntou.

— Não, não é isso — respondeu, olhando com nervosismo para a dona do estabelecimento. Satake percebeu.

— Sei que é difícil tomar uma decisão dessas — disse. — Mas deve ter vindo para cá para ganhar dinheiro, não foi? Então, por que não começar a ganhar de verdade? Está desperdiçando um dom maravilhoso.

— Dom?

— Uma pessoa bonita tem um dom, assim como um escritor ou um pintor. Não é uma coisa dada a qualquer um; é um favorecimento especial. Só que escritores e pintores precisam esforçar-se para desenvolver seus dons, e com você é a mesma coisa. É a sua obrigação. De certa maneira, você é mais ou menos uma artista, ou pelo menos é assim que enxergo. Só que no momento está negligenciando sua obrigação. — Enquanto escutava a voz serena daquele homem, Anna quase sentia vertigens. Mas quando ergueu o olhar, percebeu que tentava atraí-la para a boate dele. A administração de seu local atual de trabalho a alertara a respeito de homens como aquele.

Satake suspirou, adivinhando o que passava pela cabeça dela.

— Aqui você está se desperdiçando — criticou, olhando para ela e sorrindo.

— Mas não tenho dom nenhum.

— Tem sim. E se começar a usá-lo, as coisas vão andar do jeitinho que as planejou.

— Mas...

— E quando começarem, você vai ver — disse Satake.

— Ver o quê?

— O seu destino — respondeu.

— Por quê? — murmurou.

— Porque o destino é o que acontece com você apesar de todos os seus planos. — Satake falou aquilo com bastante seriedade, e então depositou uma nota de ¥10 mil dobrada com muito esmero na mão dela. Ela deu uma olhadela para longe enquanto recebia a nota, sentindo que captara um vislumbre de alguma coisa bem no fundo daquela piscina dos olhos dele, uma coisa que não deveria ter visto.

— Obrigada — agradeceu.

— Voltaremos a nos ver — profetizou; então, como se abruptamente houvesse perdido o interesse, olhou para a gerente e fez um sinal pedindo que lhe trouxesse outra garota. Havendo se tornado subitamente insignificante, Anna passou para outra mesa. Sentiu-se decepcionada, em parte com a própria resposta desanimada, em que colocou a culpa pela perda de interesse de Satake. Anna não acreditou nele quando disse que ela ficaria mais bonita se fosse trabalhar para ele. E se fosse verdade, talvez até visse o que o “destino” guardava para ela. Será que havia perdido a chance de fazer alguma coisa de si mesma? Ela lamentou a própria timidez.

Ao voltar para o seu apartamento, Anna pegou a nota que ele lhe dera. Desdobrando-a, viu o nome “Mika” e um número de telefone.

Depois que se mudou para a boate dele, Satake ensinou-lhe muitas coisas importantes sobre os japoneses mais velhos. Que costumava ser melhor fazê-los pensar que não falava muito bem japonês. Que preferiam meninas quietas e conservadoras, e com bons modos. Que era melhor que imaginassem que ela ainda estava na escola e trabalhava como garçone só para ter dinheiro no bolso. Enfatize que você é uma estudante — a maioria dos homens tem fantasias com colegiais. Mesmo que saibam que é mentira, gostam de se sentir superiores financeiramente, e aumenta a probabilidade de eles darem uma boa gorjeta. E acima de tudo, tente passar a impressão de que você vem de uma boa família de Xangai. Isso os ajuda a restituir sua confiança. Satake também deu instruções explícitas sobre quais roupas e maquiagem agradariam mais. Talvez em Xangai os

homens gostassem de mulheres que insistiam na tese dos direitos iguais, mas ali não.

Quando Anna ainda tinha dúvidas em relação ao modo japonês de fazer as coisas, Satake lhe disse para pensar em tudo aquilo como uma representação, um papel que deveria interpretar para ter sucesso em sua profissão. Depois disso aprendeu rápido. Não tinha que se tornar aquele tipo de mulher; tinha apenas que representar, seria parte de seu serviço. Tudo pelo emprego. Seus pais teriam entendido. E com o tempo, deu-se conta de que tinha mesmo um dom, exatamente como Satake dissera. Quanto mais representasse o papel, mais atraente se tornaria. O olho clínico dele tinha razão.

Logo seria a garçonete principal da Mika; e conforme sua popularidade crescia, ficava cada vez mais autoconfiante. E com a autoconfiança veio a determinação de fazer de si mesma um sucesso em sua nova “carreira”. Enfim, encontrara uma maneira de manter a solidão, seu velho gato de rua, seguramente encarcerado.

Ela começou a chamar Satake de “amor”, e em retribuição, ele não tentava manter segredo de sua predileta. Quando ficou sabendo que ele nem sequer tentara arrumar um encontro entre ela e um cliente endinheirado, como sempre fazia com as outras meninas, resolveu que era uma prova, estava apaixonado por ela. Mas pouco depois de chegar a tal conclusão, ele telefonou dizendo que encontrara uma pessoa.

— É o tipo perfeito para você — ele disse pelo telefone.

— Que tipo?

— Simpático e rico. — Evidentemente o sujeito em questão não era Tony Leung. Não era bonito, tampouco particularmente jovem, só que era muito rico. Praticamente em todas as vezes que se viam ele lhe dava um milhão de ienes. As contas eram simples: se encontrasse com ele dez vezes, teria dez milhões, mais que suficiente para se sustentar por um ano inteiro. Logo ela própria estaria rica. Quando houvesse de fato ultrapassado o objetivo que firmara ao ir para o Japão, já nem se lembraria mais de Tony Leung.

Mas o homem que suplantara o belo ator em sua adoração não era seu freguês milionário, mas sim, o próprio Satake. Ela se via intrigada pelo que vira em seus olhos quando se encontraram pela primeira vez. Ele disse que o destino é o que acontece com você apesar de todos os seus planos. Então, qual seria o destino dele? Tinha um palpite — que lhe aticava uma

empolgação nervosa — de que ela, mais que qualquer outra pessoa, poderia descobrir; afinal, era a “número um”. Ela teria gostado de ver por si própria que criaturas viviam lá embaixo, no fundo daquela piscina, e de pegá-las com as mãos nuas.

No final das contas, no entanto, percebeu que quanto mais tentava aprender a respeito dele, menos ele permitia. Parecia proteger cada detalhe de sua vida com muito cuidado. Por exemplo, nunca permitia que ninguém fosse até o seu apartamento. Certa vez, Chin, o gerente que controla a área comum da Mika, disse que viu um sujeito parecido com Satake em frente a um edifício velho, em estado precário, a oeste de Shinjuku; só que em vez das espalhafatosas roupas de marca que o patrão preferia usar, o tal homem estava vestido como um maltrapilho. Ele saíra para jogar fora um bocado de lixo usando uma calça esfarrapada e um suéter com os cotovelos gastos. Poderia ser qualquer trabalhador velho e cansado, mas enquanto Chin observava, o sujeito começou a fazer uma faxina na área da lata de lixo aparentando mau humor, e pelo jeito com que se movia, Chin entendeu que só poderia ser Satake. Ele contou a Anna que tudo aquilo o deixou bastante chocado — deixou-o até mesmo com um pouco de medo.

— Aqui na boate ele é tão frio! Pode até não dizer muita coisa, mas você sabe que pode contar com ele. Se esse que vi foi mesmo o Satake, então é quase como se ele fosse esquizofrênico. Fico apavorado pensando que tudo que faz aqui é só fachada. Mas por que fingiria ser outra pessoa para nós? O que será que esconde? Qualquer um vê que não confia em nós. Mas como é possível uma pessoa viver sem confiar em ninguém? Será que quer dizer que, na verdade, a pessoa não confia é nela mesma?

Satake era um mistério, um quebra-cabeça. Quando os outros funcionários da Mika ficaram sabendo da história, a vida secreta do patrão tornou-se um assunto interminável. Parecia que todo mundo tinha sua própria opinião a respeito de que tipo de homem ele era, mas ninguém achava que se podia confiar muito. Porém, Anna não conseguia concordar com a opinião de Chin de que era Satake que não confiava em ninguém. Ainda assim, percebeu que sentia ciúmes dos seus segredos e até acabou pensando que talvez houvesse outra mulher na história. Talvez só com *ela* Satake fosse autêntico...

Certo dia, enfim, Anna criou coragem para fazer-lhe uma pergunta direta.

— Amor, você vive com alguém? — Satake hesitou por um instante, olhando para ela com surpresa, o que Anna considerou uma prova de que acertara na mosca. — Quem é? — pressionou.

— Ninguém — disse, com uma risada. Mas a luz em seus olhos pareceu apagar-se naquele momento, como a hora ao fim da noite em que desligam as luzes da boate. — Nunca vivi com uma mulher.

— Então, não gosta de mulher? — perguntou. Anna considerava tranquilizador nunca ter ouvido nada concernente a haver alguma mulher na vida de Satake, só que naquela hora, subitamente, ficou com medo de que ele fosse homossexual.

— É claro que gosto — disse. — Sobretudo das bonitas, como você. São o melhor dos presentes. — Aquilo, Satake pegou-lhe a mão e começou a acariciar os dedos compridos e finos, porém, o fazia como se estivesse sentindo algum instrumento delicado. Além disso, quando disse gostar de mulheres, ela teve a sensação de que ele não tinha em mente nada além de um apreço estético.

— Presentes de quem? — perguntou.

— Dos deuses, para os homens de todos os lugares — respondeu.

— As mulheres também ganham presentes? — perguntou, querendo dizer ganhar um homem como ele de presente, mas Satake pareceu não entender.

— Creio que sim. Alguém como Tony Leung? O que acharia?

— Nada demais — respondeu, lançando-lhe um olhar repreensivo. O que Anna queria era tocar o coração de um homem, não somente seu corpo. E só um coração lhe interessava, só um fazia com que o seu próprio batesse mais rápido. Infelizmente as “mulheres bonitas” de que Satake disse que gostava não eram nada além de objetos valiosos, e não gente que vive, respira e tem sentimentos próprios. Duvidava de que ele soubesse como tratar o coração de uma mulher. E se fosse o caso, então, uma “mulher bonita” valia tanto quanto qualquer outra, o que tornava tudo aquilo ainda mais injusto, haver apenas um homem em todo o mundo com quem ela se importava. — Então, se uma mulher é bonita, é o suficiente para você? — ela perguntou.

— É o suficiente para qualquer homem — ele esclareceu, e Anna, então, parou com as perguntas ao perceber que lá no fundo do homem que amava alguma coisa estava seriamente avariada. Talvez uma mulher o

magoara no passado... Tal suposição levou-a a sentir pena dele; e também deu-lhe o conforto de sonhar como curaria seu coração despedaçado.

Naquele dia na piscina, entretanto, Anna foi bruscamente acordada de seus devaneios. A princípio, ficou encantada por ter cedido e ido à piscina, mas seu coração naufragou com a reação dele quando o tal rapaz tentou aproximar-se. Satake praticamente o incentivou como um tio compreensivo, o que só podia querer dizer que não fazia a mínima ideia de que ela estava apaixonada por ele. Tal noção levou-a a fazer uma coisa que nunca fizera: convidar um homem para ir até seu apartamento — sua maneira modesta e bem particular de se rebelar. Só que ainda assim Satake não deu indicação alguma de que nutrisse qualquer sentimento diferente.

“Não me importo se você sai transando com os outros por aí”, foi o que disse. “Mas não pode permitir que isso atrapalhe o seu trabalho. E nada de casos amorosos.” Nunca se esqueceria de como ele falou aquilo — como se fosse um produto vendido por uma loja sua, um brinquedo para atrair os homens que saíam às compras. Se era especialmente cordial, era só porque ela fazia exatamente o que mandava, representava à perfeição o papel de bonequinha cujo único objetivo era ganhar muito dinheiro.

Anna encontrou dificuldade para dormir aquela noite depois de perceber que a ferida em sua autoconfiança, que achou que já estivesse curada, voltava a se abrir. Porém, a manhã seguinte trouxe-lhe um choque ainda maior.

Chin ligou cedo.

— Anna, Satake-san foi preso sob acusação de comandar uma operação de apostas. Como você faltou ontem, achei que fosse querer saber.

— Como assim, “preso”? — perguntou.

— Preso, pela polícia — esclareceu o homem. — Também levaram Kunimatsu e os outros funcionários da Playground. Não vamos abrir hoje. Se a polícia aparecer fazendo perguntas, diga apenas que não sabe de nada. — Então, ele desligou.

Antes de receber aquela ligação, Anna resolvera que iria confrontar Satake e o obrigaria a dizer se tinha algum significado especial. Já dera como certo que sei a resposta não fosse a que queria escutar, pediria

demissão. Agora subitamente não tinha nada para fazer, então, foi à piscina municipal e se deixou queimar demais.

Naquela noite, conforme ela, sentada, olhava para sua pele repleta de bolhas, lembrava-se da ida deles dois à piscina no dia anterior. Talvez fosse injustiça achar que a via apenas como uma mercadoria. Será que não era possível que estivesse se refreando devido à diferença de idade entre eles? Por que ele se incomodaria em fazer tanta coisa por ela, se não se importasse? Não, estava errada em duvidar dele, com todas as provas que tinha. E aos poucos a Anna boa, simpática e dócil voltou a assumir o controle, e se viu amando-o ainda mais do que antes.

No dia seguinte os funcionários presos na operação foram soltos. Todos presumiram que Satake também seria liberado, mas foi o único a permanecer sob custódia. As boates permaneceram fechadas por uma semana. Ficou sabendo que Reika fora visitar o patrão na cadeia e que ele lhe pedira que desse a todos férias de verão antecipadas.

Anna passava seus dias na piscina. Tostada ao sol, sua pele tornou-se da cor de trigo amadurecido, e ela estava mais bonita que nunca. Quando passava por homens na rua, eles se viravam para olhar. Na piscina, pareciam aglomerar-se à sua volta como moscas. Tinha certeza de que Satake teria gostado daquela mudança e sentia que era uma pena ele estar perdendo.

Certa noite Reika apareceu em seu apartamento.

— Tenho uma coisa importante para lhe contar — disse.

— A respeito de quê?

— De Satake-san. Parece que a história ainda vai se arrastar por mais um tempo. — Reika sempre conversava com Anna em mandarim; como era natural da ilha de Formosa, não sabia falar o dialeto de Xangai.

— Por quê?

— Parece que há mais coisa além de uma simples acusação de comandar um cassino. Andei perguntando por aí e parece que tem alguma coisa a ver com aquele homicídio, o do desmembramento.

— O que é “desmembramento”? — Anna perguntou, afastando o cachorro que latia a seus pés. Reika acendeu um cigarro e lançou-lhe um olhar perscrutador.

— Você não sabe? — perguntou. — Há três semanas encontraram um corpo todo cortado em pedaços. No final das contas a vítima era aquele tal de Yamamoto que andava indo muito à boate. — Anna se assustou.

— Aquele que estava sempre atrás de mim?

— Parece difícil de acreditar, não é mesmo?

Pedira para ser atendido por ela sempre que aparecesse na boate e não tirava nem sequer por um instante os olhos dela depois que se sentava à sua mesa. Segurava em sua mão e, quando bebia um pouco demais, tentava fazer com que ela se deitasse à força no sofá. Mas uma coisa a perturbava muito mais que a persistência dele: seu olhar solitário. Estava bastante disposta a brincar com qualquer homem que a quisesse, mas não sentia a mínima atração por homens solitários. Portanto, quando ele desapareceu, ela ficou satisfeita e prontamente esqueceu-se de que existia.

— A polícia deve aparecer por aqui mais cedo ou mais tarde. Talvez seja melhor você se mudar — Reika aconselhou, dando uma olhada abrangente naquele apartamento caro.

— Por que viriam aqui?

— Acham que Satake o matou porque o homem não queria deixá-la em paz. E depois mandou que uma das gangues de chineses se livrassem do corpo.

— Ele nunca faria nada assim — disse Anna.

— Mesmo assim, ele foi visto batendo no cara em frente à Playground.

— Eu sei, mas não fez nada além disso.

— Talvez — disse Reika, baixando a voz. — Mas você sabia que ele já matou uma mulher? — Anna sentiu sua garganta contrair-se, e repentinamente sua boca ficou tão seca que não conseguia engolir. — E sabe como ele a matou? Fiquei chocada quando me disseram, e tenho certeza de que as meninas da boate se demitiriam se soubessem.

— Por quê? O que ele fez? — Anna perguntou, lembrando-se daquela luz estranha que parecia brilhar em algum lugar lá nas profundezas dos olhos de Satake.

— Dizem que trabalhava para um grande chefe da yakuza que comandava o tráfico e a prostituição da área. Às vezes Satake-san ia receber pagamentos de dívidas para a gangue, ou saía à caça das meninas que tentavam largar o trabalho. Bom, certo dia descobriram que uma mulher vinha roubando as meninas deles e colocando-as em outra boate. Satake capturou-a e trancou-a em seu quarto. Depois, dizem que a torturou até a morte.

— Como assim “a torturou”? — Anna não conseguia controlar o tremor em sua voz. Subitamente lembrou-se de uma viagem que fez com

sua família para Nanjing quando criança e dos horríveis manequins que viu no Museu da Guerra. Será que era aquilo que havia lá no fundo da piscina de Satake? O seu passado horrível?

— Foi muito feio... Brutal — disse Reika, arqueando as sobrancelhas precisamente delineadas. — Tirou a roupa dela e a espancou; e depois a estuprou. Então, parece que ficou esfaqueando-a para não deixar que perdesse a consciência. E quando já estava toda coberta de sangue, a estuprou de novo. Dizem que os dentes dela estavam todos quebrados e que seu corpo estava repleto de hematomas. Até mesmo os outros membros da yakuza ficaram chocados e não quiseram mais mantê-lo depois daquilo.

Anna emitiu um gemido comprido e triste. A certa altura, enquanto ainda chorava, Reika foi para casa, deixando-a sozinha com seu poodle miniatura que estava sentado a observá-la, balançando o rabo.

— Jewel — falou em meio aos soluços. O cão latiu contente, achando que a súplica era um convite para brincar. Lembrou-se de quando comprou o animal. Quis se dar um presente especial, um presente para mais ninguém, então, foi a uma loja especializada e escolheu o cão mais bonito que encontrou. Talvez acontecesse a mesma coisa com os homens. Eles querem mulheres da mesma maneira que ela quis o poodle, e não significava mais para Satake do que o cão significava para ela.

Sabia que agora nunca mais poderia mergulhar naquela piscina escura — mas ainda assim aquilo a fez querer chorar até não poder mais.

4

Já haviam se passado quatro dias desde que os jornais começaram a publicar matérias sobre o incidente, até que a polícia apareceu à casa de Masako. Foi brevemente interrogada na fábrica, e se preparava para a possibilidade de que também a visitassem em sua casa. Afinal, todos sabiam que era a amiga mais íntima de Yayoi. Ainda assim estava bastante confiante de que ninguém jamais descobriria que o corpo de Kenji fora desmembrado em seu banheiro. Se ela própria não sabia direito por que ajudara Yayoi, como qualquer outra pessoa suspeitaria?

— Lamento muito o incômodo. Sei o quanto a senhora deve estar cansada. — Era o jovem Imai que acompanhara o detetive no interrogatório da fábrica. Devia ter alguma noção do que era trabalhar durante a noite, pois seu pedido de desculpas parecia genuíno. Masako olhou para o relógio e viu que mal passara das nove da manhã.

— Não se preocupe. Mais tarde eu durmo.

— Obrigado — ele agradeceu. — Mas fico impressionado como o horário de vocês é estranho. Isso não causa problemas para a sua família? — Talvez porque Masako tenha sido franca, pareceu achar que poderia começar a se intrometer sem as formalidades costumeiras. Imai podia até parecer jovem e inexperiente, mas mesmo assim ela precisava tomar cuidado.

— A pessoa se acostuma — esclareceu.

— Acredito que sim. Mas seu marido e seu filho não se preocupam com você fora a noite toda?

— Para ser sincera, nunca pensei nisso. — Ela o levou até a sala de estar pensando se algum dia perceberam sua ausência.

— Tenho certeza de que se preocupam — Imai insistiu. — Homens são assim. Deve incomodá-los a senhora estar fora de casa tão tarde. — Masako resolveu não fazer chá e sentou-se diretamente à frente dele. Imaginou que, para um homem tão jovem, ele certamente parecia ter ideias conservadoras. Trajava uma blusa polo branca e levava à mão um

paletó marrom-claro, que colocou sobre a cadeira a seu lado. — A senhora consultou seu marido quando decidiu trabalhar à noite?

— Se consultei? Não, não exatamente. Embora até tenha me dito que achava que seria difícil. — Era mentira. Yoshiki nada disse quando anunciara sua decisão, e de Nobuki já não ouvia há tanto tempo que nem se lembrava mais de quando o escutara falando pela última vez.

— É mesmo? — Imai perguntou como se não acreditasse muito nela. Enquanto ele abria seu bloco de notas, lançava na direção dela um olhar intrigado. — Estou perguntando porque a situação da senhora é semelhante à de Yamamoto-san, e creio que seja difícil entender por que qualquer marido que trabalhe em expediente normal não seria contrário à ideia da esposa trabalhar à noite. — Sobressaltada por tal linha de raciocínio, Masako ergueu o olhar.

— Por que o senhor acha isso? — perguntou.

— Ora, para começar, os horários de vocês seriam diretamente conflitantes. Como seria possível ter qualquer tipo de vida conjugal se ficariam sempre se encontrando na saída de um e na chegada do outro? E creio que qualquer homem pensaria na esposa, no que estaria fazendo, acordada e andando por aí no meio da noite. Parece que um emprego diurno seria muito melhor para todos os envolvidos. — Masako respirou fundo. Imai suspeitava de que Yayoi estivesse envolvida com outros homens, algo perfeitamente normal e aceitável para a imaginação de um detetive.

— No caso de Yayoi — disse —, já havia sido demitida de um trabalho diurno por causa dos filhos. Do jeito que me contou, não tinha outra opção.

— Também foi o que contou para nós. Mas continuo sem entender como um trabalho no turno da noite possa valer a pena.

— Não vale — Masako falou, interrompendo a linha de pensamento do detetive. A persistência dele a irritava cada vez mais. — O único lado bom é que o salário é vinte e cinco por cento maior que o do turno do dia.

— Não vejo como isso seja suficiente para fazer diferença — disse ele.

— Talvez não. Mas se o senhor pudesse passar três horas a menos no serviço, e recebesse o mesmo salário, talvez fizesse sentido.

— Entendo o que quer dizer — disse ele, embora fosse óbvio que não entendia.

— Creio que seja difícil entender para quem nunca trabalhou em meio expediente.

— Não é uma coisa muito comum entre os homens — disse ele, sem conseguir ver a ironia em admitir aquilo.

— Se fosse com o senhor, imagino que entenderia que é bastante natural querer ganhar um pouco mais e trabalhar um pouco menos.

— Mesmo que para isso seja necessário viver totalmente dessincronizada do resto do mundo?

— Mesmo assim.

— Está bem. Então, talvez saiba me dizer por que Yamamoto-san em especial estava disposta a se sacrificar a viver assim.

— Creio que precisava de dinheiro — Masako respondeu.

— Será que não conseguiam sobreviver com o que o marido dela ganhava?

— Não sei bem, mas presumo que não.

— Não foi, na verdade, porque o marido vinha sendo-lhe infiel? Será que ela não o fez para dar o troco nele e para evitá-lo?

— Se foi por isso, eu não teria como saber — Masako respondeu. — Nunca falava nada sobre o marido e, até onde sei, não poderia dar-se a um luxo desses.

— Luxo?

— O senhor disse que talvez ela o estivesse fazendo para dar o troco nele, mas pelo que eu via, era ocupada demais com as crianças e o emprego para se incomodar com algo tão leviano quanto uma vingança.

Imai agitou a cabeça em sinal de concordância.

— Sinto muito, não deveria ter dito isso. É porque soubemos que o marido dela gastara todas as economias do casal.

— É mesmo? — Masako perguntou, esforçando-se para transparecer que ouvia aquilo pela primeira vez. — Com o quê?

— Até onde sabemos, ia muito a uma boate de dançarinas e apostava em bacará praticamente todas as noites... Então, vamos ao que interessa. Ficamos sabendo que a senhora é a amiga mais próxima de Yamamoto-san na fábrica, portanto, devo perguntar-lhe o que sabe sobre o relacionamento do casal.

— Não sei muita coisa não. Era difícil ela falar sobre isso.

— Mas as mulheres não costumam conversar sobre essas coisas? — disse, olhando para Masako com uma expressão repleta de dúvida.

— Creio que algumas o façam — Masako respondeu. — Mas não faz o tipo da Yayoi.

— Entendo. Isso conta a favor dela. Mas os vizinhos nos disseram que frequentemente os ouviam discutindo.

— É verdade? Receio não saber nada a esse respeito. — Neste momento, pensou se Imai já sabia que estivera na casa de Yayoi naquela noite, e ficou olhando para ele, nervosa. Ele retribuiu com um olhar sereno, como se ainda tentasse formar conceito sobre ela.

— Até onde descobrimos ele andava jogando demais ultimamente e o casal não convivia bem. Pelo menos foi o que os colegas do trabalho dele nos disseram. Parece que andava reclamando dela para eles, dizendo que Yayoi perdia as estribeiras tão facilmente que evitava voltar para casa antes de ela sair para trabalhar. Só que ela insiste que ele só chegou tarde na noite do desaparecimento. Bastante estranho, a senhora não acha? Por que sentiria necessidade de mentir sobre uma coisa dessas? Alguma vez ela conversou sobre isso com a senhora?

— Nunca — disse Masako, negando com a cabeça. — Então vocês acham que ela pode estar envolvida? — desferiu uma das suas.

— Nada disso! — Imai insistiu, agitando as mãos. — É que tento pensar nas coisas pelo ponto de vista dela. Ela se sacrifica, se mata de trabalhar durante a noite, enquanto o marido fica por aí desperdiçando o dinheiro que eles ganham com tanta luta com mulheres e cartas, e volta trôpego e bêbado todas as noites. É como se ela estivesse tirando água de um navio afundando, e logo descobrisse que ele jogava água para dentro. Ela deve ter se sentido bastante desamparada. A maioria dos homens teria proibido a mulher de trabalhar à noite, mas ele parecia incentivá-la. Não consigo deixar de imaginar que deve ter havido problemas no passado para esse ressentimento todo.

— Estou entendendo, mas Yayoi nunca me falou nada sobre isso. — Surpresa, Masako achou quase engraçada a perfeição com que ele reconstituiu a situação.

— Então, poderia dizer que ela tem uma incrível resignação.

— Parece que sim — concordou.

— Katori-san? — chamou, tirando o olhar de suas anotações e levando-o até ela. — Quando uma mulher é colocada em uma situação dessas, ela procura um amante?

— Creio que seria o que algumas mulheres fariam. Mas Yayoi não, não é desse tipo.

— Então, ela não tinha envolvimento com ninguém lá da fábrica?

— Não, tenho certeza de que não — Masako respondeu sem qualquer alteração em sua voz, dando-se conta de que Imai quisera fazer-lhe tal pergunta desde o início.

— Então, talvez uma pessoa de fora da fábrica?

— Não sei — respondeu, e Imai hesitou por um instante, para depois continuar.

— O fato é que descobri que cinco homens estavam de folga da fábrica na noite do crime. Algum deles tem uma amizade especial com Yamamoto-san? — Ele virou seu bloquinho para que ela pudesse ver, e seu coração começou a bater mais forte quando viu o nome de Kazuo Miyamori no fim da lista. Agitou a cabeça solenemente.

— Não, nenhum deles — respondeu. — Yayoi não é assim.

— Entendo...

— Em outras palavras — interrompeu —, vocês suspeitam que Yayoi tinha um amante e que foi ele que assassinou o marido dela?

— Não, não! — Imai respondeu, franzindo o rosto com vergonha. — Nada disso. Não tive a intenção de sugerir... — Mas ainda assim ficou evidente que era aquele o enredo que ele provavelmente tinha em mente. Yayoi deveria ter um cúmplice, um homem, que a ajudara a matar Kenji e a se desfazer do corpo.

— Yayoi era uma boa esposa e é uma boa mãe. Não consigo imaginar outra forma de descrevê-la. — Enquanto dizia, Masako percebeu que acreditava firmemente naquilo; e foi exatamente por ter sido uma esposa tão perfeita que a revelação da traição de Kenji fez com que perdesse o controle e a levou a matá-lo. Se ao menos Yayoi *tivesse* um amante, talvez nada daquilo houvesse acontecido. Nesse sentido, a teoria de Imai parecia completamente errônea.

— Tenho certeza de que a senhora tem razão — disse, embora continuasse a pesquisar suas anotações, aparentemente relutante em abandonar sua teoria. Masako foi à geladeira, buscou um jarro de chá de cevada gelado e o serviu em um copo. Conforme sorvia em grandes goles, a visão de seu pomo de adão subindo e descendo fez com que se lembrasse do de Nobuki e também do de Kenji. Ficou observando por mais alguns instantes, quase em transe, e então desviou o olhar lentamente. — Sinto muito — Imai acrescentou ao terminar de beber —, mas preciso perguntar, apenas por formalidade. A senhora pode me dizer o que fez na última

quarta-feira de manhã cedo até por volta de meio-dia? — Ele depositou o copo sobre a mesa e pigarreou enquanto olhava para ela.

— Fui trabalhar, como sempre. Vi Yayoi lá. E quando terminei, voltei para casa mais ou menos na mesma hora de sempre.

— Mas a senhora chegou ao trabalho mais tarde do que o normal naquela noite — ele revelou, olhando suas anotações. Ele percebeu que ela bateu o ponto no último momento. O cuidado com que ele fez sua pesquisa a deixou surpresa, mas ela tentava não deixar que isso transparecesse.

— Acho que foi isso mesmo — confirmou, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça. — Lembro que o trânsito estava ruim.

— É mesmo? — perguntou. — Então, a senhora vai dirigindo daqui até Musashi-Murayama? Com o Corolla que está estacionado lá fora? — Ele apontou para a porta com a caneta.

— Exato — respondeu.

— E mais alguém dirige o carro? — ele perguntou.

— Não, ninguém costuma dirigi-lo. — Limpou o porta-malas com o máximo de cuidado possível, mas se eles comessem de verdade a xeretar, seria impossível definir o que descobririam. Ela acendeu um cigarro para ocultar sua angústia. Felizmente sua mão não tremia.

— E o que a senhora fez depois do trabalho? — perguntou.

— Cheguei em casa antes das seis e preparei o café da manhã para meu marido e meu filho. Depois que comemos, eles saíram para trabalhar e eu lavei roupa e fiz faxina. Pouco após as nove, fui dormir. É mais ou menos o que costumo fazer sempre.

— A senhora conversou com Yamamoto-san naquela manhã?

— Não, não depois de termos nos despedido na fábrica.

Naquele momento uma voz inesperada interrompeu a conversa dos dois.

— Não foi ela que ligou naquela noite? — Assustada, Masako virou-se para trás e viu seu filho de pé à porta. Ficou boquiaberta ao perceber que acabara de falar com ela. Ele não saiu do quarto a manhã toda e ela se esquecera completamente de que estava em casa.

— E quem é esse? — Imai perguntou com bastante calma.

— Meu filho — Masako murmurou. Imai inclinou a cabeça em uma ligeira mesura na direção de Nobuki e depois ficou olhando com curiosidade, ora para a mãe, ora para o filho.

— Mais ou menos a que horas ela ligou? — perguntou.

Masako ficou olhando para Nobuki sem responder. Há mais de um ano ela não escutava a voz do filho e agora, subitamente, estava denunciando aquele telefonema. Ela só conseguia presumir que fosse alguma forma de vingança — mas o que fez para merecê-la?

— Katori-san? — Imai repetiu. — A que horas foi?

— Perdão — pediu, voltando à Terra. — Há muito tempo eu não o escutava dizer coisa alguma. — À possibilidade daquilo tornar-se o assunto da conversa, Nobuki fez uma careta e deu as costas para ir embora.

— O que estava dizendo? — Imai perguntou-lhe quando ele deu as costas.

— Nada! — Nobuki gritou, bateu a porta da sala de estar depois de passar, e saiu em disparada.

— Perdão — Masako repetiu, adotando o tom de voz de uma mãe preocupada. — Ele não fala conosco desde que largou a escola.

— É uma idade complicada — disse Imai. — Já trabalhei na Delegacia do Menor, já vi de tudo.

— Quase desmaiei quando vi quem falou.

— Talvez o choque de ouvir sobre o assassinato o fez deixar o silêncio. — Ele falou como se solidarizasse-se com Masako, mas estava obviamente ávido por retomar sua pergunta.

— Ela ligou sim — Masako lhe contou. — Acho que foi na terça-feira à noite.

— Terça-feira. Seria no dia vinte. Mais ou menos a que horas? — Já havia se recuperado. Masako pareceu pensar por um instante.

— Logo após as onze. Disse que o marido ainda não voltara para casa e que não sabia o que fazer. Acho que disse para ir para o trabalho e tentar não se preocupar.

— Mas isso já não tinha acontecido antes? Por que escolheria logo aquela noite para ligar para a senhora?

— Nunca fiquei sabendo que já tinha acontecido. Sempre soube que ele chegava em casa às onze e meia. Naquela noite parecia que o mais velho não estava conseguindo dormir e aquilo a deixou preocupada.

— Por que razão?

— Estava chateado porque o gato tinha sumido — Masako disse a primeira coisa que lhe passou pela cabeça, lembrando-se de que teria de garantir, mais tarde, que sua história correspondesse à de Yayoi. Pelo menos a parte do gato era verdadeira.

— Entendo — disse Imai, ainda parecendo em dúvida. Naquele exato momento o sinal sonoro da máquina de lavar disparou, anunciando o fim do ciclo. — O que foi isso? — perguntou.

— A máquina de lavar.

— Ah, sim... Se importaria se eu desse uma olhada no banheiro da senhora? — ele perguntou enquanto se levantava. Masako sentiu um calafrio descer-lhe a espinha, mas assentiu com a cabeça e sorriu timidamente.

— Não, pode ir.

— Estamos pensando em fazer uma reforma — ele esclareceu —, e estou tentando ver como são os banheiros dos outros.

— Venha dar uma olhada, então — disse ela, levando-o pelos fundos da casa. Ele a acompanhou, olhando em volta conforme caminhava.

— A casa da senhora é bonita. Há quanto tempo moram aqui?

— Já deve fazer uns três anos — ela lhe disse, abrindo a porta do banheiro.

— É ótimo — ele elogiou, estendendo o pescoço para olhar ao redor. — É bastante espaçoso. — Masako acreditou que ele provavelmente estava considerando a possibilidade do corpo de Kenji ter sido desmembrado ali. Luzes de alerta começaram a piscar.

Depois de terminada a exibição do banheiro, Imai calçava seus sapatos disformes quando voltou a se virar para encará-la.

— Seu filho costuma ficar em casa? — perguntou. Embora o horário de Nobuki no trabalho fosse bastante estável, Masako resolveu arriscar uma mentirinha.

— Às vezes fica, às vezes não. Faz como lhe agrada.

— Entendo — Imai falou com um tom de ligeira decepção. Depois agradeceu a Masako com muita educação e saiu sem mais nada dizer.

Assim que foi embora, Masako subiu até o quarto de Nobuki. Da janela dele via-se a rua à frente da casa. Ela ficou espiando por detrás da cortina e viu Imai analisando sua casa do terreno vazio que ficava do outro lado da rua. Mas ele não estava bem olhando a casa. Olhava o carro dela.

Quando teve certeza de que ele não estava mais por perto, Masako telefonou para Yayoi, coisa que não fazia desde que a história ganhara os jornais.

— Alô? — respondeu uma voz serena. Masako sentiu-se aliviada por ter sido a própria Yayoi que atendeu.

— Sou eu. Pode falar?

— Masako! — ela gritou com uma satisfação óbvia. — Posso, estou sozinha aqui.

— Achei que a família dele ou que a sua mãe ainda pudessem estar por aí...

— Minha sogra foi até a delegacia e o irmão de Kenji teve de voltar para casa. Minha mãe saiu para fazer compras. — Masako sentiu pela voz de Yayoi que agora estava mais tranquila, tinha os pais para cuidar dela.

— A polícia ainda anda por aí bisbilhotando?

— Eles não têm vindo muito nos últimos dias, não. — Sua voz estava quase alegre, como se estivesse comentando sobre os problemas de outra pessoa. — Encontraram o paletó de Kenji em um cassino em Kabuki-cho e ficaram ocupados com isso. — “Um raio de sol”, Masako pensou com certo alívio, porém, aquela notícia deixou-a ainda mais precavida em relação ao detetive que fora visitá-la.

— Tenha cuidado com o Imai — avisou.

— O alto? Vou ter. Mas ele parece bastante simpático.

— Simpático? — Masako surpreendeu-se, consternada pela inocência de Yayoi. — Não existe essa coisa de um detetive ser simpático.

— Mas são todos bastante compreensivos.

Masako se perguntava, agora quase furiosa, se era possível que Yayoi pudesse ser tão burra.

— Descobriram que você me ligou naquela noite — revelou. — Conte que você me disse que o seu filho estava chateado com o sumiço do gato.

— Você é boa — disse Yayoi, soltando risadinhas sem quase emitir um mínimo ruído. Masako sentiu a pele arrepiar-se toda em seus braços ao perceber que não havia sequer vestígio de culpa na voz de Yayoi.

— Não se esqueça de corroborar a minha história.

— Não se preocupe. Sabe, estou com a sensação de que isto tudo vai se resolver bem no final.

— Não fique confiante demais — Masako aconselhou.

— Não vou ficar... A propósito, um repórter de um programa de entrevistas virá aqui depois de amanhã.

— Tão pouco tempo após o enterro?

— Eu avisei que não queria participar, mas eles não paravam de insistir...

— É chamar encrenca... — disse Masako. — Diga-lhes que mudou de ideia. Você não sabe quem estará assistindo.

— Eu não quero ir. Foi a minha mãe que atendeu o telefone e eles a convenceram. Disseram que não levaria mais de uns dois minutos.

Masako acabou com a conversa rapidamente, sentindo-se subitamente deprimida. Pensou que teria sido melhor fazer com que Yayoi as ajudasse a se desfazer do corpo. Ela parecia ter se esquecido de que era a assassina. Mas talvez essa falta de noção da própria culpa a fizesse conviver melhor com a suspeita. Mas o que mais deixava Masako deprimida era se lembrar de como Nobuki a traíra. A primeira vez que abria a boca depois de mais de um ano — e logo para a polícia! Tinha consciência de que ele a estava castigando por deixá-lo se afastar, mas será que ela merecia mesmo? Pelo menos, de acordo com a própria concepção, ela fez o máximo possível, tanto no trabalho quanto em casa; e como seu filho a recompensava? Esfaqueando-a pelas costas. Um pranto de desgraça subiu por sua garganta e ela fechou os olhos bem apertados, enterrando os dedos no estofado do sofá para impedir o próprio choro.

Uma vez, há algum tempo, comparou sua carreira na cooperativa de crédito a uma máquina de lavar vazia, no meio de um ciclo de lavagem, mas agora se dava conta de que provavelmente havia sido a mesmíssima coisa em casa. Se fosse mesmo o caso, então de que sua vida teria servido? Por que passara todos aqueles anos trabalhando? O que estava fazendo? Sentiu vontade de gritar quando viu o que havia se tornado: uma mulher perdida e exausta. Por isso escolheu o turno da noite. Poderia ignorar o dia dormindo e trabalhar à noite, manter-se em movimento, matar-se de cansaço, e não se dar tempo para pensar. Mas aquela vida em desacordo com a família somente fez crescer a infelicidade e a raiva, e agora não podiam fazer mais nada juntos, nem Yoshiki, nem Nobuki, e nem ninguém.

Agora percebera por que ultrapassara todos os limites. Não tinha entendido que havia procurado aquele outro mundo devido à sua desesperança. Foi seu motivo para ajudar Yayoi. Mas o que será que esperava por ela do outro lado? Nada. Ela ficou olhando para baixo, para suas mãos brancas que ainda agarravam-se ao sofá. Se chegassem agora e levassem-na presa, nunca conseguiriam descobrir por que ela fez o que

fez; não encontrariam o mínimo vestígio do que a estimulara a entrar naquela história. Ela ouvia os ruídos de portas se fechando atrás dela, deixando-a completamente só.

5

Imai secou o suor do rosto enquanto caminhava pela rua estreita. Provavelmente ali já fora uma vereda entre plantações de arroz, mas agora era ladeado por casas pequenas, que envelheciam mais e mais a cada dia, foram ignoradas enquanto o resto da área se desenvolvia. Pelo visual dos telhados de zinco por demais amassados, das portas de madeira rachada, e das calhas enferrujadas, Imai avaliou que as casas foram erguidas havia mais de trinta anos. Tinham uma aparência frágil e precária, como se um único fósforo pudesse fazê-las todas lamberem-se em chamas.

Kinugasa, o detetive da Divisão Central de Investigação, estava convencido de que Kenji Yamamoto fora assassinado pelo homem cujo cassino visitara na noite em que desapareceu, e que agora encontrava-se detido na delegacia de Shinjuku. Contudo, Imai discordava, e estava dando prosseguimento à investigação por conta própria. A descoberta de que o dono do cassino já tinha passagem pela polícia fez com que Kinugasa se direcionasse a Kabuki-cho, mas algo ainda levava Imai a sempre voltar suas atenções para a esposa, Yayoi Yamamoto. Ele não conseguia descobrir bem o que era, mas alguma coisa — intuição, talvez — levava-o a achar que a chave para a resolução do caso estava com ela.

Ele se deteve no meio da rua e tirou seu bloquinho do bolso. Conforme folheava as páginas, revivia os fatos em seu pensamento. Um grupo de crianças de uma escola, com os cabelos ainda molhados depois de saírem da piscina, olharam com curiosidade para ele conforme passavam.

Suponhamos que a sra. Yamamoto *tenha* assassinado o marido. Os vizinhos disseram que eles brigavam sempre, portanto, parecia ter motivo suficiente. Qualquer um é capaz de matar em uma crise de ciúmes. Era pequena e fraca, até mesmo para uma mulher, e teria sido difícil para ela fazê-lo, a não ser que ele estivesse bêbado ou dormindo. Mas eles sabiam que Kenji deixara o cassino de Shinjuku mais ou menos às 22h, e mesmo que tivesse ido direto para casa, levaria mais de uma hora para chegar e o efeito de qualquer quantidade de álcool que tivesse ingerido já teria se desfeito um pouco. Se tivessem brigado, uma briga feia o suficiente para

terminar em assassinato, os vizinhos teriam escutado alguma coisa, ou as crianças. E não havia qualquer testemunha que pudesse dar conta da vítima no trem ou na estação — como se simplesmente houvesse desaparecido logo após deixar Shinjuku.

Mesmo assim, por desencargo de consciência, suponhamos que a esposa tenha conseguido matá-lo e foi trabalhar como se nada houvesse acontecido. Daí, quem teria cuidado do corpo? O banheiro da casa da vítima era pequeno demais, e a perícia nada descobriria. Portanto, presumamos que algumas de suas amigas do trabalho tenham resolvido ajudá-la. Sabia que mulheres eram capazes disso; na verdade, pareciam até ter uma certa afinidade para a coisa — para essa história de desmembramento. Ele andou pesquisando os registros e descobriu duas características comuns em incidentes passados que envolvessem mulheres e corpos despedaçados. Uma delas era que crimes assim não costumavam ser premeditados, originando-se quase que por puro acaso, e a outra era que tinham a tendência de pôr em cena a solidariedade feminina.

Quando uma mulher comete um homicídio não premeditado, seu primeiro problema é saber que fim dar ao corpo. Geralmente não têm força para transportá-lo sem ajuda, e então, não costuma lhes restar opção senão cortá-lo todo. Às vezes homens também despedaçam corpos, mas normalmente o fazem para ocultar a identidade da vítima ou porque lhes traz alguma espécie de emoção doentia; mulheres o fazem porque não conseguem carregá-lo inteiro. É assim que se costuma descobrir quando um crime não é premeditado. Houve um caso de uma cabeleireira assassinada em Fukuoka; a assassina contou à polícia que depois de ter cometido o crime, quase acidentalmente, pelo jeito, não conseguiu tirar o corpo do lugar, daí, fatiou-o e depois deu conta dos pedaços.

Também parecia que as mulheres que ouvem as reclamações diariamente costumavam tornar-se cúmplices naquele tipo de coisa por sentirem pena da assassina. Encontrou um caso em que uma mãe considerou que sua filha teve justificativa para assassinar o violento marido bêbado, e então, resolveu ajudá-la a cortar e a se desfazer do corpo; e em outro, duas amigas íntimas assassinaram o marido de uma delas, despedaçaram-no todo em partes pequeninas, e atiraram-nas todas em um rio. O sujeito devia ser bastante irritante, já que mesmo depois de terem sido presas, insistiam que não haviam feito nada de errado.

Com todo o tempo que passam na cozinha, não há dúvida de que as mulheres estão mais acostumadas a mexer com carne e com sangue. Sabem como lidar com facas e o que fazer com o lixo. E talvez por terem a experiência de dar à luz, pareciam sentir-se mais intimamente ligadas a todo o processo de vida e morte, o que talvez lhes desse coragem para seguir adiante com tal feito. Eram aptidões de praticamente toda mulher — até mesmo de sua própria esposa. Riu sozinho.

Então, suponhamos que aquela mulher que ele acabou de interrogar, Masako Katori, resolvera ajudar a amiga a se livrar do corpo. Ele voltou a imaginar-lhe o rosto sereno e inteligente, e o banheiro espaçoso. Ela tem carteira de habilitação e recebeu um telefonema da sra. Yamamoto naquela noite. Suponhamos que tenha sido um telefonema desesperado, implorando ajuda, de uma mulher que acabara de assassinar o próprio marido. Katori parou a caminho do trabalho e colocou o corpo no portamalas. E as duas apareceram na fábrica como se nada houvesse acontecido, assim como as outras do grupinho, Yoshie Azuma e Kuniko Jonouchi. Parecia tudo muito corajoso demais, tudo bem planejado demais — o que prejudicava sua teoria de que o crime não fora premeditado.

Segundo seu depoimento, a sra. Yamamoto voltou para casa na manhã seguinte e não saiu durante o dia, e os vizinhos pareciam confirmar tal versão. Sendo assim, era improvável que tivesse participação no desmembramento do corpo. Será possível que Masako Katori levou o corpo para casa e cortou-o todo sozinha? Ou, mais possivelmente, com as outras do grupo? Mas isso deixaria a esposa relaxando em casa enquanto as outras passavam por maus bocados. Por que se disporiam a fazer uma coisa dessas por ela? Não tinham nada contra Kenji para fazerem aquilo. De forma alguma uma mulher inteligente como Katori estaria preparada para arriscar-se tanto.

Nesse caso, também não parecia existir muita base para a ideia de “irmandade” que costumava-se incorporar nesses assuntos. Yayoi e Masako não tinham tanto assim em comum. Em primeiro lugar havia uma diferença significativa de idade, e Yayoi ainda tinha crianças pequenas em casa. Depois ainda havia suas circunstâncias econômicas: os Yamamoto aparentemente mal conseguiam viver com o que ganhavam, enquanto os Katori não eram exatamente ricos, mas pareciam bastante confortáveis — a um ponto tal que Imai até perguntou o motivo de Masako trabalhar no turno da noite. Seu marido trabalhava em uma empresa do primeiro time,

moravam em uma casa novinha em folha — tão bonita que fez com que o próprio Imai sentisse inveja, já que sua família vivia apertada em sua casinha do projeto habitacional da prefeitura. Sem dúvida Masako tinha seus próprios problemas, sobretudo com o filho, mas já era quase adulto e logo a deixaria livre das responsabilidades. Certamente não teriam problemas para se sustentar sem o salário dela... De qualquer maneira, não havia praticamente nada que a ligasse à sra. Yamamoto, a não ser o emprego na fábrica.

Então, talvez tudo aquilo tivesse a ver com dinheiro. Ele se lembrou do quanto Katori ficara ofendida quando ele disse que achava um absurdo uma mulher trabalhar à noite. Ela parecia especialmente preocupada com a diferença salarial. Era possível que Yamamoto tenha prometido pagar por sua ajuda. Ela tinha consciência de que precisaria de um álibi, portanto, pediu à amiga que cuidasse do corpo em troca de alguma espécie de recompensa; e pode ter feito a mesma oferta para Azuma e Jonouchi. Mas onde Yamamoto arrumaria tanto dinheiro assim? O seguro de vida do marido — ele se lembrou subitamente de ter ouvido que ela receberia um valor. Será que planejou usar o dinheiro? Talvez tenha contado a elas sobre o seguro para fazer com que participassem do esquema. Mas se foi isso, para que cortar o corpo? Elas precisavam de uma identificação positiva da vítima para receber o dinheiro do seguro. Mais um beco sem saída. Ainda havia a questão do motivo; sua teoria predileta pareceu encalhar em mais um rochedo. Ele se lembrou da expressão de choque de Yamamoto ao ver as fotografias do corpo do marido. Ninguém seria capaz de fingir uma expressão daquelas. Ele sabia identificar um horror verdadeiro — e de forma alguma ela própria despedaçara o corpo. Mas ninguém disse ter visto o Corolla vermelho de Katori próximo à casa de Yamamoto naquela noite, e tampouco no parque Koganei. Com muita relutância ele descartou aquela teoria.

Aquilo fazia com que lhe restasse somente a teoria secundária: a esposa tinha um amante que foi seu cúmplice na história. Era inevitavelmente bonita, portanto, não seria surpresa um envolvimento com outro homem. Só que não conseguiu angariar qualquer informação a esse respeito. Ele deu uma olhadela rápida pelas coisas que realçara em suas anotações, pelas coisas que o incomodaram durante a investigação. Primeiro, o fato de os vizinhos dizerem que os Yamamoto discutiam quase sempre. Depois a presunção dos mesmos de que o casal vivia em quartos

separados. Além do fato de o filho mais velho ter dito antes que escutara o pai voltar para casa naquela noite (embora sua mãe insistisse que havia sido só um sonho). E por fim, o gato, que se recusava a entrar na casa após a noite em questão...

— O gato... — ele disse em voz alta, olhando subitamente ao redor. Um gato marrom malhado o observava cautelosamente, agachado entre as primulas que cresciam com exuberância no jardim de uma das pequenas casas miseráveis. Imai passou um tempo fitando seus olhos amarelos. O que será que o gato dos Yamamoto vira naquela noite? O que será que o deixara tão apavorado que fez com que se decidisse a não pisar mais naquela casa? Que pena que não se podia interrogar um gato.

O tempo permanecia extremamente quente. Ele secou o rosto com seu lenço todo amarrotado e voltou a caminhar. Descendo a rua, um pouco além de onde estava, ele avistou uma confeitaria que lembrava as de antigamente. Imai comprou uma lata de chá preto gelado e bebeu-a inteira ali mesmo. O dono, um sujeito corpulento que se aproximava da meia-idade, assistia à televisão nos fundos da loja.

— Será que o senhor não saberia onde vivem os Azuma? — Imai perguntou ao homem, que apontou na direção da casa da esquina. — Pelo que soube o marido não está mais vivo.

— É verdade — disse o homem. — Já morreu há algum tempo. A viúva cuida da sogra inválida e agora também está com um neto morando com ela. Vieram hoje aqui na loja comprar doces.

— É mesmo?! — Imai exclamou, imaginando se uma mulher nessas condições teria forças para se envolver em uma coisa daquelas. Ele sentia sua teoria evaporando-se como névoa em uma manhã ensolarada.

— Com licença — Imai falou alto. Conforme abria a porta da casa dos Azuma, sentiu a investida de um forte cheiro de fezes. Já da entrada da casa enxergava tudo o que havia naquela pequena moradia. Yoshie Azuma estava bem no meio da tarefa de trocar a fralda de uma senhora. — Peço perdão pelo incômodo — disse ele.

— Quem é? — Yoshie perguntou alto.

— Eu me chamo Imai. Sou da delegacia de polícia de Musashi-Yamato.

— Um detetive? Receio que esteja um pouquinho ocupada no momento. Será que o senhor não poderia voltar outra hora? — Imai hesitou, mas depois resolveu que seria melhor não ter que refazer aquela caminhada comprida e sob todo aquele calor.

— A senhora vai achar ruim se eu aproveitar que já estou aqui para lhe fazer algumas perguntas?

— Por mim tudo bem — ela respondeu olhando para ele. Os cabelos dela estavam desgrenhados e a testa, coberta de suor. — Se o senhor conseguir suportar o fedor...

— Não precisa se preocupar comigo — ele lhe disse. — Lamento pegá-la em um momento tão constrangedor.

— O senhor veio perguntar sobre Yayoi?

— Disseram-me que vocês duas são amigas íntimas.

— Íntimas, nem tanto. Ela é muito mais nova — Yoshie grunhiu ao erguer as pernas da velha para depois começar a limpá-la com papel higiênico. Envergonhado, Imai olhou para baixo e se viu a fitar um par de pequenos sapatos decorados com um personagem de desenho animado. Ele olhou de relance para a cozinha escura e apertada à sua direita e viu uma criança encolhida no chão, bebendo uma caixa de suco. O neto. Bom, uma coisa era certa: o corpo não foi desmembrado ali. Não ia precisar pensar em uma desculpa para verificar o banheiro dela.

— A senhora notou alguma coisa estranha ultimamente no comportamento de Yamamoto-san? — ele perguntou.

— Lamento, mas não sei nada sobre isso. — Ela já terminara de limpar a anciã e estava colocando uma fralda limpa.

— Então talvez possa me dizer que tipo de pessoa ela é.

— É bastante normal, por isso tenho certeza de que isto tudo deve tê-la deixado arrasada. — Imai considerou que a tremida da voz dela foi devido ao esforço.

— Fiquei sabendo que ela caiu na fábrica no dia anterior ao desaparecimento do marido.

— O senhor fez o dever de casa — disse ela, erguendo o olhar na direção dele. — É verdade. Ela escorregou no molho.

— A senhora saberia dizer o que pode ter provocado a queda? Ela estava preocupada com alguma coisa?

— Creio que não — disse Yoshie, com a voz cansada. — A pessoa não precisa estar “preocupada” para escorregar em um lugar como aquele. —

Ela dobrou a fralda suja e se levantou. Deixando-a à entrada da cozinha, onde a criança ainda brincava, pôs-se ereta e se virou para olhar para ele. — Mais alguma coisa?

— O que a senhora fez na manhã da quarta-feira? — ele perguntou com aspereza.

— O mesmo que estou fazendo agora.

— O dia inteiro?

— O dia inteiro.

Depois de pedir desculpas, Imai foi embora o mais rápido possível. Sentiu uma certa indecência em suspeitar de uma mulher que passava as noites trabalhando e voltava para casa para ter de fazer aquilo. Quando ele e Kinugasa a interrogaram na fábrica, suas respostas pareceram hesitantes, quase suspeitas, mas hoje não.

Isso fazia com que lhe restasse apenas a última do grupo, Kuniko Jonouchi, embora Imai estivesse começando a se sentir desanimado. Parou novamente na confeitaria para tomar mais um chá preto gelado.

— Ela estava em casa? — o homem da loja perguntou.

— Estava um pouco ocupada. A propósito, o senhor não percebeu se Azuma-san saiu de casa na última quarta-feira?

— Quarta-feira? — ele perguntou, olhando com desconfiança para o detetive.

Imai mostrou-lhe seu distintivo.

— Ela é colega de trabalho da mulher cujo marido foi a vítima daquele caso de homicídio seguido de desmembramento.

— Está de brincadeira! — o homem exclamou e seus olhos brilharam. — Que história horrível, essa! Agora que o senhor falou, eu me lembro de ter lido que ela trabalhava na fábrica.

— E quanto a Azuma-san? Na última quarta-feira?

— Ela não é de sair muito — disse o lojista, evidentemente curioso em relação às razões daquele detetive estar investigando sua vizinha. Imai foi embora sem nada mais dizer, começando a achar que estava perdendo tempo.

Ele parou para comer um pouco de macarrão gelado em um restaurante que ficava em frente à estação de Higashi-Yamato, e por isso só foi chegar ao apartamento de Kuniko Jonouchi bem depois do meio-dia. Ele apertou

o botão do interfone, mas ninguém atendeu. Depois de tocar várias vezes mais, já estava prestes a desistir e voltar para a estação quando uma voz aborrecida de mulher surgiu crepitante pelo aparelho.

— Quem é? — Imai identificou-se e a porta se abriu quase que imediatamente, revelando um rosto carrancudo e grogue.

— Peço perdão por ter acordado a senhora — disse ele, notando a apreensão que sua súbita visita pareceu produzir. — Geralmente a senhora está dormindo a esta hora? — ele perguntou, olhando em volta pelo apartamento.

— Estou — ela respondeu. — Trabalho durante a noite.

— Seu marido está no trabalho?

— Ahn, está... — Kuniko murmurou.

— Onde? — Imai perguntou, sentindo que uma rápida enxurrada de perguntas pudesse ser eficaz naquele caso.

— Para ser sincera, ele largou o emprego... e foi embora de casa.

— Foi embora de casa? — Imai repetiu. Não havia motivo para suspeitar que aquilo pudesse ter alguma relação com o caso Yamamoto, mas sua curiosidade profissional fora atçada. — Importa-se se eu perguntar o motivo?

— Não teve nenhum motivo em especial — ela lhe contou. — Simplesmente não estávamos convivendo bem. — Enquanto ela remexia a bolsa à procura de cigarro, Imai via seus seios balançando, soltos por sob a camiseta folgada. Pelo jeito ela não se incomodara em se arrumar antes de atender à porta. Imai percebeu a cama desarrumada no apartamento quando olhou para o que havia atrás dela e pensou que a maioria dos homens acharia deprimente viver com uma mulher assim. Agora Kuniko já havia encontrado o cigarro e o colocou no canto da boca conforme olhava na direção de Imai.

— Fiquei sabendo que a senhora é amiga de Yamamoto-san e me deu vontade de vir aqui fazer-lhe algumas perguntas.

— Amiga? — perguntou. — Não é bem assim.

— Verdade? Fiquei com a impressão de que vocês duas, Azuma e Katori-san, juntas, formassem uma espécie de equipe.

— No trabalho, é verdade, creio que se possa colocar assim. Mas Yayoi é um pouco convencida, provavelmente porque é bonita, e não somos exatamente “amigas”.

— Entendo — Imai respondeu, percebendo toda aquela hostilidade muito mal dissimulada. O interessante era que Kuniko, pelo jeito, não sentia a mínima pena de uma mulher cujo marido acabara de ser assassinado, e também que tanto ela quanto Azuma tenham negado serem amigas de Yamamoto. Alguma coisa não cheirava bem. O que ele ouviu na fábrica foi que as quatro não se largavam, trabalhavam todos os turnos juntas e depois ainda ficavam de papo após o expediente. Tudo o que ele conhecia sobre casos assim lhe dizia que mulheres em situações como essa acabariam mostrando uma solidariedade bem maior que o normal. — Então, vocês duas não se veem muito sem ser no trabalho?

— Nem um pouco. — Ela levantou-se, foi até a geladeira e encheu um copo com uma garrafa de água mineral. — O senhor quer um pouco? O problema é que é água da bica.

— Não, obrigado. — Ele viu ligeiramente o que havia dentro da geladeira enquanto ela tirava a garrafa. Quase nada sugeria que uma mulher morava ali, nenhum mantimento, nenhuma sobra, nem sequer uma garrafa de suco. Será que ela não comia em casa? Pensando bem, todo o cenário era um pouco estranho. Suas roupas e acessórios aparentavam ser caros, mas não se via sequer um livro ou CD, e o próprio apartamento não tinha como ser mais básico. — A senhora não cozinha? — ele se viu perguntando enquanto observava as caixas vazias de fast-food espalhadas pela sala.

— Não suporto — Kuniko respondeu, contorcendo o rosto em uma careta exagerada, mas depois fez como se estivesse envergonhada. Imai considerou-a uma verdadeira palhaça.

— Tenho umas duas perguntas para fazer à senhora a respeito do caso Yamamoto — disse ele. — Pelo que apurei, a senhora não foi trabalhar na quarta-feira à noite, e eu queria saber se poderia me dizer o motivo.

— Quarta-feira? — Kuniko engoliu em seco, levando a mão rechonchuda ao peito.

— Entre a noite da terça-feira e a manhã da quarta-feira. O marido dela desapareceu naquela noite e o corpo foi encontrado na sexta-feira. Só fiquei curioso em saber por que a senhora faltou ao trabalho na noite em questão.

— Acho que tive dor de estômago — disse ela, com uma voz um pouco agitada. Imai fez um momento de pausa.

— A senhora sabe se Yamamoto-san tinha algum namorado? — Ele chegou ao ponto que queria.

— Duvido — respondeu, dando de ombros.

— E quanto a Katori-san?

— Masako? — ela perguntou com um grito agudo, aparentemente surpresa por ele ter falado nela.

— Isso. Masako Katori.

— Acho pouco provável, não uma mulher assustadora como ela.

— A senhora a considera assustadora?

— Não é bem assustadora... — Kuniko silenciou-se, já que não conseguiu encontrar outro termo. Imai esperou, satisfeito por aquela palavra não ter saído por acidente, mas um pouco intrigado por ela considerar Masako assustadora. — De qualquer forma, estou pensando em sair de lá mesmo... — acrescentou, mudando de assunto. — Ficou um pouco medonho depois de tudo o que houve com Yayoi, quase como se o lugar estivesse amaldiçoado.

— Entendo — disse Imai, agitando a cabeça em sinal de concordância.

— Então a senhora está procurando outro trabalho?

— Pois é, estou querendo arrumar alguma coisa durante o dia. Já tinha o tal do tarado que vinha nos perturbando, e agora tudo aquilo lá parece estar indo para o inferno.

— Tarado? — Estranhou e tirou seu bloquinho do bolso à possibilidade de novas informações. — Na fábrica?

— Ele é ardiloso, ainda não conseguiram pegá-lo.

— Duvido que haja alguma relação com o marido de Yamamoto-san, mas poderia me dizer o que sabe a respeito? — Imai pediu, subitamente ávido. Kuniko lançou-se em uma lista de ataques que começaram em abril. Enquanto fazia suas anotações, Imai voltou a imaginar o quanto deveria ser difícil para aquelas mulheres trabalhar à noite.

Quando Imai deixou o edifício de Kuniko, os compridos raios do sol da tarde ardiam sobre o chão de concreto do estacionamento. Ele suspirou, pensando na longa caminhada até o ponto do ônibus naquele calor fervente e no suadouro subsequente durante a espera, após chegar. A fila de carros brilhosos estacionados próximos ao edifício capturaram-lhe a atenção e, dentre eles, o mais vistoso de todos, um Golf conversível verde-escuro.

Imai achou estranho que qualquer um que vivesse ali tivesse um carro daqueles, mas nunca imaginaria que poderia ser da mulher em aparente dificuldade financeira, de cujo apartamento acabara de sair.

Então, estava em um beco sem saída. Teria que recomeçar do zero e tentar interrogar os cinco que faltaram ao trabalho na fábrica na noite de terça-feira. Poderia começar já no dia seguinte, mas se não desse certo, teria que admitir a derrota e unir-se a Kinugasa. Franziu o rosto ao partir para dentro daquela tarde ardente.

6

Kazuo Miyamori estava esparramado na cama de cima do beliche, estudando seu livro de japonês. Além da provação de trabalhar na fábrica, estabelecera para si mesmo duas novas metas: uma seria conseguir o perdão total e irrestrito de Masako e a outra, aprender o suficiente do idioma para atingir tal feito. Mas essas novas tarefas eram diferentes da atividade simples e repetitiva de levar o arroz para a linha de montagem das refeições; traziam-lhe uma certa atração.

— Meu nome é Kazuo Miyamori.

— Meu hobby é assistir a futebol.

— Você gosta de futebol?

— De que comida você gosta?

— Eu gosto de você.

Estava deitado de bruços, sussurrando cada frase repetidamente até que seus olhos devanearam até a estreita fresta de janela visível do ângulo em que estava. O laranja brilhante do pôr do sol do verão iluminava as nuvens que estavam abaixo de uma faixa de um azul-escuro intenso. Enquanto observava, a luz desvaneceu-se das nuvens e o céu escureceu; ele queria que a noite chegasse logo para que pudesse reencontrar-se com Masako.

Não falava com ela desde aquele dia. Seria doloroso demais se tentasse dizer alguma coisa e ela o ignorasse. Mas ele voltou depois e recuperou o que ela atirou na vala de drenagem naquela noite. Tirou uma chave prateada de sob seu travesseiro e apertou-a com a mão. O metal gelado aqueceu-se aos poucos na palma de sua mão e ele, solitário, abriu um sorriso, pensando que era justamente daquela maneira que seu coração aquecia-se por causa de Masako.

Se contasse aquilo a qualquer um dos outros homens, eles cairiam na gargalhada com a ideia de se apaixonar por uma mulher tão mais velha. Provavelmente lhe diriam para escolher uma das brasileiras. Portanto, ninguém precisava saber. Talvez fosse o único capaz de perceber o caráter especial que aquela mulher parecia ter; e talvez ela fosse a única capaz de compreender o que Kazuo tinha de especial. Se ele simplesmente

conseguisse conhecê-la melhor, tinha certeza de que conseguiriam se entender. Ele apertou a chave como se fosse um amuleto capaz de realizar aquele desejo.

Kazuo prendeu a chave em uma corrente prateada e passou a usá-la ao redor do pescoço. Era um objeto tão comum que duvidava até mesmo que a própria Masako reconhecesse a chave que deixara cair na vala. Embora já tivesse 25 anos, o pequeno amuleto fazia com que ele se sentisse como um colegial na agonia de sua primeira paixão; e ele nem sequer imaginou que aquele sentimento não fosse nada além de uma tentativa de encontrar algum bem-estar naquele país inóspito de onde seu pai saía. Ele só sabia que provavelmente nunca encontraria outra mulher como ela, nem no Brasil.

Kazuo voltou à galeria de escoamento bem cedo na manhã seguinte. Diferentemente das japonesas que trabalhavam em meio expediente na fábrica, as funcionárias brasileiras não costumavam sair antes das seis da manhã. Desse horário até as nove, quando a equipe do expediente diurno entrava, a fábrica ficava completamente deserta. Kazuo aproveitou-se desse intervalo para ir vasculhar a vala.

Ele tinha quase certeza do local onde procurar, e estava bastante curioso para saber o que Masako poderia ter jogado naqueles buracos. Pelo som que fizera ao atingir o fundo, ele concluiu que deveria ser um objeto metálico que a água não levaria embora. Ele esperou até que os últimos alunos e trabalhadores passassem apressados a caminho da estação, e depois usou toda a sua força para arrastar uma placa da cobertura de concreto, tirando-a de sobre a vala. A luz do sol da manhã reluziu sobre a superfície daquele líquido escuro e gosmento que, até agora, escorria silenciosamente na escuridão. Kazuo deu uma olhadela pelo buraco. A água estava negra e turva, porém, mais rasa do que ele imaginara. Um pouco mais tranquilo, ele deslizou ligeiramente para dentro e mergulhou os pés, com tênis e tudo, no córrego. Uma sujeira escura e pungente espirrou por toda a sua calça jeans, e quando já estava com a lama à altura dos tornozelos, se deu conta de que seus tênis da Nike já não lhe seriam mais úteis. Ainda assim, curvou-se o suficiente para conseguir ver um chaveiro metálico decorado com um pingente de couro preto que acabou preso sob uma garrafa plástica esmagada. Ele pôs a mão naquela água

tépida e resgatou o objeto. Os cantos do pingente de couro estavam brancos de tão gastos; o chaveiro continha uma única chave prateada. Quando a luz do sol refletiu nela, Kazuo viu que era uma chave comum de residência. Achou bastante estranho Masako ter se dado tamanho trabalho para se desfazer de uma coisa daquelas, mas tais pensamentos foram logo esquecidos devido ao prazer de ter recuperado uma coisa que pertencera a ela. Kazuo tirou a chave do chaveiro e a pôs no bolso. Depois jogou fora a peça, que já não mais prestava.

Naquela noite ele chegou ao trabalho mais cedo que de costume e ficou esperando próximo à porta que Masako aparecesse. Preferia esperá-la no caminho entre a fábrica e o estacionamento, e vê-la caminhando pela fábrica abandonada, mas tinha consciência de que não havia como. Não deveria assustá-la mais do que já o havia feito. Abriu um sorriso e se deu conta de que não era bem aquilo: era *ele* que tinha medo. Medo de fazer alguma coisa que a levasse a gostar ainda menos dele — era isso que temia mais que qualquer outra coisa.

Colocou-se próximo a Komada, a fiscal de higiene, fingindo verificar seu cartão de ponto conforme montava guarda. Enfim, ela apareceu no horário de sempre. Seu corpo alto curvou-se rapidamente para pôr sua bolsa preta no chão, sobre o carpete industrial vermelho, enquanto tirava os tênis. Por um instante olhou de relance para Kazuo, mas como da outra vez, sua atenção parecia atravessá-lo e fixar-se em algum ponto na parede atrás dele. Entretanto, devido àquela olhadela, Kazuo sentiu uma espécie de prazer puro e simples, como ficar olhando o nascer do sol.

Ela resgatou sua bolsa e cumprimentou Komada, para depois dar-lhe as costas e deixá-la passar-lhe o rolo adesivo pela roupa — uma blusa polo verde folgada demais e uma calça jeans. Procurando respirar lenta e equilibradamente para controlar a palpitação que sentia sempre que ela estava por perto, Kazuo se aproveitou da inspeção da fiscal de higiene para fitar-lhe a silhueta. A forma descuidada com que se vestia era quase masculina, mas ele gostava de sua magreza e de como seu rosto parecia ter sido despojado de qualquer excesso. Quando ela passou por ele, Kazuo encheu-se de coragem e falou com Masako.

— Bom-dia.

— Bom-dia — respondeu, fazendo cara de surpresa. Enquanto desaparecia entrando na área de descanso dos funcionários, ele fechou a mão em volta da chave pendurada em seu pescoço e disse uma palavra de agradecimento. Ela disse bom-dia! Naquele momento a porta do escritório se abriu, como se alguém estivesse esperando acabar aquela pequena formalidade.

— Miyamori. Que bom que está aqui! Podemos conversar um instante? — O gerente da fábrica acenou da porta em sua direção. Naquela hora não costumava haver ninguém no escritório além do velho vigia. Kazuo ficou surpreso em ver o gerente ali tão tarde, mas surpreendeu-se ainda mais ao ver que um intérprete o esperava quando entrou. — Pode voltar aqui à meia-noite? A polícia quer fazer-lhe algumas perguntas. — Após fazer tal solicitação para que o intérprete repassasse para Kazuo, ele se virou para a área da recepção nos fundos do escritório, onde um funcionário japonês estava sendo interrogado por um sujeito magro, aparentemente um detetive.

— A polícia? — Kazuo perguntou.

— Exatamente, está logo ali.

— Quer falar comigo?

— Isso mesmo.

O coração de Kazuo quase parou. Masako dera queixa dele. O ambiente pareceu escurecer-se conforme percebeu que fora denunciado. Sabia que fora egoísmo pedir que ela não contasse, mas nunca imaginou que ela fosse capaz de mentir daquela maneira. Foi uma idiotice achar que Masako deixaria que ele escapasse impune.

— Está bem... — resmungou em português. Desanimado, retornou à área de descanso dos funcionários. Masako estava sozinha, fumando próximo às máquinas de bebidas. Nem a mulher que elas chamavam de Capitã nem a gorda chamada Kuniko haviam chegado, parecia não ter ninguém com quem conversar; e desde que a mais bonitinha, Yayoi, deixou de ir trabalhar, alguma coisa parecia diferente em Masako, como se houvesse rompido com tudo e com todos; ainda assim, Kazuo não conseguiu evitar ir conversar, com a voz trêmula de raiva.

— Masako-san. — Ela se virou para olhar e Kazuo, com muita dificuldade, lutou para conseguir dizer o que queria em japonês. — Você contou a eles?

— Se contei o quê? — Ela cruzou os braços finos à sua frente e ficou olhando para ele com os olhos arregalados de surpresa.

— A polícia... veio.

— A polícia? Veio fazer o quê?

— Você não tinha prometido? — Ele conseguiu encontrar as palavras para dizer, e então se deteve, observando-lhe os olhos. Apertou os lábios um contra o outro, retribuindo-lhe o olhar, mas sem nada dizer. Chegou uma hora em que ele se virou, com os ombros curvados, e dirigiu-se ao vestiário. Provavelmente seria preso e perderia o emprego, mas estava muito mais chateado pelo fato de que Masako violara a promessa.

Se iriam interrogá-lo à meia-noite, logo quando deveria começar seu turno, teria que se vestir agora. Ele encontrou o cabide com o seu uniforme. Como eram proibidos de usar qualquer espécie de joia ou de outros objetos pessoais na área de preparação das refeições, ele tirou a corrente com a chave e colocou-a cuidadosamente no bolso da calça. Depois, pegou a touca azul de trabalho usada por todos os funcionários brasileiros e voltou à área de descanso. Masako continuava no mesmo lugar em que ele a deixara, pelo jeito, esperando. Também havia trocado de roupa enquanto saiu, mas algumas mechas saíam por sua rede de cabelos, o que passava a impressão de que se apressara.

— Espere — pediu, agarrando-lhe o braço musculoso enquanto ele passava, mas Kazuo a ignorou e seguiu na direção do escritório. Se ela o houvesse mesmo denunciado, então, seria o fim das provas, e não existiria mais sentido em sua vida. Mas enquanto caminhava, lembrava-se do quanto foi bom sentir a mão dela a tocar-lhe o braço naquela fração de segundo, e já voltava a ter vontade de viver novamente. Chegou à conclusão de que aquilo também era uma prova. Uma prova que ela colocara para ele e, como as outras, teria que ser suportada. Sentia a chave gelada contra a coxa, como se para lembrar-lhe que ela ainda estava ali. Kazuo bateu à porta do escritório, que se abriu quase imediatamente. O intérprete brasileiro e o detetive aguardavam-no. Seu coração começou a bater mais forte e ele escorregou a mão para dentro do bolso, envolvendo a chave.

— Imai — apresentou-se o detetive, exibindo o distintivo.

— Roberto Kazuo Miyamori — disse em resposta. O detetive era alto e tinha queixo pequeno. Sua aparência era bastante amistosa, mas seu olhar era penetrante.

— O senhor é cidadão japonês? — ele perguntou.

— Sou. Meu pai era japonês e minha mãe é brasileira.

— Deve ter saído bonito assim por causa dela. — Riu. Kazuo ficou olhando friamente, sentindo que o comentário poderia ser entendido como um insulto. — Lamento arrastá-lo para dentro desta história assim, mas queria perguntar-lhe algumas coisas. Já conversei com a administração da fábrica para que contem este tempo como se o senhor estivesse trabalhando.

— Certo — Kazuo respondeu, enrijecendo-se todo quando o detetive preparou-se para começar. Só que a pergunta que surgiu foi completamente inesperada.

— O senhor conhece Yayoi Yamamoto? — Perplexo, Kazuo olhou de esguelha para o intérprete, que indicou que o detetive estava esperando pela resposta.

— Conheço sim. — Ele agitava a cabeça em um gesto de afirmação, sem entender direito qual era a intenção de Imai com aquela pergunta.

— Então já soube o que houve com o marido dela?

— Já, escutei boatos. — O que aquilo tinha a ver com ele?

— O senhor conhecia o marido dela?

— Não, nunca o vi.

— E o senhor já conversou alguma vez com a própria Yamamoto-san?

— Digo “oi” de vez em quando, mas nada mais. Qual é a razão disto tudo, afinal? — Aparentemente o intérprete achou que não deveria repassar aquela pergunta de Kazuo, e o detetive seguiu com as dele.

— Vi no registro que o senhor estava de folga na última terça-feira. Se importaria em nos dizer o que fez na noite em questão?

— O senhor acha que participei disso tudo? — Kazuo perguntou, irritado por ser envolvido em uma coisa da qual não sabia nada a respeito.

— Não, não — Imai lhe assegurou. — Estamos apenas tentando conversar com todos que conheciam Yamamoto-san, especialmente se a pessoa estava de folga naquela noite. — Kazuo ainda não entendia por que estava sendo interrogado, mas começou a resumir o que se lembrava daquela noite.

— Dormi até cerca de meio-dia. Depois fui para Oizumi-machi. Passei o resto do dia no centro comercial brasileiro de lá, e já às nove voltei ao meu quarto para dormir.

— Mas a pessoa com quem divide o apartamento nos disse que o senhor não voltou para casa naquela noite — disse o homem, verificando suas anotações com uma expressão de ceticismo.

— Alberto não percebeu que eu estava em casa quando voltou com a namorada — Kazuo protestou. — Mas eu estava dormindo na minha cama.

— Mas como ele poderia não perceber que o senhor estava lá?

— Porque eu estava na cama de cima do beliche. — Kazuo ficou sem jeito ao lembrar-se do que aconteceu naquela noite.

— Então, ele voltou para casa com a namorada, mas não chegou a se dar conta de que o senhor estava ali, na cama de cima do beliche? — O detetive riu, enfim, parecendo compreender. Envergonhado, Kazuo olhava com nervosismo pelo escritório vazio. Ficou olhando para a fileira de mesas, cada uma com seu computador devidamente protegido por uma capa plástica transparente. Ele teve vontade de aprender a usar computador quando chegou ao Japão, mas de alguma maneira terminou ali, carregando arroz para uma linha de montagem. Subitamente ocorreu-lhe que toda aquela situação era uma loucura e um absurdo. — Então o senhor passou o resto da noite no quarto? — o homem perguntou.

Kazuo hesitou. Foi a noite em que ele agarrou Masako e depois ficou vagando pelas ruas com uma crise de remorso. Havia começado a chover e ele voltou ao apartamento na madrugada para buscar um guarda-chuva, mas aí Alberto já havia saído para ir trabalhar. Depois voltou para esperar Masako.

— Saí para dar uma volta — respondeu.

— No meio da noite? Aonde o senhor foi?

— Vim aqui para a fábrica.

— Por que veio para cá?

— Sem motivo. Só não queria ficar no apartamento.

— Qual é sua idade? — Imai perguntou com um ar quase de comiseração.

— Tenho 25 — Kazuo respondeu. Imai mostrou que entendeu agitando a cabeça de maneira pensativa, como se tivesse acabado de perceber alguma coisa, mas sem dizer nada enquanto pesquisava as páginas de anotações. — Posso ir agora? — Kazuo perguntou, achando o silêncio insuportável. O detetive ergueu a mão, indicando que ainda queria fazer mais perguntas.

— Me disseram que algumas mulheres foram atacadas perto da fábrica — disse. — O senhor sabia? — Kazuo logo imaginou que havia chegado a hora e apertou a chave em seu bolso.

— Ouvi boatos — respondeu. — Mas o senhor acharia ruim se eu perguntasse quem falou nisso?

— Acho que posso revelar — disse Imai, com certo deleite. — Foi a srta. Jonouchi, uma das que trabalham em regime de meio expediente. — Kazuo soltou a chave da palma suada de sua mão, completamente dominado pela gratidão de não ter sido Masako. Depois teria que lhe pedir desculpas. — Isso não tem qualquer ligação com o caso Yamamoto, mas será que o senhor pode me dizer se os funcionários brasileiros comentam sobre os ataques? Sobre as vítimas e sobre quem deve ser o responsável?

— Não que eu tenha escutado — Kazuo respondeu com um tom de voz bastante derradeiro e ergueu o olhar na direção do relógio da parede conforme vestia o gorro.

— Obrigado — Imai agradeceu, percebendo que o interrogatório terminara.

A linha de produção já estava em movimento quando Kazuo chegou à área de preparação, e uma pilha de refeições prontas organizada com muito esmero crescia no outro extremo. Sem Kuniko e nem a Capitã, era Masako quem cuidava do arroz à cabeceira da esteira. Depois que começaram os boatos a respeito do marido de Yayoi, o grupo se separou. Ele ficou perplexo com aquilo, mas ao mesmo tempo contente, já que Masako não tinha mais tantas amigas à sua volta. Se ele se apressasse na troca de roupa ao fim do expediente, talvez conseguisse conversar com ela.

Era a chance perfeita, mas foi obrigado a cumprir quinze minutos de hora extra e Masako, como as outras que trabalhavam em regime de meio expediente, já havia ido embora quando chegou à área de descanso dos funcionários, bem depois das 6 horas da manhã. Quando ele deixou a fábrica o sol da manhã iluminava o muro cinzento da fábrica automotiva. Era uma pena que em um dia tão bonito de verão tivesse de voltar para o apartamento e se enrolar todo no escuro como um animal. Ele tirou seu gorro preto do bolso, vestiu-o, e puxou-o de maneira lúgubre por sobre os

olhos. Mas quando ergueu o olhar, deteve-se, chocado: Masako estava no mesmo lugar em que ele esperou naquela manhã, debaixo de chuva.

— Miyamori-san — chamou, com o rosto pálido de cansaço ao se dirigir até ele. Inconscientemente passou a chave para a frente da camiseta. Tudo aquilo era graças àquela chave. Masako olhou de relance para aquele objeto prateado que agora estava pousado sobre a blusa branca, mas sem saber que era a mesma chave descartada, rapidamente voltou a fitar o rosto de Kazuo. — Ontem à noite, lá na área de descanso, o que você quis dizer? — perguntou, pelo jeito, presumindo que ele conseguiria entender o seu japonês.

Ele curvou a cabeça em uma reverência, como sabia ser adequado.

— Sinto muito. Cometi um engano. — Masako continuou a olhar para ele, aparentemente insatisfeita.

— Não contei a ninguém o que você fez — ela afirmou.

Kazuo fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Eu sei.

— A polícia queria perguntar a respeito do marido de Yayoi, não é mesmo? — perguntou, para logo depois virar-se e começar a caminhar na direção do estacionamento. Kazuo acompanhava-a alguns metros atrás, consciente de que os funcionários brasileiros estavam começando a deixar a fábrica, papeando ruidosamente entre si. Masako seguia marchando rapidamente em frente como se não houvesse outra pessoa com ela.

Quando os brasileiros viraram na direção de seus dormitórios, Masako e Kazuo estavam passando pela fábrica abandonada. O perfume fresco de capim de verão mal chegava a mascarar o fedor da vala, mas logo o calor o traria à tona; dentro de algumas horas a rua estaria cálida e empoeirada, e o mato a definhar sob o sol ardente.

Kazuo a viu olhar ligeiramente na direção da galeria de escoamento e deter-se, como se estivesse paralisada, ao ver a placa da cobertura de concreto que ele retirara. Ficou confuso com a expressão de pânico que se alastrou pelo rosto dela. Talvez devesse lhe contar o que fez, mas não era fácil admitir que fora se meter no meio da lama por uma coisa que ela jogara fora. Então, ficou quieto, com as mãos bem guardadas nos bolsos. O rosto já lívido de Masako pareceu ficar ainda mais pálido conforme ela se aproximava do buraco e olhava lá para dentro. Kazuo ficou observando-a por trás e, quando finalmente criou coragem para falar, viu-se fazendo a

mesma indagação áspera que tantas vezes ouvira de Nakayama, o chefe de seção da fábrica.

— Que droga você está fazendo? — Ele tinha consciência de que era uma frase bastante grosseira, mas era a única em seu estoque limitado que parecia servir àquela situação. Masako virou-se. Seus olhos encontraram os dele e, então, baixaram até a chave que lhe adornava o peito.

— Essa chave aí é sua? — ela perguntou. Kazuo, lentamente, fez um sinal afirmativo com a cabeça, e depois de negação. Não conseguiria mentir. — Não tirou-a daqui de dentro, não é? — ela fez outra pergunta, com raiva da resposta confusa. Kazuo estendeu os braços e encolheu os ombros. Sua única opção era revelar a verdade.

— Tirei.

— Por quê? — questionou, indo na direção dele. Era alta, ligeiramente menor que Kazuo, e ele retraiu-se, afastando-se, e apertando a chave com as duas mãos para evitar que a arrancasse. — Como soube? Estava ali de novo naquela noite? — Ela apontou o dedo como se fosse um punhal na direção do mato onde esteve escondido. Por coincidência um grande besouro saiu voando da vegetação rasteira naquele exato momento, como se o dedo dela fosse um laser. Kazuo confirmou. — Mas por quê?

— Estava esperando você.

— Por quê?

— Você prometeu aparecer... não prometeu?

— Não. — Ela estendeu a mão, abrindo-a. — Agora devolva-me.

— Não — ele se recusou, ainda agarrando a chave.

— Por que quer ficar com uma coisa dessas? — perguntou, repousando as mãos na cintura e analisando-o.

Você não entende? Quer me forçar a dizer?

— Devolva — repetiu. — Preciso dela. É importante. — Ele compreendia bem o bastante o que ela dizia, mas não poderia obedecer. Se fosse tão importante assim, não deveria tê-la jogado fora. Só a queria de volta porque agora estava com ele, bem perto de seu corpo.

— Não — ele negou. Masako ficou ali parada, com os lábios apertados, aparentemente pensando no que fazer. A angústia fez com que ele pegasse em sua mão. De tão magra, parecia desaparecer dentro da dele. — Eu gosto de você — declarou.

— Como é?! — exclamou, fitando-o com os olhos arregalados. — Por causa do que aconteceu naquela noite? — Queria dizer-lhe que achou que

ela entenderia, mas faltaram-lhe as palavras. Frustrado, repetiu a única frase que conhecia, como se fosse uma lição de japonês.

— Eu gosto de você.

— Receio que isso não me sirva de nada — disse, puxando a mão para soltá-la da dele. Kazuo sentiu uma forte decepção. Ela o deixou parado ao lado da vala e saiu andando, descendo a rua. Começou a segui-la, porém, ao perceber na linguagem corporal que via às suas costas; então, Kazuo se deteve e ficou a sentir a onda de tristeza a envolvê-lo conforme a via partir.

7

O estacionamento da fábrica parecia ser plano, mas na verdade fora construído sobre um ligeiro declive. No escuro mal se percebia, mas ao amanhecer, depois de uma noite de trabalho exaustivo, às vezes o chão parecia empenar-se sob os pés. Agora, sentindo uma leve tontura, Masako descansava as mãos sobre o teto do Corolla para se apoiar. O metal estava coberto pelas gotas do sereno da noite, e as palmas de suas mãos ficaram imediatamente molhadas, como se as houvesse mergulhado em uma poça d'água. Masako as secou em sua calça jeans.

Como foi capaz de dizer aquilo? Sabia que ele estava falando sério. Lembrando-se de como a seguira feito um cão perdido, ela se virou para olhar para trás como fizera antes, mas desta vez ele sumira. Tinha consciência de que ele ficara magoado, e o fato de ter resgatado a chave a deixava preocupada. Mas o que mais a perturbava era a intensidade dos sentimentos do rapaz. Não precisava mais passar por tais emoções: já as deixara para trás. Tinha consciência de que escolhera seu destino devido à mesma sensação de isolamento que a levava a ajudar Yayoi.

Naquele dia ela ultrapassou um limite. Cortou o corpo de um homem em pedaços e os espalhou pela cidade. E mesmo que fosse capaz de apagar as lembranças do que fizera, nunca conseguiria voltar a ser o que era.

Sem qualquer aviso, Masako sentiu uma explosão de náusea em seu interior e vomitou ao lado do carro; porém, o enjoo não foi embora com o vômito. Ela caiu de joelhos e as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto conforme a bile amarela saía-lhe pela boca.

Masako secou o rosto com um lenço de papel e deu partida no carro. Em vez de ir para casa, entrou pela rodovia Shin-Oume e seguiu para o oeste, na direção do lago Sayama. Não havia trânsito tão cedo, mas diminuiu a marcha e a velocidade quando a estrada apresentou-lhe muitas curvas, subindo as montanhas. Com exceção de um idoso em uma motocicleta, não passou por ninguém.

Certa hora, saiu em uma ponte que ficava sobre a represa que se estendia pelo vale. O lago Sayama, para além da represa, espalhava-se diante de Masako. O terreno ao redor do lago fora nivelado e a imagem de toda aquela área era artificial, como uma Disneylândia alpina. Ela se lembrou de quando, na infância, seu filho debulhou-se em lágrimas à visão daquele lago; tinha certeza de que um dinossauro surgiria em meio a toda aquela água, e apertou o rosto contra o dela, recusando-se a olhar. Masako riu sozinha com tal lembrança.

A superfície do lago resplandecia à luz do sol da manhã, ferindo-lhe os olhos cansados. Espremendo-os, virou na direção da aldeia da UNESCO. Mais alguns minutos pela estrada da montanha e o local surgiu no horizonte. Ela entrou pelo matagal à margem da estrada e parou o carro. A cabeça de Kenji estava enterrada em um local que encontrara após uma caminhada de cinco minutos pela mata, saindo daquele ponto.

Ela saiu, trancou o carro, e começou a caminhar por entre as árvores. Era evidentemente arriscado voltar ali, mas suas pernas moviam-se automaticamente, levando-a para dentro da floresta. Ao encontrar a enorme zelcova que usara como ponto de referência, colocou-se debaixo dela e ficou olhando para um pequeno pedaço de chão a poucos metros de distância. Via-se perfeitamente um pequeno monte de terra fresca em meio à vegetação rasteira, o único vestígio do que ela fizera. O verão atingia seu ápice, e a mata cheirava a vida, ainda mais rica e plena que quando ela esteve ali há dez dias. Ela imaginou a cabeça de Kenji virando uma massa disforme sob a superfície, tornando-se parte da terra. Virando comida de minhoca e insetos. Era um pensamento repulsivo, mas também, de alguma maneira, era reconfortante — ela deu a cabeça dele às criaturas subterrâneas.

A luz que se infiltrava oblíqua por meio dos galhos provocava-lhe dor nos olhos. Protegendo-os com as mãos, ela focou por bastante tempo o montículo, conforme aquele dia voltava-lhe à memória.

Ela se lembrou de quando levara a cabeça para dentro da mata à procura de um lugar para enterrá-la. Colocara-a dentro de duas sacolas, mas de tão pesada, ficou com medo de que o fundo fosse arrebentar. Tentar usar a pá com a outra mão sem soltar a sacola também não fora moleza. Ela parou inúmeras vezes para secar o rosto com as luvas grossas, trocando a sacola

de mão todas as vezes para dar um descanso aos braços. E, cada vez que o fazia, tocava o queixo de Kenji, e aquilo provocava um arrepio em sua pele. Agora ela tremia, recordando-se da sensação.

Uma vez ela assistira a um filme chamado *Tragam-me a cabeça de Alfredo Garcia*, no qual um homem atravessava o México com uma cabeça decepada e tentava evitar que ela apodrecesse com tanto calor. Ela ainda se lembrava do rosto do ator, do furor e da aflição que exibia, e ocorreu-lhe que provavelmente devia apresentar as mesmas emoções quando foi enterrar a cabeça ali há dez dias. Raiva — foi o que ela sentiu. Não fazia a mínima ideia do porquê ou de quem lhe trazia tal raiva, mas pelo menos achou um nome para dar àquela sensação. Mas talvez estivesse com raiva de si mesma por ser tão extremamente solitária, que não fora capaz de conseguir ajuda de mais ninguém. Talvez estivesse com raiva de si mesma por ter se metido tão precipitadamente naquela confusão toda. Mas agora ela se dava conta de que a raiva fora libertadora, e de que alguma coisa mudara dentro dela naquela manhã.

Quando saiu da mata desta vez, passou um tempo sentada dentro do carro fumando um cigarro. Não mais voltaria ali. Ela apagou a bituca, deu um adeusinho e engrenou o carro.

Yoshiki e Nobuki já haviam saído para trabalhar quando ela chegou em casa. Os pratos sujos das refeições que os dois fizeram — sem dúvida, cada um em seu canto — foram abandonados sobre a mesa de jantar. Achando que seria trabalho demais lavá-los, Masako os empilhou dentro da pia e ficou parada na sala pensando se valia a pena ir direto para a cama.

Não havia nada que ela precisasse fazer, nada que tivesse de resolver; queria apenas descansar seu corpo exausto. Subitamente ocorreu-lhe imaginar o que Kazuo estaria fazendo naquele momento. Talvez deitado sem conseguir dormir, virando-se de um lado para o outro na cama em seu quarto escuro. Talvez ainda estivesse andando em círculos sem fim em volta dos muros cinzentos da fábrica automotiva. Enquanto o imaginava em seu percurso solitário, sentiu, pela primeira vez, certa comiseração, uma sensação de isolamento que lhes era comum. E resolveu deixar que ficasse com a chave.

O telefone tocou. Que chateação! Mal passara das oito da manhã. Acendeu um cigarro e tentou ignorar-lhe o som, mas o toque continuou a importuná-la.

— Masako? — disse uma voz quando ela atendeu. Era Yayoi.

— Oi. O que conta?

— Tentei ligar mais cedo, mas você ainda não tinha chegado.

— Tive de fazer uma coisa antes de vir para casa. — Ela decidiu não contar o que fizera.

— Já viu o jornal da manhã? — Yayoi perguntou com a voz transparecendo vivacidade.

— Ainda não — ela respondeu, lançando uma olhadela para o jornal que fora deixado sobre a mesa. Yoshiki sempre o dobrava com muito esmero depois de lê-lo.

— Dê só uma olhada — Yayoi lhe disse. — Vai ter uma surpresa.

— O que foi?

— Vá olhar de uma vez. Eu espero. — Seu tom de voz era premente, mas ela parecia quase contente. Masako colocou o fone sobre a mesa e pegou o jornal. Encontrou a manchete na página três: “Aparece suspeito do desmembramento do Parque Koganei.” Passando os olhos pela matéria, ficou sabendo que o dono do cassino que Kenji visitara aquela noite foi detido devido a uma outra acusação, e estava sendo mantido sob custódia devido à ligação com o caso. Masako sentiu um arrepio, um pouco tensa pelas coisas estarem caminhando tão bem.

— Já li — disse, sem largar o jornal para voltar a pegar o fone.

— Somos bastante sortudas, não acha?

— É um pouco cedo para começar a comemorar — Masako alertou, transmitindo uma ponta de precaução.

— Quem poderia imaginar que tudo se encaixaria tão perfeitamente? O jornal diz que eles brigaram, mas eu já sabia. — Yayoi parecia estar sozinha, e assim, podia falar livremente.

— Sabia como?

— Ele tinha um corte no lábio quando voltou para casa e estava com a blusa suja. Me lembro de ter pensado se ele andara brigando.

— Não notei nada — Masako disse, mas consciente de que Yayoi estava falando de uma pessoa viva, enquanto ela referia-se a um cadáver. De qualquer maneira, Yayoi parecia não estar escutando.

— Será que vai ser condenado à morte? — Seu tom de voz era quase de um delírio.

— Eu não contaria com isso — Masako lhe disse. — É bem mais provável que logo seja liberado por falta de provas.

— Uma pena, não é? — Yayoi murmurou.

— Não diga isso!

— Mas tinha outro estabelecimento, a boate em que Kenji apaixonou-se por aquela piranha.

— E isso o torna um homicida?!

— Não estou dizendo isso — Yayoi protestou. — Mas não venha me dizer que é inocente.

— Talvez devesse perguntar a si mesma por que o seu marido se apaixonou por outra mulher — disse Masako, terminando o cigarro. O comentário saía naturalmente, talvez devido ao que acontecera com Kazuo, e não esperava de verdade uma resposta.

— Porque estava entediado comigo — Yayoi disse sem apresentar qualquer alteração na voz. — Eu já tinha deixado de ser atraente para ele.

— Acha isso mesmo? — Masako imaginou que até gostaria de ter perguntado aquilo a Kenji se ele ainda fosse capaz de responder. Se existisse um motivo que levasse as pessoas a se sentirem atraídas pelas outras, ela gostaria que alguém lhe dissesse.

— Mas às vezes penso que talvez estivesse procurando uma maneira de se vingar de mim.

— Por que motivo? Sempre vi você como a esposa modelo. — Houve uma pausa enquanto Yayoi parecia considerar aquilo.

— Era exatamente isso que ele detestava — disse, enfim.

— Por quê?

— Acho que uma mulher passa a ser entediante quando é boa.

— Mas por quê? — Masako repetiu como se estivesse perdida em seus próprios pensamentos.

Yayoi pareceu subitamente irritada.

— Eu mesma não sei bem. Teria que perguntar para Kenji.

— Acho que tem razão — Masako murmurou, assustada com o tom de voz de Yayoi.

— O que deu em você hoje? — Yayoi perguntou. — Você não está bem.

— Estou apenas cansada.

— É claro que está — comentou, como quem pede desculpas. — Desde que voltei a dormir durante a noite, me esqueci de como é. Como vai a Capitã?

— Não foi trabalhar ontem. Kuniko também não. Acho que estamos todas exaustas.

— Por quê? — Masako nada disse. — Sinto muito. A culpa é minha, não é? Ah! Já venho querendo lhe dizer há algum tempo que vou receber todo o dinheiro do seguro de Kenji, então, poderei dar bastante às duas.

— Quanto? — Masako perguntou sem pensar, pega com a guarda baixa.

— Um milhão para cada. Será que chega?

— É demais. Quinhentos mil para a Capitã e quinhentos mil para Kuniko já está de bom tamanho. Por mim, Kuniko não receberia um centavo.

— Mas será que elas não vão ficar chateadas? Ainda mais porque vou receber cinquenta milhões...

— Não há necessidade alguma de falar sobre o seguro. Simplesmente entregue-lhes o dinheiro. Mas eu estava pensando se poderia me dar dois milhões...

— É claro... — Yayoi concordou com perplexidade na sua voz, já que Masako vinha dizendo o tempo todo que não queria receber nada. — Mas por que mudou de ideia?

— Resolvi que preciso ter um dinheiro só meu, por precaução. Eu ficaria muito agradecida.

— É claro — repetiu. — Eu lhe devo tanto... como poderia negar?

— Obrigada — Masako agradeceu. Enquanto desligava o telefone, teve uma sensação como se estivesse emergindo do pânico, e talvez conseguisse enfrentar tudo aquilo, afinal. A polícia tinha um suspeito, mas não havia como definir se poderia ser considerado o homem certo; sem dúvida era cedo demais para presumir que já haviam escapado impunes. Mesmo assim uma leve sensação de alívio ajudou a trazer rápido o sono.

8

Já era quase fim de agosto quando Satake foi solto, depois da passagem dos tufões e quando os ventos de outono já haviam começado a soprar. Enquanto subia lentamente a escada, viu pelo chão uma desordem total de folhetos de casas de massagens e serviços de acompanhantes. Satake se abaixou para recolhê-los, amassou-os todos, fazendo uma bola, e colocou-a no bolso de seu paletó preto. Era um sinal de desleixo inimaginável quando a Mika e a Playground estavam a pleno vapor. Dois de seus inquilinos mais prósperos estavam fechados, o prédio todo parecia estar desmoronando.

Sentindo que alguém o observava, ele olhou para cima. O barman da outra boate do segundo andar olhava para ele com nervosismo. Satake sabia que aquele homem contara à polícia que ele brigara com Yamamoto. Retribuiu o olhar, com a mão ainda afundada dentro do bolso, e o sujeito fechou rapidamente a porta de vidro púrpura. Devia estar chocado por Satake ter sido solto em tão pouco tempo. Ciente de que o tal sujeito provavelmente ainda o observava por detrás da porta, subiu os últimos degraus e ficou olhando para o luminoso da Mika. Pela primeira vez, seu fio estava perfeitamente enrolado e havia sido apertado no canto. Colado na porta, um aviso: “Fechado para reforma.”

As acusações que fizeram com que Satake fosse preso foram operar um estabelecimento de jogos de azar sem licença e aliciamento de prostitutas. No final das contas, apenas a dos jogos de azar permaneceu válida e, na falta de provas concretas que dessem base à teoria de que teria participado do homicídio de Yamamoto, não tiveram outra opção que não fosse libertá-lo. Sabendo o quanto a polícia era capaz de ser teimosa, Satake sentiu-se com sorte por ter conseguido sua liberdade, mas era impossível negar que o preço havia sido alto. O pequeno reino que criara do nada durante os últimos dez anos estava agora em ruínas; e o pior de tudo, seu passado fora revelado e perdera a confiança de todos que lhe eram próximos. Com sua história exposta, agora seria praticamente impossível recuperar sua antiga vida.

Esforçando-se para não deixar que aquilo o deprimisse, Satake subiu a escadaria até o terceiro andar. Combinara de se encontrar com Kunimatsu no estabelecimento que costumava ser a Playground; a casa, que havia sido seu bem de maior valor, já não mais existia. A porta pesada e cara, instalada por ele, permanecia, mas o espaço era agora ocupado por um salão de majongue chamado “Vento Leste”. Satake abriu a porta com cuidado, ciente de que o que já fora seu, pertencia a outras mãos. Lá dentro, Kunimatsu estava sentado sozinho, esperando por ele.

— Satake-san — disse ele, erguendo o olhar, sentado à única mesa de majongue iluminada daquele ambiente. Ele sorria, mas aparentava ter emagrecido e tinha olheiras profundas, talvez por causa do ponto de luz que lhe pendia sobre a cabeça.

— Há quanto tempo! — disse Satake, enquanto seu administrador levantava-se.

— E receio que para o senhor esse tempo não tenha sido lá tão divertido...

— Voltou para as pedras? — Satake perguntou, lembrando-se de que quando conheceu Kunimatsu, ele trabalhava em um salão de majongue no distrito de Ginza. À época, ainda com vinte e poucos anos, Kunimatsu passava seus dias aproveitando-se de jogadores menos experientes e cuidando dos assuntos da rua para a administração. Satake ficou encantado ao ver o quanto aquele jovem de aparência tão comum havia se transformado em um jogador amadurecido sempre que se sentava a uma mesa de majongue. Satake ficou impressionado com a experiência do rapaz no negócio, apesar de sua idade, e quando abriu o cassino, imediatamente recrutou-o como seu administrador.

— Este jogo já não tem mais a mínima graça — Kunimatsu reclamou, borrifando talco nas pedras com a mão treinada. — A garotada de hoje em dia aprende a jogar pela internet. — O ambiente abrigava seis mesas, aparentemente alugadas de um negociante local, mas fora a que Kunimatsu estava sentado, estavam todas cobertas com mortalhas brancas, lembravam a Satake um velório. Ele acenou com a cabeça. Olhando em volta, lembrou-se de onde ficava a grande mesa de bazar, rodeada de fregueses em pé, esperando uma vaga, tudo há apenas um mês, mas fazia muito tempo agora. — Enfim, parece que vou ficar desempregado de novo. — Kunimatsu riu, tampando a lata de talco. Satake notou que agora ele tinha rugas em volta dos olhos.

— Como assim? — perguntou.

— Isto aqui já vai fechar. Vão abrir um bar de caraoquê no lugar.

— Acho que é a única maneira de se ganhar algum dinheiro hoje em dia. — Na Mika havia uma máquina de caraoquê, mas Satake nunca gostou de usá-la.

— A coisa está ruim para todo mundo — disse Kunimatsu.

— Nós nos virávamos bem o bastante com o bacará.

Kunimatsu concordou com um meneio de cabeça, e um sorriso triste formou-se em sua boca.

— O senhor emagreceu — disse ele, olhando para Satake com mais cuidado sob a luz. Conforme o fazia, Satake percebeu uma ponta de apreensão nos olhos dele. Como todo mundo, ele também ficara sabendo que Satake assassinou uma mulher no passado e que estava de alguma maneira ligado à história do Yamamoto. O mundo subitamente ficou gelado. Seus credores vinham pedindo o pagamento imediato de seus empréstimos e de agora em diante ele encontraria problemas para achar espaço para alugar para qualquer espécie de tentativa de negócio. Por que com Kunimatsu seria diferente de todo o resto? Ficava enraivecido ao imaginar que nunca mais voltariam a confiar nele, mas quando falou, sua voz saiu calma e sem alteração.

— Você achou? — perguntou. — Não consegui dormir muito lá dentro. — Na verdade, ele mal havia dormido o mês todo.

— Imagino. Deve ter sido difícil. — A polícia liberou Kunimatsu depois de interrogá-lo a respeito da acusação de prática de jogos de azar, mas o reconvocou várias vezes para falar sobre o crime, e ele parecia ter alguma ideia de como as coisas aconteceram com Satake.

— Lamento que tenha sido envolvido nessa história — Satake desculpou-se.

— Não precisa se preocupar. Fiz um curso relâmpago de sistema judicial... embora ache que esteja ficando um pouquinho velho demais para escola. — Enquanto falava, os dedos de Kunimatsu mexiam nas pedras com o toque delicado de um jogador experiente, alinhando-as com um estrépito de satisfação, e depois revirando-as uma por uma. Satake acendeu um cigarro e ficou olhando para ele em silêncio por alguns instantes. Tragava a fumaça bem fundo em seus pulmões, saboreando seus efeitos depois de um mês de abstinência. Satake possuía poucos vícios. Aquele era seu grande prazer. — Devo admitir — disse Kunimatsu,

lançando-lhe um olhar rápido. — Foi um pequeno choque ficar sabendo o que houve com Yamamoto.

— Acho que é assim que a pessoa termina quando sai metendo o nariz onde não é chamado.

— Como o senhor disse, “o expert das cartas levou prejuízo” — Kunimatsu lembrou, voltando a rir.

— E eu tinha razão.

— Em relação a Yamamoto?

— Não. — Riu. — A mim. — Kunimatsu meneou a cabeça em concordância, mas era difícil dizer o que estava pensando. Provavelmente acreditava que Satake assassinara Yamamoto; e se não fora correndo se esconder, foi só porque, diferentemente das garçonetes, não tinha outro lugar para ganhar a vida.

— Mas foi mesmo uma pena o fim que teve a Mika. Não havia boate em Kabuki-cho que lucrasse tanto.

— Agora não posso fazer mais nada a respeito — disse Satake. Enquanto estava preso, pediu à administradora que desse a todos “férias de verão” prolongadas; mas quase todos os empregados eram chineses, e o máximo que tinham eram vistos de estudante, e todos preferiram ir para outros lugares a arriscar um envolvimento com a polícia. Reika, a administradora que, segundo boatos, tinha ligação com gangues de chineses, foi a primeira a ir embora. Voltou para casa na ilha de Formosa, pelo menos por ora. Chin, o gerente, aparentemente, fora trabalhar em outra boate, mas Satake não fazia a mínima ideia de onde era. Anna, que há muito vinha sendo perseguida por caçadores de talentos das boates rivais, também deve ter encontrado outro trabalho; e as outras meninas ou voltaram para casa, se seus vistos não estivessem regularizados, ou arrumaram vaga em outras boates. O que mais poderia se esperar de um lugar como Kabuki-cho? Quando os negócios estavam crescendo, chegavam zumbindo como abelhas em cima de uma flor, mas ao menor sinal de problema, sumiam. E Satake era capaz de imaginar que saber sobre seu passado fizera com que desaparecessem com uma pressa maior que a normal.

— O senhor pretende recomeçar? — Kunimatsu perguntou. Satake olhou para o teto. Os lustres que ele próprio havia escolhido ainda estavam por lá, embora agora estivessem opacos. — Há uma “Nova Mika” em

nosso futuro? — seu administrador indagou, olhando para as próprias mãos revestidas de talco.

— Não. Já resolvi que vou vender o estabelecimento com mobília e tudo. — Kunimatsu ergueu o olhar na direção de Satake, evidentemente surpreso.

— É uma pena. O senhor permite que eu pergunte por quê?

— Preciso fazer uma coisa.

— O quê? — Kunimatsu perguntou, limpando o pó de seus dedos compridos para as pedras. — O que quer que seja, gostaria de ajudar. — Sem responder, Satake levou a mão às costas e, lentamente, começou a massagear a nuca. Estava tendo dificuldades em desfazer-se dos nós formados devido às noites insones em sua cela, e se os ignorasse, acabariam por transformar-se em uma fortíssima enxaqueca. — E então, o que é? — Kunimatsu falou com um tom impaciente.

— Vou descobrir quem realmente matou Yamamoto.

— Parece legal. — Kunimatsu riu, achando que fosse brincadeira. — É como brincar de detetive.

— Estou falando sério — disse Satake, com as mãos ainda a massagear o pescoço.

— Mas o que vai fazer se descobrir quem foi?

— Vou resolver isso quando chegar a hora — ele murmurou. Já pensara um pouco sobre aquilo, mas não contaria seus planos para ninguém. — Quando chegar a hora — repetiu.

— O senhor já tem alguém em mente? — Kunimatsu perguntou, olhando para Satake com nervosismo.

— No momento, aposto que foi a esposa.

— A esposa? — Ele fez uma expressão de surpresa.

— Mas não pode dizer isso para ninguém.

— Mas é claro. — Kunimatsu desviou o olhar com rapidez, como se houvesse acabado de ver um vislumbre da escuridão que habitava o coração de Satake.

Satake deixou o estabelecimento e vagou até a avenida principal. Os últimos dias de verão ainda eram extremamente quentes, mas o clima esfriava cada vez mais à noite, e ele sentia-se bem com aquela mudança ao caminhar até um edifício próximo. O prédio era novo em folha e havia

sido construído com custos reduzidos, todo em vidro e aço; e de acordo com os cartazes pomposos que lhe adornavam a fachada, abrigava várias boates pequenas. Ele olhou o nome do bar, “Mato”, no registro, e apertou o botão do elevador. Quando abriu a porta negra, o gerente, trajado inteiro de preto, veio apressadamente.

— Boa-noite — disse. Ao se aproximar, porém, se deteve, com os olhos arregalados. Era Chin.

— Estou vendo que você caiu de pé — Satake comentou. Chin sorriu respeitosamente, mas sua expressão agora estava menos subserviente.

— Satake-san, é um prazer reencontrá-lo. Veio como cliente?

— Como o que viria? — ele respondeu, exibindo um sorriso amargo.

— E tinha alguma garota em especial em mente?

— Fiquei sabendo que Anna veio trabalhar aqui. — Chin olhou para os fundos da casa e os olhos de Satake logo o seguiram. O local era menor que a Mika, mas a decoração chinesa e a mobília de jacarandá eram muito bonitas.

— Vou chamá-la para o senhor — disse Chin. — Só que ela trocou de nome.

— Qual é agora?

— Agora ela se chama “Meiran”. — O nome soou trivial e comum aos ouvidos de Satake. A moça encarregada, uma japonesa de quimono que conhecia Satake, ergueu o olhar, surpresa, conforme Chin o guiava pela boate.

— Satake-san — disse ela. — Que prazer! As coisas já se assentaram em casa?

— Pode-se dizer que sim — ele disse a ela.

— Pelo que fiquei sabendo Reika-san ainda está em Formosa.

— Pode ser. Ainda não falei com ela.

— Creio que possa haver alguma complicação caso ela volte — disse a mulher. Satake sentiu que se referia à suposta ligação dele com a máfia chinesa, mas resolveu ignorar o comentário.

— Não há como eu saber — afirmou.

— Bom, tudo o que houve foi uma grande pena — disse, parecendo aflita, como se tivesse percebido que o ofendera. Ele abriu um sorriso vago, começando a achar um aborrecimento as constantes suspeitas. Uma mulher bonita que poderia ser Anna estava sentada mais para os fundos da boate, mas vendo suas costas não havia como ele ter certeza.

A mesa para a qual Chin o levou ficava bastante mal situada, no meio do estabelecimento, muito embora as mesas preferenciais dos fundos estivessem vazias em sua maioria. Os fregueses se revezavam à máquina de caraoquê, e depois de cada apresentação as garçonetes aplaudiam automaticamente, como uma tropa de animais adestrados. Tentando afastar-se o máximo possível daquele som, Satake chegou mais para o meio do sofá. Uma jovem cuja única qualidade parecia ser sua juventude chegou à mesa e começou a papear com ele em um japonês falho, e com um sorriso artificial emplastrado no rosto. Satake permaneceu sentado e em silêncio, engolindo rapidamente copos de chá preto gelado.

— Quando será que Anna... Quer dizer, Meiran... ficará livre? — perguntou depois de algum tempo, ao que a garota levantou-se bruscamente e dirigiu-se à outra mesa. Dali por diante ele ficou sentado sozinho e em um momento acabou cochilando ao conforto de um ambiente familiar. Provavelmente não dormira mais que alguns minutos, mas para Satake pareceram horas. Agora não existia mais chance de ele encontrar qualquer paz verdadeira, mas estes momentos de descanso eram um escape, uma chance para o seu corpo relaxar.

Ele sentiu um cheiro de perfume e abriu os olhos, encontrando Anna sentada à sua frente. Sua pele exageradamente bronzeada destacava-se devido ao terninho branco de seda que trajava.

— Boa-noite, Satake-san — cumprimentou-o. Costumava ser sempre “meu amor”.

— Como você está? — perguntou.

— Muito bem, obrigada. — Ela sorriu ao responder, mas Satake sentia o muro que crescera entre os dois.

— Está bastante bronzeada — ele comentou.

— Passei todos os dias indo à piscina. — Ela ficou em silêncio por alguns instantes, talvez recordando-se de que tudo começara com a ida deles à piscina. Suas mãos pareceram mover-se automaticamente quando fez dois drinques fracos com a garrafa de uísque que havia sido deixada ali pelo pessoal da casa sem que Satake sequer pedisse. Ela colocou um copo na frente dele, embora soubesse que ele não bebe.

— Como estão tratando você aqui? — perguntou, estudando seu rosto.

— Adequadamente. Ganhei o posto de melhor da semana; todos os fregueses da Mika têm aparecido por aqui.

— Fico contente em saber disso.

— E me mudei.

— Para onde?

— Ikebukuro. — Ela não disse o endereço, e um silêncio constrangedor criou-se entre os dois. — Por que matou aquela mulher? — ela perguntou subitamente. Tomado pela surpresa, Satake ficou olhando bem dentro de seus olhos brilhantes.

— Nem eu mesmo sei direito — respondeu.

— Você a odiava?

— Não, não foi isso. — Para falar a verdade, era uma mulher inteligente, melhor, até impressionava. Porém, Satake considerou inútil tentar explicar para uma pessoa tão jovem quanto Anna que o ódio é um sentimento que geralmente surge do desejo de ser aceito por outra pessoa, o que não se aplicava naquele caso.

— Qual era a idade dela? — Anna perguntou.

— Não sei direito. Deveria ter seus trinta e poucos, provavelmente.

— Como ela se chamava?

— Não me lembro mais. — Ele escutara várias vezes durante o julgamento, mas era um nome comum do qual há muito já se esquecera. Não sentia necessidade alguma de um símbolo como um nome quando o rosto e a voz daquela mulher estavam encerrados dentro dele.

— Você não gostava dela? Vocês eram amantes?

— Não, eu a conheci naquela noite.

— Então como foi capaz de matá-la daquela maneira? — ela questionou. — Reika-san me contou o que você fez, como a torturou antes de matá-la. Se não a amava, ou a odiava, como foi capaz de fazer uma coisa daquelas? — Ao ouvir a veemência da voz dela as pessoas das mesas próximas viraram-se para olhar, e rapidamente voltaram a desviar os olhares, talvez desestimuladas pelo que escutaram da pergunta dela.

— Não sei — ele murmurou. — Não sei mesmo.

— Você foi sempre tão legal comigo... Será que Anna estava apenas assumindo o lugar dela?

— Não — Satake respondeu.

— Mas, meu amor — disse —, como você pode ser duas pessoas? Uma que matou aquela mulher e a outra, que era tão legal comigo? — Em sua comoção, voltou a chamá-lo de “meu amor”. Abriu a boca para responder, mas ela o interrompeu. — Eu era apenas um cachorrinho para você, algo a ser mimado. Você me embonecava toda, como um poodle de

madame, para que pudesse me vender aos fregueses. Era esse o seu prazer, fazer de mim o seu melhor produto. Se eu não tivesse permitido, teria me matado como fez com aquela mulher?

— É claro que não — Satake negou, pegou mais um cigarro e acendeu-o ele mesmo, antes ela nunca deixara que ele fizesse. — Você é linda. Ela era... — Incapaz de encontrar o termo exato, Satake ficou em silêncio. Ela ficou esperando, observando-o, mas ele não conseguiu continuar.

— Você diz que sou linda, mas a verdade é que sou só isso para você. Quando fiquei sabendo o que fez com aquela mulher, senti pena dela. Mas acho que talvez eu seja tão deprimente quanto ela. Sabe por quê, meu amor? Porque você nem sequer é capaz de me odiar o bastante para fazer o mesmo. Se gostasse de mim o suficiente para fazer isso, pelo menos eu saberia que sente alguma coisa. Mas não gosta. Não é capaz. Se fosse, acho que nem me importaria em morrer. Depois de matá-la, não sobrou nada para mim além de me fazer ficar bonita. Mas ficar bonita é uma coisa estúpida e Anna era infeliz. Na verdade a Anna é a mais deprimente desta história toda, sabia, meu amor? — Lágrimas brotavam dos olhos, e quando terminou de falar, escorreram-se por seu lindo nariz e caíram sobre a mesa. Agora as pessoas ao redor já olhavam insistentemente e a moça da vez os observava com cara de preocupação.

— Não voltarei a perturbá-la — Satake avisou. — Pode voltar ao trabalho e esquecer tudo isso. — Anna nada disse enquanto ele se levantava e pagava a conta. Chin o acompanhou até a porta com um sorriso respeitoso, porém, mais ninguém foi vê-lo ir embora. Ele pensou que era justo, afinal, aquele já não era mais o mundo dele.

No dia em que aquele detetive o interrogara pela primeira vez percebeu que a mulher morta ainda se prendia a ele, apesar dos anos que se passaram. E agora ele estava conformado que teria de encará-la, que teria de expor as lembranças tão cuidadosamente lacradas, como se arrancasse à força a carne macia de dentro de uma concha quebrada.

Há muito tempo não ficava sozinho em seu apartamento: quase quatro semanas, para ser preciso. Quando abriu a porta, foi recepcionado pelo cheiro de mofo de um ambiente fechado por tempo demais no calor do verão. Escutou vozes e se apressou para entrar depois de tirar os sapatos. Uma luz clara tremeluzia em meio à escuridão — tinha deixado a

televisão ligada. Pelo jeito, esqueceu-se de desligá-la quando saíra naquele dia sufocante e infeliz para ir falar com Anna. Quem revistara o lugar depois não se incomodou em desligá-la. Satake abriu um sorriso amargo e sentou-se à frente do aparelho. O jornal estava acabando.

Agora que o verão estava ficando menos rigoroso, o zumbido em sua cabeça havia começado a ceder. Levantou-se e foi abrir a janela. A poluição sonora e a fumaça da avenida Yamate ergueram-se para recebê-lo, porém, o ar gelado da noite entrou com suavidade para expulsar o ar envelhecido do apartamento. As luzes dos arranha-céus cintilavam intensamente contra o céu negro. Pensou que agora estava bem, e encheu os pulmões com o ar sujo da cidade. Só precisava fazer mais uma coisa.

Ele abriu o armário que enchia de jornais velhos antes de jogá-los fora. A umidade havia atingido as folhas, que começaram a amarelar, mas ele continuou revirando as páginas à caça de matérias que abordassem o homicídio do parque Koganei. Quando encontrava alguma coisa, estendia o jornal pelo chão e fazia anotações em um bloquinho. Quando acabou, recostou-se contra o sofá e fumou um cigarro enquanto relia as anotações.

Então, levantou-se do chão e desligou a TV. Estava pronto para sair, preparado para perambular pelas ruas da periferia. Não havia mais nada a se prender, nada a perder. Atravessara um rio profundo e a ponte despedaçara-se depois de sua passagem. Não havia como voltar. Ele sentiu uma liberdade que passou anos sem conhecer, desde seus vinte e poucos, quando foi empregado do chefe da gangue. Havia algo de estranhamente semelhante naquela sensação de vagar sem destino e na percepção de que não havia volta. Ele chegou à conclusão, sorrindo sozinho, de que as duas prometiam uma espécie de libertação.

POR SERVIÇO

1

Dura feito um coco. Por mais que revirasse o apartamento de ponta-cabeça, conseguiu encontrar apenas algumas moedas e umas poucas cédulas de mil ienes em sua bolsa. Kuniko já vinha olhando há algum tempo para o calendário da loja de conserto de sapatos, mas quanto mais olhava, mais inevitável parecia: a data de pagamento da parcela de seu empréstimo com Jumonji. Masako fizera tanta questão de dizer a ele que elas fariam outro empréstimo para pagar o dele, mas desde então parecia que havia se esquecido completamente dos problemas de Kuniko. E que fim levava a promessa de Yayoi de pagá-la? Até agora nem sequer um iene. Aquelas duas obrigaram-na a fazer aquela coisa horrível, arrastaram-na para dentro do crime delas, e depois abandonaram-na. Subitamente furiosa, ela empurrou a pilha de grossas revistas de moda de cima da mesa, uma confusão de publicações brilhantes. Depois passou um tempo sentada, revirando as páginas com os dedos dos pés, perdida nas propagandas fantasiosas de todos os seus itens luxuosos prediletos: Chanel, Gucci, Prada... Sapatos, bolsas, as novas modas do outono.

As revistas haviam sido retiradas da caixa para reciclagem. Tinham manchas de comida aqui e ali, mas ela não ligava: pelo menos eram de graça. Sua assinatura do jornal havia vencido e ela já não saía mais tanto com o carro porque não tinha como pagar o combustível. As únicas distrações que lhe sobraram foram as novelas e os programas de entrevistas na TV; então, quem era ela para desdenhar de revistas que os outros jogaram fora? Não saber para onde Tetsuya tinha ido era uma coisa, mas ela perdera vários turnos na fábrica em agosto, e por isso seu contracheque foi menor que de costume. Não era de se espantar que não tivesse economias. Pobreza não era mesmo para ela, e quanto mais durasse, maior era a vontade de gritar.

Examinou os classificados com a ideia de encontrar um emprego estável para trabalhar durante o dia, mas tinha consciência de que tais trabalhos não dariam retorno suficiente para que continuasse pagando seus empréstimos. Alguma coisa na noite, talvez até um pouco vulgar, pagaria

muito melhor, só que a falta de confiança na própria aparência não deixou que Kuniko sequer pensasse muito naquilo. Então, tinha poucas alternativas além de continuar a trabalhar na fábrica, onde podia ganhar um salário decente por hora no turno da noite. Parecia acomodar dois impulsos contraditórios, como as duas faces da mesma moeda: o desejo de ficar rica, vestir-se bem e exhibir-se; e a sensação de inutilidade que fazia com que ela tivesse vontade de se enrolar toda no escuro, onde ninguém pudesse vê-la.

Talvez fosse melhor ela simplesmente requerer insolvência. Havia até pensado naquilo, mas se seguisse adiante, talvez tivesse que se separar de seus preciosos cartões de crédito para a vida inteira. Sempre havia a velha solução de tentar viver apenas com o que ganhava — mas preferia a morte! Nunca fora mesmo muito boa em deixar suas alegrias para depois, então, que esperança teria agora, quando a perspectiva de uma grande recompensa por parte de Yayoi estava à sua frente?

Kuniko resolveu telefonar para Yayoi sem esperar nem mais um minuto. Já vinha querendo fazê-lo há algum tempo, mas o medo de que talvez a polícia estivesse por lá a impedira. Agora já estava longe de se importar com isso.

— Sou eu, Kuniko.

— Ora... — Yayoi murmurou. Ficou evidente que seu telefonema não era bem recebido, mas Kuniko continuou.

— Pelo que dizem os jornais, parece que você se safou.

— Em relação a quê? — Yayoi perguntou. Então, ainda estava fingindo. Kuniko reconheceu o volume alto de um desenho animado ao fundo e vozes de crianças. Pensou que pareciam um pouco alegrinhas demais para crianças cujo pai acabara como Kenji. Seu mau humor agora tinha como alvo até mesmo duas crianças pequenas.

— Não se faça de boba para cima de mim — disse. — Vi que prenderam aquele dono do cassino.

— Pois é, parece que sim.

— “Parece que sim?” Você não merece tanta sorte, idiota.

— Mas não sou a única. Sei que não deveria dizer isso, mas se você não tivesse deixado as suas sacolas no parque, nunca, nada disso teria aparecido. Masako ficou irritadíssima. — Geralmente Yayoi era tão dócil, tão facilmente amedrontada quando alguém falava mais alto, que Kuniko ficou sem saber direito o que fazer.

— Bom... — Não conseguia encontrar palavras. — Olhe só quem está falando! Não sou eu a assassina nesta história.

— O que é que você quer? Aconteceu alguma coisa? — disse Yayoi, abafando o fone.

— Aconteceu. Estou dura! Preciso de dinheiro. Você disse que iria me pagar, mas quando? Pode ao menos me dar alguma data?

— Ah, sim. Sinto muito, mas ainda não posso dizer com exatidão. Provavelmente ficará para setembro, se puder esperar até lá.

— Setembro...? — Kuniko engoliu em seco. — Você não vai pegar emprestado com os seus pais? Por que não pode simplesmente dizer a eles que precisa do dinheiro agora?

— Talvez eu possa... — ela falou, ainda passando uma sensação de que não estava assumindo nenhum compromisso.

— E você vai poder mesmo me dar ¥500 mil?

— Foi o que prometi.

— Ótimo — disse, aliviada quanto àquele assunto, pelo menos. — Mas ainda assim estou apertada. Será que você pode me dar ¥50 mil logo agora?

— Se pudesse esperar só mais um pouquinho... — O volume da voz dela ia diminuindo.

— Esperar pelo quê? Você vai receber seguro ou alguma coisa assim?

— Não, é claro que não — Yayoi balbuciou. — Não tinha seguro nenhum.

— Então estamos no mesmo barco: sem marido e somente com um emprego de meio expediente para pagar as contas. Como planeja se virar?

— Para ser sincera, ainda não pensei muito sobre isso. Imagino que ficarei por aqui e farei o melhor que puder. Minha mãe também acha que é o melhor que posso fazer, pelo menos por enquanto. — Aquela resposta sincera à sua pergunta retórica irritou Kuniko.

— E quanto aos seus pais? — perguntou.

— Vão me ajudar um pouco, tenho certeza. Mas ainda assim não podem fazer muito.

— Não foi o que Masako nos disse quando prometeu que você pagaria.

— Sinto muito — Yayoi sussurrou.

— Bom, não estou pedindo muito. O seu pai tem um emprego fixo, deve ser capaz de conseguir alguma coisa com ele agora. — Desesperada para conseguir o que fosse possível, Kuniko continuou a tentar persuadi-la,

mas Yayoi simplesmente repetia que ela teria de aguardar. Quando Kuniko finalmente se deu conta de que estava gastando ainda mais dinheiro com o telefonema, desligou.

Masako seria a próxima. Kuniko a via todas as noites na fábrica, mas mal trocavam algumas palavras. Desde que ficou sabendo que Masako conhecia Jumonji, Kuniko ficou ainda mais prudente que de costume. Apesar de seus problemas financeiros, de alguma forma ainda tinha mais em comum com o mundo elegante de suas revistas de moda do que com as ruas da periferia por onde andava gente do tipo de Masako e Jumonji.

Apesar disso, a data do pagamento da parcela do empréstimo estava quase chegando e precisava fazer alguma coisa, independentemente do quanto fosse arriscado. Já havia se esquecido de que uma atitude semelhante recentemente acabara de envolvê-la na sujeira de Yayoi. Ela discou o telefone de Masako.

Quando Masako atendeu não havia qualquer ruído de fundo como os que escutara na casa de Yayoi. Kuniko perguntava-se o que Masako fazia completamente sozinha naquela casa grande e limpa. Um calafrio desceu-lhe pela espinha à lembrança da cena no banheiro. Será que tomava banho sobre aqueles ladrilhos que ficaram todos respingados de sangue? E como será que se sentia ao se deitar na banheira que abrigara aquelas sacolas horrorosas? Aqueles questionamentos faziam com que Masako parecesse ainda mais apavorante.

— É Kuniko... — anunciou com um sussurro.

— Está chegando o dia do pagamento, não é mesmo? — Masako perguntou, dispensando as formalidades. Pelo jeito havia se esquecido.

— Exatamente. Fico me perguntando o que devo fazer.

— Não venha perguntar para mim. O problema é seu.

— Mas não foi você que disse que pegaríamos outro empréstimo para poder saldar este? — falou quase choramingando, percebendo que fora enganada.

— Então vá pedir o empréstimo — Masako aconselhou. — Tenho certeza de que encontrará alguém burro o bastante para emprestar-lhe ainda mais dinheiro. Pague Jumonji com esse e depois saia para procurar outro para pagar esse.

— E como isso vai resolver alguma coisa? Estarei apenas correndo em círculos.

— E o que acha que tem feito?

— Não diga isso! Estou lhe perguntando o que devo fazer.

— Está nada. Você não quer conselho, quer é dinheiro. — Kuniko assustou-se com o tom de voz de desprezo de Masako.

— Então por que não me empresta algum? Yayoi só sabe me pedir para esperar.

— Não tenho para emprestar. Quando as coisas sossegarem, tenho certeza de que Yayoi conseguirá cumprir a promessa. Você só terá de se virar sozinha até lá.

— Mas como?

— Você é jovem e cheia de saúde. Vire-se e descubra uma solução.

Kuniko bateu o telefone no gancho. Algum dia daria o troco em Masako, daria um jeito de fazê-la arrepender-se por tratá-la daquela maneira; mas no momento não conseguia imaginar como, e aquilo deixou-a tão furiosa que sua vontade era vomitar.

Neste exato momento o interfone tocou. Assustada, Kuniko se agachou querendo se enrolar toda e se esconder apenas por hoje. Envolveu a cabeça com os braços e respirava com dificuldade.

O interfone voltou a tocar. Provavelmente era mais um detetive. Pior ainda, poderia ser o mesmo, aquele Imai intrometido que a visitara há três semanas. Achou que conseguiu não lhe dizer nada importante, mas detestou a maneira com que ele a olhava. E se dissesse que uma testemunha vira um Golf verde no parque Koganei? O que faria? Simplesmente não seria capaz de voltar a encará-lo agora. Resolveu fingir que não estava em casa e abaixou o volume da televisão; porém, enquanto o fazia, alguém começou a bater à porta.

— Jonouchi-san? É o Jumonji, da Um Milhão de Consumidores. Está aí?

— Estou — balbuciou ao interfone. — Sei que o dia do pagamento está chegando, mas ainda tenho alguns dias, não tenho?

— É claro — Jumonji confirmou, aparentemente satisfeito por tê-la encontrado em casa. — Na verdade queria conversar com a senhora sobre outra coisa.

— Sobre o quê?

— Garanto que valerá o seu tempo. Posso entrar um instante? — Kuniko continuava em alerta, mas sua curiosidade falou mais alto e abriu a porta. Ela o viu parado, de pé, com uma caixa de bolinhos à mão. Ela retraiu-se, ciente de que as pernas grossas estavam à mostra, já que trajava

um short curto. Ele estava vestido mais informalmente que de costume, com uma calça de sarja, óculos escuros e uma berrante blusa havaiana, estrelícias sobre fundo preto. — Lamento incomodá-la desta maneira — disse, entregando-lhe a caixa —, mas gostaria de conversar sobre uma coisa com a senhora. — Ela hesitou, mas o sorriso dele estava começando a exercer seu encanto.

— Entre — o convidou. Deu uma olhada pelo ambiente com curiosidade para depois sentar-se à mesa de jantar enquanto ela catava apressadamente as revistas espalhadas pelo chão.

— Comemos os bolinhos agora? — sugeriu, trazendo pratos, garfos e uma garrafa quase vazia de chá preto. Então, contou uma mentira. — Se o assunto é o pagamento, já separei o dinheiro para cumpri-lo. Depois de amanhã, não é?

— Para falar a verdade, não tem nada a ver com o seu empréstimo. É sobre outra coisa que me deixou bastante curioso. — Ele retirou um maço de cigarros do bolso e ofereceu um a Kuniko. Ela quase lançou-se sobre ele, já que ultimamente não vinha conseguindo comprar. Dedicou-se a observá-la enquanto acendia e dava uma tragada comprida e satisfeita. — Pode ficar com o maço — disse.

— Obrigada — agradeceu, colocando-o sobre a mesa à sua frente.

— Estou notando que as coisas estão um pouco difíceis para a senhora no momento.

— Pode-se dizer que sim. — Ela suspirou, deixando de tentar manter as aparências. — Ainda não soube o que aconteceu ao meu marido...

— Presumi que a senhora deveria estar perto do horário de trabalho e quis pegá-la em casa antes que saísse. Na verdade, queria conversar a respeito da senhora que assinou o seu formulário de fiador naquele dia, Yamamoto-san. — Kuniko olhou para ele espantada. Ele a observava com um sorriso afável. — Estava lendo o jornal na manhã seguinte e fiquei chocado quando me dei conta de que devia ser a esposa daquele sujeito encontrado aos pedaços no parque. Desde então não paro de pensar em uma coisa: por que ela concordaria em ser sua fiadora no meio daquela história toda? — Aquela introdução pareceu bem ensaiada.

— Porque pedi que o fizesse. Somos amigas na fábrica.

— Mas por que não pediu a Katori-san? Ela passou mais de vinte anos da vida trabalhando em uma cooperativa de crédito, portanto, conhece tudo dessas coisas.

— Uma cooperativa de crédito? — Então, aquele era o passado secreto de Masako. Agora que pensava a respeito, era mesmo capaz de imaginá-la sentada à frente de um terminal de computador, atrás do balcão de algum estabelecimento de crédito barato.

— O que eu queria saber mesmo é por que a senhora foi escolher logo Yamamoto-san para ser a sua fiadora.

— Por que quer tanto saber? — A pergunta era bastante natural. Jumonji ria, passando as mãos pelos cabelos castanhos.

— Curiosidade pura e simples.

— Porque Yamamoto-san é legal. E Katori-san não é, simples assim.

— E a senhora não viu problema, mesmo com o marido dela sumido?

— À época eu não sabia.

— Foi de uma generosidade bem grande ela aceitar, considerando o que estava passando.

— Como eu já disse, é uma pessoa legal.

— Está bem. Então por que Katori-san foi reaver o documento?

— Agora você me pegou — disse Kuniko. Ele não tinha ido até ela fruto de “curiosidade pura e simples”, isso era evidente. Sentindo que viria problema, começou a sentir o pânico crescendo pouco a pouco.

— Katori-san devia saber que o marido dela havia sumido — sugeriu.

— E imaginou que a coisa pudesse ficar feia se o nome da amiga aparecesse no documento.

— Não. Ela me acha uma idiota. Foi por isso que ela foi reaver o formulário.

— Mas não faz sentido — constatou, cruzando as mãos atrás da cabeça e olhando para o teto, como se estivesse gostando de bancar o detetive daquela maneira. Kuniko, por sua vez, estava gostando da companhia e logo esqueceu-se de suas apreensões anteriores.

— Acho que vou comer um bolinho — falou.

— Isso mesmo, sirva-se. A padaria onde os comprei é bastante boa. Foi a maior autoridade no assunto que me disse: uma colegial.

— Sua namorada? — Kuniko perguntou com uma ponta de afetação na voz. Com o garfo suspenso, ela ficou olhando bem para dentro daqueles olhos castanho-escuros dele.

— Não, não — respondeu, passando a mão pelo rosto para esconder uma ligeira vergonha.

— Aposto que você pode ter a menina que quiser, até mesmo as mais novinhas.

— Não, não. Não vamos exagerar. — Kuniko concentrou-se em seu bolinho por um instante, já havendo perdido o interesse em descobrir o porquê da visita dele. Jumonji olhou de soslaio para a data em seu relógio.

— Quantas parcelas faltam para a senhora quitar a dívida? — ele perguntou subitamente.

— ... Oito — disse Kuniko, colocando o garfo sobre a mesa com uma expressão de desânimo.

— Oito parcelas? Pouco mais de ¥440 mil no total. Vamos fazer o seguinte: a senhora me conta tudo que sabe e eu esqueço a sua dívida.

— Esquece?

— Isso, a senhora não precisaria me pagar mais nada. — Kuniko ponderou sobre aquela proposta inexplicável por um segundo, até que percebeu que estava com um bocado de creme chantilly na boca.

— Contar tudo que sei a respeito de quê? — perguntou, lambendo os lábios.

— A respeito do que as senhoras fizeram.

— Mas não fizemos nada — segurava firme o garfo e, dentro de sua cabeça, a balança em que pesava tudo em sua vida, avaliando lucros e dividendos, estava em frenesi.

— Nada? — Jumonji perguntou. — Será mesmo? A senhora sabe, mandei o meu pessoal verificar, descobriram que as senhoras são muito amigas, a senhora, Yamamoto-san e Katori-san, e acredito que mais uma senhora. Para mim, vocês três sentiram pena da sra. Yamamoto e resolveram ajudá-la.

— Ajudá-la? Não, não fizemos nada. — Kuniko voltou a colocar o garfo sobre a mesa.

— A senhora mesma me disse que logo iria receber algum dinheiro — ele lembrou, com um sorriso malicioso. — Esse dinheiro tinha alguma coisa a ver com essa história?

— Com que história?

— Não se faça de boba para cima de mim — alertou. Justamente o que dissera a Yayoi há algum tempo. — Com o homicídio de Yamamoto.

— Mas eu li que haviam detido aquele dono do cassino pelo crime.

— Foi o que os jornais publicaram, mas alguma coisa nessa história toda cheira a...

— Cheira a quê?

— A um bando de mulheres ajudando uma amiga.

— Mas eu já lhe disse, ninguém ajudou ninguém.

— Então, por que a sra. Yamamoto garantiu o empréstimo da senhora em um momento daqueles? Muita gente nem sequer o faria, mesmo que não tivesse mais nada com o que se preocupar. Por que a senhora não me conta de uma vez, e daí pode deixar as outras parcelas para lá?

— E o que o senhor faria, se de fato eu lhe contasse? — A pergunta saiu sem querer, antes que Kuniko pudesse detê-la. Por um instante os olhos dele brilharam com a satisfação de ter acertado.

— Não faria nada. Preciso somente satisfazer a minha curiosidade.

— E se eu não contar nada?

— Ainda assim não vou fazer nada. A senhora só terá de continuar a pagar as parcelas. Quando é que a próxima vence mesmo? Depois de amanhã, não é? Mais oito parcelas de ¥55.200. Tenho certeza de que a senhora é capaz de pagar essa quantia. — “Eu também tenho certeza”, Kuniko pensou, “de que estou dura feito um coco.” Ela lambeu os lábios, mas não havia mais chantilly.

— Como posso ter certeza de que cancelará as parcelas? — perguntou. Jumonji abriu a pasta que repousava sobre seu colo e retirou alguns papéis: a nota promissória de Kuniko.

— Eu rasgo isto aqui assim que a senhora terminar de contar — ofereceu. Imediatamente a balança interna de Kuniko pendeu em favor do cancelamento das parcelas. Se conseguisse eliminar o que devia a Jumonji, poderia ficar com todo o dinheiro que receberia de Yayoi. Depois de chegar a tal conclusão, de fato não havia outra opção.

— Está bem, vou lhe contar.

— Vai mesmo? Que ótimo! — exclamou, soltando uma risada sem alegria.

O resto foi fácil. Kuniko até gostou de detalhar como Masako e Yayoi obrigaram-na a seguir o plano. Deixaria para pensar nas consequências depois, agora sentia que pagava na mesma moeda. Nunca fora boa mesmo em deixar seus prazeres para depois, mas, por enquanto, pelo menos, podia fazer isso com o sofrimento.

2

Jumonji sentou-se no banco do parquinho em frente ao edifício. Levou um cigarro à boca, mas quando puxou o isqueiro do bolso, notou que sua mão tremia. Ele riu sozinho, firmou a mão e acendeu o cigarro. Após a primeira tragada, olhou para o prédio e localizou a varanda do apartamento de Kuniko. Fora o ar-condicionado, não havia nada além de uma pilha desordenada de sacos pretos de lixo. Então, tudo se resumira ao lixo, não foi mesmo?

Mais ou menos uma dúzia de crianças, provavelmente da primeira ou da segunda série, brincavam de pique sob a luz do fim da tarde. Pareciam quase loucas correndo umas atrás das outras, talvez por saberem que logo teriam de voltar para suas casas, ou porque as próprias férias de verão aproximavam-se do fim, aguardando por elas um panorama de aulas e deveres de casa sem fim. Seus gritos rompiam o ar e a terra voava em seus rastros. Achando toda aquela energia juvenil um pouco opressora, Jumonji deixara-se desabar sobre o banco.

A história de Kuniko o empolgara. Não só por ser verdade uma coisa que ele considerara inconcebível, mas também pelo choque de descobrir que Masako Katori era a figura central de toda a história. Mesmo com seu próprio passado repugnante, Jumonji teria recusado a tarefa de livrar-se de um cadáver — quanto mais cortá-lo aos pedaços. Ele passou a sentir uma grande admiração por ela. Quem imaginaria que uma senhorinha magricela daquelas leria coragem? Nunca sequer passara pela cabeça de Jumonji que ela pudesse ter se metido em uma coisa dessas.

— Muito legal... — murmurou para si mesmo. Seu cigarro já havia queimado quase todo e estava prestes a chamuscar-lhe os dedos... da mesma maneira que aquilo em que estava se metendo, o que quer que fosse, também poderia queimá-lo. Sua vontade era unir-se a ela, fazer alguma coisa arriscada, alguma coisa radical. E lucrativa. Sempre detestou trabalhar em equipe, mas gostaria da oportunidade de trabalhar ao lado de Masako. Acima de qualquer coisa, podia confiar nela.

Lembrou-se de vê-la por acidente há anos, quando entrou em uma lanchonete próxima à cooperativa de crédito. O estabelecimento estava totalmente abarrotado e quase todos os fregueses trabalhavam no mesmo local que Masako. Eles amontoavam-se às mesas independentemente de com quem chegavam. Mas Masako estava sentada sozinha em uma mesa para quatro próxima à janela. Jumonji se lembrou de ter pensado, à época, que era estranho ninguém sentar junto a ela, e só foi descobrir bem depois que havia sido condenada ao ostracismo. Mas não enxergou qualquer sinal dos problemas que enfrentava. Ela sentava-se sozinha, sorvendo calmamente seu café, e lendo o jornal empresarial que estendera à sua frente, da mesma maneira que um homem o faria. Em comparação, os outros imbecis apertados em suas mesas próximas à dela pareciam uns burros.

Aquela lembrança fez com que batesse palmas e soltasse uma gargalhada alta. Assustadas, as crianças pararam por um instante e ficaram olhando desconfiadas, mas Jumonji não estava nem aí. Embora nunca tenha sentido a menor ponta de desejo por mulheres mais velhas, no que dizia respeito a negócios, sempre confiara muito mais nelas que nos homens. Ocorreu-lhe que poderia até ser o resultado de ter conhecido Masako em uma idade impressionável. Ele tirou o telefone celular e a agenda de endereços da bolsa e, encontrando o número que queria, pressionou os botões.

— Escritório central de Toyosumi. — Haviam atendido quase que imediatamente.

— Aqui é Akira Jumonji. Eu poderia falar com Soga-san? — O jovem do outro lado da linha pediu com um murmúrio para que aguardasse e entrou uma gravação de “Lovers Concerto”, não exatamente o que se esperaria de um escritório da yakuza.

— Akira, é você? Disseram que era um sujeito chamado Jumonji. Que droga, garoto, use de uma vez o seu Yamada. — Pelo tom de voz não transparecia, mas Jumonji percebeu que estava sendo provocado.

— Dei-lhe meu cartão, não dei? — perguntou.

— Ver como se escreve e saber pronunciar são duas coisas diferentes. — Às vezes Soga saía com um ou outro comentário inteligente, apesar de sua aparência.

— Queria pedir um conselho sobre uma coisa — disse Jumonji. — Podemos nos encontrar por estes dias?

— Por estes dias? Que tal agora? Vamos beber alguma coisa. Pode ser em Ueno? — Jumonji olhou para o relógio e concordou. Tinha consciência de que estava arriscando o pescoço, mas havia desembolsado mais de ¥440 mil pela informação. Não faria sentido recuar.

Haviam combinado de se encontrar em um bar pouco movimentado em Ueno que já funcionava há alguns anos. Quando Jumonji chegou ao prédio degradado e coberto de trepadeiras, encontrou os dois jovens que vira naquele outro dia em Musashi-Murayama vigiando a porta. O que parecia burro, de cabelos tingidos de loiro, o cumprimentou. Guarda-costas... só por precaução; Jumonji lembrou-se de que Soga sempre gostara de bancar o chefe da máfia, inclusive no passado, em seus dias de motoqueiro. Ainda assim seria um erro pensar nele como um malandro que apenas usava uma imagem de perigoso. Jumonji preparou-se para o que estava por vir.

Adentrou o bar e Soga, com um cigarro na mão, acenou em sua direção de uma mesa em meio à penumbra nos fundos do bar. O lugar tinha painéis de madeira que cheiravam a cera. Atrás do balcão, um sujeito mais velho com uma gravata-borboleta e o rosto inexpressivo agitava a coqueteleira. Soga estava sentado sozinho e com as pernas abertas sobre uma cadeira de veludo macia e verde.

— Gostei de ter esbarrado em você naquele dia — disse Jumonji. — Lamento incomodá-lo tão cedo.

— Não há problema — Soga respondeu. — Eu ia ligar chamando você para bebermos alguma coisa de qualquer maneira. O que vai querer?

— Uma cerveja.

— A casa é famosa por seus coquetéis. O barman está aguardando; faça-lhe um favor e peça um.

— Está bem, vou tomar um gim com água tônica. — Ele olhava para Soga enquanto falava o primeiro drinque que lhe vinha à mente. Soga trajava um leve terno verde-claro sobre uma blusa negra, sem gravata. — Está bem elegante... — acrescentou.

— Isto aqui? — Rindo com prazer, ele abriu o paletó, revelando a etiqueta. — É italiano, mas de uma marca que ninguém nunca ouviu falar. Dizem que o chefe deve usar Hermès ou algo do tipo, mas o cara precisa ter estilo de verdade para encontrar uma coisa assim.

— É muito bonito.

— A blusa havaiana também não lhe caiu nada mal — Soga disse a ele, evidentemente satisfeito com o elogio. — É de qualidade?

— Para falar a verdade, comprei em uma lojinha de descontos lá na roça.

— Com um rostinho de neném desse aí, pode usar praticamente qualquer coisa que, de qualquer maneira, ainda iria chover mulher na sua horta. — Riu.

— Olha, bajulação! — Soga não parecia ter pressa para chegar ao que interessava, e Jumonji encontrava dificuldade em guiar a conversa para sua proposta. Subitamente Soga mudou de assunto.

— Já leu o *Love and Pop* de Ryu Murakami? — perguntou.

— Não... — Jumonji respondeu sem entender direito aonde ele queria chegar. — Não leio essas coisas.

— Deveria. — Soga apagou o cigarro e sorveu um gole de seu coquetel, uma mistura bem elaborada, em gradativos tons de cor-de-rosa. — O tal de Murakami entende de mulher.

— Duvido que eu compreenderia.

— Compreenderia sim. Conhece ainda mais de colegiais, do tipo que se vende por qualquer trocado.

— O livro é sobre isso?

— Exatamente sobre isso — confirmou, dando leves pancadinhas nos lábios delicadamente com o dedo.

— Já que é assim, talvez eu dê uma olhada. Eu mesmo gosto muito de colegiais.

— Não é livro de sacanagem, seu babaca. Ele escreve sob o ponto de vista feminino e coloca você por dentro de verdade.

— Parece interessante — Jumonji resmungou, olhando para a mesa e sentindo-se completamente iludido pelo rumo da conversa. Neste exato momento, seu gim com água tônica chegava como um bote salva-vidas flutuando até a mesa. Tirando o pedaço de limão-galego e colocando-o sobre o descanso do copo, ele jogou a cabeça para trás e bebeu bastante do drinque.

— E é mesmo — Soga confirmou. — Sabe, eu sigo certos padrões quando leio um romance.

— Por exemplo?

— Julgo-o por sua ligação com o meu ramo de negócios.

— E que nota deu a esse? — Soga observava com bastante surpresa conforme Jumonji esvaziava o copo.

— Foi alta. De certa maneira, concentra-se em nós.

— De que maneira?

— Murakami e as tais garotas detestam os velhos que mandam no país. E pode-se dizer que o nosso trabalho parte do mesmo princípio, detestar esses velhos esquisitos. Elas são desajustadas, assim como nós somos desajustados. Está entendendo o que quero dizer?

— Creio que sim — Jumonji respondeu.

— Desajustados! — Soga repetiu, quase gritando. — Você frequentou a escola de ensino médio de Adachi e entrou para uma gangue de motoqueiros, isso o coloca bem nesse meio. Agora você é um agiota e eu sou da yakuza. E mesmo assim, não somos exatamente como todo mundo, não do jeito que deveríamos ser, não é mesmo? E é tudo culpa deles, dos infelizes que mandam, dos que arruinam tudo. Mas todos nós somos iguais, você, eu, o Murakami e as tais colegiais, todos totalmente demais. Você percebe isso, não é mesmo? — Jumonji ficou olhando para o rosto pálido de Soga que ostentava uma aparência quase exausta sob aquela luz fraca. Era bom que parecesse estar com um humor tão bom, mas enquanto Jumonji escutava-o pacientemente discursar sobre aquelas doideiras, começou a duvidar do esquema que planejava, e se seria inteligente abordar o assunto com Soga. Não, aquilo tudo parecia improvável, e até mesmo apavorante.

— Mas sobre o que queria conversar comigo? — Soga perguntou de repente, aparentemente percebendo sua hesitação. Agora estava encurralado.

— Na verdade é uma proposta profissional, mas é estranha — Jumonji revelou, quase sem querer.

— Estranha, mas lucrativa?

— Talvez, se conseguirmos fazer direito. Pelo menos eu acho possível. Só que não tenho tanta certeza assim de que daria certo.

— Por que não me diz o que é de uma vez? Pode deixar que ninguém vai ficar sabendo. — Soga escorregou a mão pela frente da blusa e começou a coçar o peito, uma coisa que sempre fazia quando a conversa ficava séria.

— Soga-san — Jumonji começou, tomando coragem —, acho que descobri o jeito perfeito de me livrar de cadáveres.

— Mas de que droga você está falando? — perguntou com a voz falhando levemente. O barman concentrava-se em cortar rodela de limão finíssimas e perfeitas como se sua vida dependesse daquilo. No silêncio que se seguiu, Jumonji se deu conta de uma coisa que ainda não havia percebido, uma antiga música de *rhythm and blues* tocava discretamente ao fundo. Imaginou que não a notara antes por estar nervoso demais e secou a testa.

— O que estou querendo dizer é o seguinte: se alguém precisar se livrar de algum corpo, eu gostaria de cuidar do caso.

— Você?

— Isso.

— Como? Você sabe que é algo que precisa ser feito sem deixar prova alguma, não sabe? — Havia uma ponta de interesse em seus olhos que transmitiam mais pessimismo.

— Fiquei pensando... — Jumonji continuou. — Enterrando, sempre haverá a possibilidade de que alguém venha a desenterrá-lo depois e jogando no mar, pode acabar vindo à tona. Portanto, vou cortá-lo aos pedaços e jogar fora junto com o lixo.

— A teoria é boa, mas fazer é mais complicado do que falar. Viu o que houve no crime do parque Koganei? — A voz dele diminuía de volume; não era mais um adolescente conversando a respeito de livros e roupas. Seu rosto magro ficou severo.

— Claro — Jumonji respondeu.

— Conseguiram despedaçá-lo todo e depois fizeram besteira na hora de se desfazer das provas. Mas você sabe o quanto já é complicado chegar tão longe? Tem alguma ideia do quanto é desagradável cortar um corpo inteiro em pedaços? Se já é difícil o bastante arrancar apenas um dedo...

— Eu sei. Mas se conseguirmos, pensei em uma maneira de nos livrarmos dos pedaços de uma forma que ninguém nunca venha a encontrá-los, um jeito de não deixar nenhum fragmento.

— Como? — Soga inclinou-se para a frente, esquecendo-se de seu coquetel.

— Minha família mora em Fukuoka, perto de um imenso depósito de lixo. Não é um daqueles aterros sanitários que há perto do porto; lá eles têm um incinerador enorme e tudo que chega vira cinza. E o melhor é o seguinte: quem perde a passagem do caminhão pode levar o lixo a

qualquer hora. Se levarmos os pedaços para lá, desapareceriam sem deixar vestígios.

— E como os levaria até Fukuoka?

— Colocaria-os em caixas e mandaria entregar lá. Desde a morte de meu pai que minha mãe vive sozinha por lá. Eu poderia ir de avião, pegar as caixas e levá-las até o depósito.

— Parece trabalhoso demais — Soga murmurou, pensando em tudo aquilo.

— O mais complicado seria cortar o corpo inteiro, mas também já pensei em como fazer isso.

— Como assim?

— Conheço uma pessoa que tem capacidade para isso, em quem podemos confiar.

— O sujeito trabalha para você?

— Pode-se dizer que sim... mas não é um sujeito.

— Sua namorada?

— Não, mas uma pessoa em quem confio — disse Jumonji, passando com a voz o máximo de autoconfiança possível. Enquanto ele falava o interesse de Soga crescia visivelmente, talvez porque soubesse que precisava de gente para aquele tipo de serviço.

— Talvez seja uma possibilidade — disse, para logo depois tirar a mão de dentro da blusa e pegar seu drinque. — Há pessoas que fazem esse tipo de trabalho, mas pelo que fiquei sabendo, são bem caras. Contudo, se você está com uma coisa dessas na mão, quer que as pessoas sejam confiáveis, não é mesmo?

— Sabe quanto cobram? — Jumonji perguntou.

— Depende. Mas como é um negócio arriscado, pode apostar que é bastante grana. Em quanto está pensando?

— Não sei direito, mas teria que ser o suficiente para valer o meu risco.

— Ei, não venha de ganância para cima de mim agora — Soga reclamou, lançando um olhar penetrante na direção de Jumonji.

— Pensei em nove milhões — disse Jumonji, abrindo um sorriso encabulado.

— Que tal oito? É bom que, fazendo mais barato, passa a valer mais a pena fazer com você do que com a concorrência.

— Talvez eu consiga fazer por esse valor.

— E já que eu estaria levando o cliente até você, ficaria com metade.

— Não é um pouquinho demais? — Jumonji reclamou, fazendo uma careta.

— Talvez seja. — Soga riu. — Que tal três milhões?

— Negócio fechado. — Jumonji fez um rápido cálculo mental enquanto Soga agitava a cabeça para cima e para baixo com satisfação. Se lhe sobrassem cinco milhões dos oito originais, ficaria com três e Masako com dois. Insistiria para que deixassem Kuniko de fora. Ela era um risco grande demais. Mas daria a Masako e à outra, Yoshie, uma parte. Masako que desse seu jeito de dividi-la.

— Ótimo — disse Soga. — Às vezes aparecem uns serviços assim, então, assim que souber de alguma coisa, aviso você. Mas tem que me garantir que vai cuidar de tudo muito direitinho; se estragar o plano, é a minha pele que está em jogo.

— A gente vê conforme for fazendo, mas acho que deve dar tudo certo.

— Só mais uma pergunta — disse Soga. — Você participou desse do parque Koganei?

— Não, não — Jumonji respondeu, evitando o palpite de Soga com uma sacudidela da cabeça.

As engrenagens já estavam em movimento. Agora ele só precisava convencer Masako a aderir ao plano.

3

Fatias rosadas de presunto. Cortes vermelhos de carne atravessados de lado a lado por nervos esbranquiçados. Carne de porco de um cor-de-rosa bem claro. Carne muito bem moída, vermelha, cor-de-rosa e branca. Corações de galinha vermelho-escuros contornadas com gordura amarelada.

Masako empurrava seu carrinho pela seção de carne do supermercado. Sentia-se distraída, incapaz de chegar a uma conclusão sobre o que comprar, e até incerta quanto ao porquê de estar ali. Ela parou e ficou olhando atentamente para a estrutura de aço inoxidável que suportava a cesta de compras de plástico azul, uma cesta que estava certamente vazia. Era isso: fora comprar alguma coisa para o jantar. Mas ultimamente o esforço de criar um cardápio e colocar comida sobre a mesa simplesmente parecia perturbação demais.

O jantar à mesa era, de alguma forma, prova de que a família ainda existia. Duvidava de que Yoshiki fosse ficar muito chateado caso parasse de cozinhar, apesar de todos os anos que o passou fazendo, mas esperaria que lhe explicasse a razão. E como não tinha motivos para oferecer, provavelmente apenas concluiria que ela era preguiçosa. E Nobuki, depois de seu estouro na frente do detetive, voltara a se fechar como um marisco, nunca mais escutara nada da boca dele. A única coisa que ele fazia em casa era comer.

Os dois viviam em seu próprio horário, sem nunca consultá-la, mas nesse ponto em particular eram incrivelmente pontuais, como se fosse uma profissão de fé: sempre chegavam em casa na hora do jantar. Achava estranha aquela fé quase infantil em sua culinária. Se dependesse dela, comeria qualquer coisa ou nada, mas sabendo o quanto eles dependiam daquela refeição, sempre se via preocupada com o que eles gostavam e com o que não gostavam, e preparando alguma coisa boa para os dois. Mas em retribuição eles pareciam totalmente indiferentes. Quaisquer que fossem os laços que algum dia os uniram, já não existiam mais, e seu papel determinado era a única coisa que fazia com que permanecesse ali.

Parecia tudo tão inútil quanto colocar água em um bule com um buraco enorme. Quanto será que já havia escapado pelo fundo? Tudo que até ontem parecia tão normal e natural, agora era uma coisa estranha.

Uma névoa gélida originava-se das estantes de carne como se fosse um gás venenoso escapando loja adentro. Lufadas de ar glacial sopravam contra ela. Esfregou os braços para ver se os calafrios passavam, tentando não incorrer em alguma reação além do normal, e pegou um pacote de bife fatiado. Contudo, dando-se conta de que a carne parecia com a de Kenji, deixou-a de volta na gôndola do supermercado. Ali tudo era de Kenji, tendões, ossos, gordura — tudo aquilo fazia com que ela se sentisse mal. Nunca havia se afetado daquela maneira; estava amolecendo. Decepcionada consigo mesma, resolveu desistir do jantar. Simplesmente sairia para trabalhar sem comer nada, e seu estômago vazio seria seu castigo — embora não soubesse direito a razão da punição.

O ambiente quente e tranquilo que antecedia um tufão era opressivo. A tempestade, deveras grande, agora pesava sobre eles e marcava o fim do verão. Masako olhou para o céu e ficou escutando os gemidos do vento na atmosfera superior. Quando chegou ao seu Corolla vermelho, avistou uma bicicleta conhecida vindo em sua direção pelo estacionamento do supermercado.

— Capitã! — gritou, acenando para Yoshie.

— Não encontrou muita coisa, não é? — Yoshie perguntou, parando a bicicleta perto do carro e vendo a sacola vazia na mão de Masako.

— Desisti.

— Por quê?

— Acho que não estava muito a fim de preparar o jantar.

— Tudo bem? — Yoshie perguntou balançando a cabeça. Masako percebeu que os cabelos dela pareciam mais grisalhos do que há apenas algumas semanas. — Qual é o problema?

— Nada. Acho que só estou cansada.

— Você tem sorte de poder simplesmente resolver não cozinhar mais. Se eu apelasse para isso, Issey e vovó morreriam de fome.

— Ele ainda está por lá? — Masako perguntou.

— Está, e não faço a mínima ideia de onde a mãe está. A velha não vai bater as botas tão cedo e agora estou lá com aquele pentelho chorando dia

e noite. Acho que pode-se dizer que estou condenada.

Sem ter o que dizer, Masako encostou-se no carro e olhou para o céu ameaçador. Conforme escutava a ladainha das desgraças de Yoshie, sentia como se estivessem presas em um túnel comprido, sem qualquer saída à vista. Ela só queria sair, livrar-se de tudo. Nada mais importava. A pessoa que não consegue se livrar do que a aflige fica condenada a uma vida de infinita insatisfação — a vida que agora levavam.

— O verão praticamente já acabou — comentou.

— Como assim? Já estamos em setembro; já acabou há muito tempo.

— É, acho que sim.

— Vai trabalhar à noite? — Yoshie perguntou de maneira ansiosa. Masako olhou-a de soslaio. A pergunta ressuscitou o fantasma do pedido de demissão de Masako.

— Estava pretendendo — respondeu.

— Que bom! Você parece meio sem vontade de ir. Achei que pudesse estar pensando em nos abandonar.

— Abandoná-las? Como assim? — Masako tirou um cigarro da bolsa e ficou olhando para ela. Uma rajada de vento agitou-lhe fortemente os cabelos opacos e precisou usar as duas mãos para contê-lo.

— Kuniko disse que você trabalhava em uma cooperativa de crédito. Você é boa demais para trabalhar lá na fábrica.

— Kuniko? — Subitamente se lembrou de que a data do vencimento da parcela do empréstimo de Kuniko já havia passado. Como conseguira pagar sem nenhuma renda extra? Se ela descobrira sobre o trabalho antigo de Masako só poderia querer dizer que conversara com Jumonji. Sob pressão aquela mulher era capaz de quase qualquer coisa, e Masako se deu conta de que a deixara tempo demais por conta própria. O que será que fizera? — Eu vou sim. E não estou pensando em pedir demissão — tranquilizou-a.

— Fico contente — disse Yoshie, radiante.

— Capitã, você vê alguma coisa diferente hoje em dia?

— Diferente? O quê? — Yoshie olhou em volta como se estivessem sendo observadas.

— Não, isso não. Acho que devemos ter despistado a polícia. A diferença a que me referi era em relação a você mesma. — Yoshie pensou por um instante e depois olhou para ela com uma expressão encabulada.

— Não, acho que não. Mas deve ser porque fico tentando me convencer de que estava apenas ajudando.

— Da mesma forma que ajuda sua sogra e seu neto?

— Não, assim não — Yoshie respondeu, fazendo uma careta. — Não iria querer que acontecesse com nenhum dos dois o que fizemos com Kenji. Mas mesmo assim acredito que eles todos até tenham algo em comum, já que parece que sempre sobra para mim o serviço que mais ninguém está disposto a fazer. — Permaneceu parada por um instante, perdida em seus pensamentos. Sua testa enrugada e pele pálida faziam com que parecesse muito mais velha do que era na verdade.

— Entendo o que está dizendo — disse Masako, jogando o cigarro ao chão e esmagando-o sob seu pé. — Até mais tarde.

— Mas e você, Masako?

— Também não vejo nada diferente em mim — ela respondeu e abriu a porta do carro. Yoshie tirou a bicicleta do caminho.

— Vejo você à noite — disse Yoshie. Masako esticou o pescoço, sentada ao volante, e acenou por detrás do para-brisa para Yoshie, que sorriu, subiu na bicicleta com uma agilidade surpreendente, e saiu pedalando em direção ao supermercado. Enquanto a via partir, Masako refletia sobre o que estava acontecendo com elas. Mesmo que Yoshie ainda não tivesse percebido, o dinheiro que iria receber de Yayoi, uma hora ou outra, começaria a influenciá-la, como uma reação química. Não havia intenção ruim naquela observação, fatos são fatos.

O telefone tocava quando chegou em casa. Masako jogou a bolsa sobre a sapateira e correu para atender. Já não falava com Yayoi havia mais de uma semana e estava na hora de ligar.

— Katori-san? — disse uma voz de homem. — Meu nome é Jumonji, mas me chamava Yamada quando trabalhávamos juntos.

— Ah, é você... — Masako falou, surpresa com o telefonema. Puxou uma cadeira para perto do telefone e se sentou. Seu corpo inteiro transpirava devido à pressa com que foi atender o telefone.

— Já faz tempo — disse Jumonji.

— Como assim? Nós nos vimos outro dia mesmo...

— Uma alegre coincidência. — Riu.

— O que quer? — Tateando à procura de um cigarro, lembrou-se de que deixara a bolsa na saleta que ficava à entrada da casa. — Se nossa conversa for demorar, você vai ter que esperar um minuto.

— Eu espero — aceitou. Masako saiu e colocou a corrente na porta. Se algum dos dois chegasse, aquilo lhe daria segundos a mais. Ela pegou a bolsa e voltou até o telefone.

— Lamento — desculpou-se. — Agora, o que quer?

— É um pouco difícil falar disso ao telefone. Gostaria de me encontrar com você, se não for incomodar.

— O que é que não dá para falar ao telefone? — Masako imaginou que tivesse alguma ligação com o empréstimo de Kuniko, mas talvez tenha subestimado aquele pequeno agiota.

— É um pouco complicado... — ele respondeu. — Para ser sincero, quero lhe fazer uma proposta profissional.

— Um minuto só — disse Masako. — Primeiro preciso lhe perguntar uma coisa. Kuniko Jonouchi pagou a parcela do mês?

— Pagou, sem atraso.

— O que ela usou no lugar do dinheiro?

— Pode-se dizer que me pagou com informação. — Não havia indicação de coisa alguma no tom de voz de Jumonji, mas Masako percebeu que seus medos tinham justificativa.

— Que informação? — perguntou.

— É exatamente sobre isso que quero conversar.

— Está bem. Onde nos encontraremos?

— Vai trabalhar à noite, não é mesmo? Podemos jantar em algum lugar antes do seu horário? — Masako deu-lhe instruções de como chegar a um restaurante Royal Host próximo à fábrica e lhe disse para encontrarem-se lá às 21h.

Então, afinal, elas não iriam escapar impunes. Ela havia suspeitado desde sua conversa com Yoshie, mas o que a deixava para baixo era o fato de que havia sido o seu próprio descuido ao lidar com Kuniko, a responsável pela ruína delas.

Ela escutava o ruído da corrente enquanto alguém tentava abrir a porta. A campainha do interfone ecoava irritantemente pela casa. Quando entrou pela saleta e retirou a corrente, Nobuki surgiu do outro lado, lançando-lhe um olhar mal-humorado. Seu gorro preto de tricô estava puxado por sobre

os olhos, apesar do calor. Camiseta preta desbotada, calça folgada sambando na cintura, tênis Nike.

— Oi — Masako cumprimentou-o e Nobuki passou sem nada dizer. Seu forte corpo juvenil era surpreendentemente flexível. Se ainda falasse, ela tinha certeza de que a primeira coisa que teria dito era para que não fechasse mais a porta com a corrente. Subiu correndo para o quarto sem sequer olhar de relance. — Quem quiser jantar hoje vai ter que se virar sozinho! — gritou pela escada para que ele ouvisse. Sua voz ecoou pelos cômodos vazios como se seu recado fosse uma rejeição não apenas ao rapaz do segundo andar, e sim a toda a casa.

Masako chegou ao Royal Host exatamente às 21h, mas Jumonji já estava lá, de pé, próximo a uma mesa escondida nos fundos. Tinha nas mãos uma cópia amassada do jornal da noite.

— Obrigado por vir — agradeceu. Os olhos de Masako encontraram-se com os de Jumonji quando ela sentou-se à frente dele. Ele estava vestido sem pompa, com uma blusa polo branca e uma jaqueta. Masako trajava o que sempre vestia para ir trabalhar: calça jeans e uma camiseta velha de Nobuki.

— Boa-noite — disse um homem de terno preto que parecia ser o gerente. Seu rosto assumiu uma expressão vagamente perplexa conforme lhes entregava os cardápios, provavelmente perguntando-se o que será que aqueles dois poderiam ter em comum. — Aproveitem a refeição — ele acrescentou, para depois ir embora.

— Já comeu? — Jumonji perguntou. Estava bebendo café gelado enquanto a aguardava. Masako pensou por um instante e depois fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não, ainda não.

— Nem eu — disse ele. — Vamos pedir. — Masako resolvera comer espaguete e Jumonji acenou para o sujeito do terno. Ele também pediu espaguete e, sem consultar Masako, pediu-lhe que trouxesse café depois do jantar. — Há quanto tempo! — acrescentou, depois do homem ir embora. — Foi ótimo esbarrar em você assim, depois de tantos anos. — Seus modos eram lisonjeiros, e parecia quase com medo de olhar nos olhos dela. Por que será que estava nervoso?

— Sobre o que queria conversar?

— Agradeço que tenha tirado um tempo para mim — voltou a agradecer, encolhendo discretamente os ombros.

— Você disse que não dava para falar pelo telefone.

— Você não mudou nada — notou.

— O que quer dizer com isso? — perguntou, bebendo um gole d'água. Estava bastante gelada.

— Você sempre foi tão prática...

— E você poderia tentar ser um pouco mais também. Por que não vamos direto ao que interessa? Acho que já sei o que está por vir de qualquer maneira... — Masako recordou-se de como ele era antigamente, quando ajudava no departamento de cobrança. Seu jeito era de um motoqueiro rebelde, partes das sobancelhas eram raspadas e cabelos cacheados ligeiramente curtos e esvoaçantes; e alguns boatos davam conta até de que fazia parte de uma gangue. Ele havia colocado a vida consideravelmente nos trilhos desde então, transformou-se em um jovem distintamente apresentável, mas continuava a ser o mesmo Jumonji.

— Ao que interessa? — perguntou, coçando a cabeça. — Você é incrível. — Naquele exato momento a garçonete chegou com os pratos de espaguete. Masako pegou seu garfo e começou a comer. Planejava não jantar, mas ali estava, comendo, logo com ele. Aquele pensamento fez com que ela abrisse um sorriso. — Qual é a graça? — Jumonji perguntou.

— Nenhuma. — Subitamente Masako se deu conta da razão que a levava a querer castigar-se passando fome: foi por sufocar o desejo de ser livre. Limpou a boca com o guardanapo de papel depois que terminou de comer. Jumonji também havia terminado e acendera imediatamente um cigarro. — E então, qual é a proposta que mencionou? — perguntou.

— Antes de chegarmos a isso, gostaria de dar-lhe os parabéns.

— Por quê?

— A coisa toda foi linda demais — comentou, abrindo um sorriso largo, aparentemente sem a mínima ponta de ironia.

— O que foi lindo demais?

— Parque Koganei — sussurrou. Masako ficou olhando em seus olhos, imóvel.

— Então já ficou sabendo?

— Fiquei.

— De tudo?

— Creio que sim.

— Kuniko abriu o bico, não foi? Por ridículos ¥440 mil.

— Não deve culpá-la — disse.

— Talvez não — disse Masako. — Mas mesmo assim, fico impressionada que tenha descoberto.

— Acho que foi apenas minha curiosidade mórbida — respondeu. Masako apagou o cigarro em meio às outras bitucas do cinzeiro, que já transbordava. Fora derrotada.

— E a tal proposta profissional? — perguntou.

Jumonji chegou para a frente, falando baixo.

— Imaginei que talvez pudesse se interessar em ajudar a se desfazerem de mais alguns corpos. Parece que há um estoque razoavelmente constante de pessoas que ninguém quer que sejam encontradas. Nós cuidaríamos dessa parte. — Masako ficou olhando para ele, muda de espanto. Havia esperado ameaças e chantagens, não uma oferta para o início de um empreendimento. Mas pensando melhor, deveria ter imaginado que um grupo de pobres donas de casa não seria exatamente um alvo muito lucrativo para extorsão, a não ser pelo dinheiro do seguro. — O que acha? — Jumonji perguntou, olhando de forma quase condescendente.

— O que planejou? — perguntou.

— Eu faria a divulgação do negócio. Acontece que aí no meio tem uma galera da pesada e eu não iria gostar nada se você tivesse que tratar com eles. Assim que recebêssemos o material, você o cortaria aos pedaços e eu me livraria das sobras. Conheço um lugar que tem um incinerador enorme, assim, tudo desapareceria sem deixar qualquer vestígio.

— Por que não pode simplesmente atirá-lo no incinerador sem cortá-lo em pedaços?

— Não daria certo. Transportar um corpo inteiro é arriscado demais. Alguém perceberia antes que eu chegasse até lá. Mas cortado aos pedaços para ficar igual ao resto do lixo, provavelmente não haveria problema. Um outro ponto complicado é arrumar um jeito de fazer os pedaços chegarem a Fukuoka.

— Está pretendendo enviá-los pelo correio? — perguntou Masako, com a expressão de espanto voltando ao seu rosto. Será que ele falava sério mesmo?

— Exatamente — confirmou. — Em pacotes de cinco quilos deve dar mais ou menos uma dúzia. Depois eu iria até lá de avião para buscá-los e

levá-los para o depósito de lixo. O que poderia ser mais simples que isso?

— Então, eu só precisaria cortar os corpos?

— Exatamente. Interessada? — O café havia chegado. Jumonji sorveu um gole, tentando desesperadamente decifrar-lhe a expressão. Masako notou uma certa inteligência nos olhos dele.

— O que o fez pensar em tudo isso? — perguntou.

— Queria descobrir uma coisa em que pudéssemos trabalhar juntos.

— Juntos? Você e eu?

— Só achei que seria... legal trabalhar com você.

— Não sei bem se estou entendendo.

— Não importa. Considere apenas como uma peculiaridade minha. —

Ele passou a mão pelos cabelos macios que lhe caíam sobre as orelhas. Masako virou-se e olhou rapidamente pelo restaurante quase deserto. Não havia sinal de ninguém da fábrica. No caixa, o homem do terno preto não mais apresentava sua expressão formal e batia um papo agradável com uma jovem garçonete. Enquanto Masako hesitava, Jumonji parecia ficar cada vez mais ansioso. — Esse esquema de agiotagem tem vida curta — explicou. — Mais alguns anos, no máximo. Ano que vem já vou começar a procurar outra coisa. Só queria fazer alguma coisa que me trouxesse um pouco mais de prazer. Acho que você deve me considerar pouco confiável.

— Mas você ganharia mesmo algum dinheiro? — interrompeu. Jumonji respondeu afirmativamente gesticulando com a cabeça.

— Muito mais do que um agiota barato — respondeu.

— Quanto seus fregueses estariam dispostos a pagar, digamos, por unidade? — Resolvendo que talvez estivesse interessada, Masako fez a pergunta óbvia. A língua de Jumonji dançava em movimentos repetidos por seus lábios estreitos e bem torneados conforme ele pensava no quanto diria. — Deixe de rodeios — alertou. — Se não pudermos ser sinceros um com o outro, não poderemos trabalhar juntos.

— Está bem, vou contar. A fonte com quem falei me prometeu oito milhões. Ele quer três dos oito como comissão por me oferecer o negócio. Restarão cinco: o que acharia de dois para mim e três para você? — Masako acendeu um cigarro.

— Por menos de cinco, nem pensar — respondeu, praticamente sem perder tempo.

— Cinco milhões? — Jumonji emitiu um ruído de espanto com a garganta.

— Cinco milhões — Masako repetiu. — Você pode até achar que é fácil, mas não é. É um negócio que faz muita sujeira, é malcheiroso, e depois ainda vêm os pesadelos. Só quem já fez é capaz de entender. E é preciso um lugar para fazer a coisa, um banheiro. E eu não usaria mais a minha casa; é arriscado demais. Onde estava pensando em fazê-lo?

— Jonouchi-san me contou que vocês fizeram o primeiro no seu banheiro, então, estava pensando em usá-lo de novo — disse ele, com uma expressão de desânimo.

— Por que não na sua casa? Você é solteiro...

— Moro em apartamento — ele revelou. — A banheira é pequena demais.

— Mas na minha casa é praticamente impossível. Teríamos que arrumar um horário em que não houvesse ninguém, e entrar com o corpo sem que os vizinhos percebessem. A “unidade” costuma vir acompanhada de vários pertences reveladores demais; livrar-se deles é complicado. — Masako parou de falar por um instante, recordando-se de como o tal brasileiro recuperara a chave. Jumonji prendia a respiração, esperando que ela prosseguisse. — E é praticamente impossível para uma pessoa fazer sozinha — disse. — E depois ainda tem a limpeza, que é quase tão ruim quanto a tarefa em si. Não voltaria a fazê-lo lá em casa por menos de cinco milhões. — Jumonji ergueu sua xícara de café vazia e a levou aos lábios, visivelmente perplexo. Dando-se conta de que estava vazia, acenou para a garçonete, que ainda papeava com o gerente, e ela lhe trouxe uma garrafa de café fraco. Depois que foi embora, ele voltou a falar.

— E se eu levá-lo até a sua casa, cuidar das roupas e do descarte?

— Acho que o problema é que três milhões é dinheiro demais para o seu intermediário. Ele está lhe dizendo que vai ganhar oito, mas pode apostar que vai cobrar dez. Daí ele já fica com cinco milhões antes até de nós vermos o mínimo vestígio do dinheiro. Pelo jeito deve ser algum amigo seu da yakuza.

— Entendo o que quer dizer — disse Jumonji, tocando o lábio enquanto pensava. — Até que faz sentido. — Não disse exatamente que ele fora enganado, mas era mais ou menos aquela a insinuação.

— Portanto, você terá de convencê-lo a ficar com menos, ou descobrir se irá realmente ganhar dez milhões. Das duas, uma.

— Está bem. Mas o que acharia de um milhão e meio para mim e três e meio para você?

— Nem pensar — disse ela, dando uma olhadela para o relógio. Já eram quase 11h; precisava ir para o trabalho.

— Dê-me só um minuto, está bem? — ele pediu, pegando o telefone celular, aparentemente com o intuito de negociar ali mesmo. Masako considerou aquilo uma deixa para ir ao banheiro. Lá dentro, passou alguns instantes olhando para o próprio rosto no espelho e depois secou a testa oleosa com uma toalha de papel. No que estava se metendo? Sentia-se angustiada, mas também um pouco empolgada. Lembrando-se de que havia um batom em sua bolsa, o pegou e aplicou um leve toque de vermelho à boca, o detalhe acabou produzindo uma expressão de surpresa quando voltou à mesa.

— O que foi? — perguntou.

— Nada. Acho que conseguimos dar um jeito.

— Que rapidez!

— Apenas apelei para que tivesse mais consciência. — Riu. Masako lembrou-se de que, com um pouco de instrução, já naquela época ele havia sido bom o bastante em seu emprego.

— E o que decidiram?

— Falei com ele que por oito não ia dar, mas ele jurou que, até que provemos que somos capazes de dar conta do serviço, esse é o teto. No final, ele baixou a parte do intermediário para dois milhões; o que deixa dois para mim e quatro para você. Com a única condição de que, se acontecer alguma coisa, vamos ter que nos virar sozinhos e ele nega que sequer tenha falado conosco.

— É claro que nega. Exatamente por isso que deveria ter pedido mais desde o início. — Masako voltou a analisar os números em sua mente. Se Yoshie topasse ajudá-la, poderia pagar-lhe um milhão. Kuniko não teria sequer chance de participar; e depois resolveria o que fazer quanto a Yayoi.

— O que achou? — Desta vez ele parecia mais confiante.

— Negócio fechado — Masako topou.

— Maravilha! — ele exclamou, suspirando aliviado.

— Só mais algumas coisinhas.

— Diga.

— Acho melhor usarmos o seu carro para as entregas. E quero que compre para mim um conjunto de bisturis em uma loja de material hospitalar. Acho que não conseguiríamos de novo sem instrumentos

melhores. — Jumonji coçava o rosto enquanto escutava as exigências de Masako.

— É como ser uma açougueira, não é? — perguntou.

— Com carne, ossos e tripas quentinhas — completou. Jumonji cerrou os dentes. — Só queria perguntar mais uma coisa para você. Como fez Kuniko abrir o bico?

— Prometi cancelar a dívida — revelou, rindo alegremente pela primeira vez desde que haviam se sentado. — A história dela me custou ¥440 mil, portanto, precisamos fazer o negócio muito bem feito para eu ter o retorno do meu investimento.

— E você não vê problema em ganhar apenas dois milhões? — ela perguntou.

— Não se a circulação da mercadoria for decente.

— Acha mesmo que existe este tipo de demanda?

— Só há uma maneira de descobrir — respondeu. Ela achou simpático aquele entusiasmo todo. Gesticulando com a cabeça em sinal de concordância, pôs o dinheiro de sua parte da conta sobre a mesa e se levantou. Masako ainda via aquilo tudo como uma coisa não natural, pelo menos por enquanto.

4

O vento, que antes estivera uivando ameaçadoramente nas esferas superiores dos céus, acalmou-se enquanto ela estava dentro do restaurante, e agora o ar estava quente e sufocante, anunciando o tufão. Com os cabelos grudados à cabeça, Masako se viu preocupando-se com o estado do clima pela manhã, depois que o expediente terminasse. Ela ligou o rádio do carro, mas chegou à fábrica antes que conseguisse ouvir a previsão do tempo.

Em um dos cantos do estacionamento estavam montando uma guarita pequena, pré-fabricada. Masako passou alguns instantes a olhar para aquilo, mas sua mente estava em algum outro lugar, preocupada com a proposta de Jumonji. Antes de entender completamente o que estava fazendo, ela penetrara um mundo novo e estranho demais; e independentemente de sua decisão ter sido acertada ou não, sentia-se animada pelo mero fato de ter conseguido. Havia algo de quase encantador na maneira com que sua nova preocupação afastou completamente de sua cabeça as imagens e os sons já bem conhecidos do estacionamento.

Conforme tirava os tênis no saguão de entrada da fábrica, Masako percebeu que uma mulher, que não havia reconhecido a princípio, estava de pé à sua frente.

— Masako. — A voz era conhecida: Yayoi. Havia cortado bem curto os cabelos que antes lhe desciam até os ombros, revelando a linda nuca. Havia feito as sobrancelhas, deixando-as estreitas e curvadas, e usava batom vermelho. A mudança era surpreendente e ia além de sua aparência apenas. A Yayoi inútil e sonhadora desapareceu e foi substituída por uma mulher que parecia mais jovem, porém, mais segura de si.

— Perdão — Masako desculpou-se. — Você me assustou. Não a reconheci de princípio. Você está totalmente diferente.

— É o que está todo mundo comentando. — Ela abriu um sorriso acanhado, mas até mesmo aquele gesto já conhecido parecia mais

confiante. — Mas você também está diferente. Está usando maquiagem.

— O quê?

— O batom — Yayoi esclareceu. Masako esquecera-se completamente de que havia passado batom no banheiro do restaurante. Ao tocar os lábios com o dedo, ele saiu manchado de um vermelho pegajoso. — Não — disse Yayoi, pegando a mão dela. — Vai acabar tirando. Deixe assim. Fica bonito em você.

— Vai voltar a trabalhar hoje? — Masako perguntou.

— Não, só apareci para mostrar que não morri. Trouxe uns bolinhos e queria pedir desculpas ao patrão e a Komada-san por todos os problemas que provoquei.

— Então, está indo para casa?

— Com o tufão chegando, queria estar em casa com os meninos. Dizem que vai aproximar-se mais da cidade pela manhã.

— Então é melhor você ir para casa.

— Também paguei Kuniko e a Capitã — sussurrou ao pé do ouvido de Masako, apertando um grosso envelope pardo contra a mão dela.

— O que é isto? — Masako perguntou, e Yayoi, ignorando a pergunta, fez uma rápida reverência.

— Amanhã eu volto a trabalhar. Até lá — disse ela, passando por Masako à porta. Todo o jeito dela estava diferente, mais animado e mais seguro de si que o da antiga Yayoi. Masako correu para alcançá-la enquanto ela punha-se em marcha pela grama artificial verde e descia a escada.

— Espere! — gritou, e Yayoi virou-se, sorrindo alegremente. — O que tem aqui dentro? — Masako perguntou, agitando o envelope. Yayoi exibiu dois dedos, os dois milhões de ienes que havia prometido. — Você já recebeu o seguro? — Masako indagou com uma voz ainda mais serena.

Yayoi respondeu negativamente com a cabeça.

— Não, ainda não. Disse aos meus pais que precisava saldar um empréstimo. Não queria deixar vocês esperando nem mais um minuto.

— Não precisava ter feito isso.

— Prefiro que seja assim. Kuniko estava ficando impaciente, e sei o quanto a Capitã precisava do dinheiro. Só achei que já estava na hora.

— Mesmo assim, parece cedo demais.

— Sei disso, mas assim posso finalmente me livrar de toda esta história. — Masako quisera dizer que estava cedo demais para Yayoi

mudar de maneira tão radical, mas sabia que ela não daria importância ao comentário. A própria Masako havia mudado, era até natural que Yayoi também fosse querer.

— Entendo — falou. — Obrigada. — Yayoi lançou um aceno rápido e sumiu escada abaixo, adentrando a escuridão úmida.

Masako voltou para dentro. Após a passagem pela fiscal de higiene, ladeou a área de descanso dos funcionários e foi direto para o banheiro. Depois que já estava segura dentro de uma das cabines, abriu o envelope e encontrou dois montes de notas de ¥10 mil ainda com os envoltórios do banco. Ao colocar o dinheiro bem fundo na bolsa, percebeu que aquele banheiro era o único lugar da fábrica onde se podia ter um mínimo de privacidade.

De volta à área de descanso, viu Yoshie e Kuniko bebendo chá juntas. Já haviam vestido seus uniformes de trabalho e estavam conversando discretamente, mas seus rostos denunciavam uma espécie de animação leviana.

— Viu a Yayoi? — Yoshie perguntou em voz alta, acenando para que Masako se juntasse a elas.

— Nos esbarramos quando ela já estava saindo.

— Você recebeu?

— Refere-se ao dinheiro?

— Cada uma de nós recebeu ¥500 mil — ela respondeu. Kuniko baixou o olhar com as bochechas enrubescidas de prazer. Masako imaginou que o dela iria embora rapidinho. E agora que havia sentido o gostinho do dinheiro fácil, só Deus poderia saber o que faria da próxima vez. Teriam de ficar de olho nela.

— Imagino que tenha sido difícil para ela arrumar o dinheiro — Kuniko comentou.

— Tenho certeza de que foi. Avisei que poderíamos esperar, mas ela insistiu — Yoshie falou, ainda sem conseguir deixar de transmitir satisfação devido àquele súbito golpe de sorte.

— Então não se preocupe — disse Masako.

— E você não se importa? — Yoshie perguntou, olhando para Masako com preocupação. Ela negou com a cabeça e abriu um sorriso. Já havia aceitado o fato de que receberia mais, e ainda seria escondido delas, convencendo-se de que o dinheiro poderia ser usado, se necessário, em uma fuga na calada da noite, ou como capital de giro para a nova

empreitada dela e de Jumonji. Já que iria aplicá-lo para o bem do grupo, não se sentia nada mal em manter tudo em segredo enquanto isso.

— Tudo bem — respondeu.

— Bom, ficamos agradecidas — disse Kuniko, agarrando a bolsa em que guardara sua parte como se alguém pudesse tentar afaná-la. Masako olhou para ela meio de esguelha, lutando para controlar a raiva.

— Isso significa que já pode quitar suas dívidas — falou com o tom de voz repleto de sarcasmo. Kuniko abriu um sorriso vago e mais nada disse sobre aquilo. — O que vão fazer com o dinheiro enquanto estiverem lá embaixo? — perguntou enquanto puxava os cabelos para trás e os prendia com um grampo.

— Estávamos justamente falando sobre isso — Yoshie respondeu-lhe, lançando uma olhada detalhada pelo local. — Pensamos em pedir para alguém que tenha armário guardar para nós. — Os únicos que tinham direito a armários eram os funcionários do expediente integral que trabalhavam na fábrica há três anos ou mais, além dos brasileiros, sobre os quais diziam ser mais preocupados com a privacidade. Só que a quantidade de funcionários de expediente integral era pequena demais para ocupar todos os armários.

— De repente é melhor eu ir pedir a Miyamori-san — disse Yoshie, voltando a se virar para olhar em volta. Ela viu Kazuo sentado em um dos cantos da área de descanso com os outros brasileiros. Fumava um cigarro com as pernas estendidas à sua frente, sobre o chão. Seus olhos pareciam evitar o canto em que Masako e as amigas estavam sentadas.

— Ou talvez a Komada-san — Masako sugeriu. A fiscal de higiene Komada era uma das poucas funcionárias de expediente integral; mas ao dizer o nome dela, Masako se deu conta de que não seria nada inteligente que ela ficasse sabendo que as três haviam recebido uma grande quantia em dinheiro. — Não, talvez não — ela se corrigiu.

— Não, tenho a sensação de que podemos confiar que Miyamori não vai falar nada para ninguém — disse Yoshie. — Vou lá pedir a ele.

— Será que ele vai entender? — Kuniko parecia cética, mas Yoshie a ignorou e levantou-se.

Ao ver Yoshie aproximando-se, Kazuo lançou na direção de Masako um olhar de questionamento. Ela via a expressão de mágoa nos olhos do rapaz enquanto ele esperava para escutar o que Yoshie tinha a dizer.

Masako teria preferido evitar qualquer contato com ele, mas não era de sua conta o que aquelas duas faziam com o dinheiro.

Fingindo ignorar tudo aquilo, ela foi se trocar. Vestiu seu uniforme branco e socou o envelope bem fundo no bolso da calça de trabalho; seria constrangedor, para dizer o mínimo, se caísse no meio do expediente. Por detrás dos cabides ela via Yoshie e Kazuo juntos. Pelo jeito ela terminara sua explicação, e Kazuo levantou-se e deixou o local com as duas mulheres a segui-lo. Os armários dos brasileiros ficavam perto do banheiro.

Quando Masako estava esfregando as mãos e os braços na pia do saguão, as outras duas voltaram.

— Que alívio! — disse Yoshie, pegando a escovinha que Masako já havia acabado de usar. — Ele é um cara legal. — Kuniko abriu a água de uma das torneiras mais distantes.

— Ele entendeu o que você queria? — Masako perguntou.

— Parece que sim. Dissemos que queríamos guardar alguns objetos de valor no armário dele e ele concordou na mesma hora. Disse que ainda demoraria um pouco para sair da linha de produção, mas pediu muito educadamente para que esperássemos por ele. Falou até “por favor”.

— Fico contente que tenha dado tudo certo — disse Masako, erguendo o olhar bem a tempo de vê-lo passar a caminho da área de preparação das refeições. Sua complexão era tão diferente da dos homens japoneses, o pescoço grosso fincado sobre um tórax vigoroso. Seu rosto de traços profundamente bem delineados olhava apenas para a frente enquanto passava. Um homem que estaria em seu habitat natural sob o sol latino-americano parecia pesarosamente deslocado com aquele uniforme branco e aquela touca ridícula de um trabalhador japonês do turno da noite. Pensou se ele ainda estava com a chave; mas o que a deixava confusa de verdade era o porquê daquele jovem estrangeiro ter sentido um mínimo que fosse de atração por ela.

O turno da linha de produção terminou mais cedo que de costume naquela manhã devido ao tufão. As mulheres que trabalhavam em regime de meio expediente suspiravam melancólicas enquanto olhavam pela janela da entrada. O raiar do dia trouxera a tempestade. A chuva caía de lado, torrencialmente, e as altas figueiras-de-bengala que cercavam a fábrica

automotiva do outro lado da rua pareciam prestes a se quebrarem ao vento. Pequenos rios corriam às sarjetas dos dois lados da rua.

Yoshie fez uma careta quando olhou para a tempestade.

— Não sei se vou conseguir pedalar debaixo desta chuva toda.

— Posso lhe dar uma carona — Masako ofereceu.

— Pode mesmo? — Ela parecia aliviada. — Eu agradeceria bastante.

— Fingindo não ter escutado a conversa, Kuniko mantinha-se ocupada com seu cartão de ponto. — Detesto pedir isso — Yoshie acrescentou —, mas será que você se importa em esperar até Miyamori-san sair também?

— Nem um pouco.

— Encontro com você no estacionamento.

— Não, eu busco o carro e venho pegá-la aqui.

— Obrigada — Yoshie agradeceu, fitando as costas largas de Kuniko enquanto caminhava absorta pelo saguão.

Masako trocou de roupa rapidamente e deixou a fábrica. O céu fechado da noite anterior havia se escancarado, saraivando a terra com chuva e vento, mas a água parecia quase restauradora. Dando-se conta de que seu guarda-chuva seria-lhe inútil, ela o fechou e resolveu correr aquela curta distância até o estacionamento. A chuva desabava em gotas grossas, o que a deixou ensopada em questão de segundos. Tirou os cabelos da frente dos olhos preocupada enquanto corria apenas com o envelope de dinheiro apertado à sua barriga. Ao chegar à fábrica abandonada, viu que a cobertura de concreto da galeria de escoamento permanecia onde Kazuo a havia deixado. O bramir das águas erguia-se daquela cova, e ela imaginou que os outros pertences de Kenji — além da chave — já deveriam ter ido embora com a água. Enquanto continuava a correr, sendo esbofeteada pelo vento, imaginou aquele temporal e uma gargalhada subiu-lhe pela garganta. Ela também iria se livrar! Só de pensar naquilo já fazia com que se sentisse mais livre.

Ao chegar ao Corolla, entrou rapidamente pelo lado do motorista sem parar para torcer a água das roupas molhadas. Ela encontrou um pano que deixava sob o painel e secou os braços. Sua calça jeans, pesada devido à chuva, parecia contrair-lhe as pernas. Masako ligou o limpador de para-brisas na velocidade máxima para ver se conseguiria dar conta do aguaceiro, e também o degelador. A rajada forte e repentina de ar gelado provocou-lhe arrepios na pele úmida.

Tirando devagar o carro do estacionamento, ela refez o trajeto até a fábrica. Ao aproximar-se da frente da instalação, viu que Kuniko, vestida com desleixo, acabara de descer pela escada, como sempre, com uma camiseta folgada preta e uma calça florida de malha elástica. Ela deu uma olhadela rápida na direção do carro de Masako, e então abriu seu guarda-chuva azul e foi embora caminhando pela tempestade sem nada dizer. Masako ficou observando pelo espelho retrovisor o vento a rebocá-la. Talvez até ainda desse para elas trabalharem juntas na fábrica, mas Masako havia decidido nunca mais ter nada a ver com Kuniko. Enquanto ela olhava pelo retrovisor, Kuniko parecia desaparecer em meio àquele dilúvio, como em resposta ao seu pensamento.

Agora quem descia pela escada era Yoshie, e Masako ficou surpresa ao ver que Kazuo a acompanhava, segurando seu guarda-chuva transparente de plástico sobre a cabeça dela. O gorro negro do rapaz chegava a envolver-lhe as orelhas. Avistando o carro de Masako, Yoshie aproximou-se rapidamente e deu leves pancadinhas no vidro.

— Lamento incomodá-la — ela falou, apertando os olhos por causa da chuva —, mas será que você se importa em abrir o porta-malas?

— Por quê? — Masako perguntou.

— Acho que ele disse que vai colocar a minha bicicleta lá dentro para mim. — Apontou para trás e Masako se viu fitando os olhos claros e inocentes de Kazuo. Sem nada dizer, puxou a alavanca que abria a mala. A porta subiu, tapando a visão pelo vidro traseiro. Mas justo naquele momento o vento piorou e a porta do porta-malas começou a bater assustadoramente. Masako abriu a porta e saltou do carro em meio à tempestade.

— Você vai ficar encharcada! — Yoshie gritou. — Volte para dentro! — Ela precisava gritar para que sua voz superasse os uivos daquele vento.

— Já estou encharcada! — Masako gritou em resposta.

— Volte para dentro! — disse Kazuo, aproximando-se dela e empurrando-a com firmeza pelo ombro para dentro do carro. Restando-lhe pouca opção, Masako voltou a entrar no carro. Um pouco depois, Yoshie desabou sobre o banco do carona.

— Está horrível lá fora — ela reclamou. Kazuo, que aparentemente fora dar a volta até os cavaletes de prender bicicletas que ficavam atrás do prédio, voltou empurrando a de Yoshie. Ele ergueu-a com facilidade e começou a tentar encaixá-la no porta-malas. Era uma bicicleta velha e

pesada que Yoshie usava principalmente para fazer compras, mas de alguma maneira ele conseguiu colocá-la na mala deixando apenas um pequeno pedaço da roda da frente para fora. Masako saiu para verificar e viu que o compartimento estava quase fechado; provavelmente não teria problemas para dirigir.

— Entre no carro — ela mandou. Ele olhou para ela com o rosto tão molhado que parecia que andara nadando. Sua camiseta branca grudava-se em seu corpo e ali, em seu peito, estava pendurada a chave. Ergueu a mão para escondê-la de seus olhos.

— Obrigada — ela agradeceu.

— Disponha — ele respondeu sem sorrir. O vento passou produzindo um som estridente e um galho desabou entre os dois.

— Entre — repetiu. — Vou lhe dar uma carona. — Agitou a cabeça em um sinal negativo, pegou o guarda-chuva que deixara no chão, abriu-o e saiu andando na direção da fábrica abandonada.

— Por que ele fez isso? — Yoshie perguntou, virando-se para olhar para a silhueta cada vez menor de Kazuo depois que Masako voltou a entrar no carro.

— Não sei bem — Masako respondeu, evitando olhar pelo retrovisor enquanto afastava o carro do meio-fio.

— Mas foi uma grande gentileza dele — Yoshie murmurou, secando o rosto com uma toalha. — Fico perdida sem a bicicleta. — Masako não disse nada e ficou olhando para a rua por detrás do ritmo frenético do limpador de para-brisas. Ela acendeu os faróis ao chegarem à estrada depois de perceber que os dos outros carros também estavam acesos. Elas seguiam em frente lentamente com os pneus espirrando água para os lados. Yoshie tentou segurar um bocejo e depois disse, acentuando o tom de pedido de desculpas. — Lamento fazer com que saia tanto do seu caminho. E receio que a sua mala esteja ficando toda encharcada. — Pelo retrovisor Masako via a porta do porta-malas subindo e descendo em sincronia com os movimentos do carro. Inevitavelmente a chuva estava entrando e lavando o local onde Kenji esteve.

— Não há razão para preocupação — disse Masako. — Queria mesmo limpá-lo. — Yoshie passou um tempo em silêncio. — Capitã? — Masako disse, enfim, sem tirar os olhos da estrada. — Estaria disposta a repetir a empreitada?

— Que empreitada? — Yoshie perguntou, virando-se na direção de Masako com uma expressão de escândalo.

— Acho que pode estar pintando outro serviço daqueles.

— Serviço? Quer dizer fazer aquilo de novo? Para quem? — Ela estava boquiaberta.

— Kuniko abriu o bico e a notícia se espalhou. Agora parece que a coisa pode virar um ramo de negócio.

— Ela abriu o bico? Então tem alguém chantageando você? — Yoshie pressionou as mãos contra o painel como se houvesse ficado subitamente horrorizada pela maneira com que o carro estava sendo dirigido.

— Não, querem nos pagar para que façamos o mesmo serviço. Você não precisa saber dos detalhes; pode deixar essa parte comigo. Só preciso saber se estaria disposta a me ajudar caso venha mesmo a aparecer o serviço. Eu pago.

— Quanto? — A voz dela saiu com um tremor, mas também com uma ponta de curiosidade.

— Um milhão — Masako respondeu. Yoshie suspirou e depois ficou em silêncio.

— Pelo mesmo serviço? — perguntou depois de alguns instantes.

— Não teremos que nos livrar dos pedaços depois. Nosso trabalho é só cortá-lo em minha casa. — Yoshie engoliu em seco. Masako acendeu um cigarro e o carro encheu-se de fumaça.

— Eu topo — Yoshie disse, tossindo.

— Topa mesmo? — Masako olhou de soslaio para ela, que estava pálida e com os lábios tremendo.

— Preciso desesperadamente de dinheiro — falou. — E estou disposta a sair caminhando inferno adentro se for para acompanhá-la.

Masako ficou imaginando se era para lá que elas iriam, enquanto observava atentamente a estrada através do para-brisa cheio de água escorrendo. A única coisa que ela conseguia enxergar eram os faróis dos carros à sua frente. Não conseguia mais sentir os pneus no asfalto e o carro parecia flutuar. Tudo aquilo parecia irreal, como se aquela conversa com Yoshie fosse apenas um sonho que as duas vivenciavam ao mesmo tempo.

5

Quando o tufão passou, levou o brilhante céu de verão junto como se houvesse sido varrido, e em seu lugar aparecia o firmamento insípido do outono. Conforme a temperatura baixava, as emoções superaquecidas de Yayoi também começavam a se esfriar — raiva e remorso, esperanças e temores. Agora morava com os filhos e a nova vida começava a parecer normal. Porém, as mulheres do bairro, que a princípio foram prestar auxílio à viúva daquela tragédia por pena e curiosidade, retiraram-se rapidamente conforme Yayoi se transformava em uma mãe solteira com bastante autoconfiança. Agora era raro ela sair, a não ser para ir trabalhar ou para levar os filhos para lá e para cá, e Yayoi começou a sentir-se estranhamente deixada de lado.

Será que havia de fato mudado tanto assim? O que será que ela fizera além de cortar os cabelos — e tentar introjetar uma figura paterna para os filhos, agora que Kenji não existia mais? Yayoi ainda não havia se dado conta de que, em seu íntimo, mudava pouco a pouco, desfazendo-se das algemas em que Kenji havia se transformado, trocando-as por outras, internas, a culpa por ter assassinado seu marido.

Certo dia de manhã, quando era a vez dela fazer a faxina da área de coleta de lixo, Yayoi saiu de casa com vassoura e pá em mãos para fazer sua parte. Os moradores do local deixavam o lixo próximo a um poste telefônico na esquina com o muro que cercava a ruela, onde Leite ficou agachado na manhã seguinte à noite em que ela eliminou Kenji. Yayoi olhou para cima para ver o que havia no muro. Era comum os gatos de rua da área empoleirarem-se por ali com esperança de encontrar o lixo sem ninguém a vigiá-lo. Um gato branco sujo que poderia ser Leite e um gato malhado grande e marrom estavam sentados sobre o lixo, mas fugiram assim que Yayoi aproximou-se. Leite nunca mais voltou para casa depois daquele dia e agora unira-se aos bandos dos gatos de rua, só que Yayoi já

havia deixado de se preocupar com ele há muito. Seguiu fazendo o que devia.

Conforme varria os restos de alimentos e papéis que o caminhão de lixo deixara para trás, teve a sensação de ser observada por olhos hostis, vizinhos dentro de suas casas, olhando-a por detrás de suas cortinas. Aquele pensamento deixava-a cada vez mais irritada, até que, para sua surpresa, escutou uma voz agradável.

— Com licença. — Yayoi ergueu o olhar e viu uma mulher parada, sorrindo amistosamente. Não havia o mínimo vestígio do intrometimento que esperara; talvez aquela não soubesse a seu respeito. Yayoi tentou lembrar-se se já a vira alguma vez. A mulher parecia ter seus trinta e poucos anos. Seus cabelos eram lisos e sua maquiagem, simples, como se trabalhasse em um escritório, porém, aparentava uma certa hesitação, como se não tivesse muita experiência com o mundo. Yayoi gostou dela instantaneamente.

— Você é nova no bairro? — perguntou.

— Sou, acabei de me mudar para aquele prédio — a mulher explicou, virando-se na direção de um envelhecido bloco de apartamentos atrás. — É aqui que tenho que vir deixar meu lixo?

— Exato. A relação está colada ali. — Yayoi apontou para um cartaz colado no poste.

— Obrigada — a mulher agradeceu, pegou um bloco e copiou as informações. Estava vestida para sair, mas a blusa branca e a saia azul-marinho eram simples e distantes de qualquer ostentação. Ela esperou Yayoi terminar a faxina e estava quase indo embora quando voltou a falar novamente.

— Você sempre limpa esta área? — perguntou.

— Nós revezamos — Yayoi respondeu. — Creio que a sua vez vai acabar chegando. Há uma circular do bairro que explica o sistema.

— Muito obrigada — a mulher disse.

— Se não conseguir dar conta algum dia em que estiver trabalhando, posso fazer para você — Yayoi ofereceu.

— Você é muito gentil — ela falou, parecendo bastante surpresa. — Mas por enquanto não estou trabalhando.

— Então é casada?

— Não sou não, embora certamente já tenha idade. — A risada que se seguiu fez aparecerem leves rugas no canto dos olhos. Yayoi concluiu que

deveriam ter mais ou menos a mesma idade. — Acabei de me demitir e por enquanto estou desempregada.

— Opa... perdão.

— Para falar a verdade, estou me dando um presente: voltei a estudar.

— Pós-graduação? — Yayoi perguntou, percebendo que estava sendo intrometida, mas mesmo assim estava satisfeita por conversar com alguém. Não tinha nenhuma amiga de verdade na vizinhança e o clima andava hostil na fábrica desde a morte de Kenji. Ela gostou de papear daquela maneira, mesmo que fosse com uma mulher completamente estranha.

— Não, nada tão grandioso. É só uma coisinha que já vinha querendo fazer há muito tempo. Estou fazendo um curso de tintura. Espero conseguir me sustentar trabalhando com isso algum dia.

— Então está trabalhando em meio período em algum lugar enquanto faz esse curso?

— Não, poupei o bastante para me sustentar durante os dois anos do curso... contanto que viva como uma indigente. — Ela riu e voltou a se virar na direção do dilapidado edifício de madeira, conhecido na área por estar em estado precário, porém, ser barato.

Yayoi lhe disse seu nome e falou:

— A nossa casa fica no fim da ruela. Apareça se tiver mais alguma pergunta sobre coisas como o lixo.

— Obrigada. Meu nome é Yoko Morisaki. Gostei de conhecê-la. — Falava de um jeito tão relaxado, tão normal... Yayoi perguntou-se o que será que ela imaginaria se soubesse a respeito de Kenji.

No dia seguinte, depois de tirar um cochilo no final da tarde, Yayoi estava na cozinha fazendo o jantar, quando escutou o interfone tocar.

— É Yoko Morisaki — disse uma voz animada. Após correr para abrir a porta, Yayoi viu sua nova amiga segurando uma caixa de uvas. Mais uma vez as roupas e a maquiagem que usava eram reduzidas e de bom gosto, e parecia genuinamente satisfeita em ver Yayoi.

— Entre! — disse Yayoi.

— Eu queria só dar uma passadinha para agradecer-lhe por ter sido tão gentil ontem.

— Não há necessidade — Yayoi respondeu, pegando as uvas e levando-a para a sala de estar. Desde a fatídica noite, as únicas pessoas a irem à sua casa foram seus pais, os parentes e colegas de trabalho de Kenji, Kuniko e a polícia. Foi maravilhoso receber uma convidada com quem ela se sentia à vontade.

— Não sabia que tinha filhos — disse Yoko após ver os desenhos a giz de cera colados às paredes e os carrinhos de brinquedo espalhados pela sala.

— Pois é, tenho dois meninos. Estão na creche.

— Que inveja! Eu adoro criança! Espero que nos apresente logo.

— Eu adoraria! — Yayoi exclamou. — Mas devo alertá-la, são um pouquinho levados. Vão deixá-la esgotada. — Yoko sentou-se na cadeira que lhe foi oferecida e dedicou alguns instantes a observar Yayoi.

— Nunca teria adivinhado que você tem dois filhos. É tão jovem e bonita...

— É muita gentileza sua — disse Yayoi, muito satisfeita por receber um elogio de uma mulher da mesma idade que a sua, e se levantou com um salto para preparar um pouco de chá, para servir com as uvas.

— Seu marido está trabalhando? — Yoko perguntou, usando uma colher para pôr açúcar em sua xícara.

— Meu marido morreu há dois meses — Yayoi explicou, apontando para a fotografia de Kenji no novo altar da família localizado no cômodo ao lado. A foto já tinha alguns anos, e Kenji tinha uma aparência jovem e contente, não desconfiava de absolutamente nada.

— Sinto tanto... — disse Yoko, para depois ficar um pouco pálida. — Não fazia ideia...

— É claro que não. Não se preocupe.

— Ele estava doente? — perguntou com timidez, como se tivesse pouquíssima experiência com gente morrendo.

— Não — Yayoi respondeu, tentando ver alguma alteração no rosto dela. — Você não sabe mesmo?

— Não. — Agitava a cabeça para os lados com os olhos arregalados.

— Ele se envolveu em uns problemas aí... Ficou sabendo sobre o que houve no parque Koganei?

— Não está dizendo que... — Uma intensa expressão de constrangimento espalhou-se por seu rosto. Pelo jeito não sabia mesmo. Baixou o olhar em direção ao colo, com lágrimas nos olhos.

— Qual é o problema? — Yayoi perguntou, surpresa com as lágrimas.
— Por que está chorando?

— É que fico tão triste por você!

— Obrigada — Yayoi murmurou, emocionada com o que parecia ser o primeiro sinal que via de pura solidariedade humana. Muitos expressaram suas condolências depois do incidente, mas ela sentiu em todos uma leve ponta de dúvida. Os familiares de Kenji culpavam-na bastante abertamente e seus próprios pais voltaram para casa. Sabia que poderia contar com Masako, mas ficar em sua presença a deixava nervosa, como se a qualquer momento ela pudesse acidentalmente machucar-se. Yoshie era desesperadoramente antiquada e crítica; e quanto a Kuniko, sua vontade era nunca mais ter que voltar a vê-la. Depois de se sentir isolada de praticamente todo o mundo por um bom tempo, Yayoi ficou genuinamente comovida com as lágrimas da nova amiga. — Gostei muito de receber a sua visita — Yayoi disse a ela. — Os vizinhos têm me tratado com certa reserva e tenho vivido em meio a uma grande solidão.

— Não precisa me agradecer de maneira alguma — disse Yoko. — Receio que eu seja extremamente ignorante no que diz respeito a como funciona o mundo, e costumo sempre dizer alguma besteira, daí acabo não dizendo nada para ninguém por medo de magoar a pessoa. Para falar a verdade foi mais ou menos o que me fez largar o emprego e resolver tentar o sucesso no ramo da tintura. Achei que pudesse, de alguma maneira, conseguir criar um mundinho só meu.

— Entendo — disse Yayoi, para depois, devagar, começar a contar-lhe a versão oficial do que acontecera com Kenji. Yoko, a princípio, escutou sem nada dizer, como se estivesse com um pouco de medo, mas conforme Yayoi prosseguia, pareceu acalmar-se e até chegou a fazer uma pergunta.

— Então essa foi a última vez que o viu? Quando ele saiu para ir trabalhar naquele dia de manhã?

— Isso. — A certa altura a própria Yayoi passou a acreditar naquilo.

— Que tristeza! — exclamou.

— Nunca imaginei que uma coisa assim fosse acontecer, que nunca mais o veria.

— E já pegaram o assassino?

— Não, e nem sabem quem foi — Yayoi falou com um suspiro e seguiu construindo sua história. O fato de que havia assassinado Kenji parecia cada vez menos real.

— Mas cortaram-no em pedaços! — disse Yoko com indignação. — Deve ter sido uma pessoa horrível, um monstro!

— Também não consigo imaginar quem seria capaz de fazer uma coisa dessas — concordou, recordando-se da fotografia que os detetives lhe mostraram da mão decepada de Kenji. O ódio que sentiu por Masako naquele momento atingira o ápice. Como elas puderam ir tão longe? Uma parte sua lhe dizia que estava sendo ilógica, mas enquanto conversava com Yoko, enquanto falava sobre o que acontecera, sua opinião sobre o incidente começou a mudar.

O telefone tocou. Logo imaginou que deveria ser Masako. Agora que tinha aquela nova e simpática amiga, percebeu subitamente o quanto era cansativo ter que conversar com uma sabe-tudo mandona como Masako. Hesitou, sem muita disposição para atender o telefone.

— Não se preocupe comigo — disse Yoko, fazendo um gesto para que fosse atender. Relutante, Yayoi cedeu.

— Sou eu, Kinugasa de novo — disse uma voz conhecida. Ele e Imai ligavam toda semana para saber como ela estava.

— Obrigada por ligar — respondeu.

— Como andam as coisas?

— Bem.

— Já voltou a trabalhar?

— Já — Yayoi disse. — Tenho amigas lá e estou acostumada com a rotina, daí estou planejando continuar por lá.

— Isso parece sensato. — A voz dele era serena e reconfortante. — E a senhora deixa os meninos se virando sozinhos?

— Se virando sozinhos? — ela repetiu, chocada com a censura nas palavras que ele usou.

— Não foi o que eu quis dizer — ele explicou. — Mas o que a senhora faz com eles?

— Coloco os dois para dormir antes de sair. Creio que fiquem em segurança, na medida do possível.

— A não ser que ocorra um incêndio ou um terremoto. Se acontecer alguma coisa a senhora deve ligar imediatamente para a delegacia local.

— Agradeço a preocupação do senhor — disse.

— A propósito, fiquei sabendo que vai receber o seguro do seu marido. — Parecia feliz por ela, mas Yayoi percebeu uma ligeira restrição em seu tom de voz. Olhou em volta e viu que Yoko, talvez por educação, havia

saído de onde estava sentada e agora encontrava-se próxima à janela, observando um vaso de ipomeias murchas que as crianças trouxeram para casa da creche.

— É verdade — respondeu. — Eu nem sabia que ele tinha feito uma apólice na empresa. Fiquei chocada, mas devo dizer que me senti grata. Não saberia o que fazer se tivesse que criar os meninos só com o que ganho.

— Bom, fico feliz pela senhora — disse Kinugasa. — Mas receio que tenha uma notícia ruim para lhe dar. Parece que o dono do tal cassino desapareceu. Se a senhora vir algum sinal dele, por favor, avise-nos imediatamente.

— Como assim? — Yayoi perguntou, aumentando o tom pela primeira vez desde que atendera o telefone. Virou-se repentinamente e viu que Yoko a observava com atenção.

— Não fique nervosa, senhora — Kinugasa lhe disse. — Ele apenas sumiu. Foi um erro de nossa parte, mas estamos fazendo o possível para localizá-lo.

— Então vocês acham que ele fugiu porque é culpado? — Kinugasa passou alguns instantes sem dizer nada, e ao fundo ela ouvia telefones tocando e vozes masculinas conversando. Franziu o rosto sentindo que aquele bafo masculino de cigarro da delegacia, de alguma maneira, havia conseguido entrar em sua casa.

— Estamos procurando por ele — enfim falou —, portanto, tente não se preocupar. Se acontecer alguma coisa, ligue diretamente para mim. — Com isso, ele desligou.

Yayoi logo pensou que era uma boa notícia para todos. Ficou decepcionada quando puseram-no em liberdade por falta de provas, mas fugindo estava praticamente admitindo a culpa. Já poderia acalmar-se novamente. Ao colocar o telefone no gancho e voltar à sua cadeira ela parecia bastante satisfeita.

— Boas notícias? — Yoko perguntou, também com um sorriso.

— Não, não foi bem uma boa notícia — Yayoi respondeu, esforçando-se para retomar sua expressão de seriedade. Yoko pareceu surpreender-se com aquela súbita mudança de fisionomia.

— Talvez eu devesse ir embora... — disse.

— Não, por favor. Fique mais um pouco.

— O telefonema era sobre o caso?

— Parece que o suspeito desapareceu.
— Foi a polícia que ligou? — Yoko perguntou com uma ponta de empolgação na voz.
— Um dos detetives — Yayoi respondeu.
— Foi mesmo? Nossa... quer dizer... sinto muito.
— Não tem problema — Yayoi tranquilizou-a, sorrindo. — Eles são uma chateação, esses caras, sempre ligando para ver como estou.
— Mas não gostaria que descobrissem logo quem é o assassino?
— Com certeza — Yayoi respondeu com um ar lastimoso. — Não sei mais quanto tempo posso continuar assim.
— Não culpo você. Mas se sumiu dessa maneira, deve querer dizer que foi ele.
— Não seria uma maravilha? — As palavras escaparam instantaneamente da boca de Yayoi, antes que se desse conta do que estava dizendo, mas felizmente Yoko pareceu não perceber e seguiu gesticulando com a cabeça compreensivamente.

Foi questão de tempo até que a amizade crescesse entre as duas. Yoko passou a visitá-la sempre, logo depois de Yayoi acordar de seu cochilo e antes de se aprontar para ir buscar os meninos e começar a fazer o jantar. Dizia estar voltando para casa do curso e sempre levava alguma sobremesa ou lanche não muito caro. Os filhos de Yayoi logo afeiçoaram-se a ela. Yukihiro contou-lhe sobre o gato e Yoko saiu com eles para procurá-lo pela vizinhança.

— Yayoi-san... — Yoko falou, um dia, com uma certa dose de hesitação. — Por que não fico aqui com os meninos enquanto você está no trabalho? — Yayoi ficou maravilhada por uma pessoa que havia acabado de conhecer ser tão gentil.

— Eu seria incapaz de pedir-lhe uma coisa dessas — respondeu.

— Imagina, poderia me pedir sem problema algum. Tenho que dormir em algum lugar, de qualquer maneira, e detesto imaginar o pequeno Yukihiro acordando sozinho no meio da noite, sem o pai, e com a mãe trabalhando. — Ela parecia gostar mais do filho mais novo de Yayoi, e ele, por sua vez, estava completamente ligado a ela. E então, Yayoi, que vinha sentindo uma necessidade extrema da mais simples benevolência humana, aceitou a oferta sem pensar duas vezes.

— Então terá que aceitar jantar conosco. Não posso pagá-la, mas pelo menos podemos lhe dar comida.

— Obrigada — Yoko respondeu, começando a chorar.

— O que foi?

— É que estou tão feliz! — falou, limpando as lágrimas. — Sinto como se tivesse uma nova família. Passei tanto tempo sozinha que tinha esquecido o quanto é agradável estar com outras pessoas. Aquele quarto às vezes faz com que eu me sinta tão sozinha!

— Também tenho me sentido muito sozinha... Perdi meu marido tão subitamente e desde então sinto que ninguém entende o que estou passando.

— Sei o quanto deve ser difícil. — As duas, debulhando-se em lágrimas, abraçaram-se; e ao olhar para cima, Yayoi viu que seus filhos olhavam para elas, espantados.

— Meninos — ela riu, limpando o rosto —, Yoko-san vai ficar com vocês à noite, de hoje em diante!

Yayoi nunca imaginou que Yoko viria a ser a causa de uma discussão com Masako.

O interrogatório de Masako começara com:

— Quem é essa que anda atendendo o telefone na sua casa ultimamente?

— O nome dela é Yoko Morisaki. É minha vizinha e tem sido bastante gentil, cuidando dos meninos para mim.

— Está querendo dizer que ela fica na sua casa?

— Tem dormido lá enquanto estou no trabalho.

— Então ela está morando com você? — Masako perguntou com seu jeito analítico.

— Não, não é nada disso — Yayoi falou, incomodada. — Ela frequenta um curso. Quando acaba a aula, ela janta lá em casa. Depois, volta na hora de eu sair para vir trabalhar.

— E ela fica com os seus filhos a noite inteira de graça?

— O jantar é o pagamento — Yayoi respondeu.

— Ela é bastante generosa, não? Não acha que talvez possa ter outras intenções?

— Não! — Yayoi protestou. Não toleraria que ninguém fizesse insinuações naquele tom a respeito de Yoko, nem mesmo Masako. — É apenas incrivelmente simpática... e você é muito ruim!

— Ruim ou não, só estou tentando lembrar-lhe que é você quem mais vai sofrer se alguém descobrir.

— Eu sei, mas...

— Mas o quê?

Yayoi já estava farta daquele interrogatório. Por que será que Masako tinha sempre que ficar martelando as coisas sem ter um limite?

— Por que está perdendo a paciência assim comigo? — perguntou.

— Não estou — respondeu uma Masako perplexa. — Por que ficou tão irritada?

— Não estou irritada! — Yayoi insistiu. — Só estou cansada de ouvir você fazer tantas perguntas. Para falar a verdade, inclusive também quero perguntar umas coisas. O que você e a Capitã andam armando? E por que não falam mais com Kuniko? Aconteceu alguma coisa? — Masako franziu o rosto. Não havia contado que Kuniko abrisse o bico para Jumonji, ou que vinha considerando outro “servicinho” como consequência; e Yayoi sequer imaginava que a razão de Masako não lhe contar nada era porque a achava fraca, alguém em quem não se poderia confiar.

— Não, nada — Masako respondeu. — Mas tem certeza de que essa tal mulher não está atrás do dinheiro do seguro ou de alguma outra coisa?

— Morisaki-san não é desse tipo! — Yayoi gritou, explodindo enfim. — Não é igual a Kuniko!

— Tudo bem, tudo bem. Esqueça que falei qualquer coisa. — Com o fim do acesso da amiga, Masako acalmou-se e Yayoi, lembrando-se de sua dívida com ela, desculpou-se rapidamente.

— Desculpe-me, perdi o controle. Mas tenho certeza de que Yoko é uma boa pessoa.

— Não fica preocupada com ela passando tanto tempo assim com os seus filhos? — Masako perguntou, recusando-se a desistir. — Um deles pode acabar dizendo alguma coisa.

— Eles nem se lembram mais daquela noite — Yayoi respondeu, estupefata com a persistência de Masako. — Nunca mais voltaram a falar a respeito. — Masako sentou-se e passou alguns instantes a fitar o teto.

— Não acha que só o fizeram porque sabem que lhe traria problemas?

— Não, não é isso não — negou, embora o comentário de Masako tenha conseguido o efeito desejado. — Conheço os dois melhor do que ninguém, e tenho certeza de que nem se lembram mais.

— Espero que tenha razão. — Masako olhou para ela meio de soslaio. — Mas não seria nada bom se descuidar agora nos minutos finais.

— Minutos finais? Por que diz isso? — Na cabeça de Yayoi o jogo já acabara e elas já haviam vencido. — Não ficou sabendo? O dono do cassino desapareceu, então está tudo acabado.

— Como assim? — perguntou bufando. — Não enxergo como possa acabar algum dia para você.

— Que coisa horrível de se dizer! — Olhando em volta, Yayoi se deu conta de que Yoshie havia chegado em silêncio e se colocado atrás de Masako, olhando para ela com os mesmos olhos acusatórios. Yayoi era incapaz de tolerar a maneira com que elas pareciam estar planejando alguma coisa juntas, eliminando-a dos planos, culpando-a por tudo, muito embora estivessem mais que dispostas a aceitar seu dinheiro.

Depois do expediente foi embora sem falar com ninguém. O dia andava amanhecendo mais tarde naquela época, e a escuridão parecia envolvê-la com facilidade, lembrando-a do quanto era solitária. Ao voltar para casa, Yoko e os meninos ainda dormiam no quarto, embora sua amiga tenha provavelmente escutado sua chegada, já que apareceu depois de alguns instantes, de pijama.

— Bom-dia — saudou Yayoi.

— Acordei você?

— Não tem problema. Tenho mesmo que começar cedo hoje, então é bom que já esteja acordada. — Ela espreguiçou-se com sonolência, quando então pareceu se dar conta de que Yayoi estava chateada. — Você está pálida. Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada importante... só uma discussão no trabalho. — Obviamente não poderia dizer que o que a provocou foi tentar defender Yoko.

— Com quem?

— Com uma mulher chamada Masako, a que vive ligando para cá.

— Aquela que é sempre tão áspera? O que ela disse? — Yoko estava ansiosa como se tivesse participado da discussão.

— Nada demais — disse Yayoi, evitando a pergunta. — Foi tudo uma grande besteira. — Ela vestiu o avental e começou a preparar o café da

manhã.

Falando baixo, Yoko perguntou:

— Por que você sempre fala com tanta submissão quando está conversando com ela?

— Como é? — perguntou, virando-se bruscamente. — Não falo não.

— Ela a está ameaçando? — Nos olhos de Yoko, Yayoi via um olhar nitidamente questionador, o mesmo que vira nos dos outros vizinhos, só que se obrigou a ignorá-lo. “Qualquer outra pessoa”, pensou, “mas Yoko não.”

6

O sol do fim da tarde de outono lançava uma luz branda sobre os montes de dinheiro que estavam sobre a mesa. Eram tão novos e perfeitos que chegavam a parecer irreais, como divertidos pesos de papel. Entretanto, ali havia mais dinheiro do que ela ganhava em um ano de trabalho na fábrica, e depois de todo o tempo que passou na cooperativa de crédito, não recebera mais que o dobro daquela quantia. Masako ficou sentada olhando para os dois milhões de ienes que havia recebido de Yayoi, ponderando sobre os acontecimentos dos últimos meses, e sobre a possibilidade do “negócio” que estava por vir.

A certa altura começou a pensar em um lugar para esconder o dinheiro. Será que deveria depositar no banco? Só que se o fizesse, não poderia reavê-lo rapidamente caso alguma coisa acontecesse — e o depósito ainda ficaria registrado. Por outro lado, se o escondesse em algum lugar da casa, sempre haveria a possibilidade de alguém encontrá-lo. Enquanto ainda pensava nas opções, o interfone tocou. Ela atirou o dinheiro dentro da gaveta que ficava sob a pia antes de atender.

— Lamento incomodar — disse uma voz hesitante de mulher.

— Posso fazer alguma coisa por você? — Masako perguntou.

— Estou pensando em comprar o terreno que fica do outro lado da rua e estava pensando se a senhora poderia me dizer algumas coisas. — Quase sem escolha, Masako saiu até a saleta que ficava à entrada da casa e abriu a porta. Uma mulher de meia-idade com um terno fora da moda de um lilás pálido encontrava-se de pé do lado de fora, com ar de envergonhada. Julgando por seu rosto, deveria ter mais ou menos a mesma idade de Masako; só que suas formas já haviam começado a se alargar e sua voz era aguda e soava ligeiramente desvairada, como se ela nunca tivesse aprendido a mantê-la sob controle. — Lamento incomodá-la assim desta maneira — desculpou-se.

— Não tem problema.

— Estou pensando em comprar o terreno que fica do outro lado da rua — repetiu, apontando para um pedaço de terra que ficava bem à frente.

Masako havia ouvido falar várias vezes que seria vendido, mas ultimamente começara a parecer abandonado.

— Em que posso ajudar? — Masako perguntou com sua voz mais pragmática.

— Bom, estava querendo saber por que é o único terreno que não foi vendido, se há algum problema com ele.

— Receio não saber.

— Então a senhora não ficou sabendo de nenhum problema ligado a ele? Seria horrível descobrir alguma coisa errada depois que o comprássemos.

— Entendo sua preocupação — disse Masako. — Mas não tenho mesmo a mínima ideia. Talvez tenha melhor sorte se tentar perguntar ao corretor do imóvel.

— Já perguntei, mas ele não me disse nada.

— Então talvez não haja nada a ser dito. — Masako estava começando a sentir-se ligeiramente incomodada.

— Mas meu marido diz que o solo é vermelho demais. — Masako ergueu a cabeça para um dos lados e ficou olhando para a visita. Era a primeira vez que ouvia alguém falar do solo vermelho. — Não serve como um bom alicerce — a mulher acrescentou, percebendo-lhe a impaciência.

— É o mesmo que temos aqui em casa.

— Ah, perdão — falou e assumiu uma expressão de culpa. Masako deu-lhe as costas para colocar um ponto final na conversa.

— Acho que não deve haver problema algum — disse à mulher.

— Então não há problema de escoamento ou qualquer um de outra natureza?

— A rua é levemente inclinada, portanto, o escoamento é normal.

— Claro, suponho que sim — disse a mulher, tentando enxergar os fundos da casa. — Bom, muito obrigada. — Ela inclinou a cabeça em uma medida e virou-se para ir embora.

A conversa foi breve, mas deixou Masako com uma sensação de desconforto. Sobretudo depois de se lembrar do que uma vizinha lhe disse ao pará-la na rua uns dias antes.

— Katori-san. — A senhora que morava na casa atrás da de Masako usava-a para dar aulas de arranjos de flores. Era franca e sensata, e

Masako se dava melhor com ela do que com a maior parte das outras mulheres do bairro. — Você tem um minuto? — ela perguntou, puxando a manga da blusa de Masako e baixando a voz. — Queria contar-lhe uma coisa estranha que aconteceu outro dia.

— O que foi?

— Alguém da sua empresa apareceu aqui fazendo um monte de perguntas.

— Da minha empresa? — Masako presumiu na mesma hora que deveria ter sido do escritório de Yoshiki, talvez de algum banco. Mas ainda assim não havia motivo para ninguém investigar Yoshiki; e Nobuki ainda não tinha idade para esse tipo de coisa.

— Tenho certeza de que ele disse que era da fábrica — ela afirmou, fazendo uma careta de dúvida. — Mas achei que pudesse ser de alguma agência de detetives ou alguma coisa assim. Perguntou coisas de todos os tipos.

— Por exemplo?

— Quem mora com você, sua rotina diária, sua reputação no bairro, essas coisas... É claro que não contei nada, mas é provável que tenha escutado bastante coisa de outras fontes — disse, gesticulando com a cabeça na direção da casa vizinha, onde vivia um casal de idosos. Quando Nobuki estava no ensino médio, era frequente eles reclamarem que a música na casa de Masako estava alta demais. É bem provável que tenham ficado satisfeitiíssimos de entrar em detalhes sobre sua vida.

— Ele passou mesmo perguntando para todo mundo? — Masako perguntou, subitamente apreensiva.

— Foi o que pareceu. Vi quando ficou bisbilhotando em frente à sua casa e depois quando tocou a sua campainha. É um pouco preocupante, não acha?

— Ele disse por que estava nos investigando?

— Agora, essa foi a parte mais estranha. Disse que estavam pensando em promovê-la para o cargo de funcionária convencional e de expediente integral.

— Não faz sentido — Masako murmurou. Quem trabalhava em meio período só poderia ser promovido para uma posição de semirregular, não para um cargo oficial de expediente integral. E até para tal tipo de promoção o funcionário precisa ter três anos de serviço. Obviamente o sujeito estava mentindo.

— Como ele era? — perguntou.

— Era jovem e usava um belo terno. — Masako pensou imediatamente em Jumonji, mas já se conheciam há anos e ele não tinha motivo para ir bisbilhotar seu passado. Poderia ter sido a polícia, mas policiais não precisariam trabalhar disfarçados daquela maneira.

Foi neste momento que Masako sentiu pela primeira vez uma presença, alguém à espreita bem no limite de sua capacidade de percepção. Não era a polícia, embora tivesse certeza de que eles também andavam de olho, era algum desconhecido interessado. Ocorreu-lhe que a tal mulher, Morisaki, que apareceu tão subitamente na casa de Yayoi, pudesse estar ligada àquilo de alguma forma. O fato de que Yayoi não parecia sequer suspeita já era estranho — talvez um sinal do quanto eram bons em manter em segredo o que estavam planejando. A polícia é desajeitada demais para fazer uma coisa dessas.

Primeiro, Morisaki. Depois aquele jovem. E agora a tal mulher desleixada perguntando sobre propriedades. Se estivessem todos ligados, então seu oponente estava trabalhando com uma equipe bastante diversificada. Mas quem poderia ser? E o que teriam a ganhar com tudo aquilo? Sentiu um surto repentino de medo. Medo do desconhecido. Passou alguns instantes refletindo se seria melhor avisar Yoshie e Yayoi sobre o que descobriu, mas como não tinha nenhuma prova consistente, resolveu que não o faria.

Ao chegar ao trabalho naquela noite, Masako percebeu que a guarita do estacionamento havia sido finalizada. A minúscula estrutura estava vazia e suas pequenas janelas ainda estavam escuras. Depois de sair do carro, ficou olhando para ela, quando o Golf de Kuniko entrou descontrolado pelo estacionamento, levantando um bocado de cascalho em seu rastro. Masako retraiu-se, sentindo a hostilidade da manobra.

Kuniko precisou de várias tentativas para acertar o carro na vaga e mesmo assim ficou torto. Puxando com rispidez o freio de mão, olhou pela janela na direção de Masako.

— Bom-dia — cumprimentou-a com sua falsa educação característica. Kuniko trajava uma nova jaqueta vermelha de couro, sem dúvida comprada com o dinheiro da recente sorte inesperada.

Masako retribuiu o cumprimento. Desde que pararam de esperar uma pela outra do lado de fora, era muito raro as duas se esbarrarem a caminho do trabalho; e a julgar pelo olhar de decepção em seu rosto naquele momento, Masako suspeitou que Kuniko preferisse daquela maneira.

— Chegou cedo hoje... — Kuniko comentou.

— É, acho que sim. — Masako deu uma olhadela em seu relógio sob a parca claridade do estacionamento; estava, na verdade, quase dez minutos adiantada.

— Sabe para que serve aquilo? — Kuniko perguntou, gesticulando com a cabeça na direção da guarita enquanto subia a capota do carro.

— Creio que estejam planejando colocar um segurança ali.

— Fiquei sabendo que a polícia descobriu sobre o tal tarado e obrigou a administração da fábrica a ficar de olho. — Masako achava mais provável que tivessem concordado em colocar a segurança somente porque tinha gente parando ilegalmente no estacionamento deles.

— É uma pena — retrucou. — Agora não vai ter mais a oportunidade de conhecê-lo.

— O que quer dizer com isso? — Kuniko perguntou, contorcendo o rosto em uma expressão de evidente hostilidade. Sua maquiagem estava perfeita, como se estivesse indo fazer compras no centro da cidade, mas para Masako aquela pintura pomposa parecia meramente enfatizar os defeitos em seus traços.

— Vejo que ainda está dirigindo esse carro aí. — Abriu um sorriso de desdém, apontando com a cabeça para o Golf que havia acabado de ser polido. — Deveria comprar uma bicicleta, pouparia o seu dinheiro.

Porém, Kuniko deu-lhe as costas e foi embora ofendida. Masako ignorou-a e ficou a esfregar os braços para aquecê-los. A noite estava um pouco mais gelada que de costume, até mesmo para dias tão próximos do inverno, e ela se viu capaz de distinguir vários odores em meio àquele ar gélido e seco: as frituras da fábrica, os gases expelidos pelos canos de descarga, a grama que crescia pelo estacionamento, e as cheirosas oliveiras com suas flores brancas. Os últimos insetos sobreviventes cantavam em algum lugar ali por perto.

Ela encontrou um blusão de moletom sobre o banco detrás do carro e vestiu-o. Depois, acendeu mais um cigarro — agora quase nunca ficava sem — e esperou que a silhueta vermelha de Kuniko, cada vez menor conforme se afastava, desaparecesse. Alguns minutos depois, escutou o

ruído de um motor, e uma motocicleta grande entrou pelo estacionamento. O pneu traseiro derrapava pela terra, e o farol subia e descia conforme a moto seguia em sua direção em meio ao terreno irregular. Quem poderia ser? Nenhum dos funcionários de meio expediente iam para o trabalho de moto. Masako ficou olhando com desconfiança enquanto o veículo parava próximo a ela.

— Katori-san — uma voz chamou, e o motoqueiro levantou o visor do capacete. Era Jumonji.

— O que está fazendo aqui? Quase me matou de susto!

— Que bom que encontrei você! — ele disse, desligando o motor. Subitamente o estacionamento silenciou-se e até os insetos pararam de cantar, talvez assustados com o barulho. Jumonji baixou o descanso da moto com um movimento rápido.

— O que há? — perguntou.

— Nos solicitaram um serviço — contou. A pulsação de Masako havia se acelerado com a chegada surpreendente daquela motocicleta, e agora ela se via cruzando os braços à frente do peito para controlar os latejos. Sentiu uma exalação do odor familiar do sabão em pó do blusão que ficara guardado desde a última primavera, e passou-lhe pela mente por um segundo que a partir dali estaria deixando para trás o tipo de vida que aquele cheiro representava. Masako abraçou-se com ainda mais força.

— Serviço daquele tipo? — perguntou.

— E qual mais? Acabei de receber um telefonema dizendo que há um corpo que precisa desaparecer. Fiquei preocupado em não conseguir entrar em contato com você, então resolvi vir direto aqui... só que fiquei com medo de que Jonouchi-san pudesse reconhecer o meu carro. — A voz dele guardava um tremor de entusiasmo.

— Por isso, veio de moto — Masako concluiu.

— Não venho usando-a ultimamente e demorei para conseguir fazer o motor pegar. — Ele retirou o capacete como um ator que remove uma peruca e alisou os cabelos para trás com seu gesto costumeiro.

— E o que quer que eu faça? — Masako indagou.

— Vou buscá-lo e o levo até a sua casa. A que horas sai da fábrica?

— Às cinco e meia — disse, batendo repetidas vezes o pé contra o chão.

— E a que horas chega em casa?

— Um pouco depois das seis. Mas vai ter que esperar todo mundo sair de casa, mais ou menos às nove. Será que pode se livrar das roupas antes de levá-lo?

— Vou tentar — disse ele contrariado.

— E será que você consegue carregá-lo sozinho?

— Vamos ver... Comprei uns bisturis e vou levá-los comigo.

— Ótimo — disse Masako, roendo as unhas dos dedos enquanto tentava, freneticamente, pensar em alguma coisa de que pudessem ter se esquecido. No calor do momento, nada lhe veio à mente; foi então que lembrou-se de uma coisa. — E não se esqueça de trazer as caixas.

— Quer que traga das grandes?

— Não, não precisa. Não queremos que atraiam atenção, é melhor trazer daquelas iguais às de mercearias. Mas garanta que sejam bem resistentes.

— É provável que eu consiga algumas amanhã de manhã. Você tem sacolas plásticas?

— Comprei algumas por precaução — contou. — Tem mais uma coisa: o que faço se algo sair errado? — Alguns possíveis empecilhos subitamente vieram-lhe à mente: Yoshiki poderia resolver faltar ao trabalho e ficar em casa, por exemplo, o que também poderia acontecer com Nobuki.

— O que pode sair errado? — perguntou, parecendo assustado.

— Bom, e se houver gente em casa, por exemplo?

— Daí você liga para o meu celular. — Tirou um cartão de visita do bolso da calça jeans e entregou-o a ela. O número de seu telefone celular estava impresso nele.

— Está bem — concordou. — Se acontecer alguma coisa, eu ligo para você às oito e meia.

— Se não, nos vemos lá pelas nove — disse, estendendo a mão. Masako passou alguns instantes a olhar para ela, e então estendeu a sua para apertá-la. Sentiu a mão dela gelada e áspera em meio àquele vento gélido. — Até lá — acrescentou ele, dando partida no motor. O ruído grave e potente espalhou-se pelo estacionamento vazio, para depois desvanecer-se em meio à escuridão ao longe. No último minuto, Masako fez um sinal em sua direção. — Mais alguma coisa? — perguntou, voltando a erguer o visor.

— Tem gente xeretando a minha casa. Talvez sejam de alguma agência de detetives.

— E você acha que isso significa o quê? — ele perguntou, claramente preocupado.

— Não faço a mínima ideia.

— Não é a polícia, é? Não seria nada bom mexer com eles — Masako perdeu o ânimo. Talvez os dois devessem ficar na moita por uns tempos. Só que já era tarde demais para isso.

— Não sei — respondeu. — Mas por mim, vamos em frente.

— Também acho melhor — concordou. — Fomos longe demais para amarelar agora. Muitas pessoas influentes iriam perder a credibilidade. — Virou-se com elegância e foi embora rápido, escoiceando nuvens de terra.

Sozinha, Masako partiu em direção à fábrica, reexaminando o procedimento enquanto caminhava: primeiro, a cabeça; depois, braços e pernas; então, abria-se o tronco... Ela era capaz de imaginar todo aquele processo repulsivo e desgastante. Subitamente ocorreu-lhe imaginar em que estado estaria o corpo quando chegasse até elas, e aquilo a deixou ainda mais desanimada. Seus joelhos começaram a tremer, como se houvessem empacado à simples ideia de levá-la para perto daquele horror, e passou a enfrentar dificuldades para andar. Masako se deteve e ficou parada no escuro, percebendo que ficara assustada de verdade não pelo corpo que logo veria, mas sim aquela gente invisível que estava em algum lugar à sua volta, a observá-la.

Quando Masako adentrou a área de descanso dos funcionários, Kuniko fez questão de se levantar e sair do recinto sem sequer dar uma olhadela em sua direção. Masako, no entanto, não tinha tempo para se deixar abater por um comportamento daqueles, do jeito que estava concentrada em achar Yoshie. Acabou encontrando-a logo depois, no vestiário, com Yayoi.

— Capitã — chamou, cutucando-lhe o ombro conforme a outra acabava de fechar o zíper do uniforme. Yayoi, que estava de pé ao lado dela, também virou-se, e seu rosto guardava a expressão de uma inocência animadora. Masako vinha querendo deixá-la de fora desta vez, mas quando viu aquele rosto, sem o mínimo vestígio do horror pelo que elas passaram, sentiu uma necessidade violenta de fazê-la tremer como havia acontecido

com ela própria, há poucos instantes, lá fora, no meio da noite. Trincou os dentes, tentando lutar contra aquilo.

— O que foi? — Yoshie perguntou, porém, um olhar de consternação deixou evidente que sabia a resposta quase antes de ter feito a pergunta.

— Arrumamos um serviço — Masako lhe disse. Yoshie fitou-a e apertou os lábios até que formassem uma linha fina. Masako resolveu não revelar seus receios de estar sendo observada; teve medo de que Yoshie pudesse perder a coragem, e nunca seria capaz de dar conta do serviço sozinha.

— Sobre o que vocês duas estão cochichando? — Yayoi questionou, entrando à força entre elas.

Masako agarrou-a pelo pulso e perguntou:

— Quer saber mesmo? — Olhando diretamente em seus olhos enquanto falava.

— O que é? O que vocês vão aprontar? — resmungou, espantada. Agora Masako largara seu pulso e envolvia seu cotovelo com os dedos.

— Vamos cortar... mais ou menos aqui. Mais um “servicinho”. — Yayoi recuou, mas seu braço permanecia em poder de Masako. Yoshie olhou em volta, preocupada, achando que outras pessoas pudessem estar testemunhando aquela cena, e fez um gesto para que Masako fosse mais discreta. Só que as outras mulheres ali presentes não estavam prestando atenção alguma àquilo. Apenas seguiam, taciturnas, trocando de roupa e aguardando a noite trabalhosa que se seguiria.

— Não pode estar falando sério — Yayoi sussurrou, com a voz esbaforida e aguda como a de uma garotinha.

— Seriíssimo — respondeu. — Quer entrar na jogada? É só aparecer lá em casa. — Quando Masako soltou, o braço de Yayoi caiu para o lado sem firmeza, e sua touca de trabalho caiu no chão. — E tem mais uma coisa: não se esqueça de se livrar da tal Morisaki se resolver ir mesmo.

Yayoi lançou um olhar penetrante na direção de Masako por um instante, e depois foi embora com pressa.

7

O corpo veio a ser de um sujeito magro e baixo, talvez na casa dos sessenta. Era careca, tinha todos os dentes, e cicatrizes de cirurgias do lado direito da barriga e no meio do tórax. Esta última era a maior das duas; a da barriga parecia ser de uma apendicectomia. A julgar pela coloração purpúrea do rosto e pelas marcas de dedos no pescoço, provavelmente havia sido estrangulado. Arranhões nas bochechas e nos braços sugeriam que oferecera resistência.

Nada havia para que conseguissem chegar a qualquer conclusão sobre qual era o trabalho dele, ou quem o assassinou, ou o porquê. Despido, ficou reduzido a um pedaço inanimado de carne sem qualquer ligação com a vida. Elas também não precisavam saber de nenhum desses detalhes; tinham apenas que despedaçá-lo todo, encher as sacolas com os restos, e guardá-las nas caixas. Se a pessoa conseguisse não ligar para todo o sangue proveniente do serviço, na verdade, a diferença era pouquíssima entre aquilo e o que faziam na fábrica.

Yoshie puxou as bainhas da calça de moletom até os joelhos; Masako trajava um short e uma camiseta. Ambas usavam aventais e luvas surrupiados da fábrica. Temendo pisar em lascas de osso, caso fizessem o serviço descalças, Masako usava as botas de borracha do marido, e emprestou um par seu para Yoshie. E novamente a diferença era muito pequena entre aquelas roupas e os uniformes que usavam no trabalho.

— Estes bisturis são ótimos — disse Yoshie, encantada. Os instrumentos cirúrgicos que Jumonji levou eram extremamente eficientes. Diferentemente das facas de sashimi que usaram com Kenji, os bisturis atravessavam a carne quase sem esforço algum, como uma tesoura nova cortando tecido. Graças a esse progresso operacional, o serviço vinha andando mais rápido do que elas esperavam.

Infelizmente, logo se deram conta de que não poderiam utilizar a serra elétrica que Jumonji havia comprado para cortar os ossos. Durante a primeira tentativa, ela fez com que uma fina névoa de ossos e carne voasse em seus olhos. Precisariam de óculos de proteção se quisessem utilizá-la

futuramente. Conforme o serviço seguia em frente, o cômodo ficou saturado de sangue, e o ar encheu-se do forte odor asqueroso das entranhas do cadáver, assim como havia acontecido com Kenji; mas da mesma maneira que o serviço parecia mais fácil desta vez, o horror associado era, de alguma forma, menos acentuado.

— Isto aqui deve ter sido cirurgia de coração. — Os olhos de Yoshie estavam vermelhos devido à falta de sono, e ela passava o dedo pela vermiforme cicatriz púrpura do tórax daquele homem. — Esta história toda tem um aspecto um pouco triste: sobreviver a esta operação, e daí acaba sendo assassinado... — Masako ocupava-se cortando um braço e uma perna enquanto escutava as reflexões de Yoshie. As pernas eram diferentes das do ex-marido de Yayoi. Enquanto Kenji estava na flor da mocidade, a pele daquele homem era amarelada e enrugada, sem quase gordura alguma. Talvez fosse apenas imaginação, mas Masako teve até a sensação de que a serra estava atravessando alguma coisa seca e oca em vez de carne e osso. — É muito mais fácil quando a lâmina não fica toda grudenta por causa da gordura — concluiu Yoshie, continuando com seu monólogo enquanto trabalhava. — Não foi como o primeiro. As sacolas também estão mais leves.

— Aposto que ele mal chega a pesar cinquenta quilos — Masako presumiu.

— E aposto que era um cretino velho e rico — acrescentou como se tivesse muita certeza do que estava dizendo.

— Como é que chegou a essa conclusão?

— Dê só uma olhada neste entalhe do dedo dele. Devia usar um anel enorme, grosso como um biscoito de polvilho, salpicado de diamantes e rubis. Alguém deve ter arrancado.

— Você tem uma imaginação fértil. — Masako riu.

A manhã havia começado para Masako, embora parecesse a continuação de um pesadelo. Yoshie ainda não havia chegado quando Jumonji apareceu na hora marcada, pouco após às 9h, rosto pálido, e com o corpo dentro, envolto por um cobertor.

— Isso foi assustador! — desabafou, esfregando as bochechas, como se houvesse acabado de voltar do Ártico; embora estivesse bem quente para uma manhã do mês de outubro.

— Isso o quê? — Masako perguntou enquanto esticava uma lona azul de plástico por sobre o piso do banheiro, a mesma que haviam utilizado com Kenji.

— Isso! — respondeu, apontando para o corpo. — É a primeira vez que vejo um cadáver. Mas não foi só por vê-lo, tive que bancar a babá dele durante metade da noite. Depois que o coloquei no porta-malas, fui para uma lanchonete matar tempo, e depois fiquei dirigindo por Roppongi.

— Não ficou com medo de ser parado?

— Chegou a passar pela minha cabeça — respondeu. — Mas não queria ficar sozinho com ele. Precisava ter gente à minha volta. Sei que todo mundo fica assim depois que morre, mas ainda assim parecia que eu estava com um zumbi escondido na mala do carro. Sei que deveria ter tirado a roupa dele e tudo mais, mas simplesmente não consegui, não sozinho. Não consegui sequer olhar para ele antes do sol nascer. Acho que sou é um grande covardão, isso sim! — Masako fitou seu rosto pálido, compreendendo o que havia passado. Havia alguma coisa em cadáveres que fazia mesmo com que os vivos se retraíssem. Ela ficou pensando se levaria muito tempo para que visse um cadáver como um outro objeto qualquer.

— Onde teve que ir buscá-lo? — perguntou, tocando os dedos dobrados do defunto.

— Acho melhor você não saber. Se algum imprevisto acontecer, pode acabar se provando inadequado.

— Como o quê, por exemplo?

— Não sei — ele falou. — Algum... imprevisto. — Ele levantou o cobertor com bastante cuidado e olhou o rosto de relance.

— Está querendo dizer o quê? A polícia? — Masako perguntou.

— Não apenas a polícia.

— Então quem, por exemplo?

— As partes interessadas, por assim dizer; alguém atrás de vingança. — Masako lembrou-se imediatamente de seu observador desconhecido, mas Jumonji parecia referir-se a alguém com uma ligação mais mundana e profissional com o defunto.

— Fico pensando no porquê de ter sido assassinado... — comentou.

— O desaparecimento deve ter feito de alguém uma pessoa muito rica. É por isso que precisam garantir que o corpo nunca apareça. — Aquilo significava que o tal sujeito valia vários bilhões de ienes, no mínimo dos

mínimos. Masako ficou olhando para a pele opaca e pálida de sua careca. Se fosse possível esquecer-se das “partes interessadas”, um cadáver era realmente uma coisa a ser descartada como qualquer outro tipo de lixo. O lixo é um derivado natural da vida humana; e não é da conta de mais ninguém o que se joga fora ou quem o faz. Você só tem que, quando a sua hora chegar, estar disposto a aceitar o fato de que também será descartado junto com os restos.

— Ajude-me a tirar a roupa — pediu a Jumonji com calma.

— Está bem — aceitou. Masako fez buracos no terno e começou a tirá-lo do corpo, enquanto um Jumonji trêmulo o guardava em uma sacola.

— Estava com carteira ou algo assim? — ela perguntou.

— Não, eles tiraram todas essas coisas. Ficamos só com o que sobrou.

— Então é mesmo só lixo — ela resmungou.

— Creio que se possa dizer assim — disse Jumonji, com uma expressão de choque.

— É mais fácil pensar na coisa dessa maneira.

— Acho que entendo o que quer dizer.

— Trouxe o dinheiro?

— Estou com ele bem aqui — respondeu e tirou do bolso detrás um saco de papel marrom, do tipo que nos dão quando compramos balinhas. — São exatos seis milhões; falei para eles que só faríamos se recebêssemos a quantia toda de uma vez só.

— Muito bem — apoiou. — Mas o que acontece se, que Deus me perdoe, o corpo for encontrado no futuro?

— Se isso acontecer, teremos que devolver o dinheiro. Mas ainda haverá gente terminando com seus nomes na lama, e você pode ter certeza de que encontrarão outras maneiras de me fazer pagar. — A voz dele saía vacilante, como se somente agora tivesse se dado conta do risco que corria. — Portanto, vamos ter o máximo de cuidado possível — acrescentou.

— Está certo — Masako respondeu. Depois que terminaram de tirar a roupa e deitaram seu corpo nu sobre o chão do banheiro, Jumonji tirou quatro montes de notas do saco de papel e colocou-os à frente dela.

— Por que não vai ficando com estas? — ele perguntou. As cédulas estavam escuras e amassadas, amarradas com elásticos, muito diferentes do dinheiro recém-fabricado que recebera de Yayoi. Faziam com que

Masako se recordasse do dinheiro que trocava de mãos na cooperativa de crédito. “Negócio sujo, dinheiro sujo”, logo pensou.

Masako olhou para o relógio que deixara sobre a máquina de lavar na área de se vestir, que ficava logo em frente ao banheiro. Já era quase meio-dia. Estavam quase terminando, e Jumonji logo voltaria com as caixas. Os ombros e os quadris tensos e pesados, por ter passado tanto tempo agachada sobre o corpo — uma coisa da qual não se lembrava da primeira vez, provavelmente por ter estado tão nervosa. Também não dormira nada desde que voltara da fábrica, e estava ansiosa para acabar logo com aquilo e ir se deitar.

Yoshie levantou-se e levou uma das mãos para trás, para massagear as costas doloridas, quando hesitou com o braço suspenso em pleno ar.

— Não consigo nem massagear minhas próprias costas sem espalhar sangue em tudo — reclamou.

— Use um novo par de luvas.

— Não quero gastá-las à toa.

— Deixe de besteira — Masako censurou-a e apontou com a cabeça para o monte de luvas que havia pegado da fábrica. — Temos bastante.

— Pelo jeito Yayoi não vem. — Yoshie constatou conforme tirava as luvas ensanguentadas das mãos.

— Creio que não — disse Masako. — Queria que visse como é, só uma vez.

— Ela parece nos achar mais culpadas do que ela própria... muito embora tenha sido ela quem assassinou o marido — Yoshie falou com a voz carregada de ressentimento. — Ela nos reprova porque nosso interesse nisto é financeiro, mas não é nada comparado ao que fez. — Naquele exato momento, o interfone tocou, e Yoshie gritou de susto. — Chegou alguém. Deve ser o seu filho. — Masako fez um sinal negativo com a cabeça. Era uma coisa muito rara Nobuki chegar em casa àquela hora.

— Deve ser Jumonji — esclareceu.

— Tem razão — disse Yoshie, acalmando-se um pouco. Ao olhar pelo olho mágico, Masako viu Jumonji do lado de fora, apoiando com dificuldade uma grande quantidade de caixas de difícil manuseio. Então, ajudou-o a entrar com elas, e os dois foram para o banheiro para se juntarem a Yoshie.

— Eu trouxe as caixas — Jumonji disse.

— Bem na hora — disse Yoshie, usando o tom de voz que adotava com os funcionários mais novos na fábrica.

— Precisamos de quantas? — ele perguntou. Masako mostrou oito dedos. O homem era pequeno, e as sacolas, menores do que elas esperavam. Além disso, Jumonji havia resolvido levar com ele a cabeça e as roupas, que poderiam ser mais facilmente identificadas, em vez de enviá-las pelo correio.

— Oito? — ele perguntou com uma expressão de surpresa. — Achei que fossem precisar de mais.

— Será que alguém viu você? — Yoshie perguntou.

— Creio que não.

— Não viu ninguém observando a casa? — Masako acrescentou, lançando-lhe um olhar penetrante. Seria uma coisa desastrosa se aqueles desconhecidos descobrissem o que eles estavam aprontando.

— Ninguém — ele respondeu. — Com exceção...

— Com exceção de quem?

— Havia uma mulher no terreno do outro lado da rua, mas foi embora assim que me viu.

— Como ela era?

— Rechonchuda e de meia-idade — ele respondeu. Obviamente era a mesma mulher que havia perturbado Masako a respeito do terreno.

— Ela parecia estar observando a casa? — Masako perguntou.

— Não, creio que estava apenas dando uma olhada. Além dela, só vi mais umas duas pessoas, provavelmente saindo para fazer compras. Acho que não perceberam nada. — Foi um erro insistir que Jumonji usasse seu próprio carro; da próxima vez o Corolla dela daria menos na vista.

Eles colocaram as caixas dentro do carro e Jumonji levou-as embora logo que terminaram.

— Igual ao chefe de seção levando embora no carrinho uma pilha de refeições — Yoshie comentou, o que as levou a caírem na gargalhada. Depois elas se revezaram para tomar banho e esfregaram o banheiro inteiro. Masako percebeu que Yoshie começara a se preocupar com a hora e foi pegar a parte do dinheiro que lhe pertencia.

— Sua porcentagem — Masako disse ao entregá-la a Yoshie, que segurou o dinheiro com o braço estendido ao máximo de sua capacidade,

como se as cédulas estivessem imundas, e guardou-o rápido e desajeitadamente no fundo da bolsa.

— Obrigada — agradeceu com uma voz de alívio.

— O que pretende fazer com o dinheiro?

— Pensei em guardá-lo para pagar os primeiros anos da faculdade de Miki — explicou, alisando para trás os cabelos desalinhados. — E você?

— Não sei direito. — Agora Masako tinha cinco milhões só seus, mas não sabia em que usá-los.

— Preciso fazer-lhe uma pergunta — disse Yoshie, hesitando por um instante. — Mas não me entenda mal.

— O que é?

— Você também ficou com um milhão?

— É claro! — Masako respondeu olhando diretamente nos olhos dela. Yoshie levou novamente a mão para dentro da bolsa e resgatou o monte de notas.

— Já que é assim, quero pagar o que lhe devo. — Masako tinha se esquecido de que havia emprestado dinheiro para que Yoshie pudesse pagar a excursão da escola da filha. Yoshie contou oito notas de ¥10 mil e fez uma medida com a cabeça ao entregá-las a Masako. — Ainda lhe devo ¥3 mil, mas não tenho trocado. Posso lhe pagar esse resto lá no trabalho?

— Claro — Masako respondeu. Empréstimo é empréstimo. Yoshie passou alguns instantes a mais olhando para Masako, talvez em parte esperando que recusasse o pagamento, mas quando ficou claro que não o faria, Yoshie levantou-se.

— Até de noite — disse.

— Até — Masako retribuiu. Estavam tão acostumadas com o expediente noturno que, de alguma maneira, parecia errado estarem trabalhando durante o dia.

APARTAMENTO 412

1

Quando acordou à noite, Masako sentiu-se vagamente triste. O pôr do sol que chegava mais cedo e indicava o início do inverno era deprimente. Estava deitada na cama, observando a luz do ambiente desvanecer-se de pouco em pouco, deixando-a no escuro. Eram momentos como aquele que faziam o expediente noturno parecer intolerável, e parecia inevitável que tantas mulheres que nele trabalhavam acabassem ligeiramente loucas. Mas não era tanto a falta de luz do inverno que levava à depressão, e sim o peso de se levar uma vida de pernas para o ar em comparação com o mundo normal de todo dia.

Quantas manhãs atarefadas “normais” será que ela vivera? Sempre a primeira a se levantar para fazer o café da manhã para todos e arrumar os lanches. Pendurar a roupa para secar, vestir-se, tomar a lição de Nobuki e levá-lo para a creche. Sempre de olho no relógio da parede ou olhando de esguelha para o do pulso; e trabalhando como uma escrava no escritório. Nem sequer tinha tempo de ler o jornal, que dirá um romance; abria mão de suas horas de sono para ter tempo de fazer todo o resto; e então, quando chegava um raro período de férias, tentava dar vazão às infinitas lavagens de roupa e faxinas. Dias atarefados “normais”, livres de solidão ou culpa.

Não tinha desejo algum de retornar, de mudar o jeito como as coisas estavam agora. Quando se vira uma pedra que passou muito tempo debaixo do sol, se expõe a terra úmida e gelada que há por baixo; e foi justamente em meio a essa terra que Masako havia se escondido profundamente. Não havia sequer vestígio de uma temperatura agradável em meio àquela terra escura, mas ainda assim, para um inseto que estivesse ali, abraçando-se bem apertado, era um mundo já conhecido e sossegado. Ela fechou os olhos. Talvez por ter o sono tão irregular e frágil, sentia o corpo pesado e parecia que nunca conseguia se recuperar da exaustão da fábrica. Mas às vezes a coisa chegava a um ponto tal que apagava lentamente até ficar inconsciente, como se houvesse sido esmagada pela gravidade, e logo começava a sonhar.

Ela descia pelo velho elevador da T Créditos e Empréstimos, fitando o já conhecido painel verde-claro, todo esburacado devido às inúmeras colisões do carrinho utilizado para transportar dinheiro pelo prédio. A própria Masako já havia arrastado pesadas sacolas de moedas por este elevador mais vezes do que era capaz de contar. O elevador parou no segundo andar, que abrigava o setor financeiro — seu antigo local de trabalho. As portas se abriram e ela ficou olhando demoradamente para o interior daquela sala escura e vazia por um instante. Tudo aquilo era tão familiar que poderia se locomover por ali de olhos fechados, só que não tinha mais razão para estar ali.

Assim que apertou o botão para fechar as portas, um homem espremeu-se entre elas e entrou no elevador junto com ela. Era Kenji, que ela considerava morto. De repente ela passou a sentir dificuldade para respirar. Kenji trajava blusa branca, calça cinza e gravata sem estampa: as mesmas peças do dia fatídico. Ele cumprimentou-a respeitosamente e pôs-se de costas para ela, de frente para a porta. Ela analisou sua nuca, que, em parte, estava escondida por seus cabelos desgrehados, mas de súbito retraiu-se horrorizada, ao se dar conta que, instintivamente, procurava pelas cicatrizes das incisões que havia feito nele.

O elevador era dolorosamente lento, mas enfim, chegou ao térreo e as portas se abriram. Kenji deixou-o e partiu para a escuridão, desaparecendo no local em que deveria estar a recepção. Masako sentia seu corpo jorrando um suor gélido enquanto permanecia só no elevador, perguntando-se se deveria segui-lo em meio a toda aquela escuridão.

Foi então, quando ela se decidiu e saiu do elevador, que alguém pulou em cima dela, saindo do meio do escuro. Sem dar tempo para que tentasse escapar, braços compridos envolveram-na por trás, impedindo que se mexesse. Ela tentava gritar, pedir ajuda, mas sua voz não passava da garganta. As mãos do sujeito apertaram-lhe o pescoço. Ela tentava debater-se, mas seus membros pareciam paralisados. Começou a jorrar suor de seus poros, como se fossem sua frustração e seu pânico esvaindo-se do corpo. Os dedos apertaram-se mais e Masako enrijeceu-se de tanto medo. Foi então que, lentamente, o calor das mãos dele e a respiração bruta em sua nuca começaram a atizar um impulso que estava sepultado dentro dela: a necessidade de se render, de relaxar o corpo, e se permitir morrer. Subitamente seu medo começou a se dissipar, como se fosse

embora flutuando levemente, e, em seu lugar, surgiu a sensação de um prazer satisfeito. Ela gritou de prazer.

Ela abriu os olhos e se viu deitada de costas na cama. Levou a mão ao peito e sentiu as palpitações de seu coração. Não foi seu primeiro sonho erótico, é claro, mas foi a primeira vez que seu prazer ligara-se com tanta ênfase ao medo. Ela permaneceu um tempo deitada no escuro, paralisada devido à descoberta daquela cena que estivera escondida em seu subconsciente. Quem seria o homem do sonho? Enquanto tentava lembrar-se exatamente de qual havia sido a sensação dos braços dele a agarrarem-na, ela considerava as possibilidades. Não era Kenji. Ele só apareceu como um fantasma para atraí-la na direção de seus medos. Também não era Yoshiki, que nunca levantou a mão para ela durante todos os anos que passaram juntos. Tampouco os braços pareciam com os do brasileiro Kazuo. Então, sua única opção era presumir que havia sido aquele vulto despercebido que a observava que tomou forma em seu sonho. Mas o que será que significava seu medo estar atrelado a um prazer sexual tão intenso? Ela permaneceu deitada por um instante, perdida em uma sensação praticamente já esquecida.

Ela se levantou, acendeu a luz, abriu a cortina e sentou-se à penteadeira. Fez uma careta ao ver o próprio rosto no espelho, pálido e fraco sob a luz fluorescente. Havia mudado desde aquele dia; tinha consciência disso. As linhas entre as sobrancelhas acentuaram-se mais e os olhos traziam uma expressão mais penetrante. Provavelmente, parecia mais velha. Mas seus lábios estavam levemente separados, como se estivesse prestes a chamar o nome de alguém. O que estava acontecendo? Ergueu a mão para cobrir a boca, mas não havia como esconder a luz que brilhava em seus olhos.

Um ruído trouxe-a de volta à realidade. Deveria ser apenas Yoshiki ou Nobuki voltando para casa. Olhou para o relógio ao lado da cama: quase oito da noite. Penteou rapidamente os cabelos, jogou um casaco de lã por sobre os ombros e deixou o quarto. Do banheiro se ouvia o barulho da máquina de lavar. Parecia ser Yoshiki lavando sua roupa suja depois do trabalho. Já havia anos, vinha lavando as próprias cuecas, além de outras roupas.

Bateu à porta do quarto dele. Não houve resposta, porém, Masako abriu-a e o encontrou sentado de costas, ainda vestido com sua blusa social e escutando música pelos fones de ouvido. Para começo de conversa, o quarto era pequeno, e passou a parecer terrivelmente entulhado depois que ele levou lá para dentro uma cama, suas prateleiras de livros e uma escrivaninha, arrumando-se como um estudante em um alojamento. Ela o saudou com leves tapinhas no ombro. Sobressaltado, ele tirou os fones dos ouvidos e virou-se para olhar para ela.

— Está doente? — perguntou ao vê-la de pijama.

— Não, apenas dormi demais. — Sentindo um calafrio súbito, começou a abotoar o suéter.

— Dormiu demais? São oito horas — ele disse com uma voz enfadonha. — No mínimo pode-se dizer que é estranho. — O comentário veio do outro lado da divisória, do mundo à luz do dia.

— Eu sei — disse Masako, apoiando-se sobre o peitoril da janela. — Parece estranho mesmo. — Ela ouviu a música clássica que escapava pelos fones de ouvido que estavam sobre a cama, mas a obra não lhe pareceu conhecida.

— Você parou de preparar o jantar. — Yoshiki observou sem dirigir-lhe o olhar.

— É verdade — confirmou.

— Por quê?

— Simplesmente resolvi não fazer mais.

— Por mim, tudo bem — disse, abrindo mão de fazer pressão sobre ela para que lhe dissesse o motivo. — Mas como *você* está jantando?

— Simplesmente como o que tiver para comer.

— E nós que nos viremos sozinhos? — perguntou abrindo um sorriso esquisito.

— Acho que sim. — Era melhor ser sincera. — Sinto muito, mas achei que você fosse comprar as coisas que quisesse.

— Mas por que parar? — perguntou.

— Acho que se pode dizer que estou me transformando em um inseto. Quero apenas ser deixada em paz para me enrolar toda fora da vista de todos, em algum lugar nos subterrâneos.

— Talvez não houvesse problema se você *fosse* um inseto, mas...

— Acha que é melhor para mim ser mulher?

— Creio que sim.

— Acho que você também seria mais feliz se fosse um inseto.

— Como assim? — perguntou, lançando-lhe um olhar desconcertado.

— De certa maneira, já é um. Você se isolou no seu próprio mundinho. Depois do trabalho, chega em casa e nos ignora, poderia estar morando em uma pensão que ninguém notaria a diferença. — Fez um gesto mostrando a casa.

— Pois é... — disse, resgatando os fones de ouvido. A conversa havia entrado por um caminho que ele preferia não seguir.

Masako ficou parada olhando para ele. Havia mudado muito desde que se conheceram: seus cabelos estavam mais grisalhos e finos. Também emagrecera e sempre cheirava a álcool. Mas além das mudanças físicas, ela ficou chocada ao perceber que aquela busca dele, pelo que quer que fosse — uma espécie de integridade particular — tornou-se mais desesperada. Mesmo em outros tempos, Yoshiki valorizava sua liberdade mais do que os outros e desejava viver com certo nível de intensidade. Embora o trabalho tomasse muito de seu tempo, quando tinha tempo livre, era um homem enérgico e generoso. Masako, que naquela época era jovem e inocente, sentia-se uma mulher de sorte por ter o seu amor; e em retribuição, amou-o e confiou nele.

Só que agora, quando ele podia fugir do trabalho, parecia também querer fugir da família. O mundo à sua volta era manifestamente corrompido demais; seu emprego — o era de maneira indescritível. E nem Masako conseguiu dar-lhe a liberdade de que precisava, e agora, Nobuki também falhara. Quanto mais Yoshiki concentrava-se em sua própria integridade, parecia tornar-se menos tolerante com quem não vivesse de acordo com seus padrões. Mas se sua solução era isolar-se, desistir de tudo e de todos, então, acabaria sendo um ermitão. Masako não tinha a mínima intenção de viver com um ermitão. Ocorreu-lhe que tal decisão estava, de alguma maneira, ligada ao prazer que sentira. Alguma coisa em seu interior havia sido libertada.

— Por que não dormimos mais juntos? — perguntou, falando alto para que a escutasse, mesmo com os fones nos ouvidos.

— O quê? — perguntou, voltando a tirá-los.

— Por que deseja viver aqui sozinho?

— Acho que é justamente por isso: quero ficar sozinho — respondeu, fitando as lombadas dos livros perfeitamente alinhadas sobre as prateleiras.

— Mas todos nós queremos ficar sozinhos — ela disse.

— Acho que é isso mesmo.

— Por que parou de dormir comigo?

— Simplesmente aconteceu — ele respondeu, ligeiramente vacilante, e desviou o olhar. — Você também parecia cansada.

— Acho que estava mesmo. — Masako tentava recordar-se das circunstâncias, agora já seria há uns quatro ou cinco anos, que fizeram com que os dois resolvessem refugiar-se em quartos separados. Mas não foi nada específico, apenas uma série de pequenos desentendimentos de cujos detalhes já se esqueceu há muito.

— Não é só sexo que une uma pessoa a outra — ele concluiu.

— Eu sei — ela murmurou. — Mas parece que você também está rejeitando todo o resto, como se não suportasse ter a menor ligação com Nobuki e comigo.

— Foi você que resolveu trabalhar à noite — falava com um tom vago de indignação.

— Não tive escolha — retrucou. — Você sabe que eu nunca teria encontrado outro emprego no meu campo de atuação.

— Pode acreditar nisso, se quiser — Yoshiki respondeu, agora, olhando-a nos olhos. — Mas você tem consciência de que poderia ter achado algo na contabilidade de alguma empresa menor. O fato é que estava magoada e não estava disposta a arriscar que aquilo voltasse a acontecer. — Era bastante surpreendente que uma pessoa com o nível intuitivo de Yoshiki percebesse aquilo; e Masako suspeitou que até sentira a dor dela.

— Então, está dizendo que as coisas passaram a dar errado quando comecei a trabalhar à noite?

— Não, mas achei óbvio que nós dois queríamos ficar sozinhos. — Masako percebeu que ele tinha razão, que haviam escolhido caminhos diferentes. Não havia nada de especialmente trágico naquilo, porém, de fato, levou-a a se sentir solitária. Ficaram em silêncio por um momento.

— Ficaria surpreso se eu fosse embora? — ela, enfim, perguntou.

— Creio que ficaria se você simplesmente desaparecesse. Tenho certeza de que ficaria preocupado.

— Mas não tentaria me encontrar?

Yoshiki parou para pensar.

— Provavelmente não — respondeu, voltando a colocar os fones para mostrar que estava dando um fim ao diálogo. Masako ficou olhando para ele. Já havia decidido deixar aquela casa, e o incentivo de que precisava estava escondido sob a cama que havia acabado de deixar, dentro de uma caixa entre suas roupas de dormir: cinco milhões de ienes em dinheiro. Ela abriu a porta com o máximo de silêncio possível e saiu para o corredor. Foi então que viu Nobuki de pé no escuro. Pareceu perturbado por aquela aparição súbita, mas não se moveu. Masako fechou a porta do quarto de Yoshiki depois de sair.

— Estava escutando? — ela perguntou. Nobuki desviou o olhar, confuso, mas nada disse. — Pode até achar que consegue fugir das coisas desagradáveis da vida apenas ficando calado — ela lhe disse, olhando em seus olhos —, mas não é bem assim que as coisas funcionam. — Ele já estava mais alto que ela. Será que era mesmo possível que aquele garoto enorme tenha saído de seu corpo? Ela apenas assistira enquanto ele, aos poucos, distanciava-se, mas agora via que era ela que estava prestes a desfazer os laços. — É bem provável que eu vá embora — revelou. — Mas você já é adulto. Deve fazer o que achar melhor. Volte para a escola, se quiser; ou simplesmente vá embora daqui também, se achar melhor. São decisões que terá que tomar sozinho. — Ela ficou olhando insistentemente para suas maçãs do rosto cavadas, procurando algum sinal de que ele fosse dizer alguma coisa; só que embora seus lábios tenham tremido por um instante, ele não emitiu som algum. Então, quando Masako deu as costas e começou a descer o corredor, um urro violento, rouco de tanta angústia adolescente, irrompeu-se detrás dela.

— Obrigado por nada, vagabunda! — Era a segunda vez que ela ouvia a voz dele naquele ano. Parecia mais velha, soava mais como uma voz de homem, agora, do que a de um garoto. Ela virou-se novamente para olhar para ele. Nobuki estava com lágrimas nos olhos, mas quando ela tentou falar-lhe de novo, ele deu as costas com uma guinada violenta e saiu em disparada escada acima. Seu peito ardia, mas ela tinha consciência de que não queria tanto assim encontrar o caminho de volta.

Pela primeira vez depois de alguns meses dirigiu-se à casa de Yayoi a caminho do trabalho. Folhas secas levantadas do asfalto pelo carro acariciavam o para-brisa com um bonito som assobiador. Depois de sentir

uma brisa gelada devido à janela aberta, começou a fechá-la; só que justamente nessa hora um besouro entrou e começou a voar por dentro do carro, zumbindo no escuro interior do veículo. Lembrou-se da noite em que dirigira por aquela rua, tentando resolver se deveria ou não ajudar Yayoi, quando um perfume de gardêneas entrou flutuando certo momento. Tudo acontecera no verão, mas agora parecia que havia muito tempo.

Ela escutou um barulho vindo do banco detrás. Tinha consciência de que não deveria ser nada além do guia de ruas escorregando até o chão do carro, mas não conseguia descartar a sensação de que na verdade era Kenji que resolvera unir-se a ela naquela visita à sua esposa.

— Fico satisfeita que tenha conseguido vir comigo — ela disse em voz alta, olhando rapidamente para trás, para a escuridão. Havia olhado para ele com tanta frequência em seus sonhos que Kenji chegava a parecer um velho amigo. Iriam juntos ver qual era a intenção daquela mulher, a tal Yoko Morisaki, que estava ficando com os meninos de Yayoi enquanto ela trabalhava.

Assim como fez na noite em que foi buscar o corpo, Masako entrou pela ruela que ficava em frente à casa de Yayoi, e estacionou. Uma calorosa luz amarela passava pela cortina e entrava pela janela da sala de estar. Masako tocou o interfone e a voz ansiosa de Yayoi respondeu.

— É Masako — ela lhe disse. — Lamento incomodá-la tão tarde. — Yayoi soltou um grito de surpresa e logo depois Masako já escutava o som de passadas apressadas vindo em direção à porta.

— Algum problema? — Yayoi perguntou. Mechas úmidas de seus cabelos pendiam-lhe sobre a testa, como se houvesse acabado de sair do banho.

— Posso entrar um minuto? — Masako pediu, e conforme entrava pela saleta apertada e fechava a porta, seus olhos atraíram-se involuntariamente para o ponto em que Kenji ficou sentado naquela noite. Yayoi percebeu o que aquilo significava e desviou o olhar.

— É cedo para ir para o trabalho a esta hora — constatou.

— Eu sei, mas precisava conversar com você. — A expressão de Yayoi ficou mais séria quando lembrou-se da briga que as duas tiveram na fábrica.

— Sobre o quê?

Masako ficou olhando com insistência para além de Yayoi, na direção da sala de estar.

— A que horas Morisaki-san chega? — As crianças pareciam já ter ido dormir. Os sons de um noticiário faziam-se ouvir na TV.

— Venho querendo lhe contar já há algum tempo... — disse Yayoi, com o rosto aparentando confusão. — Ela não vem mais.

— Por quê? — Masako perguntou, sentindo-se inexplicavelmente apreensiva.

— Há cerca de uma semana, de repente disse que precisava voltar para o interior. Tentei fazê-la mudar de ideia, mas disse que não tinha opção. As crianças ficaram arrasadas e a própria Yoko também estava quase chorando.

— De onde ela era?

— Não chegou a dizer exatamente. — Yayoi foi incapaz de ocultar a expressão de mágoa em seu rosto. — Disse apenas que entraria em contato depois de um tempo. E cheguei a achar que éramos tão boas amigas...

— Escute, você precisa me contar exatamente como a conheceu. — Yayoi engoliu em seco e depois começou a detalhar como havia conhecido Morisaki e como a amizade das duas cresceu. Enquanto Yayoi contava, Masako convencia-se cada vez mais de que aquela tal chegara para bisbilhotar. Yayoi notou a expressão de preocupação no rosto dela.

— Por que vê tanto problema nela? — Yayoi perguntou. — Acho que está procurando chifre em cabeça de cavalo.

— Talvez — disse Masako —, mas acho que tem alguém por aí metendo o bedelho, tentando saber mais sobre nós. Quero só que você tenha cuidado. — Enfim, deu voz às suas suspeitas.

— Tem certeza? Quem? Por quê? — Yayoi chorou como se finalmente compreendesse. Gotas d'água pingavam de seus cabelos. — É a polícia?

— Creio que não.

— Então, quem?

— Não sei. É por isso que estou preocupada — Masako respondeu gesticulando negativamente com a cabeça.

— Então, acha que Yoko fazia parte desse complô?

— Provavelmente. — Era praticamente certo que a mulher já sumira do apartamento, então, não havia muito sentido em tentar rastreá-la dessa maneira. Mas uma coisa era certa: quem quer que fosse, havia gastado um bom dinheiro para alugar um apartamento só para ficar perto de Yayoi. Masako sentiu seu corpo arrepiar-se ao imaginar que havia alguém disposto a dar-se a todo aquele trabalho para espioná-las.

— Talvez tenha sido alguém da seguradora — Yayoi sugeriu.

— Mas já não concordaram em pagar o seguro?

— Já. Devo receber o dinheiro semana que vem.

— Talvez seja disso que estejam atrás — disse Masako. Yayoi esfregou os braços como se quisesse se aquecer.

— Acha que tem alguém atrás de mim? O que devo fazer?

— Eles a conhecem porque você foi naquele programa. Talvez seja melhor parar de ir à fábrica. Você precisa sair de circulação por um tempo.

— Acha mesmo? — Yayoi perguntou, olhando para Masako. — Mas se eu me demitir, Yoshie e Kuniko vão deduzir que recebi o dinheiro. — Masako retribuiu o olhar e deu-se conta de que muito do que Yayoi fizera até aquela altura teve origem no desconforto desmedido com Yoshie e Kuniko. Ela ficou surpresa com o quanto Yayoi havia se tornado calculista desde que se livrara de Kenji.

— Não precisa se preocupar com elas — disse.

— Acho que tem razão. — Ela gesticulava afirmativamente com a cabeça, mas ainda havia dúvida em seus olhos... talvez duvidasse de que pudesse confiar na própria Masako.

— Não vou dizer nada — disse Masako, prevendo a preocupação de Yayoi.

— Eu sei. Além disso, você já recebeu os seus dois milhões. — Masako sentiu tais palavras como um tapa e percebeu que o desentendimento entre as duas na fábrica ainda estava no ar.

— Uma quantia bastante justa por cortar o seu marido em pedaços — retrucou, para logo depois erguer a mão. — Então já estou indo.

— Obrigada pela visita — Yayoi agradeceu.

Enquanto Masako fechava a porta do carro, Yayoi saiu correndo da casa. Masako abriu a porta do carona.

— Quase me esqueci — disse Yayoi, entrando no carro. Ela ergueu as mãos para alisar os cabelos úmidos, e um odor feminino e juvenil de condicionador preencheu o carro.

— O que foi?

— O que quis dizer naquela noite na fábrica? Que espécie de “serviço” vocês arrumaram? Outro corpo?

— Não vou lhe contar — Masako respondeu, dando partida no motor. O barulho ecoou pelo quartirão silencioso.

— Por que não? — Yayoi questionou, mordendo os lindos lábios. Masako ficou olhando pelo para-brisa, evitando encará-la, e contando as folhas ressecadas esmagadas sob os limpadores.

— Não quero.

— Mas por quê?

— Não precisa saber — Masako respondeu. — Não uma ovelhinha inocente como você.

Yayoi saiu sem mais nada dizer. Enquanto Masako engatava a ré do carro e saía da ruela, escutou o bater de uma porta.

2

Fim de tarde. Assim que se levantou da cama, Kuniko ligou a TV. Depois, comeu uma refeição pronta — das delas, é claro — que havia comprado na loja de conveniência da esquina. Era uma de bife grelhado, provavelmente preparada na linha de produção vizinha à dela, e Kuniko logo detectou a mão de uma novata devido à maneira com que a carne estava posicionada sobre o arroz. Tanto melhor! As novatas nunca conseguiam acompanhar o ritmo da esteira transportadora e os recipientes estavam sempre a fugir-lhes antes que terminassem de amaciar direito a carne — significava que o amontoado montículo de bife retorcido daquela refeição era muito maior do que a porção de costume.

Um lanche daqueles chegar-lhe às mãos era um sinal: seria seu dia de sorte. Ela espalhou os pedaços de carne e contou cuidadosamente cada um. Onze! Kuniko achou incrível Nakayama não ter explodido com ninguém da linha de produção e riu disfarçadamente, embora estivesse sozinha. A Capitã teria coberto tranquilamente o arroz todo com apenas seis pedaços. A Capitã... Ultimamente parecia bem demais de vida. Subitamente anunciou que iria mandar a filha para a faculdade, e depois ainda disse que estava procurando um apartamento novo. Como será que pretendia bancar tudo aquilo somente com os ¥500 mil que ganhara de Yayoi? Só a mudança já custaria quase isso.

Talvez tivesse algum guardado? Não, que coisa ridícula! Kuniko sabia o quanto Yoshie estava passando dificuldade antes de tudo aquilo — até costumava imaginar com bastante frequência que preferiria morrer a ter que viver como ela. Havia algo de suspeito naquilo tudo. Sentou-se e ficou pensando, perplexa, sobre aquele mistério, já que qualquer assunto que envolvesse dinheiro elevava seu interesse a uma altura muito maior do que de costume.

Suas especulações deram origem a uma teoria: talvez Yayoi tenha, secretamente, resolvido pagar a Yoshie mais que ¥500 mil. Depois que tal ideia lhe ocorreu, não houve como controlar sua inveja. Kuniko sempre considerou quase insuportável a ideia de que qualquer outra pessoa fosse

feliz, e convenceu-se sem dificuldade alguma de que havia sido passada para trás. Agora aquela sensação estimulava a hipótese que havia imaginado. Resolvendo que teria que encurralar Yoshie — não, Yayoi — na fábrica e interrogá-la, Kuniko pegou os palitinhos e começou a devorar a carne.

Com a boca quase cheia, ela parou de mastigar por um instante e abriu um sorriso largo ao lembrar-se de que ainda lhe sobravam ¥180 mil do dinheiro que havia recebido. Depois de pagar os juros de vários empréstimos, sobrou bastante para comprar a jaqueta vermelha de couro, uma saia preta, e um suéter púrpura. Um par de botas também chamou-lhe a atenção, mas ela resolveu não levá-lo para poder comprar cosméticos novos. E ainda sobrou-lhe ¥180 mil. Será que existia alguma coisa melhor do que dinheiro no bolso? Quitar o empréstimo de Jumonji havia sido uma verdadeira cartada de sorte.

Ela não tinha o mínimo interesse em saber por que Jumonji quis saber o segredo delas, ou como se utilizara de tal informação. Contanto que aquilo não lhe trouxesse problemas futuros, qual era a importância? Chegou a passar-lhe pela cabeça que iria para a cadeia caso tudo aquilo se tornasse público algum dia, mas agora que a polícia dava a impressão de ter perdido o interesse, tal consequência parecia cada vez menos provável. A parte dela naquela história toda, em toda aquela imundície — agora parecia um passado longínquo. A não ser que ainda conseguisse fazer a história dar lucro... Ameaças, chantagens, qualquer coisa que lhe servisse!

Jogou a embalagem vazia no lixo e foi lavar o rosto. Depois, sentou-se à penteadeira para se maquiar para o trabalho. Tirou um batom novo do embrulho e o experimentou. O novo marrom para o outono. A vendedora a convencera a comprá-lo, mas agora se dava conta de que fazia com que seu rosto pálido e carnudo ficasse tétrico. Seus lábios pareciam saltar. Quando o experimentou na loja, a mulher elogiou dizendo o quanto havia ficado bonito. Como foi acreditar naquela coisa? ¥4.500 jogados no lixo. Teria feito melhor se comprasse um batom de ¥800 no supermercado... Ainda assim, talvez conseguisse fazê-lo ficar bom se mudasse o tipo de base que vinha usando. Encantada com aquela ideia nova, começou a folhear suas revistas procurando por anúncios de maquiagem. Claro, ficaria tudo bem se comprasse uma base nova... e as botas. Fazia compras para satisfazer uma necessidade; e os próprios produtos novos invariavelmente levavam a novas necessidades, em um ciclo vicioso que

só crescia. Mas em última análise, aquela busca infinita era a razão da existência de Kuniko — *era* toda a sua existência.

Terminou a maquiagem e vestiu o novo suéter púrpura e a nova saia preta sobre uma meia-calça, também preta. Agora sim. Assim que olhou-se no espelho, sentindo-se satisfeita, percebeu uma urgência súbita: queria um homem. Quando havia sido a última vez que fizera sexo? Pegou o calendário da loja de conserto de sapatos. Tetsuya havia ido embora no final de julho, portanto, já se iam mais de três meses. Era um imbecil inútil, mas havia um lado bom em tê-lo por perto. Sentindo-se subitamente deprimida, se atirou entre as roupas espalhadas sobre a cama.

Queria alguém que lhe dissesse o quanto estava bonita com toda aquela roupa nova. Queria que alguém a abraçasse. E não um fracote como Tetsuya; um homem de verdade — qualquer um. Servia até mesmo que alguém a apalpasse, ou uma aventura de uma noite só, se é que teria sorte o bastante para consegui-la. Sua ânsia crescia sem controle e exigia satisfação.

Assim como sua imaginação alimentara toda uma série de suspeitas a respeito de Yoshie, assim como um produto parecia estimular uma necessidade por mais um monte de outros, agora seu desejo sexual parecia ter crescido além de todas as proporções. Pensou de repente em Kazuo Miyamori. Devia ser alguns anos mais jovem que ela, mas era bonito e tinha um corpo forte — talvez por causa da miscigenação — e Kuniko já vinha há algum tempo prestando atenção nele. O rapaz foi tão simpático e educado quando ela e a outra foram pedir-lhe que tomasse conta do dinheiro... Se ele tivesse que dividir o quatinho dele com outra pessoa, pode apostar que ficaria excitado. Confiante de que compreendera a situação, resolveu que iria encontrar uma desculpa para conversarem na fábrica. Exato, era justamente o que iria fazer. Voltou a se lembrar de que tinha dinheiro na bolsa e deixou a cama com o ânimo renovado.

Kuniko abriu a porta do carro. Havia resolvido levar a jaqueta na mão para que todo mundo visse o suéter púrpura. Como havia acabado de fazer o cabelo, hoje iria deixar a capota do Golf fechada. A única coisa que a perturbava era a possibilidade de acabar esbarrando com Masako no estacionamento. Não suportava mais olhar para a cara daquela mulher, e sem dúvida já não tinha mais a menor intenção de trabalhar na mesma

linha de produção. Só que a única maneira de evitá-la seria chegar ao trabalho um pouco mais cedo. Tal ideia levou Kuniko a dirigir de forma ainda mais descuidada que de costume.

Chegou ao estacionamento da fábrica e notou um homem de pé próximo à nova guarita. Um cassetete pendia do cinto de seu uniforme cinza, e havia uma grande lanterna presa ao bolso da camisa. Kuniko saiu do carro lentamente e perdeu um pouco do ânimo ao se dar conta de que, com aquela segurança ali, nunca teria seu encontro com o tarado do bairro — exatamente como Masako havia previsto. Olhava fixamente em sua direção ao bater a porta do carro.

— Boa-noite — o homem saudou-a, inclinando a cabeça em sua direção em uma mesura. Impressionada com tamanha exibição de galanteio, olhou para ele com mais cuidado. Os seguranças da fábrica eram todos aposentados que há muito já haviam chegado à idade madura, mas aquele ali era muito mais jovem. Tinha um corpo bastante rijo e ficava muito bonito com o uniforme. O estacionamento estava escuro demais para que fosse possível dar uma boa olhada no rosto dele, mas ela teve a sensação de que também gostaria.

— Bom-dia! — Quase gritou, sentindo o ânimo retornar. Ele pareceu surpreso com aquela saudação entusiasmada, mas somente por um segundo.

— A senhora vai para a fábrica? — perguntou.

— Vou — Kuniko respondeu.

— Vou acompanhá-la até lá — disse, aproximando-se do carro dela. Sua voz era grave e serena.

— Vai mesmo? — Kuniko perguntou ronronando, começando a flertar sem a mínima vergonha.

— Devo acompanhar todos que chegam, pelo menos até certa distância.

— Todos que chegam, um por um?

— Isso mesmo, mas só até passarmos a fábrica abandonada, onde a iluminação melhora. — A luz da guarita mostrou-lhe o perfil por um instante. Seu rosto era bastante comum, embora os lábios grossos fossem bonitos. Contudo, trazia algo de estranho. Não era um rosto que se encaixava em nenhuma das categorias já conhecidas de Kuniko.

— Mesmo assim eu adoraria a companhia, pelo menos até lá — disse, parabenizando-se por ter saído de casa com suas roupas novas e por ter

gastado um pouco mais de tempo com a maquiagem. Tinha certeza de que estava especialmente bonita naquele dia. Esperando que aquilo desse em alguma coisa, Kuniko aguardou por um instante à entrada do estacionamento, enquanto o segurança retirava sua lanterna e iluminava o chão diante de seus pés. O círculo de cascalho fortemente iluminado escurecia-se às suas bordas. Ela acompanhava o passo dele ao seu lado, gostando da ideia de estar partindo junto a ele em uma aventura, seguindo o escuro caminho à frente.

— O carro é seu mesmo? — ele perguntou, e sua voz saiu mais animada, como se agora seu humor combinasse mais com o dela.

— É.

— Nada mau — comentou, parecendo bastante impressionado.

— Obrigada. — Kuniko soltou risadinhas graciosas, esquecendo-se por um instante de que ainda teria de pagar mais três anos de prestações do veículo.

— Há quanto tempo o tem?

— Já há uns três anos. Mas custa uma fortuna. E o que não é muito bom também é o... como é que se diz mesmo?

— O consumo? — perguntou.

— Exatamente. O consumo não é muito bom. — Ela apertou-lhe o braço enquanto falou e seu coração acelerou-se quando sua mão sentiu o músculo rígido.

— Quantos quilômetros por litro? — perguntou.

— Ah, não sei — ela respondeu. — Mas o sujeito do posto disse que não era muito bom.

— Dizem que a direção também é de difícil manuseio.

— Você parece saber bastante sobre ele — comentou, abrindo um largo sorriso. Kuniko sentiu uma onda de felicidade. — Já teve um destes?

— Eu não. Não tenho condições de comprar um carro importado. — O homem abriu um sorriso quando eles pararam em frente à fábrica abandonada. Kuniko sempre achou aquela instalação deteriorada bastante apavorante, mas hoje parecia emprestar um certo clima à situação, como se suas ruínas singulares escondessem um parque de diversões. — Não posso passar daqui — disse o segurança. Kuniko ficou um pouco decepcionada que a caminhada deles tivesse terminado tão subitamente. — Agora, tenha cuidado — ele acrescentou, fazendo uma rápida saudação. — E tenha um bom turno de trabalho.

— Obrigada! — Kuniko disse com o máximo de animação que conseguiu, encantada por ter descoberto um pretendente tão promissor. Quem poderia saber onde aquilo daria? E em resposta àquele novo estímulo, todos os seus outros caprichos subiram borbulhando até a superfície. Também iria comprar uma roupa nova para combinar com as botas. Preta, obviamente, fazia-a parecer mais magra. O humor dela já estava tão bom que nada mais seria capaz de perturbá-la; e se esbarrasse com Kazuo Miyamori, ele teria de se contentar em esperar mais um pouco.

Cantarolando com os lábios fechados, ela se trocou e vestiu seu uniforme manchado, que levava para casa sem demora para dar uma boa lavada. Foi então que Yoshie apareceu no vestiário com seu costumeiro blusão de moletom já gasto, assim como seu suéter preto. Sobre o peito, contudo, trazia um broche de prata novo em folha. Kuniko notou-o na mesma hora, e seu cérebro realizou uma rápida avaliação: no mínimo ¥5 mil, ela vaticinou. Vistoso demais para a Capitã.

— Chegou cedo... — A expressão de desgosto no rosto de Yoshie enquanto dizia aquilo fez com que o sangue de Kuniko fervesse, mas ela se controlou.

— Bom-dia — respondeu da maneira mais educada que conseguiu. Depois, experimentou fazer um elogio: — Que broche lindo!

— Isto aqui? — Yoshie perguntou, abrindo um sorriso tímido. — Resolvi que simplesmente teria que ser meu. Sempre quis ter um destes, mas nunca tive condição de comprar. Era ele ou fazer o cabelo, escolhi comprar o broche. É um presentinho para mim mesma.

— Com o dinheiro de Yayoi? — Kuniko perguntou, baixando a voz.

— Isso — Yoshie respondeu e seu rosto enrubesceu-se. — Acho que deveria me envergonhar.

— Que nada, achei lindo! — Depois que terminou de se trocar, consciente de que Masako apareceria a qualquer minuto, resolveu que já era hora de começar a inquiri-la. — Capitã? — chamou. — Queria perguntar-lhe uma coisa a respeito do dinheiro.

Yoshie também baixou o tom e olhou em volta antes de dizer:

— O que é que tem o dinheiro?

— Você realmente recebeu o mesmo que eu?

— Como assim? — perguntou com expressão de aborrecimento.

— Nada, nada, é só que não fiz muita coisa, e acho que acabei recebendo dinheiro demais. Não quero que fique nenhum clima ruim entre

nós duas por termos recebido a mesma quantia... já que Masako havia dito, a princípio, que eu receberia só ¥100 mil.

— Não se preocupe — Yoshie tranquilizou-a com leves tapinhas em seus ombros largos. — Todas nós vivemos aquele momento ruim.

— Então, recebeu mesmo só ¥500 mil?

— Só mesmo. — Yoshie concordou com a cabeça, porém, Kuniko percebeu que ela evitou olhar em seus olhos, e logo deduziu que a Capitã estava mentindo.

— Então, como pode bancar essa vida de tanta ostentação?

— Ostentação? Do que está falando?! — ela exclamou, atônita.

— Estou falando de todas essas coisas que anda fazendo. Tudo leva a crer que tenha recebido mais do que apenas ¥500 mil.

— Mesmo se tivesse recebido, por que acha que é da sua conta?

— Não acho que seja, para falar a verdade — disse Kuniko, olhando ferozmente para o broche de Yoshie. A Capitã lançou uma olhadela rápida em direção à área de descanso dos funcionários, como se procurasse por resgate, e seu rosto relaxou-se em um sorriso de alívio ao ver que Masako acabara de chegar. A própria Masako estava com uma aparência um pouco mais inteligente que de costume, com uma calça e um suéter pretos bem justos.

— Não acredito! — Kuniko exclamou com um sussurro exagerado. — Até está parecendo uma mulher. — Masako, no entanto, pareceu não ter escutado o comentário e dirigiu-se diretamente ao cinzeiro que ficava próximo às máquinas de bebidas para fumar um cigarro. Enquanto dava suas baforadas, fitava, melancólica, as notificações coladas à parede. Kuniko analisava seu traje pouco comum. Pensou em como as duas haviam passado a perna nela, mas ainda assim não se sentia capaz de questionar Masako a respeito.

— Até mais tarde — despediu-se de Yoshie, pegando sua touca de trabalho e saindo apressadamente do vestiário. Passou sorrateiramente por trás de Masako, que permanecia de frente para a parede, e escapuliu corredor adentro. Yayoi seria a próxima e não descansaria até arrancar a verdade dela...

Porém, não via qualquer sinal dela. Kuniko esperou, mas Yayoi não apareceu. Depois, dirigiu-se até a entrada, e estava prestes a verificar os cartões de ponto, quando se deu conta de que havia alguém atrás dela.

— Yayoi não vem mais — revelou Masako, que já havia vestido seu uniforme.

— O quê?

— Você escutou — disse ela, tirando Kuniko do caminho para marcar sua entrada.

— Oh! — Kuniko exclamou, detestando-se por ainda temê-la. — Está dizendo que ela não vem mais hoje ou nunca mais?

— Nunca mais.

— Por quê?

— Talvez por não ter gostado da sua chantagem — disse Masako, enquanto retirava seus tênis arrebatados da sapateira. Já haviam sido brancos, mas há muito tinham assumido um tom marrom-escuro devido à gordura da linha de produção e do molho especialmente grudento usado nas marmitas de tempura.

— Você é horrível! — Kuniko baliu. — Eu só estava tentando...

— Dá um tempo! — Masako gritou depois de virar em sua direção com os olhos evidenciando o acesso de raiva. Kuniko gelou.

— Como assim? — murmurou.

— Você recebeu os seus ¥500 mil, e ainda vendeu o nosso segredo para Jumonji pela quitação do seu empréstimo. Quer mais o quê? — O queixo de Kuniko caiu no mesmo instante. Então, Masako sabia.

— Como descobriu?

— Ele me contou, é claro. Além de indolente, você também é burra?

Kuniko, com as maçãs do rosto ardidas devido ao rancor que sentia naquele momento, sabia que não era a primeira vez que escutava aquilo de Masako.

— Não precisa pisar em mim — reclamou.

— Pisar? O que você fez foi muito pior do que pisar! — disse Masako, aplicando-lhe uma leve cotovelada ao passar por ela.

— Não faça isso! — reclamou com um grito estridente. Machucava aquele braço ossudo a golpeá-la, mesmo por sobre as roupas.

— Sua boca grande vai nos mandar todas para o inferno. — Masako cuspiu as palavras, já sem a mínima paciência. — Só que você cavou sua própria sepultura também, sua imbecil! — E saiu furiosa em direção à escadaria que descia até a área de preparação das refeições da fábrica.

Quando Masako desapareceu por trás da parede, Kuniko deu-se conta pela primeira vez de que havia cometido um erro bastante sério. Mas

como sempre, não conseguia culpar-se por muito tempo. Se o clima chegasse a ficar pesado demais na fábrica, simplesmente teria que procurar outro emprego. Seria uma pena, justamente quando havia conhecido aquele segurança simpático; mas se as coisas atingissem um nível impossível de lidar, teria que se distanciar do resto delas.

Olhou para a estrutura de madeira que guardava os cartões de ponto dos funcionários que trabalhavam em regime de meio expediente. Já trabalhava ali há dois anos e, enfim, havia se acostumado. Mas se tivesse de ir trabalhar em outro lugar, talvez conseguisse encontrar alguma coisa menos cansativa, em algum lugar agradável, que pagasse melhor, e com colegas mais simpáticas. Algum lugar onde houvesse bons homens. Tinha de existir um emprego como aquele em algum lugar. Talvez até mesmo alguma coisa no ramo do entretenimento — estava tão autoconfiante que até chegava a imaginar tal coisa. Isso mesmo, começaria a procurar exatamente ali naquele momento. Sua ânsia por coisas melhores a impulsionaria, e ainda haveria o incentivo de se livrar de toda aquela imundície nojenta.

Depois do turno de trabalho, uma Kuniko enfastiada voltou para casa e acabou tendo uma ótima surpresa. Havia deixado o carro no estacionamento e vinha caminhando, passando pelas várias caixas de correio que ficavam próximas à porta de seu prédio, quando um homem virou-se para olhar para ela.

— Ora, mas que coincidência! — exclamou. Kuniko ainda não o havia reconhecido. — Nos conhecemos ontem à noite no estacionamento — explicou.

— Perdão! — ela murmurou, demonstrando entusiasmo. — Não tinha percebido! Não é incrível? — Era o segurança. Agora estava sem o uniforme e trajava uma jaqueta azul-marinho e uma calça social cinza; além disso, ela mal havia visto o rosto dele no escuro na noite anterior. Fechou a porta de sua caixa de correio de madeira com um forte estalo. Ainda estava repleta de adesivos das crianças dos últimos inquilinos. Ele se virou para ficar de frente para ela. Vendo-o assim de frente e de tão perto, era bastante bonito, embora ainda sentisse nele algo de estranho, e até de um pouco apavorante. Ela sentiu seu coração disparar. A sorte da refeição de mais cedo ainda estava com ela.

— Costuma chegar todo dia a esta hora? — perguntou, aparentemente sem notar a intenção de Kuniko, e deu uma olhadela rápida em seu relógio, um digital dos mais baratos, notou. — Que expediente complicado!

— É verdade — ela respondeu. — Mas não chega a ser tão mais complicado que o seu.

— Mas acabei de começar — disse. — Por isso, acho que a ficha ainda não caiu de verdade. — Levou a mão ao bolso da jaqueta para pegar um cigarro e seus olhos sonolentos fitaram, pela janela, a aurora do fim de novembro. — Mas deve ser bastante difícil para vocês, mulheres, ainda mais agora, que as manhãs andam tão escuras!

— A gente se acostuma. — Kuniko achou melhor não dizer que iria pedir demissão.

— Creio que sim — disse ele. — A propósito, não cheguei a me apresentar. Meu nome é Sato. — Ele tirou o cigarro da boca e, respeitosamente, fez uma reverência com a cabeça.

— Kuniko Jonouchi — disse, retribuindo o cumprimento. — Moro no quinto andar.

— Bom, foi um prazer reencontrá-la — disse, exibindo os dentes brancos e simétricos ao abrir um sorriso.

— O prazer foi todo meu — Kuniko respondeu. — Você mora sozinho? — prosseguiu.

— Para ser sincero com você — disse, com hesitação —, sou divorciado. Estou vivendo sozinho aqui. — Divorciado! Os olhos dela faiscavam de tanto regozijo, só que ele pareceu não ter percebido. Ele desviava o olhar, aparentemente envergonhado.

— Entendo. Bom, seu segredo está seguro comigo. Sabe, nós dois estamos no mesmo barco. — Sato lançou-lhe um olhar de surpresa. Será que ela também não viu uma pontinha de satisfação, ou até mesmo de desejo nos olhos dele? Estava decidido: compraria as botas e a roupa nova. E um colar de ouro para completar. Ela olhou de soslaio para além dele, para ver o número da caixa de correio. Apartamento 412.

3

Alguma coisa vinha perturbando-lhe a cabeça. Masako ficou pensando naquilo o tempo inteiro enquanto limpava o banheiro, mas permanecia sem respostas. Esfregou a sujeira da banheira e enxaguou-a com a ducha do chuveiro até que toda a espuma descesse pelo ralo; porém, quando já estava terminando, talvez por estar preocupada, sua mão escorregou e ela deixou cair a mangueira, que dançou pela borda da banheira, contorcendo-se como uma serpente, e caiu ao chão, espirrando água gelada nela toda. Masako agarrou-a o mais rápido que pôde, mas já estava encharcada. Um arrepio percorreu o corpo inteiro.

A chuva já desabava desde o início da tarde, e a temperatura vinha caindo; frio o bastante para ser o meio do inverno. Secou o rosto com a manga do blusão de moletom e fechou a janela do banheiro, eliminando a entrada do ar gelado e do som da chuva. Olhou para baixo, para suas roupas ensopadas, e ficou pensando por um instante enquanto a sensação de frio do piso subia-lhe pelas pernas, provocando arrepios.

Ficou observando a água que se espalhara pelo banheiro formar pequeninos arroios e descer ralo abaixo. Tanto o sangue de Kenji quanto o daquele outro velho já deviam ter escorrido pela tubulação do esgoto e chegado ao mar. O corpo do velho, para onde quer que Jumonji o tenha levado, já não deveria ser mais nada além de cinzas; e as cinzas também, provavelmente, já deveriam ter sido levadas pela água. Enquanto ouvia a chuva cair, menos ruidosa agora por detrás da janela fechada, lembrava-se do bramir da água da galeria de escoamento durante o tufão, e imaginava os entulhos que estariam subindo e descendo em meio àquela torrente, presos por um momento no escoadouro. Alguma coisa havia ficado travada daquela maneira na cabeça dela — mas o quê? Ela refletiu sobre o que havia acontecido na noite anterior.

Passou na casa de Yayoi a caminho do trabalho e, por isso, acabou chegando um pouco mais tarde que de costume ao estacionamento da

fábrica. Não gostava de se atrasar para o trabalho, mas aquela tal Morisaki que havia desaparecido tão subitamente da casa de Yayoi não saía de sua cabeça. Será que estava atrás do dinheiro do seguro? Seria outra coisa? Talvez fosse melhor conversar sobre aquilo com Jumonji? Será que, de algum modo, ele poderia estar envolvido naquela história toda? Não podia confiar em ninguém. Sentia como se estivesse à deriva no mar no meio da noite; uma sensação de desolação.

Percebeu que a luz da nova guarita estava acesa. Não havia sinal do segurança, mas só a luz já parecia um farol naquele breu de estacionamento. Sentindo-se um pouco aliviada, ela engatou a ré para entrar na vaga. O Golf de Kuniko já estava estacionado.

O segurança logo apareceu, voltando da direção da fábrica. Ele se deteve em frente à guarita e desligou a lanterna, porém, pareceu perceber que outro carro havia surgido no estacionamento e voltou a acendê-la, direcionando-a por um instante para a placa do carro dela. A empresa tinha o registro de todas as placas dos carros dos funcionários, então, ele provavelmente estava verificando a dela com base em sua listagem. Só que, ainda assim, pareceu levar um pouco mais de tempo do que ela imaginava. Masako desligou o motor e ficou escutando o som dos pés dele a pisarem o cascalho conforme aproximava-se do carro dela. Era um homem alto e robusto, quase de meia-idade.

— Boa-noite. A senhora está indo trabalhar? — Sua voz era grave e serena, bastante agradável aos ouvidos. Tanto que ocorreu-lhe perguntar-se o porquê de seu dono ter escolhido uma profissão tão solitária.

— Estou — respondeu. O feixe luminoso da lanterna caiu sobre o rosto dela e permaneceu ali, novamente, por um pouco mais de tempo do que era estritamente necessário. Aquilo a deixou incomodada, sobretudo porque o dele permaneceu escondido em meio às sombras, ergueu o braço para bloquear a luz.

— Me perdoe — ele se desculpou. Masako trancou o carro e partiu em direção à fábrica. Quando se deu conta de que o segurança a seguia poucos passos atrás, virou-se de frente para ele. — É minha obrigação acompanhá-la, senhora — explicou.

— Por quê?

— É uma diretriz nova. Devido a todos os problemas que as mulheres têm enfrentado por aqui.

— Sei me virar sozinha — Masako anunciou.

— Mas se alguma coisa acontecer, virão tomar satisfações comigo.

— Já estou atrasada mesmo — disse. — Vou rápido. — Ela deu as costas e foi embora andando, mas ele continuou a segui-la, usando sua lanterna para iluminar o caminho à sua frente de alguns metros atrás. Chegou uma hora em que ela não conseguiu mais controlar sua irritação e voltou a se virar para falar com ele. Só que, quando o fez, percebeu que não conseguiria livrar-se daquele olhar misterioso dele. Por um instante, teve a sensação de que não era a primeira vez que o via. — Já nos conhecemos? — ela começou a perguntar, mas se deu conta de que era besteira. — Não, acho que não.

Os olhos dele fitavam-na calmamente por sob a aba do boné. Sua boca parecia grande, com lábios carnudos. Ela pensou o quanto aquele rosto era estranho, e olhou para o outro lado.

— Está escuro — ele comentou. — Vou ficar olhando até a senhora entrar na fábrica.

— Não precisa se incomodar — disse ela, recusando de maneira veemente a companhia. — Sei me virar sozinha.

— Está bem — resignou-se. Quando deu as costas, ela imaginou ter percebido uma ponta de raiva em seus olhos. Mas que tipo de homem fica nervoso com algo assim?

Quando voltou ao estacionamento na manhã seguinte, ele já havia ido embora. Só que aquilo bastou para que ficasse preocupada.

Por que tanta gente estranha andava surgindo na vida delas tão subitamente? Nada a deixava mais incomodada que uma coisa que não conseguia entender direito. Masako voltou ao seu quarto e já estava despindo-se de suas roupas molhadas quando o telefone tocou. Trajando apenas sua roupa íntima, pegou o fone.

— Alô?

— É Yoshie.

— Capitã — disse ela. — O que foi?

— Você tem que me ajudar.

— O que houve?

— Pode vir aqui? Estou encrocada. — A pele dos braços de Masako começou a formigar, e embora ainda não houvesse ligado o aquecimento,

seus calafrios não eram provocados apenas pelo frio. A coisa poderia ser séria, e queria que Yoshie dissesse logo o que era.

— Conte-me logo o que aconteceu — ela clamou.

— Não posso falar nisso aqui — Yoshie murmurou, aparentemente preocupada com que a sogra pudesse escutar. — E não posso sair neste momento.

— Está bem — Masako concordou. — Já estou indo. — Ela desligou e vestiu uma calça jeans e um suéter preto que havia comprado há pouco. Tinha voltado a usar roupas que a deixavam bonita, assim como na época em que trabalhava na cooperativa de crédito. E tinha consciência do porquê: estava bem no meio de um processo de reordenação de uma identidade da qual se descartara havia muito. Só que, conforme os pedaços, aos poucos, voltavam cada qual para os seus lugares, ela se dava conta de que não era mais a mesma mulher, como uma boneca quebrada que nunca mais voltaria a ficar inteira.

Vinte minutos depois, já estava estacionando na rua próxima à ruela onde Yoshie morava. Ela abriu o guarda-chuva e foi caminhando cuidadosamente por entre as poças, na direção da casa quase destruída. Yoshie esperava com um velho casaco de lã amarelo-mostarda jogado sobre seu agasalho cinza. Estava pálida e parecia ter envelhecido quase que da noite para o dia. Yoshie abriu seu próprio guarda-chuva e foi receber Masako no meio do caminho.

— Podemos conversar aqui fora? — perguntou com a respiração saindo em nuvens brancas de vapor.

— Por mim, tudo bem — Masako respondeu, olhando por sob o guarda-chuva.

— Peço perdão por ter pedido que tivesse esse trabalho todo de vir até aqui.

— O que houve?

— O dinheiro sumiu! — ela falou, ofegante, e seus olhos encheram-se de lágrimas. — Tinha escondido-o sob as tábuas do assoalho da cozinha, mas agora sumiu!

— Tudo? Um milhão e meio?

— Tudo o que tinha sobrado. Paguei o que devia a você e gastei um pouco, mas ainda tinha ¥1.400.000.

— E você sabe quem pegou?

— Acho que sim — disse Yoshie, assumindo uma expressão de embaraço. — Acho que foi Kazue.

— Sua filha mais velha?

— Tenho quase certeza. Saí para fazer compras há algumas horas e, quando voltei, Issey tinha sumido. A princípio achei que pudesse ter saído para brincar, mas percebi que não poderia ter feito isso, não debaixo de toda esta chuva. Daí comecei a olhar tudo, e as roupas dele também sumiram. Perguntei à vovó e ela disse que Kazue veio aqui enquanto eu estava na rua e levou o menino com ela. Foi aí que fui ver a cozinha... — Yoshie mostrava-se abalada.

— Alguma vez já fez uma coisa dessas?

— Receio que seja um hábito — disse Yoshie, enquanto seu rosto ficava cada vez mais vermelho. — Sei que deveria ter depositado tudo no banco, mas não podia arriscar que o pessoal da assistência social descobrisse que arrumei todo aquele dinheiro.

— Capitã? — Masako perguntou. — Mais alguém sabia do dinheiro?

— Não... Embora eu tenha dito a Miki que receberíamos algum dinheiro.

— Foi quando contou que poderia pagar seus estudos?

— Exato. Ficou tão feliz quando contei... — Yoshie já estava chorando. — Como pôde ser capaz? — ela murmurava. — Que espécie de moça rouba o dinheiro do ensino da própria irmã?

— Tem certeza de que não foi Miki que o pegou?

— Por que roubaria um dinheiro que já era dela? Não, tenho certeza, ainda mais com Issey sumindo assim. Aposto que Kazue deve ter ligado para cá e Miki deve ter contado que iria para a faculdade... Para ser sincera, sinto falta de Issey. — Ao pensar no neto, começou a chorar ainda mais copiosamente.

— Mas você tem certeza? — Masako a pressionou. — Não pode ter sido alguém de fora? — Precisava saber, só que ainda não havia contado a Yoshie seus motivos.

— Só pode ter sido. Ela sabe desde pequena que guardamos o dinheiro sob o chão. — Masako concluiu que se era aquilo mesmo, então, deveria realmente ter sido Kazue. E ninguém podia fazer nada. Ficou em silêncio, fitando o tecido gasto e enfraquecido de sua parca. A primeira coisa que

lhe passou pela cabeça foi que poderia ser mais um sinal do tal estranho desconhecido.

— Mas o que é que eu vou fazer? — Yoshie perguntou. — O que posso fazer? — Era um hábito antigo, repetir-se quando estava chateada.

— Como vou saber? Provavelmente não pode fazer mais nada.

— Masako? — disse Yoshie, com a voz assumindo um tom de súplica.

— O quê?

— Você pode me emprestar algum? — Masako olhou para o rosto de desespero que a fitava de sob o guarda-chuva.

— Quanto?

— Um milhão? Não, eu me viro com ¥700 mil.

— Não sei não... — Masako lhe disse, movimentando a cabeça para os lados.

— Por favor! Já adiei a mudança o máximo que pude. — Ela uniu as duas mãos, envolvendo o guarda-chuva com os braços.

— Mas não teria como me reembolsar. É uma política ruim emprestar dinheiro assim.

— Está falando como se fosse um banco — disse. — Mas é que o seu dinheiro está lá parado...

A voz de Masako ficou mais severa.

— Isso não é da sua conta. — Yoshie calou-se por um instante.

— A Masako de verdade não é assim — murmurou, e sua voz tremia.

— Estou aprendendo a ser — Masako respondeu.

— Mas não me emprestou dinheiro para pagar a excursão da escola de Miki?

— Isso foi naquela época. Agora estamos vivendo o hoje. Você estragou tudo permitindo que sua própria filha a roubasse.

— Eu sei — disse Yoshie, fazendo cara de derrotada. Masako se demorou, serenamente, em meio àquele silêncio constrangedor, dobrando os dedos congelados enquanto apertavam o guarda-chuva.

— Não vou lhe emprestar o dinheiro — disse, depois de um tempo. — Vou dá-lo a você.

— Como assim? — Yoshie perguntou, seu rosto se reanimava.

— Considere como um presente: um milhão.

— Mas tem certeza?

— Tenho. Você tem sido de grande ajuda nesta história toda. Logo darei um jeito de trazer aqui. — Masako pensou que ela merecia a

cortesia.

— Não sei como lhe agradecer. Não vou me esquecer disso. — Yoshie inclinou a cabeça em uma medida, e depois ficou de pé, parada por um instante. — Estava pensando... — disse.

— No quê?

— Se não estaria para aparecer outro serviço daqueles. — Seu rosto pareceu menor para Masako, enquanto apertava os olhos para enxergá-la debaixo daquela chuva.

— No momento, não — Masako respondeu.

— Se aparecer, não se esqueça de me ligar, tá?

— Está tão desesperada assim? — A voz de Masako estava serena, porém, Yoshie, que não sabia nada a respeito das preocupações dela, parecia quase ávida.

— Estou. Preciso de dinheiro e essa é a única maneira de conseguir. Acho que estou inclusive mais desesperada que a pobre Kazue. — Virou-se e desapareceu ao entrar pela casa lúgubre e envelhecida. A chuva caía pela calha quebrada, esparramando-se ruidosamente contra o chão da calçada. A calça jeans de Masako já estava com a maior parte das pernas molhadas, não conseguia mais parar de tremer. Teve aquela sensação estranha que sempre tinha quando um resfriado estava se aproximando: que tudo ao redor exigia sua atenção.

4

A porta da varanda estava escancarada. Cinco graus centígrados. O ar gélido da aurora entrava, deixando o cômodo praticamente na mesma temperatura do lado de fora. Satake fechou o zíper de sua jaqueta azul-marinho. Estava deitado na cama com a calça social cinza com a qual passara a noite toda. Ele queria que as janelas ficassem abertas para permitir que o ar gelado circulasse pelos quartos; porém, o lado norte, que ficava de frente para o corredor, estava trancado.

Apartamento 412. Era um lugarzinho bastante apertado, comprido e estreito, que ia do lado norte para o lado sul. Dois cômodos, e uma cozinha planejada para servir também como sala de jantar. Assim como em seu apartamento de Shinjuku, ele retirou todas as portas de correr para abrir espaço. A única peça de mobiliário que ali existia era a cama, posicionada para observar os céus acima da planície de Musashi.

As estrelas da manhã já haviam começado a surgir no céu, mas Satake não conseguia vê-las. Estava deitado com os olhos fechados e os dentes trincados para combater o frio. Não estava com sono; simplesmente não queria qualquer distração enquanto tentava relembrar-se de cada detalhe do rosto e da voz de Masako Katori. Permanecia deitado naquele frio, costurando os fragmentos de sua memória. Depois, voltava a separá-los, e repetia a operação repetidas vezes. O rosto dela veio pairando até ele, iluminado por sua lanterna no estacionamento. Os olhos acautelados, os lábios finos e decididos, as bochechas retesadas... Satake sorriu, recordando-se da sombra de medo que atravessara aquele rosto, repleto de altruísmo.

— Não precisa se incomodar — disse. — Sei me virar sozinha. — Aquela voz grave a rejeitar tudo e todos ainda ecoava em seus ouvidos; a lembrança daquela mulher partindo pelo caminho escuro. Enquanto a seguia, mantendo alguns passos de distância, era outra mulher que lhe vinha à mente; e quando virou-se de novo, agora com o rosto iluminado pelo feixe de luz da lanterna, o corpo dele estremeceu-se todo de prazer diante daquela visão. A expressão de irritação, as linhas finas de sua testa.

Era tão parecida com aquela outra mulher: o rosto, a voz, até mesmo as rugas.

A mulher tinha dez anos a mais que Satake à época. Mas ele se enganou ao imaginar que havia morrido há tantos anos. Não havia. Ficou vivendo ali, em segredo, naquele subúrbio fastidioso e empoeirado, com outro nome. Masako Katori. Ela também sentiu. Chegou a perguntar se já se conheciam, e aquilo lhe deu a primeira perspectiva de uma rachadura na rígida capa protetora sob a qual ela se escondia.

— Destino — ele sussurrou.

Levou o pensamento de volta àquele dia quente de verão, há dezessete anos, quando viu pela primeira vez a outra mulher nas ruas de Shinjuku. Alguém andava aliciando as meninas para que saíssem das boates e das casas de massagens dirigidas por sua gangue. Quem quer que fosse — e dizia-se que era uma mulher de mais ou menos trinta anos e que fora prostituta — sabia fazer as coisas muito bem e com muita discrição. Satake ficou violentamente ofendido pela ideia de que era uma mulher que os passava para trás. Para conseguir agarrá-la, gastou um bom tempo e vigor plantando iscas — na forma de meninas em quem confiava — pelo bairro; e, enfim, a fisciou. Combinou de se encontrar com uma de suas iscas em um certo café. A noite estava úmida e abafada, e a chuva ameaçava cair.

Ficou observando-a das sombras enquanto ela se aproximava do local, se escondendo para não espantá-la. A roupa era espalhafatosa demais: um minivestido azul, sem mangas, feito de alguma fibra sintética lustrosa, tão justo em suas curvas esbeltas que fez com que Satake sentisse calor só de olhar. Calçava sandálias brancas; o esmalte de suas unhas descascava. Cabelos curtos, e um corpo que, de tão magro, permitia que vissem a alça do seu sutiã preto pela cava do vestido. Só que os olhos dela lhe diziam que estava olhando para uma mulher forte e habilidosa. E notaram quais eram suas intenções, percebendo-o quase que instantaneamente. Ela deu as costas para deixar o café e correu para juntar-se à multidão.

Ainda hoje em dia, depois de tantos anos, lembrava da expressão no rosto dela no momento em que percebera quem ele era. Depois de um lampejo de raiva por ter caído na armadilha, olhou com desprezo na direção de Satake, evidenciando sua determinação em fugir. Apesar do perigo, ainda encontrou alguns segundos para insultá-lo; e foi aquela expressão fugaz que fez disparar uma explosão dentro dele. Jurou que a

caçaria até achá-la. Jurou chacoalhá-la como um rato até que morresse. Ao planejar a armadilha, não tivera intenção alguma de matá-la. Fora apenas para agarrá-la e deixá-la com um pouco de medo. Só que aquele olhar dela liberou alguma coisa em seu interior que estivera escondida até então.

Até mesmo à época, surpreendeu-o a empolgação de segui-la pelas ruas. Tinha consciência de que poderia facilmente alcançá-la, mas teria sido simples demais. Era melhor deixá-la achar que conseguiria escapar, esperar que se acalmasse em sua falsa sensação de segurança, e só então agarrá-la. Assim, prolongaria a agonia dela e tornaria tudo ainda mais interessante. Enquanto trotava sob o crepúsculo quente e úmido, empurrando os outros para que abrissem caminho pelas ruas, seu humor ficava cada vez mais sombrio e violento, e sua mão desejava agarrá-la pelos cabelos e puxá-la até o chão.

O desespero da mulher crescia cada vez mais. Ela precipitou-se em meio ao trânsito da avenida Yasukuni e fugiu, descendo uma escada que dava em um fliperama localizado no subsolo. Deve ter notado que estaria entrando no quintal dele se fosse na direção de Kabuki-cho. Só que Satake conhecia Shinjuku inteira como a palma de sua mão. Fingiu ter deixado que ela escapasse, e depois lançou-se por uma garagem subterrânea. Correndo a toda a velocidade por uma passagem sob a rodovia Oume, ele saiu pelo outro lado do fliperama; e justamente quando ela saía de um banheiro onde havia se escondido, certa de que o despistara, ele agarrou o braço dela por trás. Ainda era capaz de se lembrar da sensação daquela pele nua, úmida de tanto suor devido à incursão pelas ruas no verão.

Pega de surpresa, virou-se de frente para ele e, cheia de um ódio puro, disse, como se sibilasse:

— Seu cretino maldito! Que truquezinho mais vil! — A voz era grave e ruidosa.

— Não achou mesmo que escaparia, não é, piranha?

— Você não me mete medo — disse ela.

— Ah, mas vou meter — disse ele, cutucando-lhe a lateral do corpo com a faca. Teve de resistir à vontade de esfaqueá-la ali mesmo. Conforme ele empurrava a lâmina por cima do seu vestido, pareceu entender suas intenções, e calou-se. Permitiu que ele a levasse até seu apartamento sem derramar sequer uma lágrima ou implorar pela vida. Ele segurava seu braço para evitar que tentasse fugir novamente, consciente da pouca carne que havia ao redor dos ossos dela. A pele de seu rosto também parecia da

finura de um papel, mas seus olhos cintilavam à luz, como os de um gato de rua. Uma mulher daquelas seria de grande valor a ele, para descobrir prazer em sua resistência; mas ficou assustado e confuso com tais sensações ainda desconhecidas. As mulheres nunca foram nada muito além de instrumentos de prazer, e por isso, sempre as preferiu bonitas e submissas.

Quando chegaram, o apartamento dele parecia uma sauna. Ligou o ar-condicionado no máximo, fechou as cortinas e acendeu as luzes. Enquanto a sala esfriava, enchia o rosto dela de pancada. Quis fazer aquilo desde o momento em que a vira. Espancava e, em vez de ela implorar por perdão, parecia ficar cada vez mais furiosa e desafiadora; e todo aquele ódio dela fazia com que ele a considerasse ainda mais atraente. A vontade dele era seguir castigando-a para sempre. Enfim, quando o rosto dela já estava irreconhecível de tão inchado, ele a amarrou à cama e a estuprou — várias vezes, sem parar; nunca soube quanto tempo passaram ali, com apenas o ruído do refrigerador de ar a suspirar ao fundo.

Seus corpos estavam untados de suor e sangue. Os cintos de couro que prendiam seus pulsos cortavam-lhe a pele, lançando novos filetes vermelhos que lhe desciam pelos braços, serpenteando. Quando chupou-lhe os lábios inchados, sua boca encheu-se com o gosto metálico de sangue. A certa altura, a faca com que a incitara no fliperama surgiu em sua mão. Ele estava dentro dela, seus lábios apertados contra os dela, quando a mulher, de repente, soltou um grito. Naquele momento o ódio pareceu esvair-se de seus olhos e ela rendeu-se a ele, só que Satake estava dominado pelo fracasso e pela frustração de não conseguir afundar-se ainda mais nela. Ele sabia que estava apunhalando a lateral do corpo dela com a faca. Por seus gritos, ele concluiu que ela atingiu seu clímax, e ele gozou dentro dela com uma torrente de um prazer intenso.

Era o inferno na Terra. Ele esfaqueava o corpo dela em diversos pontos e depois brincava passando os dedos nos ferimentos. Só que quanto mais tentava encontrar um jeito de entrar, mais impossível percebia ser. Então a abraçou, desvairado de tanta frustração e tanto desejo, querendo que suas carnes se derretessem em uma só, e empenhando-se em encontrar uma maneira de rastejar para dentro dela, enquanto passava o tempo todo sussurrando, dizendo que a amava, que a amava. E enquanto ficavam deitados, unidos naquele elo sangrento, o inferno, aos poucos, tornou-se o céu. Porém, por mais que fosse céu ou inferno, era um momento que

somente os dois poderiam compreender. Uma coisa que mais ninguém poderia presumir-se capaz de julgar.

A experiência o mudou para sempre. O sujeito que havia sido antes daquilo desapareceu sem deixar qualquer vestígio, e um outro surgiu em seu lugar. Aquela mulher foi a linha divisória entre o velho Satake e este novo. Nunca esperou conhecer ninguém como ela. Foi a única coisa que não planejou, o único fator que não tinha como controlar — em resumo, seu destino. Agora a imagem fria e sombria dela, que ele havia sentido como um calafrio a subir-lhe a espinha, começou a esvair-se; e em seu lugar, Masako Katori parecia buscá-lo com avidez, chamando-o ao céu... e ao inferno.

Olhava para as estrelas, pensando nela, ainda trabalhando na linha de produção da fábrica; imaginava o vulto solitário dela enquanto andava por aquele chão frio de concreto. Lá dentro, provavelmente sentia-se aliviada, e até mesmo um pouco orgulhosa de si mesma, por ter enganado a polícia — assim como aquela outra mulher deve ter se orgulhado de tê-lo despistado. Mas sua comemoração não duraria muito. Tinha certeza de que aqueles olhos precavidos brilhariam com a mesma fúria quando ele, enfim, chegasse a ela. Suas bochechas profundas sangrariam quando ele a espancasse. Conforme se recordava dos olhos de Masako espremendo-se sob o ofuscante clarão da lanterna, Satake sentia-se aguçando seu desejo, afiando seu instinto assassino como uma lâmina contra uma pedra de amolar untada em óleo.

Imaginava como Masako deveria ter mobilizado aquele grupinho de mulheres para ajudar a esposa a livrar-se do cadáver. Faltavam-lhe a coragem e a inteligência necessárias. Satake perdeu rapidamente o interesse nela depois que descobriu a ligação com Masako. A viúva não lhe era mais útil — a não ser como a fonte do dinheiro do seguro. Precisava ter consciência de que não poderia esperar muito mais da esposa de um ser desprezível como Yamamoto. Não estava nem aí para o draminha doméstico deles, as brigas, o assassinato, o remorso... Não dava a mínima para nada daquilo. Nada calava suas emoções como o desprezo.

Agora que encontrara Masako, quase se esquecera dos motivos que o levaram a querer vingança. Levou as mãos sobre a cabeça e segurou a forte armação metálica da cama. O vento do inverno que entrava pelas janelas a

havia deixado congelante, e as palmas das mãos ficaram dormentes de tanto apertá-la. Deixaria Masako nua e a amarraria ali. Colocaria nela uma mordaca e a torturaria com as janelas escancaradas. O frio provocaria arrepios em sua pele, deixando-a entesada o bastante para que ele fosse capaz até de raspá-la com sua faca, como grãos de painço. Se ela gritasse, sempre poderia distrair-se com sua barriga, revolvendo-a com a lâmina. Que peça misericórdia aos gritos — não estava disposto a poupá-la. Sabia que uma mulher daquelas aguentaria.

Talvez, no fim de tudo, ela sussurrasse em seu ouvido da mesma maneira que a outra. — Hospital. — Uma palavra que marcou em sua mente o momento em que teve de escolher entre o desejo de mantê-la viva e a tentação de compartilhar de sua morte. Naquele momento, sentiu mais ternura por ela que por qualquer outra coisa no mundo. Nunca havia experimentado uma emoção de tamanha magnitude: a alegria e a comisseração de compartilhar de sua morte. Começou a tremer ao lembrar-se da voz dela, e pela primeira vez desde que saíra da cadeia, há tantos anos, seu pênis começou a se enrijecer. Ele abriu o zíper da calça, libertou-o e segurou-o. Sua respiração saía branca e irregular em meio àquele ar gélido, enquanto sua mão começava os movimentos.

O céu começava a iluminar-se ao leste quando Satake levantou-se da cama. Demorou-se alguns instantes a olhar para as silhuetas púrpuras das colinas que emitiam uma luz trêmula ao horizonte, e acima delas, uma nuvem carmesim parecia retroceder em face do sol nascente. Os contornos fantasmagóricos do monte Fuji elevavam-se acima das colinas. Logo chegaria a hora de Masako voltar para casa, com os olhos inchados e vermelhos devido à falta de sono. Sentia cada detalhe tão evidente que era como se pudesse esticar a mão e tocá-la: o olhar enfadado, a forma com que fumava seu cigarro, as passadas fortes pela terra do estacionamento. Até sabia exatamente como deve ter sido sua expressão enquanto a acompanhava por aquele caminho escuro. Ele conseguia ver seus olhos, transbordando de tanta contrariedade e hostilidade — exatamente como aqueles outros olhos.

Durma um pouco, então. Logo nos reencontraremos e você conhecerá o seu destino. Mas até lá, durma em paz. Ele olhou pela janela na direção da

casa dela. O sol raiava cada vez mais no céu. Então, fechou a porta da varanda e puxou as cortinas pretas, restituindo a noite ao apartamento.

5

O som deturpado de um alto-falante entrou, infiltrando-se pelo cômodo. Um comercial de algum produto desconhecido. Satake abriu os olhos e verificou o relógio que ainda envolvia seu pulso: três da tarde. Fumou um cigarro enquanto fitava os painéis do teto, tentando descobrir se as sombrias manchas marrons eram verdadeiras ou uma peça pregada pela luz que entrava pelas frestas das cortinas. Ele acendeu o abajur que ficava próximo à cama e olhou para baixo, para o amontoado de papéis que cobria o chão. O carpete encontrava-se mosqueado de manchas de comida deixadas por inquilinos anteriores, mas os relatórios estavam organizados e empilhados com bastante destreza: eram os resultados de uma investigação para a qual havia contratado uma agência de detetives. Yayoi, Yoshie, Kuniko e Masako. A pilha crescera havia pouco tempo, depois que o rasto deixado o levava de Kuniko e Masako a Jumonji. A investigação já havia lhe custado quase dez milhões de ienes.

Acendeu mais um cigarro e reuniu a pilha de papéis, voltando a ler o material que já havia praticamente decorado. Primeiro, o relatório de Yoko Morisaki, que fora aceita dentro do lar dos Yamamoto.

O filho mais velho dos Yamamoto (5 anos): “Naquela noite [quando Yamamoto desapareceu] escutei papai voltar para casa. Achei que também tinha escutado mamãe sair e falar alguma coisa com ele, mas no dia seguinte, de manhã, ela disse que eu devia ter sonhado, então, não tive mais certeza. Na noite anterior, eu sei que eles brigaram e que papai bateu na mamãe. Me lembro porque não consegui dormir de tanto medo que senti. Vi a marca roxa com que a mamãe ficou naquela noite quando estávamos no banho.”

O mais novo (3 anos): “Mamãe e papai tinham muitas brigas. Costumo já estar na cama, então, não sei, mas sempre gritavam um com o outro depois que ele voltava para casa. Eu me enfiava debaixo das cobertas, como se

estivesse dormindo. Não me lembro daquela noite [em que Yamamoto desapareceu]. Mas o Leite [o gato] fugiu. Depois daquele dia ele não quer mais voltar para casa. Não sei por quê.”

Um vizinho (46 anos): “Ela é tão linda que quando fiquei sabendo que começara a trabalhar à noite, presumi que estivesse tendo um caso. Para lhe dizer a verdade, era frequente ouvirmos os dois gritarem um com o outro no meio da noite ou de manhã cedo. Ela está ainda mais linda agora que ele morreu — o que levou algumas pessoas daqui a ficarem ressabiadas.”

Um vizinho (37 anos): “Ouvi um boato que dá conta de que o gato ainda se aproxima quando as crianças chamam, mas que não quer nem saber de chegar perto da mãe. Dizem que o bicho foge em disparada ao vê-la. Quando ficamos sabendo que ele fugiu naquela noite, todos concluímos que deve ter visto alguma coisa. Fico todo arrepiado só de imaginar que ela pode tê-lo cortado em pedaços lá dentro e deixado o sangue e as tripas dele descerem ralo abaixo.”

* * *

Yamamoto-san não é muito bem-vista no bairro, mais devido à transformação a que se submeteu após o incidente. Levantaram-se suspeitas por causa de sua aparente falta de emoção e por notarem que parecia sentir-se libertada com a perda do marido — também pelo fato de que parece ter ficado ainda mais bonita que antes.

Durante minha estada em sua casa, vi evidências mais que suficientes para afirmar que estava satisfeita pelo marido estar morto. Também tive a oportunidade de presenciar quando ficou sabendo, avisada pela polícia, que o principal suspeito havia desaparecido, e ficou evidente que considerou aquilo uma boa notícia. Talvez por sentir que a polícia estava preocupada com o tal suspeito, ela pareceu relaxar, e praticamente se esqueceu do incidente. Quando perguntei, como quem não quer nada, a respeito da marca roxa que seu filho havia mencionado, ela me contou com bastante tranquilidade que o marido havia lhe batido, mas não avançou nas explicações.

Talvez por esperar receber o dinheiro do seguro de vida do marido, ultimamente ela começou a falar em largar o emprego na fábrica.

Contudo, quando as amigas do trabalho ligam para ela, sobretudo Masako Katori, assume um tom de voz altamente respeitoso ao falar com elas. Chega quase parecer ter medo de Katori.

Não descobri nenhuma evidência consistente, tampouco qualquer boato que comprove que tenha um amante.

Está previsto o depósito, ao fim de novembro, de uma quantia de ¥50.000.000, referente ao seguro de vida do marido, na conta corrente de Yayoi Yamamoto.

RELATÓRIO SOBRE MASAKO KATORI

Um vizinho (68 anos): “Parece conviver bem o bastante com o marido — acho que ele trabalha em uma construtora — embora eu deva confessar que nunca vi os dois saírem juntos. Dizem que o filho dela [de 17 anos] não fala com nenhum dos dois. Antes ele escutava música alta, o que nos incomodava, mas ultimamente tem andado bastante quieto. Quando você esbarra com ele na rua, parece estar sempre de mau humor e nunca diz uma palavra. Masako também não é particularmente sociável, mas pelo menos acena com a cabeça e cumprimenta. Mas é bastante estranha, e parece não gostar muito de cuidar de si mesma.”

Uma jovem. (de 18 anos) que estuda para o vestibular e mora do outro lado da rua: “Ela é inconfundível: sai de casa no meio da noite e volta de manhã, ao raiar do dia. Da mesa onde estudo, eu vejo a casa deles, então, pode-se dizer que passo o dia inteiro a observá-la. Naquela manhã [do dia seguinte ao desaparecimento de Yamamoto] duas mulheres visitaram-na. Uma veio de bicicleta e a outra com um carro verde. Acho que só saíram lá pelo meio-dia.”

Um morador da área (75 anos): “Naquela manhã [do dia seguinte ao desaparecimento de Yamamoto] uma jovem saiu da casa dos Katori e tentou jogar o lixo que carregava nas minhas latas. Falei poucas e boas para ela e a mandei passear. As sacolas pareciam pesadas, cada uma tinha fácil, fácil, dez quilos. Ela nem discutiu muito; simplesmente deu o fora levando as bolsas o mais rápido possível. A própria Katori-san nunca sequer tentaria uma coisa dessas.”

O gerente da fábrica (31 anos): “Já trabalha aqui há cerca de dois anos. Leva o trabalho a sério e é uma de nossas melhores funcionárias. Fiquei sabendo que já trabalhou como contadora, daí, estou pensando em promovê-la à posição de funcionária regular. Ela assume um papel de liderança da linha de produção, embora sua capacidade pareça um bocado desperdiçada ali. É amiga de Yoshie Azuma, Yayoi Yamamoto e Kuniko Jonouchi. Antes, trabalhavam sempre como uma equipe, mas desde o que houve com o marido de Yamamoto, parece que se separaram. Das quatro, apenas Katori e Azuma ainda vêm trabalhar com regularidade.”

Ex-colega de trabalho na empresa T Créditos e Empréstimos (35 anos): “Katori-san era competente no que fazia, mas resolveu adotar uma postura demasiadamente obstinada. Acho que a diretoria não confiava nela, e ainda não era lá tão popular com o resto de nós. Não sei que fim levou depois que se demitiu.”

* * *

Masako Katori é razoavelmente benquista em seu bairro e em seu atual local de trabalho, mas a maioria de seus conhecidos parece sentir que não dá para ter certeza quanto ao que está pensando. Não há qualquer menção a casos extraconjugais, e sua vida em casa parece estável. Entretanto, nunca tomou parte em qualquer dos grupos comunitários, e tem pouca ligação com os vizinhos.

Também não há menção a traição por parte de seu marido. Ele não é lá tão popular no trabalho, e os colegas informaram que parece ter pouco interesse genuíno em seu emprego, opinião confirmada pelo fato de que sua carreira havia, aparentemente, parado no tempo.

O filho dos Katori foi expulso da escola no primeiro ano do ensino médio. No momento, trabalha em um emprego de meio expediente como estucador. Boatos dão conta de que não fala com os pais.

Em uma data posterior ao incidente, Yoshie Azuma e Akira Jumonji (nome real, Akira Yamada) do Centro de Um Milhão de Consumidores reuniram-se na casa dos Katori. Jumonji chegou dirigindo um sedã azul-escuro e carregou um objeto grande para dentro da casa. Três horas depois, saiu com oito embrulhos e colocou-os dentro do carro. Não fui capaz de

descobrir o que havia dentro das caixas ou para onde as levou (embora tenha conseguido identificar o próprio Jumonji pela placa do carro).

RELATÓRIO SOBRE AKIRA JUMONJI (NOME REAL, AKIRA YAMADA)

Ex-funcionário do Centro de Um Milhão de Consumidores (25 anos): “O patrão sempre se gabava de ter sido membro daquela gangue de Adachi, ‘Budás de Seda’ ou alguma coisa parecida, e de ter um amigo que cresceu no ramo e chegou a chefiar a máfia de Toyosumi. Sempre que tinha oportunidade, falava de sua ligação com as gangues, e devo confessar que todos ficávamos um pouco nervosos na presença dele. Cheguei até a cogitar largar o emprego por causa disso. Todo mundo tinha consciência de que éramos uma firma de agiotagem, mas ele não precisava sair gritando aos quatro ventos que tínhamos a máfia ali, junto conosco.”

Funcionário de um fliperama local (26 anos): “Ele tinha fixação por mulheres mais novas — tipo ninfeta —, por isso, estava sempre por aqui tentando atrair colegiais. A gente usava isso para caçoar dele, mas com aquela aparência, até que não se dava tão mal assim. Aparecia sempre com alguma garotinha linda a tiracolo. Sempre se gabava de como seu negócio ia bem, mas alguma coisa me dizia que não era lá isso tudo. Um sujeito estranho, vaidoso demais, ao ponto de isso poder até causar-lhe problema algum dia.”

Gerente de um bar local (cerca de 30 anos): “Ele veio aqui uma noite dessas e ficou se gabando de ter ganhado uma dinheirama. Disse alguma coisa quanto a faturar alto, mas eu sabia que era do ramo da agiotagem, portanto, tinha lá minhas dúvidas. É bom freguês, mas às vezes consegue ser um pé no saco.”

A pilha de relatórios deixava bem evidente o que Masako e sua pequena gangue haviam feito. Só que ultimamente parecia que havia se unido ao tal Jumonji, e que os dois iniciaram uma pequena empreitada alternativa. Satake abriu um sorriso, admirando-lhe a desenvoltura.

Cansado de ler, empurrou os papéis para o lado. O alto-falante ainda clangorava em algum lugar do lado de fora. Abriu só um pouco as cortinas e deixou que os últimos raios de sol de inverno adentrassem o ambiente, fazendo dançar a poeira pelo ar. Ficou olhando para os finos filetes de luz, esperando impacientemente que o sol se pusesse. Ainda faltavam várias horas para as sete, quando teria de ir trabalhar.

O interfone tocou. Com um salto, Satake levantou-se para atender, colocou de qualquer jeito os relatórios dentro de um saco de papel, e atirou-o debaixo da cama enquanto ia até a porta. A voz afetada de Kuniko saiu estridente pelo aparelho, cobrindo o sibilar do vento.

— Sato-san? Aqui é Kuniko Jonouchi. — Ela era dele! Satake abriu um largo sorriso e pigarreou.

— Aguarde só um segundo — pediu. — Já estou indo. — Satake abriu bem as cortinas e a porta da varanda para deixar entrar um pouco de ar fresco. Enquanto ajeitava a roupa de cama, ele olhou para garantir que os relatórios não poderiam ser vistos. — Peço perdão pela demora — desculpou-se enquanto abria a porta da frente, permitindo que uma rajada de ar frio soprasse uma onda do perfume nauseante de Kuniko para dentro do apartamento: Coco, de Chanel, ele reconheceu. Uma vez, Anna ganhou de um cliente, mas Satake pediu que deixasse de usá-lo na boate. Perfumes fortes seguem os homens até em casa e provocam problemas desnecessários.

— Peço perdão por aparecer assim, deste jeito — disse Kuniko, ajeitando os cabelos e alisando a saia.

— Que nada! — ele descartou. — Entre, saia desse frio...

— Só por um minutinho — disse ela, espremendo sua espaçosa compleição corporal pelo corredor estreito. Trajava um conjuntinho preto, botas novas, e um pesado colar de ouro, como se estivesse pronta para sair para algum lugar. Pela força do hábito, Satake instantaneamente avaliou seus trajes e acessórios: todos cópias baratas de artigos caros e de marcas famosas. De pé na saleta à entrada do apartamento, ela esperava que ele a convidasse para entrar, e examinava com curiosidade o que havia dentro de sua casa. — Bastante arrumadinho e organizado — comentou.

— Pois é, minha esposa levou tudo. Só deixou isto — ele disse, apontando na direção da cama que ficava próxima à janela. Kuniko passou alguns instantes a fitá-la, mas logo desviou o olhar, deixando transparecer um falso constrangimento. Havia algo de sugestivo na maneira com que

reagia, mas se soubesse dos planos que Satake tinha em cima daquela cama, sairia dali correndo e gritando.

— Acordei você? — perguntou. — Queria saber se estava tudo bem com você... já que não foi trabalhar ontem.

— Era minha noite de folga.

— Ah... Não sabia... Para falar a verdade, só queria me despedir.

— Se despedir? — perguntou, sobressaltado. Será que estava pensando em fugir... logo quando a havia fisgado?

— Pedi demissão — explicou.

— Que pena! — disse, com voz de decepção. O tom agradou a Kuniko imensamente.

— Mas vou continuar morando aqui no prédio — contou com satisfação. — E sei que vamos nos esbarrar por aí.

— Espero que sim — disse. — Eu gostaria disso... Minha casa não é lá muito aconchegante, mas não gostaria de entrar um instante? — Imediatamente, Kuniko abaixou-se e puxou o zíper onde a bota machucava-lhe a panturrilha. — Receio que vá ter que sentar-se na cama — acrescentou.

Sem dizer nada, ela caminhou em direção à cama. Ao se recordar, ele reviu os planos. Tudo estava acontecendo mais cedo do que pretendia, mas não poderia pedir uma oportunidade melhor que aquela. Agora não havia mais necessidade de criar um pretexto para fazê-la entrar no apartamento; e como ela largara o emprego, ninguém sentiria sua falta quando não aparecesse para trabalhar.

— Não me deixou nem sequer uma mesa! — disse para Kuniko.

— Até que eu gostei — disse, sentando-se na cama. — Minha casa é tão cheia de coisas... — Ela olhou em volta, sem acreditar, para aquele quarto vazio. — É como se fosse um escritório, não é mesmo? Onde guarda suas roupas?

— Não me sobrou mais nada, para ser sincero — respondeu, mostrando o paletó e a calça que vestia, e que estavam amarrotados, depois de seu cochilo. Os olhos dela permaneceram por alguns instantes sobre o corpo de Satake.

— Homem é que tem sorte — comentou. — Homem se vira bem quase sem nada. — E pescou um cigarro em sua bolsa Chanel falsificada. Satake pegou um cinzeiro que não continha uma mancha sequer e o colocou ao

lado dela. — Há um bar legalzinho que não fica muito longe daqui — disse, acendendo o cigarro. — Quer ir para lá?

— Não, obrigado, não bebo — ele respondeu. Kuniko pareceu decepcionada com a informação, mas se refez rapidamente.

— Então vamos sair para comer alguma coisa — sugeriu.

— Está bem, dê-me só um minuto. — Entrou no banheiro, lavou o rosto e escovou os dentes. Uma olhadela no espelho confirmou que seus cabelos, normalmente tosquiados, haviam crescido, e que precisava se barbear. O almofadinho de Kabuki-cho havia desaparecido e quem olhava para ele pelo reflexo do espelho era o enrugado segurança de meia-idade. Ainda assim, seus olhos mostravam sinais de que o monstro adormecido em seu interior durante tanto tempo estava ganhando vida. Secou o rosto com a toalha e abriu a porta. Kuniko permanecia sentada sobre a cama, naquele quarto vazio, e olhava à toa para o que havia ao seu redor. — O que acha de pedirmos alguma coisa para comermos aqui mesmo? — perguntou.

— Pensou em quê? — Soltou risadinhas após a pergunta.

— Que tal um sushi?

— Seria maravilhoso! — respondeu, sorrindo alegremente. Satake, evidentemente, não tinha intenção alguma de pedir comida, ou de que qualquer pessoa soubesse que algum dia Kuniko havia visitado o seu apartamento 412.

— Aceitaria uma xícara de café antes? — perguntou. Satake encheu a chaleira com água e a pôs no fogo. O café também era mentira: os armários da cozinha estavam tão vazios quanto o resto do apartamento. Porém, ainda assim, ele abriu uma das portas e ficou parado, olhando, como se estivesse avaliando o que havia ali dentro. Sentindo um movimento atrás de si, ele se virou e viu Kuniko a olhar por sobre seu ombro.

— Está vazio — murmurou.

— O quê? — perguntou bruscamente com voz fria. Ela congelou como se houvesse acabado de passar por uma cobra na estrada.

— Só achei que talvez pudesse ajudar... — ela balbuciou, recuando. Kuniko virou-se e tentou correr na direção da cama, mas ele passou-lhe o braço em volta do pescoço e tapou-lhe a boca com a mão. Seu batom espesso lambuzou toda a palma da mão dele enquanto erguia aquele corpo pesado. Embora Kuniko tenha resistido um bocado, seu próprio peso

forçou-lhe o pescoço contra o braço dele e perdeu a consciência. Depois de conseguir deitá-la na cama, foi desligar o fogo.

Então, virou o corpo mole dela de bruços e começou a tirar-lhe cuidadosamente as roupas. Depois de deixá-la nua, amarrou-a pelos pulsos e tornozelos à cama, justamente como havia imaginado aquela manhã. Seria o ensaio perfeito para o que planejava fazer com Masako; porém, ao ver o enorme corpo bovino de Kuniko estendido à sua frente, seu desejo enfraqueceu-se, levando junto seu plano tão bem elaborado. Subitamente farto de todo aquele projeto, ele amassou a calcinha que havia tirado dela e colocou-a sem cuidado algum em sua boca escancarada. Consequentemente ela acordou e seus olhos arregalaram-se de imediato. Kuniko olhava alucinadamente ao redor do quarto, tentando entender o que estava acontecendo com ela.

— Veja lá, não vai começar a gritar aqui, não é? — A voz dele saía grave e ameaçadora. Ela agitou a cabeça freneticamente em negação e depois de algum tempo ele tirou-lhe a calcinha da boca, o que deixou um filete de saliva suspenso no ar.

— Por favor! — pediu, ofegante. — Não me faça mal. Eu faço qualquer coisa. — Satake a ignorava. Estava ocupado espalhando sacos plásticos sob seus quadris, só para se ela sujasse a cama. — O que está fazendo? — ela perguntou com um sussurro, debatendo-se conforme ele continuava.

— Nada. Apenas fique quieta.

— Por favor — ela implorava. — Não me faça mal. — Lágrimas enchiam-lhe os olhos grandes e redondos.

— Me conte uma coisa — ele perguntou. — Foi Yayoi Yamamoto que matou o marido?

— Foi, foi — confirmou, agitando a cabeça alucinadamente para cima e para baixo.

— E foram Masako, você e Yoshie, a mais velha, que cortaram o corpo em pedaços?

— Isso.

— Masako foi a líder da operação?

— É claro!

— E quanto Yayoi lhes pagou?

— Cada uma ganhou 500 mil. — Satake riu, perplexo com a ironia de um bando de donas de casa trabalhar por uma ninharia e, no meio do

caminho, derrubar o seu precioso império.

— Masako também? — ele perguntou.

— Não, ela não levou dinheiro nenhum.

— Por que não?

— Ela tem o rei na barriga — Kuniko falou, sem pensar, as primeiras palavras que vieram-lhe à mente. Rei na barriga? Satake riu novamente.

— Como ela conheceu Jumonji?

Kuniko hesitou, claramente chocada por ver que sabia tanta coisa a respeito delas.

— Acho que os dois já se conheciam — ela disse, enfim.

— E foi por isso que ele lhe emprestou dinheiro?

— Não, isso foi mera coincidência.

— Essa história está um pouquinho perfeita demais — ele zombou, e Kuniko começou a chorar de novo. — E já é um pouco tarde para lágrimas.

— Não me faça mal. Eu lhe imploro.

— Espere um pouco — disse ele. — Como foi que Jumonji soube dessa história toda?

— Eu contei.

— E contou para mais alguém?

— Não.

— E por acaso está sabendo que eles armaram um belo negociozinho fazendo o que todas vocês fizeram com o marido de Yayoi? — Enquanto falava, Satake tirou o grosso cinto de couro que segurava a sua calça. Os olhos de Kuniko, brancos de tanto pânico, observavam-no conforme ela meneava violentamente a cabeça para a frente e para trás. — Sabia dessa? — ele insistiu.

— Não! — ela gritou.

— Em outras palavras — disse ele —, não confiam em você. Não precisam mais de você. — Quando Satake envolveu o pescoço dela com o cinto, o lamento de Kuniko desfaleceu-se em um ofego descontrolado. Dando-se conta de que ainda poderia vir a precisar do acessório, Satake resgatou a calcinha que havia sido jogada ao chão e forçou-a bem fundo na garganta de Kuniko. Conforme os olhos dela se reviravam devido à falta de ar, ele apertava ainda mais o cinto com um puxão firme. Considerou esse homicídio, o segundo que havia cometido em toda a vida, extremamente sem graça.

Desamarrou o corpo e empurrou-o para que caísse ao chão. Envolvendo-o firmemente com um cobertor, levou-o rolando até a varanda e escorou-o cuidadosamente em um canto, de modo que não fosse visível dos outros apartamentos. Quando olhou para cima, o sol já estava se pondo por trás das montanhas que ele avistara aquela manhã, embora já estivessem negras e quase invisíveis sob a luz que a cada minuto ficava mais fraca.

Fechou a porta da varanda e foi examinar o que havia na bolsa de Kuniko. Retirou um pequeno monte de cédulas de ¥10 mil da carteira e pegou duas chaves: a do Golf, e a outra, provavelmente, do apartamento. Depois, guardou todas as roupas, inclusive as íntimas, e os sapatos dela em uma bolsa. Então, Satake pegou a própria chave e a própria carteira e deixou o apartamento com a bolsa. Já era noite e, apesar de já ter parado de ventar, ainda fazia frio. E subiu pela escada de emergência até o andar seguinte e olhou pelo corredor. Felizmente não viu ninguém. Ele saiu ladeando os triciclos e vasos de plantas que habitavam o corredor, próximos à parede, chegou à porta de Kuniko e a abriu com a chave que havia retirado da bolsa dela.

Roupas novas, rolos de papel de embrulho rasgado e bolsas de compras encontravam-se espalhados pelo apartamento. Ele esvaziou, no meio daquela confusão, a bolsa de roupas que havia levado e recuou na direção da porta. Verificou novamente para ter certeza de que não havia ninguém no corredor, trancou a porta e caminhou na direção do elevador. Livrou-se da chave de Kuniko jogando-a na lata de lixo do primeiro andar e depois foi ao encontro de sua bicicleta na área atrás do edifício. No minuto seguinte, um segurança comum saía pedalando para ir ao trabalho em uma fábrica.

6

Jumonji estava maravilhado. A seu lado estava uma linda menina com o uniforme de uma famosa escola de ensino médio. Seus cabelos tingidos de castanho caíam-lhe sobre a macia pele branca das bochechas, e seus lábios cor-de-rosa estavam ligeiramente separados. A curvatura das finas sobrancelhas fazia com que seus lindos olhos se destacassem, e sua minissaia mal encobria o par de pernas compridas e esbeltas. Era tão linda que poderia facilmente ter sido modelo. E ali estava, conversando com ele. Era só do que precisava para ficar bem.

— O que quer fazer? — ele perguntou com a voz grave e premente.

— Tanto faz — respondeu com um sussurro doce e agudo. — Fazemos o que você quiser. — Todo aquele corpo parecia exalar um perfume que Jumonji não estava conseguindo identificar. Todos os seus acessórios eram das melhores marcas. Para descrevê-la em uma palavra: perfeita. Mas de onde será que havia saído aquele milagre? As colegiais com que estava acostumado pareciam ser de uma espécie totalmente diferente. Meninas que passavam seu tempo em esquálidas lanchonetes de fast-food, cujos cabelos fediam a condicionador barato. Só que, graças ao dinheiro que havia conseguido com sua pequena empreitada, agora tinha cacife para levar uma garota daquelas para um hotel de verdade sem sequer piscar quando ela pedira os ¥100 mil adiantados.

— O que acharia de irmos para algum quarto por aí? — ele perguntou.

— Por mim, tudo bem — ela respondeu.

— Verdade? Quer dizer que você... — A garota confirmou com um gesto tímido e Jumonji começou a quebrar a cabeça tentando lembrar o nome de um hotel a que pudessem chegar antes de ela mudar de ideia. Porém, naquele exato momento, o telefone celular que estava no seu bolso da calça começou a tocar. — Dê-me licença um instante — ele pediu. Jumonji havia deixado tudo no Um Milhão de Consumidores nas mãos de uma assistente para que pudesse relaxar e se divertir. Como já estava com ele desde o início, Jumonji achou que ela seria capaz de cuidar de qualquer

coisa que acontecesse, e deveria saber que não era para ligar para ele em uma hora daquelas.

— Alô. Jumonji — disse, sem sequer tentar disfarçar a irritação.

— Akira? Onde você está? — perguntou uma voz lânguida, porém inconfundível.

— Soga-san? Que bom falar com você! Queria agradecer-lhe novamente por ter me ajudado aquele dia. — A garota passou alguns instantes a observá-lo enquanto ele se demorava ao telefone, e depois virou-se de costas, irritada com sua súbita mudança de comportamento. Percebendo que estava começando a perdê-la, Jumonji agarrou-lhe o cotovelo.

— Disponha — Soga respondeu. — Por acaso está em Shibuya ou alguma coisa assim? — perguntou, intrigado com a poluição sonora que ouvia ao fundo. A vontade de Jumonji era soltar um uivo devido à ligação em tal momento inadequado.

— Alguma coisa assim — respondeu.

— Shibuya? É sério? Você é incrível! Aposto que está todo enfeitado como um adolescente. — Jumonji coçou a cabeça. Ainda segurava a garota pelo cotovelo, mas ela já havia começado a olhar ao redor, procurando uma maneira de escapar. O que havia em excesso eram homens como Jumonji, esperando ali, na principal via de comércio de Shibuya, rezando para conhecer uma garota como ela. Na verdade, em volta da moça, agora, começava a se formar um círculo deles. Ao ver os olhos famintos dela, Jumonji começou a entrar em pânico. — Você ainda tem aqueles dadinhos felpudos no retrovisor? — Soga continuou, evidentemente adorando a possibilidade de provocá-lo.

— Por acaso ligou porque está precisando de alguma coisa? — Jumonji perguntou.

— Está com uma garota, não é verdade? Caçando criança de novo, seu doente?

— Culpado da acusação — disse Jumonji. — Mas será que não dá para conversamos sobre isso outra hora?

— Lamento, mas é impossível. — Agora a voz de Soga estava séria. — Temos um servicinho esperando por nós.

— Como é que é? — Jumonji exclamou e soltou o braço da garota.

— Tchau — ela despediu-se e foi embora com vários sócias de Jumonji em seu encalço. Merda! Ele ficou observando-a, cheio de desejo, conforme

desaparecia em meio à multidão, dando um relutante adeus àquela saia curta e àquela graça de bundinha que ela cobria... Só que negócios são negócios, e ele teria dinheiro para mais dez como ela com o lucro de outro serviço. Recompondo-se, pediu desculpas a Soga.

— Perdão, me distraí um pouco.

— Ela conseguiu escapar de você? Tudo bem, precisa mesmo estar com a cabeça tranquila para dar conta disso de qualquer maneira. Se fizer alguma besteira, estamos todos mortos! — Jumonji começou a concentrar-se, imaginando a expressão nos olhos de Soga enquanto falava aquilo.

— Eu sei — ele respondeu.

— Enfim, parece que correram boatos de que o primeiro serviço de vocês foi um sucesso... — A ligação começou a falhar e Jumonji foi para debaixo de um toldo, longe da multidão. — Procure apenas fazer do mesmo jeito desta vez. Vão chegar com ele até você hoje à noite.

— Hoje à noite? — Jumonji repetiu, imaginando se conseguiria entrar em contato com Masako em um tempo tão curto. Dando uma olhadela em seu relógio, viu que acabara de marcar oito horas. Era bem provável que ainda a pegasse em casa.

— Parece que está fresco, então, temos que agir rápido.

— Entendido — disse Jumonji.

— Estarei na entrada dos fundos do parque Koganei, às quatro da manhã.

— Nos veremos lá — disse Jumonji.

— Com certeza — disse Soga, com a voz mais serena que de costume. — Este de agora apareceu de uma fonte ligeiramente diferente, e só quero garantir que tudo corra como planejado.

— Diferente como? — Jumonji perguntou. As pessoas que passavam por ele na rua olhavam com curiosidade, aparentemente desacostumadas a ver alguém falando com seriedade ao telefone celular.

— Tenho um fornecedor no qual tenho certeza de que posso confiar. — O velho daquele outro dia chegou por intermédio dele. Mas pode-se dizer que este de agora simplesmente apareceu.

— Apareceu? Não foi de ninguém do ramo?

— É isso que eu não sei — Soga respondeu. — O sujeito disse somente que ficou sabendo do serviço e queria que cuidássemos do dele. Tentei negar inúmeras vezes, mas ele não aceitou. Nem quando eu disse que

custaria dez milhões, ele sequer piscou. — O coração de Jumonji deu um salto com aquela notícia.

— O que significa mais um milhão para você — Jumonji apontou.

— E mais um milhão para você — disse Soga, adorando bancar o benfeitor generoso. Naquela hora, Jumonji nem se lembrava mais da garota. Se conseguisse manter aquela margem de lucro sem que Masako soubesse, desta vez ficaria com três milhões limpinhos.

— Soga-san, você é um príncipe.

— Tá, tá. Mas acho melhor tomarmos cuidado com este. Vou levar alguns capangas comigo e talvez você deva pensar em tirar o seu colete à prova de balas do armário.

Jumonji riu e fechou o telefone celular. Ocorreu-lhe que talvez Soga não estivesse brincando, mas estava empolgado demais com a possibilidade de receber todo aquele dinheiro para se importar com qualquer coisa que fosse. E precisava entrar em contato com Masako o mais rápido possível. Começou a procurar o número do telefone dela em sua agenda; se não conseguisse falar agora, teria que passar de novo o dia inteiro dirigindo com mais uma daquelas coisas medonhas em seu portamalas. Masako atendeu quase que imediatamente. Pelo som da voz, estava resfriada.

— Arrumamos mais um servicinho — ele contou. — Consegue dar conta?

— Está cedo demais. — Masako apontou, com a voz mais alta que de costume.

— As ruas ficam sabendo quando as pessoas são competentes — disse ele. Masako permaneceu em silêncio, ignorando o entusiasmo de Jumonji. Ele era capaz de sentir a inquietude dela, mas precisava fazer com que ela topasse. — Posso contar com você? — perguntou.

— Por que não deixamos esse para outro?

— Por quê?

— É só que não estou gostando muito disso.

— É o nosso segundo serviço e já não está gostando? Não sei se estou entendendo direito. — Agora ele já estava pressionando-a. — Vou passar vergonha se recusarmos esse.

— Melhor isso que alguma coisa pior — retrucou, enigmaticamente.

— O que quer dizer com isso?

— Não sei, algo está me incomodando dessa vez.

— Você está resfriada; não está se sentindo bem. Mas não tem nada a ver com o serviço. — Ele já estava se desesperando. — E eu, que tenho que ir até lá, o fim do mundo de Kyushu, para me ver livre do corpo? Não é só você que se arrisca, sabia?

— Eu sei — ela murmurou. Agora Jumonji ficou chateado.

— Se for mesmo roer a corda, vou ter que pedir à Capitã para que me ajude ou a Kuniko. Aquela baleia faz qualquer coisa se a recompensa valer o esforço.

— Não pode fazer isso — Masako protestou. — Se ela fizer besteira, colocará todos nós em perigo.

— É claro que colocará! — queixou-se. — É por isso que é você que tem que fazer. Só esta vez.

— Tudo bem — disse, desistindo. — Será que pode me arrumar uns óculos de proteção? — Ao se decidir, pensava só no que havia a se fazer. Jumonji soltou um suspiro de alívio.

— Vou trazer os que uso quando ando de moto. Devem servir.

— Então, me ligue se alguma coisa mudar.

Contente com a conclusão satisfatória da negociação, Jumonji fechou o telefone e olhou de relance para seu relógio de pulso. Havia tempo de sobra até a hora que tinha marcado de estar no parque Koganei — tempo o bastante para encontrar outra garota como a que lhe escapou. Com o dinheiro que iria entrar, poderia pagar o quanto ela pedisse. Ele olhou para o outro lado da rua lotada de gente, prosseguindo em sua caça. Agora não tinha tempo para pensar no que havia levado Masako a parecer tão hesitante.

Quatro da manhã. Seguindo o combinado, Jumonji estacionou o carro próximo à entrada dos fundos do parque Koganei. Uma cerrada parede de vegetação assomava-se por sobre a mureta de um dos lados da rua. Do outro, uma série de casas dormiam protegidas por venezianas trancadas firmemente. Não havia sequer um poste de luz na área, o que fazia do bairro um local escuro e sem vida. Jumonji deu as costas à fileira de árvores enegrecidas do parque, esforçando-se para ignorar o sussurro assustador provocado pelo vento em seus galhos. Lembrou-se de repente de que Kuniko havia deixado a parte designada a ela de um corpo em algum lugar perto dali, e achou a coincidência ligeiramente inquietante.

Estava frio. Fungando um pouco, ele levou as mãos aos botões do casaco que vestia e percebeu que todos haviam sido arrancados. Por aquilo, poderia agradecer à garota com quem estivera há pouco, que ele supôs ser adolescente até descobrir que, na verdade, já tinha 21 anos. Ele a flagrara revirando seu casaco ao sair do banheiro, e os botões caíram quando o arrancou das mãos dela. Que azar danado — as palavras pipocaram em sua cabeça — porém, logo as expulsou. Onde exatamente estava o azar no recebimento de um bônus inesperado de três milhões? Contudo, no exato momento em que conseguia desviar o pensamento daquele rumo, Jumonji escutou um carro chegar pelo lado direito, e um par de faróis iluminou a área.

Soga saiu do sedã preto e ergueu a mão para saudá-lo. Apesar da avançada hora da noite, trajava um casaco de casimira da cor de pelo de camelo por cima do terno negro. O garoto dos cabelos tingidos de loiro estava ao volante e outro saiu do carro atrás de seu patrão. Soga cumprimentou Jumonji com um menear de sua cabeça. E com cara de sono.

— Peço perdão por pedir que saia tão cedo — Jumonji desculpou-se.

— Quis vir ver o tal sujeito com os meus próprios olhos — disse Soga, virando a gola para cima e enfiando as mãos nos bolsos.

— E o probleminha dele também — Jumonji acrescentou.

— Se está disposto a pagar dez milhões para resolvê-lo, talvez não seja um mero probleminha.

— Talvez tenha razão.

— Vai levá-lo nisso aí? — Soga perguntou, apontando para o carro de Jumonji.

— E em que mais levaria?

Soga fez uma careta. No primeiro serviço, o motorista e o outro sujeito levaram o corpo e o dinheiro até Jumonji; Soga havia apenas organizado tudo pelo telefone. Jumonji ficou até um pouco ressentido por ele ganhar dois milhões para dar alguns telefonemas.

— É tudo parte do serviço — ele acrescentou.

— Bom, você é mais bondoso que eu — disse Soga, afagando-lhe o ombro em solidariedade. Naquele momento, um furgão apareceu lá no início da rua e aproximou-se deles com os faróis altos a resplandecerem como os olhos de um animal selvagem.

— É ele — disse Soga, apagando o cigarro na mureta e entregando a bituca ao capanga.

— O que faço com isso? — perguntou o homem, exibindo-a em sua mão espalmada.

— Não podemos deixar prova alguma na área, seu babaca — disse Soga. — Coma.

— Comer? Está falando sério?

— Não, idiota. Apenas cuide do troço. — Ele enfiou rapidamente a bituca no bolso. Jumonji engoliu em seco. Já não estava mais sentindo frio. O furgão parou à frente deles, porém, sem diminuir a luminosidade dos faróis, obscurecendo-lhes a visão do veículo. A porta do lado do motorista abriu-se e dela saiu um homem. Era alto e tinha um porte de respeito. Trajava-se discretamente com um paletó e uma calça social. Um boné escondia-lhe parcialmente o rosto, porém, vê-lo fez com que Jumonji sentisse um calafrio, embora não soubesse direito o porquê.

— Soga, da organização Toyosumi — Soga apresentou-se.

— Gente demais por aqui, não? — o sujeito murmurou.

— Lamento, mas é que nunca tratamos nada com o senhor. Queria saber como teve ciência do serviço que prestamos.

— E faz diferença?

— Receio que sim.

— Abelhudo, o senhor, não? — o homem protestou, retirando um saco de papel do bolso e atirando-o na direção deles. Soga pegou-o e verificou seu conteúdo. Jumonji ficou observando por sobre o ombro de Soga e viu montes de cédulas de ¥10 mil. Satisfeito, Soga balançou a cabeça em um gesto de concordância na direção do furgão.

— Está certo — disse. — Vamos pegar. — O sujeito abriu a porta do carro. Lá dentro, via-se uma forma humana envolta em cobertores. Era baixa e atarracada. Como se estivesse congelado a ponto de não ser capaz de sair do lugar, Jumonji logo percebeu que era uma mulher. Nunca havia lhe ocorrido que pudessem receber um corpo de mulher.

— Qual é o problema? — o sujeito perguntou a ele com ar de zombaria. — Ficou com medo? — Ele entrou com metade do corpo no furgão e tirou o cadáver do veículo, arrastando-o. Os capangas de Soga foram correndo ajudar, mas antes que chegassem, ele já largara o corpo sobre o asfalto e chegara à porta. Sem mais qualquer palavra, sentou-se ao volante e voltou de ré pela rua da mesma maneira que havia chegado. O

ruído alto e agudo do motor em marcha à ré preencheu o silêncio por um tempo e depois desapareceu na escuridão. Toda a transação havia terminado em instantes.

— Isso é que é um sujeito medonho — disse Jumonji.

— O que esperava de um assassino? — Soga riu. Jumonji ficou se perguntando se aquele homem havia mesmo assassinado aquela pessoa, e fitando aquele corpo atarracado envolto da cabeça aos pés por cobertores presos bem firmes com uma corda.

— Por que ele foi embora de ré?

— Para que não víssemos a placa e para garantir que não iríamos segui-lo — Soga esclareceu. Jumonji começou a tremer, enfim, chegando à conclusão de que poderia estar lidando com coisas que talvez não lhe agradassem tanto assim. Deveria ter compreendido pelo que sentiu logo que viu o furgão.

Soga abriu o saco de papel, retirou três maços e atirou o resto na direção de Jumonji.

— É tudo seu — disse ele, apontando com a cabeça para o loiro e o guarda-costas que lutavam para colocar aquele pacote de difícil manuseio dentro do porta-malas de Jumonji. Soga ficou observando enquanto o faziam por alguns instantes, com o rosto retorcido em repugnância.

— Parece ser uma mulher — Jumonji comentou.

— Eu estava justamente pensando a mesma coisa — Soga concordou, virando-se para olhar para ele. — Uma colegial, talvez. — E não estava sorrindo.

— Não diga isso — Jumonji murmurou, sentindo um calafrio a correr-lhe a espinha, o que veio apenas em parte devido ao ar da aurora. O porta-malas fechou-se produzindo um estrondo e os dois homens afastaram-se, esfregando as mãos e cheirando-as, como se o que haviam acabado de tocar não estivesse limpo.

— Então, estamos indo embora — disse Soga, voltando a cumprimentar Jumonji com leves tapinhas no ombro. — Boa sorte.

Jumonji olhou para ele com uma expressão de pânico. A língua de Soga percorria sem parar, com nervosismo, seus lábios.

— Não está querendo voltar para trás, não é? — ele perguntou.

— Não... — Jumonji murmurou.

— Escute aqui, Akira — disse ele. — Este negócio é sério. Não estrague tudo. — O guarda-costas já havia aberto a porta e aguardava de

pé. Soga fez um sinal em sua direção, e alguns segundos depois, o carro deles já ia embora velozmente, como se estivesse fugindo do local de um crime. Jumonji foi abandonado no escuro. Lutando contra a necessidade extrema de simplesmente virar-se e sair dali em disparada, ele entrou no próprio carro e ligou o motor. Enquanto descia lentamente pela rua, deu-se conta quase que imediatamente de que nunca havia sentido um medo daquela magnitude, mas ainda demorou vários minutos para entender que não era o defunto no porta-malas que estava provocando aquele medo todo, e sim o homem que o deixou.

7

Masako, enfim, vinha melhorando do resfriado. Era a primeira vez que se sentia bem depois de uma semana. O rosto que olhava para ela pelo espelho estava um pouco torcido, mas as bochechas estavam retesadas, e os olhos, descansados e menos inchados — nada mal para alguém que estava prestes a realizar aquele tipo de serviço.

Felizmente Yoshiki saiu para trabalhar na hora de sempre e Nobuki saiu cedo de casa. Desde a conversa dos dois na outra noite, Yoshiki parecia ainda mais decidido a se esconder em seu quarto; provavelmente reforçando suas defesas para evitar que sofresse, agora que sabia que ela provavelmente iria embora. Era como se fossem separados e continuassem vivendo sob o mesmo teto, e aquilo entristecia Masako, apesar de se esforçar ao máximo para esquecer toda aquela situação. Por outro lado, Nobuki havia começado a dizer algumas palavras, às vezes, e mesmo que fosse apenas para perguntar qual seria o jantar, era um incentivo.

Retirou os frascos de sabonete e de xampu do banheiro e estendeu a lona plástica sobre o piso. Depois, abriu a janela para liberar o ar abafado do banho da noite anterior. O dia prometia ser quente, o que não condizia com a estação, mas nem a saúde restituída e o bom tempo bastavam para mascarar-lhe a ansiedade. Como poderia explicar suas preocupações para Jumonji e Yoshie, sobretudo quando pareciam tão ansiosos pelo serviço? Um estranho misterioso à espreita em meio às sombras? Eles fariam chacota dela. Na verdade, agora ela tinha uma ideia perspicaz de sua identidade. Veio até ela enquanto estava de cama, resfriada. Contudo, evidentemente, não havia prova.

Fechou e trancou a janela, saiu do banheiro e foi perambulando até a saleta que ficava à entrada da casa. Masako sentia-se impaciente, mas não era a expectativa que a levava àquilo. Era medo. Também não era o corpo em si, mas a etapa subsequente, o ato seguinte da peça, que ela temia. Masako sentia-se descontrolada, como se estivesse caminhando agitadamente, sem a mínima ideia de para onde estava indo, e tal coisa a deixava nervosa — e com medo.

Calçou as enormes sandálias de praia do filho e desceu os degraus até a entrada. Não poderia voltar e esperar dentro de casa, tampouco sair para encontrar-se com Jumonji, e assim, ficou ali parada, dividida entre as duas opções. Ficou de pé, com os braços cruzados à frente do peito, tentando distrair a própria inquietude.

— Merda! — ela deixou escapar com um ganido, esperando que o palavrão ajudasse. Aquilo tudo passava a impressão de ser uma coisa errada. Mais que qualquer coisa, detestava ser manipulada pelas circunstâncias antes que tivesse tempo para se preparar, o que deveria ser exatamente a intenção daquele antagonista oculto.

Sabia que o carro de Jumonji daria bastante na vista estacionado novamente em frente à casa, mesmo que fosse só por alguns minutos, e sua vontade era utilizar seu Corolla desta vez. Só que não houve tempo para isso. Daquela vez deram sorte, o que não queria dizer que continuaria. Masako ficava louca ao imaginar que havia se metido no meio de uma coisa tão equivocada; e se sentia incapaz de se livrar da sensação sempre perturbadoramente presente de que haviam deixado passar alguma coisa, de que haviam cometido um terrível engano. Enquanto hesitava à entrada da casa, seu desconforto começou a aumentar como um balão, ameaçando estourar a qualquer momento. Enfim, sem conseguir manter-se serena, abriu a porta e saiu.

O dia estava quente e o quarteirão calmo como sempre. Um único fio de fumaça subia lentamente, saindo de um monte de folhas que queimava no terreno do outro lado da rua. O barulho de uma hélice a distância fazia-se ouvir e, ali perto também, os leves ruídos característicos de alguém lavando louça. Uma manhã das mais normais no subúrbio. Masako ficou olhando para o chão de terra vermelha do terreno vazio do outro lado da rua. A mulher que tanto alardara seu desejo de comprá-lo havia desaparecido. Tudo estava exatamente como sempre foi. Então, por que será que tudo parecia tão ameaçador? Seus pensamentos foram interrompidos pelo barulho de freios de bicicleta.

— Bom-dia — disse Yoshie, vestida com um velho casaco preto, provavelmente de Miki, por cima do agasalho cinza de sempre. Seus olhos, vermelhos devido à falta de sono, espremiavam-se à luz da manhã, assim como os de Masako quando ia trabalhar.

— Bom-dia, Capitã — ela a cumprimentou. — Pronta para aquilo?

— Creio que sim — disse Yoshie, com a expressão mais determinada que de costume. — Não fui eu que a perturbei para fazermos?

— Vamos entrar — Masako sugeriu enquanto Yoshie guardava a bicicleta. Entrou calmamente pela porta e tirou os sapatos.

— Como está o resfriado? — Yoshie perguntou lançando-lhe uma olhadela apreensiva. Masako estava doente desde a noite em que fora à casa de Yoshie debaixo de chuva, e desde então também não ia trabalhar.

— Muito melhor — Masako respondeu.

— Fico contente, mas o que vamos fazer será bom para a doença, com tanta água gelada. — Da última vez elas concluíram que seria melhor deixar a água aberta enquanto cortavam o corpo em pedaços.

— Está tudo bem lá na fábrica? — Masako perguntou.

— Pois é, estava querendo lhe contar uma coisa — disse, baixando a voz para um sussurro. — Kuniko demitiu-se.

— É mesmo?

— Do nada, há três dias. O patrão tentou fazê-la mudar de ideia, mas você sabe como ela é. E desde então, não apareceu mais. — Yoshie tirou o casaco e dobrou-o com muito jeito. Masako ficou olhando à toa para o forro branco de flanela que, de tanto usar, já estava fino em alguns lugares. — E Yayoi também parou de ir. Fiquei sozinha desde que você pegou esse resfriado. Aquela linha de produção faz a gente se sentir um pouco sozinha, então, tenho aumentado a velocidade da produção para dezoito. Devia vê-las brigando com a esteira... e ouvi-las reclamando sem parar. Que bando de bebês!

— Parece legal — Masako comentou.

— E aquele brasileiro perguntou de você ontem.

— Brasileiro?

— O garoto, Miyamori, sempre me esqueço do outro nome dele.

— O que ele disse?

— Perguntou se havia se demitido. Acho que sente alguma coisa por você. — Masako ignorou o tom de provocação e recordou do desamparo de Kazuo enquanto ficava olhando para ela naquele verão. Parecia que já fazia tanto tempo! Yoshie aguardou por alguns instantes que Masako dissesse alguma coisa e depois continuou: — Nem acreditei no quanto o japonês dele melhorou. Acho que isso é possível quando se é jovem. — Yoshie estava, surpreendentemente, falante por demais esta manhã, provavelmente devido ao nervosismo antes do serviço. Masako deixou que

as palavras passassem como uma súbita pancada de chuva, aguardando uma pausa em meio a todo aquele fluxo para falar de suas próprias preocupações. Só que foi naquele exato momento que elas escutaram um carro aproximar-se lá fora.

— Chegou! — Yoshie deixou escapar com um grito estridente, levantando-se com um pulo.

— Espere um pouco — disse Masako, verificando pelo olho mágico o que havia do lado de fora. Jumonji estava estacionando o carro de ré à frente da casa, bem pontualmente. Abriu um pouco a porta e olhou para o que estava acontecendo. Já havia dado a volta e estava atrás do carro. Seu rosto estava abatido e oleoso como consequência de uma noite sem dormir.

— Katori-san — ele cochichou do outro lado da porta. — Receio que não vá gostar deste serviço.

— Por quê? — perguntou.

— É uma mulher — ele respondeu, murmurando. Masako vacilou. O serviço já era horrível o bastante, mas parecia ainda mais repulsivo fazê-lo em um corpo feminino. Jumonji deu uma olhadela discreta ao redor e depois, com ligeireza, destrancou o porta-malas e ergueu a tampa. Ao avistar o embrulho parecido com um casulo, Masako recuou. O velho também era baixinho, porém, magro e quase sem carne nenhuma. Desta vez o corpo era robusto, com um peito para lá de generoso.

— O que foi? — Yoshie perguntou. Após espiar por trás de Masako, deixou escapar um discreto suspiro. Kenji e o outro corpo também haviam chegado envoltos em cobertores, mas havia algo de singular no cuidado que o responsável por aquele teve para envolvê-lo várias vezes com uma corda.

— Vamos levá-lo para dentro — disse Jumonji, desviando o olhar enquanto se enfiava dentro do porta-malas do carro. Masako foi ajudar e pegou uma das pontas do corpo pesado e flácido. Juntos, conseguiram levá-lo para o banheiro da casa. — Este me deixou incomodado de verdade — acrescentou Jumonji. — O sujeito que o levou me deu um medo danado!

— Por quê? — Masako perguntou.

— Dava para ver logo que a matou.

— Como? — Yoshie questionou, levando a mão ao coração para paralisar as fortes batidas. — Devia estar só entregando.

— Sei que parece estranho, mas dava para ver que foi ele! — Seus olhos estavam vermelhos e Jumonji estava quase gritando. Masako nada disse, mas se deu conta de que ele provavelmente estava falando a verdade. Ela sentiu o mesmo em Yayoi naquela noite: alguma coisa nela deixava evidente o que havia feito.

— O homem é você — disse Yoshie, entregando uma tesoura a Jumonji. — Você que o desempacote.

— Eu?! — Jumonji perguntou, exclamando.

— Não estou vendo nenhum outro homem por aqui — disse, atirando a palavra “homem” em sua direção como se fosse um insulto. — Mostre um pouco de iniciativa! — Jumonji pegou cuidadosamente a tesoura, abaixou-se, e cortou as cordas. Então, pegou a ponta do cobertor e puxou. Duas pernas brancas e grossas saíram de dentro do embrulho e desabaram pesadamente. Apresentavam vestígios de marcas roxas atrás. Yoshie soltou um grito e escondeu-se atrás de Masako. Depois, surgiu um tronco corpulento, aparentemente sem marcas, e cada um dos pesados seios caiu para o seu respectivo lado. A mulher era gorda, mas ainda estava na flor da vida. O corpo nu expunha-se diante deles, mas a cabeça permanecia encoberta por um dos cobertores, como se estivesse relutante em revelar seu segredo. Masako também abaixou-se para ajudar Jumonji a terminar aquela parte do serviço, quando, subitamente, sua mão ficou paralisada. A cabeça estava envolta por uma sacola plástica preta que ainda havia sido presa em volta do pescoço com outra corda. — Que coisa horrível! — Yoshie resmungou e recuou até a área de vestir do banheiro. Jumonji fez uma careta, como se fosse vomitar.

— Será que também não retalharam o rosto dela? — ele perguntou. — Eu não aguentaria.

— Espere um pouco — disse Masako, tomada por uma premonição súbita. Ela tomou a tesoura da mão de Jumonji e cortou a sacola com poucas e rápidas tesouradas. — Bem que eu achei — acrescentou ela. — É Kuniko.

Kuniko estava ali, deitada, com os olhos entreabertos e a língua para fora em uma imagem de imbecilidade. Os olhos astutos e a boca voraz agora estavam frouxos. O banheiro, que havia sido simplesmente um local conveniente para cortar corpos desconhecidos, pareceu repentinamente transformado em um salão de velório depois de ser ocupado por aquele

corpo conhecido. Jumonji ficou paralisado de assombro sobre ele e Yoshie chegava a soluçar de tanto que chorava ao fundo.

— Como era o tal sujeito? — Masako perguntou com urgência na voz. — Quem era?

— Não consegui enxergá-lo direito — Jumonji respondeu, e a exaustão era evidente em sua voz. — Era alto e parecia bastante durão. Tinha uma voz penetrante...

— Assim como metade dos homens da cidade — disse Masako, deixando evidente sua irritação.

— Como posso saber como era? — queixou-se e deu as costas. Yoshie havia se prostrado na área de vestir do banheiro e chorava sem fazer alarde. Masako conseguia escutá-la aos murmúrios, resmungando consigo mesma.

— É o nosso castigo — dizia. — Nunca deveríamos ter feito uma coisa destas.

— Calada! — Masako gritou, lançando-se bruscamente pela porta e agarrando Yoshie pela gola da blusa. — Será que você não entendeu? Estão atrás de nós! — Yoshie olhou para ela sem expressão no rosto, como se Masako estivesse falando uma língua estrangeira.

— Como assim?

— Não é óbvio? Nos mandaram a Kuniko!

— Tenho certeza de que é uma mera coincidência — murmurou.

— Como é que você diz isso?! — Masako escutava sua voz intensificando-se até chegar a um pranto estridente, mas não conseguia deter-se. Então, levou o dedo à boca e mordeu-o.

— Bem que eu tive uma sensação ruim quando me falaram deste serviço — Jumonji interrompeu-as. — Me disseram para ir pegá-lo nos fundos do parque Koganei.

— Do parque Koganei?! — Masako exclamou, sentindo um calafrio a percorrer-lhe o corpo. Então, eles sabiam de tudo. Souberam como chegar a Kuniko e como mandá-la em forma de alerta. Mas por quê? Virou-se para olhar para o corpo que estava esparramado atrás dela. — Sua imbecil! — gritou na direção do corpo. — Diga-nos o que é que está acontecendo!

Jumonji agarrou-lhe o braço.

— Katori-san, você está bem?

— Masako? — Yoshie chamou-a.

— Talvez agora acreditem em mim — disse, voltando a virar-se de frente para os dois.

— Acreditar em quê?

— Que tem alguém atrás de nós. Chegaram a Yayoi e descobriram o que fizemos; e também têm me observado. Agora mataram Kuniko e deram um jeito de deixar o corpo dela aqui.

— Mas o que querem? — Yoshie perguntou, ainda soluçando. — Digamos que tenham mesmo matado a Kuniko. Por que mandá-la para nós? Só pode ser coincidência.

— Não seja ridícula — Masako repreendeu-a. — Querem que saibamos que descobriram a história toda.

— Mas por quê?

— Querem vingança — Masako respondeu, e assim que as palavras deixaram-lhe a boca, o quebra-cabeça pareceu resolver-se. É claro, era aquilo mesmo. Ele queria vingança. Uma vingança dispendiosa e bem elaborada. Ela havia se enganado quando imaginou que fosse pelo dinheiro do seguro. Se ele quisesse dinheiro, gastaria milhões de ienes para levar o corpo de Kuniko até elas só para assustá-las? Só que aquilo deixava a história toda ainda mais horripilante. Masako resistiu à extrema necessidade de debulhar-se em lágrimas.

— Mas quem é? — Jumonji perguntou, franzindo a testa.

— Não sei direito, mas acredito que seja o dono do cassino. É o único que se encaixa no perfil. — Yoshie e Jumonji entreolharam-se.

— Quem é ele? — ele perguntou. Masako pesquisou velhas matérias de jornal em sua memória.

— Mitsuyoshi Satake — ela disse, finalmente recordando-se. — Tem 43 anos. Foi solto por falta de provas e depois desapareceu.

— A idade do sujeito poderia ser mais ou menos essa? — Yoshie perguntou a Jumonji.

— Não sei. Estava escuro e ele estava de boné, mas a voz era mais ou menos, sim. Parece que sou o único aqui que já o viu, e espero nunca mais ter que voltar a vê-lo. — Fez uma careta ao lembrar.

— O que vamos fazer? — Yoshie perguntou, voltando a chorar. — O que devo fazer? — Masako ainda mordida o dedo.

— Pegue o dinheiro e fuja — respondeu.

— Mas não posso ir embora — Yoshie soluçava.

— Então, precisará ter o máximo cuidado — Masako aconselhou e depois encarou o corpo. Primeiro tinham que pensar no que fazer com Kuniko. Poderiam cortá-la aos pedaços? Mas agora não havia mais a necessidade de ter todo aquele trabalho. O cliente não queria que desaparecesse; foi mandada como uma ameaça. Mas ainda assim, seria arriscado demais simplesmente desová-la.

— O que vamos fazer? — ela perguntou.

— Vamos na polícia — disse Yoshie, agachando-se próximo à máquina de lavar. — Não quero ficar parada esperando para terminar assim.

— Daí vamos todos presos. É o que quer?

— Não — ela balbuciou. — Então, o que vamos fazer?

— Vamos nos livrar dela — disse Jumonji, fitando os pesados seios de Kuniko.

— Mas onde?

— Em qualquer lugar, pouco importa. E depois passamos algum tempo sem aparecer.

— Concordo — disse Masako. — Mas acho que precisamos garantir que este homicídio caia na conta de Satake.

— E como vamos fazer isso? — Jumonji perguntou com uma expressão de ceticismo.

— Não sei. Mas quero que ele saiba que não estamos borrando as calças de medo.

— Enlouqueceu? — Yoshie suspirou. — Para que ligar para o que ele pensa?

— Precisamos revidar. Se não o fizermos, ele virá atrás de nós, pegará um de cada vez.

— Mas qual é o seu plano? — Jumonji perguntou, coçando a barba.

— Que tal se a mandarmos de volta?

— Não sabemos qual é o paradeiro dele — disse Yoshie.

— Não, acho que não sabemos mesmo.

— Está bem — disse Jumonji, erguendo as mãos entre as duas. — Vamos tentar analisar isto devagar e com muito cuidado. Não podemos cometer nenhum erro.

Masako notou de repente que um chumaço de tecido preto projetava-se da boca de Kuniko, calçou um par de luvas e o retirou. Uma calcinha rendada extravagante. Ela recordou-se das roupas íntimas baratas que

Kuniko sempre costumava usar para ir para a fábrica. Conhecendo Kuniko, ela só a vestiria se esperasse que alguém fosse tirá-la.

— Deve tê-la usado como uma mordaca quando a enforcou — Jumonji concluiu, depois de examinar as marcas de uma corda grossa em seu pescoço.

— Deu para ver se o sujeito era bonito? — Masako perguntou, ainda segurando a calcinha.

— Já falei, não deu para ver direito o rosto do cara, mas era bem robusto. — Masako logo imaginou que ele deveria ter se oferecido a ela. Ficou tentando se lembrar se Kuniko havia falado de alguém que se encaixasse naquela descrição. Mas elas não vinham se falando muito ultimamente, e seria improvável que tivesse contado alguma coisa.

— Acho que vamos ter que cortá-la mesmo — decretou, enfim, parando de se esforçar para resolver o quebra-cabeça. — Não temos muita opção.

— Não, não quero — Yoshie murmurou. — Kuniko não.

— Então, não precisa do dinheiro? — Masako perguntou. — Pode esquecer o milhão que prometi lhe emprestar, e vou ficar com a sua parte deste serviço também.

— Espere um pouco — disse Yoshie, levantando-se com um salto. — Ainda preciso me mudar.

— Foi o que imaginei. Não pode ficar naquela casa. Um incêndio lambe aquilo lá em um piscar de olhos. — Masako, então, virou-se para Jumonji, que estava parado, observando enquanto elas discutiam. — Por que não vai buscar as caixas? Vamos seguir com o plano original: pode ir cuidar delas em Kyushu.

— Então, vamos seguir com isto? — ele perguntou.

— Como podemos resolver isto de outro jeito? — Masako tentou engolir saliva, porém, ficou presa em sua garganta, como se seu corpo estivesse relutante em aceitá-la. Da mesma maneira, sua mente recusava-se a aceitar o que era evidente.

Jumonji pareceu não conseguir conter a satisfação de poder sair dali. Masako percebeu o quanto estava ansioso para partir e lhe lançou um olhar de reprovação.

— Vai poder sair assim que terminarmos — disse. — Antes não, entendido?

— Eu sei — disse.

— Ainda temos que dar conta do serviço — acrescentou, e ele, com uma expressão taciturna, agitou a cabeça em um gesto de concordância como uma criança que havia acabado de ser repreendida. — E você? — Masako perguntou, virando-se de frente para Yoshie, que estava sentada, pasma, olhando para o corpo de Kuniko.

— Estou dentro — respondeu. — Posso começar a pensar em me mudar assim que finalizarmos.

— Faça o que tem que fazer — Masako aconselhou.

— Para onde você vai?

— Para lugar nenhum, por enquanto.

— Por quê? — Yoshie perguntou, quase gritando, mas Masako pareceu não escutar; estava ocupada pensando em uma coisa que Jumonji havia dito, que só ele viu o tal sujeito. Ficou imaginando se era verdade mesmo, se já não havia visto Satake em algum lugar. Aquilo não saía de sua cabeça.

— Já volto — disse Jumonji, para depois desaparecer ao fim do corredor. Masako começou a amarrar seu avental.

— Capitã, aumente a velocidade da produção para dezoito — disse.

8

A escada metálica estalava sob seus pés enquanto Kazuo subia em direção a seu quarto no edifício de duplex pré-fabricado, o dormitório para os funcionários brasileiros. Casais tinham quartos exclusivos, mas homens solteiros como Kazuo eram obrigados a dividi-los com um colega de quarto. As habitações eram pequeninas — um cômodo pequeno com uma cozinha miniatura e um banheiro — mas tinham um lado bom: ficavam a dois minutos da fábrica.

Kazuo deteve-se no topo da escada e olhou em volta. A roupa lavada no varal ao lado da casa, do outro lado da rua, agitava-se ao vento gelado. Uma alameda de crisântemos marrons e secos fazia-se visível sob a fraca iluminação ao longo da rua estreita. Mesmo para o início do inverno, parecia tudo tão desolador. Em São Paulo faltaria pouco para começar o verão. O cheiro de torresmo e feijoada, e o perfume das flores; lindas meninas em leves vestidinhos de verão e crianças brincando nas ruas; o burburinho da torcida do Santos no estádio. O que estava fazendo ali, tão longe daquilo tudo?

Será que aquela poderia ser mesmo a terra natal de seu pai? Novamente olhou para fora, para a paisagem, mas a escuridão que rapidamente se amontoava havia escondido tudo, só conseguia enxergar as luzes de algumas poucas janelas do bairro e, mais além, o intenso brilho azul fluorescente da fábrica. Será que algum dia seria capaz de chamar aquele lugar de “lar”? Repousando os cotovelos sobre o corrimão metálico, enterrou o rosto entre as mãos. Alberto estava provavelmente vendo TV no quarto deles, então, o único lugar em que Kazuo poderia ficar só era ali fora, no vestíbulo.

Havia estabelecido duas metas — três, para ser mais exato. A primeira era passar dois anos trabalhando na fábrica e poupar dinheiro suficiente para comprar um carro; a segunda era batalhar pelo perdão total e irrestrito de Masako; e a terceira, aprender japonês para conseguir fazê-lo. No momento, parecia que esta última seria a única que conseguiria realizar. Ele fez bom progresso no idioma, mas a pessoa com quem

aprendia recusava-se a falar com ele desde aquela manhã. Parecia que nem sequer teria a chance de tentar convencê-la.

Mas pensando melhor, provavelmente não existia essa coisa de perdão total e irrestrito — pelo menos não do tipo que ele queria, o tipo que faria com que Masako se apaixonasse por ele. Depois dessa ficha ter caído, sua decisão em relação à primeira tarefa também começou a enfraquecer. No fim das contas, suas provações com Masako haviam sido as mais difíceis... só que não chegaram a ser, de verdade, provações ou tarefas ou testes: foram apenas fatos quanto aos quais não poderia fazer nada. Aquilo em si, provavelmente, havia sido o teste verdadeiro: sua capacidade de aceitar algo que estava totalmente fora de seu controle. Aquilo fez com que ele sentisse vontade de chorar.

Resolveu então que já era hora de ir embora. Já estava farto; no Natal estaria de volta a São Paulo. Não queria mais saber de comprar o carro. Não havia nada ali para ele além de entornar comida dentro de embalagens que não conseguia engolir. Se sua vontade era aprender a respeito de computadores, poderia fazê-lo no Brasil. Seria doloroso demais ficar naquele país por mais tempo.

No momento em que tomou a decisão, ele sentiu-se mais leve, como nuvens que se dissipam depois de uma tempestade. Seus vários testes subitamente pareceram irrelevantes; era simplesmente alguém que havia perdido a batalha contra si mesmo. Ele voltou a perder o olhar na direção da fábrica, no rosto tinha uma expressão obstinada. Foi quando escutou uma voz de mulher chamando bem baixinho da rua.

— Miyamori-san? — Olhou para baixo, achando que devia estar ouvindo coisas, mas ali estava Masako, parada na rua. Trajava uma calça jeans e uma velha parca com remendos de fita a tapar-lhe os buracos. Ele a fitava, desorientado por aquela aparição súbita da pessoa em quem estava pensando. — Miyamori-san — voltou a chamá-lo, desta vez com mais clareza.

— Pois não — respondeu, descendo a escada oscilante aos saltos. Masako recolheu-se para a sombra, escondendo-se da luz da rua, como se buscasse não ser vista pelas janelas do primeiro andar. Kazuo hesitou por um instante, pensando se deveria segui-la, e então, deu alguns passos em sua direção. Por que será que tinha ido até ele? Para magoá-lo de novo? Mas a chegada súbita da mulher já havia lhe reacendido o interesse em finalizar sua tarefa, como se alguém atirasse combustível em um fogo que

já estava se apagando. Ele se deteve, confuso com aquela torrente de emoção.

— Preciso pedir-lhe um favor — disse, olhando nos olhos dele. Aquilo era bem característico dela, sempre tão direta. Próximo como estava, seu rosto apresentava uma aparência tensa, como um novelo repleto de nós firmemente apertados que se recusava a se desemaranhar. Não obstante, linda mesmo assim. A última vez que havia ficado cara a cara com ela havia muito tempo, e ele se viu agarrando-se a cada palavra. — Se importaria em guardar isto aqui no seu armário para mim? — Ela tirou uma sacola de papel da velha bolsa preta. Parecia pesada. Kazuo passou um tempo olhando para ela sem se mexer.

— Por que quer que eu guarde? — perguntou.

— Você é o único dos que têm armário que eu conheço. — Seu coração foi a pique. Não era a resposta que queria escutar.

— Vai querer que guarde por quanto tempo?

— Até quando eu precisar — respondeu. — Entendeu?

— Creio que sim — disse ele, mas agora sua curiosidade havia sido despertada. Por que ela própria não poderia guardar aquilo? Não ficaria mais seguro na casa dela? Se queria um armário, eles não faltavam na estação ferroviária.

— Deve estar se perguntando por que estou lhe pedindo isso — disse ela, aliviando um pouco sua expressão. — É uma coisa que não posso deixar em minha casa, e não quero arriscar deixar dentro do carro, ou em algum lugar no trabalho. — Kazuo retirou a sacola da mão dela. Estava pesada, justamente como havia imaginado.

— O que é que tem aqui dentro? — perguntou. — Preciso saber, se quer que me responsabilize pelo conteúdo.

— Dinheiro e meu passaporte — ela respondeu, tirando um cigarro do bolso da jaqueta e acendendo-o. Dinheiro? Então, deveria ser bastante. Mas por que será que estava confiando aquele dinheiro a ele?

— Quanto tem aqui? — perguntou.

— Sete milhões de ienes — respondeu, revelando a quantia rápida e claramente, da mesma maneira que anunciava a quantidade de refeições na ordem de serviço aos outros trabalhadores da linha de produção.

— Por que não deposita no banco? — questionou com a voz trêmula.

— Não posso.

— Por que não?, se permite que eu pergunte.

— Simplesmente não posso — disse de maneira trivial, soltando uma nuvem de fumaça. Kazuo passou alguns instantes pensando.

— E se eu não estiver aqui quando precisar reavê-la? — perguntou, enfim.

— Espero até conseguir entrar em contato com você.

— Como entrará em contato comigo?

— Venho até aqui — disse ela.

— Tudo bem — topou. — Eu moro no 201. Vou guardar no meu armário e, quando quiser, podemos ir lá buscar.

— Obrigada — agradeceu. Ele pensou em lhe dizer que havia resolvido voltar para casa quando chegasse o Natal, mas mudou de ideia. Estava mais preocupado com a encrenca em que ela parecia ter se metido.

— Você não tem ido trabalhar... — ele comentou.

— Andei resfriada.

— Achei que tivesse se demitido.

— Não vou me demitir — disse, virando-se para olhar ao longe pela rua escura. Quem seguisse aquela rua chegaria um pouco após a fábrica abandonada. Percebeu uma angústia nos olhos dela que nunca havia visto, e teve a certeza de que alguma coisa ruim acontecera. Alguma coisa ligada à chave que deixou cair por aquele buraco. Sempre foi sensível daquela maneira; às vezes dava em encrenca, mas também podia servir-lhe de vantagem. Agora estava decidido a fazer com que aquilo servisse para seu benefício.

— Está encrencada? — perguntou, e ela se virou, ficando de frente.

— Está na cara, não é?

— Pois é — respondeu, enquanto seus olhos refletiam a angústia dela.

— Estou com um problema, mas não preciso de ajuda... apenas guarde a sacola para mim.

— Que espécie de problema? — perguntou, mas ela apertou os lábios e não disse mais nada. Subitamente, teve receio de ter sido atirado demais.

— Peço perdão — murmurou, enrubescido em meio à escuridão.

— Não — disse. — Quem deve pedir perdão sou eu.

— Não — ele repetiu, deslizando o saco para dentro do bolso do peito da jaqueta e fechando o zíper. Masako retirou um chaveiro do bolso e deu as costas para partir. Deve ter estacionado ali perto.

— Obrigada — agradeceu.

— Katori-san? — ele chamou.

— Pois não?

— Você me perdoa?

— É claro — disse ela.

— Por tudo?

— Sim — ela respondeu, olhando para o chão. A tarefa que imaginou ser tão difícil foi realizada com tanta simplicidade; na realidade, a simplicidade foi até demasiada. Ficou parado olhando para ela, percebendo que havia sido tão fácil justamente por não ser o perdão que queria: não havia conquistado o coração dela. Sem aquilo, seu perdão não queria dizer nada. Apertou a mão contra o peito. Enquanto procurava a chave junto à pele, ela roçou levemente contra o embrulho espesso.

— Mas precisa me dizer... — sussurrou. Ela esperou, sem erguer o olhar. — Por que deixar uma coisa tão importante comigo? — Precisava saber. Ela deixou cair o que havia restado do cigarro e esmagou-o sob o tênis.

— Eu mesma não sei direito — disse ela, agora erguendo o olhar para fitá-lo. — Acho que não tenho mais ninguém para quem possa pedir. — Ficou olhando para as finas linhas que lhe circundavam a boca, dando-se conta, pela primeira vez, do quanto ela deveria ser solitária. Por que outra razão confiaria tudo aquilo a um estrangeiro que mal conhecia, em vez de à família ou aos amigos? Ela desviou o olhar, como se quisesse escapar do dele e chutou o cascalho, atirando uma saraivada de pequenos seixos em meio à escuridão. Engoliu saliva.

— Ninguém? — perguntou.

— Não — ela respondeu, gesticulando negativamente com a cabeça. — Ninguém a quem eu possa pedir e nenhum lugar seguro em que eu possa guardá-la.

— Porque não pode confiar em ninguém?

— Exatamente — ela revelou, voltando a fitar-lhe os olhos.

— Mas em mim, você confia? — perguntou, olhando para ela e prendendo a respiração.

— Confio — ela afirmou, e encontrou o olhar dele por um tempo maior. Depois, virou-se e passou a caminhar em direção à fábrica.

— ... Obrigado — murmurou, apertando a mão não contra o dinheiro, mas contra o coração.

FUGA

1

Yayoi olhava para a aliança de casamento em seu dedo como se nunca a houvesse visto. Era uma aliança de platina sem adornos. Foi com Kenji a uma loja de departamentos escolhê-la em um domingo quente no início da primavera. Ele deu uma olhada no mostruário e depois pediu a mais cara; afinal, era uma aquisição que só acontecia uma vez na vida. Ainda se lembrava do quanto se sentiu empolgada e contente naquele dia. Para onde será que foram aquelas emoções? O que aconteceu com aquele casal feliz? Assassinará Kenji. O choro de sofrimento que antes se recusou a colocar para fora, agora explodia em seu interior, quando, enfim, caiu-lhe a ficha da monstruosidade de sua atitude.

Levantou-se da cadeira da sala de estar e correu para o quarto. De pé em frente ao espelho, puxou o suéter e examinou seu torso nu, procurando pelo escuro hematoma em sua barriga que havia sido o sinal manifesto de sua aversão por Kenji, e o estímulo para assassiná-lo; só que havia desaparecido lentamente, até que agora não houvesse sequer vestígio. Aquela marca já apagada havia sido a razão da morte dele — um homem cujo desejo era que Yayoi tivesse o que havia de melhor, porque o relacionamento seria para sempre — e nem sequer aceitava a culpa pelo que havia feito. Será que era mesmo tão insensível assim? Deitou no chão e ficou ali, prostrada.

Ao erguer o olhar um pouco depois, viu a fotografia de Kenji sobre o altar da família a fitá-la. Àquela altura a foto já estava mergulhada no incenso que os garotos estavam sempre queimando no altar. Contudo, conforme encarava aquele rosto sorridente da imagem — uma lembrancinha de uma viagem de acampamento de verão em uma época mais alegre —, voltava a se sentir irritada. Por que mudou? Por que ficou tão ruim? Por que sentia tanto prazer em causar-lhe sofrimento? Por que ficou tão sem disposição para ajudar com os meninos? As velhas emoções avolumavam-se em seu interior como uma onda enorme, varrendo para longe qualquer ponta de arrependimento.

Talvez matá-lo até tenha sido errado, mas ainda não se sentia capaz de perdoar-lhe. Repetia as palavras rituais para si mesma sem parar: ainda não lhe perdoo. Matei você, mas não lhe perdoo. Nunca lhe perdoarei. A culpa é só sua por ter sido infiel. Não fui eu que mudei, foi você. Foi você que matou o casal feliz que comprou esta aliança.

Voltou à sala de estar e abriu, arrastando, a porta que dava para o jardim. O quintal estreito, que terminava em um muro descolorido de blocos de concreto, estava todo bagunçado, cheio de triciclos e um pequenino balanço de brinquedo. Ali parada, Yayoi arrancou a aliança do dedo e arremessou-a com o máximo de força que conseguiu na direção do quintal do vizinho, só que ela ricocheteou contra a parede e caiu em algum lugar do jardim. O gesto a deixou sentindo-se, por um lado, constrangida por ser a responsável por se livrar daquela coisa, e por outro, contente por ter, enfim, colocado um ponto final em toda aquela história.

Yayoi ficou olhando para a área completamente branca de seu dedo sob a luz do sol de novembro. Havia algo de patético naquela tira de pele pálida, a marca de uma aliança. A marca da perda. Porém, também, a marca da liberação. Um sinal de que tudo, finalmente, estava acabado.

No exato momento em que aquele pensamento passava rapidamente por sua cabeça, o interfone tocou. Será que alguém viu o que tinha acabado de fazer? Desceu para o jardim e estendeu o pescoço para olhar por sobre a cerca. Um sujeito alto, trajando um terno, estava calmamente parado à porta da frente. Felizmente parecia não haver percebido que estava observando-o do jardim. Voltou com pressa para dentro da casa e pegou o fone, ignorando a terra escura que ficara agarrada às suas meias.

— Quem é? — perguntou.

— Meu nome é Sato — disse uma voz de homem. — Eu conhecia o marido da senhora, de Shinjuku. Estava passando por aqui e me ocorreu perguntar se a senhora permitiria que eu prestasse meus respeitos.

— Entendo — disse. Embora fosse um aborrecimento dos grandes, não se sentia capaz de negar tal coisa a qualquer um que fosse oferecer suas condolências. Com o olho de governanta, deu na sala de estar e no quarto, onde ficava o altar da família, uma rápida inspeção. Depois, resolvendo que estavam bem daquele jeito, dirigiu-se para a saleta que ficava à entrada da casa. Um homem encorpado e de cabelos curtos prestou uma medida exagerada tão logo abriu a porta.

— Lamento aparecer tão repentinamente desta maneira — ele desculpou-se, com a voz serena e grave. — Só queria dizer à senhora o quanto fiquei entristecido por sua perda. — Yayoi retribuiu a saudação automaticamente. No entanto, por outro lado, estava cética em relação a uma visita tão tarde da noite. E ainda assim, embora Kenji houvesse falecido no final de julho, há mais de quatro meses, ainda recebia telefonemas de amigos chocados que diziam ter acabado de saber sobre o acontecido.

— É muita gentileza do senhor se dar ao trabalho de vir aqui — disse. Sato estava de pé à porta, olhando bem de perto seu rosto, seus olhos, sua boca. Não havia nada de desagradável nos modos dele, mas tinha a estranha sensação de que ele sabia de alguma coisa sobre ela antes daquele dia, e estava julgando-a de acordo com suas expectativas. Também deu mais uma olhada nele e se viu imaginando que ligação poderia ter existido entre aquele sujeito e Kenji. Sua aparência era completamente diferente das outras pessoas da vida de seu marido, dos outros homens do escritório em que ele trabalhava. Eram todos tão despreocupados e de trato tão fácil, tão descomplicados, enquanto aquele homem deu a impressão de ser alguém de quem seria difícil descobrir o que passava pela cabeça, de tão indecifrável que era sua expressão. Todavia, o barato terno cinza e a gravata sem graça pareciam sugerir que seria só mais um burro de carga confinado a um escritório.

— Se não for incomodar demais, gostaria de prestar meus respeitos — ele voltou a dizer, com a voz ainda mais serena que antes, como se houvesse percebido a reserva de Yayoi.

— Entre — convidou. Sentindo-se ligeiramente manipulada, levou-o pelo corredor que dava na sala de estar, já se arrependendo por ter permitido que um estranho entrasse em sua casa, e ligeiramente desconfortável com ele acompanhando-a logo atrás. — Está ali dentro. — Indicou, gesticulando na direção do altar do quarto. Sato ajoelhou-se e juntou as mãos à frente da fotografia de Kenji enquanto Yayoi foi fazer chá na cozinha. Olhando de soslaio para o quarto de vez em quando, pensava em por que alguém apareceria daquela maneira, sem levar um presente de condolências, o que era costume. Não se importava tanto com o presente, mas era simplesmente um gesto de gentileza, já que a pessoa estava se dando a todo aquele trabalho, levar um presente, um cartão ou alguma outra coisa.

— Fico agradecida — disse a ele quando teve certeza de que já havia acabado. — O senhor aceita um pouco de chá? — Colocou uma xícara sobre a mesa da sala de estar. Sato sentou-se à frente dela e olhou diretamente para Yayoi. O que a deixava incomodada era o fato de não haver o mínimo traço de tristeza ou solidariedade, até mesmo de curiosidade nos olhos daquele homem. Ele agradeceu, mas nem sequer encostou no chá. Também pôs sobre a mesa um cinzeiro, só que ele permanecia sentado, perfeitamente imóvel, com as mãos a envolverem os joelhos, quase como se não quisesse deixar qualquer evidência da visita. Sentia-se apreensiva. Masako havia dito para que tomasse cuidado, mas só agora começava a compreender a premência naquele alerta.

— De onde o senhor disse mesmo que conhecia o meu esposo? — Tentou dar um tom fortuito à pergunta.

— De Shinjuku — ele respondeu.

— De onde em Shinjuku?

— De Kabuki-cho — disse. Ergueu o olhar, espantada com a resposta. Sato percebeu-lhe a inquietude e sorriu de maneira tranquilizadora. Porém, Yayoi se deu conta de que aquele sorriso estava restrito aos grossos lábios dele; seus olhos permaneciam totalmente inexpressivos.

— Kabuki-cho? — Queria confirmação.

— Que tal pararmos com o fingimento? — Um olhar horrorizado tomou-lhe o rosto quando lembrou-se do telefonema de Kinugasa avisando-a sobre o desaparecimento do dono do cassino. No entanto, em parte, ainda recusava-se a acreditar que poderia ser ele.

— Como assim? — perguntou.

— Tive uma pequena altercação com o marido da senhora... naquela noite — disse Sato, fazendo uma pausa como se quisesse conferir a reação dela. Yayoi prendeu a respiração. — A senhora sabe melhor que eu o que aconteceu depois daquilo, mas é provável que não tenha notado quantos problemas me trouxe. Perdi meus estabelecimentos, todo o meu negócio. Perdi mais coisa que uma mulher como a senhora jamais poderia imaginar, morando por aqui, no meio do nada, ocupada com seus filhos.

— Do que o senhor está falando? — Yayoi perguntou, começando a levantar-se. — Acho melhor o senhor ir embora!

— Sente-se! — Sato ordenou com a voz grave e ameaçadora. Yayoi gelou.

— Vou chamar a polícia — protestou.

— Chame. Creio que se interessarão mais pela senhora que por mim.

— Por quê? — questionou, deixando-se cair de volta à cadeira. — O que o senhor está querendo dizer com isso? — Já estava estarecida de pânico e sua mente havia se retraído. A única coisa que queria era ver aquele homem horrível fora de sua casa o quanto antes.

— Já sei de tudo — revelou Sato. — Sei que matou seu marido.

— É mentira! — protestou com um grito estridente, começando a descontrolar-se. — Como ousa dizer uma coisa dessas?

— Vão escutar a senhora lá fora — ele a alertou. — As casas aqui foram construídas umas coladas às outras. E a senhora está, de fato, parecendo culpada, gritando dessa maneira.

— Mas... eu realmente *não* sei o que o senhor está querendo dizer com isso. — Levou as mãos às têmporas e pressionou-as, mas seus braços tremiam de tal maneira que faziam com que toda a sua cabeça chacoalhasse. Então, deixando os braços caírem de volta ao colo, permaneceu sentada, calmamente, consciente de que era verdade o que ele havia dito. Havia passado os quatro últimos meses preocupando-se com as reações dos vizinhos à morte de Kenji. Tinha consciência de que era paranoia, mas ainda sentia que todos à sua volta sussurravam, falando nela.

— A senhora deve estar se perguntando o quanto eu sei. — Ele riu. Desta vez havia uma alegria genuína em sua voz. — É bem simples: sei de tudo.

— Sabe sobre o quê? — Seguia se fazendo de desentendida. — Ainda não entendo onde o senhor quer chegar. — Agora Yayoi estava atônita. Ficou olhando para ele do outro lado da mesa. Sabia pouco sobre o mundo, mas era capaz de reconhecer que aquele homem era perigoso, que provavelmente havia tido experiências boas e ruins que nem sequer seria capaz de imaginar, e que agora era um homem livre para fazer o que quisesse. Yayoi, provavelmente, nunca sequer encontrara uma pessoa parecida com ele andando pela rua. Seus universos eram tão diferentes que parecia estranho que até falassem o mesmo idioma. Em parte, estava até ligeiramente impressionada por Kenji ter a coragem de encarar um sujeito daqueles.

— Eu saber de tudo é uma coisa que deixa a senhora chocada? — Sato riu, vendo a sua expressão estupefata.

— Ainda não sei do que o senhor está falando — repetiu. Sato passou a mão pelo queixo, como se refletisse sobre como agir. Yayoi percebeu seus dedos compridos e delicados.

— Naquela noite eu briguei com o seu marido. Ele voltou para casa e a senhora o enforcou ali fora, na entrada. Quando seus filhos perguntaram se ele tinha voltado para casa, a senhora, persistentemente, atormentou-os para que ficassem calados. O mais velho... como é mesmo o nome dele? Takashi, isso, é isso aí.

— Como sabe dele? — deixou escapar, nervosa.

— A senhora é mesmo bonita como disseram — ele murmurou, voltando a analisá-la. — Talvez já esteja um pouquinho velha, mas se lhe déssemos um pequeno trato, ainda conseguiríamos encontrar uma vaga em uma boate para a senhora.

— Pare com isso! — reclamou, incapaz de impedir que sua voz saísse estridente. Sentia como se duas mãos imundas estivessem a acariciá-la. Foi então que se relembrou subitamente: foi na boate daquele homem que Kenji apaixonou-se por outra mulher, e tal lembrança fez com que seu rosto se enrubescesse de raiva.

Sato notou-lhe a mudança de expressão.

— O que foi? Lembrou-se de alguma coisa?

— Pois é. Meu marido foi espancado no estabelecimento do senhor.

— Pois é, ora... — ele murmurou. — A senhora não faz a mínima ideia do que seu marido fazia quando saía sozinho. Alguma vez já parou para pensar no que os outros viam nele? Será que a senhora nunca, nem sequer uma vezinha, sentiu que tinha a responsabilidade de descobrir o que ele andava aprontando? Deve ser agradável ser uma mera dona de casa que nunca sabe de nada...

— Pare com isso! — Yayoi voltou a gritar, tapando os ouvidos à face da torrente de acusações venenosas. Eram mais feias que qualquer coisa que já havia vivenciado.

— Já avisei, os vizinhos vão escutá-la. Enfim, parece que eles têm sentido muita curiosidade em relação ao draminha da senhora. E precisa, de fato, pensar nas crianças em primeiro lugar.

— Como sabia de Takashi? — perguntou, abaixando a voz à menção de seu filho. O veneno de efeito retardado de Sato estava começando a fazer efeito.

— A senhora ainda não entendeu? — ele perguntou com um olhar de pena.

— Morisaki-san? — Seus olhos começaram a se encher de lágrimas. — Como ela foi capaz de fazer isso comigo?

— É bastante simples, na verdade — ele explicou. — Era o serviço dela. — Serviço? Então, toda aquela história tinha sido fingimento? Lembrou-se de como Masako a alertara a respeito de Yoko desde o início. Como pôde ser tão ingênua? Lágrimas de pena de si mesma começaram a lhe descer as bochechas. — Só que já está um pouco tarde para lágrimas — ele disse, e agora sua voz assumia uma rispidez maldosa. — Também sei que a senhora pediu que suas amigas cortassem o corpo dele em pedaços. — Olhou para baixo, para a própria mão. Como tinha sido idiota em imaginar que tudo já houvesse terminado quando atirou longe a aliança. Aquele sim, seria o final de verdade, que destruiria todas elas. — Que pena que tudo veio terminar assim. — Ele ria sarcasticamente. — Tenho certeza de que torceu para que eu fosse condenado à pena de morte.

— Vou chamar a polícia e contar tudo a eles — disse, sem medir as consequências.

— Como você é uma doçura, de verdade! — ele voltou a dizer. — Só um pouquinho egoísta, talvez. — E levou as mãos rapidamente ao pescoço para afrouxar o nó da gravata. A insípida seda cinza, permeada de uma extremidade à outra por uma fina faixa marrom, parecia pele de lagarto. Ficou imaginando se babaria como Kenji quando ele a enforcasse. Yayoi fechou os olhos, tremendo-se toda.

— Yamamoto-san — ele a chamou, levantando-se e dando a volta pela mesa para se colocar atrás dela. Yayoi retraiu-se de modo a evitar um contato maior, mas não conseguiu responder. — Yamamoto-san — ele repetiu.

— O que foi? — perguntou, virando o pescoço para olhar para ele, com os olhos repletos de pavor.

Ele verificava seu relógio de pulso.

— Se não nos apressarmos, os bancos vão fechar.

— Como assim? — Virou-se para encará-lo de frente, quando seu plano começou a se tornar evidente para ela. — Refere-se ao... ao dinheiro que ganhei?

— Exatamente.

— Não! Precisamos desse dinheiro. É só o que temos para sobreviver.

— Só que também é só o que tem para me pagar — disse ele.

— Não posso!

— Como assim, não pode? — ele murmurou, deslizando os dedos ao redor de seu pescoço. — Prefere que eu faça isto? — Ele apertou-lhe a garganta, agarrando-a como um gatinho capturado pelo cangote.

— Pare! Por favor! — urrou.

— O que prefere? O dinheiro ou o pescoço?

Seu corpo inteiro estava retesado e sua cabeça subia e descia de modo submisso. Sentia que estava perdendo o controle da bexiga.

— Ligue para o banco, diga que seu pai morreu subitamente e que precisa retirar todo o dinheiro que está na sua conta. Diga-lhes que irá buscar o dinheiro com o seu irmão.

— Está bem — murmurou.

Sato não tirou os dedos do pescoço dela durante o tempo inteiro que falava ao telefone.

— Ótimo — disse ele, soltando-a enquanto desligava o telefone. — Agora vá trocar de roupa.

— Trocar de roupa?

Ele olhou feio para o suéter surrado e a saia disforme que ela usava.

— Acha por acaso que o banco vai acreditar nessa história se chegar lá vestida assim? Vão achar que foi pedir um empréstimo. — Ele agarrou-a pelo braço e a puxou da cadeira.

— O que quer que eu faça? — perguntou, murmurando, e ainda tremendo incontrolavelmente. Sabia que deveria haver algum pedaço em sua saia onde havia se molhado, mas não se importava mais. Seu respeito próprio havia desaparecido, e nem medo mais ela sentia. Yayoi se movimentava quase que mecanicamente, obedecendo às instruções dele, e Sato levou-a para o quarto.

— Abra o armário — ordenou, e ela abriu as portas do frágil guarda-roupa. — Agora, encontre alguma coisa para vestir.

— Mas o quê?

— Um terno feminino ou um vestido. Uma roupa formal.

— Sinto muito — disse, voltando a chorar. — Não tenho nenhuma roupa assim, nenhuma bonita. — Aquele cretino cruel não somente invadiu sua casa, como também fez com que tivesse que lhe pedir desculpas por não ter roupa alguma.

— Triste — disse Sato, passando os olhos pelo que pareciam ser principalmente os ternos e casacos de Kenji. — O que usou quando foi ao enterro?

— Quer que eu saia de luto? — Resgatou uma sacola da lavanderia que continha o leve terninho fino e preto que havia usado no velório de Kenji. Sua mãe o comprara para ela quando percebeu que não tinha nenhuma roupa adequada. Para o enterro em si, foi com um quimono alugado.

— Perfeito — ele disse. — Se estiver de preto, terão que ser compreensivos e não devem causar nenhum problema.

— Mas é um terninho de verão — disse.

— E daí?

Meia hora depois, Yayoi e Sato eram conduzidos a uma salinha particular em um banco que ficava em frente à estação de Tachikawa.

— Desejam mesmo sacar todos os cinquenta milhões de ienes? — O gerente da filial em pessoa foi falar com eles, evidentemente esperando encontrar uma maneira de fazê-la mudar de ideia. Yayoi não dizia nada, apenas olhava para o carpete e concordava com a cabeça, como Sato havia ordenado.

— Nosso pai faleceu de súbito e estamos com certa pressa — ele explicou. Sato havia se apresentado como irmão de Yayoi e parecia estar gostando do papel. O banco não teria como negar uma solicitação de irmãos desolados pela perda do pai. Ainda assim, o gerente buscava uma maneira de protelar a retirada.

— É perigoso andar com tanto dinheiro por aí — ele explicou. — Por que não deixa que transferimos a quantia para outro banco para a senhora?

— Foi por isso que vim junto. — Sato apontou.

— Entendo. — Olhando com compaixão para Yayoi, que se encontrava curvada sobre a cadeira pesada, o gerente resolveu não forçar a barra. Pouco tempo depois, chegou um homem com o dinheiro e colocou-o sobre a mesa à frente deles. Sato pôs os montes de cédulas dentro de uma sacola que o banco lhes dera e depois colocou-a dentro de uma bolsa preta de náilon que ele mesmo levava.

— Ficamos agradecidos — disse ele, pegando Yayoi pelo braço e levantando-se. Pôs-se de pé junto com ele, mas seu corpo estava vacilante, e começou a cair para a frente. Agarrando-a por trás, Sato manteve-a de

pé. — Yayoi — acrescentou ele — precisa se controlar. Ainda temos o velório mais tarde.

A representação foi convincente. Yayoi permitiu-se ser retirada daquela sala e levada pelo banco até saírem. Quando finalmente ficaram a sós na rua, ele a afastou com um leve empurrão e deu alguns passos para trás, cambaleando, até que se agarrou a uma mureta de proteção. Sato ignorou-a e chamou um táxi. Enquanto entrava no carro, voltou a olhar por um instante.

— Entendeu? — ele perguntou.

Respondeu agitando a cabeça em um gesto afirmativo. Yayoi permaneceu observando com cara de besta conforme a porta se fechava e o carro ia embora — levando junto seus cinquenta milhões, seu presente inesperado deixado por Kenji. Aquilo tudo havia sido apenas um sonho fugaz que, em um instante, desapareceu.

O choque de perder o dinheiro foi ampliado pelo horror de entrar em contato com um sujeito como Sato. Porém, em parte, estava até aliviada por ter sobrevivido. Tivera certeza de que iria morrer durante todo o tempo em que ele tivera as mãos ao redor de seu pescoço. No final das contas, os havia subestimado — homens em geral. Seriam todos assim? Tão cruéis?

Ficou parada fitando o relógio que ficava em frente à estação com um olhar inexpressivo e se sentindo extenuada, exausta. Eram 14:30h. Não havia levado agasalho e estava com frio. Enquanto se abraçava por sobre o fino e leve traje de verão, resolveu que não iria contar para Masako o que havia acontecido; não conseguiria suportar o olhar de acusação daquela mulher, não após a última discussão das duas. Ainda assim, era fato que se sentia um pouco abandonada. Não tinha mais o dinheiro, havia largado o emprego e também brigara com as amigas do trabalho. Não fazia a mínima ideia do que fazer ou de para onde ir. Momentaneamente, a única coisa que poderia fazer era vagar sem destino pela praça pública à frente da estação.

Enquanto arrastava os pés pela praça, ocorreu-lhe que, mal ou bem, foi Kenji que sempre dera direção à sua vida: o humor de Kenji, a saúde de Kenji, o emprego de Kenji, o salário de Kenji. Viu-se com vontade de rir. Afinal, foi ela mesma que lançou o timão ao mar.

Naquela noite, Takashi entrou, vindo do quintal onde estava brincando. Vendo a mãe com a cara triste, ele estendeu o braço e abriu a mão.

— Mamãe, olhe só. Você deve ter deixado cair.

— Ah, querido... — disse Yayoi, ao ver sua aliança na mão dele. Sua superfície estava um pouco arranhada, mas fora isso, havia conseguido escapar ilesa.

— É importante, não é? Que bom que encontrei!

— Obrigada — Yayoi agradeceu, voltando a colocar a aliança no dedo. O que Masako havia dito voltou-lhe à lembrança: “Não enxergo como possa acabar algum dia para você.” Tinha razão. Ainda não havia acabado e provavelmente nunca acabaria. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Ao ver a mãe chorando, uma expressão de prazer tomou o rosto de Takashi.

— Que bom que encontrei! — ele repetiu. — Não ficou contente, mamãe?

2

Masako estava extremamente chocada e incapaz de pensar com clareza, embora se comportasse normalmente, conforme adentrava o estacionamento com o Corolla, parava o carro enviesado atrás de sua vaga de sempre, e entrava de ré. Na verdade, realizou aquela pequena manobra até melhor do que o fazia normalmente, mas quando o carro parou e puxou o freio de mão, permaneceu sentada, olhando para baixo, e tentando controlar a respiração, recusando-se a olhar para a vaga ao lado. Era o Golf verde de Kuniko.

Ela e Yoshie eram as únicas na fábrica que sabiam que Kuniko estava morta. Só que, ainda assim, ali estava o carro dela, estacionado e aguardando, na vaga de sempre, justamente como se houvesse ido trabalhar. A vaga havia passado os últimos dias vazia, o que só poderia querer dizer que Satake ou alguma outra pessoa que também estivesse metida no assassinato o trouxera de volta. E só poderia haver um motivo: já que a Capitã vinha de bicicleta e nunca usava o estacionamento, devem tê-lo colocado ali para deixar a própria Masako com medo.

Satake deveria estar por perto. Pensou em simplesmente virar as costas e fugir naquele exato momento. Tomada por angústia e irritação, permaneceu dentro do carro por mais um tempo, relutando em trocar a segurança de seu veículo pelo estacionamento escuro. Mas não era só ela que estava ali naquela noite. Dois dos grandes caminhões brancos que entregavam as refeições nas lojas de conveniência da área estavam parados próximos à entrada, e os caminhoneiros, indistinguíveis dos outros empregados em seus limpíssimos uniformes brancos, fumavam e jogavam conversa fora com o segurança em frente à guarita. De vez em quando os escutava rir, mesmo ali, dentro do carro.

Recobrando a coragem, abriu a porta, desceu do carro e caminhou vagarosamente ao redor do carro de Kuniko. Estava estacionado sem cuidado algum, exatamente como sempre o deixava, ligeiramente inclinado para a direita, com as rodas da frente viradas para dentro, criando a ilusão de que Kuniko ainda estava viva e esperava na área de

descanso dos funcionários. Mas não tinha decepado a cabeça de Kuniko com as próprias mãos? Masako se concentrou em olhar para as palmas das mãos por um instante, tentando convencer-se, mas então ergueu o olhar, ciente do quanto aquilo tudo era absurdo.

Então, ele havia estudado cada mínimo detalhe dos movimentos de Kuniko. E provavelmente também vinha observando a própria Masako. Tal tenacidade mórbida e preocupação com detalhes provocavam arrepios por sua pele. Agora, não apenas sua mente, mas também seu corpo ameaçava retrair-se. Então, permaneceu imóvel. Suas pernas recusavam-se a sair do lugar, aflitas com sua própria reação. Porém, naquele momento, o segurança parou a conversa com os caminhoneiros e virou-se em sua direção para lhe oferecer uma saudação animadora. Como havia recusado a ajuda dele com bastante indelicadeza noite daquelas, o gesto poderia ser considerado como irônico, mas mesmo assim sentiu-se agradecida.

— Boa-noite — ele falou de modo que sua voz fosse bem ouvida. As palavras pareceram funcionar como óleo lubrificante, liberando-lhe as pernas, e então foi caminhando até onde eles estavam.

— O senhor por acaso não viu quem chegou dirigindo aquele carro, viu? — perguntou.

— Qual deles? — perguntou o segurança.

— Aquele Golf verde — respondeu com a voz falhando.

— Um momento, vou verificar — ele disse, para depois entrar na guarita e buscar seu livro de registro. — Aqui diz que é de Kuniko Jonouchi — informou, iluminando a página com a lanterna. — Ela trabalha no expediente noturno, portanto... — Masako o interrompeu, irritada por ele estar dizendo somente o que já sabia.

— Aí por acaso diz alguma coisa quanto a ela ter pedido demissão?

— Agora que a senhora lembrou, diz sim. Há seis dias. Que coisa estranha! — ele exclamou, espremendo os olhos para enxergar a página e forçando a vista. — Deve ter acontecido alguma coisa, de repente — ele acrescentou, olhando na direção do carro.

— O senhor viu a hora em que ela chegou?

— Não exatamente. — O segurança olhou para os caminhoneiros. — Não percebi direito. Meu expediente começa às sete.

— Acho que já estava ali na noite de ontem — disse um dos caminhoneiros que havia puxado a máscara até o queixo para poder fumar.

— Duvido — Masako falou com rispidez.

— Não? — Ele pareceu incomodado com a discordância. — Então, acho que não estava.

— Perdão — desculpou-se. Ainda nem haviam passado três dias de quando fatiaram o corpo de Kuniko, e seus nervos ainda estavam sensíveis, assim como suas mãos vermelhas, repletas de rachaduras, que doíam sob o gélido ar da noite. Sentia dificuldade para controlar a aflição, e também para aceitar aquela nova situação. Só que o aparecimento do carro havia sido simplesmente desalentador demais, e não mais conseguia diferenciar muito bem a imaginação da realidade.

Ao perceber que havia terminado de falar, o outro caminhoneiro começou.

— Por que a senhora está tão interessada no carro? — perguntou.

Masako olhou para ele.

— A dona dele pediu demissão. Será que alguém viu quem estava ao volante?

— Não — disse o segurança, voltando a folhear o livro. — Não chegamos a ver quando o carro entrou.

— Obrigada de qualquer maneira. — Saiu de perto deles e começou a caminhar em direção à fábrica, mas depois de dar alguns passos, sentiu uma mão quente e pesada sobre seu ombro.

— Precisa que eu a acompanhe esta noite, senhora? — Virou-se e viu o segurança de pé atrás dela. O distintivo em seu uniforme ostentava seu nome: Sato. — A senhora está parecendo um pouco indisposta — acrescentou. Masako hesitou, sem saber direito como responder. Por um lado, queria a companhia dele, enquanto por outro, queria a oportunidade de pensar sem ser incomodada durante os poucos minutos que lhe faltavam antes do trabalho. O segurança riu. — Sei que disse que não queria a minha companhia naquela noite — lembrou-se. — Não pretendo perturbá-la.

— Tudo bem — concordou. — Eu apreciaria a companhia, mesmo sendo só até o meio do caminho.

Resgatando a lanterna que lhe pendia do uniforme, ele ligou-a e partiu pela rua. Masako arriscou uma última olhada para o carro de Kuniko e depois foi atrás dele, que andava rápido e já estava bem à frente.

— A senhora vai ficar bem? — ele perguntou. — Ainda não está com uma cara muito boa. — Já haviam passado pelas casas que ficavam do lado direito da rua e chegavam ao trecho mais escuro do caminho. Os

poucos prédios pareciam fundir-se ao negrume que os cercava. A única outra luz vinha de duas estrelas que brilhavam no céu, sem emitir muita claridade. O segurança parou com suas pesadas botas pretas iluminadas pelo círculo de luz amarela a seus pés. Masako também parou. Tentou ver seu rosto, mas seu boné, que estava puxado bem para baixo, ao redor das orelhas, impossibilitou que conseguisse. — A dona do Golf é amiga da senhora? — indagou.

— É.

— Por que ela pediu demissão? — A voz era serena e grave. Masako passou lentamente por ele sem responder. Não queria falar sobre Kuniko. Contudo, mesmo no escuro, conseguia notar que ele a observava enquanto passava. Foi como se um campo magnético houvesse se erguido entre os dois. Sua pulsação acelerou e teve dificuldades para respirar.

— Daqui em diante eu vou bem sozinha — obrigou-se a dizer enquanto começava a se distanciar a passadas lentas. O segurança ficou a observá-la. Sato e Satake, quase não havia diferença. A mão em seu ombro havia sido um pouco insistente demais; e por que perguntou de Kuniko? Sentia-se confusa, incapaz de calcular a profundidade da escuridão que a cercava. Não sabia em que acreditar. Incapaz de se concentrar devidamente em suas suspeitas obscuras, esqueceu-as por um instante e passou a correr.

Ao chegar à fábrica, seguiu diretamente para o vestiário para procurar por Yoshie, mas ela não estava. Não aparecia para trabalhar desde que receberam o corpo de Kuniko, e Masako suspeitava que houvesse usado o dinheiro daquele dia para se mudar. Será que tinha acontecido alguma coisa com ela também?

Sentou-se à mesa comprida, empurrando as mechas soltas dos cabelos para debaixo da touca de trabalho enquanto tentava analisar precisamente o que vinha acontecendo ultimamente. Acendeu um cigarro e lhe ocorreu que Satake deveria ter descoberto alguma maneira de entrar na fábrica. Pesquisou os grupos de homens espalhados pela área de descanso dos funcionários, mas não viu nenhum rosto desconhecido. Estava trêmula e impaciente, fugindo ao que costumava ser. Tirou um cartão telefônico da carteira e foi até o telefone público que ficava na área de descanso. Ela discou o número do telefone celular de Jumonji.

— Katori-san? — A voz dele era de alívio.

— O que houve?

— Nada. É que venho recebendo telefonemas estranhos e acabei de resolver que não vou mais atender o telefone. — Sentia nitidamente a apreensão na voz dele.

— Que espécie de telefonema?

— Deve ser ele que está ligando. Quando atendo, um homem diz: “Agora é você.” Eu sei quem é, mas ainda assim fico apavorado, sobretudo porque já o vi.

— Como ele conseguiu o número do seu telefone?

— Não deve ter sido muito difícil; estou sempre distribuindo cartões de apresentação mesmo...

— Já conseguiu perceber de onde ele liga?

— Não, é de celular, pode estar em qualquer lugar. Isso me deixou apavorado. Agora sinto como se estivesse sendo observado 24 horas por dia. De qualquer maneira, já resolvi que vou embora daqui. Cuide-se, Katori-san.

— Espere aí! — Masako mandou, decidida a não deixar que ele desligasse o telefone. — Preciso lhe pedir um favor.

— O que foi?

— O Golf da Kuniko apareceu aqui no estacionamento.

— O quê? — ele gemeu. — Como?

— Tenho quase certeza absoluta de que Kuniko não o trouxe dirigindo, então, só pode ter sido coisa do Satake — disse, agora quase aos sussurros.

— Se for, ele está chegando perto. Acho melhor você sair daí.

— É o que pretendo fazer — disse. — Mas agradeceria imensamente se você pudesse ficar de olho no estacionamento pelas próximas horas para me informar quem vai entrar no carro.

— Só pode ser ele.

— Mas eu quero saber para onde ele irá.

— Sinto muito, não posso. — Dava para perceber que já estava saindo pela porta, pensando somente na própria pele. Passou mais alguns minutos conversando com ele e acalmando-o o suficiente para que concordasse em encontrá-la em uma lanchonete próxima dali depois que saísse do trabalho.

O telefonema fez com que se atrasasse. Correu para marcar seu cartão de ponto e depois desceu apressada. Os mais ou menos cem funcionários do regime de meio expediente do turno da noite estavam enfileirados,

esperando que as portas se abrissem. Masako posicionou-se ao fim da fila. Parecia que havia ficado séculos atrás a época em que as quatro se acotovelavam por um lugar à frente da linha de produção, competindo contra outros grupos pelas melhores vagas.

As portas se abriram e as mulheres entraram, marchando em fila e enfileiraram-se novamente nos postos de lavagem. Masako ficou esperando sua vez. Quando chegou, aproximou-se da pia e abriu a torneira com uma cotovelada. Ao começar a esfregar as mãos, sentia todos os problemas dos últimos dias agarrando-se como uma obsessão doentia. Da mesmíssima maneira com que a gordura amarelada de Kuniko havia se agarrado às suas mãos, prendido-se a seus dedos e se solidificado sob suas unhas. Por mais que esfregasse com toda a vontade do mundo, recusava-se a sair. Abusou de esfregar as mãos com a escova até que ficassem vermelhas e esfoladas.

— Se tirar sangue, não vai trabalhar hoje. — A fiscal de higiene havia chegado por trás dela e ficou observando enquanto Masako castigava sua pele sem perdão. Olhou para baixo, para suas mãos e braços encarnados.

— Eu sei — disse.

— O que está havendo com você hoje?

— Nada, perdão. — Masako mergulhou as mãos na bacia com desinfetante e secou-as com gaze esterilizada. Então, começou a limpar seu avental, o que acabou fazendo com que se lembrasse do quanto foi difícil limpar o sangue escuro e viscoso de Kuniko. Ela balançou a cabeça para expulsar a imagem de seu cérebro.

— Masako-san — disse uma voz. Kazuo estava de pé ao lado dela, com o carrinho já carregado de arroz. — Você está bem?

— Estou — respondeu. Fingindo se decidir a que linha de produção juntar-se, ficou ali com ele por um instante.

— Coloquei no meu armário — ele disse.

— Obrigada.

Dando-se conta de que ninguém havia ainda percebido os dois, Kazuo voltou a falar com ela, cochichando:

— Está com uma aparência extenuada hoje. — “Extenuada”? Onde será que ele aprendera aquilo? Lançou-lhe uma rápida olhadela. Passava uma impressão de estar mais calmo que antes, mais convicto de si mesmo. O bichinho desesperado não existia mais, havia se transformado em um

jovem fidedigno. Deu-se conta do quanto precisava dele, de sua presença forte e serena, mesmo que fosse apenas por aquela noite.

Nakayama, o chefe de seção, viu os dois e veio correndo.

— O que acha que está fazendo? Entre logo em alguma linha de produção! — Masako encaixou-se em uma posição, sem alarde, depois daquela mostra de que havia pouca diferença entre a fábrica e uma prisão. Conversas particulares, mesmo que fosse um rápido bate-papo, eram desestimuladas, e suas necessidades fisiológicas, monitoradas. O que esperavam de você era que calasse a boca e fizesse o seu trabalho. Nada além.

— Não deixe que a irrite. — As palavras de despedida de Kazuo pareceram cobrir-lhe as costas como uma manta protetora e calorosa. Só que não adiantavam de nada. Yayoi e Yoshie haviam largado o trabalho na fábrica e Jumonji estava prestes a fugir de vez. Kuniko morreu. Aquilo deixava Masako sozinha para enfrentar Satake. Teve a sensação de que aquilo foi exatamente o que ele quis durante todo o tempo. Tudo parecia sugerir que estava atrás dela e de ninguém mais. Conforme trabalhava, não conseguia parar de se perguntar o que ele queria.

Às 5:30h, quando o expediente chegou ao fim, livrou-se rapidamente do uniforme de trabalho e deixou a fábrica. Ainda estava escuro lá fora. Era o pior aspecto do expediente noturno durante o inverno: quando você pegava no batente, estava um breu, e a mesma coisa quando você voltava para casa.

Percorreu apressadamente o caminho que separava a fábrica do estacionamento. O Golf não estava mais lá. Mas quem será que o levara embora? E quando? Ficou parada por alguns instantes no estacionamento escuro, imaginando como Satake deve ter andado em volta de seu Corolla, tocado as portas, bisbilhotado o que havia dentro... Como deve ter sorrido sozinho, farejando-lhe o medo. Tal ideia fez com que sentisse arrepios. Não poderia permitir que a subjugasse. Não iria acabar como Kuniko.

Engolia o medo, como um remédio amargo que se bebe com dificuldade, sem sentir o gosto. Tudo estava preso em sua garganta — a realidade da morte de Kuniko, a ameaça de Satake —, mas se obrigou a engolir. Depois, abriu a porta, entrou no carro frio e deu partida no motor. Viu um tênue rasto de luz no céu para o leste.

Masako fitava com os olhos avermelhados o pó ao fundo de sua xícara de café. Não tinha mais nada a fazer. Exagerara nos cigarros e no café. A garçonete já tinha parado de se dirigir à mesa dela, dando-se conta de que não pediria mais nada.

Estava esperando por Jumonji na lanchonete em que combinaram, mas já havia passado das sete da manhã e o local estava lotado de gente tomando café da manhã a caminho do trabalho. A lanchonete estava tomada pelo cheiro de presunto, ovos e panquecas, e pela algazarra frenética da manhã. Jumonji já estava uma hora atrasado, mas justamente quando Masako começou a imaginar que tivesse abandonado a cidade, ele apareceu inesperadamente e sentou-se à sua frente.

— Peço perdão pelo atraso — ele desculpou-se. Jumonji trajava um paletó de camurça manchado por cima de um suéter preto. O visual batido do paletó parecia refletir-lhe o estado mental.

— Achei que não fosse aparecer.

— Tive dificuldade para dormir e aí acabei não ouvindo o alarme. — Masako analisou sua face esgotada, dando-se conta de que também deveria estar com uma cara daquelas.

— Não foi olhar o estacionamento da fábrica?

— Não, lamento. Simplesmente não consegui. — Enquanto se desculpava, ele tirou um cigarro do bolso e o acendeu. Estava evidentemente apavorado.

— Também estou com medo — Masako confidenciou, mas ele pareceu não escutar. Os dois passaram alguns instantes em silêncio, olhando para o lado de fora por uma grande janela naquela pacata manhã de inverno. Um grupo de bétulas delgadas e brancas cintilavam uma luz trêmula sob o sol.

— Receio que eu não lhe seja de muita utilidade — disse Jumonji, voltando a se desculpar. Praticamente da noite para o dia seu rosto bonito e jovem foi substituído por um semblante cinzento de tanta tensão.

— Pouco importa. O que tiver que acontecer vai acontecer.

— Não quer dizer que tenho que gostar da ideia de que alguém está vindo me matar — disse ele, tirando seu celular e depositando-o sobre a mesa como se detestasse a mera vista do objeto. — Mesmo sabendo quem é, ainda me cago de medo quando toca. E é pior ainda o fato de eu tê-lo visto.

— É por isso que está ligando — disse Masako. — Ele só quer deixá-lo assustado.

— Acho que é isso mesmo.

— Queria saber como ele é — falou para si própria. Se ao menos conseguisse ver a imagem retida em algum lugar da retina de Jumonji, ou de Kuniko, momentos antes de morrer.

— É difícil descrevê-lo — disse Jumonji, olhando ao redor, como se tivesse medo de que Satake estivesse por ali. O restaurante estava lotado de empresários que liam o jornal da manhã. Masako queria pedir-lhe que fosse até a fábrica para ver se conseguia reconhecer-lhe o rosto, mas sabia que ele não ousaria. — De qualquer maneira, já não temos mais que nos preocupar com Kuniko — ele acrescentou, afundando-se na cadeira, exaurido. A garçonete lhe trouxe um cardápio enorme e ele deixou-o sobre a mesa. — Mas devo confessar que não foi fácil. — Ele alongou os ombros como se recordasse do peso. — Aposto que pesava duas vezes mais que aquele velho.

Elas precisaram de treze caixas para todos os pedaços de Kuniko e deve ter sido uma luta para despachá-las a tempo, descarregá-las lá do outro lado e levá-las para o depósito de lixo. Em vez de responder, Masako verificou como quem não queria nada o estacionamento do restaurante. Percebeu-se frequentemente à espera de um Golf verde.

Para atrair-lhe a atenção, Jumonji perguntou:

— Você vai sumir? Ou pretende permanecer trabalhando na fábrica?

— Ainda não estou preparada para fugir — respondeu.

— Deveria considerar a possibilidade — ele respondeu com a voz aparentando surpresa. — Você deve ter embolsado uns sete ou oito milhões. Não está bom? Sei que não é da minha conta, mas não ganharia isso em cinco anos de trabalho na fábrica. — Masako tomou um gole d'água, mas nada disse. Sabia que Satake a seguiria para onde quer que corresse. — Estou dando no pé hoje mesmo — ele acrescentou.

A garçonete veio até a mesa e ele pediu um hambúrguer.

— Para onde vai? — Masako perguntou.

— Espero que Soga-san consiga pensar em algum lugar para mim. Ele próprio também é de dar bastante medo. — Masako ainda não havia escutado aquele nome. — Queria ficar em algum lugar próximo, como Shibuya, onde acontece alguma coisa, mesmo que seja pouco. De qualquer maneira, acho que tudo isto não vai mais me afetar daqui a mais ou menos um ano. Afinal, não tive nada a ver com o tal Yamamoto.

Então era naquilo que ele estava pensando. A fé de Jumonji, contando com que tudo fosse voltar ao normal, pareceu um tanto ingênua. Ela própria considerava que já havia fechado portas demais para algum dia voltar a ter uma vida “normal”.

— Então, acho que vou andando — disse. — Mas o que estava querendo fazer com isto? — Apontou para o celular tornado órfão.

— Não quero mais — ele respondeu. — Não quero nem arrumar um novo número para ele.

— Então, não se importa se eu ficar com ele?

— À vontade — disse ele. — Só que o contrato não vai demorar a acabar.

— Não tem problema. Só quero escutar a voz dele.

— Como quiser — disse ele, deslizando-o até o outro lado da mesa.

— Então, até mais — despediu-se, guardando o telefone dentro da bolsa.

— Cuide-se.

— Obrigada, você também.

— Foi um prazer fazer negócio com você — ele falou. — Se conseguirmos sair desta vivos, talvez possamos voltar a armar nossa empreitada algum dia. — Ele sorriu e ergueu o copo d'água para fazer um brinde, mas o sorriso durou apenas um instante.

A casa já estava vazia quando chegou. A xícara de Yoshiki ainda estava sobre a mesa, com café até a metade. Masako esvaziou-a na pia e pegou uma esponja para lavá-la. Um pouco depois, deu-se conta de que estava esfregando a pia com tal força que até chegara a arranhar a porcelana. Será que conseguiria mesmo continuar morando ali agora? Fechou a água e tentou relaxar os ombros. Logo quando havia encontrado uma saída, sua própria fuga particular, o tal do Satake parecia decidido a arrastá-la junto com ele para o inferno.

Lembrou-se do que escutou de Yoshie naquela manhã após o tufão, depois que pediu que a ajudasse com o cadáver. Após um instante de hesitação, Yoshie se disse disposta a sair caminhando inferno adentro se fosse para acompanhá-la. Será que iria para lá mesmo depois daquilo tudo? Sentou-se no sofá, sentindo-se extremamente exausta, só que nem tanto pelo serviço da noite, mas por uma sensação de que todo o trabalho

não serviu para nada. Subitamente o telefone de Jumonji começou a tocar. Masako hesitou por um momento, olhando para ele, mas acabou pegando-o e apertou o botão para atendê-lo. Silêncio do outro lado da linha. Aguardou sem nada dizer.

— Você é o próximo — disse, enfim, uma voz.

— Alô? — disse Masako, com a voz abafada. Silêncio. Pelo jeito, o surpreendeu. — Satake? — indagou.

— Masako Katori? — A voz era calma e ostentava um leve tremor que sugeria prazer. Como se estivesse esperando aquele encontro.

— Sou eu — Masako respondeu.

— Qual foi a sensação de cortar todos aqueles corpos? — ele perguntou.

— Por que está atrás de nós?

— Estou atrás é de você.

— Por quê?

— Porque você adora bancar a esperta. Vou lhe ensinar uma coisinha sobre o quanto o mundo é grande e cruel.

— Agradeço, mas dispense — falou. Satake riu.

— Eu me enganei — ele concluiu. — A próxima é você. Avise ao Jumonji que você entrou na frente dele. — Aquela voz era conhecida. Enquanto a buscava em sua memória, tentando identificá-la, o telefone ficou mudo.

3

A voz ainda estava dentro da cabeça dela. Havia escutado-a em algum outro lugar há pouco tempo. Ela saltou do sofá, pegou sua jaqueta, sua bolsa e saiu pela porta. O motor do Corolla ainda estava quente. Agora tinha certeza: havia estado com ele diversas vezes. Mas ainda precisava de confirmação, e era atrás disso que estava indo, enquanto ele ainda dormia.

Se o segurança chamado Sato *fosse* mesmo Satake, tudo faria sentido. Poderia ter conhecido Kuniko no estacionamento e iniciado uma conversa com ela naquele espaço em que tinha que acompanhar as pessoas até a fábrica. E também teria a oportunidade de ficar de olho em Masako. Lembrou-se de como a lanterna dele demorou-se em seu rosto quando ele a viu pela primeira vez, da fúria em seus olhos quando virou-se para ficar de frente para ele naquele trecho do caminho, e do peso da mão dele em seu ombro na noite passada. Coisas pequenas que pareceram apenas ligeiramente estranhas.

Agora tinha certeza, porém, sabia que a autoconfiança poderia acabar se transformando em pânico em uma fração de segundo, e talvez fosse obrigada a correr. Não poderia permitir que isso acontecesse. Queria vê-lo morto antes de ir embora. Mas seria verdadeiramente capaz de cometer um homicídio? Provavelmente não. Só que não estava disposta a ter o mesmo fim trágico de Kuniko. Seu corpo enrijeceu-se e seu pé afundou no acelerador, fazendo com que o carro desse um solavanco para a frente, quase chocando-se contra o caminhão em frente.

Era aquilo mesmo. Sato, o segurança, era Satake, o dono do cassino. A lembrança de seus olhos tenebrosos fizeram-na recordar-se do sonho que tivera há algumas semanas, em que se sentira excitada sexualmente enquanto uma pessoa a estrangulava. Foi uma premonição. Agora ela entendia tudo. E teve a estranha sensação de que, se algum dia ele chegasse a colocar as mãos nela, talvez até se entregasse. Na noite anterior, ali, naquele caminho pessimamente iluminado, uma espécie de corrente passou entre eles dois durante um mero instante. Ali ela já tinha mais ou menos uma ideia, por menor que fosse, que Sato era Satake.

Enquanto dirigia lentamente em meio ao tráfego da hora do rush da manhã, Masako deixou o pensamento explorar os últimos meses e depois adiante, para o futuro. Era a caça ou a caçadora? Será que mataria ou morreria? “Porque você adora bancar a esperta.” Foi o que ele disse. Não poderia permitir que saísse impune. Não, agora via aquilo tudo com uma clareza maior que nunca: ela e Satake estavam em guerra.

Voltou pelo caminho já bastante conhecido que levava à fábrica. Quando chegou, o estacionamento estava quase lotado devido ao movimento do expediente matutino. Ela verificou o relógio do carro. Eram 8:30h e o turno só começaria às nove, então, ainda chegariam mais carros. Saiu da via, parou no acostamento da rua que levava até a fábrica abandonada e foi caminhando até a guarita. Satake havia sido rendido por um senhor mais velho de óculos. Quando se aproximou, ele estava lendo o jornal da manhã, segurando as folhas firmemente dobradas bem próximas ao rosto.

— Bom-dia — ela o cumprimentou. Ele ergueu o olhar para fitá-la por sobre os óculos de leitura e viu seus olhos vermelhos e o rosto pálido. — Eu trabalho no turno da noite e queria saber se o senhor não poderia me dar o endereço do segurança que fica de serviço durante a minha hora, acho que se chama Sato.

— Sato? Já escutei esse nome, mas só chego às seis horas, portanto, ainda não nos esbarramos. A senhora pode tentar perguntar no escritório.

— No escritório da agência de empregos ou logo no principal?

— Não, não na fábrica. Na empresa para a qual trabalhamos. Experimente ligar para este número aqui — disse ele, entregando-lhe um cartão com o nome “Segurança Yamato” escrito.

— Obrigada. — Masako guardou o cartão dentro do bolso da calça jeans.

— Para que quer o endereço dele? — ele perguntou, abrindo um sorriso cheio de malícia.

— Quero convidá-lo para sair — disse, sem alterar a expressão de seu rosto. O homem bufou e deu uma boa olhada para ela. Masako tinha consciência do quão rígida e determinada deveria estar sua expressão, muito distante de qualquer romantismo, mas aquele senhor pareceu ter enxergado alguma outra coisa.

— Deve ser bom ser jovem — disse. Jovem? Abriu um sorriso irônico.

— O senhor acha que eles vão me dizer o endereço dele?

— É só dizer-lhes o que me disse — ele sugeriu, voltando a baixar o olhar para o seu jornal. De volta ao carro, Masako ligou para o número usando o celular de Jumonji.

— Segurança Yamato? — disse uma voz mais velha.

— Meu nome é Kuniko Jonouchi e trabalho na fábrica Alimentos Miyoshi. O segurança do turno da noite, Sato-san, encontrou uma coisa que perdi, e eu gostaria de lhe enviar um presente de agradecimento.

— É mesmo? — disse o homem.

— Seria pedir demais que me desse seu nome completo e endereço?

— O endereço aqui da empresa ou da casa dele?

— De onde ele mora, se não for abuso.

— Espere um instante. — Masako achou incrível o quanto pareciam ser descuidados, como se a empresa fosse administrada por pensionistas. Guardava grande distância das empresas de segurança que antigamente costumavam transportar o dinheiro na cooperativa de crédito. — Ele se chama Yoshio Sato — o homem lhe disse depois de algum tempo. — E mora no complexo municipal de apartamentos Tama, em Kodaira, no apartamento 412.

— Muito obrigada — agradeceu, fechou o telefone e aumentou o aquecimento do carro. De repente, sentiu um calafrio. Nunca lhe ocorreu que Satake pudesse estar morando no mesmo prédio de Kuniko. Deveria estar preparando a armadilha há um bom tempo, planejando tudo com muito cuidado. Mais uma vez, a atenção aos detalhes deixava Masako assombrada e horrorizada. Elas pareciam peixes sendo atraídos para redes que ele havia colocado há muito tempo. Kuniko foi a primeira, mas agora havia chegado a vez dela. A rajada forte e repentina de ar quente que saiu do aquecedor produziu uma pequena gota de suor em sua testa, mas quando foi limpá-la com a mão, a gota estava estranhamente gelada.

Em um impulso, pensou em ligar para Yayoi. Não conversavam desde a briga que tiveram há algumas semanas, e Masako se perguntava se não havia acontecido alguma coisa que Yayoi não estava lhe contando. Discou o número de Yayoi.

— Residência dos Yamamoto — escutou Yayoi dizer de uma maneira ligeiramente artificial.

— Sou eu.

— Masako? Que bom falar com você!

— Está tudo bem?

— Está, tudo bem. Os meninos estão na creche. Está tudo na maior calma por aqui. — Sua reação à costumeira intensidade de Masako pareceu quase serena, para variar. — Por que pergunta?

— Por nada. Fico contente que esteja tudo correndo bem.

— Na verdade, logo nos mudaremos para a casa dos meus pais.

— Me parece uma boa ideia.

— Como vocês estão? Como vai a Capitã?

— Não tem ido trabalhar ultimamente.

— É mesmo? Que milagre! E Kuniko?

— Morreu — Masako revelou. Yayoi soltou um pequeno grito agudo e passou alguns segundos sem dizer nada. Masako permaneceu à espera.

— Morreu assassinada? — Yayoi perguntou, enfim.

— Por que pergunta?

— Não sei, só tive uma sensação. — Masako, agora, teve certeza de que ela escondia alguma coisa.

— De qualquer forma, morreu — disse.

— Quando?

— Não sei.

— Morreu como?

— Também não sei. Apenas vi o corpo. — Resolveu não contar que tinha marcas de corda no pescoço.

— Viu o corpo? — Yayoi perguntou com uma voz de desânimo.

— Vi.

— Masako-san... — Yayoi chamou, agora com pânico em sua voz. — O que está havendo? Por que isso aconteceu?

— Acho que poderia se dizer que despertamos um monstro.

— ... Quer dizer que ele a assassinou? — Falou novamente em assassinato, e parecia saber instantaneamente que o tal “monstro” era Satake. Ele deve ter ido atrás dela.

— Então você sabe quem ele é? — Masako perguntou e Yayoi permaneceu em silêncio. Ao fundo ouvia-se o falatório de um programa de entrevistas. — Se aconteceu alguma coisa, precisa me contar. Nossas vidas podem depender disto. É capaz de compreender o que estou dizendo? — A urgência na voz de Masako vibrava dentro do espaço apertado do carro. Ficava olhando furiosamente para o cinzeiro, que já estava transbordando, enquanto esperava a resposta.

— Não — Yayoi respondeu, enfim. — Não aconteceu nada.

— Fico contente em saber disso — cedeu. — Se é assim, não posso fazer nada por você...

— Masako... — disse Yayoi, como se quisesse interrompê-la. — Acha que a culpa é minha?

— Não, não acho.

— Mesmo?

— Mesmo. — E depois de dizer isso, desligou o telefone. Nunca culpou Yayoi. Se fosse para colocar culpa em alguém, seria nela própria. Só que, ainda assim, não tinha intenção de pedir desculpas para ninguém, e nem se arrependia de como havia lidado com aquilo tudo. A única coisa que agora a preocupava era que havia alguém bloqueando-lhe a saída, e queria saber como iria fazer para driblá-lo. Mesmo se contasse para as outras o que estava planejando, sabia que nenhuma delas a acompanharia; e de qualquer forma, não estava mesmo querendo companhia.

Masako olhou para baixo, para suas mãos ossudas, sua única fonte de consolo agora. Levando-as lentamente ao rosto, voltou a se lembrar de que era a única pessoa em quem poderia confiar. Ninguém mais. Lembrava-se do quanto havia se sentido sozinha ao se dar conta disso, naquele dia de verão na mata, quando foi verificar o lugar em que havia enterrado a cabeça de Kenji.

O ar dentro do carro ficou quente e carregado. Subitamente se sentiu sonolenta e fechou os olhos com o motor ligado.

Quando despertou, meia hora mais tarde, ainda estava sentada ali, estacionada ao lado da silenciosa rua que levava à fábrica. A grama que acompanhava a margem da via havia ficado marrom devido à queda brusca de temperatura da noite. De onde estava sentada, conseguia ver a cobertura de concreto que Kazuo tinha puxado de cima da galeria de escoamento, que permanecia escorada como se fosse uma sepultura aberta. Dentro de mais ou menos dez horas, Satake passaria por ali com seu uniforme, parecendo um sujeito anônimo como outro qualquer.

A área em frente à estação de Higashi-Yamato estava vazia, como sempre. A poeira girava em um redemoinho no terreno vazio que acompanhava os trilhos do trem, e um monte de crianças do ensino fundamental, vestidas com muito esmero para alguma excursão, estavam paradas em frente ao ringue de patinação. Masako estacionou atrás da estação, passou pelo meio

das crianças e atravessou a rua apressadamente, para depois se entranhar por um beco firmemente protegido por grades. O vento estava gelado e seu cheiro lembrava vagamente o de lixo. Preocupada de repente em chegar atrasada, ela apressou o passo.

Chegou a uma pequena casa de sushi com um aviso de “fechada” no vidro e subiu correndo a escada franzina que ficava ao lado, indo para o Centro de Um Milhão de Consumidores. Ficou escutando atrás da porta de compensado que ficava ao fim do corredor. Passou alguns instantes sem nada ouvir, mas chegou uma hora em que conseguiu definir o que era o ruído de uma pessoa movimentando-se silenciosamente lá dentro.

— Jumonji-san — chamou. — Abra, é Masako. — Ele abriu a porta um pouco depois, com uma cara bem parecida com a que estava mais cedo. Só que agora estava suando, talvez devido à pressa de finalizar seus preparativos. As gavetas das escrivaninhas e o arquivo estavam abertos. Como já conhecia Jumonji, sabia que estava procurando qualquer coisa de valor que pudesse levar, e seus empregados teriam uma surpresa bem desagradável quando chegassem mais tarde.

— Então, é você — disse ele.

— Desculpe-me. Assustei você? — perguntou, e em resposta, ele riu, constrangido, mas não disse nada. Parecia estranho não haver mais ninguém no escritório. — O seu pessoal pediu demissão? — emendou com outra pergunta.

— Uma pessoa vem à tarde. Acho que ficará um pouco surpresa. — Ele sorriu de novo enquanto a levava para dentro do escritório. — O que houve? Achei que não fosse voltar a vê-la.

— Que bom que peguei você. Queria que me desse algumas informações sobre o empréstimo de Kuniko. Fez o histórico de crédito dela antes de emprestar-lhe o dinheiro?

— É claro — ele confirmou. — Mas que diferença faz? — Ela passou um tempo olhando para ele e entendeu que havia chegado ao seu limite.

— Descobri quem é Satake — revelou.

Ele arregalou os olhos.

— Quem?

— Um segurança chamado Sato que trabalha no nosso estacionamento.

— Que merda! — ele exclamou, talvez surpreso por Satake ter se dado a tanto trabalho, ou por Masako ter conseguido desentocá-lo. — Tem certeza?

— E não é só isso, está morando no prédio de Kuniko.

— Conheci algumas figuras bastante assustadoras em meus dias de motoqueiro lá em Adachi, mas nunca vi ninguém como esse sujeito. Ele está em um patamar totalmente diferente — ele murmurou, lembrando-se do homem que havia visto na noite em que foi buscar o corpo de Kuniko. Jumonji passou a mão pelos cantos da boca, como se houvesse algo grudado ali que precisasse tirar. Masako olhou em volta do escritório praticamente vazio.

— Parece que os negócios estão andando devagar — observou.

— Devagar quase parando, pode-se dizer. De qualquer maneira, a ficha de Kuniko deve estar para lá. Pode pegar, se quiser, mas ainda não consegui enxergar que benefício poderia trazer. — Masako encontrou a parte do “J” no arquivo. Ela tirou os papéis de Kuniko e estudou a ficha do empréstimo, preenchida com os rabiscos desordenados de Jumonji, procurando possíveis empréstimos vencidos. — O que está querendo? — ele perguntou, tirando o paletó. Pelo jeito, sua curiosidade havia sido despertada.

— Estou procurando alguma coisa que possa usar.

— Usar como?

— Para incomodar Satake um pouco — disse.

— Nem pense nisso — ele murmurou. — Vamos simplesmente dar o fora. — Masako examinou a cópia da carteira de habilitação de Kuniko. Estava exageradamente maquiada na foto, e seu rosto estava insípido e pálido.

— Jumonji-san?

— O quê?

— Como se requer falência?

— É bem fácil — ele respondeu. — É só aparecer na vara cível um monte de vezes.

— Infelizmente não temos como conseguir alguém que se passe por Kuniko — disse ela, batendo o dedo de leve na fotografia da habilitação. Yayoi, mesmo que eles conseguissem que aceitasse fazer parte do esquema, nunca conseguiria passar-se por ela. Além disso, o tempo era escasso.

— O que está planejando? — Jumonji perguntou, olhando fixamente para ela.

— Estava pensando se, de repente, não conseguiríamos fazer com que Kuniko requeresse falência, e aí, inscreveríamos Satake como cossignatário de seus empréstimos.

— Sabida! — ele exclamou, rindo nervosamente. — Mesmo que não consigamos solicitar a falência, ainda podemos fazer dele o cossignatário e dizer aos credores que ela fugiu da cidade. Hoje em dia é tudo feito pelo telefone mesmo. Eu só precisaria dar uns telefonemas para alguns “colegas” do ramo. Eles topam qualquer coisa se acharem que vão ganhar dinheiro.

— Pode *dizer* aos outros simplesmente que Satake foi o cossignatário dos empréstimos dela?

— É simples assim. Nem precisa ter contrato. O lado ruim é que ele não fica sendo muito responsável por fazer os pagamentos, mas ainda assim, vão encher o saco dele de tal maneira até que alguém pague.

— É só o que quero — disse Masako. — Daí, pode espalhar por aí que Kuniko sumiu?

— Está resolvido.

— Vamos preencher alguns papéis de empréstimo e colocar o nome dele. Você deve ter alguns lacres já prontos por aí. — Jumonji foi até a sua mesa e tirou um lata de biscoitos da gaveta. Ele a destampou com dificuldade, com uma expressão maliciosa no rosto, e mostrou a ela os vários lacres falsificados que havia lá dentro.

— É bem feito por ter escolhido um nome tão comum quanto Sato — disse ele, resgatando rapidamente três lacres com aquele nome.

— Pode ir embora assim que terminar.

— Até meio-dia eu acabo — disse ele. A cor havia voltado às suas bochechas.

— Pelo menos vamos poder dar um susto nele e tirá-lo do buraco em que está escondido — disse, abrindo um pequeno sorriso enquanto imaginava Satake dormindo, sem sequer suspeitar de nada, em seu apartamento.

4

Apenas assustá-la seria entediante.

Satake estava na horta do terraço de um supermercado que ficava do outro lado da estação. O local estava praticamente vazio, talvez devido ao clima frio e nebuloso, ou porque a loja andava perdendo clientela para os enormes supermercados que estavam sendo construídos mais além, no subúrbio. Alguns pais com crianças pequenas tentavam acompanhá-las, andando, confusos, de um lado para outro no pequenino parque de diversões, e um casalzinho de colegiais exagerava nos beijos e nas carícias em um canto. Fora isso, estava vazio.

Passou algum tempo parado, de pé, olhando para a improvisada loja de animais de estimação que ficava ao lado do fliperama. As cinco gaiolas sujas que estavam à frente eram ocupadas por filhotes letárgicos de cães e gatos de raças comuns que ficaram ali pela loja por muito tempo e pareciam um pouco grandes demais. Enquanto os observava atentamente, com o cigarro na mão, eles se retraíam. Satake se lembrou de como Anna o acusara de tratá-la como um poodle de madame. Por apenas um instante, sentiu falta da pele macia e dos traços perfeitos da mulher que transformara na melhor entre todas da Mika. A preferida entre todos os animaizinhos de estimação da loja.

A própria Anna passou a ter consciência, depois que se dera conta daquilo, de que nunca seria capaz de manter tal posição, por mais que tentasse. Era simplesmente daquele jeito que as coisas funcionavam. Havia sido tão popular justamente porque não sabia que era um produto. Mas tudo acabou assim que percebeu, e sempre haveria uma sombra de consciência daquele dia em diante. É uma qualidade essencial em uma mulher para que um homem se apaixone por ela; só que homens interessados apenas em comprar o corpo de uma mulher detestam isso mais que qualquer outra coisa. O que queriam era uma mulher bonita que não tivesse a menor noção de que o era; não uma gata, mas uma filhotinha de gata. Foi por isso que ele se dispôs a mimar e agradar a Anna, esperando mantê-la na ignorância — e também por isso que foi tão irônico

que se apaixonar por ele tenha sido sua ruína. Anna parecia bem no bar em que estava trabalhando agora, mas aquilo duraria somente mais uns seis meses, no máximo. Ele sentiu pena dela, mas a sensação era praticamente igual à pena que sentia dos gatos e cachorros que estavam presos naquelas gaiolas. Ele passou seu dedo comprido por entre as barras, mas o cãozinho recuou, tremendo.

— Não tenha medo — disse. É uma coisa chata quando ficam puxando o saco, sobem em cima e assumem uma postura de bajulação. Por outro lado, se confiam demais, são simplesmente muito burros. Isso é que é uma coisa chata dos animais de estimação, ou são bajuladores ou burros. Subitamente farto daquilo tudo, Satake saiu e se afastou da loja. Enfiou a cabeça no fliperama vazio e exageradamente iluminado que ficava ao lado e depois passou pelo meio da pequena horta do terraço. A cidade cinzenta e pálida estendia-se ao longe na direção de Tama Hills. Satake considerou aquilo um monte de lixo e cuspiu na grama artificial. Os namorados lá no canto e os pais no parquinho de diversões olharam para ele espantados.

Masako Katori não havia aparecido na fábrica nos últimos quatro dias, desde que deixara o Golf de Kuniko no estacionamento para ela. Talvez tenha pedido demissão. Mas isso seria decepcionante demais. Tinha ficado tão empolgado quando percebera ter encontrado uma mulher que achou que tivesse nervos de aço, mas se um mero truquezinho daqueles levava-a a fugir correndo, era inútil para ele. No final das contas, será que teria tanto medo dele quanto todo mundo? Será que havia se enganado naquela noite, no caminho para a fábrica, ao achar que ela sentira alguma coisa — uma afinidade?

Voltou a tomar o caminho da loja de animais de estimação. Os cães e os gatos acompanhavam-no com os olhos patéticos. Teve a sensação de que alguma coisa começava a se definir em seu interior, e deixou o telhado, descendo apressadamente pela escada. Conforme corria, sua pulsação acelerava-se, com a lembrança de seu corpo na excitação daquela noite de verão, quando perseguira aquela outra mulher pelas ruas de Shinjuku. A expressão dela o fez vibrar mais que qualquer coisa que algum dia já tinha conhecido. Só que, com Masako, estava se sentindo decepcionado e irritado. Queria fazê-la sofrer, não queria simplesmente assassiná-la de qualquer maneira como havia feito com a gordona. Teria sido engano imaginar que viera predestinado a conhecê-la? As mãos dentro dos bolsos cerraram-se em punhos.

Em um salão de *pachinko* que ficava ao lado da estação, Satake ganhou o prêmio máximo três vezes na mesma máquina, e as regras não permitiam que ninguém ganhasse mais que isso. Antes de sair, desferiu um chute forte no troço, e um funcionário da casa foi correndo em sua direção para reclamar.

— Senhor! — o homem chamou-o.

— O que foi? — respondeu, virando-se para encará-lo. Seu olhar ameaçador fez com que o sujeito parasse na metade do caminho. Satake retirou três notas de ¥10 mil do bolso, atirou-as na calçada, e depois ficou olhando e fazendo uma carranca enquanto o homem as catava. Havia bastante do dinheiro de Yayoi para permitir tal atitude. Ele não estava jogando *pachinko* pelo dinheiro de qualquer maneira...

Um impulso de violência crescia em seu interior. Parecia estranho que fosse possível alguém matar uma pessoa e depois ficar ainda mais violento, mas nos últimos dias vinha se sentindo tão cheio de uma fúria impaciente, que parecia prestes a lhe sair pelos poros. Ao mesmo tempo, parte dele vinha observando friamente seu próprio progresso rumo à explosão.

Passou por uma deserta galeria de lojas com os ombros caídos e mal-humorado. As novas fachadas das lojas eram frívolas e artificiais, as mais antigas pareciam sombrias e depressivas. Sentia fome, mas não estava a fim de comer. À noite, novamente, não teria nada para fazer além de deixar o Golf no estacionamento e esperar Masako. Voltou para o supermercado e encontrou o carro. Ao abrir a porta, olhou para o amontoado de fitas cassete e sapatos; havia deixado a bagunça de Kuniko da mesma maneira que a encontrara. Um par danificado de sapatos jogado de qualquer jeito no lado do carona fazia com que ele se lembrasse especialmente dela, e Satake o ficou olhando com repugnância. O cinzeiro exibia a única evidência de que o carro tinha outro motorista: agora as bitucas eram da marca que Satake fumava, e ele o esvaziava com frequência.

Se passasse o máximo de tempo possível passeando de carro por aquela área, mais cedo ou mais tarde acabaria esbarrando em Masako. Sentiria grande prazer em ver a cara dela quando aquilo acontecesse. Se ela tivesse mesmo deixado de trabalhar na fábrica, não teria muita opção, a não ser procurá-la daquela maneira, como quem procura uma agulha em um palheiro, embora fosse uma atitude obsessiva e arriscada. Lembrou da

cara que ela fizera ao chegar ao estacionamento e ver o carro de Kuniko lá estacionado. Por somente um instante, seu rosto congelou, e depois ficou inexpressivo, como se nada tivesse acontecido. Só que os lábios contraídos a traíam. Conseguiu ver a reação dela, mesmo lá da guarita. Depois que saiu do carro e deu a volta ao redor do Golf, ela ficou ainda mais chocada ao ver como estava estacionado, da mesma maneira que Kuniko costumava deixar. Percebera porque ela não conseguira esconder as falhas de sua voz quando foi perguntar-lhe a respeito do carro. Aquele tom próprio de medo. Lembrando-se daquilo, riu sem fazer alarde. Mas só o medo não bastava. Mais propriamente, tudo bem haver o medo, contanto que não a levasse a subserviência e súplicas. Pensou nos cachorros da loja de animais e no jeito feio com que Kuniko implorou por sua vida. Sentindo uma repulsa súbita, atirou os sapatos dela para fora do carro e eles chocaram-se violentamente contra o concreto manchado.

Entrou na vaga de Kuniko no estacionamento do edifício e estava trancando a porta do carro quando uma jovem, que aparentemente ficou esperando por ele, foi caminhando depressa em sua direção. Não a reconheceu, mas pelo avental e pelas sandálias, concluiu que deveria ser uma das donas de casa do prédio. Estava sem um pinga de maquiagem no rosto, mas seus cabelos estavam presos pra cima em um coque e chegavam a estar úmidos de tanta musse, como se tivesse vestido apressadamente uma peruca. Para Satake, estava horrenda.

— O senhor conhece a dona do carro? — ela perguntou. — Jonouchi-san?

— É claro que conheço. Estou usando o carro dela emprestado, não estou? — Tinha consciência de que, quanto mais saísse com o Golf, seria cada vez mais provável ouvir perguntas como a daquela moça.

— Perdão, não tive intenção de sugerir... — Seu rosto ruboresceu-se por ela já ter aparentemente tirado as próprias conclusões a respeito da relação dele com Kuniko. — É porque não a tenho visto por aí ultimamente.

— Eu próprio não sei direito para onde ela foi — disse.

— Mas não está dirigindo o carro dela? — perguntou a mulher, olhando com curiosidade.

— Arrumei um emprego de segurança da fábrica em que ela trabalhava. Quando percebemos que morávamos no mesmo edifício, ela me pediu que cuidasse do carro enquanto estivesse viajando. Não fui eu que pedi. — Ele agitou as chaves em frente ao rosto dela, procurando fazer com que visse a inicial “K” no chaveiro.

— Entendi — disse a mulher. — Mas para onde será que ela foi?

— Creio que só tenha ido fazer uma viagensinha. Duvido que seja motivo para se preocupar.

— Mas há dias que ela não aparece em casa, e não consegui falar com ela sobre a vez dela de limpar as latas de lixo. A secretária eletrônica dela fica ligada o tempo todo, e também ninguém mais viu o marido dela.

— Ela pediu demissão da fábrica — Satake revelou. — Talvez tenha ido visitar a família.

— E você vem usando o carro enquanto ela não volta? — a mulher perguntou, e sua voz voltou a deixar transparecer uma ponta de suspeita.

— Estou pagando para usá-lo — disse.

— Ah, entendi — ela respondeu, endurecendo levemente ao ouvir falar em dinheiro. Satake achou graça naquilo. Era sustentada pelo salário do marido, mas não gostava nada que uma coisa cafona como dinheiro aparecesse no meio da conversa.

— Lamento — disse, apressando-se para passar por ela. — Estou com pressa. — Decidiu que daquele dia em diante teria que parar de usar o carro. Só o dirigiria quando fosse para o trabalho. Ao se aproximar do prédio, percebeu que havia um sujeito de meia-idade, vestido com uma capa impermeável nova, parado próximo às caixas de correio. Pensou logo que talvez fosse da polícia, mas depois de analisá-lo cuidadosamente, observando-o com o canto do olho enquanto passava, percebeu que não tinha olhos de policial. Satake supôs que fosse um vendedor enquanto o via verificando os nomes nas caixas de correio. Porém, quando o viu deter-se ao chegar à caixa do número 412, Satake entrou no elevador.

Depois de deixá-lo, ficou olhando para saber se o elevador voltaria para o primeiro andar. Depois, foi caminhando lentamente pelo corredor, mergulhando a cabeça em meio a um gélido vento setentrional. No entanto, ao se aproximar do apartamento, já tirando a chave do bolso, ergueu o olhar e viu um jovem de pé em frente à sua porta. O sujeito trajava um casaco curto e branco, com uma calça rosa, e os cabelos tingidos de castanho-alaranjado. Satake viu quando ele colocou alguma

coisa dentro do bolso, provavelmente um telefone celular. Não estava gostando nem um pouquinho do que estava vendo.

— Seu nome é Sato? — perguntou o homem, que parecia ter certeza da resposta. Obviamente, não era da polícia. Não havia como confundir a aparência de um integrante da yakuza. Satake ignorou a pergunta e seguiu em frente para abrir a porta, imaginando de que maneira aquele rapaz poderia estar ligado ao que vira lá embaixo. Só que, quando foi levar a mão à maçaneta, viu que estava coberta por uma espécie de tecido preto. O homem ficou observando em silêncio, prendendo o riso.

— Mas que merda é esta? — Satake resmungou.

— Dê uma boa olhada — disse o visitante. O sangue subiu correndo para a cabeça de Satake quando se deu conta de que o tecido preto era a calcinha de Kuniko, a mesma que havia usado de mordaca.

— É você o responsável por isto? — perguntou, agarrando o homem pela gola do paletó. Contudo, o sujeito pareceu não se impressionar e apenas riu disfarçadamente e sem muito alarde, sem tirar as mãos dos bolsos.

— Eu não. Já estava aí quando cheguei.

Então só poderia ser Masako. Satake soltou o homem, tirou a peça da maçaneta com um puxão e a depositou de qualquer maneira dentro do bolso. O tecido ficara gelado devido à exposição ao vento.

— Não fui eu — o homem repetiu, cutucando a lateral do corpo de Satake. — E quem você acha que é para ficar me empurrando?

— O que é que você quer? — Satake perguntou, empurrando-o para trás.

— Mostrar-lhe isto aqui. — Ele tirou um papel do bolso e levou-o bem próximo ao rosto de Satake. Era uma nota promissória de um lugar chamado “Créditos Midori”, de um empréstimo de dois milhões de ienes para Kuniko Jonouchi.

— E o que é que isso aí tem a ver comigo?

— Seu nome está aqui como cossignatário, e a tal Jonouchi fugiu da cidade.

— Não sei de nada sobre isso — mentiu, mas com a consciência de que alguém havia armado uma boa. Era impossível que qualquer agiota fosse maluco de emprestar aquela quantia toda para Kuniko, então, a história toda deve ter sido perpetrada para se vingar dele. Agora aqueles

sujeitos mal-encarados ficariam no pé dele, rondando o prédio, chamando atenção para ele.

Com a voz subitamente muito mais alta, o homem falou:

— Como assim, não sabe de nada sobre isso? — A porta de um dos vizinhos, que ficava pouco após a dele, se abriu e uma mulher colocou a cabeça para fora. Ela ficou olhando com nervosismo para os dois, o que pareceu ser claramente o efeito desejado pelo visitante. — Então o que é isto aqui? — ele perguntou, voltando a mostrar-lhe o documento e indicando o espaço para cossignatários. “Yoshio Sato” estava bem nitidamente escrito aqui. Satake abriu um sorriso.

— Não sou eu.

— Então é quem?

— Como é que eu vou saber? — Naquele exato momento, a porta do elevador abriu-se ao fim do corredor, e o sujeito que Satake havia visto perto das caixas de correio vinha caminhando na direção deles. Era evidente que os dois malandros estavam trabalhando juntos.

— Eu me chamo Miyata — disse ele, ao se aproximar de onde estavam os outros dois. — Sou da Créditos Oriente. Nossa cliente Jonouchi-san está um pouco atrasada nas parcelas do financiamento de seu carro e ficamos sabendo que desapareceu.

— O seu também tem o meu nome como fiador? — Satake perguntou.

— Receio que sim — respondeu. Satake falou um palavrão e ficou imaginando quantos mais iguais àqueles dois apareceriam para encher seu saco. Àquela altura, já deveria ser cossignatário de um monte de empréstimos. Masako, muito provavelmente com o auxílio de Jumonji, deve ter falsificado os documentos e entregado aos seus coleguinhas do ramo da extorsão; e depois espalharam que Kuniko desapareceu, soltando os cachorros em cima dele.

— Está bem — aceitou. — Creio que não me resta muita alternativa. Se puderem deixar a papelada aí, eu vejo o que posso fazer. — Aparentemente reanimados por aquela mudança súbita de atitude, os dois entregaram-lhe as cópias dos contratos.

— E quando veremos a cor do dinheiro? — perguntou o mais jovem.

— No máximo dentro de uma semana eu pago tudo.

— Se não cumprir a promessa, voltarei aqui com uns amigos, e desta vez, não seremos tão sociáveis. Pode dar isso como certo. — Satake estranhou, pois aquele tipo de gente não costumava ser tão severa na

primeira visita. Jumonji deve ter procurado logo a turma mais encenqueira de que conseguira se lembrar.

— Entendi — respondeu. No decorrer da conversa, vários outros vizinhos saíram e ficaram observando a distância, em segurança. Os dois pareciam satisfeitos por terem conseguido atrair tanta atenção para Satake. Cumprimentando Miyata com um gesto da cabeça, Satake abriu a porta e entrou com ligeireza. O mais jovem tentou bisbilhotar, mas Satake fechou a porta com determinação logo que entrou e só então acendeu a luz. Quando foi inspecionar pelo olho mágico, eles já não estavam mais lá.

— Merda — resmungou, atirando ao chão a calcinha de Kuniko e dando-lhe um chute.

Enquanto não pagasse, ficariam de olho nele, viveriam pressionando-o. E o que era ainda pior, os outros moradores do prédio também passariam a prestar mais atenção nele. A mulher do estacionamento deve ter andado conversando com um daqueles dois, o que a levava a ficar intrometida. Até tinha alguns milhões de ienes para liquidar os empréstimos, mas agora não poderia mais ficar naquele apartamento, já que os vizinhos estariam de olho aberto; e Masako provavelmente sabia que as financeiras o seguiriam até a fábrica caso não pagasse, assim, acabando com a brincadeirinha dele por lá.

Abriu o armário e tirou a bolsa preta de náilon que havia trazido de Shinjuku. Encheu-a com os montes de dinheiro e os relatórios da agência de detetives, e então, pensando melhor, resgatou a calcinha de Kuniko e também atirou-a de qualquer maneira dentro da bolsa. Seus olhos percorreram o apartamento vazio e se detiveram na cama próximo à janela. Tinha sonhado em amarrar Masako sobre ela e torturá-la... mas não era para ser. Mesmo assim, seu rosto ostentava um sorriso discreto. O prazer que havia sentido em encontrá-la estava retornando; só que, agora, ainda mais forte. Até mais do que o prazer que sentira no dia em que vira aquela outra mulher pelas ruas de Shinjuku. Seu desejo de liquidar Masako era ainda maior que o desejo que havia sentido pela outra: e naquele desejo, sentia prazer.

Deixou a luz acesa, levou a bolsa e deixou o apartamento. Depois de garantir que não havia ninguém no corredor, desceu pela escada dos fundos. Ao chegar ao primeiro andar, avistou o jovem da parca parado um pouco distante dali, tremendo naquele frio, enquanto olhava para cima, para a janela de Satake. Aparentemente tranquilo pelo fato de a luz

permanecer acesa, aliviou por alguns instantes sua averiguação para olhar para uma jovem que acabava de voltar do trabalho. Satake, percebendo a chance, correu por trás do galpão de lixo, ao longo de uma fileira de arbustos, até chegar à rua. Por enquanto, precisaria de um hotel qualquer. Não fazia ideia do quanto demoraria para cair a ficha deles que Satake os havia engabelado, e irem procurá-lo na fábrica.

Naquela noite, foi para o trabalho com um carro alugado. Tinha certeza de que Masako iria aparecer, pois já deveria estar sabendo que seu plano havia sido um sucesso e iria conferir o resultado de sua artimanha. Sabia que *ele próprio* o faria — e ela era extremamente parecida com ele. Satake fumou um cigarro na guarita, esperando que o Corolla dela aparecesse, e imaginando a cara que ela faria.

Ela chegou pouco antes das 23:30h, bem pontual. Quando ergueu o olhar, percebeu-a de relance no reflexo da luz dos faróis. Seu rosto não ostentava qualquer expressão quando ela passou pela guarita, e fez questão de não se virar para olhar. Vagabunda prepotente. Deve estar imaginando todas as complicações em que me colocou. Seu sangue fervia com um ódio puro e uma admiração distorcida pela maneira que ela havia provocado seu ódio. E aquilo o deixava tonto.

Ele escutou a porta do carro bater e o ruído dos passos dela sobre o cascalho, conforme caminhava na direção dele. Deixou o abrigo e plantou-se imediatamente à frente dela.

— Boa-noite — saudou-a.

— Boa-noite — ela retribuiu, olhando dentro dos olhos de Satake. Seus cabelos desatados caíam-lhe sobre os ombros de uma jaqueta repleta de remendos. Via-se a ponta de um sorriso em seu rosto fino. Solucionar o enigma de sua identidade e expulsá-lo do apartamento deixou-a bastante autoconfiante. Com muito esforço, obrigou-se a manter a calma.

— Devo acompanhá-la até a fábrica? — perguntou com um tom de voz quase respeitoso.

— Não, obrigada.

— O escuro pode ser perigoso.

Masako hesitou por um segundo.

— Você é que é o perigo — ela falou, simplesmente para provocar.

— Não sei se entendi direito o que quer...

— A brincadeira acabou, Satake — ela o interrompeu.

Quando perseguiu aquela outra mulher pelas ruas de Shinjuku, Satake sentiu uma empolgação incontrolável; mas aquilo era diferente. Desta vez, conseguiu refrear sua emoção, embora sentisse-a percorrendo seu corpo inteiro, tentando arrumar um jeito de escapar. O prazer, retardado assim, era ainda mais pungente.

— Você é uma vagabunda tinhosa — disse. Masako o ignorou e partiu em direção à fábrica. Será que iria mesmo arriscar-se a ir sozinha por todo aquele caminho? Começou a segui-la a uma distância bem curta, e sentia-se quase capaz de escutar seu coração batendo forte ou sentir a tensão nos seus ombros. Mas ela seguiu em frente em meio a toda aquela escuridão, e recusava-se a deixar transparecer o mínimo vestígio de medo. Ligou a lanterna e iluminou o chão alguns passos à frente dela.

— Já falei que não quero saber de companhia — disse ela, atacando-o. — Não quero ser estrangulada em um local destes. — Sentiu mais uma onda de prazer. Como a detestava! E a sensação era muito mais forte que qualquer coisa que já havia sentido pela lindíssima Anna. Ânsia e ódio, unidos, de algum modo, pelo risco da autodestruição. Se resolvesse simplesmente agarrá-la ali naquele momento, nocauteasse-a e depois a assassinasse na fábrica abandonada? Divertiu-se com a ideia por um instante, mas no final das contas, pareceria um pouco mundano demais.

— Não iria achar muito certo me matar em um lugar assim, não é mesmo? — ela perguntou, como se adivinhasse-lhe os pensamentos. — Antes você quer me fazer sofrer. Por que está... — O ruído estridente e prolongado de freios de bicicleta a interrompeu, e os dois viraram-se para ver Yoshie chegando por trás deles.

— Bom-dia — ela os cumprimentou, olhou de relance para o segurança e passou a acompanhar o passo de Masako.

— Capitã! — Masako exclamou. — O que está fazendo aqui?

— Queria falar com você. Que sorte termos nos esbarrado! — Satake direcionou a luz da lanterna para o rosto de Yoshie por um instante. Ela fez uma cara feia em meio àquele clarão súbito e olhou ligeiramente para Masako, que parecia sorrir com malícia bem no limite do círculo de luz.

5

Estava sã e salva. Masako respirou fundo quando viu o rosto de Yoshie. Quase tinha parado de respirar quando se deu conta de que ele provavelmente a mataria e tinha certeza de que o faria se deixasse transparecer o menor sinal de fragilidade. Aquilo a levou a se recordar de sua infância, quando levou uma corrida de um cão bravo depois de cometer o erro de olhar em seus olhos. “Foi por pouco”, ela repetia para si mesma em pensamento, tentando voltar a respirar normalmente.

Agora ela sabia que o ódio dele estava prestes a eclodir, e a brincadeira de empurrá-lo para a beira do precipício parecia trazer-lhe muito prazer. Já havia percebido a fascinação nos olhos dele, o prazer que ele sentia em brincar de gato e rato. Contudo, também viu que alguma coisa em seu interior estava perturbada e o impelia rumo a uma explosão. Algo que ela também sentia dentro de si mesma; uma parte dela que se considerava secretamente disposta a morrer, contanto que fosse pelas mãos dele.

Ela fitava a tenebrosa fábrica abandonada que surgia gradualmente adiante. A sensação de vazio daquela instalação parecia igualar-se à que habitava o seu interior. Será que, de alguma forma, era um símbolo da própria vida arruinada? Será que ela vivera 43 anos apenas para se dar conta daquilo? Masako não conseguia parar de olhar para ela.

— Quem era aquele? — Yoshie perguntou, inquieta, olhando para trás, na direção do estacionamento. Ela vinha pedalando a bicicleta pesada ao longo da rua irregular.

— O segurança — Masako respondeu. A guarita parecia um farol em meio a toda aquela escuridão, com Satake ao seu lado, a observá-las. Esperaria que ela voltasse.

— Ele me deixa toda arrepiada — Yoshie revelou.

— Por quê?

— Não sei — Yoshie respondeu, mas não prosseguiu, parecendo não muito disposta a se dar ao trabalho de explicar. O farol de sua bicicleta projetava um brilho fraco na rua à frente.

— O que tem feito? — Masako perguntou, pois não se viam desde que cuidaram de Kuniko, há uma semana.

Yoshie suspirou, transparecendo esgotamento.

— Perdão, é que tive que dar conta de um monte de coisas. — Ela estava trajando o mesmo casaco que sempre usava durante o inverno, e Masako lembrou-se do quanto o forro de flanela tornara-se fino e puído. Ela ficou se perguntando se a própria Yoshie não iria, um dia, também, simplesmente se esgotar.

— Que monte de coisas? — Masako perguntou. Ela presumiu que Satake não tinha ido atrás de Yoshie. Estava bem claro que agora só queria saber dela.

— Miki fugiu de casa — Yoshie contou. — Desde então, não a vejo. Eu sabia que a irmã era um mau exemplo, mas nunca achei que logo *ela* fosse sumir assim. Agora estou muito sozinha naquela casa. Não sei se consigo aguentar. — Masako escutava em silêncio, pensando se Yoshie tinha alguma saída. — É uma coisa tão besta! Ela foi embora antes de eu dizer que havia arrumado mais dinheiro. Até onde ela sabia, não poderia ir para a faculdade, já que aquele outro dinheiro tinha sumido. Parece que está tudo indo para o inferno.

— Tenho certeza de que ela volta.

— Não volta, não. É igualzinha à irmã. Vai acabar do lado de algum inútil, e não posso fazer nada quanto a isso. Minhas filhas são umas burras e não posso fazer nada de nada quanto a isso. — Conforme seguiam adiante, Yoshie repetia esse refrão desesperançado. Ela falava quase como se pedisse desculpas, mas a fonte de seu arrependimento era uma coisa que não ficava clara. Elas passaram pela fábrica abandonada, pela velha pista de boliche, por uma sequência de casas, e saíram na rua larga, ladeada pelo extenso muro da fábrica automotiva. Virando à esquerda, já estariam quase na fábrica. — Vou ficando por aqui — disse Yoshie, alongando as costas. Seus ombros curvados faziam-na parecer uma velha.

— Vai pedir demissão?

— Não dá mais para trabalhar aqui — ela respondeu. Masako não contou que também seria sua última noite. Havia ido para a fábrica para deixar o pedido e pegar o dinheiro e o passaporte que Kazuo estava guardando para ela. Se tivesse êxito em sobreviver àquela noite, talvez conseguisse fugir de Satake de uma vez por todas. — Queria a

oportunidade de conversar com você por alguns minutos — disse Yoshie. — Foi por isso que vim por este caminho.

Não poderiam conversar na área de descanso dos funcionários após o expediente? Imaginando o que Yoshie poderia querer, Masako ficou esperando próximo à escada enquanto a outra foi prender a bicicleta. Não se viam estrelas no céu, pois uma espessa barreira de nuvens parecia pairar sobre suas cabeças, embora até elas estivessem invisíveis. Sentindo-se oprimida, como se um enorme peso estivesse a se abater sobre ela, Masako ergueu o olhar na direção da fábrica. Neste momento, a porta que ficava no topo da escada foi aberta.

— Katori-san — chamou uma voz. Era Komada.

— Pois não?

— Sabe por acaso se Yoshie Azuma vem trabalhar hoje?

— Ela acabou de ir prender a bicicleta. — Komada desceu correndo a escada, ainda segurando seu rolo adesivo. Yoshie surgiu assim que ela desceu o último degrau.

— Azuma-san! — gritou. — Precisa voltar para casa agora mesmo!

— Por quê? — Yoshie perguntou.

— Acabaram de ligar dizendo que houve um incêndio na sua casa.

— Houve? — Seu rosto embranqueceu-se. Komada olhou para ela com pena.

— Vá de uma vez — disse.

Com a voz sem deixar transparecer emoção alguma, Yoshie falou:

— Já deve ser tarde demais para fazer qualquer coisa.

— Tenho certeza de que não. Agora ande logo! — Yoshie virou-se vagarosamente na direção dos cavaletes onde se guardavam as bicicletas. Várias outras mulheres chegavam para trabalhar e Komada partiu escada acima para ir ao encontro delas.

— Disseram alguma coisa da sogra dela? — Masako perguntou a Komada.

— Não, mas falaram que a casa virou cinza. — Ela olhou para trás, por sobre o ombro, consciente de que era uma notícia terrível de se dar, e entrou na fábrica. Masako ficou esperando Yoshie sozinha. Ainda se passaram vários minutos até que ela aparecesse com a bicicleta, como se estivesse criando forças para encarar mais aquela provação. Masako olhou para o seu rosto cansado.

— Lamento, mas não posso acompanhá-la — desculpou-se.

— Eu sei — disse Yoshie. — Não achei que pudesse mesmo. Foi por isso que vim me despedir aqui.

— Tinha seguro?

— Um pouco.

— Cuide-se — Masako aconselhou.

— Você também. E obrigada por tudo. — Inclinou a cabeça em uma mesura e então partiu de volta percorrendo o mesmo caminho pelo qual tinham chegado. Masako ficou observando conforme a luz de Yoshie ficava cada vez mais fraca, até desaparecer quando fez a curva rumo à fábrica. A distância, uma lânguida claridade rósea ascendia-se sobre a cidade, e muito mais perto, um pilar de centelhas fazia o mesmo sobre a velha casa de madeira. Yoshie, afinal, havia encontrado uma saída. Com o desaparecimento da filha, deve ter perdido todas as esperanças, e com elas, sua última razão para hesitação. Masako ficou pensando se provocou Yoshie até ultrapassar os limites. Havia contado a ela sobre o risco que Satake representava, o que deve ter lhe plantado a ideia na cabeça. Passou mais alguns instantes parada, incapaz de desviar o olhar. Quando, enfim, conseguiu virar-se e subir a escada, Komada pareceu surpresa ao vê-la.

— Não foi com ela?

— Não — Masako respondeu. Komada passou-lhe o rolo nas costas sem o menor cuidado, como se a castigasse por abandonar uma amiga.

Já estava quase na hora do expediente começar. Masako foi apressadamente até a área de descanso dos funcionários e olhou em volta, procurava Kazuo. Não estava com os outros brasileiros, tampouco na área de troca de roupa. Quando Masako foi olhar seu cartão de ponto, descobriu que era sua noite de folga. Komada tentou detê-la, mas Masako, rapidamente, calçou de novo os sapatos e saiu correndo.

Tudo havia mudado instantaneamente. Aquela era a noite decisiva. Partiu a pé rumo ao dormitório de Kazuo. Mais adiante, Satake a esperava. Virou à esquerda, olhando com muita cautela para o estacionamento, observando atentamente coisas imaginadas no escuro. Várias fazendas povoavam os descampados ao redor de Masako, e o dormitório ficava logo depois delas. A única luz acesa do prédio era a da janela de Kazuo, no segundo andar. Subiu a escada de metal, tentando não fazer barulho, e bateu à porta. Escutou uma resposta em português e a porta se abriu. Kazuo, trajando uma camiseta e uma calça jeans, ficou parado olhando para ela, obviamente surpreso. A luz da TV bruxuleava ao fundo.

— Masako-san — disse ele.

— Está sozinho?

— Estou — ele respondeu e abriu espaço para que entrasse. Pelo ar, sentia-se o cheiro de um condimento exótico que não conseguia identificar. Havia um beliche próximo à janela, e o compartimento onde deveriam guardar o *futon* estava aberto. Usavam-no como se fosse um armário. O cômodo de tatames ostentava uma mesa baixa, pequena e quadrada. Pelo jeito, Kazuo estava assistindo a uma partida de futebol, mas desligou a TV e virou-se para olhar para ela.

— Quer o seu dinheiro?

— Lamento, não percebi que hoje era a sua folga. Se importaria em ir até lá só para pegá-lo?

— Não, claro que não — ele respondeu, tentando analisar seu rosto com uma expressão de preocupação. Tirou um cigarro e olhou em volta, procurando por um cinzeiro, e tentando evitar os olhos dele. O próprio Kazuo acendeu um e colocou um cinzeiro de estanho da Coca-Cola sobre a mesa. — Espere aqui — disse ele. — Já volto.

— Obrigada — respondeu. Olhando em volta, teve a sensação de que aquele apartamento pequenino era o único lugar em que poderia estar segura naquele momento. O rapaz que dividia o dormitório com Kazuo devia ter ido para o trabalho; a cama de baixo do beliche estava arrumada com extremo cuidado.

— Pode me contar o que houve? — Kazuo perguntou. Estava protelando para sair, querendo conversar, aparentemente com medo de que ela fosse embora rápido demais.

— Estou fugindo de um homem — ela revelou, falando devagar, como se a receptividade daquele ambiente fizesse com que se sentisse, de pouco em pouco, cada vez mais à vontade. — Não posso contar por que ele está atrás de mim, mas vou usar o dinheiro para fugir, para deixar o país. — Kazuo baixou a cabeça e ficou pensando por alguns instantes. Então, soprou uma nuvem de fumaça e ergueu o olhar para encará-la.

— Vai para onde? A vida não é fácil em lugar nenhum.

— Talvez não seja mesmo — respondeu —, mas não estou nem aí, para lhe ser sincera, contanto que eu dê logo o fora daqui. — Ele levou a mão à testa. Parecia saber, sem que lhe dissessem, que a situação dela era questão de vida ou morte.

— E a sua família?

— Meu marido quer que o deixem em paz. Resolveu se desligar da vida, é o jeito dele. E meu filho já é adulto. — Por que será que ela estava lhe contando aquilo tudo? Eram coisas que não havia dito para ninguém. Talvez fosse mais fácil porque ele não falava muito bem o idioma; talvez isso fizesse com que relaxasse mais. Só que, tão logo colocou sua situação em palavras, ela começou a chorar copiosamente. Masako secou as lágrimas com as costas da mão.

— Você se sente só — disse Kazuo.

— Sim — admitiu. — Nós já fomos felizes, há muito tempo, mas em algum ponto de nossas vidas, tudo degingolou. Acho que a culpa deve ter sido minha.

— Por que diz isso?

— Porque quero que me deixem em paz. Quero ser livre. — Agora, ele também tinha lágrimas nos olhos. Elas desceram por seu rosto até chegarem ao tatame.

— Quando estiver em paz, estará livre? — ele perguntou.

— Para mim, parece que sim, pelo menos por enquanto. — Fugir. Fugir de quê? Para quê? Ela não fazia a mínima ideia.

— É muito triste — ele sussurrou. — Fico chateado por você.

— Não fique, não — disse, sacudindo a cabeça e agarrando os joelhos. — Eu queria um escape, e foi assim que tudo terminou.

— ... É mesmo?

— Perdi a esperança — disse. — E pouco me importa se vivo ou morro. — Kazuo parecia perturbado.

— Perdeu a esperança em quê?

— Na vida — respondeu. Ele voltou a chorar e Masako ficou sentada, a observá-lo por alguns instantes, comovida por incitar as lágrimas de um jovem estrangeiro. Os soluços dele pareciam não terminar. — Por que está chorando? — enfim, perguntou.

— Porque você me disse uma coisa que estava em seu coração. Até agora sempre tinha parecido tão distante! — Masako sorriu. Kazuo secou as lágrimas com o braço. Ficou olhando para a bandeira brasileira verde e amarela que estava pendurada à janela.

— Para onde vou? — perguntou. — Nunca fui para o exterior. — Ele ergueu o olhar. Seus grandes olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

— Por que não vai para o Brasil? — ele perguntou. — É verão lá agora.

— Como é lá? — Ele pensou por um instante, e depois abriu um sorriso tímido.

— Não sei direito se consigo explicar, mas é maravilhoso. Maravilhoso.

Verão. Masako fechou os olhos como se tentasse imaginar. Foi o próprio verão que mudou tudo. O perfume das gardênia, o mato que crescia denso ao redor do estacionamento, o brilho da água escura na galeria de escoamento... Quando abriu os olhos de novo, Kazuo estava se aprontando para sair. Ele vestiu uma jaqueta preta por sobre a camiseta e afundou o gorro na cabeça.

— Já volto — disse.

— Miyamori-san. Posso ficar até as três? — Ele confirmou gesticulando com a cabeça. Mais três horas. Até aquela hora, Satake já teria ido embora. Ela apoiou os cotovelos na mesa e fechou os olhos, agradecida por ter um pouco de descanso.

Acordou quando ele retornou. Pelo jeito, Kazuo não teve pressa, pois já eram duas da manhã. Enquanto ele abria o zíper da jaqueta e retirava o envelope, sentiu um golpe gelado de ar vindo de fora.

— Tome — disse ele.

— Obrigada. — Sentiu o calor do corpo dele no envelope quando o pegou. Masako abriu-o e examinou seu conteúdo: um passaporte novo e sete montes de cédulas, cada um de um milhão, tudo de que precisava para pegar um avião. Separou um dos montes e depositou-o sobre a mesa. — Isto é por guardá-lo para mim — disse. — Por favor, aceite. — Kazuo enrubescceu-se.

— Não preciso desse dinheiro. Já me satisfaz tê-la ajudado.

— Mas terá que trabalhar mais um ano na fábrica... — disse, vendo-o morder os lábios enquanto tirava a jaqueta.

— Vou voltar para casa antes do Natal — ele lhe contou.

— Ah, vai?

— Vou. Não há razão para permanecer mais tempo por aqui. — Ele sentou-se na mesa e ficou olhando demoradamente pelo cômodo. Masako sentiu uma ponta de inveja quando viu a expressão nostálgica nos olhos dele ao fitar a bandeira de seu país. — Queria poder ajudá-la. Será que tem

alguma coisa a ver com isto aqui? — ele perguntou, tirando a chave de sob a blusa.

— Tem sim.

— Precisa dela de volta?

— Não — respondeu. Ele sorriu, aliviado. A chave da casa de Kenji. Olhava-a na mão dele, dando-se conta de que tudo havia começado com aquela chave. Mas não era verdade: foi com alguma coisa dentro dela. Sua desesperança e ânsia por liberdade... foi o que a levou àquele ponto. Guardou o envelope na bolsa e se levantou. Kazuo recolheu o dinheiro de cima da mesa e tentou devolver-lhe. — Por favor, fique com ele — disse. — É a minha maneira de agradecer.

— Mas é dinheiro demais — ele insistia, tentando forçá-lo dentro da bolsa.

— Fique com ele — repetia. — Pode ser considerado “dinheiro sujo de sangue”. — A mão dele parou e ele contorceu o rosto. Será que aquilo ia contra sua consciência? — Você merece — dizia —, depois de trabalhar como um escravo naquela fábrica. De qualquer maneira, dinheiro limpo é coisa que não existe mesmo... — Ele suspirou profundamente e voltou a colocar as cédulas sobre a mesa, talvez temendo ofendê-la. — Agora, vou embora — anunciou. — Agradeço novamente.

Ele a abraçou amavelmente. A última vez que esteve nos braços de um homem foi quando ele próprio a atacara naquela noite, perto da velha fábrica, mas já não sentia aquilo há anos. O calor parecia fazer com que se derretesse, que se abrisse de pouco em pouco. Recostou-se nele por um instante, e as lágrimas voltaram-lhe aos olhos.

— Preciso ir embora — disse. Kazuo soltou-a, foi procurar alguma coisa no bolso, e retirou um pedaço de papel. — O que é isso? — perguntou.

— É o meu endereço em São Paulo.

— Obrigada. — Dobrou habilmente o papel e o guardou no bolso de sua calça jeans.

— Apareça para nos vermos — ele pediu. — Apareça no Natal. Vou ficar esperando. Prometa que vai aparecer.

— Prometo — disse Masako, calçando rapidamente os tênis velhos. Um vento frio entrou quando ela abriu a porta. Kazuo ficou parado de pé, mordendo os lábios e de cabeça baixa. — Adeus.

— Adeus — respondeu, como se fosse a palavra mais triste do mundo.

Desceu a escada procurando fazer o máximo de silêncio possível, assim como quando subiu. As venezianas das casas próximas estavam fechadas e a vizinhança dormia. A única luz vinha dos postes generosamente espaçados. Ela fechou o zíper da jaqueta e partiu rumo ao estacionamento. A noite estava silenciosa e solitária. O único ruído vinha de seus calçados em contato com o passeio. Quando chegou ao ponto em que Kazuo retirara a cobertura de concreto da galeria de escoamento, Masako se deteve. Ela hesitou por alguns instantes, depois tirou o papel com o endereço dele do bolso, rasgou-o em pedaços e jogou-os buraco abaixo.

Ainda mantinha esperança de conseguir fugir, mas havia se conformado com o fato de que talvez não vivesse tanto tempo. A bondade de Kazuo tinha sido um breve consolo, mas havia um mundo muito mais cruel à sua espera do outro lado da porta que abria.

Aproximava-se do estacionamento. A luz da guarita estava apagada. O abrigo ficava mesmo vazio das três às seis da manhã. Mesmo que Satake quisesse esperar até a hora de Masako sair do trabalho, ele sabia que haveria mais gente por ali de manhã. Não se arriscaria a tanto. Deu uma olhada abrangente antes de entrar no estacionamento, que lhe pareceu deserto. Mais tranquila, partiu por aquele descampado, chutando o cascalho espalhado pela terra batida. Quando se aproximou do carro, percebeu que alguma coisa pendia do espelho lateral. Levou a mão até o objeto e soltou um grito. Era a calcinha de Kuniko. Havia deixado na maçaneta dele, e agora ele retribuía o favor. Sentindo-se indignada, atirou-a no chão; só que, quando o fez, um braço comprido agarrou-a por trás. Nem teve tempo de gritar. Ela se debatia, mas o braço a segurava bem firme. Dedos cálidos envolveram-lhe o queixo, e o braço, vestido com um uniforme de segurança, prensou-lhe sob o pescoço. Não conseguia respirar e, mesmo assim, não estava com tanto medo. Não sentiu o mesmo que no sonho, porém, de fato, vivenciou uma sensação estranha de identificação, como se houvesse chegado a um lugar conhecido.

6

A vontade dele era fundir-se à noite. Ficou sentado dentro do carro, com os vidros abaixados, deixando que o ar o banhasse. Só assim ele conseguia relaxar, e foi só do que sentira falta na cadeia, da sensação do ar livre. Seus braços e suas pernas estavam dormentes por causa do frio, e seu corpo inteiro havia começado a tremer. No verão, estaria passando mal devido ao calor, mas agora estava pensando com clareza. Envoltos pela escuridão, sua mão sentia a densidade no ar que não existia quando o dia estava claro. Estendeu o braço comprido pela janela e sentiu a brisa gélida.

Ainda trajando seu uniforme, esperava ali por Masako. Havia deixado seu carro parado perpendicularmente ao dela, no escuro, bem para os fundos do estacionamento, e acomodara-se para esperar até as seis. Ficou imaginando qual seria a reação dela quando voltasse exausta de seu turno de trabalho e encontrasse a calcinha de Kuniko pendurada em seu carro. Queria estar lá para ver o rosto dela, os cabelos dispersos e os círculos escurecidos sob seus olhos.

No exato momento em que estava prestes a acender um cigarro, escutou o ruído de passos pelo cascalho. Os passos leves de uma mulher. Colocou de qualquer maneira o cigarro no bolso e prendeu a respiração. Era Masako voltando. Ela lançou uma olhada abrangente pelo estacionamento por alguns instantes, e então, aparentemente satisfeita por não vê-lo ali, partiu rumo ao seu Corolla, sem mais se preocupar em ser cautelosa. Sem produzir ruído algum, Satake abriu a porta e saiu rapidamente do carro. Ela soltou um grito abafado quando descobriu o presentinho que havia deixado. Percebendo que nunca teria uma oportunidade melhor, aproximou-se furtivamente e agarrou-a por trás. Ao envolver seu pescoço com o braço, o medo de Masako correu por seu corpo como uma corrente, e se deu conta do quanto se sentia atraído por ela.

— Não se mexa — ordenou. Porém, Masako começou a se debater freneticamente. Apertou um braço contra seu pescoço fino e envolveu seu corpo com o outro. Usou as unhas das mãos, enterrando-as no antebraço

dele por cima do tecido do uniforme, e aplicou-lhe uma joelhada entre as pernas. Precisou usar toda sua força para subjugar-lhe, e chegou uma hora em que ela perdeu a consciência.

Enfim, ela era dele. Atirando-lhe o corpo largado sobre os ombros, Satake voltou ao carro para buscar cordas e sacos. Para onde poderia levá-la agora, já que foi forçado a deixar o apartamento? Sem lugar algum para ir, ou tempo para procurar outro, partiu rumo à fábrica abandonada. Ao chegar à vala de drenagem, notou que a cobertura havia sido removida em um ou dois lugares, então, ligou a lanterna para conseguir enxergar por onde passava. A água negra resplandecia sob seus pés, e a cobertura de concreto deslocava-se ameaçadoramente com o peso dos dois juntos, mas ele conseguiu, enfim, atravessar a vala. Satake tombou o corpo de Masako sobre uma porção de grama seca e foi verificar as venezianas enferrujadas. Ele conseguiria abri-las se as empurrasse com toda a sua força, mas os rangidos faziam com que Masako se mexesse e retorcesse o rosto com inquietação. Procurando fazer tudo com o máximo de pressa possível, ergueu o suficiente para que conseguisse passar abaixado, e a empurrou para dentro.

O lugar era frio e escuro. Ali dentro a sensação era de umidade, e o cheiro, de mofo. Com a lanterna, iluminou o espaço todo, imaginando o quanto se assemelhava a um enorme caixão de concreto. Porém, lá no alto, no teto, via-se uma fileira de janelas que permitiriam a entrada da luz quando o dia amanhecesse. Pelo jeito, a fábrica produzia refeições antes de fechar. A estrutura de metal de uma velha esteira transportadora e um balcão para entregas foram deixados para trás. Abriu um sorriso ao notar que o esqueleto da máquina seria o lugar perfeito para amarrar Masako — bem gelado.

Ela permanecia inconsciente. Pegou-a no colo e a deitou sobre a comprida estrutura inclinada. Indefesa, com a boca ligeiramente aberta, parecia uma paciente anestesiada para uma cirurgia. Ele tirou-lhe a jaqueta pelos ombros e lhe rasgou o suéter. Depois, tirou seus calçados e meias e jogou-os ao chão. Enquanto arruçava-lhe a calça jeans, ela começou a recobrar a consciência devido ao choque do metal gélido em sua pele. Entretanto, parecia desorientada, sem saber direito onde estava ou o que estava lhe acontecendo. Ela ficou simplesmente deitada de costas, olhando estupefata, com os olhos arregalados, para um lado e para o outro.

Iluminando seu rosto com a lanterna, ele chamou seu nome. Ela desviou o olhar para evitar aquela luz e pareceu procurá-lo em meio à escuridão.

— Seu cretino!

— Não, o que você deve dizer é: “Seu cretino maldito! Que truquezinho mais vil!” — Ela ainda se mexia lentamente. Segurou seus braços contra a estrutura metálica e ela parou de se debater.

— Por quê? — ela perguntou, com a expressão perplexa.

— Diga de uma vez. — Baixou a guarda por um instante e o pé de Masako subiu rápido como um raio, atingindo-lhe a virilha. Enquanto gemia de dor, ela girou para o outro lado e saltou para o chão. Ainda era ágil para uma mulher de meia-idade. Conseguiu escapar de seus braços e desaparecer em meio à escuridão. — Não pense que vai conseguir fugir! — gritou. Satake ficou a procurá-la com a lanterna, só que era fraca demais para aquele espaço cavernoso; em vez disso, colocou-se à frente das venezianas e ficou esperando. Se protegesse a saída, uma hora ou outra acabaria por agarrá-la. Além disso, outra coisa naquela situação o encantava, quanto mais ela resistia, mais se sentia excitado. Era tão teimosa que provocava nele sensações de aversão e entusiasmo com a mesma proporção. — Você não tem saída, é melhor desistir! — exclamou e sua voz ecoou pela instalação. A resposta veio alguns instantes depois, aparentemente de um canto distante.

— Não vou desistir! — ela gritou. — Mas quero saber por que está atrás de mim.

— Por causa do que fez comigo.

— Então, enganou-se. A responsável pelo que lhe aconteceu é Yayoi Yamamoto.

— Já cuidei dela.

— Cuidou como? — ela perguntou. Sua voz já estremecia. De medo, ou devido ao frio. Ela só pode estar sentindo frio; seus pés estavam descalços e ela estava vestida apenas com uma camiseta e as peças íntimas. Ele aproximou-se em silêncio do esqueleto da máquina, embrulhou as roupas dela e as atirou para o canto para garantir que ela não as recuperasse. Naquele exato momento, ela voltou a falar em meio à escuridão. — Você roubou o dinheiro do seguro dela, não foi? Então, por que isso não bastou? Por que também quer descontar em mim?

— Eu mesmo não sei direito — murmurou na direção dela.

— Foi porque perdeu o seu negócio?

— É um dos motivos — respondeu. Mas é também porque você é a única que conhece o Satake de verdade, a que arrancou a carapaça cultivada durante todo aquele tempo.

— Porém, ainda há outros — Masako completou, agora com a voz mais calma. — Também é porque gosta de mim, não é verdade? — Dessa vez não respondeu, mas foi caminhando de pouco em pouco na direção dela pelo escuro. — Para mim, isto tudo é um pouco estranho, não acha não? Eu tenho 43 anos, já passei da idade em que os homens notam as mulheres; e mesmo assim, nunca fui desse tipo de mulher. Você deve ter algum outro motivo. — A robusta bota de Satake produziu um estrépito quando se chocou com uma lata, e Masako silenciou-se. Ficou escutando, tentando distinguir para onde ela fora.

Escutou um ruído baixo atrás de onde estava, virou-se e começou a caçá-la na direção contrária. Ela estava tentando forçar as venezianas da área de entregas e fugir. Deu o bote no escuro e a agarrou quando ela já havia conseguido passar pela abertura até a cintura. Segurou suas pernas, puxou-a de volta e deu-lhe uma forte bofetada no rosto. Quando ela desabou sobre o imundo chão de concreto, iluminou-lhe o rosto com a luz da lanterna, querendo vê-lo. Ela agitou os cabelos para trás e fitou-o com ferocidade nos olhos. Era o mesmo — o mesmo olhar da outra vez. Ele agarrou-a pelos cabelos e a forçou a continuar olhando para ele.

— Você é *mesmo* um cretino maldito! — ela exclamou, cuspiendo as palavras na direção dele.

— Sou mesmo. — Ficou olhando dentro de seus olhos raivosos. — Mas fiquei esperando por você esse tempo todo.

— Está sonhando... — ela disse com a voz firme.

— Não estou, não — retrucou, dedicando-se alguns momentos a analisar seu rosto. Os traços daquela outra mulher eram extremamente acentuados, nem um pouco parecidos com os desta. Esta era Masako Katori agora a fitá-lo. Seus olhos estavam repletos de hostilidade. Seus rostos eram diferentes; os lábios de Masako eram mais finos e mais graves. Contudo, os olhos eram idênticos. Seu coração encheu-se de contentamento e expectativa, como a maré que vai subindo. Até que altura será que ela conseguiria levá-lo? Seria o retorno do prazer que havia mantido tão seguramente isolado durante 17 anos? Seria capaz de mostrar a ele o que aquela outra experiência havia significado?

Arrancou-lhe a camiseta, deixando-a apenas com a calcinha e o sutiã brancos e simples, só que ela continuou a encará-lo.

— Pare — ela pediu. — Mate-me agora. — Ignorando-a, despiu suas roupas íntimas, ao que ela voltou a se debater, mas Satake segurou os braços dela e, pegando-a no colo, levou-a até o esqueleto da esteira transportadora. Depois, deitou-se sobre ela para que parasse de espernear. Ela passou a respirar com dificuldade sob o peso dele, e depois perdeu as energias. Encontrou a corda que havia levado, atou-lhe uma ponta a cada pulso e depois puxou seus braços sobre a cabeça para prendê-los à estrutura metálica. — Está gelado! — ela gritou. Seu corpo contorcia-se sobre o metal congelante. Satake dedicou alguns momentos a observá-la sob o feixe de luz da lanterna. Ela tinha o corpo magro, quase ressequido, e seus seios eram pequenos. Ele começou a se despir bem devagar.

— Pode gritar o quanto quiser — disse a ela. — Ninguém vai escutá-la.

— Pode ser que não saiba, mas tem gente aí para derrubar o edifício ao lado — ela revelou.

— E você é uma grande mentirosa! — falou, voltando a estapeá-la. Dessa vez a intenção de Satake havia sido bater de leve, mas a cabeça dela foi atirada com violência para o lado com a pancada. Não queria exagerar, não queria que ela morresse antes que estivesse preparado; e seria tedioso fazer com ela desacordada. Ficou preocupado por um instante, mas então a cabeça dela virou-se e Masako voltou a cravar os olhos gélidos nele. De seus lábios, escorria um pouco de sangue.

— Mate-me rápido — ela suplicou. Aquela outra mulher foi tão insistente quanto ela, pedindo aos gritos para que a matasse enquanto a espancava. Sua excitação não fazia nada além de crescer, enquanto sua mente alternava-se velozmente entre aquelas duas mulheres, entre realidade e devaneio, como se estivesse subindo e descendo em um elevador de alta velocidade. Curvou-se sobre ela e mordeu-lhe os lábios ensanguentados. Então, com Masako xingando-o por detrás dos dentes trincados, forçou-se entre suas pernas.

— Seca como um osso — ele resmungou.

— Cretino! — Ela se debatia com violência, tentando desesperadamente tirá-lo de cima dela ou manter as pernas fechadas, mas ele forçou para que se abrisse e se colocou em seu interior. A sensação de calor era de uma delícia fantástica, mas ela gritava de dor, talvez porque

estivesse seca demais. Quando Satake viu a expressão em seus olhos, percebeu que deveria ter menos experiência do que ele havia imaginado. Então, começou a se movimentar bem vagarosamente. Nunca mais havia estado com uma mulher de verdade, de carne e osso, desde aquela ocasião em Shinjuku, desde aquele delírio difícil de se entender. Aquilo que habitava as profundezas de sua alma começou a se contorcer, se erguer, e se tornar real, prometendo carregá-lo junto para onde fosse. Para o inferno, e para o Céu. Seria somente nos últimos momentos do sexo com ela que o vazio entre os dois poderia ser preenchido. Foi para aquilo que ele nascera, e por aquilo estava disposto a morrer.

Mas então, de repente, e muito antes que o desejado, a primeira vez chegou ao fim.

— Depravado! — ela chamou-o e soltou uma cusparada sangrenta em cima dele. Ele limpou o cuspe do rosto e passou no dela. Então, mordeu-lhe um dos seios como castigo. Ela tentou urrar, mas o som morreu em sua garganta, detrás de seus dentes, que trepidavam. A primeira luz da aurora entrava, resplandecente, pelas janelas lá de cima.

Conforme o sol subia cada vez mais no céu, a luz brotava pela fábrica, e as coisas que os cercavam foram, vagarosamente, tornando-se visíveis. O revestimento tinha desabado das paredes, deixando de fora o concreto que havia por baixo. As paredes divisórias da cozinha e dos banheiros haviam sido derrubadas, deixando apenas as torneiras e os vasos sanitários à mostra. Espalhados pelo chão, vários baldes de plástico e latas de óleo, e um montículo de garrafas vazias de refrigerante, largado próximo à entrada. Porém, mesmo sob iluminação, continuava sendo um desolador caixão de cimento.

Satake escutou um ruído atrás de onde estava e se virou. Um gato de rua havia entrado na fábrica, mas fugiu assim que o viu. Provavelmente havia ratos. Ele sentou-se no chão, cruzou as pernas e acendeu um cigarro. Então, ficou observando enquanto Masako contorcia-se sobre aquela estrutura metálica congelante, com seu corpo inteiro tremendo de frio. Dentro de poucos instantes a luz chegaria neles; e quando isso acontecesse, ele voltaria a estuprá-la, só que, desta vez, conseguiria ver o rosto dela enquanto o fazia. Até lá, ele iria esperar.

— Está com frio? — perguntou.

— É claro que estou.

— Lamento, mas terá que esperar.

— Esperar o quê?

— O sol.

— Não posso! Estou congelando! — ela protestou. Percebia a ira na voz dela, mas as coisas que falava já estavam ficando incompreensíveis de tanto ela apanhar. Suas bochechas e o lábio inferior já estavam inchados. Mesmo de longe, ele via que a pele do corpo inteiro de Masako estava arrepiada, e lembrou-se de ter pensado em usar uma faca para raspá-la. Só que ainda era cedo demais. Guardaria aquilo para o último momento.

Imaginava aquela lâmina fina e afiada deslizando para dentro do corpo dela. Será que sentiria aquela mesma emoção intensa que havia vivido tantos anos antes? Desde que passara por aquela emoção, nada mais o marcou, e guardava um desejo incessante de senti-la mais uma vez. Tirou uma bainha preta de couro da bolsa e a colocou no chão sem fazer barulho.

A luz do sol, enfim, havia chegado ao corpo de Masako. Conforme o calor ia vagarosamente cobrindo-lhe, ela parecia relaxar, e sua pele pálida e azulada começou a ganhar cor, como se estivesse se descongelando. Satake levantou-se e aproximou-se.

— Vocês faziam aquelas marmitas todas em uma coisa assim? — perguntou. Masako nada fez além de fitá-lo. — Faziam? — Dessa vez insistiu, agarrando-lhe o maxilar.

— Para que quer saber? — Ela estava passando frio demais para falar de maneira clara, mas sua fúria era inconfundível.

— Aposto que nunca imaginou que seria amarrada em uma. — Ela conseguiu tirar o rosto, virando-o para o outro lado. — Conte para mim — pediu. — Como se corta um corpo? Assim? — Ele segurou seu pescoço e desceu o dedo pelo corpo dela, fingindo cortar desde a garganta até o púbis. A pressão da mão de Satake deixou uma linha púrpura bem clara na pele de Masako. — Como teve a ideia de cortá-lo aos pedaços? Qual foi a sensação de fazê-lo?

— Que importância tem?

— É porque você é igualzinha a mim. Já foi longe demais para poder voltar. — Ela olhou nos olhos dele.

— O que houve com você? — ela perguntou.

— Afaste as pernas — ordenou, ignorando a pergunta.

— Não. — Ela forçou as pernas para que ficassem juntas. Curvou-se para tentar separá-las e levou uma joelhada no rosto. Encantado por ela ainda ter forças para resistir, novamente tentou. O sol do inverno brincava com o rosto de Masako, e, enquanto estava ali, deitado em cima dela, Satake viu que seus dentes estavam trincados, e as pálpebras, bem apertadas.

— Olhe para mim — mandou, tentando forçar com os dedos para que ela as abrisse.

— Não.

— Vou apertá-los tanto que vão pular para fora — disse, apertando-lhe os olhos com os polegares.

— Assim não terei que olhar para você. — Quando tirou as mãos, as pálpebras dela abriram-se em uma fresta. Olhos negros e enfurecidos fizeram-se visíveis por baixo.

— Isso mesmo. Me odeie mais.

— Por quê? — A pergunta saiu com um tom como se ela quisesse saber de verdade.

— Você me odeia, não é mesmo? Assim como eu odeio você.

— Mas por quê?

— Porque você é mulher.

— Então me mate! — ela gritou. Satake logo viu que ela ainda não havia compreendido. A outra tinha entendido, mas ela, não. Voltou a esbofeteá-la, só que, dessa vez, porque ficou irritado. — Você tem algum problema — ela disse. — Alguma coisa aí dentro está “quebrada”.

— É claro que está — disse, acariciando-lhe os cabelos. — Assim como dentro de você também tem algo “partido”. Percebi logo na primeira vez em que a vi. — Masako nada dizia, mas seus olhos estavam arregalados, exibindo um ódio genuíno. Ele beijou-a pela primeira vez, saboreando-lhe o sangue salgado dos lábios. No lugar em que as cordas feriam os pulsos de Masako, o sangue começou a verter, igual àquela outra vez.

Levou a mão ao chão e recolheu a faca. Abrindo a bainha com um peteleco, Satake colocou-a em cima do esqueleto da velha esteira. Ela retraiu-se ao ver aquela coisa gélida e perigosa colocada ao lado de sua cabeça.

— Assustada? — perguntou. Ela fechou os olhos, mas seu corpo ainda tremia. Satake voltou a abrir as pálpebras dela à força, buscando o medo

que haveria detrás delas, ou o ódio que superava o medo. Penetrou-a, agora, buscando em seu interior. Mas buscando o quê? Aquela outra mulher? Masako? Ou será que estava buscando a si próprio? Aquilo era ilusão ou realidade? Pouco a pouco, embora Satake não tivesse a menor noção do tempo que havia transcorrido, o corpo dela parecia querer se fundir ao dele, e o prazer dela, tornar-se o dele, e vice-versa. Se continuassem assim até o fim, sentia que sumiria, que desapareceria deste mundo, e não se arrependeria se isso acontecesse. Nunca tinha se sentido à vontade ali, de qualquer maneira.

Satake sentiu uma necessidade desesperadora de se unir a ela, de que eles dois passassem a ser um só. Enquanto chupava-lhe os lábios, ele percebeu, com uma pontada de tristeza, que ela o fitava com o mesmo olhar de desejo.

— Está gostando? — perguntou de maneira quase afável. Ela suspirou, mas não respondeu. Agora estavam fazendo aquilo juntos, eram parceiros. Percebendo que ela estava aproximando-se do clímax, ele levou a mão à faca. Precisava penetrar mais fundo nela. Ele sentia alguma coisa agitando-se em seu interior, a ternura espalhando-se por seu corpo. Juntos, estavam destinados ao paraíso.

— Por favor — ela sussurrou.

— O que foi?

— Corte as cordas.

— Não posso.

— Se não cortá-las, não vou conseguir gozar. Quero gozar com você — ela suplicou com a voz bem baixinha e vacilante. Já estava pronto, então, para que as cordas? Satake estendeu o braço para cima e atravessou as cordas com a faca. Ela envolveu as costas dele com os braços libertados e o abraçou com firmeza. Levou as mãos às costas de Masako e apoiou gentilmente sua cabeça com as mãos. Satake nunca havia feito daquela maneira. Ela enterrou-lhe as unhas às costas enquanto seus corpos moviam-se, unidos. Aproximava-se do final e soltou um urro, sentindo que, enfim, tinha superado o ódio que habitava seu interior. Porém, justamente quando voltou a tatear a superfície à procura da faca, ele percebeu um raio de luz com o canto do olho. Em algum momento Masako a pegou e estava prestes a utilizá-la. Satake agarrou o braço dela, levando a faca a cair ao solo e depois, desferiu-lhe um soco no rosto.

Ela passou alguns instantes deitada de lado, com as bochechas apoiadas nas mãos. Satake desceu de cima de Masako e gritou com ela, chegando até a respirar com dificuldade de tanta raiva.

— Sua vadia estúpida! Agora vamos ter que começar tudo de novo! — Tamanha irritação não foi por ela ter tentado esfaqueá-lo, e sim, por ter estragado o prazer que havia se esforçado tanto para voltar a sentir. Porém, mais que raiva, sentia mágoa, por ela não ter compartilhado suas sensações.

Ela havia perdido a consciência. Tocou-lhe o rosto onde a atingira. Se comesse a sentir pena dela, não conseguiria matá-la, e aquela necessidade profunda nunca seria satisfeita. Ela tinha razão, havia mesmo alguma coisa errada em seu interior. Com os braços, cobriu a própria cabeça.

Ela acordou um pouco depois.

— Deixe-me ir ao banheiro — pediu. Tremia violentamente, e sua cabeça permanecia pesadamente caída para o lado. Havia batido nela com força demais. Se fosse usá-la daquela forma, era bem capaz que morresse antes que ele conseguisse o que queria.

— Então, vá — permitiu.

— Está frio — ela falou. Sentou-se ereta, sem firmeza, e deixou que as pernas escorregassem até o chão. Curvando-se vagarosamente, recolheu sua jaqueta e vestiu-a rapidamente por sobre os ombros nus. Satake a acompanhou enquanto caminhava até os vasos sanitários que ficavam no canto. Não havia umbrais de portas ou paredes, apenas três privadas que pareciam ter brotado do chão. Estavam cinzentas e encardidas, e não havia como saber se o encanamento ainda funcionava. Mesmo assim, Masako abaixou-se sobre a mais próxima como se não tivesse mais energia alguma para gastar. Ignorando Satake, começou a urinar.

— Depressa — ordenou. Ela levantou-se lentamente e começou a voltar para onde estavam, porém, suas pernas achavam-se trêmulas e ela tropeçou em uma lata de óleo, apoiando as mãos no chão para evitar que caísse de cara. Satake correu até ela e a agarrou pela gola, puxando-a para que ficasse de pé. Ela pôs as mãos nos bolsos e ficou parada por um momento, aparentemente perplexa.

— Vamos *lá* — falou, erguendo a mão para bater nela de novo. Entretanto, antes que o fizesse, sentiu uma coisa gélida roçar-lhe levemente o rosto. Foi como ser acariciado por um dedo congelado. O dedo daquela outra mulher? Sentindo-se como se tivesse sido tocado por um fantasma, ele se dedicou a olhar por toda a extensão da fábrica deserta, e depois levou a mão à bochecha. O sangue vertia violentamente por um talho profundo.

7

Muito antes, quando tudo estava começando, Masako ficara simplesmente ali deitada, imóvel, sentindo o frio penetrar nela. Seu corpo parecia funcionar, mas sentia a mente pesada, como se ainda estivesse presa entre o sono e o despertar. Forçando para conseguir abrir as pálpebras, ela se viu fitando um vazio negro que parecia suspenso infinitamente acima. De alguma maneira, havia se metido em um buraco escuro e congelante. Lá em cima, bem longe, via uma luz fraca — o céu da noite, que mal se fazia visível por uma fileira de pequenas janelas. Recordava-se de ter olhado para cima, para aquele céu sem estrelas, há poucas horas. Seu olfato estava retornando e trazendo junto odores já conhecidos: concreto gélido e úmido, e mofo. Um instante depois, se deu conta de que estava no interior da fábrica abandonada.

Mas por que estava com as pernas desnudas? Correu as mãos pelo corpo e descobriu que vestia apenas uma camiseta, sutiã e calcinha. Sua pele estava seca e congelada como uma pedra, como se não mais lhe pertencesse, e estava morrendo de frio. Então, subitamente, seus olhos fitaram uma luz ofuscante. Espremendo-os, ergueu a mão para se proteger.

A voz de Satake chamou-lhe o nome. Então, ele a havia capturado. Deixou escapar um gemido, lembrando-se de como os braços dele a agarraram no estacionamento. Agora ele passaria algum tempo brincando com ela, e depois a mataria. Estava presa ali, naquele mundo de pesadelos, justamente quando sua fuga já estava clara e visível.

Furiosa com sua própria falta de cuidado, olhou para a luz e gritou:

— Seu cretino!

Quase imediatamente ele respondeu com um comando estranho:

— Não, o que você deve dizer é: “Seu cretino maldito! Que truquezinho mais vil!” — E pela primeira vez, ela percebeu que havia sido envolvida em uma espécie de fantasia dele, que tentava reviver alguma coisa do passado. A plenitude do horror da situação começou a se tornar clara para ela: a vendeta de Satake tinha mais a ver com aquele passado

desconhecido que com Kenji. Ela tinha razão quando disse a Yayoi que haviam despertado um monstro.

Instantes depois, conseguiu chutá-lo entre as pernas e, escapando dele com ligeireza, fugiu correndo para dentro da escuridão. Em sua mente havia apenas um desejo enquanto corria: simplesmente desaparecer sem deixar vestígio, esconder-se e nunca mais ser encontrada. O medo que Satake provocava nela era primitivo, como o que o cair da noite provoca em uma criança com medo de escuro. Mas ela estava fugindo de alguma outra coisa, além dele; alguma coisa em sua própria escuridão que aquele homem parecia ter despertado.

O entulho que se encontrava espalhado pelo chão feria-lhe os pés descalços e agarrava-se a seus tornozelos — pedaços grossos de cimento, fragmentos metálicos, sacos plásticos, além de outras coisas inidentificáveis que se esmagavam enervantemente sob seus pés. Mas Masako não podia se dar ao luxo de se preocupar com aquilo agora. Corria para lá e para cá em meio à escuridão, fugindo da luz da lanterna e procurando uma saída.

— Você não tem saída, é melhor desistir — ele gritou de algum lugar próximo à entrada. Ela se negou. Ele parecia relutante em lhe revelar o que queria, mas agora tinha certeza de que não era simplesmente uma vingança. Gostaria de saber o que lhe dava todo aquele ímpeto. Conforme a voz dele reverberava em meio ao ar levemente úmido, imaginava a expressão do rosto dele.

Alguma coisa dizia que agora Satake estava avançando, usando o som de sua voz para descobrir seu paradeiro. Seguiu arrastando-se na direção da área de entregas, procurando fazer o máximo de silêncio possível. Lá havia outra veneziana enferrujada, e talvez conseguisse abri-la se a forçasse. Enquanto isso, Satake explorava o interior da fábrica com a lanterna, como se estivesse brincando de esconde-esconde. Chegou à área de entregas, conseguiu subir no balcão de concreto que tinha a altura de sua cintura e empurrou a pequena veneziana de metal para cima, já sem se importar com o barulho que poderia fazer. A liberdade estava a meros centímetros, se conseguisse sair a tempo. Contorcendo a cabeça e os ombros pela fresta, sentiu o cheiro do ar do lado de fora, perfumado com os odores da vala.

Quando ele a puxou de volta para dentro e a espancou, não sentiu um mínimo de dor de verdade, somente uma enorme decepção em chegar tão

longe, com a liberdade a pleno alcance, só para então perdê-la, provavelmente para sempre. E continuava sem ter a mínima noção do porquê de ter sido só ela, e não alguma das outras, que Satake havia escolhido.

Agora, encontrava-se atada àquela velha esteira de montagem. Mesmo depois de sua pele ter aquecido um pouco o metal, sentia o frio infiltrando-se sorrateiramente por suas extremidades, roubando-lhe o calor do corpo. Nunca na vida havia sentido um frio daqueles, mas ainda não estava preparada para desistir. Enquanto permanecesse viva, estava disposta a resistir ao metal congelante sobre o qual estava estirada. Começou a se contorcer para a frente e para trás com a esperança de que seus movimentos a aquecessem. Temia que, se não o fizesse, suas costas se colassem rapidamente ao metal.

Ele voltou a lhe esbofetear o rosto. Enquanto gemia de dor, buscava sinais de demência nos olhos dele. Se pudesse ter certeza de que ele era desequilibrado, talvez conseguisse conformar-se com o que estava acontecendo. Mas não era. E nem aquilo era uma simples distração doentia qualquer. Ele batia nela para ver o quanto poderia provocar o ódio de Masako. Por algum motivo ele precisava que o achasse desprezível, e quando conseguisse que o ódio dela atingisse seu nível máximo, ele a mataria.

Quando Satake a penetrou, Masako sentiu-se dominada por um sentimento de humilhação — que sua primeira relação sexual após vários anos tivesse que ser em um estupro, que uma mulher de sua idade pudesse ser utilizada daquela maneira por um homem... Há bem pouco tempo, esteve nos braços de outro homem, e daquela vez, sentiu somente bem-estar; agora, a única coisa que lhe trazia era aversão. Havia aprendido que o sexo poderia ser fonte de um ódio profundo. Naquele instante, ela o detestou como homem na mesma proporção que ele a considerava desprezível como mulher.

Enquanto Satake a submetia a seus desejos sexuais, Masako tinha consciência de que ele estava vivendo dentro de um sonho. Um pesadelo infinito que somente ele poderia ser capaz de entender, e que era meramente um objeto para sua fantasia. Passou alguns instantes imaginando como seria possível alguém escapar do sonho de outra pessoa;

porém, só então foi entender que o desafio mais imediato seria apenas compreendê-lo, descobrir o que viria em seguida. Se não conseguisse, estava sofrendo inutilmente. Precisava saber o que aconteceu com ele no passado. Enquanto ele pesava, Masako fitava o vazio sobre eles dois — sua liberdade estava bem ali, detrás das costas dele.

Quando ele terminou, chamou-o de depravado, fruto de uma repugnância extrema. Mas sabia que aquilo não correspondia à verdade. Ele não era depravado, tampouco desequilibrado; era, sim, uma alma perdida em uma busca desesperada por alguma coisa. E se ele achasse que poderia encontrar tal coisa em Masako, então, talvez conseguisse corresponder às expectativas dele... e continuar vivendo.

Esperava impacientemente que o sol adentrasse logo a fábrica e a aquecesse um pouco. O frio era insuportável, doloroso de uma maneira que nunca imaginou que pudesse ser. Durante um tempo, tentou não parar de se movimentar para se aquecer, mas agora, seu corpo tremia incontrolavelmente, como se sofresse convulsões. Só que o ar glacial da fábrica provavelmente só ficaria mais quente quando o sol estivesse alto no céu, e duvidava que fosse conseguir suportar até lá. Masako não queria desistir, mas havia começado a entender que, muito provavelmente, ficaria ali até morrer de frio.

Para se distrair dos espasmos que faziam com que seu corpo se estremecesse todo, procurava olhar com atenção para o que havia ao seu redor. A construção da fábrica fazia-a parecer um imenso ataúde. Ocorreu-lhe que havia passado praticamente todas as noites dos últimos dois anos trabalhando em um lugar como aquele, e não conseguia evitar imaginar que seu destino também seria morrer em um — que aquele seria o final cruel que a aguardava do outro lado daquela porta que esteve tão determinada em abrir. — “Ajude-me” — sussurrava para si mesma. Só que a ajuda que queria não era de ninguém como Kazuo ou seu marido; era de Satake, o homem que a havia levado ali.

Virou-se para olhar para ele. Satake estava sentado no chão, com as pernas cruzadas, a uma curta distância. Estava observando o corpo trêmulo de Masako, mas não como se tivesse prazer em vê-la sofrer; não, parecia estar esperando por alguma coisa. Mas o quê? Tentava analisar o rosto dele sob aquela meia-luz. De quando em quando ele lançava uma olhadela para

cima, na direção das janelas, como se estivesse esperando pelo crepúsculo da manhã. Ele também tremia, mas permanecia sentado, nu, no chão, aparentemente abstraído do frio.

Ele ergueu o olhar para ver o rosto dela, talvez sentindo que o observava, e seus olhos encontraram-se em meio àquela luz obscurecida. Ele acendeu o isqueiro olhando para ela, como se estivesse irritado, e depois um cigarro. Subitamente se deu conta de que ele *estava mesmo* esperando pela luz, para poder enxergar o que fosse que precisaria enxergar. E quando encontrasse o que estava procurando, acabaria com a vida dela. Fechou os olhos.

Momentos depois, sentiu o ar agitar-se e abriu os olhos. Viu Satake de pé, tirando alguma coisa da bolsa. Era uma bainha negra, supostamente continha a faca que usaria para matá-la. A simples visão do objeto tornou aquele frio lancinante ainda mais cruciante. Começou a tremer ainda mais violentamente, mas conseguiu virar a cabeça para o outro lado, decidida a fazer com que Satake imaginasse ser apenas por causa do frio.

Enfim, os raios de sol entraram fortes pelas janelas, e pôde sentir os poros firmemente fechados de sua pele abrirem-se e voltarem a respirar. Se conseguisse se aquecer o mínimo que fosse, talvez fosse capaz de dormir um pouco. Então, lembrou-se da faca e começou a rir sozinha. Dormir para quê, se era aquilo que a esperava?

Normalmente, estaria chegando em casa depois de sair da fábrica, àquela hora, pronta para colocar o café da manhã na mesa e lavar uma leva de roupas sujas. Depois, quando o sol chegava a uma certa altura no céu, não conseguia mais adiar o sono. O que será que Yoshiki e Nobuki pensariam se desaparecesse sem deixar qualquer vestígio? Não faria diferença alguma se morresse ali ou se conseguisse fugir de alguma forma, já estava fora do alcance daqueles dois. Não foi o próprio Yoshiki a admitir que sequer iria procurá-la? Havia alguma coisa que considerava quase reconfortante naquele pensamento, que fazia com que percebesse o quão longe já havia chegado.

Quando ficou claro o bastante, Satake aproximou-se e ficou de pé ao lado dela.

— Vocês faziam aquelas refeições todas em uma coisa assim? — ele perguntou, aparentemente encantado com sua piadinha. Ela estava ali, deitada sobre o esqueleto daquela máquina, como uma refeição prestes a ser montada, parte por parte, pelos funcionários da fábrica na esteira

transportadora. Tentava não mostrar que estava com medo. Ele tinha razão: quem imaginaria que terminaria sobre a esteira? Yoshie, que controlava a velocidade do trabalho, encontrou uma saída; mas ela não. — Como se corta um corpo? — indagou, passando-lhe delicadamente o dedo pelo pescoço, e depois descendo-o da garganta até entre suas pernas, como se a estivesse dissecando. Ela soltou um grito ao sentir a dor do dedo de Satake em sua pele já frágil. — Como teve a ideia de cortá-lo aos pedaços? Qual foi a sensação de fazê-lo? — Masako se deu conta de que Satake estava tentando instigar seu ódio. — Você é igualzinha a mim — disse ele. — Já foi longe demais para poder voltar.

Mais uma vez ele tinha razão: não havia volta mesmo. Escutou as portas se fecharem uma por uma depois de passar por elas. A primeira se fechou no dia em que elas cortaram o corpo de Kenji. Mas o que será que havia acontecido com Satake para que se sentisse daquela maneira?, perguntou, mas ele não respondeu. Masako olhou fixamente para dentro dos olhos dele — para o pântano escondido ali dentro — ou seria somente um vazio?

Urrou quando ele, subitamente, forçou-lhe o dedo gélido entre as pernas. Mas quando ele penetrou-a pela segunda vez, seu corpo surpreendeu-se com aquele fervor dele. Parecia regozijar-se com aquela fonte de calor muito mais potente que a fraca luz do sol. Aquela coisa quente e rígida dentro dela começou a descongelá-la desde seu ventre, e ia irradiando-se para o resto do corpo. Aquele elo entre os dois era o que havia de mais quente naquela fumaça; entretanto, ela sentiu-se atormentada por seu corpo ser capaz de, quase inocentemente, sentir prazer com aquilo, e estava decidida a não deixar que Satake percebesse que ele o aceitara. Voltou a fechar os olhos, e ele pareceu acreditar que ela estava rejeitando-o.

— Vou apertá-los tanto que vão pular para fora — ele ameaçou, apertando-lhe os olhos com os polegares. Não via problema se ele a cegasse, se fosse o necessário para que não descobrisse que ela correspondera até certo ponto. Ela o detestava com todo o seu ser e ficava apavorada ao imaginar que seus olhos não lhe mostrariam isso caso olhasse para eles naquele momento. Ele disse que a detestava porque era mulher. Então, por que não parava de se forçar dentro dela e a matava de uma vez? Ele voltou a estapeá-la para que sentisse ainda mais ódio, mas

de alguma maneira, sentia pena de um homem que precisava ser detestado para conseguir sentir prazer. O passado dele começava a tomar forma.

— Você tem algum problema — ela disse a ele. — Alguma coisa aí dentro está “quebrada”.

— É claro que está — ele respondeu. — Assim como dentro de você também tem coisa errada. Percebi logo na primeira vez em que a vi. — Para ela, saber que havia sido sua parte perturbada a primeira coisa que fez com que ele se sentisse atraído, somente a levou a detestar ainda mais aquele homem que se mexia dentro dela. Ele apertou os lábios contra os dela, e percebeu o desespero com que a desejava. Então, ele levou a mão até a faca, soltou-a da bainha e colocou-a ao lado da cabeça dela. Os olhos de Masako fecharam-se instintivamente, fruto do medo da lâmina gélida tão próxima, mas Satake forçou-a a abri-los e ficou olhando para ela. Retribuiu o olhar, consciente de que, se tivesse oportunidade, penetraria nele com a lâmina tão prontamente quanto ele o havia feito com seu membro.

Agora a fábrica estava inundada com a luz do sol, mas a que brilhava nos olhos dele era diferente, era o primeiro sinal de que estava tornando-se real para ele, que mexia com ele. Só que não era um sentimento que algum dia iria crescer ou amadurecer. Assim como já havia achado que não se importaria em morrer pela mão dele, ele próprio ansiava por aquele mesmo fim. De súbito, entendeu que o compreendia.

Masako sentia o sonho ao qual ele esteve preso começar a se dispersar, sentia-o aproximar-se mais do mundo dos vivos. Seus corpos se uniram e seus olhos se encontraram. Ao ver refletida nos olhos dele nada além do que sua própria imagem, ela sentiu uma onda de puro prazer crescer e quebrar sobre si. Ficaria satisfeita se morresse daquela maneira. Porém, o lampejo da lâmina no canto de seu olho puxou-a de volta para a Terra.

Ele a espancou até levá-la à inconsciência, mas uma dor nauseante em seu queixo a fez despertar pouco tempo depois. Olhava para ela, sem distrair, enraivecido. Havia estragado tudo, justamente quando se aproximava de algo que havia esperado com tanto ardor conquistar.

Ela disse que precisava ir ao banheiro. Quando permitiu, ela deixou as pernas deslizarem até o chão e se pôs de pé. Por quanto tempo será que ficara amarrada ali? Ela sentia o sangue voltar às pernas, e a dormência

transformar-se em dor. Aquilo levou-a a gritar sem se conter. Ela abaixou-se para resgatar sua jaqueta, puxou-a para que lhe cobrisse os ombros e fechou os olhos, deixando a pele escoriada acostumar-se com o tecido gélido. Satake limitou-se a observá-la em silêncio.

Ela seguiu rumo aos vasos sanitários que habitavam um dos cantos da fábrica, mas suas pernas estavam enrijecidas, e andar tornou-se difícil. Alguma coisa pontiaguda cortou-lhe a sola do pé, fazendo-a sangrar, mas Masako nada sentiu. Ela abaixou-se sobre a privada encardida e aliviou-se, ignorando os olhos observadores de Satake. Então, deixou a urina escorrer pelos dedos, provocando dores lancinantes em suas mãos conforme aquele líquido quente descia-lhe pela pele congelada e dormente. Reprimindo um gemido, ela se levantou, empurrou com força as mãos para dentro dos bolsos, e voltou até onde ele estava.

— Depressa — disse. Masako tropeçou em uma lata de óleo e caiu. Ela se esforçou, mas não conseguiu levantar-se sozinha. Correu para junto dela e, segurando-a pela gola da jaqueta como uma gata segura os filhotes pelo cangote, ajudou-a a ficar de pé, impaciente para seguir adiante. As mãos de Masako, que permaneciam enfiadas bem fundas nos bolsos, começavam a se aquecer, e os dedos começavam a tremer. — Anda *logo!* — exclamou.

Ela fechou a mão em torno de alguma coisa, e quando ele voltou a erguer a dele para agredi-la, devido à sua morosidade, ela lançou um golpe e cortou-lhe o rosto com o bisturi que havia encontrado no bolso. Ele ergueu o olhar por um instante, como se não tivesse entendido o que havia acabado de acontecer, e então, levou a mão à bochecha. Ela prendeu o fôlego e ficou a observar conforme o sangue começava a jorrar do rosto dele, vertendo-lhe pela mão aberta. O bisturi acabou por fazer uma incisão profunda, que começava no canto de seu olho pasmado e só ia terminar na base do queixo.

8

Satake desabou para trás, sentando-se no chão com um choque. A mão apertava o rosto, mas o sangue despejava-se por entre seus dedos. Masako, chocada, soltou um grito assustador. Uma sensação de perda súbita e permanente espremeu aquele som de dentro dela.

— Você me pegou — sussurrou, cuspendo o sangue que rapidamente enchia-lhe a boca.

— Você ia me matar — ela se explicou. Ele baixou a mão e ficou olhando a palma ensanguentada. — Mirei a jugular, mas minha mão está dormente — ela disse; a mente de Masako estava vacilante, e sua boca parecia ter vontade própria. Ela percebeu que ainda segurava o bisturi, e atirou-o ao chão, que afastou-se quicando quase sem produzir ruído. Ela havia socado a ponta da lâmina em uma rolha de cortiça antes de sair de casa, e a guardara no bolso.

Embora o ar se infiltrasse por sua boca, originando-se do ferimento, e ele encontrasse dificuldade para falar, conseguiu dizer:

— Você é especial... deveria ter deixado que me matasse antes... teria sido tão bom...

— Sua intenção era me matar?

Ele agitou a cabeça em negação e olhou para o teto.

— Não sei... — A luz do sol que entrava pelas janelas lá do alto agora já estava ofuscante. Pilares de um pó resplandecentemente iluminado ligavam as janelas ao chão de concreto como holofotes em um teatro. Os olhos de Masako seguiram os de Satake até as janelas. Ela havia voltado a tremer, mas não por causa do frio; foi por saber que, com suas próprias mãos, havia liquidado aquela vida. O céu amanhecia azul-claro além das janelas e um silencioso dia de inverno começava como se nada houvesse mudado, como se os horrores da noite anterior nunca tivessem acontecido. Satake fitou a piscina de sangue que não parava de se estender pelo chão antes de responder. — Não era para matá-la — falou —, mas sim, vê-la morrer.

— Por quê?

— Achei que seria capaz de amá-la quando estivesse morrendo.

— Só assim? — Ficou olhando para ela por um momento.

— Acho que sim.

— ... Não morra — ela murmurou, e uma ponta de surpresa brilhou nos olhos de Satake. Àquela hora o sangue que escorria por seu rosto já havia manchado-lhe todo o corpo de vermelho, e ele começava a gemer de dor.

— Eu matei Kuniko... — revelou. — E outra mulher antes dela, igualzinha a você... Acho que morri uma vez, quando a matei. Daí, quando vi você, imaginei que não acharia ruim morrer mais uma vez...

Ela tirou a jaqueta para abraçá-lo e poder senti-lo mais próximo. O rosto de Masako estava inchado e abatido devido aos espancamentos, e ela sabia que deveria estar com uma cara horrenda.

— Eu estou viva — ela falou. — E não quero que você morra.

— Mas parece que vou — constatou com o que pareceu quase um alívio. Todo seu corpo havia começado a tremer. Ela aproximou o rosto do dele e examinou o ferimento. Era profundo e largo, mas ela juntou a pele separada e não tirou os dedos dali. — Não adianta — disse. — Deve ter atingido alguma artéria. — Só que Masako recusava-se a desistir e continuava a segurar-lhe o rosto enquanto a vida esvaía-se dele. Ela voltou a olhar pela fábrica. Os dois haviam se encontrado ali, naquele esquife incomensurável, passaram a se compreender ali, e agora separariam-se também ali.

— Preciso de um cigarro — murmurou. Masako levantou-se e foi procurar sua calça. Ela tirou um cigarro do bolso, acendeu e colocou entre seus lábios. Dentro de poucos segundos já estava encharcado de sangue, mas Satake ainda conseguia soprar uma linha fina de fumaça pela boca. Ela ajoelhou-se diante dele e fitou seus olhos.

— Deixe-me levá-lo para o hospital.

— Hospital... — murmurou com um leve traço de um sorriso. Provavelmente ela havia cortado algum tendão, e o sorriso dele resumia-se a um afrouxamento no lado do rosto que não estava banhado em sangue. — ... A que eu matei disse a mesma coisa... Deve ser destino... Eu morrer da mesma forma que ela... — O cigarro caiu de seus lábios, apagando-se na poça de sangue que o envolvia. Ele parecia estar desistindo e já havia fechado os olhos.

— Tudo bem, mas temos que ir.

— ... Dois acabaríamos na cadeia. — Tinha razão, as leis ainda se aplicariam a eles caso saíssem da fábrica agora. Ela o abraçou com ainda mais força, e quando suas cabeças se tocaram, notou que ele já estava mais gelado. O sangue continuava a jorrar por sobre os dois.

— Não me importo — ela falou. — Quero que você sobreviva.

— Por quê? — Mal se ouvia a voz dele. — Depois do que fiz...

— Seria como se eu mesma morresse. Não conseguiria seguir vivendo.

— *Eu* consegui — respondeu, voltando a fechar os olhos.

Ela começou a lutar, loucamente, para unir as carnes separadas pelo ferimento, para diminuir o sangramento dele, mas ele parecia estar esvaindo-se por entre seus dedos. Satake voltou a abrir os olhos, só que, desta vez, quase não se percebia, e olhou para ela.

— Por que eu?

— Porque agora eu compreendo você — ela respondeu. — Vejo que somos iguais e quero que nós dois sobrevivamos. — Os lábios dele estavam cobertos de sangue quando ela curvou-se para beijá-lo, mas seus olhos estavam serenos.

Hesitante, como se não conhecesse esperança muito bem, ele murmurou:

— ... Nunca... achei que não fosse acontecer... Mas vai saber... com cinquenta milhões... talvez consigamos fugir.

— Esta época é boa lá no Brasil — disse ela.

— Me leva com você?

— Levo — ela afirmou. — Não tenho como voltar.

— ... Voltar... ou seguir em frente... — Ele tinha razão. Ela fitava suas próprias mãos ensanguentadas e, com um sussurro, ele continuou: — Seremos... livres.

— Isso, livres. — Estendeu o braço e afagou-lhe a bochecha com a mão, mas seus dedos já estavam gélidos. — Já está quase parando de sangrar — ela disse, mas ele apenas agitou a cabeça em sinal de concordância, talvez ciente de que era mentira.

9

Masako caminhava por um passadiço na estação de Shinjuku, embora mal soubesse o que estava fazendo. Parecia mover-se automaticamente, levando uma perna à frente da outra. Deixou-se engolir pela multidão, e acabou por se ver saindo da estação. Depois de passar pelo guichê de venda de passagens, desceu até as galerias do subsolo. E notou repentinamente seu reflexo no espelho de uma loja de sapatos. Os óculos escuros escondiam a maior parte do inchaço, mas viu a mulher no espelho apertar ainda mais a jaqueta que a envolvia, tentando esconder a dor que sentia. Deteve-se por um momento e tirou os óculos para olhar o rosto. As bochechas tão esbofeteadas por Satake já não estavam mais tão inchadas, mas seus olhos estavam intumescidos de tanto chorar. Voltou a colocar os óculos, ergueu o olhar, e percebeu que estava em frente ao elevador que a levaria até os andares das lojas que ficavam logo acima. Logo depois, apertou o botão do último andar e começou a subir. Não tinha lugar nenhum para ir, não precisava estar em lugar algum.

As portas se abriram e ela deu de frente com vários restaurantes. A única coisa que queria era um lugar onde pudesse passar algum tempo descansando, distante de olhos curiosos. Sentou-se em um banco próximo à janela e colocou a sacola preta de náilon entre os joelhos. Continha os cinquenta milhões de Satake e seis da própria Masako. Acendeu um cigarro e se lembrou de quando Satake pedira para fumar enquanto morria. Seus olhos encheram-se de lágrimas por detrás dos óculos escuros. Deixou cair o cigarro dentro do prateado cinzeiro de aço, que apagou-se sem alarde quando atingiu a água que havia dentro, igual ao cigarro de Satake quando caíra na poça de sangue.

Querendo, de súbito, fugir dali, levantou-se e recolheu a sacola. Toda Shinjuku fazia-se visível pelas amplas janelas. Além da avenida Yasukuni, ficava Kabuki-cho. Encostou a mão na janela e ficou olhando para fora, para os luminosos apagados de néon e para os outdoors berrantes e desbotados, quase imperceptíveis sob a fraca luz do sol da tarde. As ruas estavam em silêncio, como uma fera adormecida que sai à caça apenas à

noite. Era a cidade de Satake, caótica e desagradavelmente hedonística. A porta que havia aberto quando resolveu trabalhar à noite a levou ali, a uma área que nunca conhecera — a área dele.

Resolveu ir ver o prédio que abrigara o cassino dele; só que tal decisão fez com que as outras emoções voltassem a se fazer notar. Havia passado os dois últimos dias deitada em uma cama de hotel, em estado deplorável e sentindo-se inútil. Agora as sensações estavam retornando e traziam à lembrança o que ela havia sentido ao tocar o corpo dele. Masako deixou escapar um pequeno gemido — não conseguiu evitar —, desejando vê-lo só mais uma vez. Iria até Kabuki-cho respirar o ar que ele respirou, e ver as coisas que ele vira. Talvez encontrasse outro homem igual a ele e seguisse correndo atrás de seu sonho? A esperança que ela havia perdido começava novamente excitar seu interior.

Masako deu as costas para a vista e foi embora apressada. As solas de seus tênis de corrida em contato com o piso encerado provocavam um chiado agudo que ecoava pelo corredor. Deteve-se depois de avançar apenas alguns passos, assustada com o barulho, e virou-se novamente à direção das janelas. Por um momento o mundo lá fora pareceu repleto da escuridão da fábrica abandonada.

Não, não iria mais. Não poderia passar a vida inteira sendo prisioneira de uma pessoa do jeito que ele passou, preso a um sonho do passado, sem poder avançar ou retroceder, forçado a se enterrar dentro de si mesmo.

Só que já havia avançado até ali; para onde poderia ir agora? Fitou as unhas dos dedos, que passara os últimos dois anos sem deixar crescer por causa da fábrica. Suas mãos estavam repletas de rachaduras devido ao uso constante de desinfetantes. Pensou em seus vinte anos na cooperativa de crédito, em dar à luz um filho, e em transformar sua casa em um lar para sua família. De que tudo aquilo serviu? No final das contas, não era nem mais, nem menos do que a realidade de todos aqueles anos, com todas as cicatrizes. E diferentemente de Satake, encarou de frente tudo o que a realidade lhe proporcionou. A noção dele de liberdade era diferente da dela.

Chamou o elevador. Compraria uma passagem de avião. A liberdade que tanto queria era a própria, não a de Satake, ou a de Yayoi, ou a de Yoshie, e tinha a certeza de que deveria estar em algum lugar mundo afora. Já que mais uma porta havia se fechado, sua única opção era tentar

encontrar outra que pudesse abrir. O elevador gemia como o vento enquanto chegava ao seu encontro.

Título original
OUT © Natsuo Kirino 1997
Todos os direitos reservados.

Natsuo Kirino teve seus direitos assegurados sob Copyright, Designs and Patents Act 1988 a ser identificada como autora desta obra.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 — 8º andar
20030-021 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
ISABELLA LEAL

foto de capa
DYLAN COLLARD

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

K65d

Kirino, Natsuo, 1951-

Do outro lado/Natsuo Kirino; tradução de Roberto Wander Nóbrega; tradução do japonês para o inglês: Stephen Snyder. — Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

Tradução de: Out

ISBN 978-85-325-2391-4

1. Yakuza — Japão — Ficção. 2. Romance japonês. I. Nóbrega, Roberto Wander. II. Título.

08-3788

CDD-895.635

CDU-821.521-3

A AUTORA

NATSUO KIRINO nasceu em 1951 em Kanazawa e vive em Tóquio desde os 14 anos. Formada em direito, trabalhou em diversas áreas antes de se tornar escritora. É autora de 13 romances e três livros de contos. Com *Do outro lado* venceu o Grande Prêmio Japonês de Melhor Romance Policial e ficou entre os finalistas do Edgar Allan Poe de 2004, na categoria Melhor Romance, tornando-se a primeira escritora japonesa indicada a este grande prêmio literário.